A IGREJA RESTAURADA

William Edwin Berrett

A IGREJA RESTAURADA

O PROFETA JOSEPH SMITH

Título do Original Inglês

THE RESTORED CHURCH

A Brief History
of the
Growth and Doctrines
of
The Church of Jesus Christ of Latter - Day Saints

RECONHECIMENTOS

Esta breve história da Igreja foi preparada, primeiramente, sob forma menos extensa, em 1936, e tem sido desde aquela época utilizada como texto, pelas escolas e seminários da Igreja.

Em 1944 foi adicionado ao texto original material de outro livro, **Doctrines of the Restored Church,** do mesmo autor. Com várias correções e adições foi publicado em nove diferentes edições.

Esta décima primeira edição é uma mudança drástica das edições anteriores, ampliada e realçada com muitas ilustrações e outros materiais.

O manuscrito inteiro, tanto na forma original como revisada, foi cuidadosamente lido e aprovado pelo "Church Reading Committee", a quem expressamos agradecimento pelas esplêndidas sugestões. Grato reconhecimento é consignado aos falecidos: Joseph Fielding Smith, Charles A. Callis e Joseph F. Merrill, do quorum dos doze, por suas proveitosas sugestões e crítica construtiva, quando na leitura das quatro primeiras edições, há alguns anos atrás. Nosso reconhecimento é extensivo a muitas outras pessoas, tantas que nos é impossível citar o nome aqui, que contribuíram na revisão desta nova edição.

ÍNDICE

UNIDADE I

CRISTO RESTABELECE SUA IGREJA SOBRE A TERRA

UNIDADE II

O EVANGELHO DE JESUS CRISTO LEVA OS HOMENS A CONQUISTAREM O GRANDE DESERTO AMERICANO

UNIDADE III

A IGREJA ATUALMENTE

UNIDADE IV

A FILOSOFIA MÓRMON

INTRODUÇÃO

Dezenove séculos atrás, João Batista conclamou ao arrependimento os judeus que se reuniam ao seu redor, nas margens do Rio Jordão, pois era chegado o Reino de Deus. Este na verdade estava às portas, pois o Salvador já se avizinhava, com autoridade para aceitar em seu Reino todos os que preparassem o coração com tal propósito. Àqueles que tinham fé em Deus e buscavam seu Reino, João anunciou:

"Eu, em verdade, nos batizo com água, mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu,... ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo"[1].

Portanto, quando veio, Jesus estabeleceu o Reino de Deus sobre a terra, para que todo aquele que desejasse, nele pudesse ingressar, participando do Espírito de Deus com Cristo. A fim de oficiar dentro do Reino, nesta terra, Jesus ordenou Apóstolos a doze homens, dando-lhes poder e autoridade para pregar o evangelho e administrar em todas as suas ordenanças. Eles foram orientados a proclamar o Evangelho primeiramente aos filhos de Israel. Mais tarde Cristo escolheu Setentas, comissionando-os também a pregar o Evangelho ao povo.

Após a morte e ressurreição do Salvador, e agindo de acordo com a autoridade que possuía, esse pequeno grupo de oficiais da Igreja aperfeiçoou a organização. A vaga no Quorum dos Doze, deixada pela morte de Judas Iscariotes, foi preenchida pela ordenação de outro apóstolo, Matias, e os ofícios de sacerdote, mestre, diácono, evangelista e bispo foram acrescentados.

Dos povos que habitavam a Ásia Ocidental e a Europa naqueles dias, apenas os israelitas estavam preparados, por ensino e tradição, para o alto padrão religioso iniciado por Cristo. A lei moral dos hebreus e os ensinamentos de seus profetas já deviam ter preparado aquele povo para o Evangelho de Jesus Cristo. E assim o Salvador ordenou que os discípulos levassem o Evangelho primeiramente à Casa de Israel, e então aos gentios. Por gentios queremos indicar aqui os "hereges" ou "pagãos" que nunca haviam aceitado ou mesmo ouvido falar no Deus de Abraão, Isaque e Jacó, mas que cultuavam deuses da natureza, a quem construíam imagens de escultura e ofereciam sacrifícios.

Uma igreja não pode, apesar de tudo, ser melhor do que seu povo, e a impudicícia e licenciosidade dos hereges daqueles dias eram notórias. Os poucos judeus que, com seu preparo do ensinamento e história hebraica, aceitaram os ensinamentos do Mestre, tornaram-se seus seguidores genuínos, e eram na verdade, dignos de pertencer a Seu reino. Mas, porque os judeus como nação tinham também se deixado arrastar a práticas imorais, ficando sujeitos a uma rígida interpretação sacerdotal de suas leis religiosas, a nação, como todo, rejeitou o Evangelho de Jesus Cristo.

Foi com grande desapontamento que Jesus constatou a dureza de coração do Seu próprio povo. Pode-se avaliar o seu sentir quando, em certa ocasião, detendo-se com seus discípulos no cimo do Monte das Oliveiras e fitando sua amada cidade de Jerusalém, o Salvador rompeu em lágrimas, exclamando:

"Jerusalém, Jerusalém,*** quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste".[2]

---

1. Mateus 3:11

2. Mateus 23:37

Quando ficou evidente para o Salvador que o Evangelho seria rejeitado por aqueles que deviam estar, por tradição e treinamento, preparados para recebê-lo, e precisava pois ser levado aos hereges, cuja disposição não era favorável a seus elevados requisitos morais, ele advertiu seus poucos seguidores fiéis de quais seriam os resultados:

"Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo".[3]

Falando do período de apostasia e perseguição que estava por vir, o Salvador acrescentou:

"Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão, e sereis odiados de todas as gentes por causa do meu nome".[4]

"Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhes deis crédito. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais; eis que ele está no interior da casa; não acrediteis".[5]

O Mundo ao Qual foi Levado o Evangelho

Não se poderia esperar que o Evangelho sobrevivesse ileso ao contacto com os povos hereges do mundo Mediterrâneo daqueles dias. Pois uma igreja não pode ser melhor que seus membros, e o povo do mundo Mediterrâneo, por aquela época, havia naufragado nas profundidades da devassidão. Isto se torna evidente em qualquer estudo aprofundado das condições sociais daqueles tempos. Os deuses pagãos adorados por esses povos eram, com raras exceções, reputadamente imorais, dados a excessos e indulgências, repletos de ciúme, motivados freqüentemente pelo ódio e muito pouco pelo amor.

Nas grandes cidades gregas e romanas as relações sexuais tinham atingido um tal estado de licenciosidade, que o casamento passou a ser conveniência temporária e a imoralidade constituiu-se em virtude. De fato, em certas ocasiões festivas, as relações imorais eram mesmo reclamadas como parte da adoração pública. Os próprios judeus haviam sido afetados pelas condições de relaxamento que prevaleciam no mundo greco-romano, e engendravam toda sorte de ficções para burlar as leis judaicas de casamento e divórcio, muito mais rígidas que as demais.

Foi para dentro desse turbilhão de licenciosidade que o intrépido Apóstolo Paulo e outros levaram o Evangelho de Jesus Cristo, determinados a salvar uma humanidade que perecia. O fervor e entusiasmo desses grandes líderes judeus, juntamente com as manifestações do poder e autoridade que possuíam, fizeram com que o Evangelho se difundisse como uma conflagração através de todo esse mundo Mediterrâneo, cujas religiões místicas estavam à beira da decadência e dissolução. Mas, embora multidões de gregos, e mais tarde de romanos, fossem batizadas na Igreja de Cristo, nem sempre transformavam seu modo de vida ou seguiam os padrões elevados que o Mestre havia estabelecido. Alguns o fizeram, e desses, disse Justino, o Mártir, que viveu no segundo século:

"Nós, que éramos uma vez escravos da concupiscência, agora apenas encontramos deleite na pureza da moral; nós, que outrora praticávamos as artes da magia, nos consagramos ao Eterno e Bom Deus; nós, que prezávamos o ganho acima de todas as outras coisas, entregamos até o que possuímos para uso comum, partilhando com quem esteja em necessidade; nós, que outrora nos odiávamos e assassinávamos, e que devido às diferenças de costume não vivíamos sob teto comum com desconhecidos, agora, desde o apa-

3 Mateus 24:10-12
4 Mateus 24:9
5 Ibid., 23-26

recimento de Cristo, moramos com eles lado a lado; nós oramos pelos nossos inimigos e procuramos convencer os que nos odeiam sem causa a harmonizarem sua vida com a gloriosa doutrina de Cristo, alcançando a radiante esperança de receber de Deus, o Senhor de tudo, bênçãos como as nossas".[6]

Causavam grande preocupação a Paulo as imoralidades que a maioria dos recém-batizados continuava a praticar, a despeito de sua integração na Igreja. Num esforço quase sobre-humano, ele combatia com cartas e visitas esses males que estavam destruindo o espírito da Igreja. Repetidamente admoestava as Igrejas contra suas imoralidades, e exemplo disto é encontrado em sua primeira carta aos Santos de Corinto:

"Geralmente se ouve que há entre vós fornicação tal qual nem ainda entre os gentios".***
"Estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação".[7]

Paulo estava ciente de que a continuação da existência da Igreja dependia de seus membros viverem de forma a granjear o Espírito Santo como companheiro e consolador. A menos que agissem com pureza, as bênçãos do Espírito Santo não poderiam ser alcançadas, e sem essa influência nunca lograriam gozar aquele testemunho fervente de Cristo, que o próprio Paulo fruia e cuja posse levava os homens a devotarem sua vida ao Reino de Deus. Ele advertiu aos Santos de Corinto:

"Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo".[8]

Pedro, da mesma forma, admoestou os Santos a viverem dentro da justiça, a fim de poderem receber o Espírito Santo como orientador no estudo das Escrituras. "Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens Santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo".[9]

Com os ramos da Igreja tão dispersos e poucas Escrituras escritas além do Velho Testamento dos judeus, a Igreja não poderia ser mantida em unidade sem a direção do Espírito. Especialmente tendo-se em conta as filosofias gregas que se embutiam com tanto vigor na mente dos conversos ao cristianismo:

O Dr. Philip Smith diz desse período:
"A triste verdade é que tão logo o cristianismo se tornou geralmente difundido, principiou a absorver corrupção de todas as terras em que foi implantado, e a refletir a complexidade de todos os seus sistemas de religião e filosofia".[10]

Paulo Antecipa a Apostasia

Mesmo quando Paulo ainda vivia, algumas igrejas que ele estabelecera na Ásia já repeliam sua liderança e a doutrina da Igreja.

Paulo predisse que uma apostasia do verdadeiro Evangelho viria certamente a ocorrer. Falando pela vez derradeira aos Santos de Êfeso, ele declarou:

"Porque eu sei isto, que depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho. E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si".[11]

E novamente, de Laodicéia, escrevendo a seu amado seguidor, Timóteo, ele diz:

"Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência; proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças".[12]

---

6. August Neander (1789-1850) **Allgemeine Geschichte der Chrisliche Religion und Kirche,** Parte I, p. 319, publicado em Gotha, 1863-1865; 9 partes em 5 volumes.
7. **I Coríntios** 5:1-2
8. **I Coríntios** 12:3
9. II Pedro 1: 20-21
10. Philip Smith, **Student's Ecclesiastical History,** Volume I, p. 49
11. Atos 20:29-30
12. **I Timóteo** 4:1-3.

Numa carta posterior acrescentou:

"Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas".[13]

Foi a orientação de grandes judeus, homens como Pedro, Tiago, João e Paulo, que durante o primeiro século, por pura força de personalidade e fervor de testemunho, manteve nas igrejas alguma aparência de ordem. Quando esses grandes líderes judeus foram silenciados pela morte, não houve quem os substituísse. A nação judaica tinha rejeitado o Evangelho, e os conversos gregos e romanos, apesar de extremamente brilhantes e capazes, careciam de alicerces fundamentais em tradição e preparo, para compreenderem o Reino estabelecido por Jesus Cristo.

A imoralidade grassou por todas as divisões da Igreja, dando margem a que um historiador daqueles dias escrevesse:

"Por motivo da liberdade excessiva, soçobramos em negligência e preguiça, um invejando e rivalizando o outro de formas diversas, e estávamos quase a ponto de pegar em armas, irmãos contra irmãos, com palavras assim como com dardos e lanças, prelados vociferando contra prelados, e pessoas erguendo-se umas contra as outras;*** alguns chegando mesmo, como os ateus, a considerar nossa situação como negligenciada e despercebida da Providência; acrescentávamos uma iniqüidade e miséria a outra. E alguns que pareciam nossos pastores, desertando a lei da piedade, inflamavam-se uns contra os outros em mútua discórdia, somente acumulando querelas e ameaças, rivalidade, hostilidade e ódio entre si, ansiosos apenas por reivindicar o governo, arvorando-se em soberanos da igreja".[14]

As Ordenanças São Mudadas

Sob tais condições de devassidão, o Espírito Santo não poderia operar, e os homens foram deixados a contender sob interpretações privadas das escrituras e doutrinas.

Posteriormente, os dons do Espírito Santo, tão visíveis no período dos Apóstolos, cessaram de se manifestar. Como o Evangelho continuasse a ser espalhado por entre os povos hereges, começou também a partilhar mais e mais da natureza das práticas pagãs. Em "Institutes" de Mosheim, nós lemos:

"Muitos ritos foram acrescentados sem necessidade, tanto à adoração pública quanto à particular, para grande afronta aos homens de bem; isto principalmente devido à perversão da humanidade, que se deleita mais na pompa e esplendor de formas externas e aparatos, do que na verdadeira devoção do coração. Há boas razões para se acreditar que os bispos cristãos multiplicaram propositadamente os ritos sagrados, com o fito de melhor agradar aos pagãos e judeus. Pois ambas essas classes tinham estado sempre habituadas a muitas e esplêndidas cerimônias, considerando-as parte essencial da religião.*** Para aumentar a dignidade do ritual, as Igrejas do leste simularam mistérios semelhantes aos das religiões pagãs e, conforme seus costumes, os rituais sagrados dos mistérios foram vedados ao vulgo; 'Não apenas aplicaram às instituições cristãs os termos utilizados nos mistérios pagãos, particularmente ao batismo e à ceia do Senhor, como gradualmente introduziram também nelas os ritos a que se referiam os termos mencionados' ".[15]

Não se deve supor que todas essas alterações nas ordenanças e doutrinas tenham ocorrido de uma hora para outra. Várias gerações foram envolvidas em algumas delas. Nem se deram todas uniformemente através da Igreja, mas antes coexistiram até o quarto século práticas largamente divergentes nas ordenanças, sendo, por exemplo, permitidas duas formas de batismo numa mesma Igreja.

As Perseguições e Seus Efeitos.

Durante esse período, ocorreram repetidas perseguições, trazendo como conseqüência, a morte dos dirigentes da Igreja, e, portanto, o enfraquecimento da resistência às filosofias pagãs. As

---

13. II Timóteo 4.3-4. Veja ainda II Tess. 1:2-14, **II Pedro** 2:1-3, Judas 17, 18
14. Eusebius Pamphili (260-339, bispo de Cesaréia: historiador religioso): **Ecclesiastical History**, Livro VIII, Capítulo 1
15. **Institutes**, Vol. 1, Século II, Cap. IV.

primeiras perseguições foram movidas pelos judeus que não aceitaram o Evangelho. Para eles, o cristianismo era uma forma de heresia judaica, cujo grande sucesso parecia abalar os alicerces do Judaísmo. Em 64 A. D. o governo romano, nas mãos de Nero, tomou conhecimento da florescente seita cristã e iniciou contra ela uma encarniçada perseguição. Outras mais foram movidas a breves intervalos, até o tempo do imperador romano, Constantino – o Grande, que professou o cristianismo e constituiu-o em Religião do Estado. Tais perseguições resultaram de dois fatores:

"Eles ousavam ridicularizar os absurdos da superstição pagã e eram ardentes e assíduos em ganhar prosélitos à verdade. Não apenas atacavam a religião de Roma, como também todas as diversas formas e aspectos que a superstição assumia em seu ministério. Disto concluíram os romanos que a seita cristã, não se contentando em ser insuportavelmente audaciosa e arrogante, era ainda inimiga da tranqüilidade pública e, em todos os aspectos, moldada para fomentar guerras civis e comoções no império. Foi talvez em conta disso que Tácito (historiador romano -55-117) censurou-os, dando-lhes o título odioso de 'inimigos da humanidade', estigmatizando a religião de Jesus como 'superstição destrutiva', e por igual motivo teria Suetônio (historiador romano - 69-140) falado dos cristãos e de sua doutrina em termos da mesma natureza."[16]

Todavia, conquanto as perseguições afastassem alguns da Igreja, não retardavam seriamente seu crescimento, podendo, ao contrário, ter contribuído para ele. Foi antes a fraqueza interna que causou o abandono do Evangelho de Jesus Cristo.

Sumário das Mudanças

Não é nosso propósito descrever aqui o crescimento gradual do paganismo nos rituais e ordenanças da Igreja, e a perda do Sacerdócio que se sucedeu. Escritores categorizados têm-no feito com admirável perícia. Nem podemos agora nos ater ao problema de determinar a ocasião exata em que a apostasia se tornou completa. Basta dizer que, contemplando o cristianismo diversos séculos após haver-se iniciado a era cristã, encontramos poucas das ordenanças originais estabelecidas por Cristo. Os dons do Espírito Santo não mais se manifestam, e a organização da igreja está adulterada.

Desta modificação, Edward Gibbon, o historiador inglês, escreve:

"Se, ao fim de tudo, o panorama do primitivo progresso do cristianismo resultou em melancolia e humilhação, devemos tomar cuidado para não atribuir tudo isto à infidelidade do historiador. É inútil, é insincero negar ou ignorar as perdas iniciais do cristianismo, seu gradual, mas rápido afastamento da primitiva sinceridade e pureza, e, sobretudo, seu abandono do espírito de amor universal. Talvez seja uma lição benéfica para o mundo cristão o fato de que esse silente, essa talvez inevitável, porém **fatal transformação,** deva ter sido suscitada por mão imparcial ou mesmo hostil".[17]

As transformações que ocorreram na Igreja Cristã podem ser brevemente resumidas no seguinte:

Primeiro, a ordenança do batismo, originalmente efetuada por imersão do candidato dentro das águas, [18] sendo transformada em aspersão de água benta na cabeça do converso, pelo sacerdote. Uma multidão de cerimônias adicionais alterou também sua simplicidade original. O batismo de infantes foi introduzido.[19]

Segundo, a ordenança do sacramento da ceia do Senhor foi alterada. A simplicidade primitiva de partilhar do pão e do vinho, em memória do Salvador, deu origem a uma elaborada cerimônia de pompa e mistério. A doutrina da **Transubstanciação** tornou-se elemento essen-

---

16. Johann Lorenz Mosheim (1694-1755: teólogo luterano) - **Institutiones Historiae Eclesiasticae**, publicado em Helmsted, 1755.

17. Gibbon, **Ascensão e Queda do Império Romano**, Prefácio por Dean Milman, p. 15.
18. Veja Mateus 3 13-17, 8:26-39. Talmage, **A Grande Apostasia, Regras de Fé,** Cap. 6-7.
19. Talmage, **Regras de Fé,** Cap. 6, nota 2, fim do capitulo Milner, **Church History**, Século III, Cap. 13.

cial da Igreja Romana e, segundo ela, o pão e o vinho usados no sacramento perdiam seu caráter de pão e vinho, tornando-se literalmente na carne e sangue do Cristo crucificado. Essa transformação ocorreria misteriosamente, por um processo superior ao poder de percepção dos mortais. Tais emblemas consagrados vieram então a ser adorados em si próprios, numa prática perniciosa de idolatria.

A celebração da "Missa", como tal ordenança veio a se chamar, começou a ser administrada a intervalos cada vez maiores. Posteriormente, o costume de conferir apenas o pão foi introduzido, afirmando-se que de alguma maneira mística, tanto o corpo como o sangue estavam presentes em um só emblema.[20]

Terceiro, transformações desautorizadas ocorreram na organização da Igreja e em seu governo. Os oficiais existentes na Igreja Primitiva, nomeadamente apóstolos, pastores, sumos sacerdotes, setentas, anciãos, bispos, sacerdotes, mestres e diáconos, haviam desaparecido em sua maioria. Mais tarde a congregação geral da Igreja foi proibida de possuir o Sacerdócio, o qual ficou circunscrito a uma classe conhecida como o "clero", que se segregou do povo comum professando manter custódia da autoridade do Sacerdócio.

O ofício de "bispo" foi conservado, mas diferindo da ordem que prevalecia na Igreja Primitiva, esses oficiais não eram considerados todos da mesma categoria. O bispo de Roma, sob proteção e sanção do governo, se arrogara a jurisdição de todos os outros bispos, adotando o nome de Papa, ou "Pai" (Bispo). Mosheim declara que os papas "levaram suas insolentes pretensões tão longe, que se constituíram em senhores do universo, árbitros do destino de reinos e impérios, e legisladores supremos de todos os reis e príncipes da terra".[21]

Quarto, os dons do Espírito Santo não mais se evidenciavam na Igreja. De fato, ensinava-se que esses dons haviam sido concedidos durante a era apostólica, com o propósito de auxiliar no estabelecimento do reino, e que passado tal período foram retirados da terra por serem desnecessários. Desse modo, os dons de revelação, profecia, interpretação de línguas, de cura, de discernimento, etc, desapareceram totalmente da igreja.

Quinto, a Igreja atribuiu-se o direito de punir aqueles que quebrassem suas regras, aplicando-lhes penalidades civis. Mais tarde, chamou também a si o direito de perdoar pecados, sob evidências de arrependimento, e isto conduziu à revoltante prática da venda de **indulgências**, ou concessão de perdão por dinheiro, que levou Martinho Lutero (1483-1546 – reformador alemão) a se rebelar contra a Igreja.[22]

O Crescimento dos Ideais Cristãos

Mas o Evangelho de Jesus Cristo não ficou frustrado, nem a missão do Salvador da humanidade resultou em fracasso. Cristo apareceu num período em que a vida espiritual do mundo se encontrava em decadência. A imoralidade, o egoísmo, o ódio, o amor ao dinheiro, a crueldade e a escravidão abundavam. Foi nesse solo corrompido que ele plantou as sementes do Evangelho, não esperando que o mundo inteiro se voltasse imediatamente para a justiça, mas seguro de que, assim como o fermento se expande dentro do pão, um pequeno grão iluminaria todo o bloco para produzir eventualmente um mundo melhor. A seus Apóstolos ele disse:

---

20 Veja Talmage, **A Grande Apostasia**, Roberts, Esboço da **História Eclesiástica**.

21 Mosheim, **Institutiones Historiae Ecclesiasticae**, Século XI, Parte II, Cap 2:2.

22 Para um relato das terríveis condições em que naufragou o papado, veja Talmage, **A Grande Apostasia**.

"O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, ate que tudo esteja levedado".[23]

Enquanto o Sacerdócio de Cristo desaparecia de entre os homens e as doutrinas e ordenanças da Igreja se tornavam corruptas, o fermento do Evangelho sobrevivia através da Bíblia, a qual foi preservada em mosteiros e conventos durante aqueles tempos penosos. O exemplo que Cristo estabelecera com sua vida e a beleza de seus ensinamentos continuou a tocar o coração de muitos povos, alterando para melhor o seu viver. Gradualmente a humanidade era preparada para a restauração do Evangelho em sua plenitude.

Os efeitos daquele fermento sobre a terra estão evidentes em todos os séculos da história cristã, e atestam do grande amor de Deus para com a humanidade e de sua esperança que o mundo se preparasse para a restauração do Reino. Lendo-se muitas páginas negras da história cristã, fica-se a conjeturar se o fermento das palavras de Cristo não teria resultado completamente vão. Para muitas pessoas isso aconteceu, e, em certas épocas, o espírito do Mestre esteve desprezado entre todos os povos. Gradualmente, contudo, o fermento da retidão iniciou sua obra.

Para se compreender a vitória de Jesus Cristo sobre as negras forças do pecado e do desespero, é necessário ter-se em mente as condições do mundo no qual ele apareceu. O historiador judeu, Josefo[24], falando dos que habitavam Jerusalém pouco após a morte de Jesus, diz que "uma geração de homens mais iníquos" não havia ainda se formado sobre a terra desde os dias de Noé.

Na grande cidade grega de Atenas, ao tempo de Cristo, três quintos da população eram escravos, e condições semelhantes predominavam em todo o Mundo Mediterrâneo. Pessoas acusadas de crime eram executadas da forma mais brutal, sendo freqüentemente suspensas em cruzes, ao longo das vias públicas e nos sítios de mercado, como exemplo para os demais. O medo era a melhor disciplina para os homens. Em algumas áreas do Império Romano as pessoas doentes e idosas acabavam abandonadas sobre picos elevados, para perecer, e era lugar comum a mortalidade dos pobres por inanição. As afeições naturais dos laços de sangue pareciam surpreendentemente ausentes, enquanto irmãos assassinavam irmãos para obter lucro, esposas envenenavam maridos, e maridos destruíam suas mulheres. Até o grande Constantino assassinou a esposa e um filho sem levantar muito comentário entre o povo endurecido pelo pecado.

Viviam nesse período muitas pessoas justas, mas seu número era comparativamente reduzido e a própria retidão se lhes tornava em pecha. O escritor grego, Xenófanes (590 AC - 478 AC), descrevendo numa novela o homem ideal, declarou:

"Ninguém causou mais bem a seus amigos e mais mal a seus inimigos."

Avançou-se um grande passo entre essa época de ódio e o elevado ideal de perfeição que retrata Tennyson (Alfred, Lord Tennyson - 1809-1892, poeta inglês) no caráter do Rei Arthur, o qual não pôde se tornar um perfeito cavalheiro enquanto não perdoou generosamente a sua Rainha Guinevere, que o havia atraiçoado. Constata-se, da mesma forma, uma grande distância entre os idosos e enfermos a morrerem nas montanhas da Grécia e o programa moderno das nações civilizadas, para a segurança social dos velhos e doentes; entre a época em que as vítimas da justiça romana pendiam da cruz, à vista das mulheres e crianças, e a noção dos criminologistas modernos de que o criminoso é espiri-

23. **Mateus** 13:33.
24. Flávio Josefo (37-100?) autor de sete livros intitulados **As Guerras dos Judeus** e vinte volumes intitulados **Antigüidades dos Judeus.**

tual e mentalmente enfermo, devendo ser tratado com simpatia e compreensão.

Foi um lento processo de evolução para as massas da humanidade e seu sucesso manifesta-se primeiramente nas grandes reformas que principiaram no Século XVI – um grande desejo de receber e compreender melhor o Evangelho que levou os reformadores John, Wycliffe (1330-1384 - inglês), João Calvino (1509-1564 - francês), John Knox (1505-1572 - escocês) e Martinho Lutero (alemão) e outros a rebelarem-se contra restrições ao Evangelho. Conquanto a imoralidade persistisse em todas as fases da idade cristã, os expoentes de retidão foram-se tornando mais e mais numerosos. Aquele pequeno fermento atingiu, pois, pelo menos uma porção da humanidade.

Com o avançar da história cristã o Sacerdócio desapareceu literalmente de sobre a terra. Nem poderia jamais operar ou ser retido na iniqüidade. A melhor prova de seu afastamento é a ausência total daqueles dons que acompanharam o Sacerdócio em todas as eras do mundo, ou seja, revelação, profecia, línguas, curas e outros dons do Espírito Santo. Sem esse Espírito para guiar os homens na leitura das Escrituras, multiplicam-se as opiniões e interpretações. Após a rebelião de Martinho Lutero contra a Igreja Católica, seitas brotaram de todos os lados, até serem contadas em mais de quatrocentas. Todas professavam possuir a verdadeira compreensão do Evangelho e se arrogavam poder e autoridade para oficiar nas ordenanças do Mestre. O mundo cristão tornou-se um mundo de confusão.

Contudo, sob essa confusão floresciam muitas e benéficas virtudes cristãs. Os homens, como grupo, conformavam-se mais e mais às qualidades exemplificadas pelo Mestre. Foi um período longo de preparação, mas por fim chegou a época em que Deus considerou o caminho completamente preparado para restaurar sua autoridade sobre a terra e permitir que o Evangelho voltasse a ser ensinado em sua plenitude. As palavras de João, o Revelador, estavam prontas para serem cumpridas.

"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno para proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo".[25]

---

25. Apoc. 14:6.

SINOPSE DA UNIDADE I

CRISTO RESTABELECE SUA IGREJA SOBRE A TERRA

Nesta divisão do livro testemunharemos a restauração do Evangelho de Jesus Cristo à terra, a organização de sua Igreja e o esclarecimento do grande plano de salvação aos filhos de Deus.

A restauração é contemporânea da vida de Joseph Smith, o Profeta, instrumento nas mãos do Senhor para cumprir seus grandes propósitos.

Durante a leitura destes capítulos, Joseph Smith nos será apresentado como um grande homem e testemunharemos o aperfeiçoamento de personalidade requerido para aquela grandeza.

Veremos a prece, a revelação e o Sacerdócio operando como realidades vitais. Seguiremos a Igreja desde sua organização, em Fayette, Nova Iorque, até a cidade de Nauvoo, amada do Profeta e de seu povo, e obteremos uma rápida visão da origem e importância do **Livro de Mórmon,** examinando seus efeitos sobre a vida dos homens. E, acima de tudo, chegaremos à conclusão de que a Igreja é de Deus e não humana, e de que os princípios sobre os quais se fundamenta são verdades eternas.

A IGREJA RESTAURADA

CAPÍTULO 1

UMA FÉ VITAL

Visita a Uma Cidade Notável

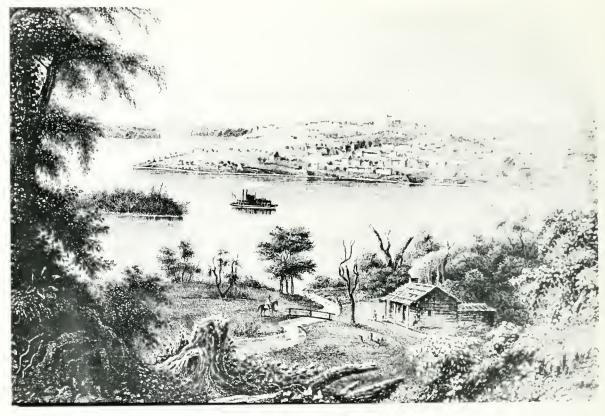
Nos primórdios do verão de 1843, um viajante inglês desceu a prancha de desembarque de um vapor do Mississipi, e pisou pela primeira vez na mais notável cidade da América. Não era a maior, nem a mais antiga, mas desde o momento em que a tivera sob os olhos, aquele viajante ficara fascinado.

A primeira visão tinha sido uma grata surpresa. Abrindo caminho para o norte, através das águas poderosas, o vapor fluvial havia contornado uma curva, revelando de súbito o cenário magnífico da cidade que até então estivera inteiramente oculta. O rio a envolvia por três lados, situada como estava sobre a margem leste, e da beira d'água o terreno ascendia suavemente para uma elevação central, distando dali mais ou menos 1.500 metros. O conjunto todo era pontilhado de vivendas, as quais se entremeavam com árvores e jardins.

Aquele ilustre viajante ficou tocado em seus sentimentos e sussurrou involuntariamente o próprio nome do local — "Bela Cidade" (o nome Nauvoo é derivado de uma palavra hebraica que significa "belo"). Se ele já então soubesse que apenas três anos antes a região se achava completamente destituída de vida humana, terra de pequeno valor, um pântano infestado de mosquitos — que "A Bela Cidade" não passava então de um fértil sonho na mente de um homem perseguido e sem vintém — ter-se-ia maravilhado realmente com o anseio que tão de súbito se fizera realidade.

Agora, pisando com firmeza sobre esse novo solo, a brisa fresca do rio a agitar-lhe as bordas do longo sobretudo e o aroma das rosas a saudá-lo, parecia-lhe como se se encontrasse em um novo mundo, paraíso de paz e felicidade.

À sua frente, uma rua de 40 m de largura partia reta como uma flecha para o coração da cidade, ladeada e intersectada a intervalos regulares por outras vias, igualmente largas e identicamente retas. Uma coisa simples, essa questão de ruas — e, no entanto, nunca em todas as suas perambulações por dois continentes ele havia encontrado algo assim. As ruas de Boston, Nova Iorque e Filadélfia eram construídas a esmo, notoriamente tortuosas e estreitas. Ademais, as que agora via eram limpas — livres do lixo que prevalecia, aquele tempo, até mesmo nas artérias das grandes cidades.

Filas de pequenas árvores muito bem tratadas bordejavam as avenidas, com o verde brilhante das folhas a refletir o vigor dos habitantes, e, em ambos os lados, erguiam-se belas e novas vivendas. Em sua maioria de pedra ou de um tipo de tijolo comumente encontrado naquela época nos melhores distritos residenciais do litoral Atlântico, elas pareciam realmente estranhas nesses confins ocidentais da civilização. Predominavam os edifícios de dois andares — em estilo colonial, os quais a boa distância da rua, em alinhamento uniforme e tendo à frente gramados bem cuidados e

Nauvoo, vista do outro lado do Rio Mississipi, na forma existente durante os dias do Profeta Joseph Smith. Cortesia da Utah State Historical Society.

canteiros, cantavam hinos de industriosidade e orgulho cívico.

Enquanto o desconhecido vagueava de rua em rua, ignorando o passar do tempo, fazia aumentar sua admiração. Os centros industriais e manufatureiros, as lojas e bazares, os edifícios públicos e as residências da população pareciam ficar em zonas separadas, atribuídas a cada fim específico. E o viajado visitante, que se havia hospedado nos melhores hotéis das grandes metrópoles do mundo, com o maquinismo das fábricas a soar-lhe nos ouvidos e o odor dos mercados a irritar-lhe as narinas, carregou o semblante em meditação.

Não havia botequins. Que coisa estranha num mundo em que o álcool era usado desenfreadamente! Uma cidade de vinte mil habitantes sem fornecedores de bebidas — e sem embriagados. Podia-se rebuscar em vão nos orgulhosos anais da história, à procura de um paralelo.

E mais estranho do que tudo, a cadeia estava vazia, suas resistentes portas de ferro escancaradas, pendendo dos gonzos enferrujados por desuso. Boston, Nova Iorque e Filadélfia construindo novas cadeias, presídios maiores, com os antigos já repletos e na cidade de Nauvoo, nas fronteiras da civilização, sem um só homem condenado!

Não é de admirar que os olhos do viajante se fixassem e voltassem a fixar na grande e imponente estrutura que projetava sua cúpula inacabada contra o céu, à esquina das ruas Mulholland e Wells, sentindo que aquelas paredes de pedra cinzenta, quase alvas à luz do poente, se constituíam em monumento a uma nova ordem social.

Na orla do deserto, uma estrutura de um milhão de dólares — tão imponente

que teria causado aos orgulhosos habitantes dos grandes centros uma vaidade justificável. Estrutura da qual nenhuma cidade a oeste dos Montes Allegheny podia se gabar. De seu topo o viajante poderia avistar, para além do grande rio, os despovoados domínios ocidentais dos selvagens e aventureiros,[1] e a leste, muitos quilômetros de campos uniformes e bem cultivados. Ou poderia ainda meditar sobre a cidade que descansava a seus pés, contemplando alinhamentos urbanos aproximadamente cem anos avançados de sua época, – uma cidade com três vezes o tamanho da Chicago de então – contendo o maior centro industrial e manufatureiro do oeste – de fama tão notável que homens estavam atravessando meio continente, apenas para visitá-la e maravilharem-se.

E essa cidade não contava senão três anos de vida. Até o fim de 1839 o sítio fora considerado insalubre e relativamente sem valia, de tal forma que mesmo quem a fundou havia escrito em seu diário: "O local era literalmente um deserto. A terra estava coberta por árvores e arbustos, a maior parte tão encharcada que um homem a pé apenas poderia atravessá-la com a maior dificuldade, sendo esse feito totalmente impossível para juntas de boi. Commerce (como se chamava então o local) era insalubre e poucos conseguiriam habitar ali; mas, acreditando que a região poderia se tornar saudável pela bênção do céu aos Santos e não se apresentando local mais elegível, considerei de bom aviso tentar construir uma cidade".[2]

Quando o viajante se aproximou da grande estrutura cinzenta que vinha observando desde longe, leu em suas majestosas portas as palavras "Santidade ao Senhor". O Templo de Salomão, a seu tempo, havia sido o centro de uma nação inteira. Que poderia ser mais adequado nessa maravilhosa metrópole do que um santuário?

1. Aventureiros – Qualquer barqueiro ou caçador daquelas regiões.
2. **History of the Church**, Período 1, Vol. III, p. 375.

Um Povo Notável

Que povo transformara aquele pântano num paraíso? De que raças, credos e regiões provinha?

Atravessando a cidade, o visitante encontrara muitas pessoas, tendo conversado com algumas. Apesar de procederem em grande escala da estirpe de New England, muitos vinham de sua própria Inglaterra nativa, do Canadá e alguns de quase todos os estados dos Estados Unidos. A face daqueles homens transpirava bravura, e os olhos que encaravam os seus tão francamente eram argutos e inteligentes. A maioria aparentava gozar plena vitalidade, havendo poucos velhos entre eles. Envergavam, de ordinário, trajes bem simples, típicos do campo, e sua saudação era aberta e cordial; todos se chamavam de "Irmão" e "Irmã", cheios de otimismo e boa vontade, parecendo realmente um povo soerguido com uma nova esperança.

Brotava ali uma nascente fraternidade de homens; um outro método de comportamento; uma nova ordem social.

Nenhum desocupado se assentava pelas esquinas, nenhum pedinte o havia importunado, nenhuma voz se elevara em profanação. E, no entanto, a cidade estava repleta de povo, cada um desempenhando seus afazeres, todos ocupados, obviamente felizes.

Por toda a cidade ele não havia encontrado um só policial. E, não obstante, as vivendas pareciam desprovidas de fechaduras e as lojas e armazéns estavam ordinariamente destrancados. Era como se vigorasse uma confiança inata no próximo, um entendimento natural a declarar: "Não pode haver roubo, pois todas as minhas coisas são tuas."

Grupos de crianças, novas demais para trabalhar nos campos, lojas ou fábricas, brincavam ao longo das ruas e nos gramados, felizes, turbulentas, gozando já uma certa confiança dos adultos.

Janelas abertas deixavam escapar retalhos de canções, enquanto as operosas donas de casa se desincumbiam das diversas tarefas. E, ao cair da tarde, saborosos odores impregnavam ocasionalmente a atmosfera exterior.

O poder da unidade – a fortaleza da cooperação – a energia da esperança – por toda parte estavam presentes. Fazendeiro, carpinteiro, pedreiro, músico, artesão de uma variedade de espécies, todos encontravam um abrigo feliz na nova sociedade.

E estes constituíam na maioria o povo que, friorento, miserável e extremamente pobre, havia-se amontoado três anos antes, com suas tendas e abrigos cavados nas barrancas do rio Mississipi, expulsos do lar em Missouri durante um inverno rigoroso, as propriedades perdidas ou confiscadas, o líder aprisionado, presa fácil da fome e da doença.

Que poderosa lealdade os havia conservado juntos? Que zelo ardente os conduzia? Que motivos poderosos os haviam guiado? Que esperanças e entendimentos jaziam à base de seu pródigo otimismo?

Aqui, num solo ainda mal desbravado, o povo erigia um templo a seu Deus. E, a despeito da terrível luta pelo pão, que se travava em derredor, aquela gente estava construindo uma universidade para aprendizado superior. Cidade tão nova que os geógrafos ainda não a haviam mencionado e já contava com uma Legião de Soldados, a milícia melhor treinada da América.

Aquele visitante, sentado nos degraus do grande Templo, de onde todos os trabalhadores já se haviam retirado, ergueu-se e contemplou uma vez mais a notável cidade com seus habitantes extraordinários, sentindo uma emoção interior tal como não havia jamais experimentado.

Um Homem Admirável

Cruzando a cidade para sul, ao longo de Durphey Street, por mais ou menos uma milha, o visitante chegou a Water Street. Dobrando então para oeste, nessa mesma rua, depois de três quarteirões ele alcançou a recém-construída "Mansion House". Ali, haviam-lhe informado, podia-se obter alojamento. Já então se achava no extremo sul da cidade, a umas duas milhas do local em que inicialmente desembarcara durante o dia.

O sobrado que tinha pela frente encerrava duplo interesse. Era bem conhecido no alto Mississipi por suas excelentes acomodações e bons alimentos, sendo também o lar do fundador da cidade e líder desse povo original. A construção, em forma de L, se encontrava bem afastada da rua, confrontando-se com Main Street a oeste e Water Street ao sul. Uma cerca de ripas brancas delimitava o terreno. Quando nosso viajante transpôs o umbral da estalagem, encontrou-se numa espécie de vestíbulo, ou o que em outras cidades poderia ser denominado bar. A sala estava deserta na ocasião e a pessoa que o recebera havia desaparecido para anunciar sua presença.

Através de uma porta entreaberta, o visitante vislumbrou um grupo de pessoas instaladas ao redor de uma mesa comprida, evidentemente aguardando o jantar. Breve relance bastou-lhe para perceber que se trajavam pobremente, parecendo bem deslocados naquele hotel fronteiriço. Eram, como o visitante veio mais tarde a saber, imigrantes da Inglaterra, conversos a essa fé vital, que haviam atravessado um oceano e meio-continente, na firme convicção de que o homem a quem ele agora ansiava por conhecer era um Profeta do Deus Vivo.

Desconhecemos a expectativa do visitante quanto ao aspecto do Profeta dos Últimos Dias, mas basta dizer que se aguardava o modelo de profeta bíblico retratado pelos artistas, de severo semblante, pálido, emaciado, dado a denúncias causticantes e tenebrosas profecias, estava fadado a se decepcionar.

O homem, que agora lhe era apresentado como Joseph Smith, possuía elevada estatura e esplêndidas proporções. Seu todo irradiava vigor e energia. Mas eram os olhos que instantaneamente cativavam o observador, retendo-o com uma concentração que quase impedia o escrutínio mais atento de sua pessoa. Aqueles olhos eram azuis e de uma rara luminosidade. Seu relance era bem capaz de ler um coração humano ou perder-se nos segredos da eternidade. A face barbeada revelava um semblante inusitadamente claro. Tinha lábios estreitos e firmes, nariz de linhas romanas.

Dos olhos proeminentes, uma testa alta se estendia até os cabelos castanhos e ondulados. O inteiro semblante era suave, afável e amistoso, face na qual se fundiam admiravelmente a inteligência e a bondade. Uma mulher poderia descrevê-lo como "belo", um homem como "impressionante".

Sua saudação cordial trazia consigo um cunho de autenticidade, o magnetismo raro que emana das grandes personalidades, atraindo pessoas a elas.

Ali estava o homem para o qual trinta mil pessoas se haviam voltado pedindo orientação, crendo nele como vidente e revelador das palavras de Deus. Personagem cujas simples obras preencheriam volumes, que havia publicado um livro o qual se tornara centro de uma controvérsia mundial, cujo nome era já conhecido por bom ou por mau em muitas terras. Ali estava alguém que, sem oportunidade de treino escolar, havia desafiado o mundo da astronomia, impressionado os arqueologistas e historiadores e ameaçado os alicerces econômicos da nação. Era o pioneiro religioso mais preeminente da América – o advogado de um novo sistema de vida – uma fé vital.

Não que ele não possuísse defeitos. O inglês, durante as semanas seguintes, registraria muitos deles. Mas eram falhas do homem, não de seus ensinamentos. A vitalidade desse novo movimento, no qual Joseph ocupava posição tão destacada, era maior do que homens, livros e governos. Que ele devesse também sofrer uma morte de mártir, ainda na idade de trinta e oito anos, talvez não seja em si importante para o mundo. Mas, que exista sobre a terra uma fé tão vital que homens e mulheres se prestem a devotar-lhe a vida, morrendo por ela se necessário, é coisa bem diferente. Recorda muito aquele fervor dos primeiros cristãos, que arrebatou coração a coração até que nenhum poder do mundo pôde contê-lo. E novamente se faz ouvir a voz do Galileu: "Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para meu Pai".[3]

De Onde Provém Essa Religião Vital?

Não podemos acompanhar a conversação entre o viajante inglês e o Profeta Mórmon. É suficiente notar que essa visita a Nauvoo se alongou por dias e semanas; que quando chegou a seu termo, uma carta impressionante do ilustre viajor, descrevendo aquela aventura, foi publicada em quase todos os jornais do país.[4] Durante os meses restantes da vida do Profeta, muitos personagens ilustres visitaram o dirigente Mórmon no ápice de sua grandeza – todos partiram maravilhados, encantados com o homem e seu povo, mas francamente perturbados por seus ensinamentos. E perguntavam-se: "De onde provirá essa fé singular?" "Que lealdade prontificou esses conversos a se congregarem na fronteira ocidental?" "Que conhecimento os levou a colocar a fé acima do lar e do conforto?" "Que elevado senso de amor ou dever os enviou ao mundo, a fim de ensinar e converter pessoas?".

"De onde veio esse profeta? Quem eram seus ancestrais? Como principiou tudo isto? Que experiências, visões e

3. João 14:12.
4. Parte dessa carta foi reimpressa por George Q. Cannon em **The Life of Joseph Smith** pp. 354 - 355.

revelações clama ele ter recebido? Quais as estranhas circunstâncias que atraíram tal movimento a Nauvoo?".

A história é longa, mas intensamente curiosa — um desafio ao pensamento. É a história de uma fronteira, a fronteira física e religiosa da América, parte do grande episódio épico da história americana

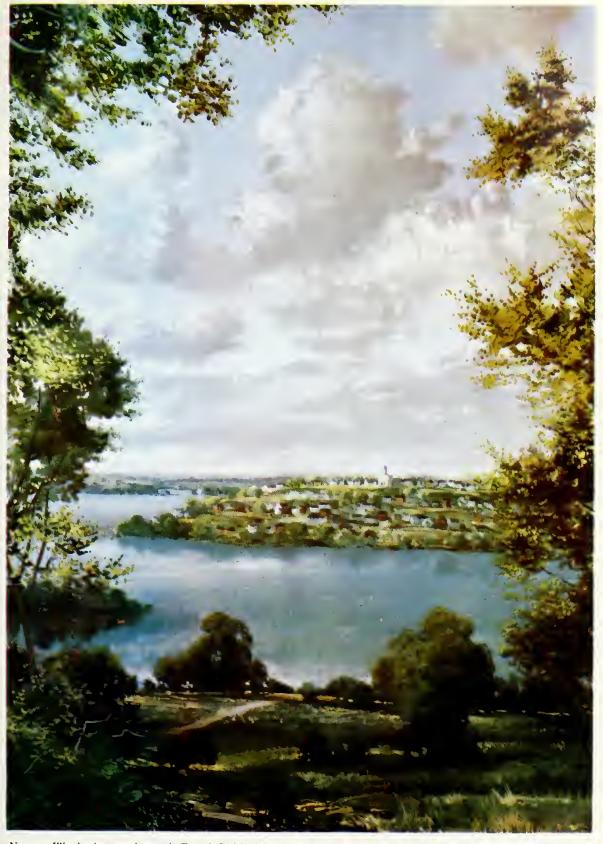
Leituras Suplementares

Entre 1841 e 1844, muitas pessoas notáveis visitaram Nauvoo e o Profeta Mórmon. Encontra-se no que se segue o registro de suas interessantes opiniões:

1. George Q. Cannon, **Life of Joseph Smith**, capítulo 48.

2. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. 2 pp. 189 - 190.

3. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet**, Cap. 1.

4. Josiah Quincy, **Figure of the Past**, Cap. sobre "Joseph Smith".

Nauvoo, Illinois, de uma pintura de Francis R. Magleby. Este quadro se encontra no Edifício da Sociedade de Socorro, em Salt Lake City, Utah.

CAPÍTULO 2

COMO TUDO COMEÇOU

Joseph Smith Relata Sua História

A data é o início da primavera de 1820. Local – uma fazenda muito retirada do oeste de Nova Iorque. Um rapazinho de talvez catorze anos acaba de sair da habitação feita de troncos, desce a campina em direção ao poente, e atravessa o regato, penetrando num espesso bosque. Uma hora mais tarde, ou foram duas, ele emerge e retorna vagarosamente a seu lar.

Que lhe havia sucedido? O que está diferente? Pois uma diferença há. Talvez seu próprio porte, sua evidente concentração de pensamentos, sua desatenção pelas coisas em derredor, são as evidências externas de que o menino fora deixado no bosque, regressando um homem em seu lugar. E a mãe, notando aquela transformação enquanto ele penetrava na casa e se apoiava sobre a lareira, perguntou: "Joseph, o que há com você?" O menino, evidentemente evocando a Igreja que ela havia há pouco abraçado, respondeu: "Não tenho nada, estou bem – estou mesmo muito bem. Aprendi por mim mesmo que o presbiterianismo não é verdadeiro."

Naquela noite, um jovem rapaz de nome Joseph Smith emocionou sua família com o relato da extraordinária experiência que vivera. Tal história haveria de ser narrada vezes sem número nos anos futuros. Atentemos às palavras da história conforme foi escrita para que todos a lessem.[1]

"Nasci no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e cinco, no dia vinte e três de dezembro, na cidade de Sharon, condado de Windsor, no Estado de Vermont. Meu pai, Joseph Smith, nasceu a 12 de julho de 1771, em Topsfield, condado de Essex, Massachusetts; meu avô, Asael Smith, nasceu a 7 de março de 1744, em Topsfield, Massachusetts; meu bisavô, Samuel Smith, nasceu a 26 de janeiro de 1714, em Topsfield, Massachusetts; meu tetravô, Samuel Smith, nasceu a 26 de janeiro de 1666, em Topsfield, Massachusetts; e o pai de meu tetravô, Robert Smith, veio da Inglaterra. Meu pai, Joseph Smith Sr., deixou o estado de Vermont e mudou-se para Palmyra, condado de Ontário (presentemente Wayne), no Estado de Nova Iorque, quando eu tinha dez anos ou quase isto. Cerca de quatro anos depois da chegada de meu pai a Palmyra, ele se mudou com sua família para Manchester, no mesmo condado de Ontário. Sua família consistia de onze almas, a saber: meu pai, Joseph Smith, minha mãe Lucy Smith (cujo nome antes de seu casamento era Mack, filha de Solomon Mack); meus irmãos Alvin (que morreu a 19 de novembro de 1824, aos 27 anos de idade), Hyrum, eu, Samuel Harrison, William, Don Carlos; e minhas irmãs, Sophronia, Catherine e Lucy.

"No decorrer do segundo ano após nossa mudança para Manchester, houve, no lugar onde morávamos, uma agitação anormal sobre questões religiosas. Começou entre os metodistas, mas logo se generalizou entre todas as seitas daquela região do país. Em verdade, todo o distrito parecia afetado por ela, e grandes multidões se uniam aos diferentes partidos religiosos, que criaram não pequeno tumulto e dissensão entre o povo, clamando alguns "Eis aqui a verdade" e outros "Eis ali a verdade". Uns lutavam pela fé Metodista, outros pela Presbiteriana, e outros pela Batista. Porque, apesar do grande amor que os conversos a estas diferentes crenças expressavam ao tempo de sua conversão, e do grande zelo manifestado pelos respectivos cleros, que eram ativos em promover esta

1. (Nota) O relato a seguir é tirado do diário de Joseph Smith, agora publicado como **History of the Church - Primeiro Período**, em seis volumes, com uma introdução e notas de B.H. Roberts. Esses escritos foram iniciados pelo Profeta em 1838, oito anos após a organização da Igreja, sendo publicados em 1843 no Vol 3, nº 10 do **Times and Seasons**, um jornal mórmon de Nauvoo. História mais breve foi escrita por Joseph Smith num documento denominado "Wentworth Letter" dirigido ao Snr. John Wentworth, editor e proprietário do **Chicago Democrat.** Esse extraordinário documento tornou-se de domínio público, aparecendo no **Times and Seasons**, Vol. 3, nº 9 de 15 de março de 1842. Alguns trechos da história, de Joseph Smith encontram-se na Pérola de Grande Valor, com o título de Joseph Smith, Capítulo 2.

Monumento erigido em memória de Joseph Smith pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, perto do lugar onde nasceu o Profeta, em Sharon, Condado de Windsor, Vermont, e dedicado a 23 de dezembro de 1905, primeiro centenário de seu nascimento.

Usado com a permissão do Information Service de Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

extraordinária cena de sentimento religioso, com o fim de converter a todos, como gostavam de dizer, deixando-os unir-se à seita que mais lhes agradasse; entretanto, quando os conversos começaram a bandear, uns para um partido e outros para outro, verificou-se que os supostos bons sentimentos, tanto dos sacerdotes como dos conversos, eram mais aparentes que reais; pois verificou-se uma cena de grande confusão – sacerdotes contenderam com sacerdotes, e conversos com conversos; de modo que de todos os seus bons sentimentos, de uns para com os outros, se é que existiam, ficaram inteiramente perdidos numa luta de palavras e choque de opiniões.

Nessa época eu ja havia entrado nos quinze anos. A família de meu pai tinha-se convertido à fé presbiteriana, e quatro deles se uniram àquela igreja, a saber: minha mãe, Lucy; meus irmãos, Hyrum e Samuel Harrison; e minha irmã Sophronia. Durante esse tempo de grande excitação, minha mente se viu sujeita a sérias reflexões e grande inquietação; mas, embora meus sentimentos fossem profundos e muitas vezes penetrantes, ainda assim conservei-me afastado de todos estes partidos, apesar de assistir às suas diversas reuniões sempre que a ocasião me permitia. Com o correr do tempo minha mente tornou-se um tanto favorável à seita Metodista, e senti algum desejo de me unir a eles; mas tão grande era a confusão e a contenda entre as diferentes denominações, que era impossível para uma pessoa jovem como eu, e com falta de experiência com os homens e com as coisas, chegar a uma conclusão certa acerca de quem estava certo e de quem estava errado. Tão grande e incessante era o clamor e o tumulto que, às vezes, minha mente ficava grandemente agitada. Os presbiterianos estavam mais decididos contra os batistas e os metodistas, e usavam de todos os poderes, tanto da razão como do sofisma, para provar os erros dos outros, ou pelo menos, fazer o povo pensar que eles estavam errados. De outro lado, os batistas e metodistas por sua vez, eram igualmente zelosos no esforço de estabelecerem suas próprias doutrinas, refutando todas as outras.

Em meio desta guerra de palavras e tumulto de opiniões, muitas vezes disse a mim mesmo: Que se pode fazer? Qual de todos estes partidos está com a razão; ou, estão todos errados? Se qualquer um deles está certo, qual é e como poderei sabê-lo? Enquanto meditava sobre as extremas dificuldades causadas pelas lutas des-

tes partidos religiosos, li, um dia, na Epístola de Tiago, capítulo primeiro, versículo quinto, o seguinte: **"Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto, e ser-lhe-à dada".**

Nunca uma passagem de Escritura veio com mais poder ao coração do homem do que esta, nesse momento, ao meu. Parecia ter penetrado com grande força em todas as fibras do meu coração. Refleti repetidas vezes sobre ela, sabendo que, se qualquer pessoa necessitava de sabedoria de Deus, essa pessoa era eu; porque não sabia o que fazer, e, a menos que obtivesse mais sabedoria do que a que então eu tinha, jamais chegaria a saber; pois os mestres de religião das diferentes seitas interpretavam as mesmas passagens da Escritura diferentemente, a ponto de destruir toda a confiança na solução do problema pela consulta à Bíblia. Por fim, cheguei à conclusão de que devia permanecer nas trevas e confusão ou fazer como Tiago ensina, isto é, pedir a Deus. Finalmente resolvi "pedir a Deus", concluindo que, se ele dava sabedoria aos que necessitavam dela, e a daria liberalmente e não a lançaria em rosto, eu podia me aventurar. Assim, de acordo com esta minha resolução de pedir a Deus, retirei-me para um bosque a fim de realizar o meu intento. Foi na manhã de um lindo e claro dia, nos primeiros dias da primavera de mil oitocentos e vinte. Era a primeira vez em minha vida que fazia tal tentativa, porque em meio de todas as minhas ansiedades não havia procurado até agora orar em voz alta.

Depois de haver-me retirado para o lugar que havia escolhido previamente, tendo olhado em meu redor, e encontrando-me só, ajoelhei-me e comecei a oferecer o desejo de meu coração a Deus. Apenas fizera isto, quando fui subitamente subjugado por uma força que me dominou inteiramente, e seu poder sobre mim era tão assombroso que me travou a língua, de modo que não pude falar. Intensa escuridão envolveu-me, e pareceu-me por algum tempo que estivesse destinado a uma destruição repentina. Mas, empregando todas as minhas forças para pedir a Deus que me livrasse do poder desse inimigo que me tinha subjugado, e no momento exato em que estava prestes a cair em desespero, abandonando-me à destruição — não a uma ruína imaginária, mas ao poder de algum ser real do mundo invisível, que tinha tão assombroso poder como jamais havia sentido em nenhum ser

O Bosque Sagrado onde o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith na primavera de 1820.

– justamente nesse momento de grande alarma, vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia, até cair sobre mim.

Logo após esse aparecimento, senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado. Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro.

"Este é o Meu Filho Amado, Ouve-O"

Meu objetivo ao me dirigir ao Senhor foi saber qual de todas as seitas era a verdadeira, a fim de saber a qual me unir. Portanto, tão logo voltei a mim o suficiente para poder falar, perguntei aos Personagens que estavam na luz acima de mim, qual de todas as seitas era a verdadeira, e a qual deveria unir-me. Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas; e o Personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação à sua vista; que todos aqueles mestres eram corruptos; que: "Eles se chegam a mim com os seus lábios, porém, seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o meu poder. Novamente proibiu que me unisse a qualquer delas; e muitas outras coisas me disse que não posso, no momento, escrever. Quando voltei a mim outra vez, estava deitado de costas, olhando para o céu. Quando a luz desapareceu fiquei sem forças; mas logo depois, havendo-me restabelecido até certo ponto, voltei para casa".[2]

Reflexões Sobre a Experiência

Pode parecer à primeira vista que dependemos do testemunho de um homem (ou menino) para retratar o ocorrido naquele bosque numa bonita manhã da primavera de 1820. Ninguém o acompanhava. Ninguém o viu penetrar no bosque ou retirar-se de lá.

Está evidente, contudo, para o biógrafo como para o historiador, que algo de extraordinário deve ter ocorrido. Três são os fatos de interesse. Em primeiro lugar, o que quer que tenha havido no bosque, transformou o comportamento externo de Joseph – de inopinado ele se tornou menos menino e mais homem. Sua mãe foi a primeira a percebê-lo, mas para muitos outros a mudança também ficou patente.[3] Em segundo, Joseph regressou do bosque com uma série de idéias definidas, idéias que não possuía antes de lá entrar, as quais não podiam na verdade ser encontradas entre aqueles com os quais se associava, ou nos poucos livros que havia lido. Certo é que suas idéias não eram novas. Uma ou outra podia ser encontrada entre os escritos de seus contemporâneos. Haviam sido ensinadas por Cristo há mil e oitocentos anos – mas parece evidente que, no que diz respeito a Joseph Smith, aquelas idéias foram recebidas num bosque a norte do estado de Nova Iorque, naquela manhã de primavera do ano de 1820. Ele não as possuía antes – nem as adquiriu depois. Para a primeira pessoa que encontrou – sua mãe – principiou a expô-las. Dentro de uma semana aquelas idéias eram do conhecimento da comunidade inteira.

Em terceiro lugar, ele tinha alcançado um testemunho. Enquanto antes estava indeciso quanto a quem dedicar sua lealdade, agora o quadro de uma futura Igreja para conter o evangelho em sua plenitude era tão real, e a existência de Deus tão segura que não mais poderia negá-los. Lemos novamente em seu diário:[4]

"Isto causou-me sérias reflexões, e tem causado freqüentemente desde então: quão estranho era que um obscuro rapaz de pouco mais de quatorze anos de idade, que era forçado pela necessidade a obter sustento escasso com o trabalho diário, fosse considerado um indivíduo de suficiente importância para atrair a atenção dos grandes personagens das mais populares seitas da época, de modo a criar neles um espírito da mais tenaz perseguição e injúria. Mas, estranho ou não, assim era, e foi muitas vezes a causa de grande tristeza para mim. Contudo, era um fato ter tido eu uma visão. Pensei desde então que me sentia como Paulo, quando fez sua defesa perante o Rei Agripa, e relatou o resultado da visão que ele tivera quando viu uma luz e ouviu uma voz; no entanto, poucos acreditaram nele; alguns diziam que ele era desonesto,

2. **History of the Church**, Primeiro Período, Vol. 1, p. 2. Ver também Joseph Smith 2:3-20.

3. (Nota) O pai de Joseph, o ministro metodista da cidade e os rapazes seus companheiros notaram a transformação.

4. **History of the Church**, Vol. 1, pg. 7-8. Ver também Joseph Smith 2:23-50.

"A Primeira Visão de Joseph Smith", escultura feita por Avard Fairbanks.

outros diziam que estava louco; e ele foi ridicularizado e injuriado. Mas tudo isto não destruiu a realidade de sua visão. Ele tivera uma visão, sabia que a tivera, e toda a perseguição debaixo do céu não poderia mudar o fato; e ainda que o perseguissem até a morte, com tudo isso, sabia, e saberia até o último alento, que tinha visto uma luz e ouvido uma voz que lhe falara, e o mundo inteiro não podia fazê-lo pensar ou crer ao contrário. Assim era comigo. Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era a verdade; e enquanto eles me perseguiam, injuriando-me e dizendo toda espécie de falsidades contra mim, devido às minhas afirmações, fui induzido a dizer em meu coração: Por que me perseguem por dizer a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus e estaria sujeito a condenação."

Não é nosso propósito nos envolver agora em debate com os críticos da história de Joseph. A veracidade da primeira visão é mais profunda do que uma mera discussão da sinceridade de um menino. O teste real de sua história envolve um princípio — um princípio espiritual. Poderá alguém orar a Deus e receber resposta? Pode algum homem ir a um bosque, ou a seu quarto, e através de oração receber novas idéias que antes não possuía, novo conhecimento que, para ele, se não para o mundo todo, estavam antes escondidos? Será uma realidade a inspiração e a revelação de Deus? Poderemos, você ou eu, gozar uma tal experiência? A experiência do menino Joseph é uma verdade eterna que pode ser reproduzida hoje e amanhã? Se alguém de nós tem "falta de sabedoria" existirá um canal que, com a fé requerida, possa ser aberto até Deus? Se a resposta é sim, Deus torna-se subitamente, como para o menino Joseph, uma realidade vital em nossas vidas.

A resposta está escrita no coração de milhares de homens. O testemunho de Joseph não permanece sozinho. Nos anos que deveriam se seguir, milhares de pessoas, tocadas até o âmago de seu ser pela história de Joseph, buscaram conhecimento e testemunho através do canal da prece e foram convertidas. Convertidas a quê? À crença de que Joseph era um homem honesto? À crença de que ele havia visto aquilo que proclamava? Não. Pelo menos este não é o aspecto vital. A conversão foi à eterna verdade de que é possível receber-se resposta a uma prece — um testemunho de que Deus vive — e de que fala ao homem. E esse tipo de conversão foi tão forte quanto a de Joseph Smith, do apóstolo Paulo, ou de Pedro — os recipientes estavam dispostos a morrer por ela como morreram Paulo e Pedro pela sua, e como Joseph Smith deveria também morrer. Porque o testemunho se formou da mesma maneira, provindo do mesmo tipo de experiência e resultado da obediência à mesma lei.

Quando Joseph veio para fora do bosque e anunciou ao mundo sua experiência — Pedro, Paulo e os chefes religiosos de todas as eras postaram-se realmente a seu lado para confirmarem sua história — pois todos provaram experiências similares.

Leituras Suplementares

Interessantes histórias relativas aos ancestrais de Joseph Smith e aos primeiros anos de sua vida podem ser encontradas nos livros:

1. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 20-32. (Ancestrais de Joseph Smith)

2. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 33-37. (Primeiros anos da vida do Profeta).

3. George Q. Cannon, **Life of Joseph Smith,** pp. 1-4. (Ancestrais de Joseph Smith)

4. Widtsoe, **The Restoration of the Gospel,** pp. 1-12. (Um reavivamento religioso).

5. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 27-29. (Conselho e predições do avô de Joseph – Asael Smith).

6. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 33-38. (A mãe de Joseph relata sua coragem).

7. **Ibid.** pp. 25-28. (Genealogia de Joseph Smith).

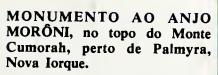
8. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. I, pp. 60-68. (Explanação das palavras que Joseph recebeu).

O MONTE CUMORAH, relicário histórico da Igreja, como é visto atualmente.

Cortesia do
Hill Cumorah Bureau of Information.

JOSEPH SMITH RECEBE AS PLACAS DO ANJO MORÔNI; fotografia de uma pintura a óleo por Levis A. Ramsey.

Permissão da
Deseret News Press

MONUMENTO AO ANJO MORÔNI, no topo do Monte Cumorah, perto de Palmyra, Nova Iorque.

Cortesia do
Hill Cumorah Bureau of Information.

RESTAURAÇÃO DO SACERDÓCIO AARÔNICO, monumento erigido sob a direção do Bispado Presidente, perto de Harmony, Pennsylvania.

Vista do RIO SUSQUEHANNA, onde Joseph Smith e Oliver Cowdery batizaram um ao outro

CAPÍTULO 3

A FRONTEIRA RELIGIOSA DA AMÉRICA

O Espírito da Fronteira Liberta a Mente dos Homens

Nós hoje encontramos dificuldade em elaborar uma imagem mental do menino Joseph Smith, visualizar as circunstâncias que o cercavam e as condições físicas do território na ocasião em que se dirigiu ao bosque para orar. Os Estados Unidos, como agora os vemos, são uma vasta nação, que se estende de litoral a litoral contendo em seus cinqüenta estados mais de duzentos milhões de pessoas, que habitam próximo ou dentro de grandes cidades, com edifícios imponentes e belas residências de tijolo.

Requer-se, pois, grande esforço de imaginação para reconstituir o meio-ambiente de Joseph, morando com seus pais e irmãos numa casa de troncos, situada na clareira de uma grande floresta – daquela mesma floresta que era então a fronteira do extremo ocidental de Nova Iorque. Atualmente podemos nos dirigir a qualquer lado do país e encontrar núcleos de civilização com habitantes – mas naquele tempo não se precisava distanciar muito do estado de Nova Iorque, a oeste, para encontrar um deserto extensamente desabitado. Podemos viajar de automóvel para todos os lugares e percorrer um lugar após outro, a oitenta ou cem quilômetros por hora, enquanto que as melhores carruagens do tempo de Joseph Smith cobriam menos da metade dessa distância por dia. Os Estados Unidos possuem agora estradas largas e pavimentadas, que se cortam, retas como flechas, num grande entrecruzamento sobre o país – mas, naquela época, as poucas estradas de que se ufanava a região eram estreitas, tortuosas e sem pavimentação; verdadeiros lamaçais na época da primavera ou após chuvas muito pesadas. Por vezes, o tráfego cessava completamente.

Os produtos são transportados por trens; caminhões ou aviões que vencem distâncias espantosas em tempo comparativamente curto – mas, naqueles dias, a locomotiva a vapor era um sonho utópico,[1] sendo as cargas transportadas em animais, carroções ou barcos, lentamente através de grandes distâncias, e isso com grande despesa. Vemos freqüentemente um aeroplano nos céus, e calculamos que nossa carta encaminhada apenas algumas horas atrás já terá atravessado o continente dentro de poucas horas. Em 1820, requeriam-se semanas para enviar uma carta de Nova Iorque a um povoado afastado, às margens do rio Ohio.

A fim de avaliarmos as condições do lar em que Joseph Smith viveu sua infância, devemos remover em imaginação os tijolos da parede de nosso próprio lar, colocando em seu lugar troncos rústicos. É preciso eliminar as luzes elétricas, substituindo-as por velas e lamparinas. O aspirador deve ceder lugar à vassoura; a máquina de lavar a uma tina rústica; os assoalhos lisos e polidos serão alterados para pranchas ásperas cobertas de tapetes caseiros, e as poltronas estofadas, para rústicas cadeiras de balanço. Nosso sistema de água quente

---

1. (Nota) A primeira linha férrea logrou êxito circulando entre Stockton e Darlington, Inglaterra, no ano de 1825. A primeira tentativa, nos Estados Unidos, de empregar os engenhos da locomotiva, que não para mero experimento, foi feita na estrada de ferro entre Carbondale e Homesdale, Pennsylvania, com 26 quilômetros, construída pela Delaware and Hudson Canal Co. A. Stourbridge Lion, como se denominou o engenho, foi construída na Inglaterra e colocada em funcionamento no mês de agosto de 1829. Conquanto fossem feitas já antes de 1820 predições de máquinas que voariam pelo ar, a idéia era geralmente considerada um sonho vão.

O lar da família Smith, perto de Palmyra, Nova Iorque.

Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

e fria terá que ser posto de lado por um grande barril de madeira e uma concha, mais uma chaleira fumegante sobre a lareira. Uma série de utensílios modernos como geladeira, fogão elétrico e a gás e banheira de porcelana eram luxo desconhecido naquela época.

A tremenda transformação daquele período para o nosso se processou em pouco mais de uma centena de anos. Nesse espaço de tempo relativamente curto, poderosas migrações de povo projetaram-se mais e mais para oeste, em grandes ondas que arrastavam consigo os inquietos, turbulentos, descontentes e radicais, até que as fronteiras ocidental e oriental finalmente se encontraram e as ondas aquietaram-se.

O menino Joseph vivia nesse limite. O espírito da fronteira impregnava o próprio ar que ele absorvia. Era uma força poderosa a transformar o menino em homem, projetando-o centenas de milhas para oeste, em direção à fama imortal de grande americano.

A fronteira física da América desapareceu — mas sua história é uma página épica que jamais morrerá.

Líderes Religiosos

Identificada com aquela fronteira física em constante expansão, avançou também a fronteira religiosa da América, tão entrelaçadas que o estudo de uma é impossível sem o da outra. O menino Joseph estava destinado a representar papel de muito destaque em ambas, e a exercer na fronteira americana uma influência que foi e será sentida ainda por muitas gerações. Desde os primeiros e ousados peregrinos ingleses, arrostando a fome na desolada costa da Nova Inglaterra, até os dias atuais, a massa de imigrantes que se derrama sobre a América tem sido a dos descontentes da terra. Esses insatisfeitos se revoltaram contra as condições econômicas, políticas, sociais ou religiosas do Velho Mundo.

A nova terra oferecia uma outra liberdade — não porque os homens transplantando-se para regiões estranhas se tornassem diferentes e mais tolerantes, mas porque o Continente Americano oferecia espaço para a separação dos vizinhos quando os conflitos de opinião se tornavam opressivos. Portanto, as novas idéias vingavam no solo da América.

A história da fronteira americana é a história de um povo aventureiro; povo que busca transformação alimentando

CANADA
MAINE
VERMONT
NEW HAMPSHIRE
Onde nasceu Joseph a 23 de dez., 1805.
SHARON
ROYALTON
HANOVER
LEBANON
A família Smith mudou para cá 1811. Doença de Joseph
MANCHESTER
NOVA IORQUE
LAGO ONTARIO
Joseph vê as placas em 1823. Visões e instruções de Moroni. Recebe as placas no dia 22 de set., 1827.
BOSTON
MASSACHUSETTS
HUDSON RIVER
PALMYRA
L. de M. foi impresso, 1830.
MONTE CUMORAH
Primeira visão de Joseph. Visitas do anjo Moroni. Morre Alvin, 1824.
WATERLOO
MANCHESTER
R.I.
SO BAINBRIDGE
FAYETTE
Joseph casa com Emma Hale, 18 de jan., 1827.
CONNECTICUT
COLESVILLE
É terminada a tradução do L. de M, 1829. As testemunhas vêem as placas. A Igreja é organizada, 6 de abril de 1830.
Restauração do Sac., 1829.
HARMONY
Joseph principiou a minar em outubro de 1825. Namora Emma Hale.
LONG ISLAND
ATLANTIC
PENNSYLVANIA
RIO SUSQUEHANNA
NOVA JERSEY

planos novos e radicais, e desembaraçando-se dos velhos conceitos.

No tocante à religião, essa fronteira representou um papel preponderante. Dentro do Velho Mundo de idéias preestabelecidas, o religioso liberal ou se retratava ou era morto – na América, quando a pressão se tornava muito grande ele se mudava. E porque a terra do oeste era praticamente virgem, o movimento sempre se orientava em uma direção. A terra extensa e vazia encorajava o pensador liberal. Oferecia-lhe salvaguarda e exílio, se necessário, e apenas recusando seu convite chegaria ele a ser martirizado por suas crenças. Portanto, a vida da fronteira é uma história de novas idéias religiosas – vitais, desafiadoras, que freqüentemente declaravam guerra a todos os credos existentes.

No Canadá, os imigrantes huguenotes,[2] afugentados da França, desafiaram o poder do catolicismo, e, com suas idéias liberais, buscaram refúgio longe dos braços da lei.

Na Nova Inglaterra, Roger Williams havia salvo suas noções religiosas radicais, e incidentalmente sua vida, fugindo para o oeste a fim de fundar a colônia de Rhode Island.

O Reverendo Thomas Hooker, tendo incorrido na ira dos puritanos de Boston, marchou para o oeste com seus seguidores, nos primeiros carroções cobertos da América, para fundar a colônia de Connecticut.

Os liberais atraíram continuamente perseguição, por darem guerra aos credos e instituições existentes, e sua segurança jazia sempre no oeste. A fronteira era uma franja constantemente móvel de civilização – pobre em conforto, mas rica em independência de pensamento.

Nenhum sistema religioso estava isento de homens e mulheres que eram demasiado radicais para ele. A história da religião na América, durante a primeira metade do século dezenove, demonstra um constante espírito de rebelião aos velhos credos, resultando na cisão de muitas igrejas, e no conseqüente estabelecimento de umas trinta outras.[3]

Onze anos antes de Joseph Smith ter ido ao bosque para orar, um certo Alexandre Campbell, tendo chegado à conclusão de que o primitivo cristianismo estava condenado, "quebrou com poderosa batalha os laços de todos os credos e fez guerra a todos eles, fossem falsos ou verdadeiros, empregando para tanto o vigor de sua mente gigantesca".[4]

Seus seguidores, conhecidos como "Discípulos" ou "Campbelitas", apesar de mais tarde virem a se identificar com os batistas, eram pensadores independentes da fronteira. Deles Joseph Smith deveria receber mais tarde uma multidão de conversos.

A primeira parte do século dezenove testemunhou um grande reavivamento de interesses religiosos na América. Nos primeiros trinta anos do século a maioria das denominações religiosas dobrou sua congregação, ao aumentar rapidamente o número de conversos às novas religiões.

Alguns Pioneiros Religiosos

Entre aquele povo da fronteira religiosa da América, a família Smith representou papel preponderante. O avô de Joseph tinha estado descontente com os credos então vigentes e com as formas de adoração religiosa. Essa sua insatisfação para com as igrejas da Nova Inglaterra, combinada com uma tolerância por todas as crenças religiosas, colocou-o sob a suspeita dos puritanos ortodoxos. Quando ele se excedeu, a ponto de abrigar em casa um quaker perseguido, provocou tanto descontentamento na comunidade de Tospfield, Massachusetts, onde então residia, que resolveu vender seu lar e seguir para o oeste,

---

2. Huguenote - Protestante francês dos séculos XVI e XVII. Os huguenotes sofreram sanguinolenta perseguição durante as guerras religiosas da época.
3. Ver William Warren Sweet. **The Story of Religions in America**. Publicada por Harpers em 1930.
4. D B. Ray, **Textbook on Campbellism**, p. 29 Southwestern Publishing House, Memphis, Tennessee, 1867.

Lucy Mack Smith, mãe do Profeta Joseph Smith. Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

em busca de uma sociedade mais compatível.[5]

A mesma liberdade de pensamento religioso se evidencia também na vida do filho de Asael Smith, Joseph Smith, Sr., pai do Profeta. Ele era muito interessado em religião, crendo firmemente nos sonhos.[6] Sua insatisfação para com os credos existentes o impediu de juntar-se a qualquer deles. A esposa de Joseph, Lucy Mack Smith, diz dele: "Por esse tempo (março de 1811) meu esposo tornou-se impressionado com assuntos religiosos; e, no entanto, não professava qualquer sistema particular de fé, porém lutava pela antiga ordem, conforme estabelecida por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e seus apóstolos.[7]"

5. Veja Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. I, p. 5.
6. Lucy Smith, **History of the Church**, Cap. 14, pp. 54-56.

A mãe de Joseph também demonstra aquela independência de pensamento religioso da orla fronteiriça. Cedo externou descontentamento pelos credos de sua época. Investigou muitas religiões, nenhuma parecendo satisfazê-la. Ela diz de uma ocasião:

"Ouvi contar que um homem muito devoto deveria pregar no sábado seguinte, na Igreja Presbiteriana; dirigi-me portanto à reunião, na plena expectativa de ouvir o que minha alma ansiava - a Palavra da Vida".

"Quando o ministro principiou a falar, fixei minha mente com profunda atenção no espírito e assunto de seu discurso, mas após terminar de ouvi-lo retornei à casa convencida de que ele não compreendera nem apreciara o tema sobre o qual falava; e, em meu coração, sussurrei que não existia então sobre a terra a religião que eu buscava para mim".[8]

Que o menino Joseph Smith estivesse perturbado no que diz respeito às religiões de seu tempo, poder-se-ia bem esperar. E o fato de não se haver ligado a qualquer delas, até a idade de quatorze anos, demonstra apenas que ele partilhava, desde cedo, da independência de pensamento religioso que caracterizava seus pais. Ele havia nascido verdadeiramente na fronteira religiosa da América.

A afirmativa do menino "Elas estão todas erradas" é típica da fronteira. Como se mencionou previamente, Alexandre Campbell havia abertamente declarado guerra a todos os credos poucos anos atrás. Mas, conquanto o livre pensador comum se desligasse quase sempre da velha Igreja, ele ainda adotava um novo sistema em substituição. Deixava a velha seita devido às perplexidades e incertezas de sua própria mente — e aquelas perplexidades continuavam a persegui-lo nos novos credos e organizações religiosas.

O rompimento de Joseph com as religiões de seus dias foi diferente. Ele veio do bosque com idéias definidas e fixas — noções que nunca seriam alteradas em sua vida subseqüente. De súbito o rapaz teve algo que oferecer ao mundo, e

7. **Ibid**, p. 54.
8. Lucy Smith, **History of Joseph Smith**, Cap. 14, pp. 45-46.

aqueles fanáticos que odiavam os livre pensadores comuns foram levados a mais do que ódio contra um menino que tentava corrigir suas inflexíveis noções de Deus.

Cabe bem mencionar agora outros nomes de destaque ao longo da fronteira religiosa daqueles dias, com os quais deveremos mais tarde nos tornar familiarizados. Nós os encontramos, como aos Smith, insatisfeitos com os credos religiosos a seu alcance, e todos procurando e ansiando por uma religião que lhes satisfizesse os anseios íntimos. É preciso conservar sempre em mente o retrato da fronteira, admitindo que o passo que essas pessoas deram mais tarde para o mormonismo foi por vezes muito pequeno. Antes que se ouvisse falar do Profeta Joseph Smith, tais pessoas já se encontravam crendo em muitas das doutrinas que ele viria a introduzir.

No estado de Nova Iorque, em Mendon, a sessenta quilômetros da casa de Joseph, três famílias procuravam uma nova religião. Eram os Youngs, os Greenes e os Kimballs, alguns dos quais foram mais tarde figuras de destaque na Igreja. Todos estavam insatisfeitos com os credos conhecidos. Apesar de alguns dos Kimballs terem-se reunido temporariamente aos batistas, sua insatisfação só fez aumentar. No diário de Heber C. Kimball lemos:

"Desde os meus dez anos de idade tive sérias reflexões e forte desejo de obter conhecimento da salvação, mas não encontrando ninguém que me pudesse ensinar as coisas de Deus, não abracei qualquer princípio de doutrina, esforçando-me contudo por viver uma vida moral.Os sacerdotes podiam-me aconselhar a crer no Senhor Jesus Cristo, mas nunca me explicavam o que fazer para ser salvo, e, portanto, me deixavam quase em desespero"[9].

Em Hartford, Connecticut, a família Woodruff evidenciava a mesma inquietude. Lemos no diário de Wilford Woodruff:

"Com bem pouca idade já meu interesse começou a se exercer no assunto da religião, mas nunca fiz qualquer profissão de crença até 1830, quando contava vinte e três anos. Eu não me afiliei pois a nenhuma igreja, pelo motivo de não ter encontrado um corpo de pessoas, denominação ou seita que tivesse por doutrina a fé, e praticasse aqueles princípios, ordenanças e dons que constituíam o Evangelho de Jesus Cristo, conforme ensinado por Ele a Seus apóstolos. Nem encontrei em qualquer lugar as manifestações do Espírito Santo com seus conseqüentes dons e graças".[10]

Em Burlington, Condado de Otsego, Nova Iorque, os Pratts exibiam uma inclinação similar. Parley P. Pratt escreveu em sua autobiografia, com relação ao pai:

"Ele nos ensinou a venerar o Pai dos Céus, Jesus Cristo, seus profetas e apóstolos, assim como as Escrituras por eles registradas; enquanto isso, não se ligava a qualquer seita religiosa, e era cuidadoso no preservar seus filhos dos preconceitos que tão deploravelmente dividiam o assim chamado mundo cristão".[11]

A insatisfação de Parley conduziu-o para o oeste, onde se juntou a um ramo de campbelitas dirigido por Sidney Rigdon, em Kirtland, Ohio. Dos campbelitas e de sua oposição a todos os credos conhecidos já falamos anteriormente.

A família Snow tem uma história idêntica de descrédito pelas religiões da época. Na "Biografia de Lorenzo Snow", escrita por sua irmã, Eliza R. Snow, lê-se:

"Em fé religiosa nossos pais eram batistas professos, mas não daquela classe rígida e inflexível; sua casa era acolhedora para os bons e inteligentes de todas as denominações".[12]

Referindo-se a seu irmão Lorenzo, ela diz:

"Apesar de religiosamente orientado desde a infância até essa época (1830), meu irmão havia devotado pequena ou nenhuma atenção à questão religiosa, pelo menos não o suficiente para decidir-se por qualquer seita em particular".[13]

Em Toronto, Canadá, um certo John Taylor (que veio mais tarde a tornar-se terceiro presidente da Igreja dos S.U.D.), havia-se desgostado tanto da Igreja Metodista, da qual era ministro,

9 Whitney, **Life of Heber C. Kimball**, p. 30.

10. Cowley, **Wilford Woodruff**, de seu diário, pp. 14-15.
11. Parley P. Pratt **Autobiography**, p. 2.
12. Eliza R. Snow, **Biography and Family Record of Lorenzo Snow**, p. 2.
13. Ibid, p. 3.

que, juntamente com parte de sua congregação, foi expulso do trabalho e censurado por sua atitude. Ele e seus seguidores criam firmemente que as várias seitas religiosas daquela época estavam em erro.

"Acreditavam que os homens deviam ser chamados por Deus como nos dias antigos, e ordenados por pessoas autorizadas. Afirmavam que a Igreja deveria ter apóstolos, profetas, mestres, diáconos, em resumo, que a organização da Igreja primitiva de Jesus Cristo deveria ser perpetuada.

Acreditavam ainda que as pessoas, ao aceitarem o Evangelho, deveriam receber o Espírito Santo; que ele os conduziria a toda a verdade e mostraria as coisas que viriam a acontecer. Acreditavam nos dons de línguas, de cura, nos milagres, na profecia, na fé, no discernimento de espíritos, e em todos os poderes, graças e bênçãos que existiam na época da primeira igreja cristã"[14].

Esta condição era típica de toda a fronteira. Grandes levas tinham-se divorciado das seitas existentes, ou mantinham-se nelas apenas na desesperança de encontrar algo melhor, quando a declaração de Joseph Smith começou a propagar-se de povoado em povoado.

Praticamente todos que deveriam mais tarde se destacar na organização que Joseph Smith iniciou haviam rompido com velhas crenças antes de encontrar o "mormonismo". Não raro já os encontrávamos defendendo do púlpito diversas crenças que Joseph deveria mais tarde introduzir. Esses livre pensadores religiosos incluíam quatro homens que sucederam Joseph Smith como Presidentes da Igreja, e quase todos os outros que foram escolhidos para o primeiro quorum dos doze apóstolos.

Dessa forma, estava o campo pronto para a colheita. Joseph Smith, apesar de todo o antagonismo das igrejas mais velhas, haveria de encontrar solo fértil no qual plantar o Evangelho de Jesus Cristo. Homens e mulheres aguardavam ansiosos a doutrina que ele estava para introduzir. Mas tudo isso não se deu em um dia. Foi uma expansão gradual daquele pensamento religioso que teve suas raízes no Velho Mundo e que brotou e floresceu no ambiente livre da fronteira americana. Era como se o poderoso Diretor dos eventos humanos viesse há séculos preparando o palco para que se apresentasse nele o ator principal.

O Efeito da Primeira Visão

Não se deve, no entanto, acreditar que a primeira visão de Joseph Smith, no bosque próximo a Palmyra, tenha produzido àquele tempo qualquer reação vital ao longo da fronteira religiosa. Pelo contrário, excetuando-se a família Smith e a pequena comunidade ao seu redor, o incidente deveria permanecer relativamente desconhecido por alguns anos. Não afluíram à vila os repórteres de jornal, nem foi a experiência proclamada nos cabeçalhos dos próprios diários da região. Relatos distorcidos por informações de segunda mão e escritos em tom jocoso foram publicados em vários jornais do leste, sem criar nenhuma agitação particular. Isto se deve em grande escala ao fato de que as pretensas visões, revelações e sonhos eram comuns àquela época. A visão de Joseph Smith, no aspecto distorcido com que alcançou a maioria do povo ao longo da fronteira, parecia-se bastante com as experiências proclamadas por outros.[15]

Além disso, a declaração do que ocorrera no bosque não foi imediatamente seguida de qualquer atitude por parte do rapaz.

Os ministros locais haviam-se irritado com a denúncia feita a eles e àqueles que criam em suas palavras, de que estavam "todos errados", e que seus credos eram "abominação" à vista do Senhor. Em sua irritação afastaram-se do menino, prevenindo seus seguidores contra ele – de forma que Joseph foi posto no

14. B.H. Roberts, **Life of John Taylor**, pp. 31-32.

15. Ver Daryl Chase, **The Early Shakens: An Experiment In Religious Communism** (University of Chicago, Doctores Thesis) 1936.

ostracismo pela comunidade. Tal resultado não era estranho. Nenhum homem letrado apreciaria ouvir de uma criança que está "completamente errado". A afirmativa de Joseph fez dele um homem muito solitário.

Mas, além de declarar a falsidade dos credos conhecidos, ele nada fez de adicional, e prosseguiu nas atividades usuais de um rapaz da fronteira, continuando a trabalhar na fazenda de seu pai, sem qualquer diferença exterior exceto pela repentina maturidade que parecia conferir-lhe nova sobriedade. Mais tarde, ao escrever o seu diário, ele declara com relação a esse período:

"Vi-me sujeito a toda classe de tentações, e, misturando-me com todas as classes sociais, caí freqüentemente em muitos erros levianos e demonstrei as debilidades da mocidade e as fraquezas da natureza humana; o que, sinto dizê-lo, levou-me a diversas tentações que eram ofensivas à vista de Deus. Ao fazer esta confissão ninguém deve crer-me culpado de quaisquer grandes ou sérios pecados. Jamais existiu em minha natureza disposição para cometer tais coisas. Mas eu fui culpado de frivolidade, e às vezes me associava com companheiros joviais, etc., o que não condizia com a conduta que deviaser mantida por quem havia sido chamado por Deus, como eu o havia sido. Mas isto não parecerá muito estranho para quem se recorda de minha juventude e conhece o meu natural temperamento jovial".[16]

Está bem evidente, dos diários de Joseph Smith e Lucy Smith, que sua mãe, pai, irmãos e irmãs creram em suas experiências. Entretanto, não se comprova que isso tenha alterado particularmente seu sistema de vida durante os anos seguintes. Não foi senão sete anos após a primeira visão que a fronteira começou a se interessar pelo jovem do norte de Nova Iorque – e isso em conexão com algo de muito tangível – um livro que estava preparando para publicação, traduzido de placas de ouro, e contendo com clareza o Evangelho pelo qual os reformadores da fronteira tinham estado esperando. Esse livro, publicado em 1830, deveria elevar inesperadamente o Profeta à poderosa liderança da fronteira religiosa da América. Mas, nesse meio tempo, o Profeta havia desfrutado de outras visões e visitações, tão vitais quanto aquela primeira, no bosque, perto de Palmyra, e agora será necessário reportarmo-nos a essa época para fazermos um resumo de sua história.

16. **History of the Church**, Período 1, Vol. 1, pp. 9-10. Ver também Joseph Smith. 2:28.

Leituras Suplementares

Nos diários de homens que se tornarem líderes da Igreja podemos visualizar sua natureza religiosa independente.

1. Roberts, **Life of John Taylor,** pp. 29-34.
2. Cowley, **Wilford Woodruff,** Cap. 1.
3. Eliza R. Snow, **Biography of Lorenzo Snow,** Cap. 1.
4. Parley P. Pratt, **Autobiography,** pp. 24-26.
5. **Ibid.,** pp. 35-40.
6. Sweet, **The Story of Religions in America,** pp. 283-284.
7. **Ibid,** pp. 249-251.
8. **History of Joseph Smith by His Mother Lucy Mack Smith,** com notas e comentários de Preston Nibley (1958). pp. 35-50.

CAPÍTULO 4

A ORIGEM DO LIVRO DE MÓRMON

Uma Voz Fala do Pó

Três anos e meio passaram-se após a visão de Joseph no bosque de Palmyra, antes que ele voltasse a ter experiência semelhante – semelhante por ter-se verificado da mesma maneira, em obediência à mesma lei espiritual – a lei da oração . Com freqüência o menino conjeturava por que o céu se mantivera silencioso por tanto tempo, por que o Senhor não tornava claro seu propósito com relação a ele. Na noite de vinte e um de setembro de 1823, Joseph chegou à conclusão de que o motivo daquele silêncio residia dentro dele próprio. O Salvador, quando habitava na carne sobre a terra, havia instruído seus seguidores: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre".[1] Por três anos e meio ele não batera corretamente à porta de Deus. Havia feito assim uma vez e a promessa não falhara – pediria pois novamente. Citando sua própria história:

"Depois de me haver retirado para deitar, pus-me a orar e suplicar, pedindo a Deus Todo - Poderoso perdão para todos os meus pecados e imprudências, e também uma manifestação a mim para que eu pudesse saber qual era o meu estado e situação perante ele; porque tinha a mais completa confiança em obter uma manifestação divina, como havia acontecido anteriormente. Enquanto estava assim, no ato de suplicar a Deus, vi uma luz que aparecia em meu quarto, a qual continuou a aumentar, até que o quarto ficou mais claro que a luz do meio-dia, quando imediatamente apareceu um personagem ao lado de minha cama, suspenso no ar, pois que os seus pés não tocavam o solo. Estava vestido com uma túnica solta da mais rara brancura. Era uma brancura que excedia a qualquer coisa terrena que jamais havia visto; nem acredito que qualquer coisa terrena pudesse ser tão extraordinariamente branca e brilhante. Suas mãos estavam descobertas, e seus braços também, um pouco acima dos pulsos; assim, também, estavam seus pés descobertos, assim como suas pernas, um pouco acima dos tornozelos. Sua cabeça e pescoço também estavam descobertos. Verifiquei que ele não tinha outra roupa senão o seu manto, pois estava aberto, de modo que pude ver o seu peito. Não só sua túnica era extraordinariamente branca, como toda sua pessoa era gloriosa acima de qualquer descrição, e seu semblante era como um vivo relâmpago. O quarto estava excessivamente iluminado, mas não tão brilhante como a luz em redor de sua pessoa.

No primeiro momento em que o vi, tive medo; mas o medo logo desapareceu.

Ele me chamou pelo nome e disse-me que era um mensageiro enviado da presença de Deus, e que se chamava Morôni; que Deus tinha um trabalho a ser feito por mim; e que meu nome seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, famílias e línguas, ou que seria citado por bem ou por mal, entre todos os povos. Disse que havia um livro depositado, escrito sobre placas de ouro, relatando sobre os antigos habitantes deste continente, assim como a origem de sua procedência. Disse também, que nele se encerrava a plenitude do Evangelho Eterno, como foi entregue pelo Salvador aos antigos habitantes; disse mais, que havia duas pedras em arcos de prata – e estas presas a um peitoral, constituiam o que é chamado o Urim e Tumim – depositadas com as placas; e que a posse e uso destas pedras era o que constituia os "videntes" dos tempos antigos ou primitivos; e que Deus as tinha preparado com o fim de traduzir o livro.

Depois de dizer-me estas coisas, começou a citar as profecias do Velho Testamento. Primeiro citou parte do terceiro capítulo de Malaquias; e citou também o quarto ou último capítulo da mesma profecia, embora com pequena variação do modo que se lê em nossas Bíblias. Em vez de citar o primeiro versículo conforme está em nossos livros, ele o citou assim: "pois eis que vem o dia que arderá como fornalha, todos os soberbos e todos os que obram impiedade serão queimados como o restolho; os que vierem os abrasarão, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo".

Ele também citou o quinto versículo assim:

---

1. Mateus 7:7-8

"Eis eu que vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor".

Citou, também, o seguinte versículo diferentemente: "E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais e os corações dos filhos voltarão aos pais; se assim não for, toda a terra será totalmente destruída na Sua vinda".

Além destes, ele citou o capítulo onze de Isaías, dizendo que estava quase para ser cumprido. Mencionou o terceiro capítulo de Atos, versículos vinte e dois e vinte e três, exatamente como estão em nosso Novo Testamento. Disse que aquele profeta era Cristo; ainda não tinha chegado o dia em que "aqueles que não ouvissem a Sua Voz seriam desarraigados de entre o povo", mas logo viria. Também citou o segundo capítulo de Joel, do versículo vinte e oito até o último. Disse também, que isto não havia sido ainda cumprido, mas logo se realizaria. E disse mais, que a plenitude dos gentios viria logo. Citou muitas outras passagens da Escritura, e ofereceu muitas explicações que não podem ser mencionadas aqui.

Também me disse que quando eu conseguisse as placas sobre as quais havia falado – porque o tempo em que elas deveriam ser obtidas ainda não havia chegado – eu não as mostrasse a ninguém; nem o peitoral com o Urim e Tumim; a não ser àqueles a quem eu fosse mandado mostrá-las; se eu desobedecesse, seria destruído. Enquanto conversava comigo a respeito das placas, a visão da minha mente se aclarou de tal modo, que pude ver o lugar em que estavam depositadas, e tão clara e distintamente que já conhecia o lugar quando o visitei.

Após esta comunicação, vi que a luz no quarto começava a juntar-se imediatamente ao redor da pessoa que estivera falando comigo, e assim continuou até que o quarto, uma vez mais, ficou às escuras, exceto junto a ele; quando repentinamente, vi como se fora um conduto que se abrira até o céu, e ele ascendeu até desaparecer inteiramente, e o quarto ficou como tinha estado antes de esse personagem celestial ter feito a sua aparição. Fiquei meditando sobre a singularidade da cena, e grandemente maravilhado com o que me foi dito por este extraordinário mensageiro; quando em meio a minha meditação, descobri repentinamente que o meu quarto estava novamente começando a ser iluminado, e, num instante, como acontecera antes, o mesmo mensageiro celestial estava outra vez ao lado de minha cama. E começou outra vez a relatar as mesmas coisas que me havia dito em sua primeira visita, sem a mínima variação, depois do que, informou-me dos grandes julgamentos que viriam sobre a terra, com grandes desolações causadas pela fome, espada e peste, e que estes dolorosos julgamentos viriam sobre a terra ainda nesta geração. Tendo relatado estas coisas, ele novamente ascendeu como fizera antes.

Nessas ocasiões, tão profundas eram as impressões deixadas em minha mente, que o sono fugiu de meus olhos, e jazia dominado pelo assombro do que eu tinha visto e ouvido. Mas qual não foi minha surpresa quando outra vez vi o mesmo mensageiro ao lado de minha cama, e ouvi-o repassar ou repetir as mesmas coisas como antes; e acrescentou uma advertência a mim, dizendo que Satanás procuraria me tentar (em conseqüência das circustâncias de pobreza da família de meu pai), para obter as placas, com o fim de me tornar rico. Proibiu-me isto, dizendo que eu não devia ter nenhum outro objetivo em vista na obtenção das placas, senão o de glorificar a Deus, e que não deveria influenciar-me por qualquer outro motivo senão o de construir seu reino; do contrário não poderia obtê-las. Após sua terceira visita, ele ascendeu novamente ao céu, como antes, e outra vez fiquei meditando sobre a estranheza do que acabava de experimentar; quase imediatamente após o mensageiro celestial ter ascendido pela terceira vez, o galo cantou, e vi que o dia se aproximava, de modo que as nossas entrevistas deviam ter durado toda aquela noite.

Pouco depois levantei-me e, como de costume, fui entregar-me aos necessários afazeres do dia; mas, ao tentar trabalhar como das outras vezes, senti-me tão fraco e exausto a ponto de me achar incapaz para o trabalho. Meu pai, que estava trabalhando comigo, percebeu algo de anormal em mim e disse-me que fosse para casa; mas, ao tentar passar a cerca do campo onde estávamos, minhas forças me abandonaram por completo, e caí inerte ao solo, onde durante algum tempo fiquei inconsciente. A primeira coisa que pude recordar foi uma voz falando-me e chamando-me pelo nome. Olhei para cima e vi o mesmo mensageiro acima de minha cabeça, rodeado pela luz como antes. Então me relatou tudo o que me havia narrado na noite anterior, e me mandou que voltasse a meu pai e lhe contasse a visão e os mandamentos que havia recebido. Obedeci; voltei a meu pai que estava no campo e relatei-lhe todo o ocorrido. Ele me respondeu que era de Deus, e disse-me que fosse e fizesse como o mensageiro mandara. Deixei o campo, e fui ao lugar onde o mensageiro tinha me dito acharem-se as placas depositadas; devido à clareza da visão que eu tivera no tocante ao lugar, reconheci-o no instante em que lá cheguei".[2]

---

2. **History of the Church**, Período I, Vol. I, pp. 11-15.

O Monte Cumorah

Se alguém viajar hoje pela Estrada 21 do Estado de Nova Iorque, de Palmyra para o sul, em direção a Manchester, passará diretamente pelo mais notável monumento da parte setentrional daquele estado. Caso o percurso seja feito à noite, o marco será duplamente notável – pois então avista-se à distância um verdadeiro pilar de luz ascendendo da planície aberta. Com uma aproximação maior, o fenômeno transforma-se num monumento luminoso bem no topo de uma colina que se eleva uns quarenta e cinco metros acima da região adjacente. Coroando o enorme obelisco, alteia-se uma representação do anjo Morôni, e seis grandes holofotes realçam a extraordinária obra de arte. O monte que serve de base ao belo monumento jaz a leste da rodovia, sua vertente norte erguendo-se abruptamente da planície, para descer em suave inclinação até o nível do terreno na face sul. Este é o monete Cumorah, conhecido localmente como a "Colina Mórmon".

Assim como os outros pequenos montes da região, ele resulta num depósito da última glaciação, e essa linha de elevações peculiares através do estado de Nova Iorque constitui o extremo avançado da grande crosta gelada que um dia cobriu a parte setentrional da América.

Alongando-se por quase toda a extensão da colina, próximo ao pico, habilidosos jardineiros escreveram-lhe o nome, empregando, para tanto, arbustos vivos. A superfície de todo o monte está plantada com abetos e pinheiros novos, os quais, após desenvolvidos, tomarão o aspecto de um século atrás.[3]

Ao pé da colina encontra-se o Centro de Visitantes, onde é narrada a história do local e a sua ligação com o Livro de Mórmon: No lado oeste da colina é realizado anualmente um espetáculo teatral. Nele a História do **Livro de Mórmon** é vivamente encenada para milhares de visitantes.

Quando o jovem Joseph Smith subiu a essa mesma colina, há mais de um século, um tanto tenso e agitado pela expectativa, mal sabia das multidões que seguiriam algum dia suas pegadas, ou das tremendas conseqüências de sua visita. A colina jazia então como tinha estado por séculos, intocada pela mão do homem. Seu próprio nome sepultado sob ela – seus grandes segredos encobertos ao homem. Através da fé e da oração, um jovem rapaz havia recebido a chave que desvendaria séculos ocultos. Uma voz falando do pó agitaria em breve a fronteira religiosa da América e, eventualmente, o mundo todo.

A Visita de Joseph ao Monte

Subindo a colina pelo flanco ocidental, bem próximo ao pico, Joseph caminhou diretamente para o local contemplado na visão. Ao nível do solo aparecia a superfície arredondada de uma grande pedra, suas bordas, externas recobertas por terra e grama. Removendo isto, Joseph pôde empregar um pau como alavanca e suspender a pedra, a qual se revelou chata na superfície inferior. Debaixo dela, que externamente se assemelhava muito às outras pedras espalhadas pela colina, encontrava-se uma caixa ou receptáculo. Joseph escreveu o seguinte, acerca da ocasião:

> "Olhei para dentro e lá realmente vi as placas, o Urim e Tumim e o peitoral, conforme me fora dito pelo mensageiro. A caixa na qual se achavam era formada de pedras unidas por uma espécie de cimento. No fundo da caixa havia duas pedras colocadas transversalmente e sobre estas estavam as placas e as outras coisas com elas".[4]

Quando o rapaz, na impaciência de segurar o tesouro, estendeu o braço para a cavidade a fim de removê-lo, um choque semelhante ao produzido pela eletricidade deixou seu braço sem forças, fazendo com que o retirasse. Três

---

3. (Nota) Esse sítio histórico é agora propriedade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O monumento foi dedicado no verão de 1935. A notável obra de escultura é trabalho de um homem de Salt Lake, Torlief Knaphus, um norueguês convertido à fé mórmon.

4. **History of the Church**, Período I, Vol. I, p. 16.

vezes ele repetiu a tentativa sem sucesso, porém, a cada vez, o choque parecia mais forte. Então Joseph bradou alto em sua aflição: "Por que não posso obter este livro?". Uma voz a seu lado respondeu: "Porque não guardaste os mandamentos do Senhor."

O anjo Morôni postou-se perante ele, e sua presença relembrou a Joseph aquela injunção da noite anterior: "Não tenhas outro objetivo em vista na obtenção das placas, senão o de glorificar a Deus". Durante a caminhada para a encosta, sonhos insensatos de riqueza, comodidade e fama, haviam atravessado a mente do rapaz. Um anseio de gozar aquilo que o dinheiro pode proporcionar dominou-o por um momento — tudo jazia ali a seu alcance — mas estava impossibilitado de tocá-lo. E eis que ele se ajoelha humilhado e arrependido diante do instrutor celestial. Em submissão e sincero arrependimento, o poder de sua alma de novo despertou. "Os céus se abriram e a glória do Senhor resplandeceu por toda a parte, vindo repousar sobre ele". Enquanto o rapaz assim se quedava, contemplando e admirando, o anjo disse: "Vê!" e olhando Joseph viu o "Príncipe da Escuridão", cercado por seu inumerável séquito de associados. Tudo isto se passou diante dele, e o mensageiro celestial disse:

"Estas coisas te são mostradas, o bem e o mal, o santo e o impuro, a glória de Deus e o poder da Escuridão, para que possas conhecer daqui por diante os dois poderes e nunca ser influenciado ou subjugado pelo iníquo. Eis que tudo que induz e leva ao bem e aos bons atos é de Deus; mas tudo que não, é do ser iníquo; é ele que enche de mal o coração dos homens para caminharem em escuridão e blasfemarem contra Deus; possas tu de agora em diante saber que seus caminhos levam à destruição, mas o caminho da santidade é paz e descanso. Vês agora que não poderias ter obtido este registro; que o mandamento era restrito, e que se estas coisas sagradas viessem a ser conseguidas, deveriam sê-lo pela prece e fidelidade na obediência ao Senhor. Elas não estão depositadas aqui com o propósito de acumular ganho e riqueza para a glória deste mundo; foram seladas pela oração da fé, e devido ao conhecimento que encerram não são de qualquer valor entre os filhos dos homens, senão para sua instrução. Nelas está contida a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo, da forma como foi dado a seu povo nesta terra (América), e quando for trazido à luz pelo poder de Deus será levado aos gentios, dos quais muitos o receberão, e obedecendo a eles, a semente de Israel será acolhida também no regaço de seu Redentor.

"Aqueles que guardaram os mandamentos do Senhor nesta parte da terra obtiveram, através da oração da fé, a promessa de que se seus descendentes transgredissem e se corrompessem, um registro seria mantido e entregue a seus filhos nos últimos dias. Estas placas são sagradas e devem ser assim mantidas, pois a promessa do Senhor com relação a elas precisa se cumprir. Nenhum homem poderá obtê-las se tiver o coração impuro, porque contêm o que é sagrado; ademais, fossem elas confiadas a mão indignas, e o conhecimento não viria ao mundo, pois o saber desta geração não poderia interpretá-las; em conseqüência seriam consideradas sem outro valor que o de um metal preciso. Portanto, lembra-te de que elas devem ser traduzidas pelo dom e poder de Deus. Através delas o Senhor realizará uma grande e maravilhosa obra; a sabedoria dos sábios perecerá e o entendimento dos prudentes se esconderá, e porque o poder de Deus se fará demonstrar, aqueles que professam conhecer a verdade mas caminham em hipocrisia tremerão de ira; porém, com sinais e maravilhas, com dons e curas, com a manifestação do poder de Deus e como Espírito Santo, será confortado o coração dos fiéis. Tu presenciaste o poder de Deus sendo manifestado, assim como o poder de Satanás: e viste que não há nada de desejável nas obras da escuridão; que elas não podem trazer felicidade; que os que são por ela subjugados se tornam miseráveis, enquanto os justos são abençoados com paz no reino de Deus onde os envolve uma alegria inefável.***

"Eu te dou um outro sinal, e quando ele ocorrer então conhecerás que o Senhor é Deus e cumpre seus propósitos, e que o conhecimento que este registro contém alcançará cada nação, tribo, língua e povo debaixo do céu. Este é o sinal; quando tais sinais começarem a ser conhecidos, ou seja, quando se souber que o Senhor te mostrou essas coisas, os que obram iniqüidade procurarão destruir-te; farão circular falsidades para conspurcar tua reputação, e também procurarão tirar-te a vida; mas lembra-te disto: se fores fiel, e permaneceres daqui por diante guardando os mandamentos do Senhor, serás preservado para levar a cabo essas coisas; pois no devido tempo ele de novo te dará mandamento para vir apanhar as placas.*** Teu nome

será conhecido entre as nações, pois a obra que o Senhor realizará através de tuas mãos fará os justos rejubilarem e os iníquos se enraivecerem; entre uns ela será levada em honra, entre outros em descrédito; e, no entanto, para estes ela representará terror devido à grande e maravilhosa obra que seguirá a manifestação desta plenitude do Evangelho".[5]

É preciso estar preparado para fazer a obra do Senhor. Não basta uma boa disposição. O anjo tornou isto perfeitamente claro para o rapaz. Quatro anos deveria levar a preparação, anos de árduo estudo, de aderência aos mandamentos de Deus, de instruções pelo glorioso personagem diante dele, o qual o encontraria anualmente ali, no mesmo local. "Conforme o que me havia sido ordenado", diz o Profeta, "compareci ao fim de cada ano, e toda vez encontrei lá o mesmo mensageiro, recebendo instrução e sabedoria em cada entrevista, com respeito àquilo que o Senhor estava para fazer, e como e de que maneira seu reino devia ser construído nos últimos dias"[6].

Quando Joseph galgou pela primeira vez esta determinada elevação de terreno, ela era para ele uma mera colina dentre as muitas da vizinhança; mas seu retorno foi de "Cumorah", um sítio sagrado que encerrava os segredos de um povo outrora grande, e a gloriosa mensagem de Cristo a todo o mundo.

Leituras Suplementares

Para uma descrição do Monte Cumorah veja:

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. I, pp. 75-76.

Para uma descrição moderna do Sítio de Cumorah veja:

2. **Improvement Era,** Setembro, 1935, p. 542.

3. **Church Section – Deseret News,** 13 de julho de 1935, 20 de julho de 1935 e 18 de janeiro de 1936.

---

5. (Nota) Pelo registro das emoções e pensamentos do Profeta durante essa visita, assim como das palavras do anjo a ele estamos em dívida para com Oliver Cowdery, cujo relato escrito desses assuntos apareceu numa série de oito cartas publicadas primeiramente no **Latter - day Saints, Messenger and Advocate,** Kirtland, Ohio, 1834-5, Volumes I e II. As cartas foram reproduzidas diversas vezes em publicações S. U. D., estando uma das últimas na revista **Improvement Era,** Vol. II, 1899. Joseph Smith era o editor do **Messenger and Advocate.** Portanto, essa edição trazia a aprovação do Profeta e pode ser considerada autêntica, como se tivesse sido escrita por sua própria mão.

History of the Church, Período I, Vol. I p. 16. Ver também Joseph Smith 2:54.

CAPÍTULO 5

TRADUÇÃO E PUBLICAÇÃO DO LIVRO DE MÓRMON

Breve Relance na Vida de um Jovem Profeta.

O profeta é, ao fim de tudo, um ser humano como qualquer outro. Ele precisa comer e dormir, procurar calor e abrigo, e isso muitas vezes significa longas horas de trabalho físico. Ele é sujeito às mesmas leis, suscetível às mesmas dores, e governado pelos mesmos impulsos. Sua qualificação para ser instrumento nas mãos de Deus não é um dom da eternidade, mas produto de aperfeiçoamento interior.

Para falar com Deus ou aprender Sua vontade uma pessoa deve se ajustar à lei pela qual aquela comunicação poderá vir, caso contrário não há profeta. Nem o profeta assim denominado é sempre profeta. A harmonia com aquelas leis pelas quais a vontade dos Céus se fará conhecer é um feito raro e sua obtenção pode se dar a intervalos mais ou menos irregulares. Relativamente poucas pessoas na história lograram alcançar tal conformidade, e nenhuma por período ilimitado de tempo. Isso acontece porque os requisitos parecem envolver uma pureza de alma e uma intensidade de fé raramente atingida neste mundo sombrio de egoísmo e dissensão. Um simples sopro de ar nos delicados instrumentos de pesagem do químico perito inutiliza seu experimento. O mecanismo da alma parece ser igualmente sensitivo. A mais insignificante dúvida ou pensamento impuro perturba seu equilíbrio, e o profeta descamba para o nível da humanidade comum. Mas, naquelas raras ocasiões em que as almas dos homens lograram comunicar-se com o Altíssimo, a humanidade recebeu seus maiores esclarecimentos.

Durante o período de 22 de setembro de 1823 até o mesmo dia, 4 anos mais tarde, Joseph Smith viveu a mesma vida de qualquer outro rapaz da fronteira cujos pais fossem pobres, e para o qual houvesse pouca oportunidade de educação ou viagens. Ele continuou a trabalhar na fazenda de seu pai, próximo a Palmyra, e ocasionalmente era empregado pelos vizinhos para várias tarefas de trabalho manual. Ele se desenvolvia rapidamente para a maturidade e parecia imbuído dos mesmos desejos e tendências que animavam qualquer outro jovem normal.

Nós temos muito pouca informação direta a respeito daqueles anos. Não há qualquer dúvida de que seus pensamentos eram mais sérios do que em outras circunstâncias, e a contemplação da tarefa que tinha pela frente conferia-lhe sobriedade, impedindo-o de cometer muitas das tolices ou erros mais sérios que são comuns entre os jovens nesse período.

Todos os anos ele voltava a visitar o Monte Cumorah, e recebia instruções do Anjo Morôni. Não temos qualquer registro da natureza dessas instruções, mas é evidente que se referiam à planejada obra de tradução das placas e organização da Igreja.

O Casamento de Joseph.

Durante esses anos nos quais manteve em sigilo seu conhecimento recém-adquirido, Joseph encontrou tempo para uma corte proveitosa. Quando ele surgiu de repente na casa de seu pai, em Manchester, trazendo pelo braço uma linda moça de olhos castanhos que apresentou como Sra. Joseph Smith Jr., as más línguas começaram a se agitar pela

comunidade. A bisbilhotice cresceu, especialmente quando se soube que os dois jovens, contrariados no desejo de obter a bênção paterna, haviam fugido para se casar.

Emma Hale, a jovem noiva, muito bela e inteligente, não havia hesitado em abandonar a casa de seu pai, contrariando-lhe a vontade, para seguir o homem de sua escolha. Aquela mesma lealdade

Emma Hele Smith, casada com Joseph no dia 18 de janeiro de 1827.

deveria ligá-la numa devoção indiscutível a seu invulgar esposo, através de todas as agruras e perambulações subseqüentes.

Joseph por aquela época contava vinte e um anos de idade e sua noiva vinte e três. Emma naturalmente não necessitava do consentimento de seu pai, mas ambos o havíam desejado.

Joseph tinha se hospedado no lar dos Hale em Harmony, Pennsylvania, quando a serviço de um certo Josiah Stoal. Para o Sr. Hale ele era comparativamente estranho. A cidade estava repleta de maledicência sobre o jovem visionário, portanto, o calejado pioneiro não merece censura por sua atitude. Ele não demorou muito a se conformar com a situação, e, em breve, estava convidando o casal para vir morar em sua casa.

Muitos meses deveriam se escoar antes da obtenção das placas de ouro. Foi um ano de calma felicidade para o casal, e que provou não ser mais do que a calmaria precedendo a tempestade – o prelúdio de anos de perseguição.

Foi na manhã do vigésimo primeiro dia de setembro de 1827 que a tempestade irrompeu, pois naquela manhã o Monte Cumorah entregou seu segredo, e o "livro de ouro" – primeira evidência tangível do "Mormonismo" – foi confiado às mãos do Profeta.

Os Antigos Registros Chegam às Mãos de Joseph.

Pela quinta vez ele se ajoelhara diante do receptáculo de pedra que ocultava há quatorze séculos os antigos registros – mas agora o receptáculo estava vazio. Com o tesouro sagrado em seus braços Joseph ouvia o anjo a seu lado dizer:

"Tu agora reténs o registro em tuas próprias mãos, e não és mais do que um homem. Portanto, tens que ser cuidadoso e fiel em tua incumbência, ou serás subjugado pelos homens iníquos. Pois maquinarão toda trama e plano possível para retirá-las de ti, e se não te precaveres, eles o lograrão. Enquanto as placas estavam em minhas mãos, eu as pude guardar e nenhum homem teve poder para retirá-las! Mas agora entrego-as a ti. Acautela-te e cuida bem de teus caminhos, e terás poder para retê-las até o tempo de serem traduzidas"[1].

O anjo o deixou e o jovem Profeta permaneceu na encosta da colina cercado pelas florestas e povoados dispersos.

1. Lucy Smith, **History of the Prophet Joseph**. Cap. 22, p. 10.

Daquela elevação podiam-se divisar os sinais de uma civilização que se estava espalhando sobre o grande continente americano. Ele sustentava nas mãos os registros de outros povos, que, muito, muito tempo atrás, haviam testemunhado sua civilização cobrir a terra durante séculos, e então desaparecer.

A importância do registro, a seriedade de seu chamado, o reconhecimento de suas próprias fraquezas e das grandes provações que o aguardavam, devem tê-lo tornado realmente humilde enquanto encetava a descida daquele monte que se mantivera sagrado por quatorze séculos.

Se em imaginação o rapaz contemplou por algum tempo esse estranho passado, a consciência das placas dentro de seu sobretudo, sua esposa, Emma, esperando-o no sopé da colina, e o coche de Joseph Knight, que havia sido emprestado para a ocasião, devem tê-lo reclamado constantemente de volta à aguda realidade do presente.

Quando Joseph e Emma retornaram à residência dos Smiths, em Manchester, estavam sem as placas. Estas, envoltas na capa ou túnica camponesa de Joseph, tinham sido retiradas do coche e escondidas no bosque, dentro de um tronco abatido de bétula, a uns três quilômetros de distância.

Joseph não tomou ninguém, nem mesmo sua esposa, por confidente a respeito das placas ou seu lugar de esconderijo. Os amigos sabiam, contudo, que ele havia recebido os registros, e essa notícia de alguma forma alastrou-se depressa por todo o povoado.

Seu efeito sobre a comunidade foi interessante. Apesar do relato da primeira visão ter levantado um ressentimento que, onde quer que Joseph se dirigisse, o isolava da sociedade de algumas pessoas, nenhum antagonismo ativo havia sido manifestado. No entanto, quando se espalhou a notícia de que o rapaz tinha em sua posse um livro de folhas de ouro, todas as formas de violência e estratégia foram empregadas para arrancá-lo dele. Que motivos provocaram tais atentados, além da ânsia de riqueza, é assunto de mera conjetura. Joseph pouco nos deixou escrito com relação a isso. Ele diz: "Tão logo a notícia da descoberta se divulgou, falsos relatos, desvirtuações e calúnias voaram nas asas do vento para todas as direções; a casa era freqüentemente atacada pelo populacho e por pessoas mal-intencionadas, e várias vezes dispararam contra mim, que por pouco escapei. Todo ardil foi empregado para subtrair-me as referidas placas".[2]

Nós meses subseqüentes os registros encontraram vários locais curiosos de esconderijo – uma escavação dentro da lareira dos Smiths, o sótão de uma oficina, um barril de feijão, etc. Todas as tentativas de tirá-las de Joseph malograram. [3]

A Natureza dos Antigos Registros.

Dentro de uns cem anos, se não for destruído de outra forma, o livro que o leitor tem agora em suas mãos se terá decomposto inteiramente, a despeito de quaisquer esforços no sentido de preservá-lo.

Nossos escritos se apagam e desbotam com muita rapidez. O documento que Joseph Smith tinha em sua posse permanecera enterrado no solo por quatorze séculos, e os caracteres ainda estavam perfeitos e legíveis. Que tipo de registro era aquele? Que material haviam empregado seus autores, para que resistisse aos elementos por tanto tempo? A melhor resposta é a declaração escrita do Profeta.

---

2. Relato na famosa carta Wentworth. Veja nota número 1 do 2º Capítulo.
3. Os detalhes dessas experiências, os sucessivos esconderijos das placas e as diversas tentativas do populacho de obtê-las são encontrados apenas em um relato da Igreja, **The Hirtory of the Prophet Joseph,** de Lucy Smith.

"Eram gravações feitas sobre placas com aparência de ouro; cada uma media 15 cm de largura por 20 cm de comprimento, não sendo tão espessas quanto folhas de lata comum. As placas, cobertas de gravações em caracteres egípcios, estavam reunidas num volume, como as páginas de um livro, com três anéis transpassando o conjunto. O todo ocupava uns 15 cm de espessura, contendo uma parte selada, e os caracteres da porção exposta eram muito pequenos e caprichosamente lavrados. A obra inteira exibia traços de grande antigüidade em sua estrutura, e muita perícia na arte de gravação. Ao lado dos registros foi encontrado um curioso instrumento, a que os antigos denominavam "Urim e Tumim", e que consistia de duas pedras transparentes, montadas no rebordo de um aro ligado a um peitoral. Por intermédio de Urim e Tumim, e com o dom e poder de Deus, eu pude traduzir os registros".[4]

No fato de não terem sido empregados os costumeiros materiais de escrita jaz o segredo da preservação do documento. Não havia tintas para desbotar — mas as letras eram talhadas ou gravadas, nas finas folhas de um metal, o qual não se corroía e cujo aspecto não se alterava com o passar do tempo. E uma liga de ouro foi empregada para esse fim.

É impossível determinar com exatidão, nestes dias, o peso de um tal bloco de folhas ou placas douradas. Nem o Profeta ou as testemunhas que tiveram o privilégio de manuseá-las deixaram qualquer registro escrito quanto ao peso do volume.

Conquanto o livro tivesse a "aparência do ouro", lemos em seu conteúdo que as placas eram formadas de minério, [5] constituindo antes uma liga do que ouro puro. Seu peso não pode agora ser determinado. O Élder J.M. Sjodahl, após estudo minucioso do assunto, chegou à conclusão de que "O inteiro volume não poderia pesar mais do que 25 kg".[6]

A lingüagem empregada na maior parte do registro não corresponde a qualquer escrita antiga conhecida*. Os autores a denominaram egípcio reformado, ou seja, uma variação de certas formas da escrita egípcia. Talvez a linguagem conhecida que mais se lhe aproxime seja o antigo fenício, que derivou também do egípcio arcaico. Em vez da grafia vulgar do povo, que se assemelhava ao hebraico, eram usados símbolos hieroglíficos, por ocuparem menos espaço. Se escrevêssemos hoje em dia sobre placas douradas, certamente nos permitiríamos a liberdade de omitir algumas palavras. Elas foram também entalhadas em "caracteres finos", portanto, poucas placas bastariam para o que agora ocupa um livro de 522 páginas na língua inglesa. O fac-símile da página seguinte fornece uma demonstração de quatorze páginas e três quartos do **Livro de Mórmon,** escritas em hebraico, mas o idioma utilizado no registro ocupava ainda menos espaço. O Élder Sjodahl estimou em menos de quarenta e cinco o número das páginas gravadas em ambos os lados, que seriam necessárias para conter todo o registro revelado, inclusive, a parte de que se perdeu a tradução.[7]

4. Carta Wentworth, veja nota número 1 do 2º Capítulo. Veja também uma reimpressão da carta em **History of the Church** - Período I, Vol. IV, p. 537.

5. I Néfi 19:1, Mórmon 8:5.

6. J. M. Sjodahl - **An Introduction to the Study of the Book of Mormon**, p. 44. Ver leitura suplementar no fim do capítulo.

* Nota: As pequenas placas de Néfi foram escritas num dos sistemas egípcios daquele tempo, e seriam agora um método de escrita conhecido

7. Sjodahl — **Introduction to the Study of the Book of Mórmon, p. 42.**

Tradução hebraica de II Néfi, Capítulos de 5:20 a 11:3 inclusive (cerca de 14 e 3/4 páginas da versão inglesa).
Cortesia de J. M. Sjodahl

Ao lado das placas estava ainda um antigo peitoral, ao qual se ligava o Urim e Tumim quando o Profeta pela primeira vez o obteve. Lucy Smith, mãe de Joseph, afirmou que esse peitoral lhe fora mostrado por seu filho, comentando:

"Ele estava envolto por um lenço de tênue musselina, de forma que eu podia sentir suas proporções sem qualquer dificuldade. Era côncavo de um lado e convexo do outro, estendendo-se do pescoço até o centro do estômago de um homem de tamanho extraordinário.

Continha quatro tiras do mesmo material,

destinadas a adaptá-lo ao peito, duas das quais iam para trás, por cima dos ombros, e as demais prendiam-se aos quadris. Eram da largura de dois dedos meus (pois as medi), contendo orifícios nas extremidades para as adaptarem ao corpo. Depois de eu tê-lo examinado, Joseph o colocou no cofre juntamente com o Urim e Tumim".[8]

Ignora-se qual o papel, se é que houve algum desempenhado pelo peitoral no subseqüente trabalho de tradução do livro.

O lar de Joseph Smith (no centro), perto de Harmony, Pennsylvania, onde a maior parte do Livro de Mórmon foi traduzida.
Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

A Tradução do Registro

Foram frustradas várias tentativas de pessoas que procuraram apoderar-se das placas, porém isto alertou Joseph a iniciar de imediato o importante trabalho da tradução.

Em dezembro de 1827, o Profeta foi convidado para morar com seu sogro, Isaac Hale, em Harmony, Pennsylvania. Desejando um local em que pudesse encontrar a paz e a calma necessárias para o adiantamento de seu trabalho, ele aceitou o convite. Joseph estava sem meios para fazer a viagem e iniciar a tradução, mas, por essa época, um próspero fazendeiro de Palmyra demonstrou - se verdadeiramente seu amigo. Martin Harris ouvira e acreditara no relato das visões de Joseph, e estava especialmente interessado no "livro de ouro". Quando o Profeta se preparava para partir com destino a Harmony, ele veio ao seu encontro e presenteou-o com cinqüenta dólares, como dádiva para a "obra do Senhor".

Chegando a Harmony com sua esposa, Joseph entrou em entendimentos para comprar casa e fazendola, pertencentes à família Hale, e começou seu verdadeiro estudo dos antigos registros.

Entre dezembro de 1827 e fevereiro do ano seguinte, o Profeta preparou um manuscrito com caracteres das placas (veja fac-simile na página seguinte), e traduziu alguns deles "por intermédio de Urim e Tumim".[9]

8. Lucy Smith, **History of the Prophet Joseph** Cap. 24 23 - **Pág.** 111 - 112.

9. **History of the Church** — Periodo I, Vol. I p. 19.

Fac-símile dos caracteres transcritos das placas do Livro de Mórmon por Joseph Smith e dados a Martin Harris, que os submeteu ao exame dos Professores Charles Anthon e Samuel I. Mitchell.

Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

Em fevereiro, Martin Harris chegou a Harmony, e tomando de uma tradução dos caracteres que Joseph havia feito, levou-a para Nova Iorque — evidentemente determinado a comprovar a história de Joseph Smith concernente às placas.

Através de diversos relatos e documentos [10] fica patente que os Professores Anthon e Mitchell, de Nova Iorque, examinaram os dois papéis que Harris posuía, contendo o primeiro uma transcrição de caracteres não interpretados, e o outro uma cópia acompanhada da respectiva tradução. Conforme relata Martin Harris, o Professor Anthon deu - lhe um certificado atestando que os caracteres a ele apresentados eram genuínos, sendo bastante acurada sua tradução. Após ouvir de Harris que os antigos registros tinham sido obtidos de um anjo, o professor solicitou o certificado e o rasgou em pedaços. Sua razão é bastante óbvia. Nem o Professor Anthon nem qualquer outro homem podia ler os caracteres. Mesmo na data em que esta obra está sendo escrita, a linguagem das placas permanece uma incógnita. Como nos informa Morôni, em Mórmon 9:32, aqueles caracteres representavam um idioma que evoluíra do egípcio, e mesmo que conservassem grande identidade com os hieróglifos comuns, era pouco provável que o Professor Anthon pudesse tê-los lido, porquanto até os próprios hieróglifos eram então pouco conhecidos, e nenhum americano estava qualificado para sua leitura. [11]

Mantendo em mente esses fatos, chegamos à conclusão: O Professor Anthon não tinha elementos para atestar a exatidão do texto traduzido, nem a autenticidade dos caracteres e, ou pretendia apossar-se das placas, ou não desejava confessar sua ignorância da antiga língua. Eis porque forneceu o certificado. Ao descobrir a natureza dos antigos registros, e o que poderia acontecer com essa declaração, foi esperto o suficiente para destruí-la antes que seu fingido conhecimento o tornasse alvo da zombaria de outros homens letrados. Se o professor Mitchell, a quem Martin Harris exibiu também as cópias, concordou quanto à autenticidade dos caracteres, ele teve pelo menos o discernimento

---

10. Roberts, **Comprehensive History of the Church** Vol. 1. Cap. IX.
Ver também Joseph Smith 2:62

11. (Nota) A Gramática Egípcia de Champolion não apareceu senão em 1836 e, juntamente com seus outros trabalhos é a base para todos os estudos de egiptologia.

de não atestar algo que estava impossibilitado de conhecer.

Basta-nos o fato de que os dois sábios ficaram visivelmente impressionados com os caracteres e sua tradução. Retornando desses encontros, Martin Harris estava pronto para devotar muito tempo à obra, bem como a emprestar dinheiro para publicar a tradução.

Este incidente cumpriu as seguintes palavras do **Livro de Mórmon:**

"E acontecerá que o Senhor Deus tornará conhecidas as palavras de um livro, e estas serão as palavras dos que adormeceram. E eis que o livro estará selado. *** Portanto, por causa das coisas que estão seladas, essas mesmas coisas não se tornarão conhecidas no dia das maldades e das abominações do povo. Portanto, o livro lhes será escondido. Mas o livro será entregue a um homem, e ele tornará conhecidas as palavras do mesmo e que são as palavras dos que adormeceram no pó, e ele as fará conhecidas a um outro; mas ele não tornará conhecidas as palavras que estão seladas, e nem entregará o livro. *** Mas eis que acontecerá que o Senhor Deus dirá àquele a quem for entregue o livro: Toma estas palavras que não estão seladas e entrega-as a um outro, para que ele as possa mostrar ao instruído, dizendo: Lede isto, eu vos suplico. E o instruído dirá: Trazei-me o livro e eu o lerei. E por causa da glória do mundo e para tirar proveito dirão isso, e não para a glória de Deus. E o homem dirá: Não posso trazer o livro, pois está selado. E o instruído então lhe dirá: Não o posso ler. E acontecerá, portanto, que o Senhor Deus entregará novamente o livro e as palavras ao que não é instruído; e o homem que não é instruído dirá: Não sou instruído. Então lhe dirá o Senhor Deus: Os instruídos não as leram porque as rejeitaram, e Eu sou capaz de fazer minha própria obra; lerás, portanto, as palavras que te darei".[12]

A profecia foi o fator primordial que levou Joseph Smith a preparar a transcrição dos caracteres que entregou a Martin Harris, e seu cumprimento, com efeito, teve grande influência sobre o último.

Martin Harris como escrevente.

Martin Harris preparou-se para uma longa ausência de sua fazenda, indo para Harmony no dia 12 de abril, onde serviu de escrevente para Joseph Smith até 14 de junho, período durante o qual escreveu 116 páginas de papel almaço. O trabalho foi interrompido em diversas ocasiões, pois os negócios muitas vezes obrigaram Martin a retornar até sua casa por diversos dias.

Algum tempo após iniciar seu trabalho como escrevente, Martin Harris começou a importunar Joseph Smith, para que lhe permitisse levar até em casa os escritos que já haviam feito, a fim de convencer sua esposa e amigos, que eram céticos quanto à natureza da obra na qual estava empenhado. Joseph perguntou ao Senhor e recebeu resposta que não deveria aceder. Uma segunda pergunta resultou em igual resposta. Martin Harris continuou a instar com Joseph, e este persistiu inquirindo o Senhor, até sentir que ele havia concordado com a petição.

No dia 14 de junho de 1828, Martin Harris deixou Harmony, levando consigo as 116 páginas de papel almaço que continham a porção traduzida do **Livro de Mórmon.** Foi a última vez que o Profeta as viu. Martin Harris quebrou sua promessa solene de não as mostrar a ninguém mais, além das poucas pessoas designadas, resultando daí que foram roubadas e destruídas.

Como conseqüência do incidente, o Anjo Morôni retirou de Joseph o Urim e Tumim e os antigos registros, os quais apenas foram devolvidos após ter-se ele humilhado perante o Senhor. À Martin Harris negou-se o privilégio de continuar trabalhando como escrevente a despeito de seu arrependimento pelo que ocorrera.

A censura do Senhor a Joseph Smith, por essa ocasião, contém uma mensagem para toda a humanidade: "Embora um homem receba muitas revelações e tenha poder para realizar os milagres, contudo, se ele se vangloria de sua própria força e menospreza os conselhos de Deus e segue os ditames de sua própria vontade e desejos carnais, cairá e susci-

12. II Néfi 27:6-20. Compare com o Livro de Isaias 29:10-13.

tará sobre si a vingança de um Deus justo. [13]

Joseph não reassumiu imediatamente sua obra de tradução. Estava sem um escrevente, e além do mais tinha absoluta necessidade de trabalhar na pequena fazenda que havia comprado, para ganhar a subsistência de sua família.

Em meio a essas graves ocorrências, uma profunda dor atingiu o lar do Profeta. No mês de julho de 1828, Emma teve um filho que veio logo a falecer, ficando também a mãe às portas da morte. O tratamento de sua esposa e o cuidado da fazenda impediram maior avanço no trabalho dos antigos registros. Passaram-se os meses e Emma principiou a convalescer, assumindo com freqüência a função de escrevente para seu jovem marido, o qual, após um árduo dia de trabalho, devotava ainda algumas horas à lenta tarefa de tradução. As preces do Profeta elevavam-se amiúde, rogando que as circunstâncias de novo lhe permitissem dedicar tempo integral à sua missão.

Oliver Cowdery entra em cena.

Foi no anoitecer de um Dia do Senhor, 5 de abril de 1829, que Oliver Cowdery, um jovem professor, apareceu à porta do Profeta, em Harmony, Pennsylvania. Joseph aceitou o rapaz como uma resposta a suas petições, e dois dias mais tarde o trabalho de tradução era retomado, tendo o jovem converso por escrevente.

No outono do ano anterior, Oliver Cowdery havia assinado um contrato para lecionar no distrito de Manchester, norte do estado de Nova Iorque. Ele ouvira falar do jovem Profeta, de suas visões e alegada posse dos sagrados registros. As notícias tomaram conta de sua mente. Seriam verdadeiras? Apresentou então o problema ao Senhor, e ergueu-se de sua prece com a firme convicção de que Joseph estava empenhado na obra de Deus. Tão firme era aquela convicção que ele obteve dispensa de todos os seus cargos de professor e, partindo para a casa do Profeta, a quem nunca antes havia visto, colocou-lhe à disposição seu tempo e serviço integrais.

Não havia qualquer esperança de recompensa monetária. O cargo não era remunerado, nem garantia regalias. Pelo contrário, atrairia sobre ele o ódio e o ridículo do mundo.

Mas há recompensas maiores do que o ouro e a prata, e uma delas é a associação com um Profeta de Deus. Oliver comenta mais tarde esse período, dizendo:

"Aqueles foram dias inolvidáveis — estar sentado ouvindo o som de uma voz ditada pela inspiração do céu despertou a mais profunda gratidão neste peito! Dia após dia continuei ininterruptamente a escrever as palavras de sua boca, enquanto ele traduzia com o Urim e Tumim, ou "Intérpretes", como teriam dito os nefitas, a história ou relato chamado **Livro de Mórmon**". [14]

Enquanto durava a tradução, Oliver, em companhia de Joseph, ia buscando, através da prece, resposta a muitos e perturbadores problemas, sendo atendido. Acerca dessas experiências singulares nos alongaremos mais em capítulo posterior.

Oliver Cowdery emergiu delas com um tal testemunho da obra em que esta-

O LAR DE PETER WHITMER, ONDE FOI TERMINADA A TRADUÇÃO DO LIVRO DE MÓRMON.

German E. Ellsworth e a esposa do profeta George Albert Smith, em frente do local onde existia a casa de Peter Whitmer, em Fayette, Condado de Sêneca, Nova Iorque, onde a Igreja foi organizada em 6 de abril de 1830.

13. **Doutrina e Convênios**, Sec. 3:4.

14. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. I, p 122. Ver também Joseph Smith 2. Na **Pérola de Grande Valor.**

va empenhado e da missão de Joseph Smith que essa convicção nunca pôde ser abalada.

O trabalho de tradução progrediu rapidamente, mas a oposição em Harmony começou aos poucos a se concretizar, e apenas a firme determinação de Isaac Hale, de fazer prevalecer a lei e a ordem, impediu o populacho de exercer a violência ativa. Oliver vinha se correspodendo havia já algum tempo com um seu amigo, David Whitmer, e o mantinha informado a respeito da obra do Profeta.

Assim descreve Joseph esse período:

"Logo após principiar a traduzir, fiquei conhecendo o Sr. Peter Whitmer, de Fayette, Condado de Sêneca, Nova Iorque, e também outros membros da família. No princípio do mês de junho, seu filho David Whitmer veio ao lugar onde eu residia, trazendo consigo uma carroça de dois cavalos, disposto a levar-nos em sua companhia para a casa do pai, lá permanecendo até que tivéssemos o trabalho terminado. Prometeu garantir o nosso sustento e a assistência de um de seus irmãos como escrevente, assim como seu próprio auxílio, quando necessário. Tendo muita necessidade dessa ajuda oportuna numa empresa tão árdua, e sendo informados de que o povo da vizinhança dos Whitmers aguardava ansiosamente a oportunidade de averiguar tais coisas, aceitamos o convite, acompanhando aquele senhor à casa de seu pai e residindo lá até finda a tradução e garantidos os direitos autorais. Quando de nossa chegada, encontramos a família do Sr. Whitmer muito ansiosa com respeito à obra e animada de amistosa disposição para conosco. Eles conservaram essa boa vontade, alojaram-nos conforme o combinado, e John Whitmer, em particular, colaborou muitíssimo com o restante do trabalho, na função de escrevente".[15]

David Whitmer e Emma, esposa de Joseph Smith, substituíam de tempos em tempos a Oliver Cowdery em sua tarefa, e assim o grande trabalho ficou completo em julho ou agosto de 1829.

Reconhecendo o perigo de confiar num único manuscrito, o Profeta instruiu Oliver a fazer uma cópia de toda a tradução, a qual escondeu. A partir dessa cópia é que o **Livro de Mórmon** foi finalmente publicado.[16]

O Método de Tradução

Conforme já se mencionou, os antigos registros estavam escritos numa linguagem inteiramente desconhecida na época presente. Tivesse Joseph sido instruído pelos grandes mentores de seu tempo, encontrando-se em igualdade de posição com os modernos intérpretes de idiomas do passado, e aqueles registros que tinha diante de si teriam permanecido em branco, o quanto dependesse de sua própria habilidade humana para decifrá-los. Que se chamassem em conferência todos os renomados lingüistas do mundo, colocando diante deles os antigos registros nefitas, e estes ainda não teriam conseguido interpretar uma única frase.[17]

Como pois se afetuou a tradução? O Profeta foi enfático ao rogar assistência divina, a qual obteve por intermédio de um aparelho denominado "Urim e Tumim". Uma breve descrição fornecida pelo Profeta sobre esse instrumento peculiar foi transcrita anteriormente.[8]

Desconhece-se o método exato de emprego da estranha invenção, pois

15. **History of the Church** - Período 1, pp. 48-49.

16. Nota - O manuscrito original continha a caligrafia de diversas pessoas que ocuparam as funções de escrevente, apesar da maior parte pertencer a Oliver Cowdery. Sua declaração posterior, de haver anotado o inteiro manuscrito do Livro de Mórmon de próprio punho, exceto umas poucas páginas, devia referir-se apenas à cópia do original que retinha consigo. O manuscrito primitivo permaneceu nas mãos de Joseph Smith e foi mais tarde depositado na pedra fundamental do Templo de Nauvoo. Posteriormente uma parte desse registro veio ter às mãos do falecido Presidente Joseph F. Smith (ver o artigo Joseph F Smith no Deseret News de 23 de dezembro de 1899). A cópia de que foi publicado o **Livro de Mórmon** continuou sendo propriedade venerada de Oliver Cowdery. Por ocasião de sua morte, em 1850, o manuscrito caiu em poder de David Whitmer e está em poder da Igreja Reorganizada dos SUD.

17. J. M. Sjodahl, autor de **Introduction to the Study of the Book of Mórmon**, enviou recentemente as sete linhas de caracteres, que são em geral admitidas como cópia genuina das gravações das placas (vide figura 33) aos mais eruditos linguistas do mundo. Apesar dos caracteres serem declarados legítimos, ninguém ainda pôde interpretá-los.

18. Veja Urim e Tumim na página 32.

Joseph Smith pouco ou nada nos deixou nesse particular. São comuns em nossos dias os aparelhos de auxílio aos sentidos, tais como o telefone e o rádio para o ouvido, e o microscópio, o telescópio, filmes e televisão para os olhos. O "Urim e Tumim" deve ter sido um instrumento destinado a auxiliar a senbilidade e habilitar os profetas a colocar-se rapidamente em comunicação com os poderes divinos. Foi empregado tanto nos tempos modernos como nos antigos e os profetas de Israel possuíam um "Urim e Tumim" através do qual o desejo do Senhor se fazia conhecer.[19] O aparelho que veio ter às mãos de Joseph Smith estivera depositado com as placas, e, de acordo com os registros, havia sido confiado em primeira mão pelo Senhor a um profeta do passado, que consta no relato como "o irmão de Jared".[20] Em Éter 3:23-24 lemos:

> "E eis que estas duas pedras eu tas darei, e tu as selarás conjuntamente com as coisas que escreveres. Pois eis que a língua em que escreverás foi confundida; portanto, farei com que, no meu devido tempo, estas pedras magnifiquem aos olhos dos homens as coisas que escreveres".

É bem natural que a tradução do registro não fosse empresa fácil, mesmo empregando-se nela o instrumento mecânico. Requeria grande concentração de pensamento, e, por vezes, quando a mente de Joseph estava em tumulto devido a desacordos familiares ou outros assuntos, ele não conseguia de forma alguma traduzir. A fé em Deus e a pureza de alma teriam sido os requisitos fundamentais do processo, como ocorre em toda comunicação com Deus.

Na Seção 9 de **Doutrina e Convênios,** é apresentado um esclarecimento do problema de tradução, quando Oliver recebe licença para traduzir por algum tempo, sendo-lhe confiado para tanto o Urim e Tumim juntamente com os antigos escritos. Sua tentativa foi um rematado fracasso, e o Senhor disse-lhe através do Profeta Joseph Smith:

> "Não compreendeste; tu supuseste que Eu t'o daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.
>
> "Mas, eis que Eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois Me deves perguntar se é correto, e se for, Eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim que é certo.
>
> "Mas se não for correto não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento que te fará esquecer o que for errado; portanto, não podes escrever aquilo que é sagrado a não ser que Eu te "permita"[21]"

Assim expôs o Senhor o método de tradução, o qual certamente se aplicava tanto a Oliver Cowdery como a Joseph Smith ou qualquer outro tradutor. O Profeta, por meio de estudo dos caracteres que lhe eram "desvendados", "ponderava em sua mente", e quando tinha certeza de que o pensamento estava correto, expunha-o com suas próprias palavras e em voz alta, para o escrevente, do qual ficava separado por uma cortina durante o processo de tradução. O trabalho era pois sujeito às imperfeições de linguagem e gramática que caracterizavam os primeiros escritos do Profeta, e aos enganos de ortografia peculiares do escrevente.[22]

Não há qualquer dúvida de que com o avançar da tradução, o Profeta se tornava familiarizado com o sistema de escrita do passado e com a interpretação dos símbolos, de forma que não precisava consultar tanto o Urim e Tumim, mas podia decifrar de imediato os caracteres idênticos aos já encontrados previamente. Como nos idiomas antigos um mesmo símbolo podia encerrar muitas nuances de significado, conforme seu uso particular, parte da beleza do original deve ter-se perdido na tradução.

Além disso, é fato reconhecido por todos que fizeram traduções para a língua inglesa, que não se encontram no idioma equivalentes para certas expre-

19. Êxodo 28:30; Lev. 8:8, Núm. 27:21, Deut. 33:8; I Sam. 28:6; Esdras 2:63, Neemias 7:65.
20. Livro de Mormon - Éter 3:23-24.

21. Doutrina e Convênios 9:7-9

22. Os erros de gramática e ortografia foram corrigidos pelo brilhante erudito da Igreja, Orson Pratt. O estilo de expressão e significado das sentenças, contudo, permaneceu absolutamente inalterado. Orson Pratt, membro do Quorum dos Doze, dividiu o livro em capítulos e versículos, em 1879.

sões ou para certas variantes do significado original. Estes são fatores lamentáveis e inevitáveis no trabalho de tradução.

É evidente também, que o Profeta tinha a Bíblia a seu lado durante a tradução. Nos trechos em que os antigos autores citavam Escrituras hebraicas de que possuíam uma cópia,[23] ele apelava sem dúvida para a tradução do Rei Tiago, a fim de auxiliá-lo a dar feitio aos pensamentos na língua inglesa. Esse emprego da Bíblia era um reconhecimento de sua própria falta de habilidade literária, e carência da beleza de expressão que caracteriza aquela antiga Escritura. Ele não hesitou, contudo, em corrigir a versão inglesa, sempre que o sentido falhasse em concordar de alguma forma vital com sua interpretação dos caracteres das placas que tinha diante de si.

O período exato de tempo despendido na tradução talvez não seja nunca conhecido. O Profeta dedicou muitas, muitas horas ao estudo dos registros quando os auxiliares não estavam presentes. Nos primeiros dois meses de intensivo estudo, – de dezembro de 1827 – a fevereiro de 1828 –, muito pouco foi passado para o inglês, isto indicando a tremenda extensão do esforço despendido. Se a obra de tradução parece rápida mais tarde, quando Oliver Cowdery já se encontra nas funções de escrevente, deve ser lembrado que os alicerces para a obra final foram lançados por muitos meses de antecipado labor.

A Publicação do Livro de Mórmon.

As dificuldades do Profeta não estavam findas quando a tradução ficou completa e o sagrado registro foi devolvido à guarda do Anjo Morôni. A publicação do livro apresentou muitos problemas. Joseph Smith não tinha possibilidades financeiras, e tão grande era a agitação contra o volume ainda não divulgado, que os editores relutavam em aceitar o serviço.

Martin Harris, que já fora escrevente do Profeta, veio então em seu auxílio, e empenhando a fazenda, induziu Egbert B. Grandin e Companhia, de Palmyra, a imprimir 5.000 cópias do **Livro de Mórmon,** ao preço de $ 3.000 dólares. O contrato foi assinado a 25 de agosto de 1829.

O Profeta tomou precauções extremas para proteger a publicação. O manuscrito original foi guardado, e apenas a cópia feita por Oliver Cowdery, poucas páginas cada vez, foi confiada ao impressor. Oliver, em suas idas e vindas do estabelecimento de impressão, transportando consigo uma parte do manuscrito, era sempre acompanhado por um guarda. A casa em que se retinha o manuscrito também permanecia sob vigilância dia e noite.[24]

Apesar de tais precauções, um relato adulterado da história do **Livro de Mórmon** quase veio a lume antes do próprio original. Soube-se que um certo Sr. Cole tinha acesso aos escritórios da impressora Grandin para publicação de um semanário denominado "Dog - Berry Paper on Winter Hill". Oliver Cowdery e Hyrum Smith descobriram que ele estava para publicar extratos mutilados do **Livro de Mórmon,** preparados com a cópia da impressora. Apenas a ameaça de processo por infração da lei de direitos autorais o levou a desistir.

As primeiras cópias do volume saíram da prensa entre 18 e 25 de março de 1830, ocasionando através da fronteira a repercussão já aludida anteriormente.

Leituras Suplementares

Existem muitos relatos interessantes sobre os eventos deste capítulo, que não poderiam ser incluídos no texto. São especialmente dignos de nota os seguintes:

23. Veja I Néfi 5:10-16

24. Lucy Smith **History of the Prophet Joseph,** cap. 31, pp 99-101 e, ainda , **The Prophet of Palmyra.** de Gregg., pp 34-36.

Vista de Palmyra, Nova Iorque, onde foi impresso o Livro de Mórmon por Egbert B. Grandin e Co.

1. Lucy Smith, **History of the Prophet Joseph,** pp. 99-101 (Joseph é repreendido pelo Anjo Morôni por sua falta de diligência).

2. **Ibid** – pp. 102-110. (Joseph recebe as placas, mas atravessa grandes dificuldades para mantê-las longe dos homens iníquos).

3. **Ibid** – pp. 114-123 (Martin Harris oferece seus préstimos e sua esposa objeta).

4. **Ibid** – pp. 143-146. (Um juiz repreende os inimigos de Joseph).

5. Roberts. **Comprehensive History of the Church,** Vol. I, pp. 120-122. (Oliver Cowdery ora a Deus pedindo testemunho da obra).

6. **Ibid** – pp. 123-124. (O poder de um Vidente é ilustrado).

7. **Ibid** – pp. 125-127. (Eventos sobre-humanos em conexão com o aparecimento do **Livro de Mórmon).**

THE

BOOK OF MORMON:

AN ACCOUNT WRITTEN BY THE HAND OF MORMON, UPON PLATES TAKEN FROM THE PLATES OF NEPHI.

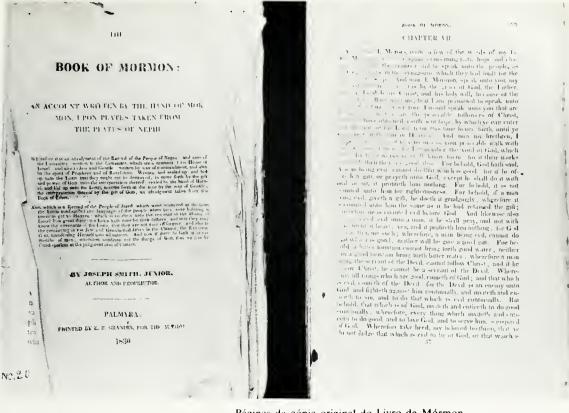
[illegible]

BY JOSEPH SMITH, JUNIOR,
AUTHOR AND PROPRIETOR.

PALMYRA:
PRINTED BY E. B. GRANDIN, FOR THE AUTHOR.
1830.

No. 20

CHAPTER VII.

[illegible]

Páginas da cópia original do Livro de Mórmon.
Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

CAPÍTULO 6

UM NOVO LIVRO DESAFIA O MUNDO — O LIVRO DE MÓRMON

Um Novo Livro Agita a Fronteira

Em abril de 1830, dez anos após as experiências de Joseph Smith no bosque, a fronteira religiosa foi sobressaltada pelo aparecimento de um estranho livro. O título impresso era "O Livro de Mórmon", mas por toda a parte o povo estava se referindo a ele como a "Bíblia Dourada".

Cinco mil cópias saíram de Palmyra, estado de Nova Iorque, para quase todos os povoados e aldeias fronteiriços. Era uma bomba religiosa que ameaçava abalar os próprios alicerces dos credos conhecidos.

Durante os dez anos que se seguiram à primeira visão, em 1820, o nome de Joseph Smith permaneceu pouco conhecido fora dos limites de um pequeno número de vilarejos. Brigham Young, que residia a apenas sessenta e quatro quilômetros do local, e que mais tarde se tornaria seu homem de confiança, não havia tido até então notícia de sua existência. No transcurso de um ano, após publicar esse estranho livro, o nome de Joseph Smith foi conhecido como bom ou mau ao longo de toda a fronteira, desde o Canadá até Nova Orleans, e ainda umas mil milhas a oeste a dentro, no posto comercial de Independence, Missouri. "A Bíblia Dourada" era um tópico vívido de conversação.

Jornais criaram um súbito interesse pelo "Profeta de Palmyra", encontrando eco em suas colunas muitos comentários e críticas ao novo livro. O contrato de impressão do registro traduzido foi feito com E.B. Grandin e Companhia, de Palmyra, a 25 de agosto de 1829. A primeira notícia impressa apareceu seis dias mais tarde.

No exemplar de 31 de agosto de 1829, o **Rochester Daily Advertiser and Telegraph** publicou o seguinte:

"O **Freeman** de Palmyra declara – 'A maior peça de superstição que jamais chegou ao nosso conhecimento ocupa agora a atenção de alguns indivíduos desta localidade. Trata-se do livro geralmente conhecido e designado como a

THE BOOK OF MORMON:

An account written by hand of Mormon, upon plates, taken from the plates of Nephi.

Wherefore it is an abridgement of the Record of the People of Nephi, and also of the Lamanites; written to the Lamanites, which are a remnant of the House of Israel; and also to Jew and Gentile; written by way of commandment, and also by the spirit of Prophecy and of Revelation. Written, and sealed up, and hid up unto the Lord, that they might not be destroyed; to come forth by the gift and power of God unto the interpretation thereof; sealed by the hand of Moroni, and hid up unto the Lord, to come forth in due time by the way of Gentile; the interpretation there of by the gift of God; an abridgment taken from the Book of Ether.

Also, which is a Record of the People of Jared, which were scattered at the time the Lord confounded the languague of the people when they were building a tower to get to Heaven. Which is to show unto the remnant of the House of Israel how great things the Lord hath done for their fathers; and that they may know the covernants of the Lord, tha they are not cast off forever; and also to the convincing of the Jew and Gentile that Jesus is the Christ, the Eternal God, manifesting Himself unto all nations. And now if there be fault, it be the mistake of men; wherefore condemn not the things of God, that ye may be found spotless at the judgement seat of Christ.

***

The above work, containing about 600 pages, large Duodecimo, is now for sale, wholesale and retail, at the Palmyra Bookstore, by.

HOWARD & GRANDIN.

Palmyra, March 26, 1830. 339

Propaganda posta na edição de 26 de março de 1830 , do **Wayne Sentinel**, anunciando a publicação do Livro de Mórmon

Cortesia de "The Improvement Era".

"Bíblia Dourada" Seus prosélitos dão dela o seguinte relato".[1]

Segue-se uma descrição deturpada da descoberta das placas e de sua tradução. Outros jornais, tais como o **Rochester Gem,** [2] abordaram também o assunto da "Bíblia Dourada", quando a obra ainda se encontrava nas mãos do impressor. Tais artigos, a despeito de expressarem grande desprezo pelo volume ainda não divulgado, insuflaram considerável curiosidade a respeito do livro e sem dúvida devem ter acelerado sua venda quando finalmente apareceu.

O livro revelou-se um missionário incomparável. Pioneiros religiosos da fronteira, ao lê-lo, rendiam-se convencidos e procuravam o homem responsável por sua produção. Dentre os que assim se converteram ao novo Profeta, identificamos grandes líderes futuros, tais como Parley P. Pratt, Orson Pratt, Brigham Young, Heber C. Kimball e Sidney Rigdon.

No decurso de um ano, o núcleo de uma grande organização ganhou corpo, e o "Profeta de Palmyra" emergiu repentinamente, como a mais vigorosa figura da fronteira religiosa da América.

Muitos, ao lerem o livro pela primeira vez, declaravam que era a palavra revelada de Deus, e aceitavam a veracidade do registro. A maioria do povo tratou o volume com desprezo, cobrindo de ridículo seu autor, e por toda parte a obra dividia os homens em dois campos, sendo extraordinário seu efeito sobre ambas as facções.

Aqueles que criam estavam dispostos a desistir de seus lares, mudar de ocupação, suportar vicissitudes, sacrificando suas vidas se necessário fosse, para não renunciar à sua recém-adquirida crença, enquanto os que condenavam o volume, faziam-no empregando todo o escárnio o desprezo de que eram capazes. Muitos homens dedicaram tempo e dinheiro ao seu combate, e os de tendências literárias principiaram a escrever outros volumes, expondo-o como uma fraude e logro. Pregadores, de seus púlpitos, fizeram-no objeto de vigoroso ataque e advertiam suas audiências contra ele, como um "instrumento do mal".

Convite a Ler o Livro de Mórmon

Que é o **Livro de Mórmon?** O que continha para assim disturbar o mundo religioso de 1830? Que mensagem transmitida por suas páginas fez projetar a

Cópia de edição original do Livro de Mórmon, impresso por E.B. Grandin.
Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

1. Este relato é imprimido por cortesia do Dr. Francis Kirkham, que colecionou muito material valioso com respeito à origem do Livro de Mórmon.
2. Publicacão de 5 de setembro de 1829.

Joseph Smith, de repente, como um grande líder religioso?

Examinemos o **Livro de Mórmon**, da forma com que milhares de pessoas no mundo estão hoje fazendo e fizeram quando ele pela primeira vez veio à luz, em 1830. O conteúdo de uma obra é de capital importância. Se sua mensagem for verdadeira, o livro viverá, a despeito da origem. Se o livro não tem mérito, a origem perde qualquer interesse e importância.

Ao entreabrirmos o volume, como Parley P. Pratt e outros o fizeram em 1830, encontraremos na página cabeçalho um prefácio muito interessante (vide fac-símile na página anterior) contendo um breve sumário do conteúdo e propósito do livro.

Quatro itens se salientam:

Primeiro, esse volume afirma ser um resumo de registros sagrados, alguns datando mesmo da torre de Babel.

Que afirmativa surpreendente! Qual o apaixonado da história que após ler tais proclamações poderia pôr o livro de lado sem antes pesquisar cuidadosamente seu conteúdo? Tal documento, se genuíno, seria do mais inestimável valor. O Museu Britânico pagou há pouco £ 100.000 ao governo soviético, por um simples documento, o Código Alexandrino, que pretende ser uma antiga cópia do século IV ou V da tradução do Velho Testamento para a língua grega. O manuscrito foi copiado aproximadamente na época em que o registro do **Livro de Mórmon** estava sendo selado e oculto pelo Anjo Morôni. Porém muitas cópias das antigas escrituras hebraicas existem, o que tende a diminuir a importância de qualquer deles, enquanto o **Livro de Mórmon** é, do povo em apreço, o único registro conhecido, sendo tradução do resumo original.

Em segundo lugar, o Prefácio declara que esse volume foi preservado "através do poder de Deus", e "traduzido pelo mesmo dom", por intermédio de Joseph Smith.

Esta também é uma afirmativa impressionante e superior às reivindicações de qualquer outra obra do mundo. Muitos livros da Bíblia podem atestar preservação através de Deus, mas nenhum tradutor seu clamou jamais ter-se tornado possível sua tradução apenas pela interferência divina. Se tal afirmativa do Livro de Mórmon for real, sua mensagem representará, na verdade, uma comunicação de Deus ao mundo, e quem entre os homens não estará interessado na voz do Criador?

Terceiro, o volume endereça-se especialmente aos "remanescentes da Casa de Israel", os lamanitas, e "também aos judeus e gentios".

Essa declaração é revolucionária, se se considerar que, exceção feita aos judeus, os remanescentes da Casa de Israel são hoje dados pelo mundo como desaparecidos. E quem são os lamanitas? A resposta é de fácil compreensão. O livro declara que esses "remanescentes de Israel" não passam dos "índios americanos".

Mais adiante, o peculiar prefácio declara que a obra contém uma mensagem destinada a convencer o mundo de que **"Jesus é o Cristo, o DEUS ETERNO"**, o qual se manifesta a todas as nações".

Historiadores têm sustentado em várias épocas que seria de valor inestimável um único relato autêntico de Jesus e seus ensinamentos, que não os do Novo Testamento; e aqui temos, diante de nós, um inteiro volume dedicado ao propósito de convencer o mundo da realidade da missão de Cristo como Messias.

Que poderiam saber os antigos habitantes deste continente a respeito de Jesus de Nazaré? Que possível prova teriam de ser Jesus o Filho literal de Deus? Numa era em que boa parte da Bíblia sofre investidas sob o fogo da crí-

O

LIVRO DE MÓRMON

UM RELATO TIRADO DAS PLACAS DE NEFI E ESCRITO PELA MÃO DE MÓRMON SOBRE PLACAS

Êste livro é, portanto, um resumo dos anais do povo de Nefi e dos lamanitas. Escrito aos lamanitas, que são remanescentes da casa de Israel, e também aos judeus e gentios. Escrito por mandamento, e também pelo espírito de profecia e de revelação. Escrito, selado e escondido no Senhor para que não fosse destruído; para ser trazido à luz novamente pelo dom e poder de Deus, para ser interpretado. Selado pela mão de Morôni e escondido no Senhor, para ser apresentado, em seu devido tempo, por intermédio dos gentios, e ser interpretado pelo dom de Deus.

Contém ainda um resumo tirado do Livro de Éter, que é um registro do povo de Jared, que foi disperso na ocasião em que o Senhor confundiu as línguas dos povos, quando estes construíam uma torre para chegar ao céu. Destina-se a mostrar aos remanescentes da Casa de Israel quão grandes coisas o Senhor fez a seus antepassados; e para que possam conhecer as alianças do Senhor, e saibam que não foram rejeitados para sempre. E também para convencer ao judeu e ao gentio de que JESUS e' o CRISTO, o DEUS ETERNO, manifestando-se a todas as nações. E agora, se há faltas, são erros dos homens; não condeneis, portanto, as coisas de Deus, para que apareçais sem mancha ante o tribunal de Cristo.

POR JOSEPH SMITH JUNIOR
AUTOR E PROPRIETÁRIO

PALMYRA:

IMPRESSO POR E.B. GRANDIN, PARA O AUTOR

Tradução da página título da primeira edição do Livro de Mórmon.

Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja

tica, esta Nova Testemunha de Cristo deve ser de grande interesse. [3]

Antigos Conceitos Relativos aos Aborígines da América.

Estudando o conteúdo desse extraordinário livro, descobrimos que contém, intercalado com sua mensagem maior, um breve relato da história de dois povos, os aborígines da América, que atingiram este continente em períodos muito distanciados, e cujos descendentes constituem agora os índios americanos.

Quando os primeiros europeus pisaram este hemisfério ocidental, uns quatrocentos e cinqüenta anos atrás, encontraram ambas, América do Norte e do Sul, habitadas por um povo de pele cor de cobre. Na crença de haver atingido uma franja extrema de ilhas das Índias Orientais, Colombo se referiu a esses nativos como "índios".

Analisados pelos moldes espanhóis, os índios eram extremamente incivilizados, exceto em pequenos centros do México e Peru, onde floresceu um certo grau de cultura. E, mesmo essa cultura foi esmagada pelos europeus invasores na sua ânsia impiedosa de caça ao ouro. Lamentavelmente, as poucas bibliotecas indígenas existentes sofreram também uma destruição integral, e com ela pareceu extinguir-se a esperança de solucionar o enigma dos índios. A despeito dos muitos homens letrados que se esforçaram por desvendar essas eras de escuridão, a história da antiga América permanece ainda desconhecida.

Quando os europeus entraram em contacto com eles, os índios não empregavam um tipo de escrita como o utilizado agora por nós. Não havia equivalentes escritos para a palavra falada. O índio mexicano transmitia sua mensagem sob forma de pictogramas, e o peruano empregava ambos, gravuras e um complicado sistema de transmitir idéias por meio de nós atados a uma multiplicidade de tiras. Embora alguns pictogramas tenham sido interpretados com relativo sucesso, eles projetam pouca ou nenhuma luz sobre a história do povo, anterior a algumas centenas de anos, e apenas fragmentos concernentes à parte mais antiga de tal período.

Os europeus descobriram, no entanto, sobre os muros de antigas edificações, muitos escritos em caracteres semelhantes aos hieróglifos egípcios. Os índios que habitavam os próprios edifícios nada sabiam quanto ao seu significado, e malograram todos os esforços dos cientistas para decifrá-los. Sua presença nas ruínas atesta de uma cultura mais antiga e desenvolvida do que a encontrada pelos espanhóis. Quem construiu aqueles edifícios colossais, que são agora a maravilha do mundo? Que história revelaria a leitura de tais inscrições? Estas perguntas permanecem sem resposta.

Os primeiros sacerdotes que seguiram Colombo até a América maravilharam-se com certas formas de adoração encontradas entre os índios. Algumas eram tão próximas às cerimônias cristãs, que o bom Bispo Las Casas escreveu a seu superior, na Espanha, declarando que o Demônio o havia antecedido à América, implantando nos corações dos nativos uma religião tão próxima ao cristianismo, que eles não ouviam aos Padres Cristãos.[4]

Certa tribo da América Central adotava uma estranha cerimônia, semelhante à ordenança do Sacramento ou à missa católica. Milho socado e outros

---

3. Após o prefácio, lemos em nossas edições mais recentes: "Traduzido por Joseph Smith, Jr", mas no livro que Parley P. Pratt e outros manusearam, lia-se: "Por Joseph Smith,Júnior Autor e Proprietário". Inimigos do Profeta, em sua ignorância, usaram com frequência esta declaração para refutar a afirmativa feita por Joseph, de que se tratava de uma tradução. Para Parley P. Pratt e inúmeros outros, isto nada significa, uma vez que estavam cientes de que as leis para direitos autorais requeriam uma declaração exatamente assim para fornecer os referidos direitos. Àquele tempo, não se podiam obter direitos autorais para uma mera tradução.

4. A história de Las Casas, 1474-1566, que foi denominado "Apóstolo dos Indios", pode-ser encontrada em qualquer enciclopédia. Seu livro, **General Historia de Las Indias**, esclarece muito bem o primeiro tratamento aplicado aos indígenas pelos espanhóis. Las Casas foi o primeiro homem a afirmar que os índios eram as Tribos Perdidas de Israel.

ingredientes eram moldados na forma de um homem, que após ser levado em um mastro, era então baixado e comido pelo povo. Quase todas as tribos mantinham cerimônias religiosas de imergir crianças recém-nascidas na água. Muitas ungiam a cabeça com óleo, em tempos de doença.

Teorias concernentes à origem dos índios começaram quase imediatamente a ser publicadas, mas não se alcançou qualquer harmonia de opiniões. Alguns escritores levantaram a hipótese de que os índios eram todos um povo aparentado, com origem mais ou menos comum. Conquanto a maioria dos autores tenha concordado neste particular, quando se tentou explicar que origem era essa, apareceram tantos conceitos quantos escritores.

Garcia, um autor hispano-americano, considerou-os como as dez tribos perdidas de Israel e citou evidências de cultura e crença hebraica.[5] **Johannes de Laet** levantou a teoria de uma origem asiática oriental, provavelmente mongólica. [6]

Lord Kingsborough, num tratado de dez volumes, publicado em 1830-1848, estendeu-se bastante, procurando situar os índios como descendentes dos israelitas, expondo uma multiplicidade de fatos e observações para apoiar sua posição.[7] Suas conclusões, contudo, não lograram obter aprovação científica geral, nem nenhum escritor desde então obteve mais sucesso.

É muito improvável que Joseph tenha tido acesso a quaisquer escritos dos autores mencionados. Nenhuma obra, senão a de Lord Kingsborough, teria tido alguma utilidade para ele, pois o conteúdo do **Livro deMórmon** está muito em desacordo com as obras mais antigas, e os volumes de Lord Kingsborough ainda não estavam impressos ao tempo em que era preparado o **Livro deMórmon.** Isto foi exposto para demonstrar ao estudioso de História Americana, que a mensagem do **Livro de Mórmon** é única em si, e não uma compilação emprestada a noções já existentes.

A Concepção Descortinada pelo Livro de Mórmon

Em síntese, a história do **Livro de Mórmon** se apresenta como segue:

Cerca de 600 anos antes de Cristo, um pequeno grupo de israelitas, advertidos da iminente destruição de sua cidade natal, Jerusalém, deixou a pátria, jornadeando em direção sul. Depois de algum tempo, atravessaram o oceano num navio de sua própria construção e aportaram em alguma parte do Continente Americano. Aqui eles principiaram a desenvolver uma civilização, mas logo se dividiram em dois grupos. O mais evoluído tinha pele branca, e seus membros criam firmemente no Deus de Israel e nas escrituras hebraicas, das quais possuíam uma cópia.Chamavam-se "Nefitas", segundo o nome de seu iniciador. Os membros do outro grupo, o mais atrasado, denominavam-se "Lamanitas", conforme seu dirigente, e adquiriram uma pele escura, por maldição de Deus, devido a seu espírito rebelde. Os dois povos estavam em sempre guerra um contra o outro, sendo os nefitas, de tempos em tempos, forçados a abandonar seus lares e buscar novo local de habitação.

Uns quatrocentos anos após desembarcarem na América, os nefitas, procurando uma região onde se estabelecer, encontraram outro povo, os Mulequitas, que eram, como eles próprios, da casa de Israel, e que havia deixado Jerusalém nos tempos do Rei Zedequias (cerca de 587 A.C.), por motivo de distúrbios políticos. Esses dois povos uniram-se sob o governo do Rei Mosiah, um legislador nefita.

Durante o governo desse rei, certa expedição exploradora encontrou extensas ruínas de uma civilização anterior, e descobriu escritos em caracteres

5. **Origin de Los Indios,** (1607) por Gregorio Garcia. Garcia (1560-1627) passou 12 anos na América como Missionário.

6. A teoria de **De Laet, Johannes** (1593-1649) originada em 1643, é mencionada freqüentemente como a Teoria Holandesa da Origem dos Índios.

7. **Antiquities of México** em 9 volumes, por Lord Kingsborough, foi publicada em Londres, 1830-48.

Vistas atuais de ruinas das antigas culturas americanas. Em cima: Ruína em Chichen-Itza, Yucatan; Embaixo: Escadarias que conduzem ao Templo Zaculea, na Guatemala.

JOSEPH SMITH PREGANDO AOS ÍNDIOS, fotografia de uma pintura a óleo de Willian Armitage, pendurada no Templo de Salt Lake City Usada com a permissão da Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

muito antigos, sobre 24 placas de ouro. Elas foram lidas por virtude do poder de Deus, e revelaram a história de uma nação chamada Jaredita, que anteriormente cobrira a terra, com numeroso povo. Esses antigos habitantes, de acordo com o relato, haviam abandonado as vizinhanças da Torre de Babel, ao tempo da confusão das línguas, e finalmente atravessaram o oceano em oito barcaças, muito peculiares, em direção à América. Sua civilização havia florido aqui por mais de dois mil anos, destruindo-se finalmente através de guerras internas.

A luta entre os lamanitas de pele escura e o agora aumentado grupo dos nefitas continuou, com breves intervalos de paz, em que prosperavam entre as nações o comércio e os negócios. Uma civilização extraordinária se levantou, a qual envolvia mineração, fundição e moldagem de metais, tecelagem de fazendas e roupas finas, o uso da moeda, a domesticação de animais, construção de navios e levantamento de grandes cidades de pedra e cimento.

Os nefitas desenvolveram duas formas de lingugaem escrita: uma variante do hebraico e o egípcio reformado. A arte alcançou elevado estágio entre eles, sendo decorado o próprio exterior dos edifícios com desenhos artísticos. Na astronomia e matemática evoluíram mais do que qualquer outra civilização daqueles dias, e os feitos de seus engenheiros provocam a admiração do mundo ainda agora.

Foi um povo adiantado, especialmente em seus conceitos religiosos. Templos foram por eles erigidos a Deus, os quais se comparavam ao de Salomão, e profetas que comungavam com o Altíssimo ensinavam ao povo uma saudável filosofia de vida. Eles trabalhavam sem remuneração, realizavam milagres como os outros profetas de Israel, e guardavam os registros sagrados de seu povo. Desenvolveram-se ali grandes personalidades. Néfi, o primeiro a levar tal nome, é um dos maiores personagens de todos os tempos. O Rei Benjamim foi um dos monarcas mais queridos, e Morôni salientou-se como grande comandante de homens.

Cristo Aparece no Continente Ocidental

Os nefitas criam firmemente no Messias que viria a Jerusalém e, através dos sinais que lhes haviam sido preconizados por seus profetas, tomaram conhecimento do dia de seu nascimento no velho continente, e sua morte subseqüente.

Ao tempo da crucifixão, uma terrível tempestade se abateu sobre as cidades dos nefitas e lamanitas. Isto, juntamente com perturbações dos elementos e erupções vulcânicas, destruiu grande parte da população, e soterrou muitas cidades.

Após ressuscitar, Cristo apareceu aos remanescentes dos nefitas na América, pregou grandes sermões, e ministrou-lhes. Tendo escolhido entre o povo doze discípulos, estabeleceu uma organização de sua Igreja, com as ordenanças corretas, e de entre eles partiu para os céus.

Tão grande foi o efeito da catástrofe e posterior visitação, que todas as guerras cessaram entre os povos, numa Era Dourada de progresso. Não havia ricos nem pobres, mas todos viviam em feliz fraternidade. Tal era durou aproximadamente duzentos anos antes que as dissensões de novo principiassem. Uma série de guerras se seguiu. Na última delas, os vitoriosos lamanitas anularam os nefitas como povo distinto. Antes dessa grande destruição, Mórmon, um formidável general e profeta nefita, compilou os registros do povo e fez deles um resumo. Seu filho, Morôni, sobreviveu à maior parte das destruições, e, antes de morrer (cerca de 420 A.D.), ocultou os registros já completos. Esse resumo de Mórmon, aliado a alguns escritos de seu filho Morôni, é que veio ter às mãos de Joseph Smith.

Sua tradução constitui o **Livro de Mórmon.**

A mensagem Real do Livro

Surpreendentes o quanto sejam as proclamações do **Livro de Mórmon** a respeito da origem branca e israelita dos índios americanos, e, da existência de uma antiga civilização sobre este continente, o real valor da obra repousa ainda sobre outros fatos. Os primitivos autores do registro nefita não procuraram fornecer um histórico exaustivo, nem familiarizar os futuros leitores com pormenores sobre sua civilização, ou a geografia da terra. Seu objetivo era antes preservar uma filosofia religiosa de vida, a fim de convencer o leitor da realidade de Deus, e estabelecer a evidência de que Jesus é o Cristo. Quem buscar tais coisas as encontrará com farta abundância. O volume é rico em exemplos de recompensa aos justos e injustos, especialmente o quanto isso afeta a vida e prosperidade de uma inteira nação. Este mundo tumultuoso poderia auferir grandes benefícios de suas páginas.

Porém, ainda mais profunda do que o efeito da crença em Cristo sobre as nações, é sua filosofia fundamental do desenvolvimento da personalidade. Origina-se nesse volume a noção básica do Mormonismo, que fez do cultivo da personalidade o mais importante propósito da vida.

É impossível superestimar a beleza da filosofia religiosa que se encontra em suas páginas. Uma harmonia e equilíbrio capazes de desarmar o crítico mais severo. Sua mensagem toca o coração humano — aponta o caminho à felicidade. Ninguém pode ler aquelas páginas sem que se lhe suavize o coração.

É a mensagem profunda que traz conversão aos leitores. Aqueles que leram a obra em 1830 preocupavam-se pouco com história ou arqueologia, porém, os novos conceitos filosóficos respondiam a suas necessidades mais íntimas. Foi deplorável que tantas pessoas se tivessem embrenhado por demais nos debates sobre a origem do registro, para poderem interpretar claramente sua mensagem.

Em virtude dos vários livros do Novo Testamento terem sido escritos a fim de atender a objetivos distintos, nenhum dos evangelhos ou cartas se dispôs a preservar a doutrina em sua plenitude e perfeição, para a eventualidade de que a Igreja fosse destruída ou se corrompesse. Aos escritores do Novo Testamento deve ter parecido que a Igreja primitiva continuaria para sempre, não estando em sério perigo de desvio ou omissão as suas doutrinas e ordenanças. Na verdade, conquanto escrevessem numa época de muita tensão, era uma tensão originada no progresso, e os prospectos da Igreja pareciam brilhantes quando o último Evangelho e epístola foram redigidos. **O Livro de Mórmon,** por outro lado, nasceu numa hora de condenação da Igreja de Cristo na América, e para o expresso propósito de restaurar, em alguma época futura e mais feliz o Evangelho que então estava sendo destruído e massacrado.

Ao contrário de Paulo que escreveu suas cartas para resolver os problemas mais urgentes das recém-fundadas igrejas gregas e romanas, o profeta americano, Mórmon, não tentava solucionar os problemas imediatos de seus dias. Que ele fez um heróico esforço para reviver o Evangelho no coração do povo, está evidente em sua narrativa dos fracassos missionários. Mas o registro que se propunha compor era endereçado a uma geração ainda por nascer, geração que seria escolhida do Senhor Deus para recebê-lo. E em benefício dela, Mórmon reuniu e selecionou todo o material, com um grande propósito — o de trazê-la a uma compreensão do Evangelho de Jesus Cristo, em sua simplicidade e pureza, e demonstrar a todos os honestos de coração "que JESUS é o CRIS-

TO, o ETERNO DEUS, manifestando-se a todas as nações".[8]

A Fonte do Material

Para levar avante essa incumbência, Mórmon tinha ao seu dispor uma vasta coleção de registros da igreja e diários pessoais. Apenas pequena parte do total poderia ser aproveitada, mas os registros incluíam muitos relatos dos convênios de Deus com seu povo, os quais esclarecem seus atributos e a natureza dos mandamentos que deu aos homens. Diversos profetas nefitas manifestaram extraordinária fé, merecendo que os desejos de Deus e a natureza dos princípios do Evangelho lhes fossem revelados. Após Sua crucifixão e subseqüente ressurreição em Jerusalém, Cristo apareceu no Continente Americano, organizou Sua Igreja, ordenando a continuação das ordenanças, e instruiu os nefitas no caminho da vida abundante. As palavras registradas de Cristo, que Mórmon tinha à sua disposição, eram abundantes, pois ele nos informa.

"E nem a centésima parte das coisas que Jesus realmente ensinou ao povo pode ser escrita neste livro.

E escrevi estas coisas, que representam a menor parte das que ele ensinou ao povo...

Eis que, eu estava para escrever tudo quanto se achava gravado nas placas de Néfi, mas o Senhor me proibiu, dizendo: "Experimentarei a fé de meu povo".[9]

A Verdade Concernente ao Batismo

Compreende-se melhor a plenitude do Evangelho, conforme revelada pelo **Livro de Mórmon,** consultando o próprio registro. Poucos exemplos usaremos contudo, para ilustrar a função desempenhada pelos antigos registros americanos na restauração. Conforme já se salientou, a Bíblia é um guia deficiente no assunto do batismo, sendo inteiramente omissa a respeito de muitos aspectos vitais. Acerca do Batismo, o **Livro de Mórmon** contém muitas palavras diretas do Salvador. Considere a clareza e valor do que se segue:

"E disse-lhe o Senhor: Dou-te o poder para batizar este povo, quando eu tiver novamente subido ao Céu.

"E o Senhor chamou também a outros, dizendo-lhes a mesma coisa e deu-lhes poder para batizar. E disse-lhes: Desta maneira batizareis e não haverá disputa entre vós;

"E em verdade vos digo que desta forma batizareis todos os que se arrependerem de seus pecados pelas vossas palavras e desejarem ser batizados em meu nome: Eis que descereis à água e em meu nome os batizareis.

"E, então, eis que estas são as palavras que devereis pronunciar, chamando-os pelo nome:

"Tendo autoridade, que me foi concedida por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

"E então os mergulhareis na água e depois saireis dela.

"E desta maneira batizareis em meu nome, pois, eis que em verdade vos digo: o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um; e eu estou no Pai e o Pai está em Mim, e o Pai e eu somos um.

"E em conformidade com o que vos ordenei, assim batizareis; e não haverá disputas entre vós, como até agora tem havido nem discordareis mais entre vós sobre os pontos de minha doutrina, como até agora tendes discordado.[10]

Sobre a questão do batismo de criancinhas, o profeta nefita Mórmon é extremamente claro:

"Porque, se entendi a verdade, tem havido disputas entre vós, relativas ao batismo das vossas criancinhas.

"E agora, meu filho, desejo que trabalhes diligentemente, a fim de que esse grosseiro erro seja removido do vosso meio, pois é com esta intenção que eu te escrevo esta epístola.

"Porque, logo depois de ter sabido estas coisas sobre vós, inquiri ao Senhor a respeito do assunto. E veio a mim a palavra do Senhor pelo poder do Espírito Santo, dizendo:

"Ouve as palavras de Cristo, teu Redentor, teu Senhor e teu Deus. Eis que vim ao mundo, não para chamar os justos, mas para chamar os pecadores ao arrependimento;os sãos não precisam de médico, e sim os que estão enfermos. Portanto, as criancinhas estão sãs, visto que são incapazes de cometer pecados; assim, pois, a maldição de Adão é delas removida para Mim, de modo que sobre elas não tenha poder; e a lei da circuncisão foi abolida em mim.

"E desta maneira o Espírito Santo manifestou-me a palavra de Deus; portanto, meu amado filho, sei que é uma burla solene perante Deus batizar as criancinhas.

"Eis que te digo que deverás ensinar: arrependimento e batismo aos que são responsáveis e capazes de cometer pecados; sim, ensina aos

8. Veja o prefácio do Livro de Mórmon
9. III Nefi 26:6, 8, 11
10. III Néfi 11:21-28

pais que devem arrepender-se e ser batizados e tornar-se humildes como suas criancinhas, e serão salvos com seus pequeninos.

"E seus filhos pequenos não têm necessidade de arrependimento nem de batismo. Eis que o batismo é feito para o arrependimento para que se cumpram os mandamentos para a remissão dos pecados.

"Mas as criancinhas vivem em Cristo, desde a fundação do mundo; se tal não se desse, Deus seria um Deus parcial e variável, que faz acepção de pessoas, pois quantas criancinhas têm morrido sem batismo!

"Portanto, se as mesmas não pudessem ser salvas sem o batismo, teriam sido lançadas em um inferno sem fim.

"E vos digo, que aquele que pensa que as crianças pequenas necessitam de batismo, está no fel da amargura e nas cadeias da iniquidade; porque não tem fé nem esperança, nem caridade; portanto, se perecer com esse pensamento, deverá ir para o inferno.

"Pois grande é a perversidade de supor que Deus salva uma criança em virtude do batismo, ao passo que outra deve perecer por não ter sido batizada.

"E ai daqueles que pervertem os caminhos do Senhor, dessa maneira, porque perecerão se não se arrependerem. E eis que falo sem temor e com autoridade de Deus; e não temo o que homem possa fazer; porque o perfeito amor extirpa todo o medo.

"E sinto-me cheio de caridade, que é amor eterno; portanto, todas as crianças são iguais para mim; amo-as, por isso, com um perfeito amor, e são elas todas iguais e participantes da salvação.

"Porque sei que Deus não é um Deus parcial, nem um ser variável; ao contrário, é imutável, de eternidade a eternidade.

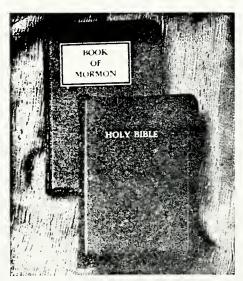
"As criancinhas não se podem arrepender, portanto é grande iniquidade negar a elas as puras misericórdias de Deus, pois elas estão todas vivas nele, em virtude de sua misericórdia.

"E aquele que disser que as criancinhas necessitam de batismo nega as misericórdias de Cristo e despreza a sua expiação e o poder da sua redenção".[11]

À luz da passagem acima, elimina-se qualquer controvérsia sobre esse assunto vital.

O Sacramento da Ceia do Senhor

Da mesma forma, encontramos deficiências na Bíblia com respeito à administração do sacramento da Ceia do Senhor, esclarecidas pelo **Livro de Mórmon.** Ele revela o real propósito do sacramento, nas seguintes palavras de Jesus:

"E aconteceu que Jesus ordenou aos seus discípulos que trouxessem um pouco de pão e vinho.

O livro de Mórmon complementa a Bíblia Sagrada e soluciona as disputas entre os homens

11. Morôni 8: 5-20

"E, enquanto eles iam buscá-los, ele ordenou à multidão que se assentasse por terra.

"E, quando os discípulos chegaram com pão e vinho, Jesus tomou do pão e repartiu-o, abençoando-o; e deu-o a seus discípulos, mandando que comessem.

"E quando eles acabaram de comer e se acharam fartos, mandou que dessem à multidão.

"E após ter a multidão comido e achar-se farta, disse ele aos discípulos: eis que um dentre vós será ordenado, e a ele, eu darei poder para repartir o pão, abençoá-lo e entregá-lo ao povo de minha igreja, bem como a todos os que crerem e forem batizados em meu nome.

"E sempre cuidareis de fazer isto tal como o fiz, da mesma forma com que eu reparti o pão abençoei-o e vo-lo dei.

"E isso fareis em memória do meu corpo, o qual vos mostrei. E será um testemunho ao Pai que vos lembrais sempre de mim. E se lembrardes sempre de mim, tereis meu Espírito convosco.

"E sucedeu que, depois de ter assim falado, ordenou a seus discípulos que tomassem do vinho, bebessem-no e o dessem à multidão para beber também.

"E aconteceu que eles assim procederam. Beberam e se fartaram, e deram à multidão, que bebeu e se fartou.

E, depois de terem os discípulos feito isso, disse-lhes: Bem-aventurados sois, por haverdes feito isso, porque assim cumpris meus mandamentos , e testificais ao Pai que tendes o desejo de cumprir o que vos ordeno.

"E isso fareis sempre a todos que se arrependerem e forem batizados em meu nome; e o fareis em memória de meu sangue, que derramei por vós, a fim de que testifiqueis ao Pai que sempre vos lembrais de mim. E se lembrardes sempre de mim, tereis o meu espírito convosco".[12]

O **Livro de Mórmon** contém ainda as palavras a serem empregadas na oração sacramental.

"A maneira pela qual seus élderes e sacerdotes administravam a carne e o sangue de Cristo na igreja; e eles administravam-nos de acordo com os mandamentos de Cristo; reconhecemos, portanto, como correta essa maneira; e o élder ou sacerdote os ministrava.

"E ajoelhavam-se com a igreja, oravam ao Pai, em nome de Cristo, dizendo:

"Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de Teu Filho, Jesus Cristo, que abençoes e santifiques este pão para as almas de todos os que partilharem dele; para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho, e testifiquem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho e recordá-lo sempre, e guardar os mandamentos que ele lhes deu; para que possam ter sempre consigo o seu Espírito. Amém.

"A maneira de administrar o vinho: Eis que, tomando o cálice, diziam: "Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de teu Filho, Jesus Cristo, que abençoes e santifiques este vinho, para as almas de todos aqueles que beberem dele, que possam fazê-lo em lembrança do sangue de teu Filho, que por eles foi derramado, e testifiquem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que sempre se lembram dele, para que possam ter consigo o Seu Espírito. Amém".[13]

Fossem tais instruções encontradas na Bíblia, ter-se-ia evitado a confusão do mundo cristão acerca do assunto. No **Livro de Mórmon** é plenamente restaurada a verdadeira forma e propósito do sacramento, e isto numa linguagem compreensível até para crianças.

As Bem-aventuranças são Esclarecidas

O Evangelho de Jesus Cristo, resumido no que se chama o "Grande Sermão", ou o "Sermão daMontanha", [14] tem sido objeto de muitas alocuções religiosas, algumas das quais são verdadeiras obras-primas de literatura, e transmitem lindas mensagens. As interpretações, no entanto, variam tão extensamente, que nem todas podem estar em concordância com o significado que Jesus pretendia dar. O **Livro de Mórmon** registra o "Grande Sermão" dirigido pelo Cristo ressuscitado aos nefitas da América, e conquanto algumas partes de ambas as pregações sejam diferentes, uma boa porção versa sobre os mesmos assuntos e inclui pensamentos correlatos. Confrontando-se esse "Grande Sermão", com o sermão da Galiléia, no quanto conservem entre si um paralelo,

12. III Néfi 18:1-11

13. Morôni, 4;5.
14. Mateus 5; 6; 7.

o primeiro deve esclarecer o real propósito do Salvador. E isto ele realmente o faz. Consideremos as seguintes comparações:

Em Mateus 5;1-3 lemos:

"E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;

"E, abrindo a sua boca, os ensinava dizendo:

"Bem-aventurados os pobres de espírito, poque deles é o reino dos céus".

Esta última sentença se constitui por séculos em pedra de tropeço. O termo "pobres de espírito" tinha um significado distinto, tanto no idioma inglês, como nas expressões gregas e aramaicas de que foi traduzido. Em outra literatura que não bíblica, significa inquestionavelmente os "derrotados", os que perderam a coragem e a esperança. Mas se tal significado se aplicasse à passagem em Mateus seria inconcebível o processo pelo qual um indivíduo assim espiritualmente derrotado teria o Reino de Deus por recompensa. Eruditos, defrontando-se com esta incongruência, buscaram outras interpretações para "pobres de espírito" e algumas vezes os imputaram como "humildes" e "penitentes". Essa evidente distorção do sentido original representa sempre um obstáculo para o leitor consciencioso da Bíblia.

Introduzindo a mesma mensagem, pregada na América aos nefitas, declara o **Livro de Mórmon:**

"E aconteceu que, quando Jesus acabou de falar essas palavras a Nefi e àqueles que tinham sido chamados (o número dos que tinham sido chamados, e tinham recebido poderes e autoridade para batizar, era doze), eis que estendeu sua mão à multidão e clamou, dizendo: **Bem-aventurado sereis, se prestardes atenção às palavras destes doze** que escolhi dentre vós, para vos ministrarem e vos servirem; **e a eles dei poder para que possam batizar-vos com água**; e após haverdes sido batizados na água, eis que eu vos batizarei com fogo e com o Espírito Santo; **portanto, bem-aventurados sois se credes em mim e fordes batizados** depois de me terdes visto e saberdes que eu sou.

"E, outrossim, **mais bem-aventurados serão os que acreditarem em vossas palavras,** pois testificareis ter-Me visto e saber que eu sou. Sim, **bem-aventurados serão os que crerem em vossas palavras, e se humilharem profundamente e forem batizados, porque serão visitados com fogo e com o Espírito Santo e serão remidos os seus pecados.**

"Sim, bem-aventurados são os pobres em espírito **que vêm a mim,** pois deles será o reino dos céus".[15] (italicos adicionados).

A luz projetada pela passagem acima sobre as assim chamadas "Beatitudes" revoluciona seu significado. Os "pobres em espírito" não são abençoados em virtude de sua atual condição, mas poderão sê-lo se aceitarem os princípios que Jesus pregou, e se achegarem a Sua Igreja pelas águas do batismo.

Chorar não pode ser uma condição abençoada. Ela expulsa a esperança e a felicidade. Mas benditos são na verdade os aflitos que vêm a Cristo e recebem dele a certeza da imortalidade.

Estes, assim como todas as pessoas sob quaisquer condições, se crerem e integrarem o rebanho de Cristo, serão abençoados.

Modificando a interpretação da grande mensagem do Salvador, esta passagem esclarece o verdadeiro sentido que os eruditos têm procurado através dos séculos.

O espaço não nos permite uma análise detalhada ou uma comparação dos dois grandes sermões, mas o estudioso faria bem em confrontá-los para maior entendimento. Apenas uma outra ilustração bastará aqui para nosso propósito. No sexto capítulo de Mateus, última parte do versículo vinte e quatro, lemos: "Não podeis servir a Deus e a Mamon". Jesus estivera falando à multidão. O versículo vinte e cinco continua, "Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir, etc". Tal passagem, tomada literalmente, exporia uma doutrina pouco prática e desastrosa para qualquer nação que tentasse segui-la. A fim de evitar a

---

15. III Néfi 12:1-3

conclusão de que Jesus era um idealista cujos ensinamentos não tinham aplicação prática, os amantes da Bíblia fabricaram significados diferentes do literal. Afirmam que Jesus não pretendia que deixássemos de arar nossos campos, apascentar as ovelhas e impulsionar os moinhos, mas está acentuando a futilidade de fazer de tais coisas nossos senhores. A explicação não é despida de mérito e beleza interior e aparente, mas persiste, em última análise, como doutrina de seus introdutores, e não necessariamente o significado pretendido pelo Salvador.

A passagem do **Livro de Mórmon** encontrada no décimo terceiro capítulo de III Nefi esclarece o problema. Na última parte do verso vinte e quatro lemos, como em Mateus: "Não podeis servir a Deus e a Mamon". Mas o verso vinte e cinco registra uma diferença.

> "E aconteceu que depois de Jesus haver falado estas palavras, **olhou para os doze que havia escolhido e disse-lhes. Lembrai-vos das palavras que eu vos falei, pois eis que sois vós os que eu escolhi para exercer o ministério entre este povo. Portanto, digo-vos. Não vos preocupeis com a vossa vida,** com o que haveis de comer ou beber; nem com o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir (itálicos adicionados).

Dispensam-se agora os subterfúgios e os sentidos fabricados. A doutrina de Jesus torna-se a um tempo sensível e prática. Não se requer que todas as pessoas abandonem as ocupações ordinárias da vida, mas são o tempo e talento integral dos doze homens chamados para administrar a organização, que devem ser devotados à Igreja.

O **Livro de Mórmon** é um desafio à fé. Convida ao pensamento cristão, apresentando ao mundo uma nova concepção do Cristo.

E o desafio do livro se assemelha àquele que o Senhor ressuscitado dirigiu aos suspeitosos apóstolos em Jerusalém:

> "Apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho".[16]

O último escritor do **Livro de Mórmon** deixa entrever o mesmo espírito quando diz:

> "E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto que pergunteis a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade disso pelo poder do Espírito Santo".[17]

Leituras Suplementares

As seguintes obras contêm relatos de outros escritos antigos descobertos na América:

1. Roberts, **New Witness for God,** Vol. 3, pp. 50-56.
2. **Ibid** – Vol. 3, pp. 57-66.
3. Sjodahl, **Introduction to the Study of the Book of Mormon.**
4. Widtsoe and Harris, **Seven Claims of the Book of Mormon,** Cap. 1.

16. Lucas 24:39.
17. Morôni 10:4

CAPÍTULO 7

DEPOIMENTO DAS TESTEMUNHAS CONCERNENTE À ORIGEM DO LIVRO DE MÓRMON

Falam Três das Testemunhas

Todos os dias a verdade é estabelecida nas cortes, através de depoimento de testemunhas. Embora muitas testemunhas sejam desejáveis para o estabelecimento da verdade, o depoimento de uma única, se consistente e honesto, é geralmente considerado o suficiente. O depoimento de duas ou três testemunhas, se concordantes nos itens essenciais , raramente pode ser derrubado.

Joseph Smith proclamou ao mundo que tinha traduzido o **Livro de Mórmon** com a assistência do Senhor, de gravações feitas num grupo de placas de metal que tinham a aparência de ouro, entregues aos seus cuidados por um anjo, para tal propósito. Esta é uma declaração destemida, e nós, naturalmente, perguntamos: Há quaisquer testemunhas que façam um depoimento da verdade de tal declaração? Outros viram o anjo?

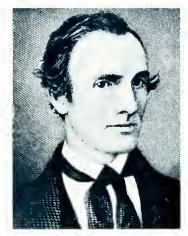
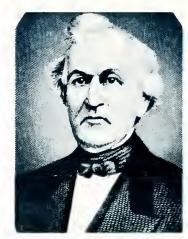
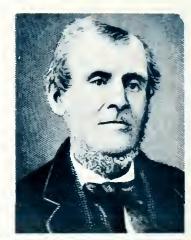
Não temos que fazer mais que abrir o **Livro de Mórmon** para encontrar não somente os nomes de tais testemunhas, mas também uma declaração por escrito de seu depoimento, colocada onde todo o mundo pode lê-la – uma declaração publicada repetidamente por mais de cem anos, sem que qualquer um daqueles cujas assinaturas lá aparecem jamais tenha mudado ou retratado seus dizeres. E isto apesar do fato de terem todas as testemunhas vivido ainda muitos anos depois de seu depoimento ter sido primeiramente publicado e também apesar do fato de seis dos onze homens cujos nomes nele aparecem terem saido da Igreja que tinham ajudado a organizar ou terem sido excomungados dela.

Documento algum da história religiosa é confirmado por tal cortejo de testemunhas, nem por tal consistência no depoimento das mesmas.

Acima das assinaturas de Oliver Cowdery, Martin Harris e David Whitmer, três das testemunhas, encontramos o seguinte:

"Saibam todas as nações, famílias, línguas e povos, a quem esta obra chegar, que nós, pela graça de Deus, o Pai, e de nosso Senhor Jesus Cristo, vimos as placas que contêm estes anais, que são a história do povo de Néfi e dos lamanitas, seus irmãos, e também do povo de Jared, que veio da torre da qual se tem falado. Sabemos também que foram traduzidas pelo dom e poder de Deus, porque assim nos foi dito pela sua voz; sabemos, portanto, com certeza que esta obra é verdadeira. Testemunhamos mais, que vimos as gravações sobre as placas e que nos foram mostradas pelo poder de Deus e não do homem. Declaramos solenemente que um anjo de Deus baixou dos céus, trouxe e mostrou-nos as placas, de maneira que vimos as gravações sobre as mesmas, e sabemos que é pela graça de Deus, o Pai, e de nosso Senhor Jesus Cristo, que vimos e testemunhamos que estas coisas são verdadeiras. Isto para nós é maravilhoso. Contudo, a voz do Senhor mandou-nos que testificássemos isso; portanto, para obedecer aos mandamentos de Deus, testemunhamos estas coisas. E sabemos que, se formos fiéis em Cristo, nossas vestimentas se livrarão do sangue dos homens, e nos apresentaremos sem mancha diante do tribunal de Cristo e habitaremos eternamente com ele no céu. E honra seja ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, que é um Deus. Amém".

A ocasião à qual as testemunhas fazem referência, segundo o escrito por Joseph Smith em seu diário, ocorreu imediatamente depois do término da tradução. Assim diz ele:

"Martin Harris, David Whitmer, Oliver Cowdery e eu, concordamos em nos retirarmos para

Oliver Cowdery — David Whitmer — Martin Harris

As três testemunhas da existência das placas de ouro do Livro de Mórmon, da precisão da tradução de Joseph Smith e da declaração do Senhor de estar a mesma certa.

a floresta e procurarmos obter, por meio de oração fervorosa e humilde, o cumprimento das promessas feitas na revelação acima (que haveriam de ver as placas).[1] Portanto, escolhemos um trecho da floresta próximo à casa do Sr. Whitmer, para o qual nos retiramos, e, ajoelhando-nos, principiamos a orar ao Deus Onipotente com muita fé, para que nos concedesse o cumprimento destas promessas.

"De acordo com o que fora previamente combinado, comecei a orar em voz alta a nosso Pai celestial, seguido de cada um dos outros sucessivamente. Não obtivemos, entretanto, qualquer resposta ou manifestação divina a nosso favor. Observamos em seguida a mesma ordem de oração, cada um rotativamente invocando e orando com fervor a Deus, porém, com o mesmo resultado anterior.

"Em vista deste segundo insucesso, Martin Harris propôs a sua retirada do nosso meio, crendo, conforme declarou, que a sua presença era a causa de não obtermos o que desejávamos. Conseqüentemente, retirou-se; ajoelhamo-nos outra vez e, antes de decorridos muitos minutos de oração, eis que uma luz, de excessivo brilho, caiu sobre nós, e vimos um anjo de pé. Em suas mãos ele segurava as placas, para que pudéssemos vê-las, atendendo, assim, às nossas orações. Virou as folhas uma por uma, para podermos contemplá-las e discernir as suas gravações distintamente. Então se dirigiu a David Whitmer e disse: "David, louvado é o Senhor e todo aquele que guarda os seus mandamentos", em seguida ouvimos uma voz, vinda de fora da luz brilhante, que disse: "Estas placas foram reveladas e traduzidas pelo poder de Deus; a sua tradução, que

Monumento erigido em memória das três testemunhas, em Richmond, Missouri. Esta fotografia foi tirada logo após sua dedicação em 1911.
Gentileza do Escritório do Historiador da Igreja.

1. A revelação à qual se faz referência pode ser encontrada em Doutrina e Convênios, seção 17 foi dada a Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris em Fayette, em junho de 1829, poucos dias antes dos eventos aqui descritos.

vistes, está certa, e vos ordeno que testemunheis o que agora vistes e ouvistes".

"Deixei David e Oliver e saí à procura de Martin Harris, que encontrei a uma distância considerável, entregue com todo o fervor à oração. Disse-me, entretanto, que ainda não havia persuadido o Senhor, e ardentemente me pediu que juntos orássemos, para que ele recebesse também as mesmas bênçãos que havíamos acabado de receber. Unimo-nos em oração, e finalmente obtivemos a realização de nossos desejos, porque antes de terminarmos a prece, a mesma visão foi aberta à nossa vista, pelo menos a mim, e vi e ouvi, mais uma vez, as mesmas coisas. Ao mesmo tempo Martin Harris clamou, aparentemente em êxtase: "É o suficiente! Os meus olhos viram!" E, levantando-se de um salto, rendeu hosanas a Deus, glorificando-o e alegrando-se excessivamente".[2]

As Testemunhas se Mantêm Fiéis

Durante os anos de provações e perseguição que se seguiram, todos estes três homens se retiraram da Igreja, magoados com ela ou com seus líderes. Nenhum deles jamais negou o depoimento dado acima, embora lhes fossem proporcionadas amplas oportunidades e considerável instigação para tal. Três pequenos incidentes são típicos da fidelidade com que se prenderam à sua declaração original.

Algum tempo depois de ter saido da Igreja, Oliver Cowdery, que tinha estudado advocacia, tornou-se promotor público de um dos condados do estado de Michigan. Durante o curso de um julgamento por homicídio o advogado de defesa desafiou Oliver Cowdery nas seguintes palavras:

"Com a permissão da corte e dos membros do júri, eu desafio o Sr. Cowdery, já que ele parece saber tanto sobre a vida do pobre acusado, que nos fale algo sobre suas relações com Joe Smith e a Bíblia Mórmon desenterrada do monte, bem como sobre a ajuda prestada pelo Sr. Cowdery a Joe Smith, de forma a defraudar o povo americano de uma boa porção de dinheiro através da venda desse livro, bem como enganando-o com a afirmação de que um anjo celeste lhe apareceu, vestido de branco".

Quando chegou a vez de Oliver Cowdery responder, ele se levantou com calma e dignidade, e, numa voz clara e distinta disse:

"Meritíssimo Sr. Juiz, senhores jurados, o advogado do lado oposto me desafiou a declarar qual a relação entre mim e Joseph Smith, e o **Livro de Mórmon**: como não posso evitar a responsabilidade, devo admitir-vos que sou o mesmo Oliver Cowdery cujo nome está incluído ao lado do nome de outros que prestaram testemunho do aparecimento do anjo Morôni; e, permitam-me dizer-vos, que não é por causa de meus bons atos que estou aqui, fora do corpo da Igreja Mórmon, mas, sim, porque quebrei os convênios que fiz e fui excomungado da Igreja: nunca, porém, senhores jurados, neguei o meu testemunho, que está incluído no **Livro de Mórmon**, e vos declaro neste momento que estes olhos viram o anjo e estes meus ouvidos ouviram a sua voz, declarando-nos ser o seu nome Morôni; disse-nos também que o livro era verdadeiro e que contém a plenitude do evangelho, adicionando que, se viéssemos a negar o que vimos e ouvimos jamais haveria perdão para nós, nem neste mundo nem no mundo futuro".[3]

Elder Edward Stevenson, que foi, em anos posteriores, o instrumento para a volta de Martin Harris à igreja, isto em 1870, relata uma interessante experiência deste:

"Certa ocasião diversos de seus velhos conhecidos procuraram, dando-lhe vinho, deixá-lo meio fora de si. Quando acharam que ele estava com a disposição apropriada para falar, fizeram-lhe, cuidadosamente, a seguinte pergunta: Agora, Martin, queremos que você seja franco e sincero conosco em relação a esta história de ter visto um anjo e as tão faladas placas de ouro do **Livro de Mórmon**. Nós sempre o consideramos um fazendeiro honesto e um bom vizinho nosso, mas nunca pudemos acreditar que você viu um anjo. Martin, você realmente acredita ter visto um anjo quando acordado? 'Não', respondeu Martin, 'eu não acredito'. O grupo regozijou-se, mas foi um sentimento bem diferente o que prevaleceu logo em seguida, quando Martin, sem desmerecer a confiança que nele havia sido depositada, adicionou: 'Senhores, o que eu disse é verdade, devido ao fato de ter minha crença sido absorvida pelo conhecimento; pois eu quero dizer-vos que, como vive o Senhor, eu sei que estive com o Profeta Joseph Smith na presença do anjo, e isto em pleno dia".[4]

---

2. **History of the Church** — Período I, Vol. I. pp. 54-55.

3. Tirado de um depoimento juramentado do juiz C.M. Nielson, de Utah, com a data de 3 de dezembro de 1909. O depoimento encontra-se arquivado no Escritório do Historiador da Igreja, em Salt Lake City, Utah.

4. Carta do Élder Edward Stevenson ao Millenial Star

No dia 7 de setembro de 1878, trinta e oito anos depois de David Whitmer ter fixado sua assinatura ao testemunho que prestou do **Livro de Mórmon**, foi ele visitado por Orson Pratt e Joseph F. Smith em seu lar, em Richmond, Missouri. Entre outras coisas, confirmando a história do **Livro de Mórmon**, ele disse:

"Foi em fins de junho de 1829 (a ocasião em que ele viu as placas); e as oito testemunhas as viram penso eu, no dia seguinte ou no dia posterior a este. As placas lhes foram mostradas pelo próprio Joseph enquanto que para nós mostrou-as o anjo.*** Eu as vi tão distintamente como vejo esta cama e ouvi a voz do Senhor mais claramente que qualquer coisa que eu jamais tenha ouvido em minha vida, declarando que os registros das placas do **Livro de Mórmon** foram traduzidos pelo dom e poder de Deus".[5]

Oliver Cowdery retornou à igreja em 1848, numa época em que nada de valor material poderia ser obtido através da reunião a um povo desabrigado que se encaminhava aos estéreis vales das Montanhas Rochosas. Em meio a seu expressivo sermão aos Santos em Kanesville (presentemente Council Bluffs), em Iowa, na ocasião de sua volta, no dia 21 de outubro de 1848, lemos estas palavras: "Eu vi com meus olhos e toquei com minhas mãos as placas de ouro das quais ele (o Livro de Mórmon) foi transcrito. Também vi com meus próprios olhos e toquei com minhas próprias mãos os "intérpretes sagrados". Este livro é verdadeiro. Em janeiro de 1849, ao fazer uma última visita a seu amigo, David Whitmer, ele morreu.

Martin Harris voltou à igreja bem mais tarde, devido aos esforços e influência do Élder Edward Stevenson. Morreu em Clarkston, Utah, no dia 10 de julho de 1875, aos noventa e três anos idade. "Na tarde de sua morte ele foi amparado em sua cama, onde, com o **Livro de Mórmon** em sua mão, prestou seu último testemunho aos presentes".[6]

David Whitmer passou sua existência em Richmond, Missouri, sem retornar à Igreja Mórmon, mas jamais negou seu testemunho. Quando já de idade avançada, a fim de refutar todas as pretensões de que tinha negado seu testemunho original, escreveu um admirável panfleto, intitulado: "Endereçado a Todos os que Crêem em Cristo", no qual diz:

"Foi registrado na Enciclopédia Americana, bem como na Enciclopédia Britânica, que eu, David Whitmer, neguei o depoimento que prestei como uma das três testemunhas, juntamente com outros, quanto à divindade do **Livro de Mórmon**; e que as duas outras testemunhas, Oliver Cowdery e Martin Harris, também negaram seu testemunho de tal livro. Quero dizer novamente a toda a humanidade que nunca, em tempo algum, neguei tal testemunho, nem qualquer parte do mesmo. Quero também testificar ao mundo que nem Oliver Cowdery nem Martin Harris jamais, em qualquer tempo, negaram seus testemunhos. Ambos morreram reafirmando a verdade da autenticidade divina do Livro de Mórmon".[7]

No terreno do templo de Salt Lake City podemos ver um monumento incomum, erigido em memória destes três homens. Gravado em placas fixadas numa coluna de granito está uma perpetuação do testemunho que saiu dos lábios destes homens que somente puderam ser silenciados pela morte. Chamados como testemunhas diante do tribunal de Deus, estes três homens não poderiam sair-se mais nobremente do que ao suster seu testemunho do **Livro de Mórmon** entre os filhos dos homens.

O Depoimento das Oito Testemunhas

Embora admirável e convincente seja o depoimento das três testemunhas quanto à origem e tradução divina do **Livro de Mórmon**, tal evidência é adicionalmente apoiada pelo testemunho de outros oito homens. Às oito testemunhas foram mostradas as placas num pequeno bosque, próximo à residência dos Smith, perto de Palmyra, dois ou três anos depois da experiência das três testemunhas, em Fayette. Acima de

5. **Millenial Star**, Vol. 40, pp. 49, 50.
6. Millenial Star. Vol. 28, p. 390. Ver também Deseret News, edição de 28 de julho de 1875.

7. Panfleto publicado em Richmond, Missouri, aos 19 de março de 1881.

suas assinaturas encontramos, no **Livro de Mórmon,** o seguinte:

"Saibam todas as nações, famílias, línguas e povos a quem esta obra chegar, que Joseph Smith Filho, o tradutor deste trabalho, mostrou-nos as placas já mencionadas, que têm a aparência de ouro; que tantas páginas quantas o dito Smith traduziu passaram por nossas mãos, e que também vimos as gravações que contêm, parecendo uma obra antiga e trabalho curioso. Isto testemunhamos solenemente, que o dito Smith nos mostrou, vimos e apalpamos e sabemos seguramente que o dito Smith possui as placas de que falamos. E damos nossos nomes ao mundo para testemunhar o que vimos. E assim afirmando não mentimos, Deus é testemunha disso".

Dos oito homens cujas assinaturas aparecem após esta declaração, cinco viveram e morreram membros da Igreja estabelecida por Joseph, ou seja, Christian Whitmer, Peter Whitmer, Joseph Smith Pai, Hyrum Smith e Samuel H. Smith.

Os três restantes, Jacob Whitmer, John Whitmer e Hyram Page, deixaram a Igreja ou dela foram excomungados durante os dias penosos de 1838, em Missouri.

Como as Três Testemunhas acima, porém, todos estes oito permaneceram fiéis a seu testemunho. Nunca, em tempo algum, qualquer um deles o negou ou alterou no menor grau. Mesmo aqueles que saíram da Igreja e tiveram todas as oportunidades de renunciar a seu testemunho não o fizeram, mas, ao contrário, repetidamente declararam ser ele verdade solene, e morreram conservando-o imutável e irrefutável.

John Whitmer, que foi excomungado da Igreja em 1838, teve uma triste discussão com Joseph Smith e procurou, de muitas maneiras, difamá-lo, mas nunca retratou uma única palavra de seu testemunho concernente às placas do **Livro de Mórmon.**

A experiência relatada por ambos os grupos de testemunhas ocorreu em plena luz do dia, sob o céu aberto, onde a realidade se faz sentir mais fortemente nas mentes humanas. Eram todos homens práticos, acostumados às dificuldades da fronteira, homens reconhecidos pelas comunidades em que viviam como pessoas honestas e tementes a Deus. Aqueles que se tornaram testemunhas do **Livro de Mórmon** foram os que, em data posterior, tomaram conhecimento do relato de Joseph, concernente às placas, e nele acreditaram. Como Joseph, desejando paz e quietude para o seu trabalho de tradução, tinha contado a relativamente poucos suas experiências, as testemunhas foram necessariamente tiradas, em sua maioria, de entre as famílias Smith e Whitmer. Muitos outros, embora não lhes fosse permitido examinar as placas, ainda assim tinham conhecimento de sua existência e prestaram seu testemunho do fato em diários e cartas. Lucy Smith, a mãe do Profeta, testifica quanto à existência das placas e seus vários esconderijos, bem como ao exame que fez do peitoral que as acompanhava.[8] Parley P. Pratt, em sua autobiografia, faz referência a declarações de diversas pessoas, testificando a existência das placas.[9] O ilustre Sr. John Reid, amigo de Joseph Smith, prestou testemunho de tal conhecimento num discurso que pronunciou diante de uma convenção política estadual, realizada em Nauvoo, em 1844.[10] Datada de 19 de dezembro de 1843, a Sra. Martha L. Campbell escreveu uma carta a Joseph Smith, a pedido de Josiah Stoal, que estabelece o seu conhecimento da existência das placas, e de as ter carregado, enroladas, à casa dos Smith quando da primeira vez que Joseph as obteve.[11]

Hoje, mais de cem anos depois dos testemunhos destes homens serem primeiramente pronunciados, continuam eles completamente irrefutáveis e imutáveis, a despeito de todos os ataques e perseguições.

---

8. Lucy Smith, **History of the Prophet Joseph Smith.**
9. Parley P. Pratt, Autobiography, p. 110.
10. **History of the Church,** período 1, Vol. 1 pp. 94-96.
11. O original da carta da Sra. Campbell está nos arquivos do Escritório do Historiador da Igreja, pacote 4.

Leituras Suplementares

1. Lucy Smith, **History of the Prophet Joseph,** cap. 31. (Um relato da ocasião em que as oito testemunhas contemplaram as placas).

2. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 68-71. (Incidentes da vida de Oliver Cowdery, que comprovam seu testemunho).

3. Cannon, **Life of Joseph Smith,** pp. 69-72. (A história das placas ao serem mostradas às três testemunhas).

4. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. I. pp. 149-156. (Um exame das críticas feitas contra a história das testemunhas).

5. **Millennial Star,** Vol. 40, Nos. 49, 59, (Visita de Orson Pratt e Joseph F. Smith a David Whitmer).

6. Roberts. **New Witnesses for God,** Vol. 2, caps. 15-20. (Um sumário interessante da vida e testemunho de cada testemunha).

7. Widtsoe, **The Restoration of the Gospel** pp. 144-147. (**O Livro de Mórmon,** uma nova testemunha de Deus).

8. Ibid - pp. 137-140. (Testemunhos da veracidade e autoridade divina do **Livro de Mórmon**).

CAPÍTULO 8

O LIVRO DE MÓRMON E O VEREDITO DOS ANOS

O Livro Ainda é Assunto de Controvérsia

De 1960 a 1970 foram vendidas ao mundo 3.700.000 cópias do **Livro de Mórmon.** O número total presentemente em circulação sobe a muitos milhões. Depois de mais de um século ele continua sendo o maior missionário da Igreja; sua leitura é diretamente responsável por grande número de conversos todos os anos. Tem sido traduzido para trinta línguas diferentes, e o círculo de seus leitores aumenta continuamente.

Mesmo estando já em seu segundo século, o livro não perdeu o poder de atrair conversos nem o de provocar críticas e antagonismo.

Nunca, em qualquer tempo de sua história, sentiram os Santos dos Últimos Dias ser o livro tão inspirado. Os testemunhos dos homens que o leram e clamam a divina certeza de sua veracidade aumentam continuamente. A saudável filosofia religiosa que exala de suas páginas permeia toda a estrutura e crença da Igreja, e tem penetrado profundamente nas vidas de seus membros.

Quase incontável é o número de publicações que têm aparecido, denunciando ser o **Livro de Mórmon** um embuste ou fraude. A maioria delas gozaram de breve popularidade, ocasionada pela curiosidade, passando logo em seguida para o esquecimento. Até a data de hoje poucas alcançaram uma segunda edição. Nenhuma delas influenciou os membros da Igreja contra o livro ou interferiu na venda do mesmo ao povo do mundo.

A Igreja raramente se dignou responder aos críticos do **Livro de Mórmon,** considerando o conteúdo do volume e as evidências de sua origem refutação suficiente em qualquer época, a quem quer que ataque sua divindade ou desafie suas pretensões. Críticos subseqüentes do volume têm quase que universalmente atacado as críticas dos escritores não mórmons que os precederam, como um prelúdio da importância de seus próprios argumentos, e têm realizado um bom trabalho de eliminação mútua.

Eventos e descobertas subseqüentes à primeira publicação do **Livro de Mórmon** têm eliminado grande parte das objeções que lhe foram feitas, de forma que ele permanece, atualmente, mais seguro que nunca em todas suas vastas asserções.

A fim de se compreender por que razão os críticos do livro têm sido vastamente desacreditados e por que a fé do povo mórmon em sua divindade tem aumentado, será necessário rever brevemente algumas das pretensões do livro, e o que as descobertas humanas concernentes às mesmas durante um período de mais de cem anos têm provocado.

O Livro de Mórmon declara que dois povos diferentes chegaram à América em tempos antigos, provenientes do Continente Asiático. Um desses grupos chegou à América pouco tempo depois da destruição de Babel[1]. O outro deixou as vizinhanças de Jerusalém cerca de 600 A.C. e chegou à América uns quatorze anos mais tarde. De acordo com o relato, ambas as raças, especialmente a última, porém, se tornaram altamente civilizadas e desenvolveram uma cultura e linguagem diferentes de qualquer outra então existente no mundo.

---

1. (Nota) Como Babel nunca foi definidamente localizada, supõe-se apenas que tais pessoas tenham vindo da Ásia. Entretanto, a maioria dos historiadores indicam que a lenda da Torre de Babel se relaciona aos habitantes do vale do Rio da Mesopotaamia. É impossível estabelecer uma data para tal imigração. Certamente foi antesdo ano 2000 A.C..

Quanto à primeira parte desta pretensão o mundo ainda se acha em controvérsia – a teoria do **Livro de Mórmon** até a época presente não foi provada nem rejeitada pelas pesquisas científicas.

A segunda parte da pretensão, isto é, que povos altamente civilizados existiram no continente americano antes da vinda dos espanhóis, foi definitivamente estabelecida pelas descobertas arqueológicas.

Aqueles que crêem no **Livro de Mórmon** não devem esquecer que a grande quantidade de descobertas arqueológicas feitas na América não se relacionam todas à história das civilizações Jareditas ou Nefitas. Para a pessoa que não está bem a par da arqueologia é fácil interpretar mal ou erroneamente tais descobertas. Quando chegamos a conclusões apressadas sobre tais coisas podemos vir a ser instrumentos de grave injúria à causa do **Livro de Mórmon,** e a desacreditar a sabedoria da Igreja.

É absurdo pensar que o conteúdo do livro em si contenha resposta para todas as intricadas descobertas com as quais se defrontam os arqueólogos na América. O **Livro de Mórmon** não é a história de todo o Continente Americano, nem uma história completa de qualquer parte do mesmo.

Os historiadores antigos, cujos registros aparecem no livro, não tentaram escrever uma história profana.[2] Os detalhes concernentes à cultura são geralmente omitidos e bem pouca referência é feita à geografia da terra. O **Livro de Mórmon** não nos dá um mapa de suas cidades nem indica claramente em que parte das Américas estão elas localizadas.[3] Talvez este segredo possa ainda ser descoberto através de uma pesquisa mais apurada do próprio texto do livro, mas até a data presente não existe um mapa do **Livro de Mórmon** que possa ser largamente aceito.[4] Conseqüentemente, nenhuma das cidades antigas desenterradas pode ser identificada, atualmente, como sendo cidades mencionadas no **Livro de Mórmon.** Tentar fazer tal pretensão no presente estágio da pesquisa arqueológica é o mesmo que convidar o desastre e o ridículo sobre nós. Tampouco pode o livro ser usado como guia geográfico, numa tentativa de localizar cidades ainda não desenterradas. O uso do **Livro de Mórmon** pelo "Smithsonian Institute" e por outras sociedades arqueológicas tem-se limitado inteiramente a um estudo das histórias e nomes do **Livro de Mórmon,** na tentativa de decifrar as inscrições descobertas nas antigas ruínas americanas.

Evidências Modernas a Favor do Livro

A grande pretensão do **Livro de Mórmon,** concernente à existência de sucessivas civilizações na América, tem sido substanciada pelas descobertas arqueológicas e, devido a isto, muitas das críticas anteriormente feitas ao livro deixaram de existir.

Embora os escritores do **Livro de Mórmon** não tenham tentado descrever completamente sua civilização, as seguintes declarações são de interesse:

Uso de Metais. "E trabalhavam com toda espécie de minérios, obtendo ouro, prata, ferro, latão e toda sorte de metais, e tiravam-nos da terra; portanto, levantaram enormes montões de terra, para tirar ouro, prata, ferro e cobre. E faziam toda sorte de obras finas".[5]

Manufatura de Fazenda. "E tinham sedas e linhos finos; e faziam toda espécie de roupas, para poder cobrir sua nudez"[6]

Construção de Estradas. E abriram-se muitas vias e muitas estradas foram construídas, ligando uma cidade a outra cidade e uma terra a outra e um lugar a outro".[7]

Uso do Cimento. "E, como era muito escassa a madeira no território, o povo que para lá seguiu, tornou-se perito em trabalhos de cimento, portanto, construíram casas de cimento, nas quais passaram a habitar".[8]

---

2. Profana - Secular ou civil.

3. Um relatório feito pelo Washburn Committee sobre a geografia do **Livro de Mórmon** - preenchido com o Departamento de Educação em 1934, oferece interessantes sugestões e descobertas.

4. As diversas teorias concernentes à geografia do **Livro de Mórmon** são falhas em sua concordância.
5. **Livro de Mórmon,** Éter 10:23.
6. **Livro de Mórmon,** Éter 10:24.
7. **Livro de Mórmon,** III Néfi 6:8.
8. **Livro de Mórmon,** Helaman 3:7.

Foram encontradas na América Central evidências de uma civilização possuidora dos itens acima mencionados. Que seus antigos habitantes conheciam e usavam metais é um fato já universalmente reconhecido. Um dos mais preeminentes arqueologistas, A. Hyatt Verrill, escreve:

"Há menos de dois anos atrás fui ridicularizado ao sugerir que uma cultura completamente nova e desconhecida, de grande antigüidade, existiu no Panamá; mas agora temos provas irrefutáveis deste fato. Além disso, numa profundidade de um metro a um metro e meio abaixo da superfície, no terreno do templo, entre cerâmica quebrada, enterrada no carvão, encontrei uma ferramenta de ferro dura como aço. A maior parte dela se encontra quase que completamente destruída pela corrosão, mas a parte cinzelada está em boa condição. Arranha vidro e, com tal instrumento, seria fácil cortar e modelar a mais dura pedra".[9]

Concernente à existência de estradas, lemos:

"Nos tempos antigos Chi-Chen Itza e todas as maiores e menores cidades da Península Yucatan se ligavam através de uma rede de estradas bem pavimentadas. 'Os maias atuais dão o nome de 'Zac-be-ob' ou caminhos brancos' a estas velhas estradas. O nome é de origem antiga, usado, talvez, pelos próprios construtores; sem dúvida estas estradas eram semelhantes a fitas que se estendiam por quilômetros e quilômetros através de campos e florestas, sendo tão merecedoras da denominação de 'caminhos brancos' quanto qualquer de nossas vias públicas fulgurantemente iluminadas à noite".[10]

O cimento também é reconhecido como um dos principais materiais de construção.

"Assomando bem acima das estruturas menores podemos ver as ruínas dos palácios imensos, com suas imponentes fachadas, paredes e pátios, enquanto o leito seco de um canal de irrigação que antigamente supria de água a cidade pode ser traçado até sua fonte, o rio Moche, diversas milhas distante dali. Pedra alguma foi usada na construção desta imensa cidade cujas ruínas cobrem centenas de acres; tampouco eram os muros e demais construções de adobes ordinários. Ao contrário, os Chimuns e seus predecessores empregaram uma argila semelhante ao cimento, misturada com cascalho, que endurecia, de forma a se transformar num material de grande resistência e durabilidade, um material que tem resistido a terremotos, enchentes, ventos e mãos humanas por inúmeros séculos".[11].

O Conhecimento das Escrituras Hebraicas na América

Uma das interessantes asserções do **Livro de Mórmon** é a de que os ancestrais dos índios americanos tinham pleno conhecimento das escrituras hebraicas, desde os livros de Moisés até o de Jeremias. Lemos:

"Lehi tomou os anais que estavam gravados sobre as placas de latão e examinou-os desde o princípio. E verificou que continham os cinco livros de Moisés, os quais davam a história da criação do mundo e de Adão e Eva, que foram os nossos primeiros pais. E também a história dos judeus, desde o princípio até o começo do reinado de Zedequias, rei de Judá".[11a]

Esta declaração foi ridicularizada em 1830 por quase praticamente todos os estudantes da antiga história americana. Passado um século esta extraordinária pretensão já não é motivo de risos. Embora não seja um fato estabelecido, aceito por todos os estudiosos do assunto, algumas importantes autoridades do mesmo acham-no extremamente provável. Aliás, não poderiam tais pessoas achar qualquer outra fonte para o que têm encontrado, pois é bastante evidente, das tradições e lendas indígenas, que histórias, tais como a da criação dos primeiros pais, do dilúvio, das doze tribos etc, eram bastante conhecidas entre eles já antes da vinda dos europeus.

A mais autêntica fonte de tais lendas é o Popol Vuh, um manuscrito raro, escrito na língua quichua [12], e traduzido para o espanhol por Francisco Jimenez, um famoso padre católico que viveu entre os índios da Guatemala, durante o antigo reinado espanhol na América. Este interessante volume está repleto de histórias tão semelhantes às dos hebreus, que um sábio famoso, Le Plongeon, declarou terem tais histórias se originado na América e mais tarde levadas ao

9. A. Hyatt Verrill, ao trabalhar para o "Museum of the American Indian", Heye Foundation, **American Magazine, 1926.**

10. T.A. Villard - **The City of the Sacred Well**, pp. 88,89.

11. A. Hyatt Verrill **Under Peruvian Skies**, p. 25.

11a. Livro de Mórmon - 1 Néfi 5:10-12.

12. Os índios quichuas são nativos da Guatemala, na América Central.

velho mundo, onde foram adotadas e aperfeiçoadas pelos hebreus.[13] Le Plongeon clamou ter encontrado nas paredes das ruínas de Chichen-Itza e Uxmal, na América Central, murais da criação, da tentação de Eva no Jardim do Éden, da história de Caim e Abel e de muitas outras lendas hebraicas.

No manuscrito de Chimalpapoca, um dos poucos registros indígenas não destruídos quando os espanhóis conquistaram a América Central, Deus é representado como o Criador do Mundo em diversos períodos sucessivos, criando plantas e animais e finalmente fazendo o homem do pó, animando-o em seguida.

"Em Michoacan os índios nos contam que uma grande enchente cobriu a terra e que Tezpe, com sua esposa e filhos, mais uma coleção de animais e sementes, foram salvos num espaçoso barco construído por Tezpe. Quando as águas começaram a subir Tezpe enviou um abutre que deveria sobrevoar a terra e fazê-lo saber quando principiasse a aparecer terra seca".[14]

Estas lendas são tantas que poderiam encher volumes. Parecem ser evidências indiscutíveis de que a tradição hebraica era plenamente conhecida pelos antigos habitantes da América.

Uma Grande Destruição na América

Uma grande destruição de cidades e povos e um estrondoso cataclismo tiveram lugar no Continente Americano durante a época da morte de Jesus. Algumas cidades viram-se enterradas sob erupções vulcânicas, outras submergidas no mar, outras ainda foram incendiadas e outras foram carregadas ao topo de montanhas, e grande foi o número de habitantes que pereceram.[15] Isto clama o **Livro de Mórmon** e, por mais de cem anos, tem desafiado o mundo para procurar e descobrir por si. Considerável número de pesquisas tem sido feito, a maioria delas confirmando a história.

As tradições indígenas claramente apontam alguns de tais acontecimentos no Continente Americano. Bancroft, o historiador, nos apresenta a seguinte tradição Tolteca:

"O sol e a lua foram eclipsados, a terra tremeu, as rochas se despedaçaram e muitas outras coisas e sinais aconteceram, embora não tenha havido perda de vidas. Isto aconteceu no ano de Ce Calli, que, ao ser a cronologia transformada para o nosso sistema, provou ser a mesma data em que Cristo, nosso Senhor, foi crucificado — 33 D.C." [16]

Nadaillic, outro escritor, nos apresenta uma citação de Brasseur De Bourbourg:

"Se posso julgar das alusões feitas nos documentos que tive a felicidade de encontrar, houve nestas regiões, naquela remota data, convulsões da natureza, dilúvios, terríveis inundações, seguidas de elevações de montanhas, acompanhadas de erupções vulcânicas. Estas tradições, cujos traços podem também ser encontrados no México, na América Central, no Peru e na Bolívia fazem-nos chegar à conclusão de que estes vários países eram habitados pelo homem durante o tempo da elevação das cordilheiras e que a lembrança de tal elevação foi preservada".[17]

O historiador Prescott também registra uma multidão de tradições indígenas a respeito de uma grande catástrofe, determinando terem tais acontecimentos tido lugar, mais ou menos na época da morte de Cristo.[18]

As descobertas arqueológicas constatam certos fatos descritos no **Livro de Mórmon.** Cidades têm sido localizadas sob enchentes de lava ou submergidas por lagos. Ruínas têm sido encontradas nos cumes das montanhas. Nos vales que estão ao norte da Cidade do México, grandes cidades e templos têm sido encontrados, enterrados por cerca de três metros de pó vulcânico. Os leitos de velhas vias de cimento mostram indicações de terríveis distúrbios na terra depois de seu término.

Embora estes itens não provem a origem divina do **Livro de Mórmon,** as estranhas asserções do livro já não podem ser chamadas de absurdas. De fato, maravilhamo-nos com o fato de um volume que oferece tal desafio ter

13. Ivins, **Mormonism and Free Masonry**, pp. 210-217.
14. Ivins, **Mormonism and Free Masonry**, p. 200. Comparar com Gênesis 8.
15. **Livro de Mórmon**, III Néfi 8,9..
16. **Native Races**, Vol. V, pg. 210
17. Nadaillic, **Prehistoric America**, pgs. pp. 16, 17.
18. Prescott, **Conquest of Mexico**, Vol. I, pp. 105-6.

sobrevivido tão bem ao teste que lhe foi imposto pelo tempo.

O Mundo e as Filosofias Religiosas do Livro de Mórmon

O Livro de Mórmon apresenta ao mundo uma religião definida, declarando que Deus existe e que é o Criador, a cuja imagem foi feito o homem.

O livro ensina que Deus é realmente o Pai de toda a humanidade, e que todos os homens são irmãos. Como Pai ele está interessado na felicidade e bem-estar de Seus filhos, declarando que "os homens existem para que tenham alegria."[18a]

O Filho, que também é um Deus, é aquela pessoa que viveu entre os homens na carne, como Jesus de Nazaré. Está tão intimamente associado ao Pai que, em suas relações com o homem, é tanto o Pai como o Filho, reinando sobre a terra em lugar de Deus. É o Salvador do mundo, escolhido para tal missão desde o princípio. Nasceu de uma Virgem, que o concebeu "pelo poder do Espírito Santo"[18b]

Foi crucificado, depois do que levantou do túmulo com um corpo ressuscitado e imortal de carne e ossos, aparecendo a Seus apóstolos e a cerca de quinhentos outros na Palestina, bem como a milhares de nefitas no Continente Americano.

O Espírito Santo é também chamado o "Espírito de Deus". Ele presta testemunho do Pai e do Filho. É representado como um personagem exaltado que confere divina sanção sobre os servos de Deus, santifica aqueles que forem ordenados ao Sacerdócio, concede conhecimento e capacita o homem a falar em línguas, a profetizar, a ter visões, a ter fé e a obter muitos outros dons preciosos.

As revelações e outras respostas às orações são realidades e constituem a única fonte de conhecimento humano de Deus e de sua afinidade com o homem.

O evangelho é a lei de progresso eterno, através da qual a humanidade pode obter a plenitude da alegria. Foi dado a conhecer ao primeiro homem, Adão, tendo sido o conhecimento do mesmo preservado, ou restaurado às vezes, através de revelação àqueles que, cheios de fé, perguntaram a respeito. Tais pessoas têm sido chamadas profetas. Aqueles que tomaram conhecimento do Evangelho ou lei de progresso e nele tiveram fé, foram iniciados no "Reino de Deus" através do batismo por imersão. Os membros deste reino terreno, quando suficientemente numerosos, se organizaram numa igreja ou organização terrena designada em qualquer época e entre qualquer povo como a "Igreja de Jesus Cristo".

A autoridade para formar e perpetuar tal organização e oficiar suas ordenanças é dada diretamente de Jesus Cristo e é denominada Sacerdócio. É o poder delegado ao homem para agir em nome de Deus.

Ao passarmos para esta vida saimos de uma existência prévia, num passo progressivo para a vida futura. O céu é um estado de felicidade obtido através da obediência à lei divina, e o inferno é um remorso de consciência que eventualmente deverá seguir à desobediência.

O livre arbítrio é dado ao homem nesta vida, num mundo de oposições, entre o amargo e o doce, entre aquilo que produz miséria e aquilo que resulta em felicidade, a fim de que ele possa procurar um e desprezar o outro.[19] As conseqüências de suas escolhas resultam num estado paradisíaco ou num estado de miséria, depois de o espírito ter passado para o mundo espiritual.[20]

A queda de Adão foi uma bênção para a humanidade. "Adão caiu para que os homens existissem e os homens existem para que tenham alegria."

"E é imprescindível à justiça de Deus

18a. Livro de Mórmon 2º Néfi, 2:25
18b: Livro de Mórmon Alma 7:10

19. Ver II Néfi 2.
20. Alma 32, 40.

que os homens sejam julgados de acordo com suas obras: e se as suas obras forem boas nesta vida, bem como os desejos de seus corações, sejam eles também, no último dia, restaurados ao que é bom.

"E, se suas obras forem más, lhes sejam restauradas para o mal".[21]

Estas são, em suma as filosofias religiosas do **Livro de Mórmon.** Ao fim de cem anos continuam a formar a mais bela filosofia de todo o mundo. Permanecem sem paralelo na sua simplicidade. Seus conceitos nunca foram refutados nem com êxito postos em dúvida. Todos os que os lêem e aceitam se tornam membros da "Igreja de Jesus Cristo", estabelecida neste "últimos dias".

Foi para preservar esta filosofia de vida que o livro foi escrito e nisto jaz o seu grande valor. Entretanto, hoje em dia, como há mais de cem anos, a verdade desta mensagem evangélica pode ser obtida tão somente através da oração àquele Deus que a todos "dá liberalmente e não lança em rosto".

21. Alma 41:3,4.

Leituras Suplementares

É bastante vasto o campo para leitura interessante relacionada a este assunto. Os estudiosos poderão encontrar artigos em revistas atuais, que suplementarão o seguinte:

1. **Widtsoe, Restoration of the Gospel,** pp. 50-52. (O valor do **Livro de Mórmon,** do ponto de vista do mundo em geral).

2. Talmage, (**Vitality of Mormonism**) pp. 45-49. (A influência do **Livro de Mórmon** sobre as pessoas que pensam).

3. **Ibid.,** pp. 22-23. (O termo "Mórmon" é um apelido dado aos santos).

4. **Ibid.,** pp. 46-47 (**O Livro de Mórmon** nos dá, como essencial ao progresso, um conhecimento do bem e do mal).

5. **Livro de Mórmon Alma** capítulos 40-41. (Filosofia do Livro de Mórmon).

6. **Livro de Mórmon, II Nefi,** capítulo 2. (Filosofia do Livro de Mórmon).

O SACERDÓCIO EM AÇÃO

Chamado de Deus

Durante a tradução do **Livro de Mórmon** das placas de ouro, Joseph Smith e Oliver Cowdery se defrontaram com muitas passagens sobre o batismo, entre as quais está a seguinte:

"E o Senhor chamou também a outros dizendo-lhes a mesma coisa, e deu-lhes poder para batizar. E disse-lhes: Desta maneira batizareis e não haverá disputas entre vós".

"E em verdade vos digo que nesta forma batizareis todos os que se arrependerem dos seus pecados pelas vossas palavras e desejarem ser batizados em meu nome; eis que descereis à água e em meu nome os batizareis".

"E, eis que estas são as palavras que devereis pronunciar, chamando-os pelo nome:

"Tendo autoridade, que me foi concedida por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

"E então os mergulhareis na água e depois saireis dela"[1]

Esta passagem fez com que eles pensassem bastante e desejassem ser, de forma apropriada, batizados no Reino de Deus. Não sabiam, porém, como proceder.

Conseqüentemente, no dia 15 de maio de 1829, se retiraram a um pequeno bosque situado perto das margens do rio Susquehanna, perto da residência de Joseph Smith, em Harmony. Ali buscaram obter conhecimento através da oração. Sua submissão àquela lei, através da qual o conhecimento pode ser obtido de Deus, foi reconhecida. Em meio às suas orações, uma luz brilhante cobriu-os e um mensageiro do Senhor lhes apareceu. Disse ser João Batista, o possuidor das chaves do batismo nos dias de Jesus de Nazaré.

Depois de dar-lhes instruções concernentes aos tópicos que os preocupavam, impôs suas mãos sobre suas cabeças e conferiu-lhes o Sacerdócio e autoridade por ele mesmo possuídos. Suas palavras, recebidas por Joseph Smith, têm bastante significado:

"A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da administração dos anjos, do Evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados; e isto nunca mais será tirado da terra, até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor".[1*]

Joseph Smith registra o seguinte em seu diário:

"Ele disse que esse Sacerdócio Aarônico não tinha o poder de impor as mãos para comunicar o dom do Espírito Santo, mas que isto nos seria conferido mais tarde; e nos mandou que fôssemos e nos batizássemos, dando-nos instruções para que eu batizasse Oliver Cowdery, e que depois ele deveria batizar-me.

"Por conseguinte, fomos e nos batizamos. Eu o batizei primeiro, e em seguida ele me batizou, após o que pus minhas mãos sobre sua cabeça e lhe conferi o Sacerdócio de Aarão e, em seguida, ele pôs suas mãos sobre a minha cabeça e me conferiu o mesmo Sacerdócio, porque assim nos fora mandado.

"O mensageiro que nos visitou nesta ocasião e nos conferiu esse Sacerdócio disse que seu nome era João, o mesmo que é chamado João Batista no Novo Testamento, e que ele agia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que tinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque, sacerdócio este que, declarou ele, seria, no devido tempo, conferido a nós, e que eu seria chamado o primeiro élder da Igreja e ele (Oliver Cowdery) o segundo.**[2]

"Imediatamente após sairmos da água, depois de termos sido batizados, experimentamos grandes e gloriosas bênçãos advindas de nosso Pai Celestial. No mesmo momento em que batizei Oliver Cowdery, o Espírito Santo desceu sobre ele, que, pondo-se em pé, profetizou muitas coisas que logo deveriam acontecer. E novamente, tão logo fui batizado por ele, também tive o espírito da profecia, e, em pé, profetizei com respeito à edificação desta Igreja e muitas outras coisas ligadas à Igreja e a esta geração dos filhos dos homens. Sentimo-nos cheios do Espírito

---

1*. **Doutrina e Convênios**, seção 13. Num artigo de **Messenger and Advocate**, 1834, Oliver Cowdery assim finaliza a citação: "Que deverá permanecer sobre a terra, para que os filhos de Levi ainda posssam oferecer, em retidão, um sacrifício ao Senhor".
Ver também Pérola de Grande Valor. p. 58.

2. Joseph Smith 2.70.72, Pérola de grande valor.

Santo e nos regozijamos no Deus de nossa Salvação".[3]

Quão grande deve ter sido a sua alegria! O poder para agir em nome de Deus lhes havia sido conferido! Aquele mesmo poder manifestado nos dias de Cristo tinha sido novamente restaurado! Falando sobre o acontecimento disse Oliver Cowdery o seguinte:

"Não procurarei descrever os sentimentos deste coração, nem a majestosa formosura e brilho que nos rodeou nessa ocasião: mas acreditar-me-ás quando te disser que nem a terra nem os homens, com a eloqüência do tempo, podem sequer principiar a adornar qualquer língua de tão interessante e sublime maneira quanto o fez este santo personagem. Não! Nem tem esta terra o poder de proporcionar a alegria, de conferir a paz ou compreender a sabedoria que encerra cada uma destas frases declaradas pelo poder do Espírito Santo!... A certeza de que nos achávamos na presença de um anjo, a convicção de que ouvíamos a voz de Jesus e a verdade imaculada que emanava de um personagem puro, ditada pela vontade de Deus, são para mim superiores a qualquer descrição, e para sempre estimarei esta expressão da bondade do Salvador com assombro e gratidão".[4]

O Sacerdócio de Melquisedeque é Restaurado

Algum tempo mais tarde, talvez em princípios de junho,[5] Joseph e Oliver novamente pediram ao Senhor que lhes concedesse conhecimento concernente à autoridade maior que lhes havia sido prometida. Em resposta à sua petição, outra ocorrência notável teve lugar. Pedro, Tiago e João, os antigos apóstolos de Jesus, apareceram e lhes deram o dom do Espírito Santo através da imposição das mãos, conferindo-lhes também o Santo Sacerdócio de Melquisedeque.

Assim foi restaurado aquele tão inconfundível Sacerdócio da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O efeito do Espírito Santo sobre Joseph e Oliver é retratado no diário do Profeta:

"Estando agora nossas mentes iluminadas, começamos a compreender as Escrituras, e nos foi revelado o verdadeiro significado e intenção de suas passagens mais misteriosas numa forma tal qual até então não havíamos logrado, nem jamais pensamos em conseguir".[6]

O espírito do trabalho missionário até então nunca por eles experimentado se lhes adveio. A despeito da oposição que se formava contra eles e da necessidade de conservar em segredo seu trabalho, o espírito não foi silenciado. Assim diz Joseph:

"Depois de alguns dias, sentindo ser nosso dever, principiamos a falar sobre as Escrituas com nossos conhecidos e amigos, à proporção que os encontrávamos".[7]

A história da restauração do Sacerdócio é uma das mais significativas de todos os tempos. O Sacerdócio assume o significado que tinha nos dias dos Apóstolos. É um poder tão real e vital, que merece ser desejado acima de bens, posição ou fama.

O Teste

À proporção que seguimos a história do Sacerdócio na Igreja, bem como do poder manifestado através do seu exercício, vemos que a verdade desta história é evidente.

Depois de organizada a Igreja, Joseph conferiu a outros, através da imposição das mãos, os poderes do Sacerdócio que possuía; e enviou-os ao mundo para pregar o evangelho, com esta poderosa declaração previamente recebida de Jesus, o Cristo:

"Toda a alma que crer em vossas palavras, e para a remissão dos pecados for batizada pela água, receberá o Espírito Santo;

"E estes sinais (do Sacerdócio) seguirão aos que crerem;

"Em meu nome realizarão (isto é, os que possuem o Sacerdócio) muitas obras maravilhosas;

"Em meu nome expulsarão demônios;

"Em meu nome curarão os enfermos;

"Em meu nome abrirão os olhos dos cegos e destaparão os ouvidos dos surdos;

"E a língua do mudo falará;

"E se alguém lhes administrar veneno, não lhes fará mal;

---

3. **History of the Church**, Período I, Vol 1, pp. 39-41.
4. **Messenger and Advocate**, 1834, Ver também **History of the Church**, Joseph Smith, Vol. 1. pp. 42-43.
5. A data exata não foi registrada.
6. **History of the Church** - Período 1, Vol. I. p. 43.
7. **History of the Church** - Período 1, Vol. I, p. 44.

"E o veneno da serpente não terá poder para lhes causar mal".[8]

Foi feita a promessa àqueles que viessem a receber o Espírito Santo através da imposição das mãos de homens que possuíssem o Sacerdócio apropriado, que alguns haveriam de profetizar, outros de obter conhecimento, adquirir fé, operar milagres, discernir espíritos, falar línguas ou ter o dom de interpretá-las[9]. Ele mais tarde disse a seu povo:

"Se houver alguém enfermo entre vós, que chamem os élderes da Igreja e eles colocarão suas mãos sobre suas cabeças, e sua fé haverá de curá-los."

Esta foi uma declaração destemida. Se não há poder, não há Sacerdócio! Joseph toma a posição de Elias, no Monte Carmelo, dizendo ao mundo: "Vinde e ponhamos à prova a autoridade divina que recebemos de Deus. Oremos a Deus em nome de tal autoridade e sejamos julgados pelos resultados". Se as evidências de sinais seguem a tal declaração, quem entre os homens pode conscientemente negar que João Batista realmente esteve nas margens do Rio Susquehanna naquela manhã de primavera de 1829, ou que Pedro, Tiago e João também apareceram, como narrado por Joseph e Oliver?

Em face a este poderoso teste os mesquinhos argumentos sobre a realidade dos anjos e a possibilidade de seu aparecimento aos homens caem em profunda insignificância.

É Organizada Uma Igreja Através do Sacerdócio

Quando Joseph Smith e Oliver Cowdery, exercendo o sacerdócio que tinham recebido, se batizaram um ao outro nas águas do Rio Susquehanna e, mais tarde, tiveram tal ordenança confirmada pela imposição das mãos por Pedro, Tiago e João, tornaram-se os primeiros membros do Reino de Deus nestes últimos dias. Eles tinham cumprido os requisitos iniciais para sua entrada no Reino. Tinham sido recebidos nele por aqueles que tinham a autoridade apropriada para batizar outros no Reino de Deus e para organizar os membros de tal Reino sobre a terra numa igreja.

Samuel Smith, um irmão mais jovem de Joseph, chegou em Harmony pouco tempo depois. Teve conhecimento da ordenança do batismo e manifestou o desejo de entrar no Reino de Deus. Conseqüentemente, Oliver Cowdery conduziu-o às águas do Susquehanna e batizou-o. Em junho de 1829 Hyrum Smith e David Whitmer foram batizados por Joseph Smith, e Peter Whitmer por Oliver Cowdery.

Desde o tempo de sua primeira visão no bosque, em Palmyra, Joseph esperava pelo dia em que uma organização definida daqueles que acreditaram na restauração do Evangelho nestes últimos dias pudesse ser efetuada. Ele agora tinha a autoridade necessária, bem como um grupo de indivíduos qualificados para tal. Novamente procurou o Senhor em oração e recebeu uma resposta instrutiva, estabelecendo o método de procedimento para o início da Igreja. Esta revelação foi recebida no princípio de junho de 1829, num dos quartos da casa da família Whitmer em Fayette, Nova Iorque.

Subseqüentemente, em resposta a orações posteriores, o Senhor revelou outros assuntos concernentes à organização e declarou a data exata em que a Igreja deveria passar a existir, ou seja, no dia 6 de abril de 1830. Estas várias revelações foram reunidas e mais tarde publicadas na seção vinte do livro **Doutrina e Convênios.**

Durante o intervalo entre junho de 1829 e 6 de abril de 1830 outros batismos foram realizados e reuniões foram feitas nos lares de amigos, nas quais discutia-se a restauração do Evangelho.

Na data designada, 6 de abril de 1830, Joseph Smith, Oliver Cowdery e membros das famílias Smith e Whitmer se reuniram no lar de Peter Whitmer

---

8. **Doutrina e Convênios**, seção 84, versículos 64-72.
9 **Doutrina e Convênios**, seção 46, versículos 17-25.

Pai, em Fayette, condado de Sêneca, New York. Depois de hinos apropriados e oração, foram lidas para os presentes então reunidos as revelações concernentes à organização da Igreja.[10] Estas revelações estabelecem a ordem do Sacerdócio e dos deveres dos oficiais da Igreja. A organização toda da igreja foi edificada tendo este padrão por base.

De acordo com mandamentos prévios, o Profeta Joseph perguntou aos membros presentes se o aceitavam, bem como a Oliver Cowdery, por mestres nas coisas do Reino de Deus; e se estavam dispostos a organizar a Igreja, de acordo com os mandamentos do Senhor. Isto recebeu consentimento por voto unânime. Joseph então ordenou Oliver, élder na Igreja de Jesus Cristo,[11] depois do que, Oliver ordenou Joseph, élder da mesma igreja. O sacramento foi administrado e aqueles que tinham sido previamente batizados foram confirmados membros da Igreja e receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos. Alguns gozaram o dom de profecia e todos se regozijavam excessivamente.[12]

Regras de incorporação da Igreja de Jesus Cristo tinham sido previamente esboçadas, em conformidade com as leis do estado de Nova Iorque, concernentes à organização de corpos religiosos. Já que a lei estadual requeria seis assinantes para este documento, os primeiros seis membros batizados nesta dispensação fixam suas assinaturas. Eram estes, conforme a ordem de seus batismos Oliver Cowdery, Joseph Smith, Jr., Samuel H. Smith, Hyrum Smith, David Whitmer e Peter Whitmer, Jr. Embora somente seis assinassem seus

10. **Doutrina e Convênios**, seção 20.
11. As palavras "dos Santos dos Últimos Dias" eram usadas ocasionalmente, mas não consistentemente, até ser isto ordenado, em 1838. Doutrina e Convênios, seção 115. Ver Berrett e Burton **Readings in L.D.S. Church History**, Vol. 1, pp. 75-76.
12. **Comprehensive History of the Church**, Vol. 1, p. 196.

Fotografia de uma cena de "The Message of the Ages", peça teatral sobre a organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no dia 6 de abril de 1830, no lar de Peter Whitmer.

nomes, de modo a tornar o documento legal, pelo menos nove participaram na organização da Igreja.[13]

Assim foi introduzida a Igreja atualmente conhecida como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O Sacerdócio havia sido restaurado anteriormente. A Igreja foi uma criação do Sacerdócio. É o meio através do qual o Sacerdócio pode funcionar eficiente e ordenadamente e através do qual o Evangelho pode ser propagado ao mundo.

Durante a reunião Joseph recebeu outra revelação, instruindo-o que um registro deveria ser feito e que, nele Joseph deveria ser chamado:

"Vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo, élder da Igreja pela vontade de Deus, o Pai, e pela graça do Senhor Jesus Cristo".[14]

Desta forma foi estabelecida a vontade de Deus em relação à organização da Igreja. Nada, porém, devia ser tornado efetivo sem o consentimento e voto do povo, pois o Senhor disse:

"Todas as coisas serão feitas de comum acordo na Igreja, por meio de muita oração e fé".[15]

E, posteriormente: "Nenhuma pessoa deverá ser ordenada a nenhum cargo nesta igreja, onde houver um ramo dela organizado segundo regulamento, sem o voto da igreja.[16]

Portanto, foi ensinado aos membros que Deus haveria de dar-lhes conselho e de usar de persuasão ao dirigir a Igreja, mas nunca de compulsão. Além disso, o Senhor espera que os oficiais de Sua Igreja sigam o mesmo elevado princípio moral. Pouco tempo depois Deus revelou o alto padrão através do qual o Sacerdócio deveria governar os assuntos da Igreja, tendo tal revelação sido registrada da seguinte forma:

"Os direitos do Sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelos princípios da retidão.

"É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós, mas quando tentamos encobrir os nossos pecados, ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, ou exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam e o Espírito do Senhor se magoa; e quando se afasta, amém para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem.

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do Sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura e com amor não fingido".[17]

Quase todos os grandes movimentos religiosos tiveram princípios humildes, mas nenhum tão humilde como aquele iniciado na habitação simples de Peter Whitmer Pai, nos limites da parte oeste de Nova Iorque, em 1830.

Fundada por mandamento divino, como "uma pedra cortada da montanha, sem mãos" [18] a Igreja tem de tal forma se propagado, que seus ramos se expandem a todos os estados dos Estados Unidos e a quase todas as nações civilizadas da terra e sobre as ilhas do mar. O pequeno grupo de seis cresceu para mais de três milhões e, não esqueçamos, o movimento está ainda em sua infância.

A História da Autoridade Divina no Mundo

As Escrituras revelam que a autoridade de Deus neste mundo realmente teve início já antes de o mundo físico começar a existir.

Abraão, que viveu quase dois mil anos antes de Cristo ter nascido na carne, registrou estas significativas palavras:

"Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo: e entre estas havia muitas nobre e grandes.

"E Deus viu que estas almas eram boas, e ele ficou no meio delas, e disse: A estes farei meus governantes; porque Ele estava entre os que eram espíritos, e viu que eles eram bons; e disse-me: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres.

"E havia entre eles um que era semelhante a

13. **Comprehensive History of the Church**, Vol. I, nota de pé, p. 196.
14. **Doutrina e Convênios**, seção 21:1.
15. **Doutrina e Convênios**, seção 26:2.
16. **Doutrina e Convênios**, seção 20:65.
17. **Doutrina e Convênios**, seção 121:30-37, 41
18. **Ibid.**, Seção 65:2. Também Daniel 2:34-35, 45.

Deus, e disse aos que se achavam com ele: Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes possam morar.

'E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar;

"E aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e os que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aqueles que guardarem seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre.

E o Senhor disse: "A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me. E o Senhor disse: Enviarei ao primeiro.

"E o segundo se irritou e não conservou seu primeiro estado; e naquele dia, muitos o seguiram".[19]

Através da citação acima descobrimos que o homem já existia antes da criação do mundo. Depois dos planos par a criação do mundo terem sido feitos, um, semelhante a Deus, foi escolhido e revestido de autoridade para o desempenho dos mesmos. O escolhido foi Jesus Cristo, nosso irmão mais velho.

Depois da terra ter sido preparada por Cristo, por direção de Deus, o Pai, de forma a constituir um lar adequado para o homem, Adão e Eva foram nela colocados e foi-lhes dado a conhecer o Evangelho. Mais tarde Adão foi batizado por um anjo e recebeu o Espírito Santo.[20] Foi-lhe dado também o Sacerdócio ou autoridade para agir em nome de Deus na realização das ordenanças, bem como o direito de delegar esta autoridade a outros.[21] O Sacerdócio, dado a Cristo no princípio, tem sido conferido de um indivíduo a outro de maneira particular. O candidato ao Sacerdócio deve ser chamado por alguém que já possua tal autoridade. Deve aceitar tal chamado e ser ordenado. A ordenação é realizada pela pessoa ou pessoas que possuam esta autoridade, as quais colocam suas mãos sobre a cabeça do indivíduo e pronunciam as palavras da ordenação.

Desta forma recebeu Adão o sacerdócio, e desta mesma forma ele o conferiu a seus filhos e assim por diante continuamente, até os dias de Moisés.[22]

Concernente ao sacerdócio dos dias de Moisés até os de João Batista, no que diz respeito àquela parte de Israel que vivia na Palestina, lemos em Doutrina e Convênios:

"E este Sacerdócio maior administra o Evangelho e possui a chave dos mistérios do reino, mesmo a chave do conhecimento de Deus.

"Portanto, nas suas ordenanças se manifesta o poder de divindade.

"E sem as suas ordenanças e a autoridade do Sacerdócio o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne.

"Pois, sem isto, nenhum homem pode ver o rosto de Deus, o Pai, e viver.

"Agora, Moisés claramente ensinou isto aos filhos de Israel no deserto, e procurou diligentemente santificar o seu povo, para que pudesse ver o rosto de Deus;

"Mas eles endureceram os seus corações e não puderam suportar a sua presença; portanto o Senhor na sua cólera, pois a sua ira estava acesa contra eles, jurou que, enquanto no deserto, eles não entrariam para o seu descanso, o qual é a plenitude da sua glória.

"Portanto, tirou de seu meio Moisés, e também o Santo Sacerdócio;

"E o Sacerdócio menor continuou, o qual possui a chave da ministração dos anjos e do Evangelho preparatório;

"O qual é o Evangelho do arrependimento e do batismo, e da remissão dos pecados, e a lei dos mandamentos carnais, que o Senhor na sua ira fez com que continuasse na casa de Aarão entre os filhos de Israel, até João, a quem Deus ergueu, e que foi cheio do Espírito Santo desde o ventre da sua mãe.

"Pois foi batizado quando ainda na sua infância, e quando tinha oito dias de idade foi ordenado com esse poder por um anjo de Deus, para abater o reino dos judeus e endireitar as veredas do Senhor diante da face de seu povo, com o fim de prepará-lo para a vinda do Senhor, em cuja mão foi posto todo o poder.[23]

---

19. **Pérola de Grande Valor**, Abraão 3:22.28.
Nota: Para uma explicação da razão por que Satanás foi rejeitado e Cristo escolhido e apropriado ver Pérola de Grande Valor, Moisés: 4:1-4, 5.4.12.
20. **Pérola de Grande Valor**, Moisés 6:53-68.
21. **Pérola de Grande Valor**, Moisés 6:7, Abraão 1:2-3. **Doutrina e Convênios** 84:6.17.
22. **Doutrina e Convênios**, 84:6-17.
23. **Doutrina e Convênios**, 84-19.23.

Embora o Senhor tivesse tirado o Sacerdócio de Melquisedeque ou Sacerdócio Maior de Israel, mais tarde dispensações especiais deste Sacerdócio foram dadas a profetas individuais, tais como Samuel, Natã, Elias, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, pois estes homens exerceram poderes e gozaram de privilégios pertencentes exclusivamente ao Sacerdócio de Melquisedeque.[24] Portanto, Lehi, aquele que conduziu uma colônia de israelitas à América no ano 600 A.C., também possuía o Sacerdócio de Melquisedeque e conferiu-o a sua posteridade. Este sacerdócio maior continuou na América, numa sucessão ininterrupta, por mil anos, tendo sido perdido somente com a morte do Profeta Morôni, cerca de 421 anos D.C.[25]

Conseqüentemente, o Sacerdócio de Melquisedeque existia na América no tempo da vinda de Cristo, mas foi perdido, no tocante aos habitantes de Judá, embora o Sacerdócio Menor, ou Aarônico, tivesse continuado entre eles. Cristo conferiu a seus apóstolos esta autoridade maior, como nos mostram as subseqüentes funções e atividades destes homens.

O Sacerdócio, na igreja apostólica, foi organizado com vários ofícios e chamados. A não ser que autoridade lhes fosse dada, os membros da Igreja não podiam agir em nome de Deus. As autoridades principais eram os apóstolos[26], com Pedro, Tiago e João na presidência. Também foram selecionados e ordenados os Setentas.[27] Sete homens eram escolhidos, para administrar aos pobres, [28] e, a princípio, lhes foi dado apenas o Sacerdócio Menor, que os capacitava a ensinar e a batizar as pessoas, sem, porém, confirmá-las ou conferir-lhes o Espírito Santo. Conseqüentemente, lemos no livro de Atos dos Apóstolos:

"Os apóstolos, pois que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João;

"Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo;

"Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.

"Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo".[29]

À proporção que a Igreja crescia bispos eram apontados.[30] Sacerdotes ordenados[31] e evangelistas (patriarcas) escolhidos.[32]

Numa carta aos santos de Éfeso, Paulo menciona muitos dos ofícios do Sacerdócio:

"E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores.

"Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo".[33]

Por quanto tempo esta autoridade e estes ofícios continuaram na igreja cristã antiga é assunto de certa disputa. Tanto a Igreja Católica Romana como a Igreja Grega Ortodoxa clamam contínua autoridade sacerdotal, desde os dias de Cristo até o presente. Os Santos dos Últimos Dias embora não atribuam a perda do Sacerdócio a qualquer século em particular, afirmam que nem o Sacerdócio nem qualquer de seus ofícios podiam ser encontrados sobre a terra em 1820, época em que o Profeta Joseph recebeu sua primeira grande visão.

Leituras Suplementares

1. Widtsoe, **The Restoration of the Gospel**, p. 68. (Declaração assinada por Oliver Cowdery, concernente ao Sacerdócio Maior).
2. **Ibid** pp. 34-35; 70 (Joseph não pretendeu falsa autoridade).
3. **Ibid.** p. 61. (O significado das visitas de João Batista).
4. Evans, **Heart of Mormonism** pp. 85-87 - (Símbolos e sinais da Igreja).
5. Widtsoe, **Joseph Smith as Scientist,**

24. Smith, **Ensinamentos do Profeta Joseph Smith**, p. 181
25. Ver II Néfi 5.25, 62, Alma 4.20, 13.6-18, Roberts, **New Witnesses for God**, Vol. III, p. 469.
26. Marcos 6:7.
27. Lucas 10:1.
28. Atos 6:2-6.
29. Atos 8:14-17.
30. Filipenses 1:1.
31. Hebreus 5:1.
32. II Timóteo 4:5.
33. Efésios 4:11.12.

pp. 83-85. (Há na ciência um equivalente ao batismo).

6. Talmage **Vitality of Mormonism** pp. 38-39. (Uma discussão das pretensões da Igreja no tocante ao Sacerdócio).

7. Joseph Fielding Smith, **Essentials in Church History**, pp. 91-94.

8. Cannon, **Life of Joseph Smith**, p. 65. (Samuel H. Smith recebe um testemunho e é batizado).

9. Roberts, **Comprehensive History of the Church.** Vol. I, p. 189-195. (Uma discussão da seção 20 - Doutrina e Convênios).

10. **Ibid** pp. 197-198. (Democracia na Igreja).

CAPÍTULO 10

A VERDADE SE DIFUNDE

O Zelo do Novo Testamento

"No domingo, dia 11 de abril de 1830, Oliver Cowdery pronunciou o primeiro discurso público feito por qualquer um de nossos membros" [1]

Nas poucas e simples palavras acima Joseph Smith relata o início de um movimento missionário que fez do mormonismo a religião mais dinâmica do mundo. Ao terminar seu discurso Oliver batizou seis novos membros. Uma semana mais tarde batizou outros sete. O belo Lago Sêneca lhe serviu de fonte batismal.

Na realidade as primeiras conversões foram feitas através do Profeta Joseph Smith, e ele pode ser chamado o primeiro missionário da Igreja, mas seus esforços missionários anteriores não tinham por meta a conversão do público nem a obtenção de membros para uma organização. Suas discussões e conversas informais nos lares de seus amigos tinham por propósito satisfazer sua curiosidade e fazê-los ter fé em suas experiências. E eles passaram a ter fé. Seu pai e sua mãe, seus irmãos e irmãs, sua esposa, seus vizinhos, Martin Harris e Josiah Stoal, o professor Oliver Cowdery, a família Whitmer e família

O Lago Sêneca, onde os primeiros batismos foram realizados, depois da organização da Igreja.
Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja.

---

1. History of the Church, Período I, Vol. 1, p. 81

Knight; todos os que o procuraram sentiram a veracidade de seu testemunho simples e se prontificaram a seguir sua liderança.

Através dos esforços missionários de seus membros e da influência do **Livro de Mórmon** a Igreja cresceu rapidamente. Na primeira conferência, no dia 9 de junho de 1830, a assistência se compunha de mais ou menos noventa pessoas, das quais cerca de trinta já batizadas.[2] Na conferência de setembro, realizada no dia 26 deste mês, o número já tinha ultrapassado o dobro de tal quantia. Quando foi realizada uma conferência no dia 2 de janeiro de 1831, em Fayette, Nova Iorque, os santos de Nova Iorque eram em número de setenta, com diversas centenas de membros novos em Ohio. Na época da primeira conferência anual de abril o número de membros só de Ohio, sem contar os outros, ultrapassava a mil.[3] Na conferência de junho, realizada em Kirtland, Ohio, dois mil santos estavam presentes.

O crescimento foi simplesmente assombroso. Três foram as razões importantes para esta rápida expansão: Primeiro, o espírito missionário advindo aos membros da Igreja; segundo, o efeito do **Livro de Mórmon**; terceiro, a preparação que já havia algum tempo se fazia nas mentes dos habitantes da fronteira para uma tão dinâmica religião. Para um grande número de pessoas que já se achavam indispostas com seus velhos credos, bem curto foi o passo para o mormonismo.

Nos dias de Jesus, o zelo missionário foi ganho pelos apóstolos na festa de Pentecostes, em seguida à ressurreição do Mestre, ocasião esta em que o Espírito Santo desceu sobre eles. Sob a influência do Espírito Santo os doze homens se tornaram invencíveis e o cristianismo se espalhou como uma conflagração pelo mundo Mediterrâneo. Conseqüentemente, também nesta "Igreja de Cristo dos Últimos Dias" o zelo missionário vem após a recepção do Espírito Santo através da imposição das mãos.

O Espírito Missionário

Um novo espírito parece ter tomado posse de Joseph Smith e Oliver Cowdery depois de terem recebido o Sacerdócio e o Espírito Santo às margens do rio Susquehanna. Não podemos ler cuidadosamente a história de suas respectivas vidas sem nos tornarmos cônscios disto. Uma nova energia e poder parece ter se apossado deles. É como se subitamente tivessem crescido em estatura. Um recém-nascido desejo de levar avante sua mensagem ao mundo e de pôr em funcionamento uma organização para tal propósito deu direção às suas energias. O mesmo aconteceu com todos os que foram batizados na Igreja e receberam os mesmos direitos à influência do Espírito Santo.

Pouco depois de completa a organização, Samuel Smith, sentindo o desejo de pregar o Evangelho, foi chamado por revelação para ir ao norte do estado de Nova Iorque. Seu trabalho resultou na distribuição de um certo número de cópias do **Livro de Mórmon,** uma das quais foi diretamente responsável pela posterior conversão de Brigham Young, Heber C. Kimball e outros. Samuel foi seguido em seu trabalho por outros. O Senhor anunciou àqueles que viessem a sentir o desejo de fazer tal labor:

> "Eis que o campo já está branco, pronto para a ceifa; portanto, quem deseja ceifar, que lance a foice com a sua força e ceife enquanto durar o dia, para que entesoure para a sua alma salvação eterna no reino de Deus".[4]

David Whitmer, pregando nas vizinhanças de Fayette a seus amigos e vizinhos, batizou onze pessoas em meados de junho. Treze outras foram batizadas por Oliver Cowdery em Coleville, mais no fim do mesmo mês, batismos estes resultantes do trabalho missionário de Joseph Smith, Oliver Cowdery, John e David Whitmer, naquela redondeza. O

---

2. **History of the Church,** Período 1, Vo. 1, p. 84.
3. Roberts. **Comprehensive History of the Church,** Vol. 1. p. 250.
4. **Doutrina e Convênios,** seção 6:3.

trabalho missionário continuou, com a formação de pequenos ramos em Fayette, Palmyra, Manchester, Coleville, em Nova Iorque, e em Harmony, na Pennsylvania.

A Missão na Fronteira Oeste

A primeira missão propagada e aquela que estava destinada a ser de grande influência na Igreja por muitos anos foi a que se seguiu à conferência de 26 de setembro de 1830. Nesta conferência Oliver Cowdery e Peter Whitmer foram chamados para ir e pregar as boas novas aos lamanitas ou índios americanos.

Em outubro, Parley P. Pratt e Ziba Peterson foram chamados para acompanhá-los. Esta missão fez com que eles viajassem a pé mais de dois mil e quatrocentos quilômetros em direção oeste, preparando o caminho para uma rápida expansão da Igreja. Depois de visitarem por alguns dias a tribo indígena de Catteraugus, perto de Buffalo, em Nova Iorque, com fracos resultados, continuaram até Kirtland, Ohio.

Parley P. Pratt tinha vivido nestas vizinhanças anteriormente e tinha recebido uma comissão dos campbelitas de lá, para servir como ministro. Resolve, então, procurar seu antigo pastor, Sidney Rigdon, um pregador da Igreja dos Discípulos (Campbelitas). Foi bem recebido. Recebeu o privilégio de falar à congregação dos Discípulos e a promessa de Sidney Rigdon de que haveria de ler e estudar o **Livro de Mórmon.** O Evangelho pregado resultou atraente para a congregação. O **Livro de Mórmon** ganhou o coração do inteligente e estudado pastor. As raízes da Igreja se expandiam com surpreendente rapidez. Quando os missionários partiram de Kirtland para continuar seu propósito original, levaram consigo o Dr. Frederick G. Williams, um novo converso. Deixaram atrás um florescente ramo da Igreja, com vinte membros que, nas semanas sucessivas, haveriam de trazer à Igreja, praticamente todo o grupo dos assim chamados Discípulos.

Caminhando dia após dia em direção oeste os intrépidos missionários chegaram à tribo indígena dos Vyandot, situada perto de Sandusky, Ohio, onde passaram diversos dias. Parley P. Pratt escreve:

'Fomos bem recebidos e tivemos a oportunidade de mostrar-lhes os registros de seus antepassados, o que fizemos. Eles se regozijaram com as boas novas, desejaram-nos uma boa viagem e nos pediram que escrevêssemos relatando o sucesso por nós obtido entre as tribos que ficavam mais a oeste, que já se tinham mudado para o território indígena aos quais esperavam logo se juntar"[5].

No dia 20 de dezembro os missionários compraram passagem num barco que partia para St. Louis. Ao alcançarem a foz do Ohio depararam-se com o Mississipi bloqueado pelo gelo e viram-se compelidos a percorrer a pé os 300 quilômetros restantes que conduziam a St. Louis. O tempo era severo e às vezes a neve atingia um metro de profundidade. Ocasionalmente, eram encontrados alguns lares, aos quais era também levada a mensagem do Evangelho.

Em janeiro de 1831 o pequeno grupo deixou St. Louis, para uma jornada de 493 quilômetros a pé através de uma região não pisada, em direção a Independence, Missouri. Era uma jornada cheia de dificuldades. A neve era profunda e a lenha para fogueiras, escassa. Parley P. Pratt escreve:

"Carregamos nas costas nossa roupa, diversos livros, broa e carne. Freqüentes vezes comemos estes alimentos congelados pelo caminho, e o pão ficava tão congelado que não podíamos sequer abocanhá-lo ou penetrar os dentes em qualquer de suas partes a não ser a sua crosta exterior".[6]

Um Visita aos Índios Delaware

Em fevereiro alcançaram Independence, a 1500 milhas do início de sua missão, sendo que a maior parte de tal distância foi atravessada a pé. No entanto, ainda não tinham alcançado seu destino. Enquanto dois deles permaneceram em Independence, empregados

---

5. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 54.
6. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 52.

como alfaiates, tendo por propósito assegurar fundos para a continuação de seus trabalhos missionários, os três restantes cruzaram a fronteira, em direção ao território indígena. Visitaram os poderosos Shawnees e, a seguir, cruzaram o Rio Kansas, em direção à região dos Delawares.

Depois de consideráveis dificuldades, Chefe Anderson (como era chamado pelos brancos), chefe das dez nações dos Delawares, garantiu-lhes a oportunidade de falar ao conselho unido das dez nações. Quarenta caciques se reuniram no conselho privado do chefe indígena. As fogueiras do conselho foram acesas. O cachimbo da paz foi passado. A seguir, Oliver Cowdery, com o **Livro de Mórmon** em sua mão, dirigiu-se a eles através de um intérprete:

"Idoso Chefe e venerável conselho da nação Delaware, sentimo-nos felizes com a oportunidade de dirigir-nos a nossos irmãos e amigos de pele vermelha. Viajamos uma longa distância, vindos da direção do este, para trazer-vos boas novas; viajamos através do deserto, cruzamos fundos e longos rios, e com dificuldade atravessamos nevadas profundas, tendo mesmo que enfrentar tempestades hibernais, para comunicar-vos o grande conhecimento que há pouco recebemos e que fará tanto bem aos peles-vermelhas quanto aos homens brancos".[7]

Oliver Cowdery, a seguir, falou-lhes sobre o **Livro de Mórmon**, sobre os seus ancestrais, escritores do mesmo, e sobre a forma pela qual tal livro foi dado ao conhecimento humano. Depois de uma pausa e de alguma conversa entre os membros do conselho, o venerável chefe replicou:

"Sentimo-nos realmente agradecidos por nossos amigos brancos terem vindo de tão longe e terem padecido tantas dores para relatar-nos estas boas novas e, especialmente, estas boas novas concernentes ao livro de nossos antepassados; isto faz com que sintamos um grande regozijo aqui (colocando sua mão no coração). Agora é inverno e há pouco viemos estabelecer-nos neste lugar; a neve é profunda; nosso gado e nossos cavalos estão morrendo; nossas tendas são pobres; na primavera teremos muito o que fazer; que construir casas e cercas e lavrar a terra; mas construiremos uma casa de conselho e nos reuniremos; podereis então ler para nós e ensinar-nos mais a respeito do livro de nossos pais e sobre a vontade do Grande Espírito".[8]

Elder Parley P. Pratt, ao fazer um relatório sobre o assunto, adiciona:

"Durante diversos dias continuamos a instruir o velho chefe e muitos de sua tribo. De sua parte o interesse tornou-se, dia após dia, mais e mais intenso, até que quase toda a tribo principiou a sentir um espírito de curiosidade e excitamento quanto ao assunto. Encontramos diversos entre eles que podiam ler, portanto, lhes demos cópias do livro, explicando-lhes ser obra de seus antepassados. Alguns principiaram a se regozijar excessivamente e, com grandes dificuldades, começaram a contar as novas a outros em sua própria língua. A excitação, porém, alcançou os acampamentos situados na fronteira de Missouri e provocou o ciúme e a inveja dos agentes dos indígenas e dos missionários sectários, a ponto de logo ser-nos ordenado que abandonássemos o território indígena, acusados como perturbadores da paz; chegamos a ser ameaçados de sermos expulsos pelas forças militares caso não concordássemos em sair. Conseqüentemente, saímos do território indígena e atravessamos a fronteira, principiando a trabalhar no condado de Jackson, Missouri, entre os brancos. Fomos bem recebidos e ouvidos por muitos, sendo que alguns foram batizados e adicionados à Igreja".[9]

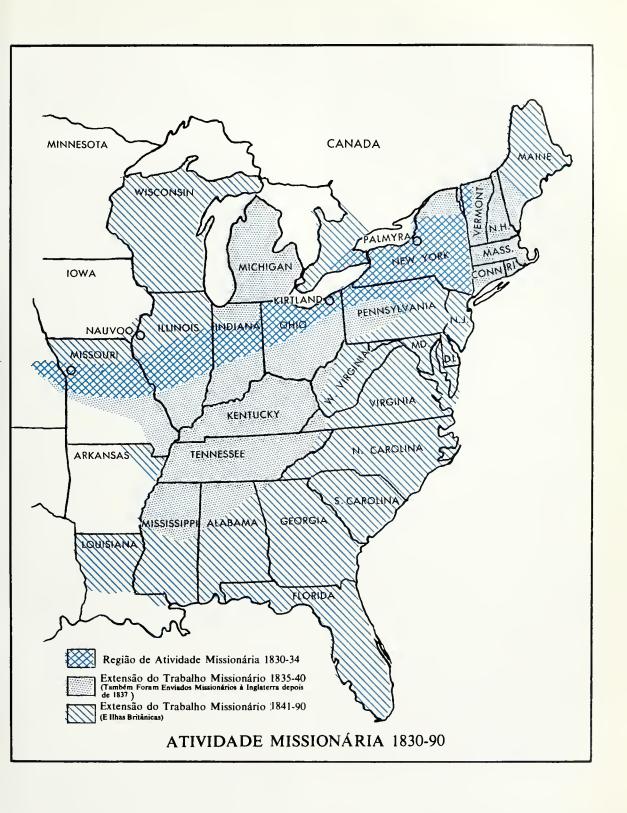
Este trabalho entre os escuros lamanitas, tão auspiciosamente principiado, viu-se destinado a esperar por muitos anos até o seu cumprimento, tempo este em que a cena do mormonismo deveria passar para o oeste, numa distância de quatro mil quilômetros do lugar de seu início, entre as poderosas Montanhas Rochosas.

No entanto, intrépido era o espírito do pequeno grupo de missionários. Sem dinheiro ou suprimentos, a não ser alguma roupa extra, e dependendo da hospitalidade dos poucos habitantes brancos e indígenas, atravessaram dois mil e quinhentos quilômetros de deserto e abriram o caminho para que milhares viessem a ter conhecimento do Evangelho restaurado. Quando Parley P. Pratt voltou para o este na primavera de 1831, a fim de relatar o sucesso de seus trabalhos, encontrou o pequeno ramo que ele e seus companheiros tinham organizado

7. **Ibid.**, p. 56.

8. Parley P. Pratt, **Autobiography**, pp. 56-61.

9. Parley P. Pratt (**Autobiography**), p. 61.

ATIVIDADE MISSIONÁRIA 1830-90

em Kirtland, Ohio, aumentado para mais de mil membros.

Esta jornada missionária, de tão ricos resultados, é apenas um exemplo de muitas outras; o espírito através do qual ela foi desempenhada é o espírito de todas as atividades missionárias da Igreja desde o início. Nem se pensava em qualquer recompensa monetária nem em quaisquer recompensas terrenas; tampouco se esperavam fama e honrarias terrenas.

Um grande desejo de ensinar tinha penetrado nos corações dos membros da Igreja e o entusiasmo era contagiante. Pessoas que recentemente tinham recebido o Evangelho logo encontraram tal conforto e alegria em sua mensagem que não podiam descansar enquanto não tivessem ensinado as boas novas aos parentes e amigos.

Enquanto Oliver Cowdery, Parley P. Pratt e seus companheiros jornadeavam em direção oeste, Ezra Thayre e Northrop Sweet eram chamados para trabalhar no leste.[10]

Em novembro de 1830 Orson Pratt, que tinha sido convertido por seu irmão Parley, foi chamado para trabalhar como missionário.[11] Em dezembro Sidney Rigdon e Edward Partridge receberam um chamado similar.[12] O número de missionários dobrou e redobrou. Na conferência de junho de 1831, vinte e oito missionários foram chamados para trabalhar em pares, a maioria dos quais foi enviada a oeste de Independence, Missouri, onde as sementes do Evangelho tinham sido plantadas.

O espírito missionário faria, posteriormente, com que missionários fossem para o Canadá, cruzassem o oceano em direção à Inglaterra e às Ilhas do Mar e, finalmente, a todo o mundo. Tal espírito nunca morreu. Um século mais tarde já se podiam encontrar 13.000 missionários constantemente no campo, às suas próprias custas ou às custas de amigos, com um gasto de milhões de dólares anuais.

De Onde Vem Este Zelo Missionário?

Que espírito fez com que os novos conversos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se prontificassem a abandonar seus lares, amigos e conforto, a fim de levar o Evangelho a seu próximo?

Se pudermos compreender o que levou o antigo apóstolo Paulo a atravessar terra e mar, suportar privações, espancamentos, um naufrágio, prisões e até mesmo dirigir-se contente à sua morte a fim de que homens pudessem ouvir a mensagem de Jesus – se pudermos responder por que o próprio Jesus caminhou a estrada que conduzia à cruz sabendo tão claramente o que o esperava – então poderemos compreender o espírito dos missionários do início do mormonismo. Para eles a privação e o sofrimento não eram nada comparados à inestimável alegria que declaram ter possuído.

Em cada um dos casos o indivíduo presta testemunho da felicidade recebida em tal trabalho, uma alegria recém-descoberta no serviço prestado à humanidade e a Deus, que se transforma em invencível e estimulante poder. Através desse poder os obstáculos podem ser enfrentados; as barreiras e armadilhas colocadas em seus caminhos são equivalentes à tentativa de fazer parar as lavas do Vesúvio quando em erupção. E o movimento teve toda a energia de um Vesúvio, todo o fogo e invencibilidade da lava que corre. Homens e mulheres de toda parte viram-se contagiados por ele. Os descontentes com suas religiões sentiram a sua atração e se livraram dos poucos laços que os mantinham a seus velhos credos, pois a nova religião demonstrava poder e produzia resultados. Ela fizera um desafio ao mundo e estava saindo-se bem.

A oração novamente se tinha tornado uma força vital e muitos que previamente tinham orado com dúvidas e apreensões em seus corações agora receberam o necessário suporte que lhes trouxe o

10. **Doutrina e Convênios**, seção 33.
11. **Doutrina e Convênios**, Seção 34.
12. **Doutrina e Convênios**, Seção 35:36.

espírito de Deus. As pessoas oravam por um testemunho concernente à mensagem de Joseph Smith e suas orações eram respondidas. Liam o **Livro de Mórmon** com uma oração em seus corações, a fim de que pudessem saber se era o mesmo verdadeiro, e o Senhor se lembrava da promessa que lhes havia feito.

Os homens são sempre elevados através da fé dos seus associados. A confiança inspira confiança. Quando o Salvador andava sobre a terra, sua presença, sua voz e seu toque dispersavam o medo e a dúvida, os enfermos levantavam de suas camas de aflição e os cegos abriam os olhos. Seus apóstolos finalmente adquiriram aquela mesma fé e confiança e se regozijaram no poder que possuíam. Portanto, nesta nova dispensação, Cristo tinha-se revelado a si mesmo – um livro tangível tinha aparecido. A confiança e fé demonstradas por Joseph Smith abriram os céus e as orações eram respondidas. Outros tiveram a mesma fé, e, tendo sido revestidos com os poderes do Sacerdócio, saíram a instilar fé em outros.

O fogo e entusiasmo do movimento tornaram insignificantes todos os outros motivos da razão de ser de suas vidas. O desejo de poder parecia ter desaparecido. Ao se prestar trabalho ao próximo o **eu** foi esquecido e uma nova irmandade social principiou – um verdadeiro Reino de Deus. Cristo, ao dizer que "aquele que perde sua vida em favor do próximo encontra-la-á," nos dá o princípio fundamental das atividades missionárias nos lares ou no mundo em geral. Elas esmorecem quando o trabalho esmorece, e irrompem em nova flama quando o trabalho é reassumido. Na antiga sociedade Mórmon, tal princípio permeou tudo e tudo o que tocou enriqueceu. O espírito de trabalho e irmandade penetrou na vida familiar e na comunidade e trouxe sonhos de uma nova Sião – um lugar de fraternal felicidade e trabalho em favor do próximo – onde não haveria ricos nem pobres – de onde a ambição e o egoísmo serão banidos para sempre.

Leituras Suplementares

Somente parte dos eventos deste período podia ser incluída no texto. A leitura de alguns dos seguintes ajudará a se conseguir um melhor quadro dos primeiros dias da Igreja.

1. Relatos dos primeiros milagres realizados na Igreja são contidos nos seguintes livros:
   a. **History of the Church,** Período I, Vol. I, pp. 82-86.
   b. Roberts, **Comprehensive History of the Prophet,** pp. 54-57.
   c. Cannon, **Life of Joseph Smith,** pp. 83-85, também notas das pp. 208-210.
   d. Evans, **Joseph Smith an American Prophet,** pp. 95-96.
   e. Smith, **Essentials in Church History.**
2. A primeira conferência. Prisão e julgamento do Profeta:
   a. **History of the Church,** Período I, Vol. I, pp. 86-96.
   b. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. I. pp. 203-208.
   c. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 96-103.
   d. Cannon, **Life of Joseph Smith,** pp. 87-90.
3. O poder do Sacerdócio se manifesta.
   a. **History of the Church,** Período I, Vol. I, pp. 108-109. (Cegos os olhos da multidão).
   b. Widtsoe, **Restoration of the Gospel,** pp. 103-104 (Dons espirituais são manifestados).
   c. P.P. Pratt, **Autobiography,** pp. 68-72 (O poder do Sacerdócio para curar).
4. Tentativa para fazer a Igreja se desviar de seu caminho.
   a. Cannon, **Life of Joseph Smith** pp. 91-93.
   b. **History of the Church,** Período I, Vol. I, pp. 104-105.
5. Atividade missionária e resultados.
   a. Evans, **Joseph Smith an American**

Prophet, pp. 71-75. (O sistema missionário principia).

b. Lucy Smith, **Life of the Prophet Joseph,** (Uma profecia de conversão é cumprida). pp. 215-217.

c. **Ibid.,** pp. 191-192 (Edward Partridge é convertido)

d. Evans, **Heart oF Mormonism,** pp. 112-113. (Conversão de Rigdon e Partridge).

e. **History of the Church,** Período I Vol. I, pp. 122-123. (Nota), (Conversão de Sidney Rigdon).

f. **Ibid,** pp. 120-125, 183-185. (Nota), (A Missão Lamanita).

CAPÍTULO 11

COMUNIDADES MÓRMONS AO LONGO DA FRONTEIRA AMERICANA

Kirtland e Arredores

Nos seus primeiros anos, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias encontrou o seu maior número de conversos ao longo daquela parte da fronteira americana situada ao norte da cidade de St. Louis até a fronteira canadense. Os colonizadores daquela área eram, em sua maioria, de Nova Inglaterra e dos estados centro atlânticos. Predominavam os de estirpe inglesa. A maioria pertencia às várias seitas protestantes e uma grande parte dos restantes não possuia qualquer filiação religiosa. Além disso, havia alguns grupos religiosos, tais como os Campbelitas ou "Discípulos" cujas doutrinas estavam, em muitos aspectos, em harmonia com a Igreja Restaurada.

Esta área provou ser um campo fértil para as atividades missionárias. Poucos meses depois da organização da Igreja, já os missionários tinham levado a mensagem para Ohio e Missouri. Seu crescimento nesses lugares foi rápido. Na primavera de 1831 o centro da população da Igreja tinha se deslocado para Kirtland, Ohio, sendo que o número de membros daquelas vizinhanças era diversas vezes superior ao número dos membros residentes nos ramos de Nova Iorque e Pennsylvania.

Não é motivo de surpresa o fato de Joseph Smith ter voltado sua atenção para o oeste. Ele registra que interrogou o Senhor quanto ao assunto e recebeu a seguinte resposta:

"Eis que, em verdade, em verdade te digo que não és chamado para ir aos países do leste, mas és chamado para ir a Ohio.

"E, sendo que meu povo há de se reunir em Ohio, Eu conservei uma bênção tal qual não é conhecida entre os filhos dos homens e que será derramada sobre suas cabeças. E daí homens irão a todas as nações"[1]

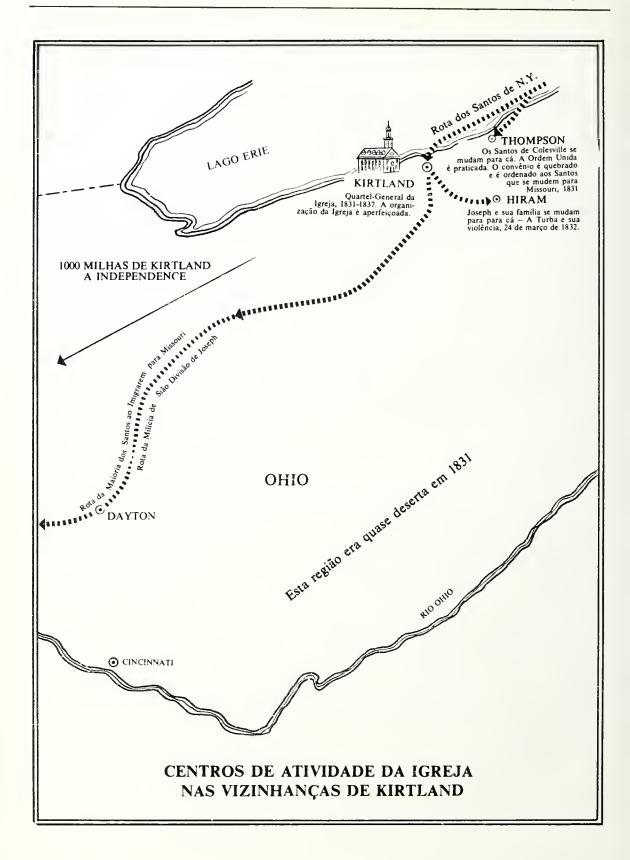
Depois de ter advertido os conversos de Nova Iorque e Pennsylvania a venderem suas propriedades e a se mudarem para Ohio, Joseph se preparou para sua própria partida. Em fins de janeiro de 1831, em companhia de Sidney Ridgon e Edward Partridge, ele e sua esposa, Emma, chegaram a Kirtland, Ohio, onde foram recebidos com alegria. O Profeta e sua esposa ficaram temporariamente hospedados na casa de Newel K. Whitney, membro da Igreja e um bem sucedido jovem comerciante.

Este foi o início de um êxodo geral dos santos de Nova Iorque. Tão logo podiam dispor de suas propriedades e equipar-se para sua jornada se mudavam para as colonizações fronteiriças de Ohio. Viram-se atraídos a estabelecer-se nos locais onde ramos da Igreja já haviam sido estabelecidos. Kirtland e as duas cidades vizinhas de Thompson e Hiram, receberam a grande maioria. O grupo de Coleville, Nova Iorque, mudou-se em massa para Thompson, enquanto que o ramo de Palmyra imigrou para Kirtland e Hiram.

Antes do mormonismo ter alcançado as vizinhanças de Kirtland, um grupo de Campbelitas ou Discípulos tinha principiado a experiência de possuir todas as propriedades em comum, vivendo como uma única e grande família. Praticamente o grupo todo tinha abraçado a nova fé, depois da visita de Parley P. Pratt e seus companheiros, quando a caminho

---

1. **Doutrina e Convenios,** Seção 39: 14-15

CENTROS DE ATIVIDADE DA IGREJA NAS VIZINHANÇAS DE KIRTLAND

de sua missão aos lamanitas. Continuaram, entretanto, seu experimento social até a chegada de Joseph Smith. Se esperavam que ele aprovasse a ordem por eles estabelecida, ficaram desapontados. Depois de elogiá-los por seu espíreito fraternal ele logo os persuadiu a abandonarem a empresa por não serem tais sociedades de acordo com a lei de Deus.

Sendo que os santos estavam ansiosos por conhecer a lei de Deus concernente ao assunto e desejosos de vivê-la, Joseph inquiriu o Senhor a respeito, através da oração. No dia 9 de fevereiro ele deu ao povo de Kirtland uma revelação sobre o assunto.[2] A nova lei dada foi chamada a Lei de Consagração de Propriedade. Edward Partridge foi chamado e ordenado para o ofício de bispo, vindo a ser o primeiro a possuir tal ofício na Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Ele devia abandonar seus negócios e devotar todo o seu tempo aos negócios da Igreja, de forma a pôr a Lei de Consagração em uso entre os Santos de Kirtland.

Propriedades Para o Uso de Todo o Povo

De acordo com o plano, todo membro da Igreja pertencente a uma certa comunidade deveria transferir por escritura sua propriedade ao bispo encarregado da dita comunidade. O bispo por sua vez, como administrador das propriedades da comunidade toda, haveria de, através de uma transferência especial, devolver a cada chefe de família as terras, lojas, moinhos, ou outras propriedades individuais, sujeitas a certas condições. Nenhuma pessoa poderia possuir uma quantidade de terra superior à que poderia usar de forma apropriada. Além disso, os suprimentos em gêneros alimentícios ou dinheiro, produzidos pela terra ou outra propriedade, que sobrepujasse o requerido para o imediato bem-estar da família e o desenvolvimento da propriedade, deveriam ser entregues anualmente ao fundo geral ou armazenamento da comunidade. Este suprimento seria então usado para o benefício do grupo todo. Através dele seriam ajudados os pobres, os enfermos, os órfãos e as viúvas, aliviando-os em suas necessidades. Estradas deveriam ser construídas e um sistema educacional mantido. Igrejas e clubes deveriam ser edificados, bem como todas as empresas que fossem para o benefício do grupo todo. O sistema tinha por designação evitar as diferenças de ordem social, abolir o orgulho e o egoísmo e aqueles elementos que, numa comunidade moderna, têm a tendência de impedir o desenvolvimento do espírito de fraternidade cristã. Os produtos e outros trabalhos deveriam ser comprados e vendidos de forma costumeira, e todo aquele que fosse preguiçoso não haveria de comer o pão nem vestir a roupa do trabalhador.[3]

A Lei de Consagração foi primeiramente seguida quando se estabeleceram nas duas colonizações de Kirtland e Thompson os Santos que estavam chegando dos estados do este. Nem todos os membros da Igreja de um ou de outro lugar participavam do plano, portanto, ambas as experiências tiveram um fim prematuro.

A instalação dos Santos em Ohio foi considerada por Joseph Smith como uma situação temporária. O estabelecimento permanente deveria ser feito mais para o oeste, num lugar então desconhecido. Numa revelação recebida em Kirtland, em maio de 1831, lemos o seguinte:

> "E, consagro-lhes esta terra provisoriamente, até que Eu, o Senhor, lhes providencie outra, e os mande ir lá.
>
> "E a hora e o dia não lhes é dado saber, portanto, que ajam para com esta terra como se aqui fossem permanecer anos, e isto reverterá para o seu bem".[4]

O espírito de solidariedade e cooperação, que alcançou sua mais alta expressão na Lei de Consagração, separou os

2. **Doutrina e Convênios**, Seção 42.

3. **Doutrina e Convênios**, Seção 42-42.
4. **Doutrina e Convênios**, Seção 51:16-17

Santos dos Últimos Dias social e economicamente de seus vizinhos. Atingiu profundamente as raízes do sistema econômico americano, demonstrando ser a base da atividade humana. Este espírito fez com que os mórmons se aproximassem mais e mais uns dos outros, reunidos nas várias comunidades. O fato de a Lei de Consagração ter tido uma curta existência não deve ser interpretado com o significado de que o espírito de irmandade desapareceu. Tal espírito viria a aumentar com o passar dos anos, até que os mórmons viessem a ser conhecidos como um "povo diferente". Foi justamente por a Igreja estar no seu princípio e ser o seu movimento bastante novo, que veio a fracassar a lei tão festejada por seus próprios membros, que, porém, não estavam prontos para vivê-la.

No entanto, o espírito de fraternidade continuou e encontrou expressão nas empresas em comum e nas atividades missionárias.

O fato de os mórmons serem animados por uma diferente concepção de vida em comum levantou suspeitas e, eventualmente, perseguição por parte de outras pessoas, que testemunharam o número dos membros dobrar e redobrar com espantosa rapidez. Os ministros, ao verem seus próprios rebanhos desaparecerem, pois seus conversos se mudavam em grande número para as colonizações mórmons ou estabeleciam uma nova comunidade mórmon na mesma localidade, se alarmaram. Zangavam-se freqüentemente e procuravam incitar ressentimentos contra a nova religião.

Uma Nova Sião

As comunidades mórmons de Ohio estavam ainda em sua infância quando Joseph Smith voltou sua atenção mais para o oeste. Em dezembro de 1830, enquanto no estado de Nova Iorque, ele anunciou uma revelação concernente a uma Nova Sião, que seria construída em algum lugar do oeste, perto das fronteiras dos lamanitas. Daquele tempo em diante ele principiou a ser assediado com perguntas relativas à sua localização. Na primavera de 1831, Parley P. Pratt chegou a Kirtland com animado relato de sua missão à fronteira oeste. A missão aos índios tinha finalizado abruptamente, mas um pequeno ramo da Igreja tinha sido organizado no condado de Jackson, na parte oeste de Missouri. O relato de Élder Pratt, relativo a esta parte do país, fez com que o Profeta novamente interrogasse o Senhor. Durante a conferência da Igreja em Kirtland, no mês de junho, ele recebeu, através de revelação, o seguinte:

"Eu, o Senhor, vos farei conhecer o que desejo que façais de agora até a próxima conferência, que se realizará em Missouri, na terra que consagrarei ao Meu povo, o qual é um remanescente de Jacó, e aos que são herdeiros de acordo com o convênio.

"Portanto, na verdade vos digo que, logo que preparações possam ser feitas para deixar seus lares, Meus servos Joseph Smith Filho e Sidney Rigdon viajem para a terra de Missouri".[5]

Na mesma revelação, vinte e seis outros élderes foram chamados para iniciar missões ao oeste. Deviam viajar em pares, pregando o Evangelho pelo caminho. Deveriam todos encontrar-se em Independence, Missouri, onde o Senhor haveria de revelar-lhes o local da Nova Sião.

A idéia de que uma Nova Sião haveria de ser edificada na terra nos últimos dias pode ser obtida através de uma leitura da Bíblia. Não foi o estudo de profecias antigas, entretanto, o que inflamou o zelo dos Santos por tal empreendimento. Para eles Deus tinha falado mais uma vez. Sião deveria ser construída.

Para o Profeta Joseph Smith a palavra Sião tinha dois significados: "Os puros de coração" e "o lugar onde os puros de coração moram juntos, em retidão". Sem um povo de Sião seria impossível uma comunidade de Sião. Um empreendimento tal dificilmente poderia vir a ser conseguido enquanto os Santos, em Ohio ou em qualquer outra parte, esti-

---

5. **Doutrina e Convênios** 52:2-3

vessem entre pessoas que não fossem de sua fé. Conseqüentemente, Joseph Smith pensou num lugar de reunião no despovoado oeste, no qual os puros de coração pudessem reunir-se dos quatro cantos da terra. Lá, uma nova sociedade, padronizada segundo as leis de Deus, poderia vir a tornar-se realidade. De tal comunidade central a idéia haveria de crescer, até que eventualmente Sião viesse a abraçar todo o continente americano.

Napoleão, com seus mais estupendos sonhos, jamais pensou em tão ambicioso programa. Devemos levar em consideração, entretanto, que Napoleão pretendia alcançar seu objetivo através da força, enquanto este novo reino haveria de ganhar os corações dos homens através de carinhosa persuasão.

De Independence, Missouri, a Kirtland, Ohio, havia aproximadamente uns mil e seiscentos quilômetros de distância. Em fins de junho e princípios de julho de 1831, Joseph Smith, acompanhado de Sidney Rigdon, Martin Harris, Edward Partridge, William W. Phelps, Joseph Coe e Algernon S. Gilbert e esposa, atravessou esta distância. Fizeram a jornada de carroção, barco e diligência, até St. Louis. Daqui em diante Joseph e parte do grupo completaram a jornada a pé, sendo que o restante subiu o Rio Missouri de barco. A região atravessada era, em sua maior parte, deserta e sem estradas ou acomodações adequadas. Naquele tempo era uma tremenda jornada; no entanto, os líderes da Igreja atravessaram-na diversas vezes sem queixas nem cogitar sequer em recompensa material. Milhares de carroções cobertos haveriam de percorrer tal distância, durante os anos sucessivos, cheios de homens, mulheres e crianças mórmons, a caminho da Nova Sião. Um destes grupos, o grupo de Santos de Coleville, que tinha parado durante alguns meses em Thompson, Ohio, chegou em Jackson County duas semanas antes do Profeta e seu grupo. Foram guiados por Newel Knight. Este grupo, composto de cerca de sessenta pessoas, se estabeleceu no município de Kaw, doze milhas a oeste de Independence.

É anunciada uma Nova Sião

Logo depois de terem chegado em Missouri, o Profeta recebeu uma revelação, anunciando ser ali a esperada Sião, o lugar de reunião dos Santos:

"O lugar que é agora chamado Independence é o lugar central; e o local para o templo se acha ao oeste, num lote não longe do foro.

"Portanto, é sábio que os santos comprem a terra, e também todo o lote que se acha ao oeste, até a linha que passa diretamente entre o judeu e o gentio.[6]

"E também toda a terra bordejando os prados, à medida que os meus discípulos se acharem capacitados para comprar terras. Eis que é sabedoria que eles a obtenham por herança eterna".[7]

A terra escolhida para a Nova Sião era uma terra rica das coisas necessárias ao homem. Era de fato muito bela. Joseph Smith ao vê-la por vez primeira durante o verão, escreveu a seu respeito:

"Tão longe quanto possa a vista alcançar, as belas pradarias se estendem, como um mar de campinas, decoradas com milhares de flores tão maravilhosas que ultrapassam qualquer descrição; e nada é mais frutífero ou mais rico armazenador na pradaria verdejante do que as operosas abelhas. As árvores são encontradas tão somente nos cursos de água, e então, em faixas de uma a três milhas de largura, que seguem fielmente as sinuosidades dos riachos, elas crescem, transformando-se em luxuriantes florestas. Tais florestas são uma mistura de carvalhos, nogueiras brancas e escuras, freixos, cerejeiras, alfarrobeiras, amoreiras, olmeiros, negundes e tílias; adicionando-se a estas o algodoeiro, a nogueira pecã e borodos macios e duros. O matagal é formidável e consiste de pés de ameixa, uva, maçã silvestre e caqui.

O solo é rico e fértil; de um a três metros de profundidade e é geralmente composto de uma camada de terra vegetal preta, misturada com barro e areia, que produz em abundância. Búfalos, alces, veados, ursos, lobos, castores e muitos animais menores por aqui vagueiam livremente. Perus, gansos, cisnes, patos e uma variedade de

6. Faz referência à linha que separava os brancos dos índios, estes aqui chamados de judeus.

7. **Doutrina e Convênios,** Seção 57 3-5

aves estão entre a rica vida animal e vegetal e dão graça às aprazíveis regiões desta boa terra, a herança dos filhos de Deus".[8]

Independence, em 1831, era uma pequena cidade de fronteira, o lugar adequado para caçadores e o esconderijo de muitos rudes tipos do oeste. Tinha um palácio de justiça feito de tijolos, duas ou três lojas de artigos em geral e umas vinte casas de toras. Este tipo de colonizadores contrastava tremendamente com os habitantes da Nova Inglaterra que presentemente procuravam uma Nova Sião naquela terra. Os antigos colonizadores eram, em geral, pessoas sem instrução, ignorantes no que diz respeito aos costumes civilizados e sem qualquer experiência nas artes dos recém-chegados.

No dia 2 de agosto de 1831, doze homens, incluindo o Profeta, representando as doze tribos de Israel, assentaram a primeira tora para uma morada mórmon no Condado de Jackson. Esta cena foi representada a doze milhas para oeste de Independence, na cidade de Kaw, agora parte de Kansas City, onde os santos de Coleville se preparavam para se estabelecer.

Sidney Rigdon dedicou a terra para o ajuntamento de Israel e perguntou às pessoas reunidas:

"Com corações agradecidos recebeis do Senhor esta terra de vossa herança?"

Responderam todos: "Recebemos".

"Prometeis a vós mesmos observar a lei de Deus nesta terra, lei esta que nunca haveis observado em vossas próprias terras?"

"Prometemos".

"Prometeis procurar que os outros irmãos vossos que haverão de vir mais tarde também observem as leis de Deus?"

"Prometemos".

Depois de uma oração ele levantou-se e disse: "Eu agora proclamo ser esta terra consagrada e dedicada pelo Senhor para a posse e herança dos Santos, e para todos os servos fiéis do Senhor, até as mais remotas eras, em nome de Jesus Cristo, possuindo dele autoridade. Amém".[9]

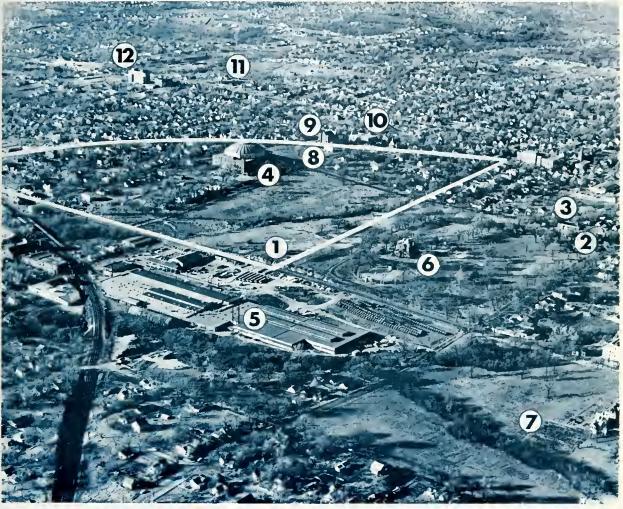
---

8. **History of the Church** Período II, Vol. 1, p. 197.
9. John Whitmer, **History of the Church**. Cap. 9

No dia 3 de agosto de 1831, Joseph Smith, acompanhado de Sidney Rigdon, Edward Partridge, W. W. Phelps, Oliver Cowdery, Martin Harris e Joseph Coe, dirigiram-se ao lugar designado por revelação para o templo, tendo então o Profeta dedicado o terreno para o mesmo. No dia seguinte foi realizada uma conferência em Kaw, depois da qual todos aqueles que não foram apontados para permanecer principiaram sua viagem de volta às suas esposas e famílias de Ohio.

O Bispo Edward Partridge foi designado para permanecer em Independence e dividir entre os Santos suas heranças. Sidney Gilbert, um jovem comerciante, foi designado para ficar como agente da Igreja na compra de terras para os Santos. William W. Phelps foi designado impressor da Igreja, juntamente com Oliver Cowdery, que devia assisti-lo. Sob a liderança destes homens em Independence e em outras partes do Condado de Jackson o crescimento da colonização Mórmon foi rápido. A parcimônia foi recompensada com prosperidade. Fundos enviados pelos Santos de Ohio, para a compra de terras em Missouri, principiaram a chegar às mãos do agente comprador, e o Bispo Partridge teve que trabalhar fervorosamente a fim de organizar satisfatoriamente a constante onda de novos Santos recém-chegados.

Dois Centros de Atividade e Influência

É necessário que tenhamos em mente que as colonizações Mórmons de Ohio e Missouri se desenvolviam ao mesmo tempo. Kirtland, em Ohio, e Independence, em Missouri, se tornaram os dois importantes centros de atividade da Igreja durante um certo número de anos. Estes centros ficavam a mil e seiscentos quilômetros de distância um do outro, sendo que a terra que os separava era então quase desprovida de qualquer colonização. Os meios de comunicação e locomoção eram excessivamente vagarosos e difícies, o que bem árdua

Independence, Condado de Jackson, terreno do Templo de Missouri (no triângulo) e vizinhanças, em sua aparência atual, visto do nordeste.

1. Terreno do templo original
2. Casa da Missão e Escritório
3. Capela do Ramo de Independence
4. Auditório da Igreja Reorganizada dos Santos dos Últimos Dias.
5. Gleaner Harvester Division of Allis Chalmers
6. Centro de Recreação da Igreja Reorganizada dos S.U.D.
7. Waggoner Estate.
8. Terreno do Templo da Igreja de Cristo, Hedriquitas (Joseph Smith esteve neste lugar para dedicar o terreno do templo).
9. Velha Igreja de pedra: Igreja Reorganizada S.U.D.
10. Escola da Restauração, Igreja Reorganizada S.U.D.
11. "Resthaven Old Folks Home". Igreja Reorganizada S.U.D.
12. "Independence Hospital": Operado pela Igreja Reorganizada S.U.D.

* Fábrica de Colhedeiras de Allis Chalmers

tornava a tarefa de dirigir a Igreja, possuída pelo Profeta.

Lá pelo verão de 1832 quase todos os membros de Nova Iorque tinham imigrado para Jackson County, Missouri. Alguns destes permaneceram em Ohio por algum tempo, enquanto outros fizeram a jornada de dois mil e quatrocentos quilômetros diretamente à Nova Sião.

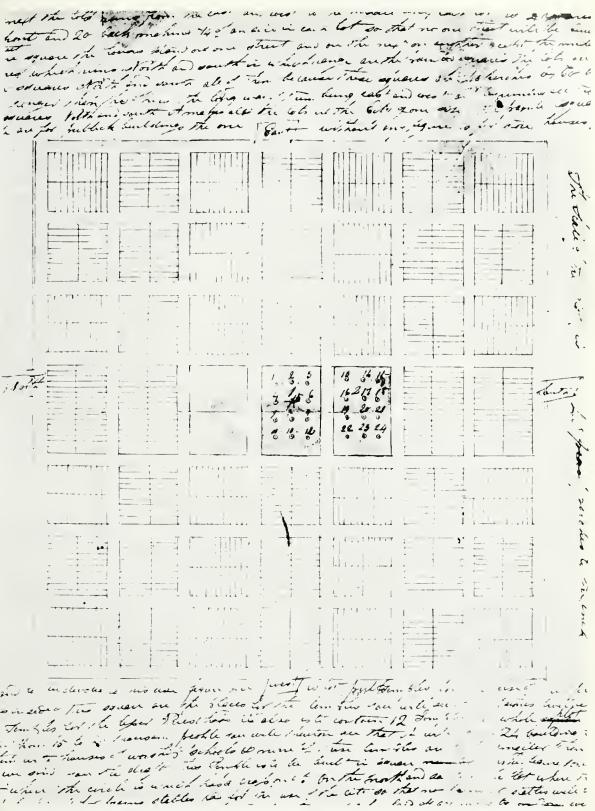
Os conversos da Igreja que habitavam em Ohio se contentavam em permanecer nas vizinhanças de Kirtland. O Profeta, aliás, estimulou-os a aí permanecerem e construírem um templo ao Senhor, colhendo as bênçãos que Deus lhes havia prometido naquela terra.

Depois de ter anunciado a localização da Nova Sião e de a ter dedicado por lugar de reunião dos Santos, o Profeta devotou a maior parte de seu tempo na edificação da Igreja em Kirtland. Isto ele fez por diversas razões. A maior parte dos membros da Igreja estava estabelecida em Kirtland e suas vizinhanças. Esta cidade oferecia um muito mais conveniente centro de direção dos negócios dos Santos de toda parte, bem como das atividades missionárias no Canadá e nos Estados do Este. Além disso, Deus tinha dado a Joseph mandamentos que ressaltavam a necessidade de permanecerem em Kirtland até que de lá fossem expulsos.

Das duas comunidades, Independence oferecia melhor oportunidade de viver a Lei da Consagração na forma dada por Deus, bem como para estabelecer a cidade que haveria de servir de modelo para todos os futuros centros de Sião. A Lei de Consagração principiou em Kirtland, sendo logo abandonada; quando principiada em Thompson chegou ao fim quando os Santos de Coleville, que lá se haviam estabelecido, se mudaram em massa para Missouri. Joseph não fez qualquer tentativa para restabelecer a Lei de Consagração em Ohio. Insistiu, entretanto, em que todos os que fossem para a Nova Sião, em Missouri, estivessem dispostos a viver sob tal lei, sendo-lhes requerido que entrassem em convênio com Deus de que haveriam de assim fazer.

Embora a Lei de Consagração em seu todo não fosse continuada em Kirtland, foi desenvolvido nesta cidade um bem marcado espírito de cooperação e comunidade entre os Santos. Isto segregou-os dos não-membros, trazendo sobre suas cabeças a inveja e ódio de muitos dos que não pertenciam à nova sociedade. A Igreja exigia altos padrões de seus membros, o que resultou na apostasia ou queda daqueles que eram mornos na fé, ou que se tinham reunido à Igreja por outros motivos. Estes apóstatas muito fizeram para fermentar acusações e rancores contra os Santos dos Últimos Dias. Freqüentemente a oposição de várias classes de pessoas contra a Igreja se expressava em ação turbulenta aberta.

Uma das mais brutais de tais ações envolveu Joseph Smith e Sidney Rigdon como suas vítimas. Nesse tempo ambos viviam em Hiram, a dezesseis milhas ao nordeste de Kirtland, para onde o Profeta tinha voltado com sua família, a fim de trabalhar na revisão da Bíblia Inglesa.

Mais ou menos à meia-noite do dia 24 de março de 1832, Joseph Smith e Sidney Rigdon foram arrancados de suas camas por um grupo de pessoas, cujo número foi estimado em cerca de quarenta ou mais, conduzido por um apóstata da Igreja, Simon Ryder. O Profeta foi espancado até ficar inconsciente. Depois de voltar a si foi carregado até uma certa distância da casa, suas roupas foram arrancadas e foi coberto com alcatrão e penas. Élder Rigdon foi arrastado pelos calcanhares sobre o gelo, até também cair em inconsciência. Este incidente não é mais que típico da oposição que se levantava contra os Santos onde quer que se estabelecessem, vindo eventualmente a culminar na sua expulsão aos confins dos Estados Unidos.

Plano da "Cidade de Sião", na forma como foi feito por Joseph Smith; tal cidade deveria ser fundada em Independence vindo a servir de modelo para outras cidades a serem estabelecidas.

Cortesia do Escritório do Historiador da Igreja

Um Modelo Para Todas as Futuras Cidades de Sião

Na primavera de 1833 um plano geral para a construção de "Cidades de Sião" foi estabelecido. Em junho desse mesmo ano o Profeta enviou uma cópia do plano da cidade ao ramo de Independence. A cidade central de Sião deveria ser edificada de acordo com o modelo. Élder B.H. Roberts, em seu livro **Comprehensive History of the Church,** condensou as instruções elaboradas ao Bispo de Sião, como segue:

"O plano da cidade compreende um quadrado de 1600 m de cada lado, dividido em quadras contendo 44a cada uma — um quadrado de 200 metros — com exceção das quadras que ficam no centro e correm de norte a sul; serão de 200 m por 300 m, contendo 64 a e possuindo maior extensão a este e oeste. As ruas serão de 40 m de largura, cruzando-se em ângulos retos. O grupo central de quadras, de 200 por 300 m, será reservado para edifícios públicos, templos, tabernáculos, escolas, etc.

"Todas as outras quadras serão divididas em lotes de 0,24 a, com 20 metros de frente para cada lote e um comprimento de 100 metros. Numa quadra os lotes correrão de norte a sul, e na segunda de este a oeste, assim alternando por toda a cidade, exceto no grupo de quadras destinadas aos edifícios públicos. Tal plano faz com que numa quadra as casas permaneçam numa rua e, na seguinte, noutra rua. Todas as casas deverão ser construídas de tijolos ou pedras; não haverá mais que uma casa em cada lote devendo a mesma ficar a sete metros e meio da rua, espaço este reservado para gramado, árvores ornamentais, arbustos ou flores, de acordo com o gosto de seus proprietários; o resto do lote será usado para hortas etc.

"Supõe-se que tal cidade, depois de edificada, conterá de quinze a vinte mil pessoas e que vinte e quatro edifícios serão requeridos a fim de suprir a sua população com escolas e casas de adoração pública. Tais edifícios serão compostos de templos, nenhum dos quais terá menos de 19 x 27 m,. dois andares, cada qual de 4,25 metros. Nenhum desses templos será menor que o desenho daquele que foi enviado com o plano da cidade para Independence, mas naturalmente, poderá haver outros muito maiores; os templos acima, entretanto, são das dimensões daquele que foi primeiramente ordenado aos Santos que construíssem.

"As terras ao norte e sul da cidade serão medidas para estrebarias e estábulos para o uso da cidade, de forma que não haverá estrebarias ou estábulos na cidade, entre os lares das pessoas.

"As terras para os fazendeiros, suficientes para todos, também serão escolhidas da parte norte e sul do plano da cidade, mas se terra suficiente não puder ser daí tirada sem muito distanciar-se, então serão edificadas fazendas a este e oeste também; mas o lavrador, assim como o comerciante e o mecânico, viverá na cidade. Os fazendeiros e suas famílias, portanto, gozarão de todas as vantagens proporcionadas pelas escolas, reuniões públicas e outras. Seus lares já não mais serão isolados, negando às suas famílias os benefícios da sociedade, que tem sido e sempre será a grande educadora da raça humana; mas, sim, gozarão de todos os privilégios da sociedade, podendo cercar seus lares com a mesma vida intelectual, o mesmo refinamento social encontrado nos lares do comerciante, do banqueiro ou do homem profissional.

"Depois de esta cidade ter sido edificada e suprida com o necessário edifique-se outra de igual maneira, disse o Profeta àqueles a quem foi enviado o plano da cidade, e assim seja repleto o mundo nestes últimos dias, permitindo que todo homem viva na cidade, pois esta é a cidade de Sião".[10]

A perseguição impediu o desenvolvimento deste plano. Os princípios gerais que o envolviam foram usados mais tarde na remodelação da cidade de Kirtland e tornou-se a base para outras colonizações em Missouri, para Nauvoo e, mais tarde para Salt Lake City e praticamente todas as colonizações Mórmons na região das Montanhas Rochosas.[11]

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 1, p. 145-146 . (História da Incomum reunião do Profeta e Newel K. Whitney em Kirtland).

2. **Ibid.** p. 182-183. (Carta de Oliver Cowdery, enviada de Independence, Missouri, ao Profeta, datada de 7 de março de 1831).

3. **Doutrina e Convênios** Seção 37. (Os membros da Igreja recebem mandamento que devem ir a Ohio).

4. **Ibid.** Seção 42. (A Lei Moral é dada à Igreja).

5. **Ibid.** Seção 58 (A lei do Senhor aos habitantes da Nova Sião).

---

10. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 1, pp. 311-12.
11. (Nota) Um capítulo posterior é devotado às incomuns características dos acampamentos dos Santos dos Últimos Dias no oeste.

6. Roberts **Comprehensive History of the Church,** Vol. I p. 244-246 (**Doutrina e Convênios**), Seção 42 – a lei moral da Igreja é analisada).

7. **Ibid.,** pp. 246-247 (Lei de Consagração).

8. Cowley, **Wilford Woodruff** p. 45. (Wilford Woodruff consagra suas propriedades à Igreja).

9. Cannon, **Life of Joseph Smith,** p. 108-110. (Atitude de Joseph Smith para com os pobres).

10. Evans, **Joseph Smith an American Prophet,** p. 62-71. (Movimento da Igreja a Ohio).

11. **Ibid** p. 75-81. (Dedicação da terra de Sião).

12. **Ibid** p.171-172. (Sião será na América).

13. **Ibid.** p. 102-104. (Joseph Smith é alcatroado e coberto de penas).

14. Lucy Smith **Life of the Prophet Joseph** p. 193-195. (Joseph relata o seu alcatroamento).

15. **History of the Church,** Período I , Vol. I. P. 259-266. (Populachos em Hiram – São vítimas o Profeta e Sidney Rigdon).

CAPÍTULO 12

EXPANDE-SE O GOVERNO DA IGREJA

O Sacerdócio é o Fundamento do Governo da Igreja

O período correspondente aos anos de 1831 a 1837, durante os quais a base central da Igreja permaneceu em Kirtland, testemunhou um rápido desenvolvimento na organização. Bastante singular é o fato de o desenvolvimento ter sempre consistido de um crescimento sobre a fundação já assentada e nunca sobre qualquer substituição de uma forma de organização por outra. Esta é uma das coisas mais admiráveis na história da Igreja. Tivesse o Profeta podido ter uma visão do futuro por muitas gerações e não poderia ter assentado os fundamentos da crescente organização com maior segurança ou mais sabiamente.

É significativo saber que ele não clamou a si próprio o crédito de tal sabedoria. Cada passo em evidência segue o pronunciamento de um mandamento divino.

O fundamento do governo da Igreja é o Santo Sacerdócio. Todas as suas organizações são criações deste sacerdócio. São designadas a fim de prover as necessidades dos tempos. Todos os cargos da Igreja são criações do Sacerdócio, tendo por fim levar avante as suas funções. A organização completa da Igreja é também uma criação do Sacerdócio.

Depois de o Santo Sacerdócio ter sido dado a Joseph Smith e Oliver Cowdery, eles passaram a ter todo o poder necessário para trazer à existência a Igreja e para criar os cargos e funções necessários para a sua eficácia. Este poder estava sujeito, entretanto, ao consentimento geral daqueles que tinham aceito o Evangelho Restaurado e tinham sido batizados no Reino de Deus.

O livre arbítrio é uma doutrina fundamental do mormonismo. Deus pode mandar àqueles que possuem o Sacerdócio, que estabeleçam uma igreja ou ordenem homens a diferentes cargos e funções, mas tais cargos não passam a existir sem que os membros em geral votem a favor dos mesmos; igualmente, homem ou mulher alguma pode ocupar qualquer posição na Igreja, de grande ou pequena importância, sem que isso envolva o consentimento dos membros.

Deve-se ter em mente, em qualquer estudo do governo da Igreja, que há duas divisões do Sacerdócio. O "Menor", ou "Aarônico", que possui o poder para oficiar nas coisas temporais ou materiais.

O "Maior" ou "de Melquisedeque" inclui o "Menor" e possui o poder de oficiar nas coisas espirituais. Aquele que possui o Sacerdócio de Melquisedeque possui todo o Sacerdócio possível. Pode ser chamado para trabalhar em muitas capacidades, tais como Élder, Setenta, Sumo Sacerdote, Patriarca, Apóstolo, Presidente etc., sem, no entanto, receber Sacerdócio adicional.

Se fosse necessário... e não restasse nenhum homem na terra que possuísse o Sacerdócio de Melquisedeque, com exceção de um élder - esse élder, através da inspiração do Espírito de Deus e da direção do Todo-Poderoso, poderia e deveria organizar a Igreja de Jesus Cristo em toda sua perfeição, porque é portador do Sacerdócio de Melquisedeque.[1]

Sendo que a casa de Deus é uma casa de ordem, é necessário que alguém seja chamado para presidir o Sacerdócio e os negócios da Igreja. Este poder dirigente é chamado "Chaves do Sacerdócio". A pessoa que possui as "Chaves" dirige a atividade daqueles que possuem o Sacerdócio sob a sua direção.

Quando Joseph Smith foi chamado e ordenado Primeiro Élder da Igreja, passou a possuir as "Chaves" ou o poder de dirigir a Igreja, de modo tão efetivo, como se tivesse sido denominado Presidente da Igreja. Ele tinha o poder e o direito, juntamente com o consentimen-

---

1. Joseph F. Smith, **Doutrina do Evangelho**, p. 33 também, **Conference Report** de Outubro de 1903, p. 87.

to da Igreja, para trazer à existência todos os cargos do Sacerdócio, bem como todas as organizações da Igreja, necessárias para o seu funcionamento apropriado.

Posterior Organização do Sacerdócio Aarônico

Através de uma revelação recebida durante o tempo da organização da Igreja,[2] soube-se que aqueles ordenados ao Sacerdócio Aarônico deveriam ser chamados Diáconos, Mestres, ou Sacerdotes, de acordo com suas funções. Seus deveres e privilégios foram também estabelecidos.

Nos primeiros meses da Igreja, poucos, entretanto, foram ordenados ao Sacerdócio Aarônico. A maioria dos conversos eram adultos. Os membros do sexo masculino eram usualmente ordenados diretamente ao ofício de Élder no Sacerdócio de Melquisedeque, onde seriam de grande utilidade à Igreja como missionários.

Em fevereiro de 1831 os negócios temporais da Igreja tinham necessidade de posterior organização. Os Santos que se mudavam para Ohio precisavam de terras e lares. Freqüentemente a mudança não podia ser feita sem ajuda financeira. A fim de enfrentar esta situação Edward Partridge foi chamado ao ofício de Bispo da Igreja. Este ofício dava-lhe presidência sobre o Sacerdócio Aarônico e tinha por encargos os negócios temporais do povo. Bispo Partridge foi chamado para levar a efeito a "Lei de Consagração", já antes discutida. A este trabalho ele devotou todo o seu tempo.

Em julho de 1831 ele foi chamado para ir com Joseph Smith e outros para Missouri. Ao término desta missão foi enviado a Independence, como Bispo dos Santos de Missouri.

Depois de o Profeta ter voltado para Kirtland, Newel K. Whitney foi ordenado Bispo dos Santos de Ohio e dos Estados do Leste.

Ao aumentar os deveres destes dois Bispos, dois conselheiros foram ordenados para cada um deles.

A proporção que a Igreja crescia eram retidos os ofícios e funções dos Bispos, cujo número regularmente aumentava. Isto determinou a necessidade de que um Bispo passasse a funcionar como Bispo presidente, a fim de tomar conta dos negócios temporais de todos os membros da Igreja através de conselhos e recomendações aos vários Bispos. Ao passar a haver necessidade, o Bispo presidente também elegeu conselheiros para ajudá-lo em seus deveres.

No dia 5 de março de 1835, enquanto em conferência em Kirtland, Joseph Smith recebeu uma revelação que, entre outras coisas, determinava a necessidade de organizar em quoruns todos aqueles que possuíam o Sacerdócio Aarônico.[3] Cada quorum de Diáconos devia possuir doze membros, de Mestres, vinte e quatro e de Sacerdotes, quarenta e oito. Também, devia ter uma presidência, sendo o Bispo o presidente do quorum dos Sacerdotes.

Posterior Organização do Sacerdócio de Melquisedeque

No dia 25 de janeiro de 1832 foi realizada uma conferência da Igreja em Amherst, Condado de Lorain, Ohio, onde Joseph, o Profeta, foi apoiado como Presidente do Sumo Sacerdócio da Igreja e ordenado a tal ofício[4]. Esta ordenação leva consigo o ofício de Presidente sobre toda a Igreja. Numa revelação recebida por Joseph Smith lemos:

> "O dever do Presidente do Sumo Sacerdócio é o de presidir sobre toda a Igreja, e ser como Moisés. Sim, para ser um vidente, revelador, tradutor e Profeta, possuindo todos os dons de Deus, que ele confere sobre o dirigente da Igreja".[5]

2. **Doutrina e Convênios**, Seção 20.

3. **Doutrina e Convênios**, Seção 107:13-17, 85-88.
4. **History of the Church**, Período 1, p. 243 (nota de pé).
5. **Doutrina e Convênios**, Seção 107:91-2.

Joseph Smith foi apoiado em tal ofício pelo voto da Igreja, tanto em Ohio como em Missouri. Ainda não tinha conselheiros e assim continuou por pouco mais de um ano. Em resposta a uma oração concernente ao assunto de conselheiros, Joseph recebeu, no dia 8 de março de 1833, uma revelação chamando Sidney Rigdon e Frederick G. Williams para servirem em tal capacidade e serem iguais ao Profeta na "posse das chaves deste último Reino".

Nesta mesma revelação Joseph Smith foi certificado de que:

> "As chaves deste reino não serão tomadas de ti enquanto estiveres neste mundo, nem no mundo futuro; contudo, através de ti os oráculos serão dados a outro, sim, à Igreja".[6]

Dez dias mais tarde os dois conselheiros foram ordenados àquele ofício por Joseph Smith e foram apoiados pelo voto dos membros da Igreja em suas próximas conferências.

Assim passou à existência a Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O Presidente e seus conselheiros constituem um quorum chamado Quorum da Primeira Presidência, que tem sido perpetuado na Igreja até a data presente, como o poder dirigente.

No dia 5 de dezembro de 1834 o quorum da Primeira Presidência ordenou Oliver Cowdery Presidente Assistente da Igreja.

Esta foi a única vez da história da Igreja em que houve um Presidente Assistente. Mais de dois conselheiros foram às vezes escolhidos, quando ao serem necessários para cuidar dos negócios da Igreja. A sua organização é bastante flexível e pode ser mudada sempre que se defrontar com novas condições.

A Organização das Unidades da Igreja

Já no início da Igreja foi tomada a providência de organizar os Santos em estacas e alas. Cada qual determinava uma subdivisão territorial. O tamanho do território que compreende uma ala depende do número de seus membros. Diversas alas foram organizadas numa estaca. As primeiras estacas organizadas foram as de Kirtland, em Ohio, e Clay County, Missouri. Sião, estabelecida em Independence, Missouri, não foi organizada numa estaca, sendo, sim, o "Lugar Central", a "Cidade Santa", à qual as estacas deveriam servir de esteio e suporte, semelhantemente a estacas que se enfiam na terra, a fim de servir de suporte a tendas.

Em fevereiro de 1834 foi efetuada uma Organização de Estaca, em Kirtland, tendo por presidência a Primeira Presidência da Igreja. Foi ordenado um sumo conselho, consistindo de doze sumos sacerdotes, para agir na estaca, tendo por propósito a solução de importantes dificuldades que pudessem surgir na Igreja, dificuldades estas que não pudessem ser resolvidas pela Igreja ou pelo Conselho de Bispos a contento dos interessados.[7]

Posteriormente, em 1834, uma estaca foi organizada em Clay County, Missouri, tendo por presidente David Whitmer e por conselheiros W.W. Phelps e John Whitmer. Um Sumo Conselho para esta estaca também foi escolhido e ordenado.

Devemos ter em mente que Joseph Smith e seus conselheiros agiam em dupla capacidade. O ofício da "Primeira Presidência do Sumo Sacerdócio", ou seja, "Primeira Presidência da Igreja", era separado e distinto do ofício da Presidência de Estaca. Na capacidade anterior serviam como dirigentes de toda a Igreja, na posterior tinham sua autoridade limitada à estaca de Kirtland. Veremos que à proporção que a Igreja progredia em número, o quorum da Primeira Presidência viu seu tempo ser inteiramente ocupado com este cargo e, depois de abandonarem Kirtland, nunca mais

---

6. **Doutrina e Convênios**, Seção 90:3-4.

7. **Doutrina e Convênios**, Seção 102:2.

uma capacidade dupla foi desempenhada pela Presidência da Igreja.

Os deveres do Sumo Conselho da Estaca aumentavam à proporção que a Igreja crescia e se desenvolvia. Nunca devemos esquecer que desde o início os deveres dos vários membros possuidores de cargos e chamados no Sacerdócio oscilavam ou aumentavam, de acordo com as necessidades da Igreja. Conseqüentemente, os deveres evoluem conforme a evolução da Igreja.

São Escolhidos Doze Apóstolos

Em princípio de junho de 1829 foi dado a conhecer que doze apóstolos seriam escolhidos e ordenados na Igreja. Sua nomeação deveria ser feita por Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris, as três testemunhas especiais do **Livro de Mórmon.**[8] Deveriam vir a ser testemunhas especiais de Cristo a todo o mundo, um Sumo Conselho viajante de toda a Igreja, oficiando sob a direção da Presidência da mesma. Tal quorum não foi organizado, entretanto, a não ser depois de a Igreja vir a ter dele necessidade.

Quoruns de Setentas também foram escolhidos, para ajudar o Quorum dos Doze no Trabalho de prestar testemunho de Cristo a todo o mundo, agindo sob a direção dos Doze.

Depois da famosa marcha do Acampamento de Sião, sobre a qual falaremos num capítulo separado, uma conferência especial da Igreja foi realizada em Kirtland. No dia 18 de fevereiro de 1835 as três testemunhas especiais do **Livro de Mórmon** selecionaram os seguintes apóstolos:

Lyman E. Johnson	William E.M'Lellin
Brigham Young	John F. Boynton
Heber C. Kimball	Orson Pratt
Orson Hyde	William Smith
David W. Patten	Thomas B. Marsh
Luke S. Johnson	Parley P. Pratt

Estes homens foram unanimemente apoiados pelos membros que assistiram à conferência, e, mais tarde, pelos Santos de Missouri.

São organizados os Setentas

Duas semanas mais tarde, no dia 28 de fevereiro de 1835, foi organizado o primeiro quorum dos Setenta.[9] Seus setenta membros, como os Doze, foram escolhidos dentre aqueles que tinham sido membros do Acampamento de Sião. Sete deles foram ordenados como presidentes do quorum. São eles:

Hazen Aldrich	Zebedee Coltrin
Leonard Rich	Levi W. Hancock
Joseph Young	Lyman Sherman

Sylvester Smith

Os Setentas deviam constituir quoruns viajantes que deveriam "ir por toda a terra, para onde quer que os Doze Apóstolos os chamem".[10]

Um segundo quorum de Setenta foi ordenado pouco tempo depois. O número de quoruns foi aumentado, conforme a necessidade. Em 1 de janeiro de 1845 havia quatorze quoruns de Setentas. Em 1970 o número tinha aumentado para 389 quoruns ativos.

Durante este período primordial da Igreja não havia organizações auxiliares. Reuniões Sacramentais eram realizadas todos os domingos, sendo também regulares as reuniões do Sacerdócio. Conferências trimestrais eram realizadas, bem como muitas conferências especiais, a fim de considerar os problemas vitais.

A rápida mudança da organização perturbou muitos dos membros que tinham fracassado em compreender o propósito da Igreja. Isto foi uma das causas que contribuíram para a apostasia, e clamores de "usurpador" seguiram o Profeta em seus movimentos de organização.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período 1,

8. **History of the Church,** Período I, Vol 2, Cap. 12 e notas.

9. **History of the Church,** Período 1, Vol. 2, p. 201.
10. **History of the Church,** Período 1, Vol. 2, p. 202.

Vol. 2 pp. 194-200. (Interessantes instruções aos Doze, por Oliver Cowdery e Joseph Smith).

2. **Ibid.,** pp. 220-222. (Instruções especiais aos Doze e aos Setenta, por Joseph Smith).

3. **Ibid.,** pp. 229-230, notas de pé. (Interessantes cartas de Joseph Smith com instruções quanto aos deveres do Sacerdócio).

4. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 1, p. 271, nota de pé nº 20 (Chamada de Newel K. Whitney como bispo).

5. **Ibid.,** pp. 306-308. (A Presidência do Sumo Sacerdócio).

6. **Ibid.,** pp. 371-378. (Organização dos Doze e dos Setenta).

7. **Ibid.,** pp. 384-386. (Os Três Grandes Conselhos do Sacerdócio).

8. **Ibid.,** pp. 386-388. (Patriarcas na Igreja).

9. **Doutrina e Convênios,** Seção 20. (Organização e deveres do sacerdócio).

10. **Ibid.,** Seção 107, versículos 1-40; 60-76. (Poderes do Sacerdócio).

11. P.P. Pratt, **Autobiography,** pp. 127-136. (Interessante relato da ordenação dos Doze e Instruções por Oliver Cowdery).

12. **Contributor,** Janeiro de 1885. (Chamada de Newel K. Whitney como bispo).

13. Widtsoe, **The Restoration of the Gospel,** p. 60 (O Sacerdócio Aarônico).

14. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 83-86. (O início da Organização da Igreja).

CAPÍTULO 13

A GLÓRIA DE DEUS É INTELIGÊNCIA

Joseph Smith Continua a Buscar Conhecimento

No período primordial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias existia entre seus membros uma sede de conhecimentos incomum para o tempo e condições sob as quais vivia o povo. Geralmente a dura luta pelo pão de cada dia tolhia todos os fronteiriços em seus esforços para o desenvolvimento nas artes e nos campos de aprendizado mais elevados. As escolas elementares eram rudes e a educação adulta desconhecida. Em contraste com esta condição geral encontrada no Oeste, nos deparamos com a atitude dos Santos dos Últimos Dias em relação à educação. O próprio Profeta era infatigável em sua busca de conhecimento, e seus críticos mais severos da atualidade se maravilham com as suas realizações.

O conhecimento adquirido por Joseph Smith durante sua curta vida terrena não é advindo em sua maioria de livros. Ele reconheceu em Deus a fonte de todo o conhecimento e possuiu a fé necessária para poder recorrer a Ele. Tudo o que recolhia de livros, de sua própria imaginação ou de associação entre os homens, era geralmente apresentado diante do Senhor, para sua aprovação ou desaprovação. Se fez menos erros que a maioria dos homens, foi devido a esta característica. Ele acreditou firmemente no provérbio que diz que "o Senhor ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos".

Clamou ao Senhor muitas vezes, pedindo conhecimento e direção, mas nunca esperou que o Senhor fizesse por ele aquelas coisas que poderia, com apropriada diligência, fazer por si mesmo.

Joseph Smith seria incapaz de traduzir o Livro de Mórmon sem a ajuda divina. Tal auxílio lhe foi prestado, mas Joseph não pretendeu do Senhor o seu constante auxílio na compreensão de línguas antigas. Ele podia aprender muitas delas por si próprio e determinou-se a assim fazer. Principiou um estudo do egípcio, do hebreu e do grego, a fim de melhor capacitar-se a compreender a Bíblia e os documentos antigos concernentes ao povo de Deus. Tal estudo continuou a ser efetuado em intervalos, até sua morte. Sua mais notável realização foi o desenvolvimento, em Kirtland, de uma gramática para a escrita de hieróglifos egípcios. Tal gramática foi por ele usada, bem como a ajuda divina, na tradução de escritos antigos do patriarca Abraão, presentemente publicados com a denominação de Livro de Abraão, no livro Pérola de Grande Valor. Esta gramática nunca foi publicada, e talvez nunca tenha sido usada por qualquer outra pessoa que não o Profeta. Foi, entretanto, a primeira gramática egípcia da América, feita sem qualquer dependência da Gramática Egípcia de Champollion.[1] Esta última, que serve de base para todos os estudos modernos relacionados ao assunto, foi entregue ao mundo em 1836, resultado de trinta anos de estudo europeu.

Desde o tempo em que Joseph Smith foi primeiramente visitado pelo anjo Morôni, que lhe citou passagens da Bíblia, tornou-se-lhe evidente que o Sagrado Volume Hebreu continha muitos erros. Durante o trabalho de tradução do Livro de Mórmon, o Profeta e Oliver Cowdery se tornaram cientes de

---

1. (Nota) Jean François Champollion (1790-1832) foi um egiptologista francês. No fim de sua vida foi empregado pelo govêrno francês a fim de tentar decifrar hieróglifos egípcios. Sua morte prematura foi o resultado de excesso de trabalho. Sua Gramática Egípcia, pela qual ele se tornou famoso, não foi publicada a não ser quatro anos depois de sua morte.

que as citações das placas de latão nem sempre concordavam com as mesmas citações na tradução bíblica do Rei Tiago.

Depois de tal trabalho ter sido completado, Joseph Smith dirigiu sua atenção à Bíblia, com a intenção de corrigir suas inexatidões. O livro de Gênesis oferecia muitos e intricados problemas; conseqüentemente, depois de exaurir sua mente no assunto, ele apelou a Deus em oração. Em resposta recebeu uma visão por ele denominada "Visão de Moisés". A intervalos posteriores a visão foi se tornando mais extensa; parte dela foi denominada "Visão de Enoque". Tais visões foram primeiramente dadas a conhecer à Igreja em 1830 e referências às mesmas são encontradas em escritos da referida data. Foram publicadas no diário de Joseph Smith, em 1838, e são encontradas na Pérola de Grande Valor, uma das escrituras padrão da Igreja.

Entre junho e outubro de 1830, Joseph Smith principiou um trabalho que veio a ser conhecido como "A Tradução Inspirada da Bíblia". Em grande parte não a podemos chamar, de forma alguma, de tradução. Melhor seria dizer ter sido uma revisão da Bíblia, versão do Rei Tiago. O trabalho resultou numa revelação recebida pelo Profeta, que aumentou o seu conhecimento dos princípios do Evangelho.

Durante o período do estabelecimento em Ohio e Missouri o Profeta trabalhou em tal obra a curtos intervalos. O árduo trabalho de dirigir os assuntos de uma igreja dispersa, as dificuldades no estabelecimento do novo empreendimento econômico e social, bem como as constantes perseguições pelas quais tinha que passar, impossibilitaram-no de dar término à obra.

Empenhou-se o Profeta nesta obra durante sua estadia em Hiram, juntamente com Sidney Rigdon, na época em que sofreram o ataque previamente relatado.

O grande desejo de Joseph Smith de obter maior conhecimento concernente aos problemas com os quais se defrontava a Igreja durante este período fazia-o vez após outra, ajoelhar-se, em oração, à procura do auxílio divino, tornando este o maior período de revelação da história da Igreja.

A Importância do Conhecimento na Igreja

O desejo de aprender, possuído pelo Profeta, logo envolveu também a Igreja. Em dezembro de 1832 ele organizou, em Kirtland, a "Escola dos Profetas". O andar superior do estabelecimento comercial de Newel K. Whitney foi primeiramente usado para tal propósito. Embora a escola tivesse por objetivo preparar os membros da Igreja para levar o Evangelho ao mundo, os assuntos nela ensinados e discutidos eram tão diversos quanto os interesses humanos.

Numa revelação recebida por Joseph Smith, no dia 27 de dezembro de 1832, endereçada aos irmãos que freqüentavam a Escola dos Profetas, lemos:

"E vos dou o mandamento, de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros.

"Ensinai diligentemente, e a Minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do Evangelho e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus e que vos é conveniente compreender;

"Tanto nas coisas dos céus como da terra e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e que logo acontecerão; coisas daqui e de além mar, quanto às guerras e às perplexidades das nações, e quanto aos julgamentos que estão sobre a terra; e um conhecimento também de nações e reinos".[2]

"Sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé".[3]

A Glória de Deus é Inteligência

Esta revelação torna patente o privilégio do aprendizado dado por Deus à Igreja. É um mandamento que nos instrui a aprender, mandamento este posteriormente fortalecido pelas palavras da revelação:

"Cessai de ser ociosos; cessai de ser impuros; cessai de achar falta uns nos outros; cessai de dormir mais do que o necessário; recolhei-vos cedo aos vossos aposentos, para que vos não canseis; levantai-vos cedo, para que os vossos corpos e mentes sejam vigorados".[4]

"A Escola dos Profetas" foi a primeira escola organizada para a educação de

2. **Doutrina e Convênios,** Seção 88:77-79
3. **Ibid.,** Seção 88:118.
4. **Ibid.,** Seção 88:124.

adultos na América. Suas sessões eram realizadas principalmente à noite e eram freqüentadas por todos os líderes masculinos da Igreja, da cidade de Kirtland e suas circunvizinhanças. Uma escola para élderes tinha sido iniciada em Missouri, mas dificilmente poderia ser reconhecida com o nome formal de "escola".

Entre as muitas belas expressões de Joseph Smith quanto ao assunto, primeiramente expressas à Escola dos Profetas, estão as seguintes:

"É impossível ao homem ser salvo em ignorância".

"O homem não pode ser salvo sem primeiramente ganhar conhecimento".

"A Glória de Deus é inteligência".

Nestas breves sentenças o Profeta epitoma* a lei da Igreja dos Últimos Dias, concernente à importância do aprendizado. A influência desta lei muito tem feito para dar forma à política educacional da Igreja por mais de um século.

Dos participantes da Escola dos Profetas requeria-se completa observância dos mandamentos de Deus. Os membros da escola somente eram recebidos como tais depois de participarem da oração, do sacramento e da ordenança do lava-pés. A escola devia ser um santuário ou tabernáculo, onde o Espírito Santo haveria de edificar os seus membros.[5]

A Palavra de Sabedoria é Dada à Igreja

No dia 27 de fevereiro de 1833, Joseph Smith entrou na sala em que se ministravam as aulas da Escola dos Profetas. Encontrou-a cheia de fumaça de cigarros, cujo odor, para ele que vinha de respirar o ar puro de fora, foi ofensivo. Sem dizer uma palavra ele se retirou e procurou o Senhor em oração.[6] Em resposta recebeu uma revelação que se tornou conhecida na Igreja como a "Palavra de Sabedoria".

1. Uma Palavra de Sabedoria, para o benefício do conselho dos sumo sacerdotes reunidos em Kirtland, para o bem da Igreja, e também dos santos em Sião —

2. Para ser enviada como saudação: não por mandamento ou constrangimento, mas por revelação e pela palavra de sabedoria, tornando manifesta a ordem e a vontade de Deus quanto à salvação temporal de todos os santos nos últimos dias —

3. Dada por preceito, com promessa, adaptada à capacidade dos fracos e à do mais fraco de todos os santos, que são, ou que podem ser chamados santos —

4. Eis que na verdade assim vos diz o Senhor: Devido a maldade e desígnios que existem, e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias, Eu vos avisei e de antemão vos aviso por meio desta palavra de sabedoria, dada por revelação —

5. Eis que não é bom nem aceitável diante do vosso Pai que alguém entre vos tome vinho ou bebida forte, exceto quando vos reunis para Lhe oferecer os vossos sacramentos.

6. Eis que este deve ser vinho, sim, vinho puro de uva de videira de vossa própria fabricação.

7. E novamente, bebidas fortes não são para o ventre, mas para lavar os vossos corpos.

8. E novamente, tabaco não é para o corpo nem para o ventre, e não é bom para o homem, mas é uma erva para machucaduras e todo gado doente, para ser usado com discernimento e perícia.

9. E novamente, bebidas quentes não são para o corpo nem para o ventre.

10. E novamente, na verdade vos digo que todas as ervas salutares ordenou Deus para a constituição, natureza e uso do homem.

11. Toda erva na sua estação e toda fruta na sua estação; todas elas para serem usadas com prudência e ações de graça.

12. Sim também a carne dos animais e a das aves do ar. Eu, o Senhor, ordenei para serem usadas pelo homem, com ações de graça; contudo, deverão ser usadas parcamente.

13. E Me é agradável que sejam usadas somente no inverno, em tempo de frio ou de escassez.

14. Todos os cereais são ordenados para o uso do homem e dos animais, como esteio da vida, não só para o homem, mas também para os animais do campo, e as aves dos céus, e todos os animais selvagens que correm ou se arrastam na terra.

15. E estes fez Deus para o uso do homem só em tempos de escassez ou de fome excessiva.

16. Todos os cereais são bons para a comida do homem, assim como o fruto da videira; tudo aquilo que produz fruto, quer na terra, quer em cima da terra.

17. Contudo, seja o trigo para o homem, o milho para o boi, a aveia para o cavalo, o centeio para as aves e os suínos, e todos os animais

---

* Epitomar - fazer um sumário conciso.

5. (Nota) - Ver **Doutrina e Convênios**, Seção 88:137-141.

6. Smith e Sjodhal, **Doutrine and Covenants Commentary**, p. 705.

do campo, a cevada, como também outros grãos, para todos os animais úteis e para bebidas fracas.

18. E todos os santos que se lembrarem, guardarem e fizerem estas coisas obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o seu umbigo e medula para os seus ossos;

19. E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

20. E correrão e não se cansarão; caminharão e não desfalecerão.

21. E Eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará, como aos filhos de Israel, e não os matará. Amém".[7]

Revelações Adicionais Recebidas Como Escritura

As numerosas revelações recebidas por Joseph Smith, em resposta às suas ardorosas buscas de conhecimento, constituem uma escritura singular dos últimos dias. Estas revelações se tornaram padrão para a Igreja somente depois de ter sido cada uma delas recebida como tal pelo voto da Igreja. É esta a lei do consentimento geral, sendo um dos princípios fundamentais do governo da Igreja.

Muitas das revelações recebidas por Joseph Smith foram aceitas pela Igreja antes mesmo de que qualquer compilação das mesmas surgisse. A seção 20 do livro Doutrina e Convênios foi aceita durante o tempo da organização da Igreja.

Na última parte de 1831 foi decidido por um conselho de líderes da Igreja que se deveria fazer uma compilação das revelações concernentes à origem da Igreja e sua organização. Tal compilação deveria ser chamada "Livro de Mandamentos". Foi feita e apresentada aos membros durante uma conferência do Sacerdócio em Hiram, Ohio, no dia 1 de novembro de 1831. No primeiro dia da conferência, Joseph Smith recebeu uma revelação, que veio a se tornar o prefácio do novo volume, bem como a primeira seção do livro atualmente denominado Doutrina e Convênios. Neste prefácio lemos:

"Examinai estes mandamentos, pois são verdadeiros e fiéis, e as profecias e as promessas neles contidas serão todas cumpridas".[8]

No segundo dia da conferência os irmãos se levantaram e, cada um por sua vez, prestou testemunho da origem divina das revelações de tal compilação. O Profeta desafiou aqueles que duvidassem que as revelações eram de Deus a tentar escrever tais revelações por si próprios. William E. M'Lellin fez tal tentativa, terminada em confessado fracasso.

Depois da compilação ter sido aceita como escritura votou-se pela impressão de 10.000 cópias delas. Oliver Cowdery e John Whitmer foram escolhidos para levar o manuscrito para Independence, Missouri, a fim de ser lá impresso. Neste lugar os Santos haviam montado uma máquina de impressão, para a publicação do primeiro jornal dos Santos dos Últimos Dias. **The Evening and Morning Star.**

A jornada foi adiada e, na conferência de abril de 1832, votou-se pela redução da edição para 3.000 cópias. A publicação, porém, estava destinada a esperar tempo considerável. As preparações para a impressão já tinham sido todas feitas, em agosto de 1833, quando um populacho no Condado de Jackson destruiu o estabelecimento de impressão e grande parte do material preparado para a publicação. O "Livro de Mandamentos", com tal nome, nunca foi impresso pela Igreja*

As contínuas revelações recebidas pelo Profeta logo tornaram a primeira compilação inadequada. Em setembro de 1834, um comitê, composto de Joseph Smith, Oliver Cowdery e Frederick G. Williams, foi escolhido, para pô-la em dia. Tal compilação foi apresentada por Oliver Cowdery na assembléia geral da Igreja em Kirtland, no dia 17 de agosto de 1835, como "O Livro de Doutrina e Convênios da Igreja". Foi lido primeiramente um testemunho dos doze apóstolos, concernente à veracidade da Revelação. A seguir a assembléia

7. **Doutrina e Convênios,** Seção 89.
8. **Doutrina e Convênios,** Seção 1, Vers. 37.

* (Nota) O Livro de Mandamentos foi, em anos recentes. publicado pela Igreja de Cristo (Hedriquitas), em Independence, Missouri.

Moderna publicação de Doutrina e Convênios.

votou pelo recebimento da compilação das revelações como escritura. A publicação foi feita no mesmo ano.

Revelações subseqüentes, aceitas pelo voto da Igreja, foram adiconadas em edições posteriores, até alcançar o livro suas presentes proporções. Não se tentou colocar no livro todas as revelações recebidas pelo Profeta, mas tão somente aquelas que esclareciam, em linguagem explícita, as doutrinas da Igreja, bem como os mandamentos de Deus a seu povo. Nem todas as seções são revelações. Certas citações do Profeta Joseph, ditas em diversas ocasiões, tão claramente explicavam os princípios do evangelho, que foram recebidas pelo voto da Igreja como doutrina e incluídas no volume. Presentemente, acha-se incluido o relato do martírio do Profeta e do seu irmão Hyrum, bem como uma revelação dada a Brigham Young, concernente à organização dos Acampamentos de Israel.

A
BOOK
OF
COMMANDMENTS,
FOR THE GOVERNMENT OF THE
Church of Christ,
ORGANIZED ACCORDING TO LAW, ON THE
6th of April, 1830.

ZION:
PUBLISHED BY W. W. PHELPS & CO.
1833.

Página título do que era para ser o "Livro de Mandamentos". A imprensa, em Independence, Missouri, foi destruída, antes de o livro, com tal nome, poder ser impresso.
Usado com a permissão do Escritório do Historiador da Igreja.

A Origem do Livro de Abraão

Em julho de 1835, vieram às mãos do Profeta Joseph Smith certos registros antigos, cujo valor ainda hoje não foi completamente apreciado.

Em 1828, um explorador francês chamado Antonio Sebolo pediu permissão a Mehemit Ali (1769 - 1864), vice-rei do Egito, para neste país fazer uma certa escavação. Em 1831, Sebolo, depois de ter obtido a licença apropriada, empregou 433 homens durante quatro meses e dois dias, pagando-lhes uma quantia ínfima por dia, na escavação de uma catacumba ou tumba, situada perto do terreno da antiga Tebas.[9] A antiga tumba era daquelas que abrigavam centenas de múmias de três distintas ordens de enterro. Somente onze múmias da mais alta ordem estavam em condições adequadas para serem removidas.[10] Com estas múmias ainda sem abrir, Sebolo voltou a Paris. No caminho, entretanto,

9. Carta de Oliver Cowdery a William Frye, datada de 25 de dezembro de 1835 e publicada no **Messenger and Advocate** em dezembro de 1835, Vol. 2, nº 3.
10. Comparar ao relato de Cannon, **Life of Joseph Smith**, pp. 180-1.

resolveu desembarcar em Trieste, onde morreu, depois de uma enfermidade de dez dias.

As múmias foram deixadas por testamento a um sobrinho, Michael H. Chandler. O Sr. Chandler residia então em Philadelphia, na Pennsylvania, mas, supondo-se que residia na Irlanda, para lá foram endereçadas as múmias. Depois de ter sido desviado o seu curso por dois anos, as múmias finalmente foram desembarcadas em Nova Iorque e endereçadas a Michael H. Chandler, no inverno ou primavera de 1833.

Em abril de 1833 o Sr. Chandler pagou as despesas de alfândega e tomou posse de sua herança. Ao abrir os caixões Chandler viu-se desapontado, pois não encontrou jóias nem ornamentos preciosos, mas, presos a dois dos corpos viam-se pergaminhos de linho, preservados com o mesmo cuidado e, aparentemente, pelos mesmos métodos que os corpos. Dentro das coberturas de linho se encontravam pergaminhos de papiro, com um registro perfeitamente preservado, composto de caracteres pretos e vermelhos, cuidadosamente formados. "Nos outros corpos foram encontradas tiras de papiro, com epitáfios e cálculos astronômicos".[11] O Sr. Chandler naturalmente ficou curioso por saber a natureza dos caracteres, mas "foi imediatamente informado, quando ainda na alfândega, que não havia um homem sequer naquela cidade que pudesse traduzir os pergaminhos: fez-se-lhe, porém, referência, pelo mesmo senhor (um estranho), ao Sr. Joseph Smith Júnior".[12] O Sr. Chandler levou então as múmias e os pergaminhos para a Filadélfia, mas nenhum dos eruditos de lá os pôde decifrar.

* **Em Life of Joseph Smith,** por George Q. Cannon, [13] lemos:

"Os eruditos de Philadelphia e outros lugares ficaram todos muito interessados em ver tais representações de um tempo tão antigo; o Sr. Chandler solicitou-lhes a tradução de alguns dos caracteres. Mesmo os mais sábios entre eles foram tão-somente capazes de interpretar o significado de alguns poucos sinais".[14]

O Sr. Chandler formou então uma campanhia, com o propósito de viajar pelo país com as múmias, fazendo preleções sobre as mesmas. Com apenas quatro das múmias e os pergaminhos de papiro, ele chegou a Kirtland, Ohio, no dia 3 de julho de 1835, [15] onde procurou e obteve uma entrevista com o Profeta Mórmon.

Oliver Cowdery diz: "Ao Sr. Chandler foi dito (por Joseph Smith), que tais escritos poderiam ser decifrados; conseqüentemente, ele, gentilmente,me cedeu o privilégio de copiar umas quatro ou cinco partes em separado, declarando então que, a menos que encontrasse alguém que lhe pudesse dar logo uma tradução, haveria de levar os caracteres a Londres".[16]

O Sr. Chandler solicitou uma opinião concernente aos caracteres ou a tradução de alguns dos mesmos. "Irmão Smith deu-lhe satisfatória interpretação de alguns". A pedido de Joseph Smith, porém antes de qualquer oferta de compra dos pergaminhos e múmias por parte deste, o Sr. Chandler escreveu uma carta ao Profeta, certificando o seguinte:

Kirtland, 6 de julho de 1835

"Faço saber, por meio desta, a quem possa ter interesse em saber quanto à habilidade de Joseph Smith Jr. no deciframento dos antigos caracteres hieroglíficos egípcios que tenho em posse, por mim mostrados em muitas cidades eminentes aos mais eruditos, que, pelo que é de meu conhecimento, vi o Sr. Joseph Smith Jr. corresponder plenamente nos mais detalhados assuntos".

MICHAEL H. CHANDLER
Proprietário e conferencista das
Múmias egípcias.[17]

Demorada conversação teve lugar entre Joseph Smith e o Sr. Chandler,

---

11. Cannon, **Life of Joseph Smith**, p. 181, comparar também, **History of the Church,** Vol. 2, pp. 348-50, Widtsoe, p. 115.
12. Carta de Oliver Cowdery a William Frye, 25 de dezembro, impressa no **Messenger and Advocate,** dezembro de 1835. Vol. 2, nº 3.
13. Cannon, **Life of Joseph Smith,** p. 181.
14. **History of the Church,** Período I, Vol. 2, p. 235. Widtsoe, **Restoration of the Gospel,** p. 116.
15. Carta de Oliver Cowdery a William Frye, **Messenger and Advocate,** dezembro de 1835, Vol. 2, nº 3.
16. **Ibid.**
17. **History of the Church,** Período I, Vol. 2, p. 235.

sendo então feita uma comparação com uma transcrição dos caracteres das placas do Livro de Mórmon, "resultando na descoberta de alguns pontos de semelhança".[18]

Mais tarde, amigos do Profeta, residentes em Kirtland, compraram do Sr. Chandler as quatro múmias, bem como os pergaminhos de papiro. "O Profeta, tendo por escribas a William W. Phelps e Oliver Cowdery, começou a traduzir".[19]

Tradução do Manuscrito

O método pelo qual a tradução foi feita é objeto de alguma disputa. Sem dúvida alguma foi assunto de intensivo estudo, auxiliado pela inspiração que tão freqüentemente advinha em resposta às orações do Profeta. Brigham H. Roberts, ao escrever sobre a tradução, diz:

18. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 2, p. 126.

19. Widtsoe, **Restoration fo the Gospel,** p. 117

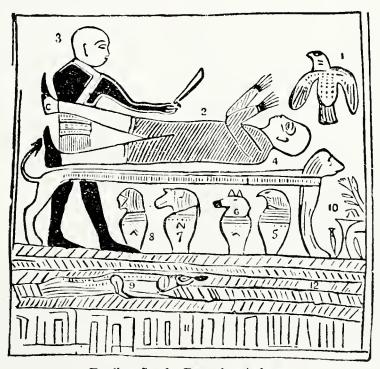
UM FAC-SÍMILE DO LIVRO DE ABRAÃO Nº 1

Explicação do Desenho Acima

Fig. 1. O anjo do Senhor. 2. Abraão atado sobre um altar. 3. O sacerdote idólatra de Elkenah, intentando oferecer Abraão em sacrifício. 4. O altar para sacrifícios efetuados pelos sacerdotes idólatras, diante dos deuses de Elkenah, Linah, Mahmackrah, Korash e Faraó. 5. O deus idólatra Elkenah, 6. O deus idólatra Libnah. 7. O deus idólatra Mahmackrah. 8. O deus idólatra Korash. 9. O deus idólatra Faraó. 10. Abraão no Egito 11. Desenhado para representar os pilares do céu, como o entendiam os egípcios. 12. Raukeeyang, que significa expansão ou o firmamento sobre nossas cabeças; mas neste caso, em relação a este assunto, os egípcios queriam indicar Shaumau, elevado, ou os céus, o que corresponde à palavra hebraica Shaumahyeem. Interessante página, que precede "O Livro de Abraão", na Pérola de Grande Valor.

"A seguir ele (Joseph) levou avante o estudo dos símbolos e da gramática da língua egípcia. Em suas pesquisas viu-se virtualmente em campo pioneiro, mas, como Champollion, tinha um sentido lingüístico quase que intuitivo. O trabalho, entretanto, procedeu vagarosamente. Foi iniciado em 1835 e somente sete anos mais tarde, em 1842, pôde ser principiado a publicar, nunca, porém, chegando-se ao seu término".[20]

Que considerável estudo precedeu a tradução é evidenciado pelos próprios escritos do Profeta. Com data de 1 de outubro de 1835 ele escreveu: "Esta tarde trabalhei no alfabeto egípcio, em companhia dos irmãos Oliver Cowdery e W.W. Phelps, e, durante as pesquisas, os princípios de astronomia, na forma como foram compreendidos por Pai Abraão e os antigos, se abriram ao nosso entendimento".[20a] Nos dias 7 de outubro e 24 de novembro do mesmo ano, bem como em outras datas, ele faz referência a seus trabalhos na tradução do papiro. No dia 16 de dezembro de 1835 o Profeta registra: "Élderes M'Lellin, B. Young e J. Carter fizeram-me uma visita, que muito satisfeito me deixou. Mostrei-lhes e expliquei-lhes os registros egípcios e também muitas coisas concernentes aos procedimentos de Deus entre os antigos e à formação do sistema planetário".[21]

Pelo que já vimos acima parece que considerável quantidade de tradução tinha sido feita antes do fim de 1835, mas as dificuldades enfrentadas pela Igreja, durante os anos seguintes, bem como a morte do Profeta logo após, impediram o término do trabalho. Já que não havia na América, em 1835, uma só gramática da língua egípcia, podemos ter uma idéia do trabalho que teve o Profeta; conseqüentemente, os resultados de seu labor se tornaram os mais notáveis. Em data de 25 de dezembro de 1835 Oliver Cowdery escreve:

"A língua na qual é escrito este registro é bastante compreensível, sendo muitos dos hieróglifos excessivamente impressionantes. É evidente que foram escritos por pessoas que tinham conhecimento da história da criação, da queda do homem, e idéias ou noções mais ou menos corretas sobre a Deidade.

A representação da Deidade — três, embora em uma, é curiosamente desenhada, de forma a dar simples, porém, impressivamente, os pontos de vista do escritor quanto a esta exaltada personagem. A serpente, representada caminhando, ou formada de maneira a poder andar, diante ou perto de uma figura feminina, é, para mim, uma das maiores representações que eu jamais vi em papel ou em substância escrita: em muito contribui para convencer a mente racional da precisão e autenticidade divina das Sagradas Escrituras".[22]

Somente parte dos pergaminhos concernentes à vida de Abraão foram completos pelo Profeta. Parece que um dos pergaminhos de papiro, contendo os escritos de José, aquele que foi vendido no Egito, nunca foi traduzido o suficiente para ser publicado. Que parte dele foi decifrada pelo Profeta, podemos tirar conclusões pelo livro já publicado, **The Life of Joseph Smith,** por Cannon. Lemos:

"No registro de José, aquele que foi vendido no Egito, podemos encontrar uma representação profética do julgamento: O Salvador é visto sentado em seu trono, coroado e possuindo o cetro da retidão e do poder; diante dele estão reunidas as doze tribos de Israel e todos os reinos do mundo; Miguel, o Arcanjo, segura as chaves do abismo sem fim no qual Satanás foi acorrentado".[23]

Publicação

A publicação do Livro de Abraão principiou no **Times and Seasons** em março de 1842[24] em Nauvoo, com facsímiles de certas partes do papiro.[25] As gravações de madeira para os desenhos foram feitas por Reuben Hedlock, um gravador vindo do Canadá. John Taylor, que também trabalhava com madeira, estava igualmente presente e trabalhando no **Times and Seasons** na ocasião.[26] Durante anos, depois da publicação dos

20. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 4, p. 519.
20a. **History of the Church,** Período I, Vol. II, p. 286.
21. **History of the Church,** Período I, ver Reynold, Book of Abraham, p. 3, ver **Millenial Star History of Joseph Smith,** uma descrição dos registros, Vol. 15, p. 519, Millenial Star, Vol. 15, p. 550.
22. Carta de Oliver Cowdery a William, Frye, Esq. Gilead, Condado de Calhoun, Illinois datada de 25 de dezembro de 1835.
23. Cannon, **Life os Joseph Fmith,** p. 182.
24. (Nota) O **Times and Seasons** era um jornal mórmon, publicado pela Igreja em Nauvoo, de 1840 a 1846. Joseph Smith era o seu editor, até que foi morto. É de especial valor por causa dos editores, das cartas e artigos escritos pelos líderes da Igreja de então.
25. **Times and Seasons,** Vol. 2, N^{os} 9, 10, 19.
26. **Ver Improvement Era,** Vol. 16, p. 314.

fac-símiles, os documentos originais continuaram a existir. Eram considerados propriedade da família Smith, e, depois do martírio do Profeta, foram retidos por sua esposa, Emma. Mais tarde foram por ela vendidos a um museu de St. Louis, de onde foram enviados para o Museu de Chicago. No grande incêndio de Chicago o museu foi totalmente destruído e acreditava-se que os preciosos manuscritos antigos haviam sido destruídos com ele.

Recentemente, em 1966, o original do fac-símile nº 1 do Livro de Abraão foi novamente descoberto. O dr. Aziz Atiya, um erudito egípcio, professor em Nova Iorque encontrou-os entre outros papiros do New York Metropolitan Museum of Art. Reconheceu-os como parte dos manuscritos que pertenceram a Joseph Smith, e solicitou aos diretores do museu que os devolvessem à Igreja de Jesus Cristo dos SUD. Isto aconteceu em 27 de novembro de 1967. Não se encontravam entre os pergaminhos redescobertos os papiros dos quais foi traduzido o texto do Livro de Abraão.

A tradução feita por Joseph Smith e os fac-símiles de algumas das gravações permanecem como uma das maiores contribuições ao campo da religião. A parte traduzida dos pergaminhos continha o relato pessoal da juventude de Abraão, a criação do mundo na forma que lhe foi revelada por Deus, e uma descrição gráfica da astronomia dos céus.

O sistema de rotação dos planetas, descrito por Abraão, apresenta um conhecimento de astronomia surpreendente para o mundo moderno.

Profeta algum deu ao mundo um desafio mais forte de seu chamado divino que Joseph Smith, na sua publicação do Livro de Abraão.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. I, p. 226. (Testemunho do Sacerdócio Maior concernente ao Livro de Mandamentos).

2. **Ibid.,** Volume II, p. 200 (Interessante relato de Wm. E. M'Lellin sobre o progresso da Escola de Kirtland).

3. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 1, pp. 214-216. (Uma breve análise do Livro de Moisés).

4. **Ibid.,** pp. 247-248 (Nota-A revisão inspirada da Bíblia por Joseph Smith).

5. **Ibid.,** pp. 293-304. (As profecias de Joseph Smith relativas a guerras, em especial uma profecia sobre a Guerra Civil dos Estados Unidos).

6. Parley P. Pratt, **Autobiography,** pp. 56-66 (Descrição de como Joseph Smith recebia revelações).

7. **Ibid.,** (Educação para adultos na Escola dos Élderes, em Jackson County, 1833).

8. Evans, **Joseph Smith an American Prophet,** pp. 92-96. (A Escola de Profetas).

9. **Ibid.,** pp. 212-222. (A santificação do corpo).

10. **Ibid.,** pp. 276-282. (A Glória de Deus é a inteligência – A ignorância espontânea é pecado).

11. Widtsoe, **Joseph Smith as Scientist,** pp. 142-144. (Joseph Smith mostra a importância das escolas).

12. **Ibid.,** p. 92. (A ciência e a Palavra de Sabedoria).

13. **Doutrina e Convênios** Seção 55, Vers. 4. (Revelação sobre a educação).

14. **Ibid.,** Seção 67:4-14. (Um desafio do Senhor àqueles que tentassem escrever uma revelação).

15. Smith e Sjodhal, **Doutrine and Covenants Commentary.** (Prefácio).

A GRANDEZA DOS PRIMEIROS LÍDERES

A Igreja Desenvolve Liderança

O período da história da Igreja vivido em Ohio e Missouri é de muito significado para o desenvolvimento dos homens e mulheres que se viram atraídos ao Evangelho restaurado. Em geral os membros vinham, em grande parte, da classe média. Poucos destes, ao entrarem para a Igreja, já tinham recebido qualquer grande distinção ou notoriedade. Duvida-se que viessem a ter sido lembrados por muito tempo, a não ser por sua ligação à Igreja. É bem verdade que a maioria deles eram membros altamente respeitados de diversas comunidades, sendo alguns proeminentes nos negócios locais. Nenhum, porém, era nacionalmente importante.

Foi o espírito da Igreja que tornou grandioso o comum. Quando Joseph Smith declarou: "Sou uma pedra bruta. O martelo e o cinzel nunca foram usados em mim, a não ser depois que o Senhor me tomou em Suas mãos",[1] falou uma verdade que pode ser aplicada a centenas e milhares de membros da Igreja.

A Igreja oferecia oportunidades de expressão. Encorajava o aprendizado. Chamava os homens para posições de liderança e esperava que eles se desenvolvessem de forma a virem a desempenhar bem o seu chamado. "Não é o que você é, mas o que você pode se tornar, o que é importante"; era este, freqüentemente, o critério de seleção. O trabalho poderá ser maior que o homem, mas não tão grande quanto o homem poderá se tornar. Esta fé fundamental nas possibilidades dos seres humanos, quando atuada por um desejo de servir, é uma das características notáveis da Igreja. Tal fé nas possibilidades humanas tem sido justificada. **A Igreja não atraía grandes homens. Produzia grandes homens.** Ela atraía homens bons e inteligentes: dava-lhes a oportunidade de crescimento; amontoava sobre seus ombros responsabilidades que os forçavam a crescer ou morrer. Cada homem se tornou um líder – um possuidor do Sacerdócio. Cada homem foi chamado para ser um cumpridor da palavra e não meramente um ouvinte. Sob tal sistema os talentos não podem ficar escondidos por muito tempo. Homens que talvez nunca tivessem saído de relativa obscuridade fora da organização da Igreja, nela se tornaram grandiosos.

Entre aqueles que se tornaram grandes na Igreja encontramos Joseph Smith, Oliver Cowdery, Parley P. Pratt, Orson Pratt, Sidney Rigdon, Edward Partridge, Brigham Young, Heber C. Kimball, John Taylor, Wilford Woodruff, Lorenzo Snow, Orson Hyde, Willard Richards e toda uma multidão de outros.

Os relatos da conversão de cada um destes homens ao Evangelho, bem como a história de seu crescimento individual dentro da organização da Igreja, podem ser encontrados em seus diários e biografias e constituem partículas do mais rico romance da história americana. Cinco destes homens se tornaram, em sucessão, presidentes da Igreja, ou seja: Joseph Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff e Lorenzo Snow. Os restantes foram distinguidos com altas posições. Eram todos jovens quando o Evangelho os encontrou, em média com menos de trinta anos. Com a exceção de John Taylor, que nasceu na Inglaterra, eram todos descendentes dos antigos habitantes da Nova Inglaterra.

1. **Scrapbook of Mormon Literature**, Vol. 2, p. 6

Quatro deles, Rigdon, Parley P. Pratt, Hyde e Taylor, tinham sido ministros. Joseph Smith e Orson Pratt eram fazendeiros, Cowdery, professor, Woodruff moleiro, Young, carpinteiro, Richards médico, Kimball, oleiro. Eram todos cidadãos respeitados em suas diversas comunidades, mas, não fosse o Evangelho ter tocado suas vidas, teriam provavelmente morrido em relativa obscuridade.

Como foi indicado no capítulo três, estes homens pertenciam àquele grupo que se havia tornado descontente com os credos religiosos então existentes e haviam formulado muitas doutrinas intimamente relacionadas àquela da Igreja restaurada. Estavam, em outras palavras, a poucos passos da Igreja dos Últimos Dias.

Uma breve história de como alguns destes homens se tornaram líderes ilustrará de forma geral o efeito da Igreja sobre eles.

A Vinda de Brigham Young

Em setembro de 1832, três homens achegados aos trinta anos de idade entraram na cidade de Kirtland numa carroça e procuraram o Profeta Joseph Smith. Apresentaram-se a si mesmos como Brigham Young, seu irmão Joseph Young, e Heber C. Kimball. Tinham sido recentemente batizados na Igreja em Mendon, Nova Iorque.

Sobre este encontro, Brigham Young escreveu o seguinte:

"Encontramos o Profeta e dois ou três de seus irmãos partindo lenha. Minha alegria então foi completa, ao ter o privilégio de apertar a mão do Profeta de Deus e de receber um testemunho certo, através do espírito de profecia, de que ele era tudo o que qualquer homem poderia esperar dele como Profeta verdadeiro".

"À tarde alguns dos irmãos apareceram e conversamos sobre as coisas do Reino. Ele me pediu que orasse; em minha oração falei em línguas. Tão logo levantamos, os irmãos rodearam-no e perguntaram-lhe a sua opinião concernente ao dom de línguas por mim possuído.

Ele lhes disse que eu havia falado na pura linguagem de Adão. Alguns lhe disseram que esperavam que ele condenasse este meu dom, ao

Brigham Young, um dos primeiros conversos à Igreja e o seu segundo presidente.

que ele lhes respondeu: "Não , é um dom de Deus, e tempo virá em que Brigham Young presidirá esta Igreja". A última parte desta conversação foi levada a efeito em minha ausência".[2]

Desta forma foi introduzido à Igreja um homem que haveria de se tornar um de seus maiores líderes.

Brigham Young, em 1832, não era um grande homem. Joseph Smith nunca tinha ouvido falar nele, embora no estado de Nova Iorque tivessem vivido, durante dez anos, separados por apenas quarenta milhas de distância.

Brigham Young nasceu no dia 1 de junho de 1801, numa cabana de toras, em Whittingham, Condado de Windham, Vermont. Foi o nono filho de

---

2. Brigham Young, **Autobiography - Millennial Star** - Vol. 25, p. 439.

John Young, um veterano de guerra revolucionária, e Abigail Howe Young.

Quando jovem, trabalhava na fazenda de seu pai. Sua mãe morreu quando ele tinha apenas quatorze anos de idade; logo a seguir viu-se empregado como aprendiz de carpinteiro e pintor. Aos dezesseis já comerciava por conta própria. Nos anos seguintes se tornou perito como carpinteiro, marceneiro, pintor e vidraceiro. Quando jovem não se sentia muito interessado por religião. Diz ele:

"Fui ensinado por meus pais a viver uma vida estritamente moral. Entretanto, não foi senão a partir do meu vigésimo segundo ano que principiei a me tornar inclinado à religião. Logo depois disto me filiei à igreja Metodista".[3]

Ele teve de escola tão somente onze dias, tendo sido então ensinado por um professor viajante. Com sua mãe aprendeu a ler e com seu pai estudou as Escrituras sagradas. Era, entretanto, um estudante natural, perspicaz observador dos eventos e ótimo juiz dos modos de agir da humanidade.

Sua família bem logo se mudou para o Estado de Nova Iorque. Diversas cidades deste estado clamam ter sido o lugar de sua residência permanente. Sua ocupação o forçava a se locomover de um lugar para outro e, freqüentemente, retornava à ocupação de fazendeiro, isto durante os verões. Aos vinte e três anos se casou com Míriam Angeline Works, no dia 8 de outubro de 1824. Foram presenteados com duas filhas, Elizabeth e Vilate. Depois do nascimento desta última, sua esposa se tornou inválida, e quase completamente durante os últimos anos de sua vida. Brigham construiu para ela uma bela casa colonial em Mendon, Nova Iorque.

Quanto aos anos que se seguiram, dizem os seus biógrafos o seguinte:

"Ele vivia em circunstâncias bastante confortáveis, pois tinha a habilidade de prever as oportunidades e de usar de sua força de vontade no domínio de seus recursos. Entretanto, não demonstrava qualquer traço incomum ou de ambição. Sentia-se contente com seus bons pais, irmãos e irmãs, sua bela e amorosa esposa, suas duas filhinhas, seus amigos e vizinhos. Duvida-se de que tivesse vindo a viajar muito ou a se locomover para longe, não fosse pelo maravilhoso chamado de Deus que logo haveria de penetrar em sua alma, desviando dela qualquer pensamento que não fosse o de "se reunir em Sião", onde Cristo e seu Profeta estavam restabelecendo a retidão nos últimos dias".[4]

Uma cópia do Livro de Mórmon, que chegou a suas mãos, foi o instrumento de sua introdução à Igreja Restaurada. Depois de meses e meses de estudo do volume, Brigham foi batizado em Mendon, no dia 14 de abril de 1832. Por sua vez converteu todos os seus irmãos e irmãs, seu idoso pai e sua esposa. Poucas semanas mais tarde sua esposa morreu. Logo em seguida ele foi para Kirtland, onde seu contacto com o Profeta mudou sua vida inteira.

Quase imediatamente este homem, que levara até então uma vida calma e solitária, foi atirado ao redemoinho de eventos que rapidamente se sucediam. Durante o inverno de 1832 – 33, foi enviado em missão ao Canadá. Mal tinha terminado seus deveres no Canadá, quando lhe foi dada uma tarefa ainda maior. Foi enviado pelo Profeta ao Estado de Nova Iorque, a fim de reunir os conversos e conduzir uma caravana deles a Kirtland. O carpinteiro e pintor devia, subitamente, tornar-se um líder. Depois de desempenhar com sucesso tal designação, foi enviado a outra missão, durante o inverno de 1833 - 34.

Depois de voltar a Kirtland, em fevereiro, conheceu e desposou Mary Ann Angel, uma conversa de Nova Inglaterra. Juntos, eles passaram muitas privações durante os anos seguintes. O inverno de 1833 - 34 trouxe tristes novas para os Santos de Missouri. No início do verão já o encontramos em marcha com o "Acampamento de Sião", numa jornada de mil e seiscentos quilômetros a pé, a fim de ajudar os Santos do Condado de Jackson. Para ele era esta uma rara experiência sob a direção do Profeta agora transformado em soldado. As

3. Brigham Young, **Autobiography - Millennial Star**, Vol. 25.

4. Gates e Widtsoe, Life **Story of Brigham Young** - pp. 5 - 6. Macmillian Company, 1930.

lições sobre organização foram por ele perspicazmente aprendidas e formaram o alicerce para suas próprias realizações posteriores.

De volta a Kirtland, novamente, trabalhou no templo, supervisionando o trabalho de carpintaria. No dia 14 de fevereiro de 1835 foi escolhido para apóstolo.

Suas atividades nunca cessavam — chamados para posições de responsabilidade, de liderança, de serviço no Reino de Deus. Com a pesada carga posta em seus ombros estes se alargaram — seus talentos encontraram oportunidade de expressão e emergiu um homem a quem não somente seu próprio povo, mas eventualmente, toda a nação, haveria de apontar com orgulho.

O Grande Advogado da Igreja Restaurada

No mesmo ano que a Igreja foi organizada, um jovem, então com dezenove anos de idade, orava freqüentemente a Deus, pedindo justamente tal restauração. Orson Pratt era um jovem promissor. Nascido e criado numa fazenda, no Condado de Washington, Nova Iorque, cedo mostrou interesse por outras coisas. A despeito de seus pesados deveres na fazenda, ele deu um jeito de obter alguma educação escolar. Tinha especial interesse por matemática, mas ganhou também algum conhecimento em contabilidade, gramática, geografia e agrimensura.

Desde sua infância os ensinamentos de seus pais haviam voltado sua mente à religião. Acreditava firmemente na oração e freqüentemente se retirava a um bosque para orar. Quando seu irmão Parley apareceu subitamente no velho lar, em setembro do mesmo ano, e anunciou que havia descoberto a Igreja restaurada, Orson interessou-se de imediato. Parley não haveria de deixar seu lar, em Ohio, bem como o seu emprego como ministro, a menos que tivesse encontrado algo genuíno.

Poucos dias depois Orson estava pronto para o batismo, portanto, seguiu seu irmão a Fayette, para ver o Profeta.

O real desenvolvimento de seus talentos nativos principiou no dia de tal encontro. Suas conversações com Joseph Smith tornaram-no tão desejoso de fazer a vontade de Deus, que pediu ao Profeta que inquirisse ao Senhor concernente a ele. A resposta foi recebida por revelação:

"Meu filho Orson, atende, ouve e vê o que Eu, o Senhor Deus, te direi; o mesmo Jesus Cristo, teu Redentor;

"A luz e a vida do mundo, uma luz que resplandece nas trevas e as trevas não a compreendem:

"Aquele que de tal modo amou o mundo, que deu a Sua própria vida, para que todos os que cressem pudessem tornar-se filhos de Deus. Portanto, tu és Meu filho;

"E bem-aventurado és, porque creste;

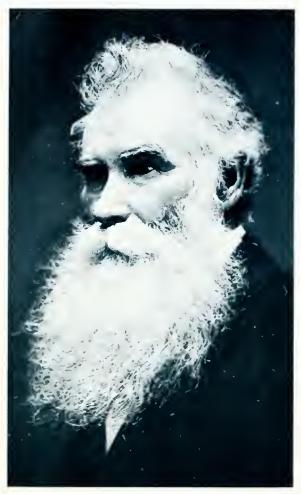
"E mais bem-aventurado és, porque és chamado por Mim para pregar o Meu Evangelho—

"Portanto, levanta a tua voz e aplica-te, pois o Senhor falou; portanto, profetiza o que te será dado pelo poder do Espírito Santo;

"E se fores, fiel, eis que estou contigo até a Minha vinda".[5]

Orson Pratt aceitou este chamado do Senhor e, com sua voz e sua pena, tornou-se um poderoso guardião e professor do Evangelho restaurado.

Embora com apenas vinte anos de idade, quando recebeu seu chamado, principiou sozinho uma missão ao norte. Em 1833 fez uma jornada ao Canadá, onde teve a honra de ser o primeiro missionário. Seu trabalho durante os próximos anos levou-o a bem sucedidas missões aos estados do leste. Em 1834 marchou com o Acampamento de Sião para Missouri, juntamente com Brigham Young e outros. Em 1835 foi selecionado como um dos Doze Apóstolos. Não tinha então mais que vinte e quatro anos de idade, sendo um dos homens mais jovens a exercer tal cargo na Igreja. Seus muitos deveres e responsabilidades exigiam todo o talento que ele possuía. Ele sempre procurou capacitar-se para o desempenho do tra-

5. **Doutrina e Convênios,** Seção 34.

Orson Pratt, primeiro missionário da Igreja no Canadá.

balho que lhe havia sido designado, mas, tão logo o fazia, outra tarefa, ainda mais difícil lhe era atribuída.

Com o passar dos anos surgiu o desenvolvimento de um grande intelecto. Ele atraiu a atenção do mundo com os seus escritos no Millennial Star, uma publicação oficial da Igreja na Inglaterra. Seus discursos publicados enchem muitos volumes. A quantidade de seus escritos coloca-o como um dos maiores filósofos jamais produzidos pela Igreja.

Quando os Santos imigraram para as Montanhas Rochosas ele foi grandemente reconhecido por seus conhecimentos de engenharia, por suas múltiplas habilidades e por sua acurada matemática. Ele e Erastus Snow foram os primeiros dos Santos a entrarem no Vale do Lago Salgado. Foi-lhe dado o trabalho de fazer um esquema da bela Cidade do Grande Lago Salgado, determinando a sua latitude, longitude, altitude, etc. A exatidão de seus cálculos é o seu eterno monumento.

Introduzindo John Taylor

A vinda de John Taylor, quase no fim do período dos Santos em Ohio, foi uma adição importante à liderança da Igreja. Embora a real grandeza do homem nos seja mostrada em relação a eventos posteriores, nós o apresentaremos desta vez como um exemplo de grande estudioso, amadurecido com as oportunidades que a Igreja lhe ofereceu.

John Taylor nasceu no dia 1º de novembro de 1808, em Milnthorpe, Condado de Westmoreland, Inglaterra. Foi o segundo filho de uma família de dez. Até os quatorze anos passou seus verões na fazenda e seus invernos na escola. Aos quatorze anos de idade foi colocado como aprendiz de tanoeiro.[6] Depois de um ano seu empregador foi à falência, e ele principiou a aprender o ofício de torneiro [7] em Penrith, Cumberland. Aqui permaneceu até os vinte anos de idade, cercado pelo mais belo cenário, que veio a causar profundo efeito em sua alma naturalmente poética. O efeito destes anos é refletido em seus posteriores discursos e escritos.

John Taylor foi criado na Igreja da Inglaterra, mas sua natural vivacidade fez com que bem pouca atenção prestasse às rígidas formalidades do credo ao qual pertencia.

Tinha, entretanto, profunda reverência a Deus, o que fez com que investigasse outras religiões. Aos dezesseis anos de idade abandonou a Igreja da Inglaterra e se reuniu aos metodistas. Aos dezessete tornou-se exortador ou pregador local.

6. Tanoeiro – O que faz ou conserta pipas, cubas, barris, dornas etc.
7. Torneiro – Artífice que trabalha ao torno.

Aos vinte anos voltou para a casa de sua família, em Hale, e principiou no comércio por conta própria. Em 1830 seu pai e família imigraram para o Canadá, deixando-o na Inglaterra, a fim de vender certa propriedade que possuía e deixar em ordem os assuntos relativos a seus bens. Dois anos mais tarde ele os seguiu ao Continente Americano, estabelecendo-se em Toronto, no Canadá. Aqui se afiliou à Igreja Metodista da cidade e veio a se tornar ministro da mesma.

No dia 18 de janeiro de 1833, casou-se com Leonora Cannon, uma jovem inglesa de visita a Toronto e aluna de uma de suas classes bíblicas.

Possuidor de tantos talentos naturais John Taylor poderia ter-se sobressaído em qualquer sociedade. Bem logo ele exerceu grande influência na parte mais independente da seita metodista daquela cidade. Seus ensinamentos não se limitavam às doutrinas estabelecidas por sua igreja. Diz ele:

"Eu tinha por objetivo ensinar o que eu então considerava as doutrinas básicas da religião cristã, ao invés das peculiares doutrinas do metodismo".[8]

Diversos outros participavam de seus pontos de vista; tais pessoas se reuniam em reuniões regulares, diversas vezes por semana, quando então investigavam as doutrinas das várias igrejas existentes. Conseqüentemente, vieram a desenvolver uma crença que variava da metodista.

"Acreditavam que os homens que aceitassem o evangelho deveriam receber o Espírito Santo, que haveria de conduzi-los a toda a verdade e haveria de mostrar-lhes coisas por vir. Acreditavam também no dom das línguas, das curas, nos milagres, na profecia, na fé, no discernimento dos espíritos e em todos os poderes, graças e bênçãos experimentados pela Igreja Cristã dos Primeiros Dias. Acreditavam que Israel haveria de ser reunida, as dez tribos restauradas, que julgamentos cairiam sobre os iníquos e que Cristo haveria de voltar à terra, nela reinando entre os justos; acreditavam na primeira e na segunda ressurreição e na glória final e triunfo dos justos. No entanto, embora cressem em todas estas coisas, reconheciam o fato de que não possuíam a autoridade para agir em nome de Deus e organizar uma igreja com apóstolos e profetas, bem como todos os outros oficiais, e para ensinar o significado correto de seus princípios; como, porém, haveriam de encontrar o Espírito que haveria de dar-lhes vida, tornando seu sonho de uma igreja cristã restaurada e perfeita uma realidade? Era-lhes evidente que não poderiam realizar tal trabalho a menos que fossem chamados por Deus para tal, o que os tornava penosamente cônscios do fato de que nenhum dentre eles havia recebido tal honra. Tão-somente podiam esperar e orar para que Deus lhes enviasse um mensageiro, se Ele possuísse tal igreja aqui na terra".[9]

John Taylor, convertido no Canadá por Parley P. Pratt.

O estudo intensivo de religião, efetuado por este pequeno grupo, levou-os a serem investigados pelos metodistas preeminentes da região. Foram por estes avisados a guardar segredo de seus pontos de vista e a não ensiná-los. A isto se recusaram, sendo então privados de seus cargos na Igreja Metodista, mas continuando como membros.

8. Roberts, **Life of John Taylor**, p. 30

Sua Conversão

Na primavera de 1836 Parley P. Pratt bateu à porta de John Taylor. Levava consigo uma carta de apresentação, remetida por um comerciante conhecido, o Sr. Moses Nickerson. John Taylor tinha ouvido tantos rumores sobre os Mórmons, que não se viu altamente impressionado com a visita do missionário. Ouviu, entretanto, a estranha história da restauração.

A história da forma pela qual Parley tinha ido ao Canadá era igualmente estranha. Assim ele a relatou a John Taylor:

"Eu tinha me retirado para descansar mais cedo certa noite, e estava pensando em meu futuro, quando ouvi uma batida na porta. Levantei-me e abri-a, dando entrada em minha casa a Élder Heber C. Kimball e outros, que, cheios do espírito de profecia, me abençoaram a mim e a minha esposa e profetizaram o seguinte:

"Irmão Parley, tua esposa, desta hora em diante, será curada e te dará um filho, cujo nome será Parley; ele será um instrumento escolhido nas mãos do Senhor; herdará o Sacerdócio e andará nos caminhos de seu pai. Fará um grande trabalho na terra, administrando a Palavra e ensinando os filhos dos homens.[9a] Levanta-te, portanto, e segue avante em teu ministério, nada duvidando. Não penses em tuas dívidas, nem nas necessidades da vida, pois o Senhor suprir-te-á com meios abundantes para todas as coisas.

"Irás a Ontário, à cidade de Toronto, a capital, onde encontrarás um povo preparado para a plenitude do Evangelho; eles te receberão e tu organizarás a igreja entre eles, que se espalhará às regiões circunvizinhas, sendo muitos os que serão trazidos ao conhecimento da verdade e à plenitude da alegria; e, através dos frutos desta missão, haverá de se espalhar a plenitude do Evangelho à Inglaterra , fazendo com que grande trabalho seja lá efetuado".[10]

Durante algum tempo John Taylor continuou a fazer pouco caso da mensagem proclamada por Parley P. Pratt, dando-lhe quase que nenhuma ajuda. Todos os lugares de reunião se fecharam contra Parley e ele estava para deixar Toronto, triste e desapontado, quando o caminho lhe foi aberto. Uma senhora, de sobrenome Walton, abriu-lhe a casa para suas pregações, oferecendo-lhe também alimento e teto. Ele principiou a realizar reuniões e o interesse nelas começou a ser manifestado. A seguir foi assistir às reuniões de estudos bíblicos , realizadas por John Taylor e seus amigos religiosos. Estes se maravilharam com seus ensinamentos, até ouvi-lo mencionar Joseph Smith e o **Livro de Mórmon.** Foi então que John Taylor, com o seu modo de agir que o caracterizou em sua vida, se adiantou, dirigindo-se à assembléia da seguinte maneira:

"Aqui estamos, ostensivamente, em busca da verdade. Já investigamos por completo outros credos e doutrinas, provando-os falsos. Por que deveríamos temer fazer o mesmo com o mormonismo? Este cavalheiro, Sr. Pratt, nos apresentou muitas doutrinas que correspondem aos nossos pontos de vista. Já suportamos muito e fizemos muitos sacrifícios por nossas convicções religiosas. Já oramos a Deus, pedindo-lhe que nos envie um mensageiro, que nos diga se a sua verdadeira igreja está sobre a terra. O Sr. Pratt se nos apresentou sob circunstâncias bastante peculiares, e de forma a recomendar nossa consideração: veio até nós sem bolsa ou alforje, da mesma forma que os apóstolos antigos, e nenhum de nós tem sido capaz de refutar sua doutrina, seja através das escrituras ou da lógica. Eu desejo investigar suas doutrinas e pretensões à autoridade e ficaria muito contente se alguns de meus amigos se unissem a mim nesta investigação. No entanto, se nenhum se unir a mim, podeis estar certos de que farei tal investigação sozinho. Se descobrir ser sua religião verdadeira, aceitá-la-ei, sejam quais forem as conseqüências; caso contrário, haverei de fazer-lhe definida oposição".[11]

Tal investigação levou John Taylor a ser batizado na Igreja e, como havia dito em sua declaração, nunca se arrependeu de sua escolha, apesar das muitas provas pelas quais passou.

Seguiu-se então a conversão de muitas almas. John Taylor foi ordenado Élder e ajudou na pregação do evangelho que havia recém-aceito. Pela primeira vez na vida ele se sentia contente com suas pregações. O trabalho progrediu

---

9a (Nota). Esta profecia, prometendo um filho a Parley P. Pratt, foi notável pelo fato de ele e sua esposa estarem casados há dez anos, sem terem tido filhos. A enfermidade aludida era consunção, ou definhamento lento, considerada incurável. Esta profecia foi literalmente cumprida.

10. Parley P. Pratt, **Autobiography,** pp. 141 - 142.

11. Roberts, **Life of John Taylor,** pp. 37 - 38.

tão rapidamente que os apóstolos Orson Hyde e Orson Pratt foram enviados ao Canadá, a fim de ajudarem Parley P. Pratt na organização dos conversos em ramos da Igreja. Quando os três apóstolos voltaram para Kirtland, John Taylor foi apontado à presidência dos ramos do Canadá.

Responsabilidades e oportunidades depressa sucederam sua conversão. Em março de 1837, ele visitou o Profeta, em Kirtland. Deste tempo em diante nada mais pôde abalar sua fé na Igreja. Durante os tempos difíceis pelos quais passou Kirtland naquele ano, John Taylor ganhou o título de "Leão", por sua inspirada defesa do Profeta no templo, durante a ausência deste. Durante a apostasia deste mesmo ano, a força e fé de John Taylor muito fizeram para conservar firmes aqueles que vacilavam em sua lealdade ao Profeta de Deus. No outono de 1838, ele foi escolhido como apóstolo. Desde sua entrada na Igreja, até a sua morte, época esta em que era então seu terceiro presidente, sua vida mostrou o desenvolvimento da grande liderança e inteira devoção à causa que havia esposado.

Leituras Suplementares

a. **Leituras especiais.**

1. Cowley, **Wilford Woodruff**, pp. 33 - 35. (Conversão de Wilford Woodruff e seu efeito sobre ele).
2. Cowley, **Wilford Woodruff**, pp. 46 - 56. (Wilford Woodruff recebe resposta a uma oração, sai em notável missão).
3. **Ibid.**, Última metade do prefácio. (Sumário de incomuns realizações missionárias de Wilford Woodruff).
4. **Ibid.**, pp. 88 - 98. (Incidentes na vida de um líder).
5. Parley P. Pratt, **Autobiography**, pp. 36 - 46. (Conversão à Igreja - encontro com o Profeta - descrição deste).
6. Eliza R. Snow, **Biography of Lorenzo Snow**, pp. 6 - 17. (A entrada de Lorenzo Snow à Igreja).
7. Evans, **Heart of Mormonism**, pp. 119 - 122. (Sumário de antigos líderes).
8. **Ibid.**, pp. 123-126. (Rápida descrição de John Taylor).
9. **Ibid.**, pp. 127-131. (Algumas aventuras missionárias de Parley P. Pratt).
10. **Ibid.**, pp. 412 - 416. (Inspirada descrição da vida de Orson Pratt).
11. Evans, **Joseph Smith an American Prophet**, pp. 59 - 62. (Três homens de habilidade: Oliver Cowdery, Parley P. e Orson Pratt).
12. **Ibid.**, pp. 89 - 92. (Uma plêiade de estrelas).
13. Cowley, **Wilford Woodruff**, pp. 70 - 81. (Conversão dos habitantes das Ilhas Fox).

CAPÍTULO 15

CONFLITOS ENTRE MÓRMONS E NÃO-MÓRMONS NO MISSOURI

As Causas Fundamentais do Conflito

Era inevitável que viessem a surgir conflitos entre mórmons e não-mórmons em Missouri. O palco estava pronto para tal e teria sido estranho de fato, se não viessem a ocorrer. Cinco foram as causas principais:

Primeiro: Os mórmons eram um povo diferente daqueles que então viviam em Missouri.

Os primeiros colonizadores do Missouri se compunham, principalmente, de antigos habitantes das regiões montanhosas dos estados do sul. Eram, em sua maioria, pessoas pobres, com algumas terras no sul, induzidas por políticos a se mudarem para Missouri antes de 1820, a fim de aumentarem o número dos donos de escravos. Devido a este movimento de famílias sulistas ao Missouri, esta região foi admitida à União como um estado escravagista, em 1820. Tais colonizadores se contentavam com uns poucos acres de planícies ao longo das margens dos rios. Tinham poucos confortos domésticos, escassa educação e sua apreciação pelas artes era completamente nula. Eram hospitaleiros e honestos. Acreditavam na instituição da escravatura e suspeitavam de todos os nortistas.

Outro tipo de pessoas encontradas ao longo da fronteira oeste do Missouri junto às colonizações mórmons, eram, em geral, os banidos da sociedade, que se encontravam seguros dos braços da lei nestes confins. Marcante era o contraste entre tais pessoas e os mórmons. Eles tinham por origem a Nova Inglaterra, eram econômicos, ambiciosos, ansiavam por belas casas e extensas terras. Tinham um respeito estrito pela lei do país e muita reverência pela lei de Deus.

Segundo: A preocupação dos mórmons pela construção de sua Sião levantou suspeitas entre os velhos colonizadores.

O mandamento de se estabelecerem no Condado de Jackson tinha incluído a injunção de que as terras colonizadas deveriam ser compradas; a declaração de que toda aquela terra haveria de se tornar Sião, propriedade dos Santos dos Últimos Dias, perturbou os antigos colonizadores. Os Santos contemplavam uma Sião exclusiva, onde somente "Os Justos" poderiam viver, e da qual todos os outros teriam, necessariamente, que sair. Tal atitude pode ter parecido suficientemente inocente para aqueles inspirados a trabalhar por uma Nova Sião, mas certamente não encorajava o amor dos antigos colonizadores.

Terceiro: As fases econômicas e sociais da nova sociedade levantaram as suspeitas e a inimizade dos antigos habitantes.

Os Santos, mesmo entre estranhos, viviam suas vidas à parte, unidos entre si. Eles se isolaram socialmente. Aos jovens era desencorajada a associação com aqueles que não fossem membros da Igreja. O casamento fora da Igreja era severamente desaconselhado. O comércio era feito coletivamente. Lares, lojas e outros edifícios surgiam, como por obra de magia, com a cooperação da comunidade. Os Santos compravam extensas planícies, já prontas para o plantio, sem haver necessidade de limpá-las, e organizavam grandes fazendas em cooperativa. Era inevitável que os antigos colonizadores viessem a

achar tal competição econômica demasiadamente inteligente, ou que, prevendo o seu final, procurassem prevenir-se contra a mesma.

Quarto: A chegada de grande número de ianques aumentou consideravelmente a quantidade de donos de escravos.

O movimento dos Santos à Nova Sião foi surpreendentemente rápido. Nos primeiros dois anos o número aumentou para mais de mil. Numa comunidade densamente populada, tal número não é muito grande, mas era o suficiente para alarmar os poucos colonizadores do Condado de Jackson. Posteriormente foi crescendo a onda de mórmons. Novas caravanas eram constantemente encontradas no caminho, e ouviam-se rumores de que milhares de membros então residentes em Ohio haveriam de logo juntar-se ao grupo de Missouri.

Os Santos não tinham a pretensão de acabar com o regime escravagista de Missouri, mas, viriam inevitavelmente a perturbá-lo, se sua imigração continuasse; pois o Missouri tinha sido admitido como estado escravagista por uma pequena margem, e, quer os mórmons pregassem a liberdade dos escravos, quer não, era certo que não haveriam de votar a favor dela nas eleições.

Já que a questão da escravatura haveria de perseguir os Santos durante os próximos trinta anos, é necessário que compreendamos o estado da mesma durante o tempo em questão.

A Constituição dos Estados Unidos estipulou que o Congresso não poderia passar lei alguma contra a escravatura, antes de 1808.[1] Ao aproximar-se tal data, o número de estados livres e de estados escravagistas era o mesmo, dando um número equivalente de senadores ao Congresso. Tal equilíbrio no senado impediu a passagem de qualquer lei antiescravagista. Depois da compra de Louisiana, em 1803, colonizadores principiaram a se dirigir para o leste de Missouri. Os políticos sulistas viram a possibilidade de um novo estado livre, bem como a destruição da defesa escravagista. Para o Sul, a escravatura era importante. Tão importante que estavam dispostos, como ficou provado alguns anos mais tarde, a derramar seu sangue em sua defesa. Não é de surpreender, portanto, que encontremos nos arquivos do Sul o fato de dinheiro ter sido usado abertamente, a fim de induzir os brancos pobres das regiões montanhosas a imigrarem para Missouri e, mais tarde, pedirem ao Congresso que este estado fosse admitido como estado escravagista. Tal movimento foi bem sucedido. Missouri votou pela escravatura e foi admitido, de acordo com a mesma convenção, como estado livre, sendo o equilíbrio de poder no senado mantido.

Depois de 1831, porém, o regime escravagista de Missouri foi ameaçado devido ao grande fluxo de nortistas. Era bem verdade que estes não vinham com o fim de terminar com a escravatura, e tinham o cuidado de não dizer coisa alguma a respeito. Vinham devido a seu anseio religioso, qual seja, o de construir a sua Nova Sião. Entretanto, a escravatura no Missouri viu-se ameaçada. Não havia escravos na Nova Sião, e os Santos se jactavam de que Sião haveria de crescer, até vir a tomar conta de todo o Missouri. É necessário que aquele que estuda tal período compreenda a tensão então existente na nação, a fim de poder compreender por que o governador de Missouri, um grande escravagista, não opôs interferência aos motins subseqüentes, e porque o próprio presidente Martin Van Buren dos Estados Unidos sentia "ser aquela uma causa justa, mas pela qual nada podia fazer".

George Q. Cannon, pleno conhecedor das condições prevalecentes naquele período, escreve:

"Os Santos dos Últimos Dias eram pessoas vindas dos estados do leste, ianques — e, conseqüentemente, sujeitas à suspeita de serem abolicionistas. No alto Missouri daqueles dias acusação alguma podia levantar mais intenso ódio e violência do que esta. O mero sussurro de tal suspeita era o suficiente para inflamar os ânimos e levantar motins. Clamando tal coisa Pixley, um

1. Constituição dos Estados Unidos, Artigo 1, Seção 9, Parágrafo 1.

Terreno do templo, em Far West, Missouri, designado por revelação a Joseph Smith no dia 26 de abril de 1838.
Gentileza de J. Heslop.

ADAM-ONDI-AHMAN, localizado ao norte do Rio Grande, no Condado de Daviess, Missouri.
Gentileza de J.M. Heslop.

JOSEPH SMITH PASSANDO EM REVISTA A LEGIÃO DE NAUVOO, fotografia de uma pintura de C.C.A. Christensen

missionário protestante entre os índios e outros de seu tipo induziram todos os vagabundos dissolutos daquela região a juntarem-se a ele, num ataque violento de pilhagem".[2]

Quão empenhados estavam os sulistas em defender a escravatura vemos ilustrado nas posteriores colonizações do território de Kansas-Nebraska, imediatamente a este dos antigos lares mórmons de Missouri. Lá, em 1856, guerra aberta explodiu. Os donos de escravos, procurando expulsar os não-possuidores de escravos da região, pilhavam, queimavam e matavam, e os nortistas, diferentemente dos mórmons de Missouri, retribuíam igualmente, vindo o dano total a ultrapassar milhões de dólares e centenas de vidas.[3] É significativo notar que muitos dos que tomaram parte na expulsão dos mórmons de Missouri foram os mesmos que fomentaram a contenda que levou à luta de Kansas - Nebraska.

Quinto: Teve o conflito também por causa o ciúme e a inimizade levantada entre os ministros protestantes do Condado de Jackson.

Tais ministros haviam sido enviados a Missouri por suas respectivas igrejas, a fim de lá construírem comunidades de membros. O anseio pela Nova Sião, porém, roubava-lhes o espetáculo todo. Tal anseio ofuscava e impedia o desenvolvimento de seus movimentos, bem como sua importância individual. Seus esforços em fazer com que os rudes elementos fronteiriços se convertessem a uma vida religiosa não tinham sido muito encorajadores. Os fundos para a construção de capelas não tinham sido muito animadores, enquanto que os recém-chegados Santos dos Últimos Dias cada vez mais invadiam suas pequenas congregações. Não é de admirar que a maioria deles se exasperasse e procurasse recobrar sua influência através da expulsão dos mórmons.

2. George Q. Cannon, **Joseph the Prophet**, p. 155.
3. Muzzey, **History of The United States**, p. 11.

Os Santos São Expulsos do Condado de Jackson.

Os primeiros albores do conflito ocorreram na primavera de 1832, quando indivíduos desconhecidos principiaram por atirar pedras nas janelas de vários lares mórmons. Alguns tiros foram disparados, com pouco dano. Montes de feno foram queimados e os mórmons eram freqüentemente insultados, através de linguagem abusiva.

Foi este o prelúdio da tempestade que se formava. Na primavera de 1833, o Reverendo Finnis Ewig incitou a oposição aos Santos através de uma publicação na qual declarou, entre outras coisas: "Os mórmons são os inimigos comuns da humanidade e devem ser destruídos".[4] Reuniões foram realizadas. A princípios de julho um documento conhecido como a "Constituição Secreta" circulou entre não-mórmons. Tal documento acusava os mórmons de "vadios e viciados", de estercos da sociedade, que professavam ter revelações diretas de Deus para realizar todas as maravilhas e milagres realizados por apóstolos e profetas inspirados de Deus. Tal coisa foi declarada como "aviltante a Deus e à religião e subversiva à razão humana".[5]

Tal documento foi assinado por muitas pessoas importantes do Condado de Jackson, e conclamava o povo a uma reunião em massa no dia 20 de julho de 1833.

A reunião programada foi realizada. Um comitê foi enviado, que ordenava aos Santos que parassem imediatamente o funcionamento de sua máquina de imprimir, que fechassem sua loja cooperativa e cessassem todo e qualquer trabalho mecânico. Os Santos se recusaram a tal. Formou-se um motim, que repentinamente penetrou na casa de W.W. Phelps, onde estava estabelecida a imprensa dos Santos. A máquina de

4. **History of the Church**, Período 1, Vol. 1, p. 392.
5. **History of the Church**, Período I, Vol. I, pp. 375-376.

imprimir foi subtraída e muitos documentos valiosos destruídos. Edward Partridge, o bispo da Igreja em Sião, foi coberto de piche e penas. Em sua autobiografia encontramos o seguinte sobre esta ocasião:

"Fui arrancado de minha casa pela turba, que tinha por líder a George Simpson, e empurrado durante uma meia milha, até o Palácio da Justiça, na praça pública de Independence; lá, então, a poucos metros da dita casa, vi-me cercado por centenas de pessoas, que me arrancaram o chapéu, paletó e colete e me cobriram de piche dos pés à cabeça, colocando-me a seguir em cima uma boa quantidade de penas; e tudo isto tão somente por eu não concordar em abandonar a região, bem como meu lar, onde tinha vivido durante dois anos.

"Antes disso foi-me dada permissão para falar. Disse-lhes que os Santos tinham sofrido perseguição em todas as épocas do mundo; que eu não tinha feito coisa alguma que tivesse ofendido a quem quer que fosse, portanto, se de mim abusassem, estariam abusando de uma pessoa inocente; que eu estava disposto a sofrer por Cristo, mas quanto a abandonar a região, nisso não pensava em consentir. Suportei tal humilhação com tanta resignação e humildade, que a multidão pareceu se surpreender e permitiu que me retirasse em silêncio. Muitos olhavam-me com um olhar bastante solene e me pareceu que seus corações tinham sido tocados por minhas palavras; quanto a mim, senti-me tão cheio do Espírito e amor de Deus, que não nutri por meus perseguidores ou quem fosse, quaisquer sentimentos de ódio".[6]

Outros receberam o mesmo tratamento. Sidney Gilbert escapou a destino similar por concordar com o cerramento das portas de sua loja.

No dia 23 de julho, a turba recomeçou sua obra. Um grande grupo de não-mórmons, armado de rifles, velhos sabres e outras armas, e munido de uma bandeira vermelha, reuniu-se nos limites de Independence. A fim de impedirem derramamento de sangue, os Santos entraram num acordo, consentindo em se mudarem da região no princípio do ano subseqüente. Foi apontado um comitê de não-mórmons, a fim de ajudar os Santos a disporem de suas propriedades, bem como para impedir o levantamento de motins.

6. **History of the Church**, Período 1, Vol. I. pp. 390-399.

O acordo ofereceu um descanso temporário aos Santos, e Oliver Cowdery foi enviado imediatamente numa jornada de mil e seiscentos quilômetros para conferenciar com o Profeta em Kirtland.

Foi também preparada uma petição, enviada a "Sua Excelência, Daniel Dunklin, Governador do Estado de Missouri", na qual se expunham as injustiças praticadas contra os Santos e dava-se-lhe a conhecer o verdadeiro estado da situação. A petição rogava que o estado lhes concedesse tropas para a proteção de suas propriedades, bem como a declaração da lei marcial na região.

Enquanto isso, depredações de menor importância continuavam em violação direta do acordo anteriormente feito.

Parece, pelo que lemos de uma carta escrita por Joseph Smith à Irmã Vienna Jaques em Independence, Missouri, no dia 4 de setembro de 1833, que o relatório das dificuldades dos Santos em Independence, feito por Oliver Cowdery, não desanimou o Profeta em suas esperanças de que Sião haveria de ser estabelecida.[7] Ele parece ter pensado serem as dificuldades temporárias resultado da desobediência dos Santos, bem como parece também estar então inconsciente da gravidade da situação.

No dia 19 de outubro de 1833, o Governador Dunklin respondeu cortesmente à petição dos Santos. Lamentou suas dificuldades e encorajou-os a apelar às cortes, a fim de estabelecer seus direitos, de preservar a paz e assegurar reparação de danos.[8] Advogados do Condado de Clay foram contratados e uma boa quantidade de ações judiciais foi preparada e preenchida. Isto pareceu ser o sinal para um novo ataque. Os oficiais das cortes foram induzidos a fazer parte da oposição, ou ameaçados de violência, se as ações judiciais fossem permitidas.

7. (Nota) A carta aparece em seu todo em **History of the Church.** pp.407-408.
8. (Nota) Uma cópia desta carta pode ser encontrada em **History of the Church,** Período 1, Vol. 1 pp. 423-424.

Numa quinta-feira à noite, dia 31 de outubro, uma multidão armada demoliu dez casas dos Santos, situadas a Este do rio Big Blue. Seus donos foram espancados e as mulheres e crianças expulsas para o mato.

As depredações continuaram por toda parte. No dia primeiro de novembro, um grupo atacou uma pequena colonização, enquanto outro apedrejou casas e lojas de Independence, e, atacando as casas em grupos, expulsavam seus respectivos donos.

No dia 2 de novembro, todas as famílias dos Santos, residentes em Independence, desesperançadas de esperar a ajuda das autoridades civis, mudaram-se, com seus bens pessoais, para cerca de um quilômetro e meio dos limites da cidade, onde se organizaram para a defesa. Enquanto isso, as turbas continuaram seu trabalho de expulsão dos Santos e destruição de seus lares nas pequenas colonizações. O reino de terror durou até meados de novembro, época em que mil e duzentos Santos foram expulsos do Condado de Jackson, com duzentos e três de seus lares destruídos.

O Rio Big Blue, no Condado de Jackson, Missouri. Permissão do Escritório do Historiador da Igreja.

Os Santos não foram expulsos sem apresentarem alguma oposição. Sua oposição, porém, não foi unida. Enquanto alguns acreditavam que Deus haveria de justificá-los na defesa de seus lares, a maioria se opunha ao uso da força, como contrária às suas crenças religiosas.[9]

Alguns dos Santos mais militantes pegaram em armas, sob a liderança de Lyman Wight, e tiveram diversas escaramuças com as turbas, sendo o seu principal encontro denominado a batalha de Big Blue (de acordo com o rio do mesmo nome). O movimento de defesa de Lyman Wight teve curta sobrevivência. No dia 5 de novembro foi chamada uma milícia, por instigação do Vice-Governador, Lilburn W. Boggs, um simpatizante da oposição e dono de escravos. O Coronel Thomas Pitcher, um delegado de polícia do Condado de Jackson e forte líder do movimento de oposição aos Santos, foi encarregado da mesma. O Coronel Pitcher, com a promessa de que a turba seria forçada a depor suas armas, persuadiu os Santos a entregar à milícia todas suas armas de defesa. Estes assim o fizeram, certos de que poderiam voltar para seus lares em paz.

Suas esperanças viram-se logo desvanecidas por uma nova série de ataques, que não mais cessaram, a não ser depois de todos os Santos terem sido removidos do Condado de Jackson.

O número de mortos de ambos os lados do conflito não é conhecido.

Os exilados se locomoveram para o norte, para as margens do rio Missouri, que cruzaram tão rapidamente quanto possível, em balsas, em direção ao Condado de Clay, o único que lhes havia dado as boas-vindas. Élder Parley P. Pratt, que estava entre os exilados, nos deixa um quadro vívido do acontecimento:

"As margens do Missouri principiaram a se encher, de ambos os lados, de homens, mulheres e crianças, carroças, caixas, provisões etc., enquanto a balsa era continuamente empregada; ao chegar a noite, o local tinha a aparência de um acampamento. Centenas de pessoas eram vistas, em todas as direções, algu-

---

9. (Nota) A palavra do Senhor quanto a tais assuntos tinha sido recebida por Joseph Smith numa revelação, no dia 6 de agosto de 1833, mas não era conhecida de todos em geral em Sião. Ver Doutrina e Convênios, Seção 88.

mas em tendas, outras ao ar livre, enquanto a chuva caía em torrentes. Esposos procuravam suas esposas e vice-versa; pais buscavam seus filhos e filhos seus pais. Alguns tiveram a felicidade de escapar com suas famílias, utensílios caseiros e algumas provisões, enquanto que outros nada sabiam de seus entes queridos e perderam todos os seus bens. A cena era indescritível e, tenho certeza, teria enternecido os corações de quaisquer povos da terra, exceto os de nossos cegos opressores".[10]

A Marcha do Acampamento de Sião

Enquanto os mil e duzentos Santos do Condado de Jackson passavam por tão tristes experiências, o corpo principal da Igreja, residente em Ohio, enfrentava também muitas dificuldades. A construção de um templo tinha sido iniciada em Kirtland, consumindo os fundos monetários da Igreja, bem como a maior parte do dinheiro de seus membros. A compleição de uma estrutura de 60.000 dólares foi uma obra tremenda. Além disso naquelas vizinhanças também se havia iniciado a perseguição contra os Santos. O Profeta, especialmente, viu-se perseguido e acossado por demandas judiciais que, embora sem base, tolhiam seus movimentos. Via-se constantemente a frente com problemas de organização. Cada pequeno ramo da Igreja tinha seus problemas para depositar aos seus pés.

Não é de causar surpresa, portanto, que em meio a uma carga quase que sobre-humana colocada sobre seus ombros, o Profeta não tivesse compreendido as profundas causas fundamentais das perseguições de Missouri.

Por duas vezes, durante os dois anos seguintes ao da dedicação de Sião, Joseph Smith visitou apressadamente Missouri, a fim de pôr em ordem os complicados assuntos surgidos. Grande quantidade de correspondência foi trocada entre Independence e Kirtland. Os Santos de Missouri acharam que o Profeta os havia desertado. Eles esperavam que o Profeta se mudasse definitivamente para a Nova Sião e não se podiam conformar com sua residência em Kirtland. A notícia de que um templo estava sendo erigido neste último lugar, enquanto o terreno para o templo de Independence permanecia incólume, fez surgir sentimentos de contrariedade, jamais dissimulados.

Acusações de que o Profeta estava usurpando poder na posterior organização da Igreja eram freqüentes nos registros de correspondência. Encontramos o Profeta e o Sumo Sacerdócio em Ohio, repreendendo os Santos de Sião e chamando-os ao arrependimento, antes que os julgamentos do Senhor viessem sobre suas cabeças. O Profeta previu--lhes dificuldades, se sua atitude não mudasse.[11]

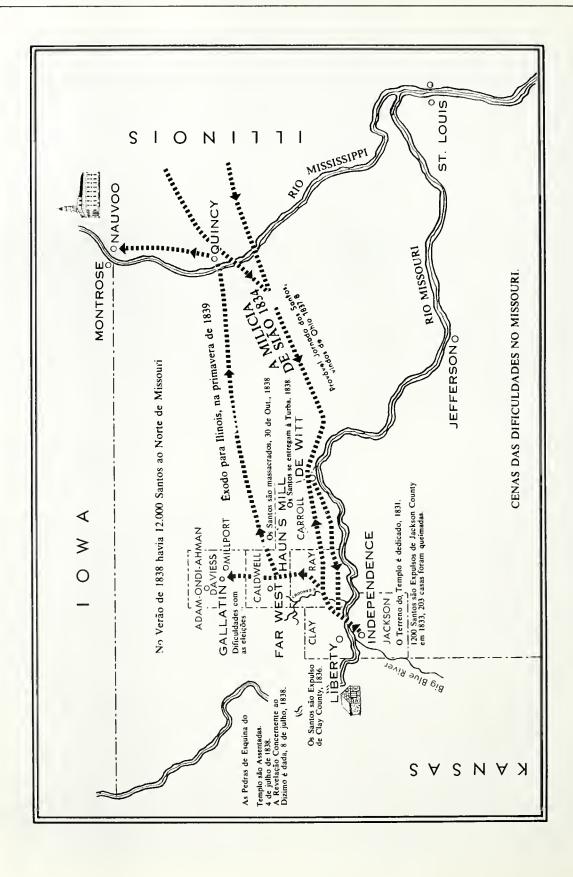
Quando os Santos foram expulsos do Condado de Jackson, o Profeta não achou que fosse outra a causa principal que não a sua aparente desobediência. Conseqüentemente, esperou pela restauração de seus lares, quando aqueles encontrados culpados entre eles fossem suficientemente castigados. Por carta chamou-os novamente ao arrependimento e prometeu-lhes o restabelecimento de Sião,* no mesmo lugar.

Ao revermos os eventos de então, não podemos condená-lo, em sua grandeza, ou na grandeza de seu chamado, como Profeta de Deus, por ter visto somente uma parte do problema e não o seu todo naquele fatídico inverno de 1833-34. Ele era, antes de tudo, um ser humano, com limitações humanas, que enfrentava, porém, problemas incomuns. Se o subseqüente fracasso do restabelecimento de Sião em Independence cavou novas feridas nos corações de alguns para com o Profeta, muito maior foi o amargo desapontamento do próprio Profeta.

Em sua correspondência com o Governador Dunklin durante os meses de novembro, dezembro e janeiro de 1833-34, os Santos foram encorajados a tentar a recuperação de seus direitos,

10. P.P. Pratt. **Autobiography**, pp. 109-110.

11. **History of the Church**, Período I, Vol. 1, p. 402.
* Veja também D&C 97:26-27.

CENAS DAS DIFICULDADES NO MISSOURI.

através da organização de uma milícia armada.

Entretanto, a turba do Condado de Jackson também estaria armada e haveria de sobrepujá-los em número, na proporção de dois para um. Era inútil tentar se estabelecer novamente em seus lares, sem ajuda militar adicional. As cortes, porém, estavam incapacitadas de proporcionar-lhes proteção.

A fim de remediar esta situação, Joseph Smith, no início da primavera de 1834, organizou um grupo de cerca de duzentos voluntários em Ohio, que foram enviados ao encontro de seus irmãos em Missouri, para auxiliá-los. Esta organização veio a ser conhecida pelo nome de Acampamento de Sião. Os homens estavam devidamente armados e com fartas provisões. Foram organizados em companhias de dez, cinqüenta e cem, com oficiais à cabeça de cada uma. Andaram a pé todos os mil e seiscentos quilômetros de distância, enquanto seus suprimentos eram levados em carroças; alguns oficiais e batedores de reforço foram a cavalo.

Foi uma marcha admirável de infantaria não aclimatizada, cuja ordem e presteza atesta a organização e o gênio do Profeta na arte de comandar. Através das cartas de Joseph Smith, enviadas aos irmãos de Missouri, torna-se evidente que ele estava pronto para lutar pelos direitos dos Santos, se isto parecesse necessário quando de sua chegada.

A notícia de sua vinda alcançou os antigos colonizadores do Condado de Jackson já muito antes de sua chegada, que se armaram em grupos para encontrá-los e enviá-los de volta.

À proporção que o Acampamento de Sião se aproximava do Condado de Jackson, Parley P. Pratt e Orson Hyde foram enviados ao Governador Dunklin, com o pedido de ele cumprir sua promessa aos Santos e enviar uma milícia com o fim de ajudar na restauração dos exilados a seus lares.

O governador, que antes havia demonstrado grande simpatia pelos Santos, parecendo pronto para defender sua causa, se recusou. Em suas cartas de recusa ele expressou seu temor de que uma guerra civil se desencadeasse, se enviasse uma milícia. Em sua última carta, datada de 18 de julho de 1836, a acusação de que os Santos eram contrários à escravidão aparece como causa principal para ser-lhes contrário.[12] Esta acusação, apresentada ao governo com bastante ênfase então, sem dúvida alguma, fez que ele mudasse de atitude para com os Santos. Os sentimentos sobre tal questão eram tensos e não era improvável que uma guerra civil arrebentasse, o que de fato aconteceu, como nos mostram os eventos futuros. E isto a despeito de a escravidão não dizer particular respeito aos Santos.

Diversas foram as tentativas feitas para pôr fim às dificuldades havidas entre os Santos e os antigos colonizadores. Ofertas e contra-ofertas foram feitas, todas provando-se infrutíferas. Os Santos não estavam financeiramente capacitados a ceder a todas as instâncias dos antigos colonizadores do Condado de Jackson nos termos oferecidos, e não estavam dispostos a vender suas próprias terras, por causa de sua crença de que Sião ainda seria estabelecida naquele lugar. Esta última atitude foi reforçada por uma revelação recebida por Joseph Smith no dia 16 de dezembro de 1833. Nela, entre outras coisas, lemos:

> "Portanto, é a Minha vontade que o Meu povo reclame e insista em reclamar sobre o que lhes designei, embora não mais lhes seja permitido aí habitar".[13]

Também, por uma carta de Joseph Smith, datada de 10 de dezembro de 1833, na qual lemos:

> "É melhor, diante dos olhos de Deus, que morrais, do que virdes a desistir da terra de Sião, que haveis comprado com vosso dinheiro; pois todo o homem que não desistir da terra de sua herança, embora morra, ainda assim será nela restaurado e, como já em sua carne, verá a Deus".[14]

No dia 19 de junho, enquanto o Acampamento de Sião se acomodava num pedaço de terra elevado entre os rios Big e Little Fishing, as turbas,

12. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. I, p. 362.
13. **Doutrinta e Convênios**, Seção 101:99.
14. **History of the Church**, Período 1, Vol. 1, p. 455.

enviadas para interceptá-lo, apareceram. Sessenta homens do Condado de Ray, mais um grupo de setenta, do Condado de Clay, deveriam reunir-se a cerca de duzentos outros do Condado de Jackson, às margens do rio Missouri. Uma súbita e tremenda tempestade espalhou-os, porém, tornando-lhes impossível a reunião de suas forças. No dia seguinte a maioria deles voltou a suas casas.

Numa revelação recebida por Joseph Smith nesse lugar, no dia 22 de junho, os Santos foram aconselhados a:

> "Por um curto espaço de tempo, esperar pela redenção de Sião. Pois eis que não exijo que pelejem as batalhas de Sião; pois, como disse em mandamento anterior, assim também cumprirei – Eu lutarei as vossas batalhas"[15]

Tendo o governador se virado contra eles, compreendendo a força da oposição e considerando a sua insuficiência numérica e falta de fundos, a necessidade de dispensar o acampamento e esperar uma futura redenção era uma idéia sábia.

O Acampamento de Sião continuou pacificamente até o Condado de Clay, onde, no dia 3 de julho, foi dispensado, recebendo os seus membros ordem de voltar para casa.

Assim terminaram as tentativas de restauração dos Santos às suas terras no Condado de Jackson. Conseqüentemente, dirigiram suas energias na edificação de novas comunidades nos condados situados ao norte do Rio Missouri.

O Acampamento de Sião havia falhado em sua missão inicial. O governador tinha recusado o auxílio da milícia e, sem tal auxílio, o acampamento era insuficiente. Foi, porém, de grande valor, e uma experiência gloriosa para os seus componentes. A sua forma de organização serviu, mais tarde, de padrão para a condução dos Santos às Montanhas Rochosas, durante o seu grande êxodo. Brigham Young e outros receberam nele esplêndido treinamento para a liderança que teriam mais tarde que assumir. Dos membros deste Acampamento foi escolhido o primeiro Quorum dos Doze Apóstolos. A boa vontade com que esses duzentos homens deram tudo o que era seu, até mesmo suas próprias vidas, a fim de ajudar a estabelecer Sião em seu lugar, é um último monumento à fé e coragem dos Santos.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Volume I, pp. 453-456. (Cartas de Joseph Smith aos Santos de Missouri. Ver especialmente o parágrafo 4).

2. **Ibid.,** Volume II, pp. 61-62. (Cartas de W.W. Phelps a Joseph. Colonizadores de Jackson se preparam para guerrear os Santos que tentassem voltar).

3. **Ibid.,** pp. 64-68. (Organização do Acampamento de Sião – incidentes da jornada).

4. **Ibid.,** pp. 78-80. (Descoberta de um esqueleto nefita).

5. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Volume I, pp. 315-317. (Cartas do Profeta aos Santos de Missouri, prevenindo-os quanto a futuras dificuldades).

6. **Ibid.,** pp. 334-336. (Notas – as acusações dos antigos colonizadores contra os Santos).

7. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 170-178. (A história do Acampamento de Sião).

8. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 176-180. (As causas do conflito em Missouri).

9. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 104-110. (Conflito em Missouri).

10. **Ibid.,** pp. 114-122. (A história do Acampamento de Sião).

11. Whitney, **Life of Heber C. Kimball,** (Cólera no Acampamento de Sião).

12. P.P. Pratt, **Autobiography,** pp. 114-117. (Eventos ocasionados durante a marcha do Acampamento de Sião).

13. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 40-45. (Incidentes durante a marcha do Acampamento de Sião).

---

15. **Doutrina e Convênios,** Seção 105: 9,14.

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DE TEMPLOS

É Construído o Templo de Kirtland

No dia 4 de maio de 1833, foi realizada uma conferência de Sumos Sacerdotes em Kirtland, Ohio, quando planos para a construção de um templo naquela cidade foram apresentados. O edifício deveria ter por medidas interiores 17x20 m; de dois andares de altura, com salas de aula em cima, num sótão. No dia seguinte foi iniciado o trabalho, que viria a levar três anos para ser completado, custando aos Santos, em material e labor, 60.000 dólares.[1]

Que corajoso empreendimento para uma igreja de apenas três anos de idade! Seus fundos monetários esvaziados, seus membros poucos e relativamente pobres! O que foi mais admirável, porém, foi a forma e maneira pelas quais tal realização foi levada a efeito.

Milagre algum foi realizado a fim de se arranjar dinheiro. Milionário algum deu seu apoio à obra. A bela estrutura de estilo colonial se levantou, como um monumento à cooperação — ao poder de um povo imbuído de um mesmo objetivo e inspirado por uma mesma fé. Templos mais grandiosos e caros foram mais tarde erigidos, mas nenhum que tenha exigido tanta energia dos Santos.

Ele foi construído durante os tempos difíceis, sob perseguição. A apostasia de muitos membros da Igreja ameaçou o seu término, mas, apesar de todas estas dificuldades, foi completado. Dá prazer ler, numa carta da Primeira Presidência aos Santos de Missouri, datada de 25 de junho de 1833: "Iniciamos a construção da Casa do Senhor neste lugar e o trabalho vai rapidamente".[2]

As perseguições em Missouri deram outro rumo a parte dos fundos para a construção do templo, mas, certamente não deram outro rumo ao trabalho dos membros. O Acampamento de Sião levou consigo a maioria dos trabalhadores do templo, mas velhos e meninos preencheram seus lugares. Depois de dispensados em Missouri, voltaram, fazendo novamente a pé os mil e seiscentos quilômetros, para tomar em suas mãos as ferramentas de pedreiro e carpinteiro que os esperavam.

E tudo isto sem um pensamento sequer de recompensa monetária! Sem esperança alguma daquelas recompensas pelas quais os homens geralmente labutam. As mulheres da Igreja também desempenharam um papel raramente igualado na história do mundo, por sua abnegação. Heber C. Kimball, que muito trabalhou na construção do templo, escreveu o seguinte em seu diário a respeito daqueles tão difíceis tempos:

> "Nossas mulheres empregaram-se em tricotar e fiar, a fim de vestir aqueles que trabalhavam na construção do edifício; e, somente o Senhor tem conhecimento das cenas de pobreza, tribulação e angústia pelas quais passamos para a realização de tal trabalho".[3]

Enquanto Heber C. Kimball marchava com o Acampamento de Sião mil e seiscentos quilômetros a pé, a fim de ajudar os irmãos de Missouri, sua esposa, bem como as esposas dos outros irmãos, trabalhava para a edificação do templo. Heber C. Kimball diz:

> Minha esposa tinha batalhado todo o verão, prestando sua ajuda para tal realização. Pegou uns cinqüenta quilos de lã para fiar, o que fez, com a ajuda de uma jovem, de modo a fornecer roupa para aqueles irmãos que estavam ocupados na construção do templo; embora tivesse o direito de ficar com a metade da lã recebida, como recompensa de seu trabalho, ela não guardou nem o suficiente para fazer um par de

1. Ver Whitney **Life of Heber C. Kimball**, pp. 80-81
2. **History of the Church**, Período 1, Vol, 1, p. 366.
3. Orson F. Whitney **Life of Heber C. Kimball**, edição de 1967, p. 67.

O Templo de Kirtland, dedicado no dia 27 de março de 1836, ainda existe—é propriedade da Igreja Reorganizada dos S.U.D. Cedida pelo Escritório do Historiador da Igreja

Interior do Templo de Kirtland, mostrando os quatro compartimentos no fundo. Cedida pelo Escritório do Historiador da Igreja.

meias, e deu-a toda aos homens que estavam trabalhando na casa do Senhor. Ela fiou, teceu, cortou e preparou as roupas, dando-as aos trabalhadores do templo. Quase todas as irmãs de Kirtland trabalharam costurando e fiando, tricotando, etc. para o mesmo propósito; isto enquanto subimos a Missouri, a fim de restaurar nossos irmãos nas terras das quais haviam sido expulsos.[4]

O espírito de cooperação, que fez de tal empreendimento uma realização, nos é claramente mostrado através de uma posterior leitura ao diário de Kimball:

"Aqueles que não tinham juntas de bois ou cavalos trabalhavam na pedreira, preparando as pedras para a edificação da casa".

"O Profeta, nosso contramestre, também trabalhava na pedreira, vestido em roupas rudes e grosseiras. A Presidência, os Sumos Sacerdotes e Élderes igualmente ajudavam. Aqueles que tinham juntas de bois ou cavalos ajudavam a carregar as pedras para o edifício. Estes, trabalhando todos em conjunto um dia por semana, traziam tantas pedras para a construção quantas necessárias para o trabalho dos pedreiros por toda a semana. Assim continuamos, até levantarmos as paredes do edifício".[5]

Hyrum Smith, Reynolds Cahoon e Jared Carter eram os encarregados gerais da construção, e usaram de todo o esforço possível para levar avante o trabalho. O comitê designado para reunir doações visitou os diversos ramos da Igreja, mas se deparou com dificuldades, pois o dinheiro era escasso. No fim das operações de construção o comitê ainda estava com uns 13.000 dólares de dívida.

Em fins de 1835, reuniões principiaram a ser realizadas nas partes completas do edifício. A sua necessidade era tão premente que, quando de sua dedicação, no dia 27 de março de 1836, o segundo andar ainda estava incompleto.

Tanto o primeiro como o segundo andar se compunham de salas únicas cada uma de 17x20m e 7m de altura. Havia dois púlpitos em cada sala, um em cada extremo. Cada púlpito tinha quatro compartimentos, uma acima do outro e cada compartimento continha três assentos. Eram designados para as Presidências dos Sacerdócios Aarônico e de Melquisedeque. Cortinas brancas de tecido grosso foram de tal forma colocadas que, quando desejado, cada sala podia ser dividida em quatro. Assim diz Heber C. Kimball:

"O primeiro andar ou sala térrea foi dedicado somente para adoração divina. O segundo era similar ao primeiro, mas foi designado tão somente para instruções ao Sacerdócio e foi mobiliado com mesas e assentos. No sótão foram feitas cinco salas, que serviam de salas de aula e para a reunião dos diferentes quoruns da Igreja".[6]

Os Santos bem podiam ser perdoados em seu orgulho pelo edifício. Sobre ele fala o seguinte o historiador Bancroft:

"A construção desta estrutura por umas poucas centenas de pessoas, que, durante o período de 1832 a 1836, contribuíram voluntariamente com dinheiro, material ou trabalho, com o labor de senhoras, tricotando, fiando e costurando roupas para os homens que nela trabalhavam, foi vista com assombro por todos os habitantes ao norte de Ohio".[7]

A Dedicação e Eventos Subseqüentes

A dedicação do templo foi um acontecimento jubiloso na vida dos Santos que moravam em Ohio. Aqueles que pertenciam aos ramos circunvizinhos e alguns até mesmo de Missouri vieram a Kirtland a pé, a cavalo ou em carroças, a fim de testemunhar o evento.

Perto de novecentas pessoas encheram o edifício durante o trabalho de dedicação inicial. Muitos não puderam entrar. Tal trabalho foi repetido na quinta-feira, dia 31 de março, a fim de que todos pudessem ter a oportunidade de participar.

A oração de dedicação pronunciada por Joseph Smith naquela ocasião tornou-se o modelo para todas as orações dedicatórias de templos da Igreja.[8]

Estas palavras, contidas na oração, refletem seu espírito geral:

"E concede, Pai Santo, que a todos os que adorarão nesta casa sejam ensinadas, dos melhores livros, palavras de sabedoria e que procurem conhecimento, pelo estudo, e também pela fé, como tu disseste***

"E que esta casa seja uma casa de oração,casa

4. Orson F. Whitney, **Life of Heber C. Kimball**, pp. 67-68
5. Orson F. Whitney, **Life of Heber C. Kimball**, p. 68
6. Whitney, **Life of Heber C. Kimball**, p. 90
7. Bancroft, **History of Utah**, p. 112.
8. **Doutrina e Convênios**, Seção 109.

de jejum, casa de fé, casa de glória e de Deus mesmo assim, Tua casa; ***" E que a nenhuma coisa impura seja permitida entrada na Tua casa para a contaminar:***

"Lembra-te dos reis, dos príncipes, dos nobres e grandes da terra, e de todos os povos e igrejas, e de todos os pobres, necessitados e aflígidos da terra; que os seus corações sejam tocados quando os Teus servos saírem da Tua casa, ó Jeová, para prestar testemunho do Teu nome; que os seus preconceitos se desfaçam diante da verdade, e possa o Teu povo obter favor aos olhos de todos; para que todos os confins da terra saibam que nós, os Teus servos, ouvimos a Tua voz, e que Tu nos enviaste".[9]

Encontramos, nos diários de muitos que assistiram à dedicação, a asserção de que anjos apareceram entre a congregação e de que coros celestiais foram ouvidos.

No dia 3 de abril, uma semana depois do primeiro trabalho de dedicação, uma longa reunião foi novamente realizada no templo. Joseph Smith registra o seguinte sobre o seu término:

"Retirei-me ao púlpito; os véus estavam baixados; Oliver Cowdery e eu nos ajoelhamos em silenciosa e solene oração. Depois da oração levantamo-nos e a seguinte Visão a nós se abriu:

"O véu foi retirado de nossas mentes e abertos os olhos do nosso entendimento.

"Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob os Seus pés um calçamento de ouro puro da cor de âmbar.

"Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de Sua cabeça eram brancos como a pura neve; Seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a Sua Voz era como o som de muitas águas, mesmo, a voz de Jeová que dizia:

"Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai.

"Eis que perdoados vos são os vossos pecados; sois limpos diante de Mim; portanto, erguei as vossas cabeças e regozijai-vos.

"Que se regozijem os corações de vossos irmãos, e os corações de todo o Meu povo, o qual com a sua força construiu esta casa ao Meu nome.

"Pois eis que aceitei esta casa, e o Meu nome aqui estará; e nesta casa em misericórdia manifestar-Me-ei ao Meu povo...

"Depois que esta visão se encerrou; os céus outra vez se nos abriram e Moisés apareceu diante de nós e nos conferiu as chaves da coligação de Israel das quatro partes da terra e da condução das dez tribos da terra do norte.

'Depois disto, Elias apareceu e nos conferiu a dispensação do Evangelho de Abraão, dizendo que em nós e em nossa semente todas as gerações depois de nós seriam abençoadas.

"Depois que esta visão se encerrara, outra grande e gloriosa visão fulgurou sobre nós; pois Elias, o profeta que foi transladado aos céus sem ter experimentado a morte, estava em pé diante de nós, e disse:

Eis que chegado é o tempo exato do qual falou Malaquias — testificando que ele (Elias) seria enviado antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse.

"Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não seja ferida com uma maldição.

"Portanto, as chaves desta dispensação são postas em vossas mãos; e por isto podereis saber que o grande e terrível dia do Senhor está perto, mesmo às portas"[10]

Estas declarações, testificadas por Joseph Smith e Oliver Cowdery, foram aceitas como revelação por solene assembléia da Igreja e são consideradas como Escritura. A autoridade para a realização do trabalho templário na Igreja, que tem crescido até atingir tremendas proporções atualmente, é baseada nesta restauração das chaves do Sacerdócio, necessária para tais funções, e especialmente na restauração das chaves possuídas por Elias.

O templo de Kirtland não foi construído para as ordenanças às quais Elias fez referência. Não continha fonte batismal para o trabalho pelos mortos. Tampouco foi designado para outros trabalhos hoje realizados nos templos dos Santos dos Últimos Dias. Era ele um sagrado lugar de reunião. Um lugar de instrução, sob o Espírito de Deus. Um lugar de preparação para a grande era de construção de templos que se seguiu.

9. **Doutrina e Convênios,** Seção 109; 14, 16, 20, 55-57.

10. **Doutrina e Convênios,** Seção 110: Prefácio, versículos 1-7, 11-16. Veja também **History of the Church,** Vol. II, p. 435.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 2, pp. 427 - 428. (Anjos são vistos durante a dedicação).

2. Whitney **Life of Heber C. Kimball,** pp. 88 - 94. (Descrição do templo de Kirtland e um relato de manifestações celestiais durante o tempo de sua dedicação).

3. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 188-192. (Manifestações espirituais no templo de Kirtland).

4. Widtsoe, **The Restoration of the Gospel,** pp. 99 - 100. (Um cumprimento parcial da oração de dedicação feita no templo de Kirtland).

5. Evans, **Joseph Smith an American Prophet,** pp. 73 - 74. (Elias e o trabalho templário).

6. **Doutrina e Convênios,** Seção 109.

7. **Ibid,** Seção 110.

CAPÍTULO 17

TEMPOS PENOSOS NA IGREJA

Far West Se Torna um Novo Lugar de Reunião em Missouri

Enquanto os Santos de Ohio se regozijavam com o término do templo, aqueles que tinham procurado refúgio no Condado de Clay, Missouri, das perseguições anteriores, recebiam tristes novas. O Condado de Clay já não mais os queria. Tinham que abandoná-lo.

Os cidadãos do Condado de Clay haviam dado grande mostra de bondade ao darem abrigo aos refugiados do Condado de Jackson, quando nenhum outro condado lhes tinha estendido suas boas--vindas. Fez-se entender, entretanto, que a estadia dos Santos seria apenas temporária, até que pudessem voltar novamente a seus lares. Dois anos haviam se passado e tal volta parecia mais remota e impossível que nunca. Além disso, grandes caravanas de Santos do leste continuavam a chegar a Missouri, até o seu número tornar-se assustador para os antigos habitantes.

No dia 29 de junho de 1836, um grupo de cidadãos reunidos em Liberty formulou as seguintes razões para a sua expulsão:

"São gente do leste, cujas maneiras, hábitos, costumes e até mesmo dialeto são essencialmente diferentes dos nossos. Não são escravagistas e se opõem à escravatura, o que, neste período peculiar, quando o abolicionismo fez crescer sua disforme e perturbadora visão em nossa terra, calcula-se que venha a excitar preconceitos profundos e duradouros em qualquer comunidade onde a escravatura é tolerada e protegida".[1]

Num documento dirigido aos Santos, em que lhes pediam que pacificamente se retirassem, encontramos a sugestão de que os Santos viessem a se estabelecer em território onde a escravidão fosse proibida. O documento adicionava o seguinte:

"Se eles (os Santos) tiverem uma centelha de gratidão, não haverão de conscientemente atirar um povo à Guerra Civil, povo este que lhes estendeu sua mão amiga naquela hora de grande tristeza em que poucos havia para dizer-lhes: "Deus vos guarde". Tão-somente poderemos dizer-lhes, se persistirem no curso cego que até o presente têm seguido, de inundar esta terra com seu povo, que tememos e firmemente acreditamos que uma Guerra Civil será de imediata e inevitável conseqüência. Sabemos que nenhum há entre nós que deseje o sangue desse povo.

"Não pretendemos o mínimo direito, de acordo com a Constituição e as leis do país, de expulsá-los pela força, mas seríamos realmente cegos se não prevíssemos que o primeiro vento que soprar, neste momento de profundo excitamento, haverá de rapidamente envolver todo e qualquer indivíduo numa guerra, levando consigo a ruína, desgraça e desolação em seu curso. Não importa como, onde ou por quem possa essa guerra se iniciar; quando tal trabalho de destruição começar, teremos todos que ser levados pela tempestade, ou esmagados sob a sua fúria. Numa Guerra Civil, quando nossos lares se tornam o teatro no qual lutamos, não pode haver pessoas neutras; sejam quais forem nossas opiniões, teremos que lutar em defesa própria.

"Nada queremos, nada pedimos, nada receberíamos deste povo; tão-somente lhes pedimos, para o seu próprio bem e para o nosso, para de dois males escolherem o menor".[2]

A Guerra Civil à qual os cidadãos do Condado de Clay fazem referência realmente aconteceu e teve seu início vinte e quatro anos mais tarde, custando à nação um milhão de vidas e bilhões em propriedades. Durante tal guerra Missouri veio a se tornar uma grande cena de miséria e derramamento de sangue. Entre os anos de 1830 a 1840 a nação vacilava às margens da guerra. Missouri foi o centro de dissensão durante tais anos e a grande imigração de Santos ianques bem podia ter agravado a situação, antes mesmo do início da guerra.

No dia 1 de julho de 1836 os líderes da Igreja em Missouri se reuniram, tendo

---

1. George Q. Cannon. **Life of Joseph Smith**, p. 194.

2. George Q. Cannon, **Life of Joseph Smith**, p. 196.

por dirigente a William W. Phelps, e consideraram a situação. Ficou resolvido que se agradeceria aos cidadãos do Condado de Clay sua anterior hospitalidade e evitar-se-iam futuros problemas através de uma mudança pacífica de lugar.

Quando os cidadãos do Condado de Clay testemunharam a boa vontade dos já tão atribulados Santos em abandonar seus lares e desistir de seus direitos constitucionais, procurando assim não causar dificuldades aos antigos colonizadores, ofereceram seus serviços, a fim de auxiliá-los e garantir a paz.

Embora completamente desprovidos de preparo para uma nova migração, os Santos levaram-na avante pacífica e eficientemente. O Condado de Ray está situado a leste do Condado de Clay.☆ Era um condado bem grande, cuja parte superior se encontrava praticamente desabitada. Nele havia poucas árvores e sua terra já se tinha provado sem atrativos para o colonizador comum. Para este local, conhecido pelo nome de Shoal Creek (Riacho dos Perigos Ocultos) os Santos se mudaram num só corpo. Sete apicultores, os únicos ocupantes da região, foram pagos para sair do lugar, deixando aos Santos uma possessão indisputável, onde gozaram um período de paz bem pequeno.

O som do machado e do martelo foi ouvido pela primeira vez na pradaria virgem, ao prepararem os Santos com fervor suas casas para o inverno que se aproximava. O solo, que tinha servido de pasto para selvagens hordas de búfalos, fora, nessa mesma primavera, transformado em hortas. Mãos industriosas principiaram a transformação deste lugar deserto.

Em dezembro de 1836 foi apresentada e aprovada uma petição feita à legislatura estadual, na qual se pretendia organizar a região de Shoal Creek e territórios circunvizinhos num novo condado. Iniciou-se então a turbulenta existência do Condado de Caldwell. Próximo à parte central desta região foi organizada a cidade de Far West, segundo o modelo das cidades de Sião. Na primavera de 1837 foi dedicado o terreno para a construção de um templo. Começava a brilhar novamente a estrela da esperança de se estabelecer Sião no Missouri.

* Ver Mapa C pag. 142

A Igreja Abre Uma Missão na Inglaterra

Durante os tempos penosos da Igreja em Missouri e Ohio o espírito missionário nunca cessou. As perseguições, dissensões e a apostasia não conseguiram diminuí-lo. Wilford Woodruff fez uma missão, extensiva também aos Estados

Parley P. Pratt, apóstolo e missionário no Canadá.

Sulinos, com grande sucesso. Em 1837 ele converteu quase toda a população das Ilhas Fox, situadas além da costa do Maine.

Parley P. Pratt ampliou a Missão do Canadá em 1836 e converteu John Taylor em Toronto nesse mesmo ano. O próprio Profeta dirigiu-se a duas novas missões, uma aos Estados do Leste, em 1836, e outra ao Canadá, em 1837.

O desenvolvimento mais importante surgiu em 1837, com a abertura da Missão Britânica. Muitos dos Santos canadenses tinham parentes e amigos na Inglaterra, a quem estavam ansiosos por levar a mensagem do Evangelho. No dia 1 de junho de 1837, o Apóstolo Heber C. Kimball foi chamado por revelação para presidir tal missão. Acompanhado do Apóstolo Orson Hyde e dos Élderes Willard Richards e Joseph Fielding (este último do Canadá), rumaram em direção à cidade de Nova Iorque. Aqui se reuniram a três outros irmãos do Canadá, John Goodson, Isaac Russell e John Snyder.

No dia 20 de julho de 1837 desembarcaram do navio "Garrick", no porto de Liverpool, Inglaterra, a maioria deles completamente sem recursos financeiros. Estavam numa terra que lhes era estranha, a oito mil quilômetros de seus lares e entes queridos, mas o espírito com que se dispuseram a trabalhar fez com que todas as dificuldades parecessem triviais.

Três dias depois de desembarcarem, já pregavam em Preston, na Capela do Reverendo James Fielding, irmão de Élder Fielding. Sete dias mais tarde nove conversos foram conduzidos às águas do batismo. O alicerce para uma grande obra missionária tinha sido lançado.

O sucesso destes élderes foi muito além de suas expectativas. O número dos membros da Igreja na Inglaterra nos anos sucessivos dobrou e redobrou de forma surpreendente. Logo, uma onda de imigrantes cruzava o oceano em busca da Nova Sião. Ramos da Igreja foram estabelecidos em Eccleston, Wrightington, Heskin, Euxton Bath, Daubers Lane, Chorley, Whittle, Leyland Mass, Ribchester, Thornley, Clithero, Waddington, Downham e outros lugares circunvizinhos a Preston.

O "Cock Pit" (Temperance Hall), um grande e apropriado edifício em Preston, foi alugado pelos élderes, como local de reuniões. No Natal de 1837 foi realizada a primeira conferência na Inglaterra. Mais de trezentos membros a ela assistiram.

Nesta conferência foi pregada a Palavra de Sabedoria pela primeira vez naquela terra.

No dia 1º de abril de 1838 foi realizada uma segunda conferência da Igreja na Inglaterra, em Preston. Joseph Fielding foi ordenado Presidente da Missão Britânica, tendo por conselheiros Willard Richards e William Clayton. Logo após a conferência os apóstolos Kimball e Hyde voltaram à América.

A Apostasia e a Perseguição Fazem com que os Santos Abandonem Ohio

Enquanto o Evangelho estava sendo levado à Inglaterra, a Igreja em Ohio se defrontava com dias bastante difíceis. Nem bem tinha sido terminado o templo e já a apostasia principiava a estender sobre a Igreja seus feios braços. Tal apostasia alcançou o seu clímax nos últimos meses de 1837, quando mais da metade dos membros de Kirtland ou deixaram a Igreja ou foram excomungados dela, sendo que o próprio templo lhes foi entregue.

A causa desta apostasia não é de difícil compreensão. O fracasso do estabelecimento de "Sião" no Condado de Jackson tornou imperativo o prolongamento da permanência dos Santos em Kirtland. Os Santos que imigraram do leste tinham que ser colocados em Kirtland e não em Missouri. Isto tornou necessário um extenso programa de compras de terras e estabelecimento de instituições industriais e mercantis. Uma instituição financeira também se tornou necessária.

Em novembro de 1836 a Igreja, em Kirtland, solicitou à legislatura estadual

Notas promissórias da "Kirtland Safety Society Anti-Banking Company", mostrando a assinatura de Joseph Smith como emitente.

Fotografado com a permissão do Bureau de Informações da Igreja.

uma carta-patente para abrir uma instituição bancária, sendo Oliver Cowdery enviado à Filadélfia a fim de comprar as chapas necessárias para a impressão de notas bancárias.

Devido à crescente oposição aos Santos, a legislatura de Ohio se recusou a conceder tal pedido. Desejando uma instituição financeira central, que muito seria de ajuda no programa econômico da Igreja, foi organizada a "Kirtland Safety Society Anti-Banking Company".

A capitalização deveria ser de quatro milhões de dólares, a serem levantados através da venda de títulos à base de cinqüenta dólares cada. Cinqüenta por cento devia ser pago a vista, e o resto conforme se fizesse necessário. Sem uma carta-patente, notas bancárias não poderiam ser emitidas, mas notas promissórias o eram, em lugar daquelas,

circulando dentro da Igreja como meio de comércio.

Mal tinha a "Kirtland Safety Society" principiado a funcionar, quando um espírito de tremenda especulação varreu a nação. O valor das terras se elevou tão rapidamente, que os lucros de compras e vendas eram enormes e freqüentemente por demais tentadores. Alguns dos Santos também se viram tomados deste espírito de especulação. Dinheiro foi emprestado da Sociedade e emitido em forma de notas promissórias. Tais notas eram então dadas como garantia para a compra de terra com propósitos especulativos. A emissão de notas promissórias logo excedeu ao capital em caixa.

No início da primavera de 1837, Joseph Smith preveniu os oficiais da "Kirtland Safety Society", para que cessassem os empréstimos e cobrassem o restante do capital em dívida. Tal precaução passou despercebida de todos e Joseph Smith se retirou da Sociedade.

A grande orgia de especulação nos Estados Unidos viu-se seguida, no verão de 1837, por um generalizado pânico financeiro. Centenas de bancos em todo o país faliram. Durante tão crítica situação a pequena instituição financeira dos Santos de Kirtland viu-se desesperadamente esmagada. O valor das terras caiu rapidamente e os que tinham feito empréstimos não puderam vender suas terras nem pagar a quantia emprestada da Sociedade. Aqueles que possuíam notas promissórias da sociedade correram para receber o pagamento das mesmas até que os fundos se exauriram. Foi cobrado o saldo ainda por pagar do capital subscrito, mas os assinantes não se achavam capacitados a fazê-lo. Comerciantes e manufatureiros se recusaram a aceitar as notas promissórias da Sociedade como pagamento de compras feitas pelos Santos. No prazo de um ano desde sua abertura a "Kirtland Safety Society" foi forçada a fechar suas portas, falindo.

Quase todas as famílias de Kirtland, bem como de muitos outros ramos da Igreja, perderam dinheiro na quebra financeira de 1837. O Profeta Joseph Smith recebeu a maior parte da culpa e a Igreja em geral caiu sob a condenação daqueles cujos corações haviam se voltado à obtenção de bens terrenos.

O historiador redime o Profeta e livra-o de culpa — porém, aqueles que tinham perdido seu dinheiro não esperaram pelo seu veredito. Joseph Smith tinha sido o principal iniciador da Sociedade, tinha mesmo escrito cartas encorajando os membros da Igreja a participarem de tal plano; agora a Sociedade tinha falhado e seu dinheiro havia sumido. Por todos os lados era ouvida a acusação de que Joseph Smith era um "Profeta Caído". Cinco dos membros do quorum dos Doze Apóstolos cortaram suas relações com o Profeta. Entre aqueles que então se sentiram exasperados contra ele, estava Élder Parley P. Pratt. Quanto a este incidente de sua vida diz ele:

> "Mais ou menos nesta época (verão de 1837), depois de eu ter voltado do Canadá, encontrei-me a par de descontentamentos e discórdias na Igreja em Kirtland, sendo que muitos dela se retiraram, tornando-se inimigos seus e apóstatas. Havia também invejas, mentiras, brigas e divisões, que muitas dificuldades e tristezas causaram. Por estas pessoas fui também acusado e caluniado, vindo, certa vez, a ser igualmente sobrepujado por tais espíritos; parecia que os mesmos poderes obscuros que se tinham posto contra os Santos, haviam encontrado caminho aberto em mim. O Senhor, porém, tinha conhecimento de minha fé,*** e concedeu-me a vitória. Dirigi-me ao irmão Joseph Smith em lágrimas e, com um coração quebrantado e um espírito contrito, confessei meu erro, por haver também murmurado contra ele. Ele perdoou-me sinceramente, orou por mim e me abençoou".[3]

Tão geral se tornou tal sentimento de descontentamento na Igreja, que quanto à ocasião escreveu o seguinte o Profeta: "Parecia que todos os poderes da terra e do inferno se haviam combinado para sobrepujar a Igreja"[4]

---

3. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 168.
4. George Q. Cannon, **Joseph the Prophet**, p. 124.

A integridade de todos os membros da Igreja foi testada. Enquanto muitos dela se retiraram, a fidelidade e devoção de outros permaneceram firmes e brilhantes como uma luz no meio da escuridão. Brigham Young, John Taylor, Wil Woodruff, Heber C. Kimball, Hyrum Smith e muitos outros grandes líderes permaneceram fiéis em sua devoção à Igreja e ao Profeta.

Joseph Vê-Se Forçado a Fugir

Em meio às dificuldades em Ohio, as condições em Missouri tornaram indispensável uma viagem de Joseph Smith a este estado. Em companhia de Sidney Rigdon, ele saiu de Kirtland em outubro de 1837, fez o que tinha que fazer e voltou mais ou menos no dia 10 de dezembro.

Encontrou a Igreja em dissensão ainda maior. Seus inimigos o abordavam abertamente na rua e o responsabilizavam por suas perdas financeiras e dificuldades. Durante sua ausência, Warren Parrish, líder dos Setenta, John F. Boynton, Luke S. Johnson e Lyman E. Johnson, antigos membros do Quorum dos Doze, juntamente com outros, tinham formado uma nova organização. Passaram a chamar-se a si mesmos "A Igreja de Cristo", pretenderam direitos de propriedade do Templo e chamaram de heréticos a Joseph Smith e todos os seus seguidores.

Desde o tempo de sua volta a Kirtland, Joseph Smith viu-se constantemente às voltas com as cortes, defendendo-se de uma acusação após outra, até ver-se incapacitado de impor o peso de sua personalidade no endireitamento da atribulada situação.

As reuniões do Sacerdócio no templo por diversas vezes ameaçaram se tornar lutas armadas: até punhais eram usados nas mesmas. John Taylor, por sua vigorosa defesa do Profeta em tais reuniões, ganhou o título de "Leão", e por algum tempo impediu hostilidades abertas.

Brigham Young, em público ou não continuou a assegurar que sabia, pelo poder do Espírito Santo, que Joseph Smith era um Profeta de Deus. No dia 22 de dezembro de 1837 viu-se forçado a fugir de Kirtland a fim de salvar sua vida da fúria de um grupo de apóstatas.

No dia 12 de janeiro de 1838, o Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon o seguiram. Fugiram de noite, a cavalo, a fim de escapar à turba que os perseguia.

A cerca de cem quilômetros de Kirtland fizeram pousada entre os Santos que residiam em tal lugar, à espera do resto de suas famílias. De lá o grupo, incluindo Brigham Young e sua família, continuou viagem em carroções cobertos por mais de mil e quinhentos quilômetros em direção ao alto Missouri. Sobre a jornada Joseph Smith escreve o seguinte:

> "Estava extremamente frio e nos vimos obrigados a nos esconder em nossos carroções, às vezes para iludir nossos perseguidores, que continuaram em nossa perseguição por mais de trezentos quilômetros de Kirtland, armados de pistolas e outras armas, procurando tirar nossas vidas. Freqüentemente cruzavam nosso caminho; por duas vezes estiveram nas mesmas casas onde nos hospedamos, e uma vez passamos toda a noite na mesma casa, com apenas uma parede divisória entre nós e eles. Ouvimos suas juras, imprecações e ameaças concernentes a nós, caso pudessem nos apanhar; mais tarde, nessa mesma noite, vieram até nosso quarto e nos examinaram, mas decidiram que não éramos os homens que procuravam. Outras vezes passamos por eles nas ruas, mas não nos reconheceram".[5]

Em fins de 1837 e durante 1838, testemunhou-se um êxodo geral dos Santos da região de Kirtland que permaneceram leais ao Profeta.

Um grupo, compreendendo mais de quinhentas almas, designado pelo nome de "Acampamento de Kirtland", saiu de Kirtland sob a direção do primeiro Conselho dos Setenta, chegando em Far West, Missouri, no dia 4 de outubro de 1838.*

Far West viu-se ainda mais acrescida com a chegada, no mesmo ano, de outro grande corpo de Santos, composto de duzentos vagões. Estes tinham saído do Canadá e dos estados do leste, alguns

---

5. **History of the Church,** Período I, Vol. 3, pp. 2-3.

* Ver Mapa C, p. 142

viajando uma distância de dois mil e quatrocentos quilômetros.

O Profeta e os Santos de Ohio e do leste foram alegremente recebidos por seus irmãos de Missouri. A esperança por Sião novamente cresceu no coração do povo.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 2, pp. 498-499, 503-507. (Missão à Inglaterra).
2. **Ibid.,** Vol. 3, pp. 44-44.
3. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. I, pp. 408-411. (Relação entre Joseph Smith e a "Kirtland Safety Society").
4. **Ibid.,** Vol. I, pp. 431-437. (Acusações contra Oliver Cowdery e David Whitmer resultam em excomunhão da Igreja).
5. Snow, Eliza R. **Biography and Family Record of Lorenzo Snow,** pp. 20-24. (Quase foi derramado sangue no Templo de Kirtland em 1837).
6. Evans, John H., **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 122-127. (Falsas acusações contra o Profeta).
7. **Ibid.,** pp. 96-100. (A porta da salvação é aberta na Inglaterra).
8. Smith, Lucy, **Life of the Prophet Joseph,** pp. 222-224. (A personalidade de Joseph sobrepuja seus inimigos).
9. Pratt, P.P., **Autobiography,** pp. 183-184. (P.P. Pratt quase se retira da Igreja).
10. Roberts, B.H., **Life of John Taylor,** pp. 39-41. (Visita a Kirtland durante a apostasia).
11. Whitney, O.F. **Life of Heber C. Kimball,** pp. 116-117. (Chamada à Inglaterra).
12. **Doutrina e Convênios,** Seção 119 (A Lei do Dízimo).

CAPÍTULO 18

OS SANTOS SÃO EXPULSOS DO ESTADO DE MISSOURI

O Rápido Crescimento dos Santos dos Últimos Dias ao Norte de Missouri Provoca Uma Crise

De todo o ponto de vista humano, no outono de 1837 a Igreja se aproximava rapidamente da dissolução. A apostasia havia minado a organização bem em sua parte central. Até mesmo grandes líderes, tais como Oliver Cowdery, Martin Harris e David Whitmer, as testemunhas especiais do Livro de Mórmon, tinham abandonado o rebanho.

É significativo notar que, durante tão difícil período, o Profeta Joseph Smith nunca titubeou em seu otimismo bem como em sua certeza de que a Igreja haveria de permanecer para sempre.

Nas mais negras horas de apostasia ele iniciou dois movimentos que fortaleceram a Igreja e demonstraram sua admirável visão do trabalho a ser feito. Enviou missionários, tendo à frente Heber C. Kimball, a fim de abrir uma missão na Inglaterra. A seguir fez uma jornada à parte norte de Missouri e planejou a construção de novas cidades, que viessem a acomodar um grande influxo de população.

Ambos os movimentos foram feitos bem a tempo. O povo britânico estava ansioso pelo evangelho. A despeito de toda a apostasia na Igreja, o número de membros continuou a crescer, aos milhares. Quando os Santos, em Ohio, se viram forçados a fugir para uma nova terra, tal terra já estava preparada para recebê-los, em Missouri.

Entre as novas cidades construídas ao norte de Missouri, encontravam-se Adam - Ondi - Ahman, Gallatin e Millport no Condado de Daviess; Haun's Mill no Condado de Caldwell e De Witt no Condado de Carroll.

O Profeta aconselhava os Santos de todas estas cidadezinhas a viverem no centro e terem suas chácaras e fazendas fora da cidade. Eram desencorajados os pequenos grupos de casas situados fora dos locais centrais. Os centros das cidades eram construídos tão perto quanto possível, de acordo com o plano das cidades de Sião.

Alguns novos experimentos sociais são dignos de nota. Grandes corporações agrícolas eram organizadas, a fim de proporcionar plantações em cooperativas. Uma destas, a "Western Agricultural Company", votou pela inclusão de um campo de trigo, contendo 19 km² ou 3.108 ha. Uma área similar deveria ser plantada pela "Southern Agricultural Company", bem como outra pela "Eastern Agricultural Company". Os Santos, porém, foram expulsos do estado antes de tal plano poder ter sido levado avante.

A população da Igreja nos Condados de Daviess, Caldwell, Ray e Carroll aumentou rapidamente, devido à grande onda de imigrantes vindos do Leste. As grandes caravanas de carroções cobertos cortavam profundas rotas através das planícies do Missouri. Mil e duzentas pessoas haviam sido expulsas do Condado de Jackson. Lá pelo verão de 1838 o número de membros ao norte de Missouri formava um total de quinze mil.

É Renovada a Perseguição

A continuação da perseguição era inevitável. Todas as velhas causas de inquietação foram intensificadas pelo grande crescimento do número de membros. Um só condado não poderia

abrigar todos os mórmons, que inundavam toda a parte noroeste do Missouri. Em poucos anos eles poderiam facilmente dominar o estado. Até mesmo os melhores cidadãos se alarmaram, alarme este que serviu de oportunidade a todos os elementos selvagens e sem escrúpulos da fronteira para procederem a saques contra os Mórmons.

A nova perseguição principiou em Gallatin, Condado de Daviess. Era dia de eleição, 6 de agosto de 1838. Um grupo de Santos dos Últimos Dias se apresentou às bancas eleitorais para votar. Um grupo muito maior, dirigido pelo Coronel William P. Peniston, um candidato à legislatura estadual, procurou impedir a colocação das cédulas. Principiou então uma discussão, que terminou com algumas cabeças quebradas. Os Santos levaram a melhor e os homens de Peniston bateram em retirada, à procura de armas.

Foi este o início do fim para os Santos em Missouri. Uma vez iniciado o barulho, aumentaram as incompreensões. Relatos falsos circularam rapidamente. Discursos inflamados contra "abolicionistas" e "ianques" eram proferidos diariamente. Os ministros renovaram suas acusações contra as curas, sinais, visões, etc., ocorridos entre os mórmons. Toda a população ao norte de Missouri se alarmou. Aliás, não podemos culpar o povo em geral por se alarmar, pois o preconceito sulino contra os "ianques" já estava bem enraizado. A notícia da formação de grandes cooperativas agrícolas causou perturbação aos agricultores, sendo a competição de estabelecimentos mercantis em cooperativa uma ameaça para os comerciantes não-mórmons. A maioria pouco sabia a respeito dos Mórmons, nem tinha qualquer forma de sabê-lo, a não ser através dos ministros e da imprensa. A cólera dos ministros protestantes muito fez para aumentar os preconceitos da maioria. Os escravagistas tinham, como já foi previamente discutido, uma causa real para alarme.[1]

Entre aqueles que conheciam os Santos de perto encontramos amizades que lhes foram duradouras durante toda perseguição e se manifestaram através de muitos atos bondosos. Foi uma infelicidade para os Santos, e uma mancha na história do estado de Missouri que certos elementos sem lei, destituídos das finas sensibilidades dos seres humanos, se tivessem refugiado dos braços da lei na parte oeste do estado. Foram esses elementos que, protegidos pelo sentimento generalizado contra os mórmons, cometeram aqueles atos vergonhosos de extrema crueldade aos quais tão freqüentemente se faz referência nos diários daqueles que padeceram em suas mãos. Tais pessoas viram, então, a oportunidade de lucrar à custa do infortúnio alheio. Para eles as progressistas fazendas e lares dos Santos eram uma grande recompensa. Aqueles de seu tipo, que já tinham lucrado com as perseguições no Condado de Jackson, agora cruzavam em direção ao norte de Missouri, a fim de participar dos saques.

Foi ainda um infortúnio a mais o fato do cargo de governador ter passado às mãos de um político astuto, Lilburn W. Boggs.

Durante a expulsão dos Santos do Condado de Jackson, Boggs era vice-governador. Seu curso de ação em tal ocasião tinha sido dirigido por suas ambições políticas. Seus atos de oposição aos mórmons lhe concederam a cadeira governamental. Como governador ele estava bem a par dos sentimentos públicos e cônscio de que os eleitores estavam contra os Santos.

De um político não pode uma sofrida minoria esperar ajuda. Os Santos nada esperavam das mãos do Governador Boggs e nada receberam.

O Conflito se Centraliza nas Circunvizinhanças de Far West

Aqueles mais contrários aos mórmons se congregaram em grupos ilegais ou

1. Ver. Cap. 15, "**As Causas Fundamentais do Conflito**", pp. 125-127.

turbas se armaram com armas de vários tipos e juraram que haveriam de expulsar os mórmons do estado. Os primeiros movimentos seus foram dirigidos contra os acampamentos afastados do centro, principalmente aqueles desprotegidos de guarda.

Um grupo, dirigido por um certo Dr. Austin, cercou Diahman, porém, Lyman Wight estava então nesse lugar; este corajoso fronteiriço organizou uma resistência demasiado forte para eles. Além disso, o General Doniphan, um amigo dos mórmons, comandante de um grupo de soldados da guarda estadual, estava acampado perto de Diahman.

Dr. Austin então foi contra De Witt, no Condado de Carroll. O grupo que o acompanhava crescia diariamente, e ordenou aos Santos que abandonassem o estado, a menos que quisessem ser exterminados.

Sob a liderança do Coronel George M. Hinkle, que tinha recebido autorização para formar uma milícia contra as turbas, os Santos resistiram. Um estado de sítio seguiu-se, durando de 21 de setembro de 1838 a 11 de outubro do mesmo ano. Durante este tempo Joseph Smith arriscou sua vida, passando sorrateiramente entre os guardas inimigos durante a noite, para entrar na cidade.

Ele encontrou os Santos destituídos de alimento e sofrendo extrema penúria. Alguns já tinham morrido de fome. Poucos eram os defensores que possuíam armas de fogo, enquanto que os da populaça cresciam em número e força diariamente. O General Parks, lá estacionado com um corpo de soldados do estado, se recusou a interferir. A petição feita ao Governador nem sequer foi levada em consideração; conseqüentemente, Joseph aconselhou os Santos a se entregarem. Na tarde do dia onze de outubro os defensores se agruparam para fora de De Witt, ao longo da estrada que conduzia a Far West. Deixaram atrás de si todas suas posses terrenas, exceto os poucos itens que puderam ser carregados nos carroções disponíveis.

General Alexander W. Doniphan, amigo dos mórmons em Missouri.

Foi uma triste procissão de homens, mulheres e crianças meio mortos de fome, tornada ainda mais triste com a morte de alguns, enquanto a caminho.

O destino de De Witt veio a se tornar o destino de todos os acampamentos afastados dos centros urbanos. De todas as direções, durante o mês seguinte, se reuniram os refugiados na cidade de Far West. Suas terras e casas foram ocupadas pelos membros das populaças, ou queimadas completamente. As plantações ficaram sem colheita e o gado, bem como os suínos, foi selvagemente morto, a fim de alimentar os perseguidores.

Louvor seja dado aos Generais Atchison e Doniphan, que com pequenas for-

ças estaduais sob seu comando, durante algum tempo lutaram com energia em defesa dos Santos. Entretanto, a opinião pública foi-lhes por demais poderosa e em seus apelos ao governador se defrontaram não só com sua recusa, mas também com sua repreensão. Oficiais superiores, pedidos para expulsar os Santos de Missouri, foram colocados em seus lugares. Desgostoso com o estado das coisas, Atchison se demitiu.

Era esta a última esperança de proteção por parte das forças militares estaduais.

No Condado de Caldwell, centralizado nas circunvizinhanças de Far West, havia, por algum tempo, um certo grau de proteção. O condado era quase todo mórmon e possuía uma milícia, oficiada por membros e juízes de sua própria fé.

Depois da queda de De Witt, todos os Santos dos acampamentos afastados foram aconselhados a se mudarem para Far West. Muitos ouviram o conselho, outros, entretanto, não percebendo o perigo e estado crítico da situação, permaneceram em suas espalhadas comunidades. Foi sobre estes que recaiu a maior parte da brutalidade das turbas.

Aqueles dentre os Santos que tinham esperança de paz no Condado de Caldwell estavam amargamente enganados. O "problema mórmon" tinha se tornado um assunto de estado. Os escravagistas de Jackson e de outros condados situados ao sul do Rio Mississippi cruzaram a atribulada área, a fim de novamente agitar o populacho. A maioria daqueles que lutaram contra os Santos nada sabia a respeito de seu caráter e de sua natureza pacífica. Relatos falsos, bem como falsa propaganda, haviam envenenado suas mentes. Investigação oficial alguma jamais foi realizada. O General Parks, numa carta ao Governador Boggs, datada de 25 de setembro de 1838, escreveu:

"Seja qual for a disposição do povo chamado "mórmon" antes de nossa chegada, o fato é que desde que chegamos, eles não têm mostrado disposição alguma para resistir à lei, nem têm demonstrado quaisquer intenções hostis... Grande tem sido o preconceito contra tal povo, e maior o exagero quanto a tudo o que se refere a esse assunto tanto que encontro tudo complet .· mente diferente daquilo que estava preparado para esperar. É bem verdade que grande excitamento prevalecia por parte de ambos os lados, e, sinto-me feliz em dizer, o desempenho de minhas funções, bem como as do General Atchison e dos oficiais e homens sob meu comando, tem sido coroado de êxito. Quando aqui chegamos encontramos um grande grupo de homens dos condados adjacentes, armados e a postos, com o propósito de agitar o povo desta parte do país contra os mórmons, isto fazendo sem terem sido designados por autoridade apropriada".[2]

À proporção que os distúrbios pioravam, a milícia estadual aumentava, até finalmente alcançar um total de 6.000 homens armados. Esta milícia foi originalmente chamada com o propósito de proteger a propriedade privada e manter a paz, mas, a fim de levantar tal número de homens, milhares foram alistados dentre aqueles que tinham previamente tomado parte nos saques contra os Santos, vindo os mesmos a provar-se fora do controle dos oficiais. Além disso, os próprios oficiais favoreciam as turbas, com as exceções anteriormente mencionadas, pouco fazendo para refreá-las. O General Parks repetidamente assegurou que não podia controlar suas tropas nem impedir que se aliassem às turbas.[3] De qualquer forma, o certo é que a presença da Milícia Estadual, de forma alguma fez cessar suas funestas atividades.

Os Santos então não continuaram a se submeter pacificamente a estes repetidos ultrajes, apesar de não pagarem, de forma alguma, com a mesma moeda. Dois dos Santos, Coronel Lyman Wight e Coronel George M. Hinkle, eram oficiais da milícia estadual, sob o comando imediato do General Parks. Quando seus inimigos principiaram a queimar e saquear os lares S.U.D., o General Parks autorizou-os a reunir seus homens e dispersar as turbas.

Os homens foram reunidos, mas seu número nunca excedeu a 500. Os acampamentos que tinham necessidade de

2. Documentos etc. do General H.G. Parks ao governador. Publicado por ordem da Assembléia de Missouri, p. 32.
3. Ver **History of the Church** Período 1, Vol. III, p. 158.

defesa estavam muito espalhados e os membros das turbas os sobrepujavam aos milhares. Este espetáculo de resistência, entretanto, ajudou a impedir uma completa destruição dos Santos e de suas propriedades.

A defesa da milícia do Condado de Caldwell só serviu para aumentar as chamas da perseguição. O Coronel Wight dispersou grande número de seus perseguidores em Diahman e Millport. Estes, ao saírem do último lugar em que estavam acampados, queimaram algumas de suas próprias casas, espalhando, a seguir, que "os mórmons resistiram e estão queimando casas, destruindo propriedades e assassinando os antigos colonizadores".[4]

A Batalha do Rio Crooked

A principal peleja entre a Milícia de Caldwell e seus inimigos é conhecida como a "Batalha do Rio Crooked". Um certo número de Santos tinha sido aprisionado por seus inimigos. Um destacamento de milícia, sob o comando do Capitão David W. Patten, foi enviado à sua procura, encontrando-se com alguns homens da milícia estadual, sob o comando do Capitão Bogart, que fizeram fogo contra ele, ocorrendo daí uma peleja durante a madrugada. Bogart e seus homens tinham, anteriormente, composto a turba que expulsou os Santos do Condado de Carroll. Patten não tinha conhecimento de seu alistamento na milícia, portanto, ordenou que se fizesse fogo, pondo-os a correr. Viu-se, infelizmente, mortalmente ferido durante tal ataque, bem como Gideon Carter e Patrick O'Banion. Houve feridos de ambos os lados, sendo um dos homens de Bogart morto.

Logo circularam notícias de que o Capitão Bogart e toda sua companhia tinham sido massacrados pelos mórmons. Esta falsa acusação levantou os ânimos de todo o povo e grandes turbas principiaram a se dirigir ao Condado de Caldwell.

Um relato falso alcançou os ouvidos do Governador Boggs, que, sem posteriores investigações, expediu uma ordem ao oficial em comando, General Clark, bem como a outros, conhecida por "ordem de extermínio", pois, nela, disse ele:

"O senhor tem ordem, portanto, de se desempenhar em suas ocupações com a maior rapidez possível. **Os mórmons têm que ser tratados como inimigos e devem ser exterminados ou expulsos do estado, se necessário, para o bem-estar público — seus ultrajes vão além de qualquer descrição".**

Toda e qualquer esperança que os Santos tivessem de viver em paz no estado de Missouri tinha chegado ao fim. A milícia enviada para dispersar as turbas tinha agora recebido ordem para, ao contrário , ajudá-las.

No dia posterior ao do recebimento desta ordem uma companhia da assim chamada milícia, sob o comando do Coronel William O. Jennings, caiu sobre os incautos Santos do acampamento de Haun's Mill. Dezessete pessoas foram ilegalmente massacradas. Doze escaparam nas matas, gravemente feridas. As casas foram saqueadas e as mulheres violentadas.

Traição em Far West

No dia 30 de outubro, o General Lucas, na ausência de seu superior, General Clark, reuniu em massa a milícia estadual, colocando-a perto de Far West.

Perto de seiscentos homens e meninos, com as novas do massacre de Haun's Mill ainda queimando em seus corações, alinharam-se para batalhar em defesa de seus lares e entes queridos na última cidade restante aos Santos.

O Coronel George M. Hinkle, como mais alto oficial no Condado de Caldwell, estava em comando das forças defensoras. No dia 31 de outubro foi-lhe concedida uma entrevista com o General Lucas, em comando das forças gerais da milícia do estado, durante a qual procurou chegar a um acordo. O General Lucas propôs aos Santos os seguintes termos:

1. "Que deixassem seus líderes serem julgados e punidos.
2. "Que deixassem suas propriedades

WORTH
PUTNAM
MERCER
NODAWAY
HARRISON
GENTRY
SULLIVAN
GRUNDY
GALLATIN
ANDREW
DE KALB
DAVIESS
BRECKENRIDGE
LINN
KINGSTON
— LEGENDA —
A Terreno do Templo-Idependence.
B Prisão de Liberty
C Monumento às Três Testemunhas.
D Rio Crooked.
E Terreno do Templo de Far West.
F Haun's Mill.
G Adam-Ondi Ahman
Buchanan
CALDWELL
CLINTON
CLAY
CARROLL
PLATTE
LIBERTY
RICHMOND
RAY
KANSAS CITY KAN.
INDEPENDENCE
KANSAS CITY
BLUE RIVER
SEÇÃO HISTÓRICA
estado de
MISSOURI
LAFAYETTE
SALINE
JACKSON

serem tomadas por todos aqueles que tinham pegado em armas contra eles, como pagamento de suas dívidas e indenização pelo dano que lhes haviam feito.

3. "Que o restante abandonasse o estado, sob a proteção da milícia, sendo lhes permitido ficar sob proteção até que futuras ordens fossem recebidas do comando-chefe.

4. "Abandonar todo e qualquer tipo de arma, entregando-a mediante recibo.[5]

Por alguma razão desconhecida o Coronel Hinkle concordou com tão absurdos termos e, não só isso, mas voltou a Far West e disse a Joseph Smith que o General Lucas desejava conferenciar com ele, juntamente com Sidney Rigdon, Lyman Wight, Parley P. Pratt e George W. Robinson. Os irmãos concordaram com a entrevista, mas ao alcançar o campo do General Lucas, ouviram o Coronel Hinkle dizer: "General, são estes os prisioneiros que eu concordei em entregar".[6]

Estes irmãos viram-se então cercados e levados como prisioneiros. Naquela noite foram acorrentados e deixados ao ar livre, sujeitos a um frio aguaceiro e ao abuso dos guardas.

Na manhã seguinte, dia primeiro de novembro, a milícia foi dispersada de Far West pelo Coronel Hinkle e suas armas foram entregues ao General Lucas. A cidade estaria agora à mercê das turbas, a menos que fosse protegida pela milícia.

Inconscientemente ou não, o General Lucas demitiu parte dos componentes da milícia, que imediatamente se transformou em turbas devassas. Tais turbas, ainda de armas em punho, atacaram a cidade, destruindo propriedades, espancando homens indefesos e violando suas mulheres. Num documento endereçado à legislatura do estado de Missouri por M. Arthur, Esquire, um não mórmon, de 29 de novembro de 1838, lemos:

"Respeitáveis amigos: – Meu sentimento de humanidade para com um povo injuriado faz com que presentemente me dirija a vós. Estais cientes do tratamento (de alguma forma antes mesmo de deixardes vossos lares) recebido por aquela desafortunada raça de seres chamados mórmons, em Daviess, na forma de seres humanos que habitavam Daviess, Livingston, bem como uma parte do Condado de Ray; não bastando verem-se destituídos de todos os seus direitos como cidadãos e seres humanos durante o tratado sobre eles imposto pelo General Lucas, fazendo com que pusessem de lado suas armas e se entregassem à mercê do estado e de seus compatriotas, esperando, portanto, proteção de suas vidas e propriedades, estão agora recebendo um tratamento tal de certos demônios, que faz com que a gente se envergonhe e arrepios de indignação corram sobre o corpo de qualquer pessoa não inteiramente destituída de qualquer sentimento de humanidade. Tais demônios estão constantemente marchando sobre o Condado de Caldwell, em pequenas companhias de homens armados, insultando suas mulheres de toda e qualquer forma, roubando dos pobres diabos todos os meios de subsistência que ainda lhes restam, tirando seus cavalos, gados, suínos etc., bem como suas próprias camas, roupas, guarda-roupas, e, enfim, tudo o que querem, deixando os pobres mórmons em terrível estado de penúria. São estes fatos que recebi de fontes autorizadas que podem ser comprovados a qualquer tempo".[7]

Na noite de primeiro de novembro, no acampamento do General Lucas, estava sendo realizado um julgamento. Chegou-se à decisão, apesar de alguns protestos, de que os prisioneiros seriam fuzilados ao amanhecer do dia 2 de novembro, na praça pública de Far West, como exemplo a todos os mórmons.

A ordem nunca foi levada a cabo. O General Doniphan, a quem o General Lucas tinha enviado a ordem de execução, recusou-se terminantemente, nas seguintes palavras:

"Seria assassínio a sangue frio. Não obedecerei a vossas ordens. Minha brigada marchará em direção a Liberty amanhã de manhã, às oito horas, e, se executardes estes homens, haverei de, com a ajuda de Deus, responsabilizar-vos perante um tribunal terreno". – A. Doniphan, General de Brigada.

Ao receber esta mensagem, General Lucas viu-se temeroso de levar avante a ordem, sendo o assunto deixado de lado. Os prisioneiros foram, entretanto, leva-

5. Documentos Publicados pela legislatura de Missouri, pp. 72-73.
6. **Autobiography of Parley P. Pratt, p. 187**

7. **Documentos etc.** Publicados pela legislatura de Missouri, p. 94.

dos naquela mesma manhã a Far West, certos de que caminhavam para a morte. A alguns foi-lhes permitido se despedir de seus entes queridos antes de serem levados às pressas como prisioneiros para Independence.

Outros líderes foram presos e colocados na prisão e Richmond. Os Santos viram-se até mesmo destituídos do conforto espiritual que o Profeta e outros pudessem lhes dar.

A Expulsão

Quando o General Clark chegou a Far West, seguiu o mesmo curso de ação do General Lucas. Numa carta aos Santos ele declarou, entre outras coisas.

"Outro requisito ainda resta ser por vós cumprido, e este é o de abandonardes o estado imediatamentre; e, sejam quais forem os vossos sentimentos a respeito disto, bem como seja qual for a vossa inocência, de significado algum é para mim... As ordens que recebi do governador foram que vos exterminasse e que não permitisse a vossa permanência no estado; não fosse pelo fato de vossos líderes nos terem sido entregues e os termos do tratado terem sido cumpridos, antes mesmo desta missiva, vós e vossas famílias já teríeis sido destruídos e vossas casas transformadas em cinzas. Não digo que venhais a partir imediatamente, mas não deveis pensar em ficar aqui por mais uma estação, nem pensar em fazer plantações, pois no momento em que isto fizerdes, vossos inimigos cairão sobre vós... Quanto a vossos líderes, não penseis, sim, nem por um só momento deixeis entrar em vossas mentes o pensamento de que vos serão entregues, pois seu destino está determinado – sua morte é certa e seu fim está selado".[8]

Não havia mais qualquer esperança! Nem sequer foi permitido aos Santos a espera da primavera. As expulsões principiaram imediatamente, de forma que a maioria viu-se forçada a abandonar seus lares em meio à neve e ao frio invernal.

A prisão da maioria dos líderes da Igreja deixou a responsabilidade de dirigir os assuntos do povo nas mãos de Brigham Young e Heber C. Kimball. A admirável habilidade executiva de Brigham Young imediatamente se fez sentir. Sob a sua liderança a maior parte dos membros da Igreja fez solene convênio de que haveria de "ficar unida, ajudando-se uns aos outros no máximo possível durante a sua remoção deste estado, nunca desertando os pobres que fossem dignos, até se verem livres do alcance da ordem geral de extermínio do General Clark, que agia para, e em nome do estado".[9] Duzentos e oitenta homens assinaram tal convênio nos dois primeiros dias em que circulou. Uma mais bela expressão de amor fraterno e afeição nunca foi demonstrada, nem tão completamente posta em ação.

Foi pedida a ajuda de não-mórmons, que se prontificaram a dá-la generosamente. Homens foram enviados até às margens do Rio Missouri, onde deveriam fazer esconderijos para o milho a ser usado pelos Santos enquanto em sua jornada para fora do estado. Tais homens deveriam também arranjar balsas e outras coisas necessárias.

A grande atividade de Brigham Young levantou os ânimos dos inimigos da Igreja, vendo-se ele forçado a fugir para salvar sua vida, antes mesmo do início do êxodo geral dos Santos. No entanto, os comitês tinham sido tão bem organizados, que o trabalho de remoção continuou avante, de maneira ordenada. Uma longa fila de carroções cobertos logo trafegava em direção leste, atravessando novamente as grandes distâncias pelas quais tinham passado apenas alguns poucos anos antes. Foi uma penalizante procissão dirigida por Heber C. Kimball e John Taylor.

Em **"History of Caldwell County"**, de Crosby Johnson, um não-mórmon, encontramos esta descrição do êxodo:

"A capitulação ocorreu em novembro. Os dias eram frios e escuros, mas o clamor para a imediata remoção dos mórmons era tão grande, que tanto os velhos como os jovens, os enfermos e fracos, as delicadas mulheres e os bebês recém-nascidos, quase que sem alimento e sem roupa, viram-se compelidos a abandonar o calor de seus lares à procura de um novo lugar, num estado distante. Fazendas valiosas foram vendidas por uma junta de bois, por um velho carroção ou qualquer coisa que lhes fornecesse meio de transporte. Muitos dentre as classes mais pobres viram-se compelidos a caminhar. Antes do término de metade de sua jornada os sopros gélidos do inverno os cercaram, aumentando seu desconforto geral".[10]

8. **History of the Church,** Período I, Vol. 3, pp. 203-204.

9. **History of the Church,** Período 1, Vol. 3, pp. 249-250.

10. Crosby Johnson, **History of Caldwell County.**

Brigham Young, com umas poucas famílias, tinha-se dirigido a Illinois, onde foi encorajado a ficar pelos habitantes de Quincy, e a acampar seu povo naquela vizinhança. Lá pelo dia vinte de abril quase todos os Santos, entre doze a quinze mil, tinham abandonado o Missouri, encontrando refúgio temporário tanto no estado de Illinois como no de Iowa.

Estavam realmente em condições de causar pena. Milhares acamparam às margens do Mississippi, em ambos os lados de Iowa e Illinois, morando em tendas ou cabanas, dormindo no chão e subsistindo quase exclusivamente de milho. As enfermidades, devido a tudo isto, aumentaram enormemente. Praticamente tudo o que o povo possuía tinha sido deixado para trás. Suas propriedades, num valor estimado em dois milhões de dólares, caíram nas mãos de seus inimigos.

Pedidos de indenização foram enviados ao governador de Missouri, e à legislatura do estado. Ninguém fez qualquer movimento para aliviar o povo aflito; votou-se entretanto, pelo pagamento de 200.000 dólares, como cobertura das despesas da milícia estadual na peleja mórmon.

Nem todos os Santos se mudaram de Missouri. As contínuas perseguições e o desapontamento, causado pelo fracasso do estabelecimento de Sião, destruíram a fé de muitos. Alguns destes chegaram mesmo a nutrir amargo ressentimento contra o Profeta e a Igreja, juntando-se às forças dos perseguidores,. Outros, embora permanecendo amigáveis, quebraram suas afiliações com os líderes da Igreja e se recusaram a continuar padecendo por causa do Evangelho. Tais pessoas geralmente se viram livres de serem molestadas pelos antigos colonizadores. Entre aqueles que se tornaram desafetos então estava David Whitmer, que foi excomungado, juntamente com Oliver Cowdery, durante a apostasia de 1837; esta apostasia espalhou-se até mesmo ao Missouri. Martin Harris foi também excomungado e por algum tempo apoiou as acusações de James J. Strang.(1813-1856) um apóstata, fundador da seita dos Strangitas.

Os líderes da Igreja na Prisão

Enquanto as turbas atacavam os Santos em Far West, expulsando-os do estado, os líderes da Igreja, que tinham sido aprisionados, passaram por muitas e amargas experiências. Como já foi explicado, eles foram levados pelo General Wilson a Independence, desfilando diante da população. De Independence foram levados a Richmond, onde foram acorrentados. Ali sofreram muito com o frio intenso que fazia e com os abusos por parte dos guardas. Parley P. Pratt nos dá uma descrição gráfica de uma cena passada na prisão de Richmond:

"Numa destas tediosas noites permanecemos como se estivéssemos adormecidos até depois da meia-noite, cansados de ouvir as palavras obscenas, os horríveis juramentos, as temerosas blasfêmias e a linguagem suja de nossos guardas, tendo à cabeça o Coronel Price; eles recontavam uns aos outros seus atos de pilhagem, assassínio, roubo etc., cometidos entre os mórmons enquanto em Far West e em suas vizinhanças. Até mesmo se gabaram de desonrarem a força esposas, filhas e virgens, de atirar ou estourar os miolos de homens, mulheres e crianças. Eu ouvi tudo isto até tornar-me tão desgostoso, tão chocado e horrorizado, e tão cheio de espírito de indignação, que mal podia refrear-me de levantar-me e repreender os guardas; porém, nada disse a Joseph ou a qualquer outro, embora eu estivesse ao seu lado e soubesse que estava acordado. Subitamente ele se levantou e falou, com uma voz de trovão, ou como o rugir de leão, pronunciando, de acordo com o que posso lembrar, mais ou menos as seguintes palavras:

"Silêncio, ó filhos do inferno! Em nome de Jesus Cristo eu ordeno que fiqueis quietos, pois não viverei mais um só minuto ouvindo tal linguagem. Cessai de falar ou vós ou eu haveremos de morrer neste instante!"

"Ele parou de falar, mas permaneceu ereto, em terrível majestade. Acorrentado sem arma alguma; calmo, sereno e digno como um anjo, ele olhava para os guardas, que, tremendo de medo abaixaram suas armas ou deixaram-nas cair ao solo; seus joelhos tremiam e, encolhendo-se a um canto ou se arrastando aos pés de Joseph, imploraram seu perdão, permanecendo calados até a troca de guardas".

"Eu já vi ministros da justiça, vestidos em suas roupas magistrais, tendo à sua frente criminosos cujas vidas estavam suspensas por um fio, nas cortes da Inglaterra; já testemunhei um congresso em sessão solene, expedindo leis às nações;

tentei imaginar reis, com suas cortes, tronos e coroas, bem como imperadores reunidos para decidir o destino de seus reinos, mas, dignidade e majestade eu só vi uma vez, e isto num personagem acorrentado, à meia-noite, numa cela de uma obscura vila de Missouri".[11]

Durante a longa estada na prisão, Sidney Rigdon sofreu consideravelmente. Ele se encontrava doente quando aprisionado e as privações da prisão dia a dia exterminavam sua saúde. Sua filha, a Sra. Robinson, recebeu permissão de acompanhá-lo na prisão, onde permaneceu, servindo-lhe de enfermeira até fazê-lo recobrar a saúde.

Os Julgamentos Preliminares

Na terça-feira do dia 10 de novembro, eles foram apresentados diante da Corte de Richmond, tendo por juiz Austin A. King. Um grande número de Santos que tinham sido igualmente aprisionados foi julgado neste mesmo tempo. O julgamento durou duas semanas e, ao chegar ao fim, pôs em liberdade todos os prisioneiros, além dos originais, já que nada podia ser encontrado contra eles.

Joseph Smith, Lyman Wight, Caleb Baldwin, Hyrum Smith, Alexander McRae e Sidney Rigdon foram enviados para a prisão de Liberty, Condado de Clay, a fim de esperarem julgamento por traição e assassínio. Parley P. Pratt, Morris Phelps, Lyman Gibbs, Darwin Chase e Norman Shearer foram colocados na prisão de Richmond, a fim de serem julgados pelos mesmos crimes.

As investigações feitas contra Joseph e seus companheiros diante dos júris foram baseadas no testemunho de apóstatas. Entre eles estavam Dr. Sampson Avard, John Corril, W. W. Phelps, George M. Hinkle e John Whitmer, todos, anteriormente, membros preeminentes na Igreja em Missouri.

Dr. Avard acusou os Santos de haverem organizado um bando denominado "A Filha de Sião", mais tarde denominado "O Bando Danita", tendo a desforra por propósito. Joseph Smith foi acusado de ser o principal instigador. Tal bando de fato existiu, como os historiadores o afirmam, mas, Joseph Smith nunca teve algo que ver com ele, pois até mesmo fez acusação contra os seus participantes ao se tornar cônscio de sua existência, como já foi igual e categoricamente confirmado pelos mesmos historiadores, que posteriormente afirmaram ter sido o próprio Dr. Avard o autor de tal organização, sendo expulso da Igreja ao ser descoberta a sua culpa. Tal organização tinha por propósito saquear e matar os inimigos dos Santos e era contrária ao espírito da Igreja. Joseph Smith escreveu a seu povo: "Não deixeis que, de agora em diante, por engano ou não, se venha a confundir a organização da Igreja, cujos propósitos são o bem e a retidão, com a organização dos 'Danitas', do apóstata Avard".[12]

A despeito da falta de evidências contra Joseph Smith e os outros líderes da Igreja, e a despeito dos esforços de seus advogados, Gen. Alexander A. Doniphan e Amos Reese, para soltá-los, seu aprisionamento continuou a se arrastar por todo o inverno, até a chegada do verão.

Conselhos Enviados da Prisão

Da cela de sua prisão, em Liberty, o Profeta mantinha correspondência com a Igreja, correspondência esta que nos proporciona um grande conhecimento da natureza deste homem. Algumas das mais belas passagens da literatura mórmon vieram de sua pena durante aquele tempo.[13]

Da prisão de Liberty, o Profeta, através de suas palavras de conselho e encorajamento, conservou viva a fé e a esperança na Igreja. Uma de suas características era que sua mente não se demorava por muito tempo nas aflições do momento, tornando sempre em direção a um futuro glorioso. Tão abundante otimismo penetrou também nos corações da grande maioria dos membros da Igreja, de forma a fazer com que deles dissessem o seguinte os historiadores.

"Suas dificuldades e sofrimentos ao invés de

11. **Parley P. Pratt, Autobiography,** pp. 210-211. Ver também **History of the Church,** Vol. III, p. 208.
pp. 178-182.
pp. 178-182.

12. **History of the Church,** Período 1, Vol. 3, pp. 178-181. 82.
13. (Nota) As partes mais interessantes de tais escritos estão presentemente publicadas no livro **Doutrina e Convênios,** Seção 121-122.

diminuírem o seu ardor, aumentaram-no tremendamente. 'O Sangue dos mártires se tornou a semente da Igreja'".[14]

Para um povo que tinha todas as razões para se tornar intolerante e enraivecido, ele aconselhou o amor e a tolerância.

"Devemos sempre estar cientes dos preconceitos que algumas vezes tão estranhamente se apresentam e são tão comuns à natureza humana; preconceitos estes possuídos por nós contra nossos amigos, vizinhos e irmãos do mundo, que diferem de nós em suas opiniões e em assuntos de fé. Nossa religião está entre nós e nosso Deus. A religião deles está entre eles e seu Deus. Existe um amor vindo de Deus que deve ser exercitado por todos aqueles de nossa fé que andam retamente, amor este bastante peculiar e sem preconceitos, que nos abre nossas mentes, capacitando-nos a conduzir-nos mais livremente entre aqueles que não são de nossa fé, do que eles próprios o fariam".[15]

Joseph Escapa

Em abril os prisioneiros, que estavam em Liberty, foram removidos, primeiramente para o Condado de Daviess e mais tarde para o Condado de Boone, para um julgamento preliminar. Enquanto em direção a este último lugar, foi-lhes sugerido que seria do agrado das autoridades a sua fuga. Os guardas permitiram-lhes a compra de dois cavalos e, na noite planejada para o escape, os guardas convenientemente adormeceram, com a exceção de um deles, que os ajudou a montar em seus cavalos e fugir. Eles eventualmente encontraram o caminho que os conduziria para fora do estado e se reuniram a seus amigos, em Illinois.

Embora a fuga tenha sido bem recebida então, foi-lhes uma fonte de embaraço mais tarde. Seu julgamento estava às portas e, sendo inocentes, acusação alguma poderia ser sustentada contra eles, que certamente seriam libertados. Devido à fuga, foram considerados fugitivos da justiça e sua próxima prisão poderia ser feita tão logo qualquer acusação contra eles pudesse ser comprovada. Tais acusações foram mais tarde feitas, pelo estado de Illinois.

Aos líderes presos em Richmond tais oportunidades não foram dadas; no entanto, eles planejaram uma fuga e conseguiram levá-la a cabo com sucesso durante a celebração de Quatro de Julho de 1839 (Dia da Independência Norte-Americana). Eventualmente tais líderes conseguiram fugir também de Missouri e se reuniram a seus entes queridos numa nova terra.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 3, pp. 183-186. (Joseph Young narra a história do massacre feito em Haun's Mill).

2. **Ibid.,** Vol. 3, pp. 238-240. (O caso dos Santos diante da legislatura).

3. **Ibid.,** Vol. 3, pp. 256-259. (Cartas de Alexander McRae a **Deseret News**).

4. Pratt. P.P., **Autobiography,** pp. 186-187. (Os líderes são aprisionados). p. 188. (Os prisioneiros partem com amigos).

5. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 200-204. (Expulsão final dos Santos de Missouri e suas súplicas vãs por justiça).

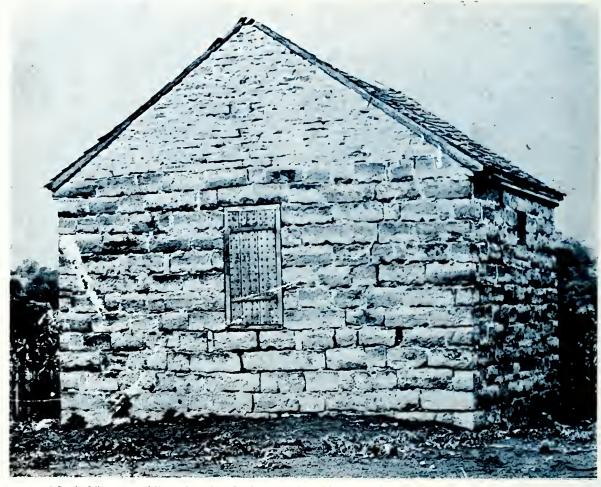
6. **Ibid.,** p. 208. (O Profeta repreende os guardas).

7. Cowley, **Wilford Woodruff,** p. 103. (Um sobrevivente do massacre em Haun's Mill. Apesar de atingido diversas vezes por tiros sobrevive).

8. Roberts, B.H., **Joseph Smith, the Prophet-Teacher,** pp. 68-73. (Joseph Smith ensinou que a Constituição dos Estados Unidos foi inspirada por Deus).

9. Evans, J.H., **Joseph Smith, An American Prophet,** pp. 139-142. (Sua admirável majestade, mesmo acorrentado).

---

14. Crosby Johnson, **History of Caldwell County.**
15. Carta enviada da prisão de Liberty, datada de 25 de março de 1839. **History of the Church,** Período I, Vol. 3, p. 304.

A prisão de Liberty, em Missouri, onde o Profeta Joseph Smith passou diversos meses, como prisioneiro, durante o inverno de 1838-39.

10. **Ibid.,** Cap. VI pp. 127-139. (A expulsão dos Santos de Missouri).

11. Smith, L., **Joseph Smith the Prophet,** pp. 300-312. (A mãe de Joseph e Hyrum os vê escapar da prisão em sonho, e anuncia sua volta).

12. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 238-241. (Os líderes da Igreja se entregam, a fim de preservar a paz, mas são condenados a fuzilamento. General Doniphan se recusa a cumprir a ordem de fuzilamento, salvando suas vidas).

13. **Ibid.,** pp. 233-236. (O massacre de Haun's Mill serve como exemplo dos extremos a que podem chegar as pessoas dominadas pelo espírito de contenda).

14. **Doutrina e Convênios,** Seções 121:122.

CAPÍTULO 19

UMA FÉ MAIS FIRME QUE O AÇO

"Buscai Primeiramente o Reino de Deus"

No início do verão de 1839, um homem atravessou um terreno pantanoso situado a oeste de Illinois. O pântano se achava coberto de mato e esparsas árvores. Rodeando-o por três lados, num formato de gigantesca ferradura, rolavam as lamacentas águas do Mississippi.

A terra estava praticamente deserta. A não ser por uma vila de meia dúzia de casas de pedra e de toras, situadas perto das margens do rio, zombeteiramente designadas com o nome de "Commerce" poder-se-iam contar nos dedos as habitações existentes num raio de muitos quilômetros. Bandos de mosquitos, dos que hoje são conhecidos como transmissores da malária, voavam por toda a parte. O lugar era insalubre, evitado por cavaleiros e viandantes.

O homem acima referido era um fugitivo da perseguição, um prisioneiro fugitivo do estado de Missouri. Via-se curvado e pálido em conseqüência do longo tempo que passou encarcerado. Não tinha um centavo nos bolsos. Seu povo — aqueles que o chamavam "Profeta" e que tinham seguido sua liderança durante nove momentosos anos, se encontrava em situação tão penosa quanto a sua. Jaziam, doze mil deles, em miseráveis acampamentos, situados em ambas as margens do Mississippi e nas vizinhanças de Quincy, vivendo em tendas e cabanas, alguns sem qualquer abrigo, ao ar livre. Sem lares, sem conforto algum, sem alimentação suficiente ou campo para produzi-la. Com as doenças aumentando assustadoramente e o enfraquecimento físico batendo em cada porta. Um povo expulso, desprezado, repudiado.

Este pântano infestado de mosquitos, presentemente atravessado pelo Profeta, acabava de ser comprado, como local de construção de suas casas. Esta terra desprezada por todos deveria ser o lugar de habitação de um povo igualmente desprezado. Terras mais atraentes poderiam ser compradas, em Iowa — com dinheiro, naturalmente — mas, os Santos não tinham dinheiro. Os proprietários desta terra sentiam-se felizes até mesmo com o recebimento de notas promissórias, pagáveis num certo período de anos.

A pobreza forçou a colonização deste lugar — a pobreza e a visão de um Grande Homem.

Pouco mais que duas semanas se haviam passado desde que Joseph Smith tinha cruzado o Mississippi em direção a Illinois, a fim de escapar de posteriores aprisionamentos. Estas duas semanas, porém, foram repletas de atividade. No dia 24 de abril, o segundo dia desde sua chegada, ele já tinha principiado, juntamente com Newel Knight e Alanson Ripley, a procurar um local para uma nova reunião dos Santos.

A compra foi feita. Uma soma total de 14.000 dólares em notas promissórias foi paga ao Dr. Isaac Galland e a Hugh White pelas áreas iniciais de terra.

O povo disperso subitamente tinha um novo objetivo, um novo lugar de reunião e um Profeta por líder.

Como uma de suas características o Profeta nomeou o lugar de acordo com os seus futuros desejos. Não lhe deu um nome de acordo com o que era, mas com o que, com a fé e o labor humano, a região haveria de se tornar — "Nauvoo, a Bela".

No dia 10 de maio, Joseph se mudou

com sua família para uma pequena cabana situada às margens do rio, um quilômetro e meio ao sul de Commerce. Seguindo o exemplo do Profeta, os Santos, durante o verão, principiaram a se estabelecer no lugar em grandes números, sendo-lhes concedidas terras de acordo com suas necessidades. Um grande grupo permaneceu na margem oposta do rio, em Montrose. Aqueles que anteriormente se haviam dirigido a Quincy principiaram a se reunir em Nauvoo.

Curas Milagrosas

Muitas eram as enfermidades, com a terrível malária baixando seu pesado braço sobre o povo enfraquecido. O lar do Presidente Smith se achava lotado de enfermos. Muitos dos recém-chegados acamparam às portas de sua cabana, em tendas. Ao cuidar destes, o próprio Joseph viu-se contaminado.

Quanto aos eventos então ocorridos Wilford Woodruff, então lá presente, escreveu:

"Depois de confinado à sua casa por diversos dias, e enquanto meditando sobre sua situação, ele viu-se possuído do grande desejo de desempenhar-se dos deveres referentes ao seu cargo. Na manhã do dia 22 de julho de 1839 ele se levantou de sua cama e principiou a administrar aos enfermos em sua própria casa ou no quintal da mesma, ordenando-lhes em nome do Senhor Jesus Cristo, que se levantassem e ficassem sãos; e os enfermos que o rodeavam ficaram todos curados.

Muitos jaziam doentes ao longo das margens do rio; Joseph dirigiu-se rio acima, em direção à casa de pedra ocupada por Sidney Rigdon, curando todos os enfermos que encontrou pelo caminho. Entre estes estava Henry G. Sherwood, cuja vida já se aproximava do fim. Joseph permaneceu na porta de sua tenda e ordenou-lhe, em nome de Jesus Cristo, que se levantasse e viesse para fora, ao que ele obedeceu, ficando curado. Irmão Benjamin Brown e sua família também se encontravam enfermos, sendo que o primeiro parecia estar às portas da morte. Joseph curou-os em nome do Senhor. Depois de curar todos os que jaziam às margens do rio, por ele encontrados durante o caminho que o conduziu à casa de Sidney Rigdon, pediu a Élder Kimball e a alguns outros que o acompanhassem até o outro lado do rio, a fim de visitar os enfermos de Montrose. Muitos dos Santos estavam vivendo nas velhas barracas militares. Entre estes se encontravam diversos dos Doze. Ao lá chegar, a primeira casa que visitou foi aquela ocupada por Élder Brigham Young, o presidente do quorum dos Doze, que também se encontrava enfermo. Joseph curou-o, após o que ele se levantou e acompanhou o Profeta em suas visitas a outros que se encontravam nas mesmas condições. Visitaram Élder Wilford Woodruff, bem como Élderes Orson Pratt e John Taylor, que também se levantaram e os acompanharam".[1]

A fé admirável do Profeta no destino de seu povo fez com que o mesmo se esquecesse de sua pobreza, de seus lares miseráveis e de suas amargas experiências. **A fé é mais forte que o aço.** Enquanto tal fé existisse nos corações dos Santos, Sião não poderia ser destruída.

Este povo que jazia às margens do Mississippi, que, como Jesus de Nazaré, não tinha sequer um lugar para descansar sua cabeça, estava mais próximo de Sião que nunca. Seus dilacerantes problemas tinham limpado seus corações de todos os desejos sórdidos. Aqueles que não eram puros de coração inconscientemente ficaram para trás. Pela primeira vez começou a entrar nas mentes dos membros da Igreja que um "Povo de Sião" era infinitamente mais importante que um "Lugar de Sião", pois sem tal povo lugar algum na face da terra poderia se conservar santificado.

Embora a Igreja parecesse, ao observador casual, completamente destituída de suas forças, nunca antes esteve ela mais forte. A fé deste povo, sua lealdade ao Profeta e o zelo missionário que o dominava, nunca tiveram paralelo na história do mundo. Esta profunda e permanente força haveria de transformar um pântano, numa grande cidade; casas miseráveis em lares esplêndidos; um povo em estado de miséria, nos mais prósperos cidadãos de Illinois. Tal zelo missionário haveria de levar o evangelho a muitas terras, aumentando em dobro o número dos membros da Igreja. E tudo isto no curtíssimo período de cinco anos!

---

1. Wilford Woodruff, **Leaves from My Journal.** Ver também, Parley P. Pratt, **Autobiography.** pp. 293-294.

Que programa! E que realizações! Um povo despido de todas as possessões terrenas — dinheiro, lares, fábricas, terras — construiu em cinco curtos anos, uma cidade-estado, que era a inveja das comunidades há muito mais tempo colonizadas."

Há dois mil anos Jesus de Nazaré disse: "Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas."

Um Grande Zelo Missionário Toma Posse da Igreja

É uma das características da Igreja o fato de seus maiores esforços missionários terem-se iniciado em suas mais obscuras horas. Vimos uma grande expansão das atividades missionárias durante a apostasia de 1837, levando o Evangelho à Inglaterra. Testemunhamos outra grande expansão nas amargas horas que se seguiram à expulsão de Missouri. Testemunharemos ainda outra, em seguimento ao grande êxodo em direção a Utah. Despidas dos tesouros terrenos, as mentes humanas ficam mais sensitivas à eterna natureza dos valores espirituais e prontamente respondem ao chamado do Espírito.

Este zelo missionário em 1838 fez-se sentir principalmente entre os líderes e viu-se especialmente manifesto em espírito entre os Doze.

No dia 26 de abril deste mesmo ano os Doze Apóstolos, ou aqueles dentre eles que não se encontravam nas prisões de Missouri, voltaram à cidade de Far West, da qual tinham anteriormente fugido. Lá chegaram de madrugada, reunindo-se no terreno do templo, onde passaram à solução dos problemas do quorum.

No outono de 1838 seu Profeta lhes havia dado, através de revelação, a Palavra do Senhor de que naquela data os Doze Apóstolos haveriam de partir daquele lugar para missões ao mundo.

Depois de tal profecia, haviam sido expulsos de Far West, com o juramento por parte de seus inimigos de que esta seria uma das profecias do "Velho Joe Smith" que nunca haveria de se cumprir.

A missão dos Doze, iniciada em Far West, viu-se atrasada, devido à condição dos Santos em Montrose e Commerce, mas o espírito missionário não morreu. De princípios de agosto a fins de novembro a maioria já se tinha despedido de seus entes queridos e principiado a jornada de 8.000 quilômetros em direção à Inglaterra.

Nunca missionário algum iniciou seu trabalho sob condições dignas de maior comiseração. Sem dinheiro algum, com uma quantidade exígua de roupa extra, e deixando suas famílias em equivalente condição. A única segurança que tinham era a promessa dos vizinhos, igualmente pobres, de que haveriam de cuidar de seus entes queridos.

O primeiro a iniciar foi Wilford Woodruff. A princípios de agosto ele se levantou de sua cama de enfermo em Montrose, Iowa, na outra margem do rio Mississippi, o qual atravessou numa canoa remada por Brigham Young.

Ao alcançar a praia estava tão fraco que se viu sem forças para dar um passo. Joseph Smith viu-o neste instante e disse: "Bem, Irmão Woodruff, já iniciaste tua missão."

"Sim, mas eu me sinto e pareço mais alguém pronto para ser dissecado que um missionário", foi a resposta.

"Por que dizes isto?" respondeu Joseph. "Levanta-te e vai, pois tudo irá bem contigo."

Wilford Woodruff se levantou e, reunindo-se a Élder John Taylor, principiou sua jornada ao longo das margens do rio, em direção ao norte. Estavam a caminho da Missão Britânica. Passaram por Parley P. Pratt que, desnudo até a cintura, descalço e barbado, cortava toras para uma cabana. Pratt deu-lhes uma bolsa, porém, sem nada dentro. Élder Heber C. Kimball então se aproximou e disse: "Já que irmão Parley lhes

deu uma bolsa, dar-lhes-ei um dólar para nela colocar".

Os outros apóstolos logo os seguiram, sob circunstâncias similares. No diário escrito por Heber C. Kimball encontramos o seguinte:

"No dia 14 de setembro o presidente Brigham Young deixou seu lar em Montrose, a fim de principiar sua missão à Inglaterra. Estava tão doente que não tinha forças para chegar até o Mississippi, uma distância de 150 metros, sem ajuda. Depois de ter cruzado o rio ele cavalgou na garupa de um cavalo de Israel Barlow até minha casa, onde continuou enfermo, até o dia 18. Deixou sua esposa com um filhinho de apenas três semanas de idade, e com todos os outros filhos doentes e incapazes de se ajudarem uns aos outros. Nenhum deles podia nem mesmo ir até o poço para tirar um balde de água, nem tinha mais que uma muda de roupa para vestir, pois as turbas de Missouri haviam tirado quase tudo o que tinham. No dia 17, irmã Mary Ann Young pediu a um rapaz que a levasse em sua carroça até minha casa, a fim de que ela pudesse servir de enfermeira e confortar irmão Brigham até a hora da partida.

"No dia 18 de setembro, Charles Hubbard enviou seu filho com uma carroça e uma parelha de cavalos à minha casa; nossos pertences foram colocados na carroça por alguns irmãos; eu fui até minha cama e troquei um aperto de mãos com minha esposa, que então estava deitada com um resfriado que a fazia tremer, tendo dois de nossos filhos deitados a seu lado, também enfermos; abracei-a, bem como a meus filhos, e deles me despedi. Meu único filho que estava bem de saúde era o pequeno Heber, e era com dificuldade que ele era capaz de, de vez em quando, carregar um balde de água para dentro de casa, a fim de ajudar a matar a sede dos outros.

"Foi com dificuldade que subimos na carroça e principiamos a descida do monte, numa distância de cinqüenta metros; parecia-me queimar até o mais íntimo de meu ser, só ao pensar em deixar minha família em tais condições, ou seja como se estivessem quase nos braços da morte. Senti mesmo que não poderia ir adiante; no entanto, pedi ao rapaz que tocava os cavalos que parasse e disse a irmão Brigham: Isto é muito duro de suportar, não é? Levantemo-nos e procuremos alegrá-las. Levantamo-nos e, agitando nossos chapéus por três vezes sobre nossas cabeças gritamos: "Hurra, hurra a Israel". Vilate ao ouvir o barulho, levantou-se de sua cama e veio até a porta, com um sorriso em seus lábios. Ela e Mary Ann Young gritaram de volta: Adeus e que Deus vos abençoe. Retribuímos o cumprimento e então demos ordem para que se continuasse a viagem. Depois disto eu senti um espírito de alegria e gratidão, pois havia tido a satisfação de ver minha esposa em pé, ao invés de imaginá-la na cama e sabedor de que não poderia ver meus entes queridos novamente por uns dois ou três anos".[2]

Infelizmente, não podemos seguir estes missionários, conhecer de perto suas dificuldades e problemas ao alcançar a cidade de Nova Iorque e ao procurarem embarcar para a Inglaterra. O leitor de seus diários se maravilha com seu admirável espírito e capacidade de viajar sem "bolsa ou alforje".

Sucesso na Inglaterra

O sucesso destes missionários na Inglaterra nos lembra as admiráveis conversões feitas por Paulo na Igreja antiga, quando em missão ao mundo grego.

Um exemplo típico deste poder de conversão é ilustrado neste relato, tirado do diário de Wilford Woodruff. Élder Woodruff tinha organizado uma reunião na casa de irmão Benbow, a quem havia previamente batizado. Disse ele:

"Quando me levantei para falar, na casa de irmão Benbow, entrou um homem e informou-me ser um oficial de justiça enviado pelo reitor da paróquia com pedido de prisão contra mim. Perguntei-lhe: "Qual o meu crime? Ele me respondeu: 'Pregação ao povo'. Disse-lhe então que eu, assim como o reitor tinha licença para tal, e que, se ele tivesse a bondade de se sentar, eu haveria de atendê-lo após a reunião. Ele pegou a minha cadeira e sentou-se a meu lado. Durante uma hora e um quarto preguei os primeiros princípios do evangelho eterno. O poder de Deus estava sobre mim. Seu espírito enchia a casa e o povo foi convencido. No fim da reunião convidei os presentes para o batismo e sete pessoas se ofereceram para serem batizadas. Entre estes estavam quatro ministros e o oficial de justiça. O último levantou-se e disse: 'Sr. Woodruff, eu gostaria de ser batizado".

Os batismos foram efetuados. Assim continua o diário:

"O oficial de justiça procurou o reitor e disse-lhe que, se queria o Sr. Woodruff preso, teria que ir prendê-lo ele mesmo, pois ele o tinha ouvido pregar o único sermão verdadeiro jamais ouvido em toda sua vida. O reitor ficou sem saber o que fazer, portanto, enviou dois secretários da Igreja da Inglaterra como espiões, a fim de assistirem às nossas reuniões e descobrir o

---

2. Whitney, **Life of Heber C. Kimball**, pp. 275-276.

que pregávamos. Ambos viram-se tocados em seus corações, receberam a palavra do Senhor e com alegria foram batizados e confirmados como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O reitor se alarmou e não enviou mais ninguém".[3]

Uma tentativa, por parte dos ministros e reitores, no sul da Inglaterra, de conseguir, através do Parlamento, que fosse proibida aos mórmons a pregação do Evangelho nos domínios britânicos, falhou. Em sua petição, eles declararam que um só missionário mórmon tinha batizado mil e quinhentas pessoas, a maioria membros da Igreja da Inglaterra, num período de sete meses. Isto, sem dúvida, fazia referência a Wilford Woodruff e dificilmente poderia ser chamado de exagero.

Em seu diário ele nos dá uma sinopse de seus labores, duplicados por muitos outros missionários. Ocorreram no Sul da Inglaterra, tão-somente no ano de 1840, todos esses acontecimentos:

"Viajei 7.195 quilômetros, realizei 230 reuniões, estabeleci 53 lugares de pregação e organizei 47 ramos... 336 pessoas foram batizadas por minhas próprias mãos; no batismo de outras 86 eu ajudei. Batizei 57 ministros, a maioria deles ligados à seita Irmãos Unidos, bem como dois secretários da Igreja da Inglaterra".[4]

Em 1841, uma ameaça de guerra entre os Estados Unidos e a Inglaterra fez com que a maioria dos irmãos fosse chamada de volta para Nauvoo.

Parley P. Pratt permaneceu encarregado das publicações da Igreja na Inglaterra, a principal das quais era denominada **"Millenial Star"**.

O grande sucesso da missão britânica logo se fez sentir na Igreja. Os conversos se viram imbuídos do espírito de coligação e desejosos de ir ao local central de congregação, na América. O primeiro grupo embarcou num navio saído de Liverpool, Inglaterra, no dia 26 de junho de 1840. Foi este o início de um movimento de imigração de tal grandeza que a Igreja na América se tornou predominantemente inglesa durante os próximos cinqüenta anos.

A rapidez deste movimento, que aumentou grandemente a população de Nauvoo, pode ser imaginada através de uma citação contida em **Autobiography of Parley P. Pratt,** concernente ao movimento de um mês em particular:

"De meados de setembro (1842) até o dia em que embarquei, em outubro, três navios foram por mim reservados e repletos de Santos imigrantes, com destino a New Orleans; como sejam:

"O **Sidney,** com cento e oitenta almas; o **Medford,** com duzentas e quatorze almas; e o **Henry,** com cento e cinqüenta e sete.

"A seguir reservei o **Emerald**, no qual coloquei cerca de duzentos e cinqüenta passageiros, incluindo eu mesmo e minha família".[5]

A jornada ordinariamente levava cerca de três meses; dez semanas até New Orleans e de 7 a 14 dias a vapor, subindo o Mississippi, até Nauvoo.

A "Metrópole mórmon" era de agradável visão a estes cansados viajores, cuja adaptação à nova sociedade num novo mundo foi uma realização incomum.

Na ausência dos Doze, mudanças tremendas tinham ocorrido em Nauvoo. Parley P. Pratt assim se expressou quando de sua volta, no dia 4 de fevereiro de 1843: "Fiquei atônito ao ver uma cidade tão grande, criada durante minha ausência, e senti-me regozijar".[6]

A Palestina é Dedicada para a Volta dos Judeus

Outra missão de grande significado principiou no verão de 1840.

Por dezoito séculos o povo judeu havia vivido espalhado por todo o mundo, expulso de sua terra natal, a Palestina. Doze milhões deles se congregavam principalmente nas grandes cidades. Seus sentimentos para com Jesus de Nazaré não eram nada aprazíveis. Eles não haviam encontrado a oportunidade de restabelecer sua nação e já tinham

3. Cowley, **Wilford Woodruff** (diário), p. 118.
4. Cowley, **Wilford Woodruff** (diário), p. 134.
5. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 325.
6. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 328.

desistido de quase todas as esperanças práticas de fazê-lo.

Os apóstolos Orson Hyde e John E. Page foram chamados por revelação para levar o Evangelho a estes povos - para conversar com seus líderes em "Londres, Amsterdam, Constantinopla e Jerusalém", a fim de dedicar a Terra Santa para sua Volta.

Era um programa audacioso. Uma missão zombada por todos, menos pelo pequeno grupo de Santos de Nauvoo, Illinois. Muitos, mesmo dentre estes, a consideravam inútil. As próprias e repetidas profecias da **Bíblia** e do **Livro de Mórmon**, de que os judeus haveriam de se reunir nos últimos dias, tinham perdido o seu significado entre os homens.

Apóstolo Orson Hyde, que subiu ao Monte das Oliveiras no dia 24 de outubro de 1841 e dedicou a Palestina para a volta dos judeus.

Permissão da Utah Historical Society.

Orson Hyde, porém, tinha uma fé inquebrantável em sua missão. Até mesmo quando Élder Page o abandonou em Nova Iorque e se recusou a continuar avante com tal missão, Élder Hyde não hesitou. Empreendeu sozinho uma das jornadas missionárias mais longas, jamais empreendidas, com um total de mais de 30.000 quilômetros.

Obediente a seu chamado, visitou os líderes judeus nas principais cidades da Europa. Suas dificuldades foram muitas e não menos os perigos que correu. Atravessou nações em guerra e muito suportou a bordo.

Finalmente, entretanto, alcançou Jerusalém, na Palestina.

Numa manhã de domingo, no dia 24 de outubro de 1841, foi sozinho ao topo do Monte das Oliveiras e lá, solenemente, sem ser ouvido por ninguém a não ser Deus, dedicou aquela terra para a volta do povo judeu. Em sua belíssima oração lemos estas palavras:

"Permite, portanto, ó Pai, em nome do Teu bem-amado Filho, Jesus Cristo, que seja removida a esterilidade desta terra e que fontes de água viva jorrem para molhar seu solo sedento. Que as videiras e oliveiras produzam com toda sua força, e que a figueira floresça e produza. Permite que a terra se torne abundantemente frutífera, quando possuída por seus legítimos herdeiros; que floresça novamente em plenitude, a fim de poder alimentar os filhos pródigos que a ela voltem com um espírito de graça e súplica; deixa que sobre ela destilem as nuvens da virtude e da riqueza e que seus campos sorriam com abundância. Permite que os rebanhos aumentem muito e se multipliquem sobre as montanhas e colinas, e que a Tua grande bondade conquiste e subjugue a descrença do Teu povo. Tira deles seu coração de pedra e dá-lhes um coração de carne; e permite que o sol de Tua proteção desfaça a negra névoa que obscureceu sua atmosfera. Inclina-os a se reunirem nesta terra, de acordo com Tua palavra. Faze com que se reúnam como as nuvens ou como pombas às suas janelas. Permite que grandes navios os tragam das ilhas distantes, que reis se tornem seus pais afetuosos e que rainhas com afeto maternal enxuguem as lágrimas de dor de seus olhos. (Isaías 60:8).

"Tu, ó Senhor, certa vez fizeste com que se enternecesse o coração de Ciro, para com Jerusalém e seus filhos. Faze também agora, com que os corações dos reis e dos poderosos da terra se tornem amistosos para com este lugar, e desejosos de ver Teus Santos propósitos executados em relação a ele. Faze-os saber que é de Tua vontade restaurar o reino de Israel – levantar Jerusalém como sua capital e constituir seu povo numa nação distinta, com um governo

igualmente distinto, tendo por rei a Davi, teu servo, um descendente dos lombos do antigo Davi.

"Faze com que toda a nação ou povo que tomar parte ativa em favor dos filhos de Abraão no levantamento de Jerusalém seja favorecido a Teus olhos. Que seus inimigos sobre eles não prevaleçam novamente, nem que a peste ou inanição os venha a sobrepujar, mas, sim, que a glória de Israel os cubra e que os poderes do Altíssimo os protejam; enquanto que as nações ou reinos que não Te servirem nesta gloriosa obra pereçam, de acordo com Tua palavra – 'Sim tais nações serão completamente devastadas ".[7]

No Monte das Oliveiras, bem como sobre o Monte Moriah, em Jerusalém, Élder Hyde levantou altares de pedras, à moda dos antigos israelitas, como lembrança de sua oração. De Alexandria, no Egito, ele escreveu à revista dos Santos dos Últimos Dias, **Millennial Star,** publicada em Liverpool, Inglaterra, o seguinte:

"Foi por poderes e influências políticas que a nação judaica foi sobrepujada e seus membros dispersos; digo hoje que também por poderes e influências políticas ela haverá de se reunir e edificar e, ainda mais, digo que a Inglaterra está destinada, na sabedoria e economia dos céus, a estender seu braço de poder político e principiar as primeiras arrancadas desta gloriosa empresa".[8]

Estes fatos acontecidos na história da Igreja dão um significado peculiar aos eventos ocasionados na Palestina desde a I Guerra Mundial, bem como à mudança no modo de pensar da raça judaica para com Jesus de Nazaré.*

No dia 11 de dezembro de 1917, o General Allenby, do exército britânico, marchou com suas forças militares em direção à Cidade Santa de Jerusalém e tirou dos turcos o controle daquela terra. Logo após, Lord Balfour, então Secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, fez ao mundo um importante anúncio: A Inglaterra favoreceria a volta dos judeus à Palestina. Outras nações foram convidadas a prestar seu apoio a este movimento. A fim de mostrar sua boa fé, a Grã-Bretanha designou um judeu como governador e aceitou um mandato da Liga das Nações, referente à Palestina.

O movimento dos judeus à Palestina desde então tem sido contínuo, sendo que o número de imigrantes em apenas um ano freqüentemente excede ao de 50.000. Renovado interesse num velho sonho despertou entre o povo judeu do mundo. Fora estabelecido o estado independente de Israel. A oração de Orson Hyde está se tornando em realidade.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 4, pp. 3-5, (Wilford Woodruff relata curas feitas em Montrose).
2. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 2, pp. 12-13. Nota. (Razão por que os Santos foram bem-vindos a Illinois).
3. **Ibid.,** pp. 21-22. (Um dia de curas).
4. **Ibid.,** pp. 41-43. (A morte de Joseph Smith Sr. e de Don Carlos Smith).
5. Cannon, **Life of Joseph Smith,** pp. 302-304.
6. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 104-106. (Os enfermos de Commerce e Montrose são curados).
7. **Ibid.,** pp. 107-108. (Instruções de Joseph Smith aos apóstolos que partiam para a Inglaterra).
8. **Ibid.,** pp. 108-110. (Incidente relacionado à partida dos Doze).
9. **Ibid.,** pp. 117-118. (Conversões admiráveis na Inglaterra).
10. **Ibid.,** pp. 140-141. (Wilford Woodruff se despede dos amigos na Inglaterra).
11. Eliza S. Snow, **Biography and Family Record of Lorenzo Snow,** pp. 46-47. (A Missão Britânica presenteia a Rainha Vitória com um **Livro de Mórmon** – curas).
12. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 222-224. (Um dia de curas em Nauvoo e vizinhanças).

---

7. De uma carta de Orson Hyde a Parley P. Pratt, na Inglaterra, datada de 22 de novembro de 1841. Ver **History of the Church,** Período I, Vol. 4, pp. 454-459.
8. **Millennial Star,** edição de março de 1842.

* Fora estabelecido o estado independente de Israel.

13. **Ibid.,** pp. 227-230. (Conversão dos Irmãos Unidos, na Inglaterra).

14. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 165-167. (Boas novas da Inglaterra).

15. **Ibid.,** pp. 149-155. (Nauvoo, a Bela).

16. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 312-314. (A dedicação da Palestina, por Orson Hyde).

17. Wilford Woodruff, **Leaves From My Journal,** Cap. 19. (Cura em Montrose; Missão à Inglaterra).

UMA CIDADE-ESTADO SE DESENVOLVE NA AMÉRICA

Um Profeta Planeja Uma Cidade

A história do desenvolvimento de Nauvoo constitui um dos mais progressistas capítulos da história social. Um povo inspirado por uma grande fé não permanece por muito tempo na pobreza. Os pântanos foram logo drenados e, com o seu desaparecimento, sumiram também os mosquitos e a malfazeja malária. Os matos cederam lugar às hortas e jardins. Tendas e cabanas construídas às pressas foram substituídas por belas habitações.

Nauvoo não se desenvolveu na maneira costumeira das demais cidades. Primeiramente foi planejada na mente de seu fundador, antes de uma só pedra ter sido depositada ou um só poço cavado.

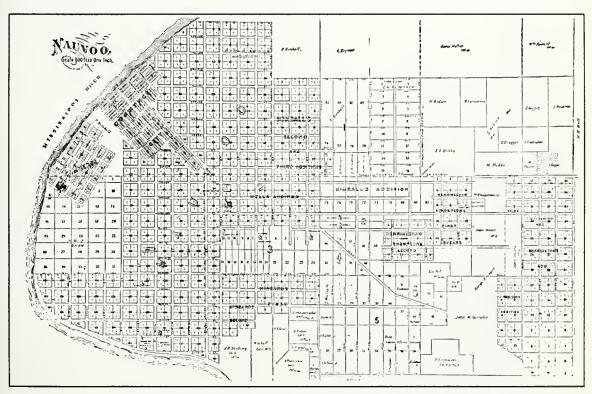
Já em 1833, o Profeta tinha recebido revelações concernentes à construção das cidades de Sião. Nesse mesmo ano ele enviou um plano para uma cidade igual em Independence, Missouri. As perseguições sofridas naquele estado tinham impedido até mesmo a execução parcial do plano.

Nauvoo oferecia a primeira e real oportunidade para mostrar o que o Profeta poderia conseguir na solução dos problemas da vida urbana. O planejamento da cidade estava dividido em três partes:

Construção Física

A cidade foi planejada com ruas de 40 metros de largura, cruzando-se em ân-

Mapa de Nauvoo, Illinois.

Permissão do Escritório do Historiador da Igreja.

gulos retos. Seções foram designadas para a construção dos edifícios públicos e centros recreativos. A construção de fábricas, estabelecimentos mercantis etc, tinha que obedecer a certas restrições. Nas seções residenciais, casas foram erigidas a uma distância uniforme da rua, todas providas na parte fronteira com gramados e plantas. Estruturas feias e disformes eram proibidas. O plano abraçava a maior parte dos padrões atualmente comuns no planejamento de cidades.

Nauvoo tornou-se o modelo para futuras cidades construídas pelos Santos nas Montanhas Rochosas. Salt Lake City serve de exemplo e é uma surpreendente revelação em matéria de planejamento urbano a todos aqueles que a visitam. O bem-estar material e a felicidade de seu povo foram sempre de máxima importância para o Profeta. A "Cidade de Joseph" era o reflexo de seu construtor.

Governo Político

As amargas lições do período passado em Missouri muito tiveram que ver com a organização do governo político da nova cidade. A fim de salvaguardar seu povo, Joseph Smith preparou para a nova cidade uma carta constitucional bastante incomum, apresentando-a à legislatura de Illinois para aprovação. Dela diz ele o seguinte:

"Eu planejei-a para a salvação da Igreja e com princípios amplos, de modo a permitir que todo homem honesto através dela possa viver seguro, sob sua protetora influência, sem distinção de seita ou partido".[1]

A carta constitucional provia amplos poderes legislativos, doados a um conselho que consistia de um prefeito, quatro vereadores e nove conselheiros, eleitos pelos eleitores qualificados da cidade.

Provia também a cidade de uma corte municipal, independente de qualquer outra corte, além da Corte Suprema do Estado e das Cortes Federais.

Provia a cidade de uma milícia, a ser conhecida por Legião de Nauvoo, equipada pelo estado e oficiada pelos cidadãos de Nauvoo.

Os muitos poderes enumerados e concedidos criaram praticamente uma cidade-estado. Dentro dos limites da cidade – e estes poderiam ser estendidos indefinidamente através do voto dos residentes na área a ser adicionada – ela era independente de todas as agências interventoras do estado. Somente se tal carta constitucional fosse repelida pelo legislativo estadual poderiam tais poderes ser cortados. Nenhuma outra municipalidade na América, antes ou desde então, gozou de tão completo controle de seus próprios assuntos. A carta constitucional era uma proteção para a Igreja contra saques, julgamentos ilegais e politicagem. Tivessem seus inimigos permitido que a cidade continuasse a existir e bem poderia ter-se tornado um modelo governamental na América.

Circunstâncias políticas ajudaram o povo de Nauvoo a fazer com que a carta constitucional fosse aprovada. Os Santos eram numerosos e os esparsos habitantes do estado, bem como os partidos políticos, procuravam obter sua amizade. O voto mórmon podia facilmente decidir uma eleição no estado. Até mesmo oponentes políticos, tais como Stephen A. Douglas e Abraão Lincoln, então membros da legislatura de Illinois, votaram pela sua aprovação.

Em dezembro de 1840, Nauvoo principiou sua existência oficial.

John C. Bennett, que havia entrado para a Igreja em Nauvoo, tinha sido lutador incansável na batalha da aprovação da carta constitucional. Por seu trabalho ele foi recompensado, sendo eleito o primeiro prefeito.

Os Santos abandonaram a tentativa de se isolarem daqueles de outra fé, como haviam feito em Missouri. De fato, povos de todas as denominações religiosas foram convidados a habitar com os Santos em Nauvoo. Numa proclamação feita pela Primeira Presidência lemos:

---

1. **History of the Church**, período 1, Vol. 4, p. 249.

"Desejamos igualmente que se compreenda claramente que não clamamos outros privilégios que não aqueles que possamos alegremente partilhar com nossos amigos, cidadãos de todas as denominações ou sentimentos religiosos; e, portanto, dizemos que, longe de nos restringirmos aos de nossa própria fé, permitimos que todos aqueles que desejarem se fixar neste lugar (Nauvoo) ou em suas vizinhanças, que venham e os receberemos como cidadãos e amigos, considerando não apenas um dever, mas um privilégio retribuir a bondade com que fomos recebidos pelo benevolente e generoso povo do Estado de Illinois".

A fim de manter este espírito, um dos primeiros atos do conselho da cidade foi o de passar uma lei protegendo seus habitantes na observação de suas diversas religiões.

Outra lei posterior proibia a venda de bebidas alcoólicas tornando Nauvoo praticamente uma cidade de proibições.

Facilidades Educacionais e Religiosas

Ao apresentar a carta constitucional proposta para Nauvoo, o Profeta tinha sido cuidadoso em incluir a garantia de poder organizar e controlar seu próprio sistema educacional. Isto incluía uma carta constitucional para uma universidade municipal, a primeira de seu tipo na América.

De acordo com isto um sistema educacional, incluindo todas as séries, das classes elementares às universitárias, foi organizado pelo conselho da cidade. Edifícios universitários foram planejados, mas seus planos não foram levados avante a não ser depois de os mórmons terem sido expulsos também de Nauvoo. Entretanto, professores foram empregados e classes universitárias foram organizadas nos edifícios dos quais se podia dispor na cidade. A organização de tal universidade foi mais tarde adotada em Utah, vindo a constituir a Universidade de Deseret, atualmente Universidade de Utah.

O Profeta tinha por objetivo educar todo o povo, jovens e velhos. Quase todos os que freqüentavam as aulas da Universidade de Nauvoo eram adultos.

Um dos primeiros pensamentos do Profeta ao planejar Nauvoo foi o de reservar terreno para um templo. Uma cidade bem construída, gozando de sábios poderes governamentais, precisaria mais do que tão-somente isto para fazer um povo feliz. Nem mesmo a adição de oportunidades educacionais poderia garantir tal coisa. A verdadeira Sião teria que possuir por habitantes um povo que fosse puro de coração. Para o Profeta o item mais importante era um modo de pensar correto. Quando lhe foi perguntado, certa ocasião, como ele governava seu povo, Joseph replicou: "Ensino-lhes princípios corretos e eles se governam a si mesmos".[2] Portanto, a "Cidade de Joseph" deveria ser construída em volta de um Templo de Deus, bem como possuir outros lugares adequados para adoração, lugares estes onde o evangelho de Jesus Cristo pudesse ser ensinado a seu povo.

Uma cidade organizada sob tais princípios não demoraria a atrair a atenção de homens instruídos. Já no verão de 1841 o "Atlas" de St. Louis assim se referiu a Nauvoo:

"A população de Nauvoo varia entre 8.000 e 9.000, sendo, naturalmente, a maior cidade do estado de Illinois. Por quanto tempo os Santos dos Últimos Dias permanecerão unidos e exibirão seu presente aspecto, não podemos dizer, porém, no momento presente eles se apresentam como um povo empreendedor, industrioso, sereno e inteligente; um povo tal, de fato, quanto às virtudes acima mencionadas, que não tem rivais a leste e talvez nem mesmo a oeste do Mississippi".[3]

O Crescimento e a Influência de Nauvoo

O crescimento de Nauvoo foi, naturalmente, rápido, já que a cidade veio a se tornar o lugar de reunião da maioria dos exilados de Missouri e era o destino dos imigrantes conversos dos estados do leste e das terras estrangeiras.

Em junho de 1844, Franklin D. Richards, o historiador da Igreja, estimou a população em 14.000 . O gover-

---

2. Cannon, **Life of Joseph Smith, the Prophet,** p. 496.
3. Ver **Liverpool Route:** p. 62.

nador Ford, em **History of Illinois,** calcula a população da cidade em fins de 1845 como sendo de 15.000.[4] Nenhum recenseamento foi feito então e o número estimativo varia entre doze e vinte mil.

Como tal crescimento ocorreu num curto espaço de tempo, ou seja, de 1839 em diante, a cidade atraiu muitos visitantes, que, movidos mais pela curiosidade, vinham conhecer a metrópole mórmon. Os jornais do leste enviaram representantes para entrevistar o seu fundador e fazer observações sobre as incomuns características do centro mórmon.

O cais de Nauvoo tornou-se um lugar cheio de atividade. Todos os importantes vapores nele paravam, para desembarcar ou embarcar passageiros e cargas. O crescimento de Nauvoo sobrepujou o das cidades vizinhas de Warsaw, Carthage e Quincy, causando considerável perda de prestígio a estes lugares mais antigos. Isto veio a provocar ciúmes e inveja, especialmente entre os especuladores de terras.

Nauvoo tornou-se um centro social. Era de fácil acesso para acampamentos, tanto rio abaixo como rio acima e as grandes celebrações, realizadas no Dia da Independência Norte-americana e em outros feriados, atraíam povos de muitas milhas. Vapores de excursão, vindos de Warsaw e até mesmo de St. Louis, eram comuns; tais vapores aportavam em Nauvoo em meio a muita alegria e satisfação. Bailes eram realizados em tais ocasiões, usualmente se prolongando até as primeiras horas da manhã seguinte. A beleza da cidade e a hospitalidade de seu povo tornaram-se conhecidas por toda a parte.

A parada da Legião de Nauvoo constituía um evento colorido que raras vezes falhava em atrair numerosa assistência. Quando em seu auge, a Legião continha 5.000 homens armados e uniformizados. Em muitas ocasiões eram feitas batalhas simuladas, tanto para melhor treinamento dos soldados como para o entretenimento do povo.

Lutas livres, corridas, etc., eram coisas características nos feriados, sendo o Profeta em tudo um ativo e capaz participante.

Edifícios de Nauvoo

O lugar mais hospitaleiro da cidade era a "Mansão", nome dado ao lar de Joseph Smith, também usado para acomodar os viajantes que paravam em Nauvoo e para temporariamente abrigar os conversos recém-chegados. Bem logo se viu a Mansão reputada, tanto pela boa alimentação que apresentava como pelas suas acomodações. Homens de renome, ao visitar Nauvoo, dormiram sob seu teto; os humildes eram igualmente bem recebidos. Em casa, o Profeta era uma pessoa acessível a todos e a vida da cidade girava em torno de seu lar.

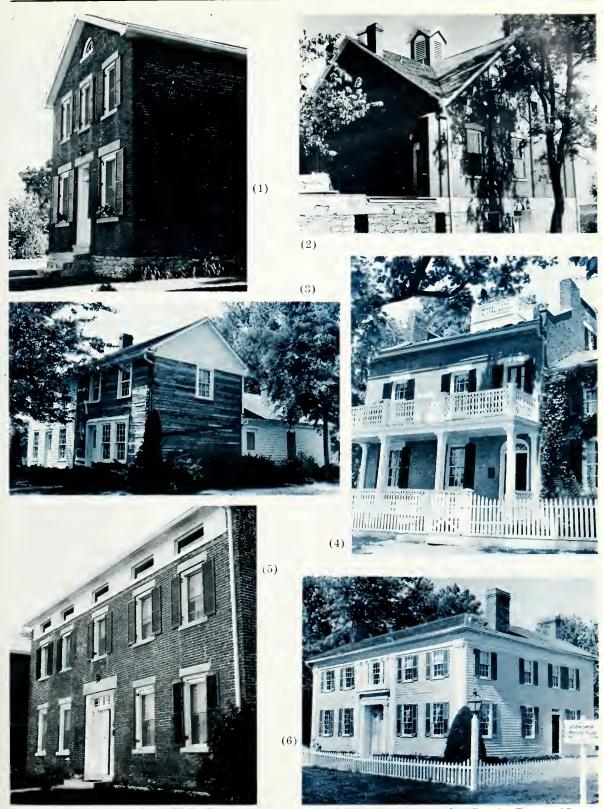
A fim de melhor acomodar os viajantes e conversos que constantemente chegavam à cidade, um edifício maior, "A Casa de Nauvoo", foi principiado. A pedra de esquina foi depositada no dia 2 de outubro de 1841, em obediência a uma revelação de que tal casa deveria ser construída.[5] Tal foi feito com fundos levantados através de venda de gado de membros dignos da Igreja. Junto à pedra fundamental, Joseph Smith depositou o manuscrito original da tradução do Livro de Mórmon. O edifício nunca foi terminado conforme o plano original, pois o martírio sofrido pelo Profeta, bem como o previsto êxodo para o oeste, causaram uma mudança de planos. A parte terminada ainda existe, e está situada perto da "Mansão"; foi, porém, modificada e transformada em casa residencial.

Casas de tijolos, de grandes proporções, eram comuns em Nauvoo, atestando a industriosidade, a habilidade e o orgulho cívico dos habitantes.

O templo, principiado em 1841, era uma fonte de interesse, sempre viva para

4. **Ford, History of Illinois** p. 403.

5. **Doutrina e Convênios,** Seção 124.

(1) (2) (3) (4) (5) (6)

Alguns dos lares e edifícios construídos pelos Santos em Nauvoo, em sua aparência total (1) O edifício do "Times and Seasons"; (2) A "Casa de Nauvoo"; (3) O primeiro lar de Joseph Smith em Nauvoo; (4) O lar de Heber C. Kimball; (5) O lar de John Taylor e (6) o lar de Joseph Smith, conhecido como "A Mansão".

Gentileza de J.M. Heslop e W. Claydell Johnson

os visitantes. Embora não completo até 1846, sua posição, no ponto mais alto da cidade, fazia com que suas paredes inacabadas pudessem ser vistas em toda a circunvizinhança. Exceto aos domingos e feriados, ele sempre apresentava uma cena de constante atividade. Vezes havia em que as atividades de construção diminuíam por falta de fundos.

Estendendo-se a leste da cidade, bem como a norte e sul, apresentavam-se grandes áreas cultivadas. Era esta, sem dúvida, uma das áreas de agricultura mais adiantadas daquela parte da nação. O que era de causar impressão na América era o fato de nenhum dos fazendeiros viver em sua fazenda, mas, sim, na cidade, indo e voltando para os campos pela manhã e à tarde. Isto proporcionava a todos as vantagens de uma boa educação e de contatos sociais proporcionados pela cidade, promovendo maior unidade entre o povo.

Embora o crescimento fenomenal da Igreja, o rápido levantamento da cidade e a prosperidade dos Santos fossem gratos aos fundadores da Igreja e da cidade, tais fatores, infelizmente, atraíam uma classe de pessoas bastante indesejáveis.

"Aventureiros à procura de poderes e riquezas; demagogos que, através de elogios falsos, esperavam conseguir, através de sua influência política, a realização de seus sonhos ambiciosos; vagabundos e velhacos que, através de falsas conversões, pensavam cobrir vidas corruptas e licenciosas; ladrões e falsificadores, que viam nesta cidade a oportunidade de viver através de roubos e enganos, colocando a culpa nos mórmons já que o povo de Illinois estava sempre pronto a acreditar em tudo o que se dissesse destes, devido ao seu preconceito contra sua religião – todos estes tipos de pessoas se viam atraídos a Nauvoo, por causa da prosperidade que já reinava, e sua desdenhosa conduta apressou o dia infeliz da destruição da cidade".[6]

Entre estes pérfidos aventureiros nenhum se mostrou mais capaz da obtenção da confiança do povo que John C. Bennett, a quem previamente aludimos como o primeiro prefeito da cidade. Os historiadores a ele se referem freqüentemente pela alcunha de "leproso moral". Quando suas práticas sexuais foram descobertas, ele foi excomungado da Igreja e viu-se privado de todas as suas posições cívicas. Outros homens do mesmo tipo ajudaram a desacreditar a comunidade, especialmente entre aqueles que viviam à procura de acusações contra os Santos.

Publicações em Nauvoo

Em cada uma das localidades onde os Santos se reuniam, publicações principiavam a ser feitas. Em Nauvoo, portanto, uma das primeiras realizações foi o estabelecimento de uma imprensa. Na noite em que as forças do General Lucas cercaram Far West, a máquina impressora, usada em tal lugar para a publicação do **Élders Journal,** foi escondida do inimigo e enterrada no quintal da casa de um irmão chamado Dawson. Mais tarde foi secretamente retirada e embarcada para Commerce, Illinois. Lá principiou a ser usada novamente, num porão, durante o outono de 1839. Nesta máquina foi publicado o quarto periódico da Igreja, o **Times and Seasons.** No início se tratava de um periódico mensal de dezesseis páginas. Mais tarde veio a tornar-se uma publicação quinzenal. Don Carlos Smith, o irmão mais jovem do Profeta, foi seu primeiro editor, auxiliado por Ebenezer Robinson. Depois da morte de Don Carlos Smith, no dia 7 de agosto de 1841, Ebenezer Robinson assumiu tal tarefa por algum tempo. Ao fim de um ano, a cadeira de editor foi designada a John Taylor, que dirigiu a publicação até a sua edição final, do dia 15 de fevereiro de 1846.

O Profeta escreveu numerosos editoriais e artigos, que apareceram na publicação. Muito material histórico também apareceu em suas edições, de forma que é considerado um grande depositário do mesmo.

O **Nauvoo Neighbor** também esposou a causa dos Santos e era de propriedade da Igreja. Era, talvez, mais lido fora dos círculos mórmons do que o **Times**

---

6. Roberts, **Life of John Taylor** pp. 107-108

and Seasons e era freqüentemente citado pelosoutros jornais publicados no oeste.

Durante o tempo em que os Santos ocuparam Nauvoo nenhuma outra cidade do Vale do Mississippi podia se orgulhar de tão rápido crescimento Poucas poderiam a ela se equiparar em seus orgulho cívico ou em sua prosperidade econômica. Entretanto, a fé invencível de seus habitantes era muito superior à sua alvenaria. Tal fé tinha sido responsável pela construção de uma cidade onde anteriormente existiu um pântano, e, quando o povo que possuía tal fé se foi, Nauvoo rapidamente baixou ao nível comum das cidades vizinhas.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 6, p. 3 (Citação de **New York Sun**).
2. **Ibid.,** Vol. 5 pp. 457-458 . (Extrato tirado da Carta Constitucional da Cidade de Nauvoo, concernente aos estranhos).
3. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 2, p. 54, nota de pé. (Uma breve e interessante história, que associa Abraão Lincoln à carta constitucional de Nauvoo).
4. **Ibid** Vol. pp. 53-60. (Um excelente relato concernente à carta constitucional de Nauvoo. Notar especialmente os extratos cuidadosamente selecionados da carta. Os dois últimos parágrafos desta seção, na p. 60 , nos permitem uma completa compreensão da carta, suas implicações e a sua influência nas relações entre "mórmons e gentios", bem como na história mórmon de então).
5. **Ibid.,** Vol. 2, p. 54b. (Os mórmons demonstram-se prontos para repartir todos os poderes e privilégios da carta constitucional de Nauvoo com todos os povos. Notar especialmente a declaração da Primeira Presidência da Igreja e a seção I do capítulo).
6. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** p. 151a. (O propósito básico de Joseph Smith no planejamento da cidade).
7. **Ibid.,** pp. 149-155a. (Joseph Smith, poderes governamentais e a carta constitucional de Nauvoo. Esta seção toda merece uma leitura cuidadosa. Prestar especial atenção às citações do Profeta 152d-153 e uma citação da carta p. 155).
8. **Ibid.,** p. 150. (Presidente Taft, Salt Lake City, planejamento da cidade mórmon, Joseph Smith vs. Brigham Young).
9. **Ibid.,** p. 196a. ("Algo assombroso" - Pede-se que a cidade de Nauvoo se torne "Território").
10. **Ibid.**, pp. 143-147. (Commerce vs. Nauvoo, a Bela. Joseph Smith, um homem de visão. Uma história atraente).
11. Smith, Lucy Mack, **Joseph Smith the Prophet,** p. 265. (Joseph Smith Pai abençoa cada membro de sua família pouco antes de sua morte).
12. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 210-221. (Uma história agradável sobre a grande capacidade de liderança de Joseph Smith. Ler pp. 215-216. A história em si está nas pp. 217-221).
13. Little, James A., **From Kirtland to Salt Lake City,** pp. 35-37. (Uma cena vívida de Commerce durante a colonização mórmon. Uma oração incomum, proferida por Joseph Smith Pai, quando foi colhida a primeira espiga de milho plantada em Commerce.)

CAPÍTULO 21

AS TRIBULAÇÕES DE UM PROFETA MODERNO

Os Inimigos de Missouri Perseguem o Profeta

Se seguirmos a vida de Joseph Smith durante os anos em que Nauvoo cresceu, vindo a tornar-se uma cidade esplêndida, passamos a conhecer e apreciar um grande americano. O desenvolvimento do homem haveria de se tornar mais surpreendente do que o desenvolvimento da cidade. Haveríamos de vê-lo no papel de profeta, político, erudito, estudante e mártir. Testemunharíamos o ódio de seus inimigos e a confortante simpatia e devoção de seus amigos. Haveríamos de conhecê-lo em suas reações intensivamente humanas, e ainda assim, contemplá-lo, às vezes, num mundo completamente à parte. Através desta experiência haveríamos de emergir com maior fé e uma maior apreciação pelo homem.

É duvidoso que Joseph Smith, depois da expulsão de Missouri, esperasse seriamente poder voltar àquela terra naquele tempo, ou mesmo ser compensado pelas perdas sofridas. Tal esperança, entretanto, não tinha morrido entre os Santos. Sidney Rigdon chegou mesmo a propor um plano para tirar Missouri dos Estados da União e batalhou consideravelmente para tal. A fim de tranqüilizar os ânimos e satisfazer seu povo, Joseph Smith dirigiu-se a Washington, D.C. no dia 29 de outubro de 1839, acompanhado de Sidney Rigdon e o juiz Elias Higbee, a fim de lá apresentar a causa de seu povo diante do Governo Federal. Rigdon, caindo enfermo, ficou em Columbus, Ohio. Os outros alcançaram seu destino.

Depois de pouco tempo na capital nacional o Profeta se convenceu de que era bobagem esperar ajuda da tal fonte. O Presidente Van Buren informou-os do seguinte, numa reunião: "Senhores, vossa causa é justa, mas não há nada que eu possa fazer por vós. Se eu tomar o vosso partido, perderei os votos de Missouri".[1]

O Presidente Van Buren não deve ser julgado com muita rigidez. Naquele tempo existia na América do Norte um desejo tão grande de poder federal, que chegava a ameaçar a existência da União. Quando a Guerra Civil se desencadeou, mais tarde, a causa imediata foi a tentativa por parte do Governo Federal de regularizar os assuntos que os estados sulinos consideravam de sua exclusiva propriedade. Durante o tempo das perseguições em Missouri, o poder do Executivo dos Estados Unidos raramente tinha sido exercido nos assuntos do estado, havendo considerável número de pessoas que negavam ao Governo Federal quaisquer direitos de interferência, a menos que fosse ameaçada a existência da União.

Embora o Profeta voltasse a Nauvoo convencido de que os Santos deviam deixar de lado sua causa contra Missouri, os habitantes de Missouri de forma alguma estavam dispostos a esquecer os Santos. A hospitalidade demonstrada pelos cidadãos de Illinois e as acusações da imprensa do este, culpando o Missouri, parecem ter animado os responsáveis pelos saques a uma nova determinação. O tratamento que previamente haviam dispensado aos mórmons teria que ser justificado através da condenação do líder mórmon por algum crime.

Alguns poucos incidentes servirão para ilustrar as tentativas, por parte dos inimigos da Igreja de ocasionar a queda e, se possível, a morte do Profeta. A justificação legal das autoridades de Missouri, ao tentar prender novamente o Profeta e outros, devia-se ao fato de terem eles escapado das mãos das autoridades civis daquele estado, quando

---

1. **History of the Church**, Vol. I, p. 80.

eram levados a julgamento. Joseph Smith estava agora noutro estado, mas podia ser extraditado; isto é, o governador de um estado pode entregar às autoridades a pessoa que procurou refúgio em seu estado, a pedido de outro governador, ao convencer-se de que há uma acusação suficientemente legal contra o refugiado.

Missouri apelou ao governador Carlin, de Illinois, autorizando a prisão de Joseph Smith. O governador Carlin concedeu o pedido e emitiu o mandado de prisão.

O Profeta estava completamente inocente de qualquer crime, mas estava convencido de que, se caísse nas mãos de seus inimigos novamente, nunca haveria de voltar a Nauvoo com vida. Muitos concordaram com ele. Um jornal o **Whig,** de Quincy, publicou o seguinte:

"Repetimos que Smith e Rigdon não devem ser entregues. A lei que garante o pedido feito ao governador de nosso estado, de entregar os fugitivos da justiça, é sábia e salutar e não deve, em circunstâncias ordinárias, ser desprezada; mas, há ocasiões em que é não somente o privilégio mas também o dever do governador o de recusar a entrega de cidadãos de seu estado ao serem os mesmos requisitados pelo executivo de outro estado, sendo que consideramos este o caso de Smith e Rigdon.

A lei é feita para garantir a punição dos culpados e não o sacrifício dos inocentes".[2]

O Profeta, bem como os outros líderes cujos nomes constavam no mandado se esconderam, ficando o mandado sem efeito.

Foi este o início de uma dificuldade que continuaria existindo durante todos os anos restantes da vida do Profeta, vindo a prejudicar grandemente seu trabalho. Os delegados de Missouri constantemente lhe faziam busca e ele se livrava de um mandado somente para ser, em seguida, perseguido por outro. Foi a devoção de seu povo que permitiu o seu escape da prisão, impedindo que fosse raptado e transportado para além da fronteira, em direção a Missouri. Parte do tempo ele se isolou na pequena ilha que jazia no meio do rio, entre Nauvoo e Montrose; desta pequenina ilha nos vieram importantes ensinamentos e alguns de seus mais belos escritos. Parte do tempo ele passou em seu próprio lar, embora observado de perto por seus inimigos, que examinavam cuidadosamente as idas e vindas da esposa do Profeta.

Os mandados emitidos pelo governador Carlin pediam a prisão de todos aqueles que tinham escapado das prisões de Missouri. O verdadeiro objetivo, entretanto, era lançar mão em Joseph Smith. Alguns ultrajes foram perpetrados, entretanto, contra alguns dos outros irmãos. No dia 7 de julho de 1840, Alanson Brown, Benjamin Boyer, Noah Rogers e James Allred foram raptados por um grupo de homens armados do Missouri e levados para aquele estado. Foram rudemente maltratados antes de serem libertados.[3]

Novas Tentativas para Prender o Profeta

Em maio de 1842 uma tentativa foi feita, em Missouri, para matar o ex-governador Boggs. Ele, porém, se recobrou da bala assassina, mas o autor do disparo jamais foi encontrado.

No dia 20 de julho de 1842, Boggs emitiu um documento juramentado declarando que Orrin Porter Rockwell, um residente de Illinois, tinha sido o atirador e acusando Joseph Smith como cúmplice. Pediu ao governador Reynolds, de Missouri, que exigisse que o governador Carlin, de Illinois, entregasse Joseph Smith, a fim de ser julgado pela lei de seu estado. O governador Reynolds consentiu e o governador Carlin emitiu um mandado de prisão contra o Profeta. No dia 8 de agosto de 1842, ele e Orrin Porter Rockwell foram levados presos. O Profeta exigiu o direito de "habeas corpus",[4] e a corte de

2. **Quincy "Whig"**, 1841.

3. (Nota) Para um relato completo ver **History of the Church**, Período 1, Volume 4, pp. 154-157. **Essentials in Church History**, Smith, p. 299.

4. Habeas Corpus - nome de um mandado emitido por uma corte na localidade onde a pessoa é presa, exigindo que esta mesma pessoa se lhe apresente, ao invés de ser levada a alguma outra corte, noutra jurisdição.

Nauvoo emitiu também um mandado, exigindo que os prisioneiros fossem julgados por ela. O delegado receava tanto obedecer como desobedecer à ordem: portanto, correu à procura de instruções do governador Carlin. Quando voltou, já não mais pôde encontrar os prisioneiros; toda e qualquer ameaça contra o povo de Nauvoo não foi suficiente para que revelassem o seu esconderijo.

O procedimento todo, por parte de Missouri, não passou de uma farsa legal, mas nada, provavelmente, teria salvo o Profeta e Rockwell das mãos de seus inimigos, se tivessem os mesmos sido entregues a eles. Procurou-se de todas as formas fazer com que Joseph saísse de seu esconderijo ou que seu povo o traísse. Ouviram-se rumores de que ele havia partido para a Europa, ou, pelo menos, para Washington, embora durante todo o tempo o lugar mais distante onde ele foi, além de Nauvoo, foi a pequena ilha já mencionada.

A fé do povo mórmon em seu Profeta era inquebrantável. Emma, sua esposa, fez um apelo ao governador Carlin, pedindo-lhe que revogasse sua ordem, porém, sem sucesso. No dia 18 de dezembro de 1842, expirou o tempo de ofício do governador Carlin e Thomas Ford passou a ocupar a cadeira governamental.

Documentos juramentados foram emitidos imediatamente, a fim de provar que Joseph Smith não estava em Missouri na época do atentado contra Boggs, e, baseando-se nisto, a Corte Suprema de Illinois declarou ilegal o mandado emitido contra o Profeta, mas decidiu que um julgamento deveria ser realizado antes de poder o governador interferir. O Profeta submeteu-se à prisão e foi solto após o subseqüente julgamento, no dia 5 de janeiro de 1843.

Durante um breve período ele pôde gozar um pouco de paz. O povo de Nauvoo regozijou-se com o fato de poder o seu Profeta andar livremente entre eles.

Reynolds e Wilson

A pausa, entretanto, foi breve. No dia 13 de junho do mesmo ano, uma nova conspiração começou a ser levada a cabo. John C. Bennett, anteriormente amigo do Profeta e primeiro prefeito de Nauvoo, aliou-se às forças de Missouri. Bennett, que se tinha provado um indivíduo inescrupuloso e imoral, havia sido previamente excomungado da Igreja. Seu rancor contra o Profeta por ter exposto suas imoralidades não conhecia fronteiras. Tanto o governador Reynolds, de Missouri, como o governador Ford, de Illinois, uniram-se a ele em seu novo plano contra o líder mórmon.

No dia 13 de junho de 1843, uma requisição secreta foi enviada pelo governador Ford, tendo por base as mesmas acusações anteriores. Um mandado foi emitido e dois oficiais de Missouri, disfarçados em élderes mórmons, foram apontados para o encargo. Uma declaração acidental, feita pelo governador Ford ao juiz James Adams, fez com que este estimado amigo do Profeta lhe mandasse, em seguida, um aviso. Joseph, entretanto, já não estava em Nauvoo quando o seu aviso chegou. William Clayton e Stephen Markham montaram em cavalos ligeiros e cavalgaram 341 quilômetros em 64 horas, chegando à casa da Sra. Wasson, irmã de Emma Smith, perto de Dixon, no condado de Lee, em Illinois. O Profeta surpreendeu-se com o seu aparecimento, mas sentiu-se seguro e recusou-se a fugir. De alguma forma os oficiais disfarçados souberam do seu paradeiro e para lá se dirigiram também. Fingindo ser missionários mórmons, chegaram à presença do Profeta, quando imediatamente o algemaram, tornando-o seu prisioneiro. Sem lhe permitir sequer despedir-se de sua esposa, Emma, que estava dentro de casa, levaram-no às pressas.

Estes dois homens tinham por objetivo levá-lo até seus inimigos, que o esperavam, antes que seus amigos pudessem sequer pensar em protegê-lo. Quanto a isto eles subestimaram a lealdade de seus amigos e o magnetismo da personalidade de Joseph Smith. Stephen Markham, presente quando de seu apri-

sionamento, cavalgou sem descanso até Dixon, a fim de garantir um mandado de **habeas corpus.** Quando Joseph chegou em Dixon foi aprisionado numa taverna, sendo-lhe negado o privilégio de consultar um advogado. Ao ver um homem passar pela janela, Joseph gritou, pedindo um advogado. Dois deles se apresentaram, mas foi-lhes recusada a entrada no recinto, pelos delegados. Isto indignou a vizinhança. Tendo o proprietário da casa, Sr. Dixon, por líder, ameaçaram os delegados: se não concedessem ao seu prisioneiro os direitos civis a que fazia jus. Um certo Sr. Chamberlain, mestre em chancelaria,[5] foi avisado, e um grande criminalista, Cyrus Walker foi contratado para defender o Profeta.

Durante todo este tempo, Stephen Markham não ficou ocioso. Conseguiu autorização para prender Reynolds e Wilson, por terem ameaçado sua vida, bem como a vida de Joseph Smith, e, também, por falso aprisionamento. Dez mil dólares de indenização foram exigidos, tendo por base o fato de Joseph ter sido preso ilegalmente. Como estes homens estivessem longe de seus amigos, não puderam obter fiadores. Foram, portanto, presos e colocados sob a custódia do Delegado Campbell, do Condado de Lee. Um fato interessante! — Joseph Smith sob a custódia de Reynolds e Wilson, e estes, por sua vez, sob a custódia de Campbell.

Enquanto isto, William Clayton já tinha cavalgado mais de duzentas milhas até Nauvoo, a fim de avisar Hyrum Smith e pedir sua ajuda.

Era bem sabido então que um grande grupo de missourianos tinha cruzado o rio, em direção a Illinois, e que esperavam a hora em que se apoderariam do Profeta, levando-o a Missouri.Hyrum Smith chamou apressadamente a Legião de Nauvoo, que, com 175 homens, saiu de Nauvoo determinada a impedir de qualquer forma que Joseph Smith fosse levado para fora de Illinois. Convencidos como estavam de que isto acarretaria a morte de seu amado líder, estavam prontos para derramar seu sangue em sua defesa. Depois de sair de Nauvoo, dividiram-se em grupos, a fim de verificar quais as posições ocupadas pelos oficiais de Missouri em sua tentativa de raptar o Profeta. Um grupo embarcou no vapor **"Maid of Iowa".** Passando pelo Mississippi abaixo, o vapor voltava pelo rio de Illinois, acima, impedindo qualquer atentado de rapto do Profeta por água. Os restantes se separaram, vigiando as várias estradas.

Entretanto, os oficiais Reynolds e Wilson por este tempo se achavam tão envolvidos em mandados legais que não puderam levar avante seus desígnios. O delegado Campbell viu-se convencido pelo Profeta de que Nauvoo era o lugar mais próximo onde uma corte de jurisdição competente poderia ser encontrada para manobrar o caso. O grupo se dirigia a tal lugar, quando o primeiro destacamento de tropas de Nauvoo o encontrou. Joseph Smith disse então: "Bem, parece que desta vez eu não vou mesmo para Missouri. Lá estão os meus rapazes". De acordo com o Profeta foi esta uma procissão triunfal de volta a Nauvoo. Em Nauvoo Joseph Smith hospedou os seus captores em seu lar, tratando-os com toda a cortesia.

A corte municipal finalmente inocentou o Profeta, provando-se que o mandado contra ele era ilegal. Um regozijo geral varreu toda Nauvoo.

Reynolds e Wilson voltaram a Carthage e enviaram petições ao governador, incitando-o a reunir uma milícia que marchasse até Nauvoo e de novo aprisionasse o Profeta. Clamaram que a corte municipal tinha usurpado autoridade e que foram coagidos a levar seu prisioneiro a Nauvoo por Stephen Markham e um grupo de homens armados de Nauvoo.

Grande era a tensão. Petições foram enviadas de Nauvoo ao governador Ford, a fim de que dispersasse as falsida-

---

5. Chancelaria - Concernente a juizado das Cortes Supremas.

des proclamadas e acalmasse a turbulenta situação. O governador Ford reconheceu a jurisdição da corte municipal de Nauvoo e concordou com a sua decisão de deixar livre Joseph Smith. O Profeta era um homem livre! Livre, porém, tão-somente para deparar-se com uma nova teia sufocante, armada por seus inimigos à sua volta. Isto, porém, não foi tão perturbador nem tão perigoso como quando membros de seu próprio povo principiaram a se voltar contra ele e a formar planos para tirar-lhe a vida.

Apóstatas Procuram Tirar a Vida do Profeta

É triste saber que entre aqueles que tinham atingido a preeminência durante o período passado em Nauvoo se encontrassem alguns que haviam perdido sua fé no Profeta e procurassem sua destruição. Um estudo das vidas destes descontentes nos mostra ser a imoralidade, o egoísmo ou a ambição, as causas para tal perda de espírito.

Um dos primeiros a cair de seu pedestal foi John C. Bennett, previamente notado por sua grande energia e força de vontade na obtenção da Carta Constitucional de Nauvoo. Nas vésperas de seu pretenso casamento com uma jovem de Nauvoo, soube-se que ele havia abandonado esposa e filhos no leste. Outras condutas imorais suas foram descobertas e ele foi excomungado em maio ou junho de 1842. Ele já tinha, então, se demitido do cargo de prefeito. Em junho saiu de Nauvoo, disposto a vingar-se do Profeta. Mais tarde escreveu um livro, intitulado **"The History of the Saints"** (A História dos Santos), cheio de falsas interpretações e acusações, que se provou de pouco interesse para pessoas de juízo.

Com Bennett, um grupo de outros, influenciados por seus ensinamentos sobre sexo, foram excomungados da Igreja. A maioria destes permaneceu em Nauvoo. Não foi, a não ser em 1844, que o seu ódio pelo Profeta se mostrou ainda inflamado. Em janeiro do mesmo ano o Profeta se dirigiu a alguns oficiais de paz recentemente apontados. No curso de seu discurso ele disse:

"Acho-me exposto a um perigo muito maior por causa de traidores existentes entre nós mesmos do que de inimigos de fora, embora minha vida tenha sido procurada por muitos anos pelas autoridades civis e militares, pelos ministros e pelo povo de Missouri... Pretensos amigos houve que me traíram. Todos os inimigos da face da terra podem exercer todo o seu poder a fim de conseguir minha morte, mas nada poderão conseguir, a menos que alguns dos que estão entre nós e que gozam de nossa associação, que têm estado conosco em nossos conselhos, participam de nossa confiança, tomam-nos pela mão, chamam-nos de irmãos, nos saúdam com beijos, se unam a nossos inimigos, transformem nossas virtudes em faltas e, através de falsidades e enganos, incitem a sua raiva e indignação contra nós, trazendo sua vingança sobre nossas cabeças... Nós temos um Judas em nosso meio" [6]

William e Wilson Law, William Marks, Leonard Soby, Dr. Charles D. Foster, bem como alguns outros, se ofenderam com o que o Profeta proferiu. Logo se soube que estes homens pertenciam a uma liga secreta reunida para assassinar o Profeta e destruir a Igreja.

Uma História de Intriga

A história de dois jovens, Denison L. Harris e Robert Scott, nos mostra algo sobre a natureza da conspiração contra o Profeta, existente dentro da Igreja.

Estes dois jovens, então com seus dezessete anos de idade, tinham sido convidados a assistir a uma reunião secreta realizada pelos conspiradores. Num espírito de camaradagem confiaram um no outro, conversando sobre o fato e imaginando o curso a seguir. Levaram o caso ao pai de Denison, Emer Harris, irmão de Martin Harris, que os aconselhou a explaná-lo a Joseph Smith. O Profeta pediu aos dois rapazes que assistissem à reunião e a seguir fossem relatar-lhe o seu procedimento.

A reunião foi realizada no Dia do Senhor, na casa de William Law, conselheiro do Profeta. Várias acusações foram feitas contra Joseph e Hyrum Smith.

6. **History of the Church**, Período 1, Vol. 6, p. 152.

"Parece que a causa imediata destes iníquos procedimentos se devia ao fato de ter Joseph Smith recentemente apresentado a revelação sobre o casamento celestial ao Sumo Conselho, pedindo sua aprovação; certos membros se opuseram terminantemente à mesma, chamaram Joseph de Profeta caído e determinaram-se a derrubá-lo".[7]

Os dois rapazes tudo observaram silenciosamente e, depois de terminada a reunião, se encontraram a sós com o Profeta, relatando-lhe o que ouviram. A conselho do Profeta continuaram assistindo às duas outras reuniões similares, recebendo convite para uma quarta. Em cada reunião o espírito de rancor contra o Profeta aumentava. Antes de assistirem à última reunião, Joseph Smith lhes disse:

"Esta será a última reunião a que vocês assistirão; será a última vez que haverão de admiti-los em seus conselhos! Eles chegarão a alguma determinação, mas tomem cuidado e não façam quaisquer convênios nem assumam quaisquer obrigações com eles". Depois de uma curta pausa ele continuou: "Rapazes, esta será a última reunião que eles farão e eles poderão até mesmo derramar o seu sangue, coisa que creio que dificilmente farão, já que vocês são tão jovens. Se o fizerem, combatê-los-ei como um leão! Não temam. Se tiverem que morrer, morram como homens. Serão mártires desta causa e sua recompensa será a maior possível. Eu, porém, não creio que eles venham a derramar seu sangue".[8]

Quando Denison e Robert se aproximaram da casa de William Law, na tarde daquele dia, foi-lhes impedida a entrada por guardas armados. Depois de severo questionário e interrogatório cruzado, foram admitidos.

A casa estava repleta de homens, todos com acusações contra o Profeta. O rancor se achava por toda a parte. Era evidente que chegariam a uma decisão durante aquela reunião. Ao ver que os dois rapazes não tomavam parte nas discussões, mas permaneciam calados, William Law e Austin Cowles despenderam algum tempo explicando-lhes que o Profeta havia caído e que eles deviam também procurar livrar a igreja dele. Com o prosseguimento da reunião, foi requerido de cada membro presente que respondesse ao seguinte juramento:

"Jurais solenemente, diante de Deus e de todos os Santos Anjos, bem como destes vossos irmãos que vos cercam, que havereis de dar vossa vida, vossa liberdade, vossa influência e tudo o mais, a fim de conseguir a destruição de Joseph Smith e aqueles que o seguem?"

A pessoa respondia que sim, e a seguir assinava seu nome na presença do juiz de paz.[9]

Cerca de duzentas pessoas prestaram juramento. Entre estas encontravam-se três mulheres cobertas com pesados véus, que testificaram que Joseph e Hyrum haviam tentado seduzi-las. Depois de todos terem jurado, menos os dois rapazes, a atenção do grupo virou-se para os mesmos. Os rapazes se recusaram a jurar e principiaram a abandonar a sala. Um dos presentes barrou-lhes o caminho, exclamando:

"Não, de forma alguma! Vocês conhecem todos os nossos planos e arranjos e não permitiremos que se retirem desta forma. Ou vocês também fazem o juramento ou nunca sairão daqui com vida".[10]

Os rapazes encontravam-se em posição perigosa. Ameaças podiam ser ouvidas por todos os lados. Alguém gritou: "Os mortos não falam".[11] Mãos violentas foram postas sobre seus ombros. Espadas e facas foram puxadas. Um dos líderes disse: "Se vocês não fizerem o juramento, cortaremos suas gargantas".[12]

Só a previdência do líder do grupo impediu o seu imediato assassínio. A casa de William Law ficava perto da rua e o barulho podia vir a ser ouvido pelos passantes. Era melhor executá-los no porão.

Conseqüentemente, guardas armados de espadas e facas foram colocados em ambos os lados dos rapazes, enquanto dois outros, armados de mosquetões e

---

7. Horace Cummings, "Historical Account", **Contributor**, Vol. 5:252.
8. **Millennial Star** Vol. 5:253 (1884).
9. Horace Cummings. Account, **Contributor**, Vol. 5:255.
10. **Contributor**, Vol. 5:255.
11. **Ibid.**, Vol. 5:255.
12. **Ibid.**, Vol. 5:256.

baionetas, foram postos às suas costas, obrigando-os a se dirigirem ao porão. William e Wilson Law, Austin Cowles e outros acompanharam-nos a tal lugar. Antes de cometerem o ato assassino, entretanto, deram aos rapazes uma última chance de se salvarem. Um deles disse: "Rapazes, se vocês fizerem o juramento suas vidas serão poupadas; vocês sabem demais para que permitamos que fiquem vivos; se estiverem determinados a se recusarem a tal, teremos que derramar o seu sangue".[13]

Embora sabendo que seriam mortos, os dois rapazes recusaram-se terminantemente a se virarem contra seu Profeta. Tremendo, brancos de medo, esperaram pelo fim. Quando um dos membros do grupo estava pronto para baixar sobre eles sua espada, uma voz autoritária gritou:

"Parem! Parem! Pensemos um pouco mais no caso antes de derramar seu sangue".[14] Uma apressada discussão se seguiu, durante a qual foi com alívio que os jovens ouviram a mesma voz forte e autoritária dizer: "Os pais dos rapazes provavelmente sabem onde eles estão, e, se não voltarem para casa, fortes suspeitas surgirão, buscas poderão ser feitas, o que seria muito perigoso para nós".[15] Este conselho foi ouvido. Os rapazes foram ameaçados de morte se revelassem uma só palavra do que tinha sido planejado, e foram mandados embora. Um guarda acompanhou-os até uma certa distância, a fim de impedir que alguém mais sanguinário os seguisse e matasse. As últimas palavras que os guardas lhes dirigiram foram as seguintes: "Se vocês disserem uma só palavra concernente a qualquer coisa que viram ou ouviram em nossas reuniões, haveremos de matá-los, seja de noite ou de dia, onde quer que os encontremos, considerando ser isto nosso dever".[16]

Os rapazes continuaram em direção às margens do rio, onde se encontraram com o Profeta, que, ansioso, havia partido em sua busca. Retirando-se a um lugar oculto, perto do lar do Profeta, contaram-lhe toda a história. A bravura e lealdade dos dois jovens fez brotar lágrimas dos olhos do Profeta. Temendo que algum dano viesse a ocorrer-lhes fê-los prometer que, antes que se passassem vinte anos, nunca haveriam de revelar a ninguém a sua história. Este segredo foi fielmente guardado.

O heroísmo dos dois rapazes salvou por algum tempo a vida do Profeta da teia que armavam à sua volta. Subseqüentemente, os conspiradores foram excomungados da Igreja, depois do que se aliaram abertamente a todas as outras forças contrárias.

Os Apóstatas Apresentam Acusações

No dia 25 de maio de 1844, William Law, Robert D. Foster e Joseph H. Jackson acusaram o Profeta de adultério e perjúrio em Carthage. O Profeta prontamente apareceu perante a corte e exigiu julgamento. Seus inimigos, amedrontados, mostraram-se pouco dispostos a aprovar as acusações que haviam feito contra ele; portanto, pediram que o caso fosse adiado. Um plano feito para tirar a vida do Profeta enquanto em Carthage foi revelado por dois conspiradores, Charles A. e Robert D. Foster. Estes homens se arrependeram de sua parte na conspiração e confessaram ao Profeta em lágrimas.

Os apóstatas a seguir compraram uma máquina impressora e se prepararam para publicar um jornal, **"The Nauvoo Expositor"**, com o propósito declarado de advogar "a anulação incondicional da Carta Constitucional da Cidade de Nauvoo e de expor as práticas imorais da Igreja". Sua primeira e única edição apareceu no dia 7 de junho de 1844, repleta de falsidades contra Joseph Smith e os líderes da Igreja em Nauvoo. A carta constitucional foi também rudemente atacada.

Os cidadãos de Nauvoo enraivece-

---

13. **Ibid.**, Vol. 5:256.
14. **Contributor**, Vol. 5:256.
15. **Ibid.**, 5:256.
16. **Ibid.**, Vol. 5:256..

ram-se. O Conselho da cidade se reuniu e declarou ser o "Expositor" uma insanidade pública. Por ordem do delegado da cidade, John P. Green, o povo entrou no estabelecimento de imprensa à força, inutilizou os tipos e destruiu os papéis de imprensa. Os conspiradores, ao ver o que tinha sido feito, puseram fogo em seu próprio estabelecimento e, fugindo da cidade, circularam rumores de que sua propriedade tinha sido destruída e que suas vidas estavam em perigo. O evento foi como o acender de um fósforo num depósito de pólvora. A conflagração resultante levou o Profeta e seu irmão à morte e minou os fundamentos da Igreja.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Volume 5, p. XXVIII. ("Desenvolvimento do caráter do Profeta." Uma página reveladora do crescimento do caráter do Profeta durante um período de terríveis experiências. Revela-se aqui o crescimento de seu íntimo, de sua força, coragem, amabilidade, simpatia, etc.).

2. **Ibid.,** pp. 458b-475. (Um relato feito pelo próprio Joseph sobre sua fuga dos oficiais de Missouri, quando ao tentarem levá-lo de volta a Missouri para julgamento), pp. 465-473a. (O discurso do Profeta a seu povo em Nauvoo). Ver especialmente pp. 467-469. Notar o último prágrafo do discurso, p. 473a.

3. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Volume 2, pp. 148-150.

4. **Ibid.,** Volume 2, p. 152. (A forma pela qual o Profeta se defrontou com suas inúmeras dificuldades).

5. **Ibid.,** Volume 2, p. 153. (O Profeta fala sobre a violência das turbas).

6. **Ibid.,** Volume 2, pp. 160-162. (Citações do Profeta expressando o amor que tinha por sua esposa, seu irmão Hyrum e seus leais amigos).

7. **Ibid.,** Volume 2, pp. 47-50. (Concernente a John C. Bennett). p. 47, nota de pé. (Uma breve e interessante discussão. Bancroft, o historiador, fala sobre Bennett).

8. **Ibid.,** Volume 2, pp. 65; 221-225. (William Law e o Profeta). Ver nota de pé nº 3.

9. **Ibid.,** Volume 2, pp. 226-227. (Acusações de Law contra o Profeta Joseph. Estes volumes estão repletos de interessante material).

10. **Ibid.,** pp. 27-30. Apelo ao governo geral, pedindo indenização das injúrias sofridas em Missouri. Talvez seja este nosso melhor relato de tal evento. O Profeta em Washington, pp. 29-31. Ver especialmente a nota das pp. 38-39.

11. Evans, **Joseph Smith, An American Prophet,** pp. 167-176. ("Echoes from Missouri". Uma emocionante história sobre as tentativas dos missourianos para levar Joseph de volta a Missouri).

12. **Ibid.,** pp. 158-163. (O Profeta na capital da nação).

13. **Ibid.,** pp. 176-184. (The Pinnacle of Power". Uma agradável descrição de Joseph Smith, na qual se tenta revelar-lhe o caráter e alma).

14. Parley P. Pratt, **Autobiography,** pp 289-291. (Os mórmons, uma nação de heróis).

15. **Ibid.,** pp. 170-176. (Missouri principia a inflamar-se).

16. **Ibid.,** pp. 158-163. (O Profeta visita o presidente dos Estados Unidos).

17. **Doutrina e Convênios,** Seção 124:16. (John C. Bennett é chamado por revelação para ajudar o Profeta).

18. **Ibid.,** Seção 124:82, 91, 97, 126. (William Law é chamado por revelação para ser conselheiro do Profeta).

SACRIFÍCIO DE UM MILHÃO DE DÓLARES

No dia 6 de abril de 1841 uma reunião incomum tomou lugar no cume do mais alto monte de Nauvoo. Uma grande escavação retangular tinha sido feita. Perto de sua borda Joseph Smith, Sidney Rigdon e cerca de vinte membros da Igreja se encontravam reunidos. Ao redor da escavação e dos líderes achavam-se dezesseis companhias da Legião de Nauvoo, completamente uniformizadas. Atrás destes, milhares de homens, muitas mulheres e crianças podiam ser vistos.

Este povo, ultimamente tão empobrecido, estava depositando a pedra fundamental de uma estrutura de um milhão de dólares — um Templo ao Deus Vivo. Com grande fé obedeciam ao seguinte mandamento do Senhor:

"E na verdade vos digo, que seja esta casa construída em Meu nome, para que nela Eu possa revelar ao Meu povo as Minhas ordenanças; pois, à Minha Igreja Me digno revelar coisas que têm sido conservadas ocultas desde antes da fundação do mundo; coisas que dizem respeito à dispensação da plenitude dos tempos. E mostrarei ao Meu servo Joseph todas as coisas relativas a esta casa e ao seu Sacerdócio, e o lugar onde deverá ser construída. E devereis construí-la no lugar em que planejastes, pois aquele é o local que escolhi para a sua construção".[1]

A pedra fundamental foi depositada e o local dedicado. Um grande empreendimento havia sido principiado. A fé tão auspiciosamente demonstrada naquela ocasião nunca morreu. O povo todo colaborou, com trabalho e dinheiro, com provisões e encorajamento. Pedreiras foram abertas a pouca distância, rio abaixo, e blocos de arenito cinza foram transportados até o terreno do templo. Ao fim do ano os alicerces já se tornavam visíveis às circunvizinhanças.

Levaram cinco anos, construindo o templo. Terminado o capeamento, o Profeta e seu irmão foram assassinados, a cidade ficou praticamente deserta e seus habitantes se espalharam pelas planícies de Iowa — exilados, à procura de um novo lar.

A história daquelas paredes cinzentas, antes a glória da parte oeste de Illinois, é paralela à de "Nauvoo, a Bela". O nascimento, glória e queda do templo foram típicos da cidade sobre a qual foi construído. Depois da partida dos Santos a grande estrutura parecia convidar as luzes celestiais a despedaçá-la ao meio, deixando assim escoar-se-lhe a seiva que lhe dava vida.

Sob as paredes daquele símbolo de fé os vários padrões da vida da cidade passavam, em interessante revisão.

Perto das paredes do templo os Santos fizeram o que era denominado "O Bosque". Lá, ao ar livre, o povo se reunia em solene adoração. Lá escutavam as palavras do Profeta ou de seus associados. Era um lugar histórico aquele velho bosque, ao lado do templo. Os sermões lá deixados haveriam de preencher volumes, e a fé lá demonstrada era suficiente para mover montanhas. Homens de renome nacional sentaram, muitas vezes, sob sua sombra. Ministros de credos vários, ao serem convidados, lá expressaram seus pontos de vista.

Não longe do templo se encontrava o campo onde eventos atléticos se davam. Aqui poderíamos encontrar o Profeta participando de algum jogo, dando lugar àquela parte intensamente humana da vida de um profeta, geralmente esquecida pelo artista e negligenciada pelo historiador.

Dentro das Paredes do Templo

Dentro das paredes do templo construído através do sacrifício de um povo único, eram realizados os mais belos

1. **Doutrina e Convênios**, Secção 124: 40-43.

atos de sacrifício e amor dos quais é capaz a raça humana.

No seu interior havia, descansando às costas de doze bois de bronze, uma grande bacia, cheia de água – uma fonte batismal – similar àquela existente no antigo templo de Salomão. Dentro desta fonte os vivos eram batizados por seus ancestrais mortos, uma prática que prevalecia na Igreja antiga, no tempo do Apóstolo Paulo.[2] A doutrina do batismo e de outras ordenanças pelos mortos existia na Igreja desde o tempo da visitação do Anjo Morôni, quando citou o seguinte do Livro de Malaquias:

"Eis que eu vos revelarei o Sacerdócio pela mão de Elias, o Profeta, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor. E ele plantará nos corações dos filhos as promessas feitas a seus pais e os corações dos filhos se tornarão a seus pais; se assim não fosse toda a terra seria totalmente destruída na sua vinda".[2a]

Conhecimentos concernentes a esta doutrina foram recebidos pelo Profeta, de tempos a tempos. No dia 3 de abril de 1836, como já foi relatado num capítulo anterior, Elias apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery no templo de Kirtland e conferiu-lhes as chaves do selamento. Estas chaves incluíam a autoridade necessária para as ordenanças templárias tanto para os vivos como para os mortos.

Os Santos haviam recebido o mandamento de construir um templo ao Senhor em Nauvoo, pois somente em tais templos são essas ordenanças aceitáveis ao Senhor, a menos que as circunstâncias tornem impossível o uso de um templo.

"Pois essa ordenança pertence à Minha casa, e não pode ser aceitável a Mim (fora do templo) a não ser em dias de penúria, quando não podeis construir uma casa para Mim".[3]

Enquanto o templo ainda se achava em seu curso de construção, algumas ordenanças de selamento já eram realizadas, no andar superior do armazém de Joseph Smith, em Nauvoo. Batismos pelos mortos eram realizados durante tal tempo no Rio Mississippi.

2. Ler **I Corintios** 15:29.
2a Ler **Doutrina e Convênios** Seção 2.
3. **Doutrina e Convênios,** Seção 124:30.

Tão logo uma parte do templo estava terminada o Senhor, através de revelação, ordenou aos Santos que cessassem de realizar tais ordenanças fora da casa apropriada.

O trabalho realizado no templo era para a salvação dos homens e consistia em fazer, tanto para os vivos como para os mortos, as ordenanças do Evangelho que pertenciam ao estágio mortal de existência.

Para aqueles que já eram membros da Igreja, as ordenanças templárias consistiam no recebimento dos endowments, uma promessa de bênçãos baseada na obediência às leis de Deus, e o "selamento dos laços familiares". Dentro das paredes do templo era ensinada a bela doutrina do casamento eterno, dada por revelação do Senhor.

"Eis que a Minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor Deus, e não de confusão... Portanto, se um homem tomar para si uma esposa no mundo, e não for casado por Mim nem por Minha palavra, e se comprometerem por esta vida, ele com ela e ela com ele o seu convênio e casamento não será válido quando morrerem, e quando estiverem fora do mundo; portanto, não estarão ligados por lei alguma quando não estiverem neste mundo.

"Portanto, quando estiverem fora deste mundo, não se casam nem são dados em casamento, mas são designados anjos nos céus, servos ministradores, que ministram por aqueles que são dignos de uma maior, suprema e eterna medida de glória.

"Pois estes anjos não guardaram a Minha lei, portanto, não podem progredir, mas permanecem separados e solteiros, sem exaltação no seu estado de salvação por toda a eternidade; e portanto não são deuses, mas, anjos de Deus para todo o sempre.

"E, novamente, na verdade te digo, se um homem tomar uma esposa, e se fizer com ela um convênio por esta vida e por toda a eternidade, se aquele convênio não for por Mim ou por Minha palavra, que é a Minha lei, e não for selado pelo Santo Espírito da promessa, por meio daquele que ungi e designei para esse poder, então o casamento não será válido nem terá força quando estiverem fora do mundo, porque não são ligados por Mim, nem por Minha palavra, diz o Senhor; quando não estiverem no mundo, não será aceito lá, porque não poderão passar os anjos e os deuses designados para ali estar; não podem, portanto, herdar a Minha glória; pois a Minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor Deus.

"E novamente, na verdade Eu te digo, se um homem tomar uma esposa conforme a

Minha palavra, que é a Minha lei, e pelo novo e eterno convênio, e este lhe for selado pelo Santo Espírito da promessa, por aquele que é ungido e que encarreguei com esse poder e com as chaves deste Sacerdócio, e lhes for dito: — Surgireis na primeira ressurreição; e se for depois da primeira, na próxima ressurreição; e herdareis tronos, reinos, principados e poderes, domínios, todas as alturas e profundidades, então será escrito no Livro da Vida do Cordeiro que ele não deverá matar derramando sangue inocente, e se guardarem o Meu convênio, e não matarem derramando sangue inocente, ser-lhes-á feito de acordo com todas as coisas que o Meu servo lhes falou, nesta vida e por toda a eternidade; e estará em pleno vigor quando deixarem este mundo, e passarão pelos anjos e deuses, que ali estão, e entrarão para a sua exaltação e glória em todas as coisas, conforme selado sobre as suas cabeças, glória que será a plenitude e a continuação das sementes para todo o sempre.

"Então serão Deuses, pois não terão fim; portanto, serão de eternidade em eternidade, porque continuarão; então serão colocados sobre tudo, porque todas as coisas lhes serão sujeitas. Então serão Deuses, porque terão todo o poder e os anjos lhes serão sujeitos".[4]

Antes de o povo ter sido expulso de Nauvoo, a maior parte dos adultos já tinha recebido seu endowments, tendo sido as esposas, esposos e filhos selados uns aos outros pelo poder de Deus.

Justiça Para Todos os Homens

A segunda fase do trabalho era igualmente importante. Milhões e milhões de pessoas tinham morrido no mundo sem ouvir ou compreender o Evangelho de Jesus Cristo. Joseph Smith deles disse o seguinte:

"Os maometanos condenam os pagãos, os judeus e os cristãos, bem como todos os que rejeitam seu Alcorão e os chamam de infiéis. Os judeus acreditam que todos aqueles que rejeitam sua fé e não são circuncidados são cachorros gentios e serão condenados. Os pagãos são igualmente tenazes quanto a seus princípios, e os cristãos condenam à perdição todos aqueles que não se inclinam perante seus credos e não se submetem à sua lógica.

"Porém, enquanto uma parte da raça humana julga e condena a outra sem qualquer misericórdia, o Grande Pai do universo observa toda a família humana com paternal cuidado e preocupação; vê em todos os seres Seus filhos e, sem quaisquer sentimentos contraditórios tão comuns entre os filhos dos homens, faz com que Seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre os justos e injustos'. Ele possui em Suas mãos o poder de julgar; é um juiz sábio, que julgará todos os homens, não de acordo com as estreitas noções humanas, mas segundo o que tiver feito por meio do corpo ou bem ou mal, ou tenham eles sido praticados na Inglaterra, na América, Espanha, Turquia ou Índia. Julgar-nos-á não de acordo com o que não 'temos mas de acordo com o que temos' aqueles que sem lei viveram, sem lei serão julgados, e aqueles que receberam certa lei, por tal lei serão julgados. Não precisamos ter qualquer dúvida quanto à sabedoria e inteligência do Grande Jeová; Ele recompensará todas as nações de acordo com seus merecimentos, seus meios de obter inteligência, as leis pelas quais são governadas, as facilidades de obter informações corretas que lhes foram concedidas e Seus inescrutáveis desígnios em relação à família humana; e, quando os desígnios de Deus se tornarem manifestos, sendo as cortinas da futuridade descerradas, teremos todos que, eventualmente, confessar que o Juiz de toda a terra fez o que era certo".[5]

Joseph ensinou que todos os homens teriam a mesma oportunidade de ouvir e abraçar as leis de Deus, tanto nesta vida como na vida futura.

"Todos os que morreram sem conhecimento deste Evangelho, e que o receberiam se lhes tivesse sido permitido, serão herdeiros do reino celestial de Deus; também, todos os que vierem a morrer, daqui por diante, sem conhecimento do mesmo, e que haveriam de recebê-lo de todo o coração, serão herdeiros deste mesmo reino, pois Eu, o Senhor, julgarei todos os homens de acordo com suas obras e o desejo de seus corações".[6]

Aqueles que no mundo espiritual aceitassem o Evangelho e desejassem viver de acordo com seus princípios e ordenanças, teriam um meio para fazê-lo. Os povos da terra poderiam realizar, por procuração, as coisas necessárias que eles não puderam fazer, seja por falta de oportunidade ou de compreensão. Tais coisas consistem no trabalho do templo para os mortos e na realização de todas aquelas ordenanças que Deus mandou que fossem realizadas durante a existência mortal do homem. Tais ordenanças são de impossível realização na vida futura. Tal lei foi assim designada por Deus e, quando a realizamos, empreendemos um glorioso propósito. Pois nada que o homem possa fazer poderá promover tanto amor entre ele mesmo e seus ancestrais que já partiram

---

4. **Doutrina e Convênios**, 132:15-20.

5. **History of the Church**, Período I, Volume 4, pp. 595-596
6. **History of the Church**, Período I, Volume I - p. 380

desta vida, quanto o sacrifício envolvido na construção de templos e na devoção de seu tempo e trabalho nos mesmos, por todos aqueles membros praticamente desconhecidos de sua família.

Todo o amor da raça humana, desde o nascimento até o túmulo, é produto de sacrifício – corresponde a se fazer pelos outros aquilo que os outros não podem fazer por si mesmos. Portanto, não é estranho que Deus tenha assim feito, a fim de unir em amor todos os membros de Seu reino; e, todo aquele que não aceitar o sacrifício de outrem a seu favor, bem como aquele que não está disposto a se sacrificar em favor de outrem, não possui aquelas qualidades que o tornam digno do Reino de Deus.

O templo representava a beleza de Nauvoo – a pureza de pensamento de seu povo – o amor de todos os que abraçaram as doutrinas da Igreja. Aqueles que nele penetravam deixavam para trás todos os desejos sórdidos, e os atos de sacrifício nele realizados purificavam suas almas.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Volume 4, pp. 326-331. (São depositadas as pedras fundamentais do templo de Nauvoo no décimo-primeiro aniversário da organização da Igreja. Notar a proeminência da Legião de Nauvoo. Fonte de material bastante interessante). Notas marginais.
2. **Ibid.,** Volume 4, p 517. (Interessante nota de Joseph Smith sobre o trabalho no templo).
3. **Ibid.,** Volume 4, pp. 608-610. (Editorial sobre o templo, tirado de **Times and Seasons).**
4. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Volume 2, pp. 133-136. (Os primeiros endowments são introduzidos e discutidos. Ver especialmente a nota de-pé nº 11, p. 135).
5. **Ibid.,** Volume 2, pp. 66-68 (Notar o espírito de alegria então demonstrado).
6. **Ibid.,** Volume 2, pp. 471-473. (É depositada a pedra fundamental do templo de Nauvoo).
7. **Ibid.,** Volume 3, pp. 22-23. (O templo de Nauvoo é destruído pelo vento e pelo fogo.)
8. **Ibid.,** Volume 2, pp. 183-189: nota-de-pé nº 8. (Joseph Smith e Stephen A. Douglas).
9. **Ibid.,** Volume 2, pp. 189-190. (Um ministro metodista descreve Nauvoo).
10. **Ibid.,** Volume 2, p. 179. (Destruição da Mansão de Nauvoo).
11. Evans, **Joseph Smith, An American Prophet,** pp. 297-301.
12. **Ibid.,** pp. 308-311. (Sacrifício na história da religião).
13. **Ibid.,** pp. 259-266. (A doutrina Mórmon quanto à santidade da mulher, o casamento e o lar).
14. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 250-251. (Revelação sobre o templo de Nauvoo).
15. **Ibid.,** pp. 255-257. (Construção e dedicação da pia batismal do templo de Nauvoo).
16. **Ibid.,** p. 263. (Ordenanças feitas em Nauvoo. Dedicação do templo de Nauvoo).
17. Talmage, **A Casa do Senhor,** pp. 17-62. (Templos dos tempos antigos).
18. **Ibid.,** pp. 126-135. (O templo de Nauvoo. Uma história e estudo bastante completos).

TEMPLO DE NAUVOO, fotografia de uma pintura de C.C.A. Christensen.

O TEMPLO DE NAUVOO EM CHAMAS, fotografia de uma pintura de C.C.A. Christensen

PEDRA DO SOL, salva das ruinas do templo de Nauvoo.

Gentileza de J.M.Hoslop

CAPÍTULO 23

CONFLITO DE NORMAS SOCIAIS

A história nos mostra que toda vez que alguém tentou mudar radicalmente a sociedade em que viveu, se defrontou com perseguições e, freqüentemente, com morte e violência. As únicas exceções se constituem naqueles que, através da força e da violência, destruíram o controle do governo e, através de um reinado de terror, esmagaram toda a oposição. Joseph Smith era, em essência, um homem pacífico, que prôcurava ganhar caminho através do amor e não do temor. Suas doutrinas, porém, eram revolucionárias. A ordem social que ele desejava criar era completamente diferente de toda e qualquer outra encontrada onde quer que fosse na América. Foi este conflito, o das doutrinas por ele ensinadas com as da sociedade estabelecida, a causa de sua morte.

Durante o período em que os Santos viviam em Nauvoo três características da "Sociedade Mórmon" fizeram com que oposição e, finalmente, expulsão, causassem a sua morte.

Primeiro: A Solidariedade e Exclusividade dos Santos

Já vimos que tanto em Ohio como em Missouri os Santos sempre agiam como uma só unidade, tanto econômica como política e socialmente, fazendo com que os outros se sentissem excluídos de seu meio. Notamos também a oposição e o ciúme que isto causou. Esta característica, porém, tornou-se ainda mais pronunciada em Nauvoo. Praticamente todos os Santos lá se congregaram e, embora os não-mórmons fossem convidados a se associarem a eles, alguns chegando mesmo a fazê-lo, ainda assim a cidade continuou quase que exclusivamente mórmon. Os extensos poderes da Carta Constitucional de Nauvoo aumentaram esta exclusividade. Separou a cidade, tornando-a quase um estado dentro do estado. Concedeu-lhe poderes não possuídos por outras cidades, o que provocou ciúmes e suspeitas.

Esta solidariedade existente entre os Santos fazia-se sentir especialmente durante as eleições. Desde o tempo em que os Santos foram convidados a se estabelecerem em Quincy, os políticos tinham procurado obter o seu favor. Durante algum tempo os Santos conseguiram um equilíbrio de poder entre os partidos políticos de Illinois e se constituíam em sólido voto para os candidatos, prometendo-lhes estes um maior interesse por seu bem-estar. Durante o período em que os mórmons tinham um certo equilíbrio de poder o governo prestava-lhes todo e qualquer favor. À proporção que a oposição contra os Santos aumentava, tal solidariedade tornou-se como um espinho na carne para alguns candidatos, que esperavam obter o voto dos mórmons, e, ao mesmo tempo, reter o voto dos não-mórmons. Esta posição intermediária dos políticos tornou-se mais e mais impossível, à proporção que a oposição aos Santos aumentava. Lá por 1843 os políticos do estado e da nação já se tinham unido à maioria contra os Santos, a fim de salvar suas próprias carreiras políticas.

Bem logo se tornou impossível para os Santos o apoio dos candidatos de qualquer partido político, o que significava o fim da proteção política que gozavam em Illinois, e, eventualmente, o impedimento dos direitos e privilégios que tinham obtido. Aliás, em 1843, tentou-se revogar a Carta Constitucional de Nauvoo, o que se conseguiu, já que o mandado de cassação foi apoiado pela Câmara dos deputados, que prontamente se uniu aos sentimentos contrários aos mórmons.

Durante a última parte de 1843,

Joseph Smith se comunicou com os futuros aspirantes políticos à Presidência dos Estados Unidos. Os senadores Henry Johne, Clay, Calhoun, Levis Cass e Van Buren foram interrogados sobre seus pontos de vista para com os mórmons. Suas respostas foram evasivas. Era evidente que os Santos podiam esperar bem pouca ajuda, fosse qual fosse o candidato eleito. Ansiosos de exercer seus direitos de voto e especialmente ansiosos por apresentar sua causa e seus pontos de vista perante a nação, os líderes mórmons fizeram algo surpreendente. Decidiram em reunião que colocariam seus próprios candidatos no campo. Uma convenção estadual do "Partido Reformador" foi convocada e se reuniu em Nauvoo, no dia 17 de maio de 1844. Desta convenção Joseph Smith emergiu como candidato ao cargo de Presidente dos Estados Unidos. Ninguém esperava que ele fosse eleito; muito menos ele mesmo. Isto, porém, oferecia uma boa oportunidade para apresentar à nação a causa mórmon. A imprensa haveria de procurar publicar os pontos de vista de um candidato ao cargo de Presidente dos Estados Unidos, embora desprezasse estes mesmos pontos de vista como expressões de um Profeta. Os Doze Apóstolos, bem como outros missionários especiais, foram enviados aos estados do leste, a fim de melhor expandir sua causa. A estes Joseph jocosamente disse: "Há na Igreja oratória suficiente para colocar-me no assento presidencial na primeira tentativa."

As plataformas políticas de Joseph Smith, impressas por toda a nação, são dignas de comentário. Elas mostram o vasto escopo de interesses do Profeta, bem como algo sobre sua natureza agressiva e destemida. Encontram-no advogando o seguinte:[1]

1. Um sistema bancário central, pertencente ao governo, com a matriz em Washington e suas ramificações nos diversos estados.

2. A anexação do Texas, após requisição do mesmo, mais a extensão de um convite ao México e ao Canadá para se tornarem parte dos Estados Unidos da América.

3. A imediata ocupação e colonização do Oregon.

4. A redução do Congresso Nacional, ficando a Câmara com dois terços e o Senado com metade.

5. A liberdade dos escravos, através de compra dos mesmos pelo Governo Federal; os fundos seriam obtidos através da venda de terras públicas.

6. Uma reforma no sistema de aprisionamento, o que transformaria as prisões em oficinas e seminários.

7. A construção, pelo governo, de uma represa cruzando o rio Mississippi em Keokuk (um pouco abaixo de Nauvoo), e a construção de diques para ajudar a navegação naquele lugar, onde há corredeiras.

8. Uma reforma nas severas punições militares aplicadas aos desertores em tempo de guerra.

9. Uma tarifa alta para proteger as indústrias novas.

Isto criou grande interesse e os jornais muito comentaram sobre o novo candidato. O "Iowa Democrat" publicou o seguinte:

Um Novo Candidato no Campo Político

"Vemos, através do **Nauvoo Neighbor,** que o General Joseph Smith, o grande Profeta mórmon, apresentou-se como candidato à próxima presidência. Não sabemos se ele pretende submeter suas pretensões à Convenção Nacional ou não, mas a julgar pela linguagem de seu próprio orgão de imprensa, concluímos que se considera a si mesmo tão em condições quanto os outros.

"Tudo o que temos a dizer neste ponto é que, se talento, gênio e inteligência, combinados com virtude, integridade e largueza de visão, são garantias para a eleição do General Smith, achamos que ele tem mais qualidades que todos os outros candidatos juntos".[2]

Uma convenção nacional do "Partido Reformador" foi convocada em julho, mas antes disso o líder mórmon foi assassinado por seus inimigos.

A segunda fase da solidariedade e exclusividade da comunidade Mórmon é evidente em sua política econômica. Embora a lei de consagração nunca tenha sido tentada em Nauvoo, o espírito de tal ordem social mostrava-se bastante manifesto. A cooperação, ao invés de rude competição, era o âmago da

1. "Views of the Power and Policy of the Government of the United States". Um panfleto reimpresso em **History of the Church,** Vol. 6, p. 197.

2. **History of the Church,** Vol. 6, p. 268.

vida econômica mórmon. Acusações de "comunismo", o primeiro no mundo moderno, eram freqüentes. O conflito real com a ordem econômica de outras comunidades, entretanto, era imaginário. Foi o sucesso da sociedade mórmon que chamou a atenção de seus vizinhos e fez nascer temores imaginários.

Os especuladores de terra foram, talvez, a única classe diretamente afetada, pois descobriram ser impossível operar na região de Nauvoo. A Igreja comprava grandes extensões de terras, vendendo-as aos Santos a preço de custo. Embora a venda particular de terras existisse, a política de venda de terras da Igreja dominava a situação e desencorajava quaisquer negócios. Ver Nauvoo se desenvolver na maior cidade do estado, sem poderem ganhar um só centavo de lucro, enraivecia os vendedores de terras, comuns naquele tempo.

Além disso, o rápido crescimento de Nauvoo tinha um efeito retardador sobre o crescimento das cidades vizinhas. Os negócios, naturalmente, gravitavam em torno dos centros maiores. Isto converteu-se numa calamidade para os especuladores que tinham investido dinheiro nas cidadezinhas vizinhas, tendo em vista o seu esperado crescimento.

A exclusividade dos Santos manifestava-se ainda mais em sua vida social e religiosa, em suas recreações, casamentos e sociabilidade.

Segundo: As Atividades Missionárias

O trabalho de conversão de seus vizinhos, à fé que haviam abraçado, continuou durante sua estada em Nauvoo. As atividades missionárias também cresceram no exterior. O efeito do sucesso do proselitismo dos mórmons pôde ser observado durante o período passado em Missouri. Tal efeito seguiu os Santos por toda a parte. A ativa oposição dos ministros cristãos, que dia a dia perdiam suas congregações, que passavam para a nova religião, era um fator poderoso em todas as perseguições.

Terceiro: Diferenças nas Crenças Religiosas

As crenças religiosas dos Santos, como já testemunhamos, quando das dificuldades em Missouri, entraram em conflito com as crenças de outros povos. Alguns elementos novos, entretanto, se apresentam durante a colonização de Illinois. Em Nauvoo o poder do Profeta sobre seu povo tornou-se mais e mais evidente, e a crença nas revelações afetava todas as fases da vida na comunidade. O Profeta líder tornou-se um homem temido no estado, por causa da natureza agressiva de seus ensinos religiosos. O mormonismo não era uma religião passiva. Os Santos não se sentavam calmamente às portas de suas casas, satisfeitos com seus próprios e peculiares credos. Tinham uma missão a realizar, qual seja a de levar a mensagem da Igreja restaurada a seus vizinhos e ao mundo todo. Tão forte era o desejo e o sentimento do dever relativo a este assunto, que, como já testemunhamos, os Santos estavam dispostos a sacrificar todos os seus bens terrenos, se necessário, a fim de adiantar a causa. A declaração, por parte dos Santos, de que possuíam o Evangelho em sua plenitude, enquanto todas as outras denominações estavam erradas, continuava, como já havia feito no tempo da primeira visão, a levantar oposição.

Além disso, em Nauvoo, o Profeta proclamou um certo número de doutrinas adicionais, que se relacionavam com o casamento e trabalho no templo. Isto separou ainda mais os Santos do resto do mundo.

Uma destas doutrinas foi especialmente responsável pela perseguição feita à Igreja. Foi a doutrina do casamento plural, sancionada divinamente. A princípio de 1831, Joseph Smith disse ter recebido uma revelação concernente ao assunto e falou sobre a mesma a alguns poucos associados. Tal doutrina, entretanto, não tinha sido praticada ou dada a conhecer até então. Em 1840, a doutrina foi ensinada a uns poucos irmãos da

liderança, que, juntamente com o Profeta, secretamente se casaram com outras esposas no ano seguinte. Tal segredo não poderia ser conservado por muito tempo, embora a doutrina não fosse discutida abertamente. Este estado de coisas deu margem a sério escândalo fora da Igreja.

Revelação Sobre Casamento

No dia 12 de julho de 1843, o Profeta fez com que a revelação sobre a "Eternidade do Convênio Matrimonial e do Casamento Plural" fosse escrita e lida ao Sumo Conselho, em Nauvoo. Talvez nenhuma das doutrinas do início da Igreja tenha causado tanta dissensão dentro e fora da organização. É bom que façamos uma pausa por um momento e contemplemos a forma pela qual a doutrina foi recebida.

Durante anos, depois de ter conhecimento de tal doutrina através de revelação divina, Joseph sentiu-se impossibilitado de pô-la em prática ou de ensiná-la a outros. O treinamento anglo-saxônico da Igreja era completamente oposto ao casamento plural, embora ele nunca tivesse sido proibido, seja pela Constituição Estadual ou pela Federal. Mesmo depois de estabelecidos em Nauvoo, quando o Profeta diz que lhe foi ordenado pelo Senhor que se pusesse em prática a lei do casamento plural, ele hesitou em fazê-lo. Noite após noite Joseph vagou pelas margens do Mississippi, às vezes acompanhado por seu irmão Hyrum, pensando no problema. Ele estava convencido de que a prática da doutrina haveria de ocasionar grave perseguição à Igreja e, eventualmente, a sua própria morte.

Não se pode fazer um erro maior do que o de supor que Joseph Smith, Brigham Young, ou qualquer dos líderes da Igreja, aceitaram a doutrina de casamento plural com prazer, ou que a introduziram movidos por desejos imorais. Mais tarde Brigham Young disse o seguinte a respeito:

"Se qualquer homem me perguntasse qual a minha escolha quando Joseph Smith revelou tal doutrina (do casamento plural), eu teria respondido: Deixem-me ter apenas uma mulher... Eu não queria retrair-me de qualquer dever, nem falhar de nenhuma forma em fazer o que me fora ordenado, mas foi a primeira vez em minha vida em que desejei a morte; só dificilmente consegui conformar-me".[3]

John Taylor, que veio a tornar-se o terceiro presidente da Igreja, adiciona:

"Eu sempre tive idéias estritas sobre a virtude e, como homem casado que era, achava tal coisa apavorante, mesmo antes de tê-la como doutrina. A idéia de ir e perguntar a alguma jovem se queria casar-se comigo quando eu já tinha uma esposa me deixava perplexo. Era algo que fazia com que meus mais íntimos sentimentos fossem de revolta. Eu sempre aderi à mais estrita castidade... Com o sentimento que possuía em meu coração a respeito, somente o conhecimento de Deus, de Suas revelações e da verdade delas, poderia induzir-me a abraçar um tal princípio".[4]

Para Heber C. Kimball e sua esposa, Vilate, o mandamento do Profeta de que Heber deveria tomar outra esposa foi prova de incomum severidade. Tal mandamento não foi revelado à esposa de Heber por algum tempo. Vilate, porém, notou que Heber se achava bastante aturdido. Segundo o seu dizer, em resposta às suas orações, concernentes ao que estava causando tanta preocupação a seu marido, ela recebeu uma visão do mundo eterno. Não se sabe detalhadamente o que viu, mas, de qualquer forma, depois disto Vilate se tornou uma grande defensora da doutrina do casamento plural.

Se a doutrina causou tamanha perplexidade entre os líderes mais firmes da Igreja, não é de se admirar que muitos não a tenham querido receber. Só mesmo a discrição com que foi praticada impediu uma completa apostasia da Igreja em 1844. Quando a doutrina foi publicamente anunciada nos campos missionários, a oposição à Igreja aumentou enormemente e a violência das turbas se manifestou muito mais fortemente.

O sigilo com que se introduziu esta prática levou muitos a interpretações

3. Discurso pronunciado em Provo, no dia 14 de julho de 1855. Ver Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. 2, p. 102.
4. Roberts, **The Life of John Taylor** p. 100.

errôneas e a acusações de adultério. Este foi o fator mais importante, o que mais rancor causou, tanto por parte de mórmons como de não-mórmons contra o Profeta. Nenhum dos ensinamentos da Igreja entrou tão diretamente em conflito com a ordem social vigente nem levantou tanto ressentimento.

A Filosofia Mórmon e as Circunstâncias Então Existentes Conduziram à Introdução do Casamento Plural

Deve ser constantemente levado em conta que a doutrina do casamento para o tempo é eternidade, contida na seção 132 de **Doutrina e Convênios,** com todas as bênçãos que promete, não envolve, necessariamente, o casamento plural. A doutrina de que o casamento pode ser eterno ao ser tal ordenança realizada pelo Sacerdócio de Deus, é uma contribuição incomum às filosofias religiosas e dá um significado definido à filosofia mórmon.

Os princípios fundamentais da filosofia introduzida por Joseph Smith devem ser por nós lembrados. Primeiramente, o propósito primordial da existência é o de desenvolver a personalidade humana até a sua mais alta capacidade de felicidade. Segundo, este desenvolvimento de atributos divinos pode ser obtido mais facilmente através da experiência ganha através da paternidade ou da maternidade e da participação nas responsabilidades de um lar. Esta associação matrimonial é obtida para esta vida e para a eternidade, quando sancionada por Deus, através de Seu Sacerdócio. Joseph Smith ensinou que aqueles que se casam para o tempo e eternidade poderão, depois de ganhar sua exaltação, continuar a ter filhos espirituais e, eventualmente, tornar-se como Deuses para tais filhos.

Naturalmente, sob tal plano, um maior desenvolvimento da raça haveria de ser obtido se cada homem e cada mulher, mental e fisicamente aptos ao casamento, se associassem matrimonialmente e se tornassem pais. Já que os sexos são aproximadamente iguais em número em condições normais, o sistema de matrimônio monógamo, como seja, um homem e uma mulher, haveria de prevalecer normalmente. Tal lei foi dada pelo Senhor aos nefitas.

> "Pois nenhum homem dentre vós deve ter mais que uma esposa; e não terá nenhuma concubina".[5]

Se, quando o número de pessoas de ambos os sexos é igual, prevalecesse o sistema de casamento plural, muitos homens, física e mentalmente aptos, ver-se-iam privados da oportunidade oferecida pelo casamento e de subseqüente desenvolvimento de sua personalidade.

Nos primeiros períodos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias uma condição incomum prevalecia. Mais mulheres do que homens convertiam-se à Igreja. Isto aconteceu tanto durante o tempo em que os Santos estavam estabelecidos em Nauvoo como durante algum tempo depois da chegada dos mesmos a Utah.[6] Os Santos constituíam um povo exilado, como se fossem um povo que habitasse uma ilha do mar. O casamento fora da Igreja era desencorajado. Não havia homens suficientes. Muitas mulheres teriam que viver e morrer solteiras, privadas da oportunidade do desenvolvimento proporcionado pelo casamento e pela vida matrimonial. O casamento plural era a alternativa. Não foi introduzido para a prostituição. Não foi para satisfazer sua concupiscência ou a de seus seguidores que Joseph Smith ensinou e praticou a doutrina. Os homens e mulheres que praticaram o casamento plural se encontravam entre o número de pessoas de maior moralidade jamais conhecido neste mundo. É bem verdade que entre os primeiros mórmons a prostituição era desconhecida, mas talvez não o fosse, se a poligamia nunca tivesse sido praticada.

5. **Livro de Mórmon,** Jacó, 2:27b.
b. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 3, p. 291. Também Ibid., p. 488.

A poligamia nunca foi, em tempo nenhum, uma lei geral para toda a Igreja, e nunca foi, em tempo algum, praticada por mais que dois por cento da população masculina. O Presidente possuía as chaves de sua prática e somente àqueles supostamente capazes de viver a lei em retidão era permitido entrar em tais associações. Que o excesso de mulheres na Igreja foi absorvido na vida familiar é um fato indiscutível. Que os melhores membros da Igreja e as melhores pessoas do mundo surgiram através do casamento plural é igualmente indiscutível. É triste o fato de terem alguns poucos abusado da lei e da confiança que lhes foi depositada, dando margem a escândalo e ridículo contra a Igreja.

A despeito das razões sociais que podem ser indicadas na justificação do casamento plural, deve-se admitir que era o mesmo diretamente contrário às tradições dos povos na época, tanto de dentro como de fora da Igreja. O próprio sigilo com que tal lei foi praticada tinha por objetivo evitar quaisquer explicações a tais pessoas. Entretanto, os vagos rumores se multiplicaram e foram aumentados pelas línguas faladeiras.

O Profeta Antecipa a Crise

O Profeta sabia que a ordem social então estabelecida haveria de levantar grande oposição em Illinois. As experiências da Igreja em Ohio e Missouri tinham tornado isto evidente. A presença dos mórmons em grande número em qualquer parte da América colonizada naquele tempo teria produzido uma história similar. **E isto não porque os mórmons fossem pessoas de difícil convivência, ou porque os não-mórmons fossem iníquos, mas simplesmente porque os ensinamentos da Igreja e das ordens sociais então existentes entravam em conflito completamente.** Foi para preparar-se contra tão esperada oposição e talvez mesmo para evitá-la, que Joseph Smith escreveu a incomum Constituição de Nauvoo e tudo fez para que fosse apoiada pelo Congresso. Foi para impedir prisões ilegais que ele insistiu na existência de uma corte municipal independente em Nauvoo. Foi para proteger seu povo da esperada violência das turbas que ele organizou e treinou a famosa Legião de Nauvoo.

Tampouco acreditava ele que tais precauções haveriam de proteger seu povo por muito tempo. Ele previu uma inevitável e cruciante oposição e, já em 1842, principiava a procurar uma região deserta, na América, onde seu povo pudesse organizar sua "Sião" sem conflito. Sua atenção voltou-se necessariamente para o Oeste e, nesse mesmo ano, pronunciou uma famosa profecia a um grupo de Santos, em Montrose, Iowa. No seu diário, com data de 6 de agosto, lemos:

> "Profetizei que os Santos haveriam de continuar a sofrer muita aflição e que seriam expulsos para as Montanhas Rochosas; muitos apostatariam, outros seriam mortos por nossos perseguidores ou perderiam suas vidas em conseqüência de enfermidades e alguns viveriam para ir e ajudar na colonização e construção de cidades e veriam os Santos se tornarem um povo poderoso no meio das Montanhas Rochosas".[7]

Deste tempo em diante ele procurou ansiosamente obter todo o conhecimento possível sobre o Oeste e principiou a fazer planos para o êxodo dos Santos a tal lugar. Tais planos foram apressados quando o círculo de inimigos principiou a apertar sobre ele, no início de 1844. No dia 20 de fevereiro deste mesmo ano, ele instruiu os Doze Apóstolos a enviarem uma delegação para explorar a região chamada Oregon e California (regiões estas que assim chamadas já naquele tempo incluíam a área toda das Montanhas Rochosas), tendo em vista encontrar um lugar adequado para os Santos depois do témino do templo de Nauvoo. De seus sermões registrados é evidente que ele esperava que o templo fosse terminado lá pela primavera de 1845.

A respeito da organização de tal expedição, Joseph disse aos Doze: "Deixem

7. **History of the Church**, Período 1, Vol., 6, p. 234.

ir todo o homem que tiver $500 dólares, um bom cavalo e mula, um barril duplo de munições, rifle, uma sela e rédeas, um par de revólveres, facas e um bom sabre".[8]

Aqueles que se voluntariaram para esta expedição foram organizados com o nome de "Western Exploration Company" (Companhia de Exploração do Oeste). Os preparativos foram iniciados, para a proposta jornada. No dia 25 de fevereiro de 1844, Joseph Smith escreveu em seu jornal:

"Dei algumas importantes instruções e profetizei que dentro de cinco anos estaremos fora do poder de nossos velhos inimigos, sejam eles apóstatas ou não; disse também aos irmãos que registrem isto, a fim de que com o passar do tempo não venham a dizer que se esqueceram do que eu disse".[9]

No dia 26 de março, Joseph Smith enviou um memorial ao Congresso Nacional, pedindo que passassem uma lei **"para a proteção dos cidadãos dos Estados Unidos que imigrarem para os territórios adjacentes, e para a extensão dos princípios da liberdade universal".**[10]

A lei proposta por Presidente Smith dar-lhe-ia autoridade para levantar força de cem mil voluntários e, com estes, salvaguardar e assegurar a colonização do oeste, de acordo com os princípios sugeridos.

O Congresso rejeitou tal proposição, em parte por causa da existência de tratados com a Inglaterra para a ocupação conjunta de Oregon, e em parte por causa da natureza pessoal da lei e da extensão de poder que colocaria nas mãos de um só homem.

Os eventos de Nauvoo se tornaram tão turbulentos desde então, que àqueles chamados para a expedição ao oeste foram designados outros deveres e a jornada proposta foi adiada, até depois das eleições.

As próprias provisões da Constituição de Nauvoo, feitas pelo Profeta a fim de proteger seu povo, como sejam, a independência judiciária e a milícia, provocaram ainda maior oposição aos Santos.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Volume 5, pp. 85-86. (Breve declaração de Joseph Smith e detalhado relato feito por Anson Call, da profecia sobre a mudança dos Santos para as Montanhas Rochosas. Texto e nota-de-pé).

2. **Ibid.,** Volume 5, pp. 393-394; 395c--398. Nota. (Joseph Smith e Stephen A. Douglas, relato de William Clayton e nota pelo editor Roberts). Eis aqui a história da tão discutida profecia de Joseph concernente a Douglas. Esta parece ser a principal fonte desta história.

3. **Ibid.,** - Volume 6, pp. 187-189a. (Movimento para o lançamento de Joseph Smith como candidato à presidência dos Estados Unidos).

4. **Ibid.,** Volume 6, pp. 197b-209. ("-Plataforma de Joseph Smith").

5. **Ibid.,** Volume 5, p. 526. ("A atitude do Profeta Concernente à Política" Declarações breves e informais feitas por Joseph).

6. **Ibid.,** Volume 6, pp. 32-33. (Joseph Smith comenta o socialismo).

7. **Ibid.,** Volume 6, p. 46a. (Breve comentário sobre a poligamia).

8. Roberts, **Comprehensive History of The Church,** Volume 2, pp.121-125. (A atitude da Igreja quanto à política).

9. **Ibid.,** Volume 2, pp. 212-209. (Joseph Smith, candidato à presidência dos Estados Unidos).

10. **Ibid.,** Volume 2, pp. 181-183a. Nota 4. (Predição da mudança dos Santos para o oeste).

11. **Ibid.,** Volume 2, pp. 182b-189 (nota 8) pp. 190b-192. Também pp. 210--216a. Joseph Smith e Stephen A. Douglas. Profecia de Joseph concernente a

8. **Ibid.,** Período I, Vol. 6, p. 224.
9. **Ibid.,** Período I, Vol. 6, p. 225.
10. **Ibid.,** Vol. 6, p. 275.

Douglas. Planos para o movimento ao oeste).

12. Evans, **Joseph Smith, An American Prophet,** pp. 191-200. (Temos um Judas em nosso meio).

13. **Ibid.,** pp. 167-170. ("Porter Rockwell, guardião de Joseph Smith").

14. **Ibid.,** pp. 185-191. (Política e a questão mórmon; Joseph Smith, candidato à presidência, etc. Um interessante relato).

15. **Ibid.,** pp. 266-275. ("Mórmon Polygamy". Teorias sociais sobre a poligamia, apresentadas por líderes mórmons: "Surplus Theory", de Orson Pratt; "Limitation Theory", de Parley P. Pratt; "Equalizing Theory", de George Q. Cannon. Aqui Evans faz hábil uso da história, de citações e de filosofias).

16. **Ibid.,** 241-244. (Joseph Smith e a Ordem Unida).

17. **Ibid.,** pp. 200-202. (História da desistência do Profeta em seus propósitos e planos de ir para o oeste, voltando a Nauvoo e Carthage).

18. **Doutrina e Convênios,** Seção 132.

19. Whitney, Orson F. **Life of Heber C. Kimball,** pp. 331-339. (Interessantes experiências, envolvendo Joseph Smith, Heber C. Kimball, sua esposa, bem como sua filha, Helen Kimball, todas tendo o que ver com a revelação e ensinamento do Profeta quanto ao casamento plural).

20. Smith, Joseph Fielding, **Essentials in Church History,** pp. 481-486. (Poligamia).

21. **Ibid.,** pp. 493-496. (O manifesto de Woodruff concernente ao casamento plural).

22. **Ibid.,** pp. 296-302. (Tentativas de falsos irmãos para destruir o Profeta).

23. **Ibid.,** pp. 283-295. (Joseph Smith e a presidência dos Estados Unidos).

24. Snow, Eliza R., **Biography and Family Record, of Lorenzo Snow** pp. 69, 76, 77. (Joseph Smith ensina a doutrina do casamento plural a Lorenzo Snow; Joseph planeja a mudança para o oeste. Candidato à presidência dos Estados Unidos).

NAUVOO EXPOSITOR.

PREAMBLE.

Primeira página do Nauvoo Expositor.

Permissão de "The Improvement Era"

CAPÍTULO 24

O PREÇO DA GRANDEZA

Fecha-se a Rede Sobre o Profeta

A destruição do "Nauvoo Expositor" (ver p. 184) no dia 10 de junho de 1844, provou ser a centelha que incendiou o fogo latente da oposição, transformando-o em grandes chamas, pois ofereceu a ocasião pela qual os apóstatas da Igreja esperavam, como seja, a de poder apresentar uma desculpa legal para pôr as mãos no Profeta e noutros líderes. A pretensão de que a "liberdade de imprensa" estava sendo violada uniu os diferentes grupos que procuravam destruir os Santos como nada antes tinha conseguido unir.

Reuniões de protesto foram realizadas em Hancock e nos condados vizinhos. Os inimigos mais acirrados do Profeta agitavam os ânimos em tais reuniões, com suas ameaças de violência. Os jornais apresentavam a matéria em letras garrafais. O jornal **Warsaw Signal,** pertencente aos antimórmons, depois de publicar o relato do apóstata Foster, concernente à destruição do **Expositor,** adicionou:

"Temos tão-somente a dizer que isto é o suficiente! A guerra e exterminação é inevitável! **Cidadãos, levantai-vos todos!!!** Podeis suportar calmamente que tais **Demônios** vos privem de vossas propriedades e direitos, sem vingar-vos? Não temos tempo para comentários; cada qual que faça seu próprio julgamento, e que seja com pólvora e balas!!!"[1]

No mesmo dia que este artigo apareceu, o oficial de polícia David Bettisworth veio de Carthage a Nauvoo e prendeu Joseph Smith, Samuel Bennett, John Taylor, William W. Phelps, Hyrum Smith, John P. Green, Stephen Perry, Dimick B. Huntington, Jonathan Holmes, Jesse P. Harmon, John Lytle e Levy Richards, por **agitação pública.** Estes irmãos se submeteram à prisão, mas pediram um julgamento perante a justiça de paz de Nauvoo. O oficial fez objeção a tal pedido. Depois de conseguirem o habeas corpus, eles se apresentaram perante a Corte Municipal de Nauvoo e foram soltos. Embora a destruição da imprensa fosse um ato sério, pareceu, entretanto, perfeitamente legal. A conselho de um juiz itinerante, um segundo julgamento foi realizado perante o juiz Daniel H. Wells, um não-mórmon. Novamente foram soltos. Estes julgamentos não conseguiram acalmar a oposição, que exigiu o julgamento de Joseph e dos outros irmãos em Carthage. Joseph sentiu que suas vidas não estariam a salvo em tal lugar. Conseqüentemente, recusou. As turbas aumentavam nas cidades vizinhas. O prefeito enviou ao governador Ford uma explanação da situação e esperou inutilmente algum conselho seu. No dia 16 do mesmo mês, Joseph Smith emitiu uma proclamação que tinha por fim esclarecer a situação, bem como prevenir as turbas que se aproximavam da cidade.

Isto somente fez piorar a situação. Carthage e Warsaw principiaram a reunir forças militares. Cinco canhões foram colocados em pontos estratégicos e em ambas as cidades foi dada a ordem de "massacrar toda a comunidade mórmon".

Lei Marcial em Nauvoo

A fim de proteger seu povo, o Profeta mandou reunir a Legião de Nauvoo e proclamou lei marcial em Nauvoo, no dia 18 de junho. Em seu último discurso a seus soldados e a seu povo ele disse:

"Tenho por testemunha a Deus e Seus anjos que desembanhei minha espada com determinação firme e inalterável, a fim de que este povo

---

1. **Warsaw Signal,** Edição de 12 de junho de 1844.

tenha seus direitos legais e seja protegido de turbas e violências; e isto farei, mesmo que para tal tenha que derramar meu sangue como água sobre a terra, consignando meu corpo ao túmulo silente. Enquanto viver não me submeterei ao domínio desta maldita oclocracia".[2]

A milícia dos Santos então em Ramus e em Montrose se reuniu às forças de Nauvoo a fim de defender a cidade. No dia 20 de junho, cartas foram enviadas aos dez apóstolos que se encontravam em missões, urgindo-os a voltarem rapidamente a Nauvoo. Theodore Turley recebeu instruções para principiar a fabricação de artilharia.

No dia 21 de junho o Governador Ford chegou a Carthage e pediu por carta ao Conselho da Cidade de Nauvoo que seus representantes se lhe apresentassem a explanassem o seu caso. Dr. Willard Richards , Dr. John M. Bernhisel e John Taylor foram eleitos pelo Conselho da cidade para tal missão.

Richards, porém, foi posteriormente detido por Joseph Smith para outros afazeres, e no dia seguinte, Lucien Woodworth foi enviado em seu lugar. Woodworth levou consigo uma carta ao Governador Ford, convidando-o a ir até Nauvoo e fazer uma investigação completa.

Parece, entretanto, que o Governador se viu fortemente influenciado pelos sentimentos então dominantes em Carthage. Em sua carta de réplica , na tarde do mesmo dia, ele acusou o Conselho da Cidade de Nauvoo de abuso de poder, ordenou que a Legião debandasse e que a lei marcial fosse terminada. Ordenou que Joseph Smith se submetesse à prisão e que fosse julgado em Carthage. Sua carta terminava com uma promessa e uma ameaça.

"Se for necessária a presença de testemunhas nos julgamentos, farei com que tais pessoas estejam plenamente autorizadas; garantirei também as vidas de todas as pessoas que venham a ser trazidas a este lugar de Nauvoo, seja para serem julgadas ou como testemunhas do acusado.

"Se os indivíduos acusados não forem encontrados ao serem procurados pelo oficial de justiça, considerarei isto equivalente a recusa de prisão e, então, darei ordem de ação à milícia".[3]

Em resposta, Joseph enviou ao governador uma segunda carta que se constituía de brilhante defesa da ação do Conselho da Cidade, adicionando o seguinte:

"Não hesitaríamos em sermos julgados novamente, de acordo com o desejo de Vossa Excelência, não fosse o fato de estarmos certos que nossas vidas correm perigo. Não nos atrevemos a ir. Mandados, estamos certos, são emitidos contra nós em várias partes do país. Para quê? Para arrastar-nos de lugar a lugar, de corte a corte, através de riachos e planícies, até que algum vilão sedento de sangue possa encontrar a oportunidade de matar-nos a tiros. Não nos atrevemos a ir, apesar das promessas de proteção feitas por Vossa Excelência... V. Excia. expressou o temor de não poder controlar a turba, o que nos deixaria à mercê de inclementes".[4]

Os líderes então em Nauvoo realizaram uma reunião na tarde do dia 22 de junho, na **Mansion House.** Depois de ler a carta enviada pelo Governador Ford ao Conselho, o Profeta declarou: "Não há misericórdia – não, aqui não há misericórdia". Hyrum adicionou: "De forma alguma! Tão logo caiamos em suas mãos, seremos homens mortos". Um pouco mais tarde o semblante do Profeta se iluminou e ele disse: "O caminho está aberto. Fez-se claro na minha mente o que fazer. Tudo o que eles querem é Hyrum e eu; conseqüentemente, digam a todos que vão cuidar de seus afazeres, não se agrupando, mas, sim, espalhando-se pela cidade. Não há dúvida que eles virão aqui e procurarão por nós — deixem que procurem; eles não haverão de prejudicar-vos nem fisicamente nem em vossas propriedades; nem mesmo haverão de tocar um só fio de vossos cabelos. Nós cruzaremos o rio hoje à noite e fugiremos para o oeste".[5]

O diário pessoal do Profeta termina com estas palavras, pronunciadas nesta ocasião:

"Eu disse a Stephen Markham que, se eu e

---

2. **History of the Church,** Período 1, Vol. 6, p. 499

3. **Carta:** O Governador Ford escreve ao Prefeito e ao Conselho da Cidade de Nauvoo. 22 de junho de 1844. Ver **History of the Church,** Período 1, Vol. 6. pp. 533-537.

4. **History of the Church.** Período 1, Vol. 6, pp. 538-541.

5. **History of the Church,** Período 1, Vol. 6, pp. 545-546.

Hyrum viéssemos a ser presos novamente, viríamos a ser massacrados, ou eu não seria um Profeta de Deus . Eu queria que Hyrum vivesse para vingar meu sangue, mas ele está determinado a não me abandonar"[6]

Naquela noite Joseph e Hyrum, juntamente com Richards, cruzaram secretamente o Rio Mississippi, em direção a Iowa. O delegado que tinha estado em Nauvoo à espera de ordem para prender o Profeta e os membros do Conselho da Cidade voltou a Carthage na manhã do dia 23 de junho sem tentar qualquer aprisionamento, relatando que o acusado tinha fugido.

Joseph e Hyrum Tomam Uma Decisão

Mais ou menos à 1 hora da tarde do dia 23 de junho de 1844, três homens se encontravam bastante ocupados na casa de William Jordan em Montrose, Iowa. Estavam empacotando suprimentos para uma jornada a cavalo à Grande Bacia nas Montanhas Rochosas. Tal jornada significava liberdade para eles e, eventualmente, para seu povo. Esperavam pela chegada de Orrin Porter Rockwell, que lhes deveria trazer os cavalos.

Rockwell veio, porém, sem cavalos. Em vez disso, via-se acompanhado por Reynolds Cahoon, com uma carta da esposa do Profeta, Emma Smith. Em Nauvoo seu povo chamava-o de covarde. Aqueles que deveriam mostrar-se seus amigos denunciavam sua fuga. Até mesmo Emma, em sua carta, rogava-lhe que voltasse e se submetesse a julgamento. Cahoon assemelhou-o ao pastor que abandona seu rebanho aos lobos.

Atingido pela acusação de covardia, Joseph exclamou: "Se minha vida não é de valor para meus amigos, também não é de valor algum para mim mesmo." Naquela noite ele cruzou o rio até Nauvoo e enviou uma mensagem ao governador, dizendo-lhe que se submeteria à prisão. Joseph estava certo de que isto resultaria em sua morte.

A salvação estava agora além de suas forças. Todo o oeste estava contra ele. O Espírito lhe tinha sussurrado, em sua sabedoria, que fugisse, mas, a salvação sem a fé e devoção de seu amado povo era-lhe completamente sem significado.

Por algum tempo Joseph sentiu que a continuação de seus ensinamentos haveria de resultar em sua morte. A morte já não era para ele uma improbabilidade. No dia 9 de abril de 1842, dois anos antes, ele já havia declarado:

"Alguns supõem que o Irmão Joseph não pode morrer, o que é um erro; a verdade é que houve vezes em que a continuação de minha vida me foi prometida, a fim de realizar certas coisas, mas, depois de ter realizado tais coisas, já não tenho qualquer segurança de vida; estou tão sujeito à morte como qualquer outro homem".[7]

O Profeta pediu por carta ao Governador Ford para ser conduzido a Carthage por um destacamento policial. Devido à influência de apóstatas junto ao governador o pedido foi negado. Em vez disso, Joseph recebeu ordem de aparecer em Carthage às 10 horas do dia seguinte, sem um destacamento policial. Se o general Smith não se apresentasse, "Nauvoo seria destruída, bem como todos os homens, mulheres e crianças que na cidade habitavam".[8]

Na manhã do dia 24, o Presidente Joseph Smith e os membros do Conselho da Cidade, com uns poucos amigos, partiram de Nauvoo. Dirigiam-se a Carthage, a fim de se apresentarem para julgamento. Foi uma triste procissão. O olhar do Profeta descansou longamente sobre o templo inacabado e sobre seu povo amado. Estas palavras vieram do fundo de um coração pronto para arrebentar de tristeza: "Este é o mais belo lugar e o melhor povo sob os céus. Pouco conhecimento tem este povo das dificuldades que o esperam".[9]

A Prisão

A cerca de seis quilômetros e meio a oeste de Carthage foi-lhes ao encontro uma companhia de sessenta homens montados, sob a direção do Capitão Dunn. Foi durante a aproximação desta tropa que o Profeta exclamou:

6. **History of the Church,** Período 1, Vol. 6 pp 546

7. Sermão fúnebre, 9 de abril de 1842, **History of the Church,** Período 1, Vol. 4, p. 587.
8. **History of the Church,** Período 1, Vol. 6, p. 552
9. **Ibid.,** Período 1, Vol. 6 , p. 554.

"Vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa. Morrerei inocente, e meu sangue, do solo clamará por vingança, e ainda se dirá de mim — Foi assassinado a sangue frio".[10]

O Capitão Dunn apresentou uma ordem enviada pelo governador, para se apossar das armas possuídas pela Legião de Nauvoo e pediu ao Presidente Smith, em sua capacidade de tenente-geral da Legião, para que a assinasse também, o que foi feito. O Capitão Dunn pareceu temeroso de entrar em Nauvoo com seus homens e induziu o Profeta a voltar com ele e ver que a ordem do governador fosse cumprida.

Relutantemente o povo de Nauvoo entregou suas armas — armas de defesa contra a violência das turbas.

Chegada a noite, a companhia novamente principou sua jornada, juntamente com Joseph e seus homens, em direção a Carthage. Era meia-noite quando chegaram, mas a praça pública fervia de homens conhecidos pelo nome de "Carthage Greys", que, gritando e amaldiçoando, pareciam prontos para terminar com a vida do Profeta lá mesmo. A intervenção do Governador Ford da janela de seu hotel acalmou-os, sendo permitida a retirada da companhia para a Casa Hamilton, onde deveria passar a noite.

Na manhã do dia 25, Joseph e seus irmãos voluntariamente se entregaram a Bettisworth, oficial de justiça. As 8 horas da manhã Joseph e Hyrum foram novamente presos, sob a acusação de **"traição"** contra o estado de Illinois. A traição alegada consistia em declarar lei marcial em Nauvoo.

Mais tarde, no mesmo dia, Joseph e Hyrum foram levados à frente da tropa, perante o Governador Ford, que pareceu ansioso para acalmar os homens da milícia. Ao serem apresentados como "generais" aos "Carthage Greys" houve grande agitação.

Pouco depois, na Casa Hamilton, os oficiais da milícia declararam que embora a aparência do General Smith indicasse um caráter pacífico, "não podemos ver o que vai em seu coração, nem podemos dizer quais são suas intenções." Ao que o Profeta replicou:

"De fato, cavalheiros, não podeis ver o que vai em meu coração, e sois, portanto, incapazes de julgar-me a mim ou às minhas intenções; eu, porém, posso ver em vossos corações e digo-vos o que vejo. Vejo que tendes sede de sangue, e nada além do meu sangue haverá de satisfazer-vos. Não é por crime algum de qualquer tipo que eu e meus irmãos somos continuamente perseguidos e massacrados por nossos inimigos, mas, sim, por outros motivos, sendo que alguns deles eu já expus, em especial aqueles que se referem a mim mesmo; conseqüentemente, já que vós e vosso povo tendes sede de sangue, eu profetizo em nome do Senhor que havereis de testemunhar cenas de sangue e tristeza, para vossa completa satisfação. Vossas almas serão completamente saciadas com meu sangue, e muitos de vós agora presentes tereis a oportunidade de enfrentar a boca do canhão, proveniente de fontes por vós desconhecidas; e, todos aqueles que desejam este grande mal sobre mim e meus irmãos ver-se-ão cheios de tristeza, por causa das cenas de desolação e sofrimento que os esperam. Procurarão paz e não poderão encontrá-la. Cavalheiros, vereis que o que vos disse é verdade".[11]

Prisão Ilegal

Durante o dia, os membros do Conselho da Cidade de Nauvoo foram levados perante Robert F. Smith, juiz de paz, e do Capitão dos "Carthage Greys". Lá foram obrigados sob fiança a aparecer no próximo termo do Tribunal Itinerante do Condado de Hancock, sob a acusação de "desordem e de ter destruído a prensa do **Nauvoo Expositor".** A fiança total era de **$** 7.500 dólares, uma quantia excessiva. Para surpresa de seus acusadores tal soma foi prontamente levantada e os irmãos partiram para Nauvoo naquela mesma noite, mas, Joseph e Hyrum, quando à procura de uma entrevista com o Governador Ford, foram novamente aprisionados por Bettisworth. A despeito de seus protestos, foram encerrados na cadeia com uma

10. **History of the Church,** p. 555 - Ver também D&C 13:5:4.

11. **History of the Church** Vol. VI; p. 566

falsa ordem de prisão, [12] que declarava que eles haviam sido julgados por traição perante o Juiz Robert F. Smith, devendo submeter-se à prisão, à espera de julgamento. Já que isto não se deu, tal aprisionamento era ilegal. Quando o Governador foi informado do assunto por John Taylor, recusou-se a interferir.

Naquela noite Joseph e Hyrum, juntamente com Willard Richards, John Taylor, John P. Greene, Stephen Markham, Dan Jones, John S. Fullmer, Dr. Southwick e Lorenzo D. Wasson, que os acompanhavam, dormiram no chão da prisão, na cela do acusado.

Na manhã seguinte, Joseph Smith novamente pediu uma entrevista com o governador, que foi até a cadeia para tal propósito. Uma longa conversa se efetuou. O governador prometeu-lhes proteção e disse-lhes que, se fossem com suas tropas para Nauvoo no dia seguinte, Joseph e Hyrum provavelmente seriam levados junto, a fim de que a segurança destes fosse salvaguardada. Nada lhes foi prometido em relação a seu falso aprisionamento.

Os prisioneiros passaram o dia escrevendo cartas a seus amigos, fazendo planos com o Advogado Reid e ouvindo relatos de ameaças públicas contra suas vidas.

De tarde o Juiz de Paz Robert F. Smith mandou buscar os prisioneiros, mas o carcereiro se recusou a deixá-los sair, declarando ser contrário a seu dever juramentado. Isto causou considerável excitamento. A populaça se reuniu e uma companhia de Carthage Greys, foi enviada a fim de levar os prisioneiros diante da justiça.

Ao ver a multidão e seu aspecto ameaçador, Joseph sai destemidamente da prisão em direção aos Carthage Greys, colocando seu braço polidamente no braço daquele que lhe pareceu com cara de menos amigo e dirigiu-se à Corte. Os outros irmãos o seguiram, protegidos apenas por um guarda e à espera de serem massacrados a qualquer momento.

Sendo que não puderam arrolar testemunhas de imediato, a corte transferiu o caso para a noite seguinte e, mais tarde, para o dia 29.

Aos prisioneiros havia sido dado o privilégio de ocupar o segundo andar da cadeia, que oferecia maior conforto e continha uma cama e colchões extras. A noite se passou em agradável conversação. Muito depois de todos terem adormecido, Joseph falou o seguinte a John Fullmer e Dan Jones, que repousavam a seu lado: "Gostaria de ver minha família novamente". Adicionando: "Permita Deus que eu possa pregar novamente aos Santos em Nauvoo."

Conta-se tê-lo ouvido dizer mais tarde a Dan Jones: "Você está com medo de morrer?" . Ao que Jones respondeu: "Pensas que tenha chegado o tempo? A serviço de tal causa não creio que a morte possa apresentar muitos horrores". O Profeta então lhe respondeu: "Verás a Inglaterra e cumprirás lá a missão para a qual serás designado antes de morreres".[13] Assim passou a última noite terrena do Profeta Mórmon.

O Dia Fatal

O papel desempenhado pelo Governador Ford naquele dia fatal de 27 de junho foi ignóbil. Apesar de ser um homem de alta posição, era, entretanto, vacilante e fraco, ansioso por agradar a todos os partidos e facções. Seja por desígnio ou por ignorância, suas ações naquele dia prepararam o palco para a perpetração da tragédia. Na manhã do dia 27, bem cedo, ele marchou com a milícia para Nauvoo, faltando com a promessa feita a Joseph de levá-lo junto. Cinqüenta dos "Carthage Greys".foram deixados a fim de guardar, os prisionei-

---

12. A pessoa acusada de algum crime deve ser levada perante um Supremo Tribunal ou na Corte Oficial. Se o tribunal acredita haver causa razoável para julgamento, o prisioneiro é colocado na cadeia ou solto sob fiança até que seja julgado.

13. **History of the Church**, Período 1, Vol. 6, p. 601. Esta profecia foi cumprida. Ele viveu e fez duas missões no País de Gales, uma em 1845, e outra em 1852.

ros na prisão. Sendo estes justamente os inimigos do Profeta, o fato veio a causar pânico a seus amigos; Cyrus H. Wheelock apelou para o governador, que replicou: "Nunca me vi em tão grande dilema em minha vida, mas vossos amigos serão protegidos e terão um julgamento honesto; não estou sozinho neste compromisso, pois obtive a promessa de todo o exército para apoiar-me".[14]

O Governador Ford tinha planejado uma demonstração de força militar em Nauvoo, a fim de causar receios aos habitantes, e ordenou aos homens da milícia de Warsaw, que deviam se juntar às suas forças em Golden Point, que debandassem e voltassem para seus lares. Alguns assim fizeram. Cerca de cento e cinqüenta homens entretanto, desapontados em suas expectativas de saquear Nauvoo, tiveram seus ânimos agitados pelos oficiais, de forma a sentirem bem forte dentro de si o espírito de vingança. Dirigiram-se a Carthage, jurando morte a Joseph e Hyrum. Cerca de setenta e cinco, com suas faces pintadas de negro, chegaram a tempo de participar do terrível ato daquele dia.

Enquanto isto os prisioneiros, na cadeia de Carthage, passaram a manhã escrevendo mensagens e se preparando para o julgamento. John S. Fullmer mandou buscar testemunhas em Nauvoo. Dan Jones partiu com a carta, endereçada a O. H. Browning, um advogado. Jones conseguiu escapar com dificuldades da turba que ameaçou tirar-lhe a vida. Dr. Richards achava-se meio enfermo naquela manhã e Stephen Markham saiu à procura de remédio, porém, não lhe foi permitido voltar, pois os **Carthage Greys** puseram-no em seu cavalo e expulsaram-no da cidade a ponta de baioneta. Conseqüentemente, apenas quatro homens permaneceram na cadeia: Joseph e Hyrum, Dr. Willard Richards e John Taylor.

Um dos incidentes tocantes deste dia foi John Taylor ter entoado o seguinte hino:

"Um Pobre e Aflito Viajor"

1. Um pobre e aflito viajor
Por meus caminhos ao cruzar
Auxílio suplicou-me e amor
E nunca pude lhe negar
Seu nome nunca perguntei
Qual seu destino ou sua grei
Mas seu olhar consolação
Me trouxe ao triste coração

2. A minha mesa tão frugal
Estava posta quando entrou
Tão fraco estava que, afinal,
Tudo lhe dei. Ele tomou
Mas deu-me parte a mim também
Qual pão do céu, manjar do além,
Aliviou-me toda a dor
Qual do maná foi seu sabor

3. Junto a regato a murmurar
Sedento o vi chegar um dia
Mas já sem forças tropeçar
Ao pé da fonte que corria
Em seu auxílio me apressei
Meu próprio copo lhe ofertei
Após beber também bebi
E sede nunca mais sofri.

4. Em noite horrível a chamar
Mesclada à voz do furacão
Sua voz ouvindo o fui buscar
Para o meu lar e proteção
Abrigo e roupas eu lhe dei
Meu próprio leito lhe ofertei
No chão deitei-me a repousar
E foi tão doce o meu sonhar.

5. Junto ao caminho o encontrei
Ferido e prestes a morrer
Seu corpo e alma confortei
Curei-lhe as dores e o sofrer
Oculta dor que me afligia
Naquele instante eu não sentia
E nunca mais essa aflição
Tornou ferir meu coração

6. Numa prisão o vi chorar
Sob o rigor da humana lei
As torpes línguas fiz calar
E sob escárniio honra lhe dei
Pediu-me então morrer por si
A carne fraquejou, tremi
Mas forte o espírito venceu
E respondi-lhe: "Aqui estou eu"

7. O estranho então se transformou
Naquele instante e mesmo alí
As mãos e o lado me mostrou
Meu Salvador reconheci
Meu pobre nome ouvi chamar
"Tu que soubeste assim me amar.
Dando aos humildes teu amor
Vem para o gozo do Senhor."

Às quatro horas da tarde foi mudada a guarda da cadeia. Somente oito homens foram deixados a fim de proteger os prisioneiros de toda e qualquer violência. O carcereiro George W. Stigall, notando isto, sugeriu aos prisioneiros que fossem para a cela do andar de baixo, onde, estariam mais a salvo. Os prisioneiros prometeram ir para lá depois do jantar. Joseph então perguntou ao Dr. Richards: "Se formos para a cela de baixo, você irá conosco?" O doutor respondeu: "Irmão Joseph não me pediste para cruzar o rio contigo — não me pediste para vir a Carthage — não me pediste tampouco para vir à cadeia contigo. Pensas, então, que eu haveria de abandonar-te agora? Façamos um acordo: Se fores condenado à forca por traição, eu

14. **History of the Church**, Período I, Vol. 6, p. 607

* Música e letra publicadas na A Liahona de agosto de 1967.

15. **History of the Church**, Período I, Vol 6. pp. 614-615.

irei e serei enforcado em teu lugar, para que fiques livre".[16]

Depois disto o guarda pediu dinheiro para comprar vinho e Joseph deu-lho. Os eventos subseqüentes se ocasionaram com espantosa rapidez. Ouviu-se um grito: "Rendam-se", e o disparar de vários tiros. Cerca de cem homens dirigiam-se à cadeia. Os guardas fizeram uma pequena demonstração de resistência. Alguns correram até a cadeia e começaram a atirar escada acima, enquanto outros dispararam pela janela aberta. Uma descrição gráfica de Willard Richards do que se seguiu foi eu, que estávamos no quarto da frente, fechamos a porta do mesmo, a fim de impedir a entrada dos que subiam a escada; colocamo-nos contra a porta, pois a mesma não possuía fechadura e nada havia à mão que pudessemos usar para ajudar a conservá-la fechada.

"A porta era de painel comum, e, tão logo ouvimos passos subindo a escada, uma bala foi atirada através da porta, passando por nós e mostrando-nos que nossos inimigos estavam desesperados e que deveríamos mudar de posição.

"Joseph Smith, Irmão Taylor e eu retiramo-nos para a parte fronteira do quarto, Hyrum Smith pôs-se frente à porta, que foi imediatamente atravessada por uma bala, atingindo Hyrum num dos lados do nariz, o que o fez cair de costas, completamente estendido no chão, sem mover os pés.

Cadeia de Carthage, onde o Profeta Joseph Smith foi morto juntamente com seu irmão Hyrum.
Permissão do Church Information Service.

mais tarde impressa no **Times and Seasons,** intitulada:

DOIS MINUTOS NA CADEIA [17]

"Uma chuva de balas se fez ouvir escada acima, contra a porta do segundo andar da prisão, e, em seguida, o som de muitos e rápidos passos.

"Os Generais Joseph e Hyrum, o Sr. Taylor e

"Pelo buraco que se pôde ver em seu colete (era um dia quente, portanto, exceto eu, todos estavam sem paletó), parece evidente que ele deve ter sido atingido também pelas costas, de fora, através da janela. Uma bala penetrou no lado direito de suas costas, e, atravessando-a, foi localizar-se contra seu relógio, que estava no bolso direito de seu colete; o vidro do relógio ficou completamente pulverizado; os ponteiros foram arrancados e a máquina ficou em pedaços; ao mesmo tempo foi atirada pela porta da frente a bala que atravessou seu nariz.

16. A descrição da tragédia, feita por Dr. Richards. Ver Whitney, **The Mormon Prophet's Tragedy,** pp. 79-83.

17. Whitney **The Mormon Prophet's Tragedy,** pp. 79-83.

"Ao cair no chão ele exclamou enfaticamente: "Sou um homem morto" Joseph procurou-o com os olhos e respondeu: "Oh, querido Irmão Hyrum!" A seguir, abriu a porta duas ou três polegadas com sua mão esquerda e disparou seu rifle a esmo contra a entrada, de onde uma bala saiu, vindo a passar de raspão contra o peito de Hyrum, e, penetrando em sua garganta, foi alojar-se em sua cabeça, enquanto outras ainda eram também atiradas, algumas chegando a acertá-lo noutros lugares.

"Joseph continuou a atirar pela porta sendo que por três vezes seu revólver negou fogo; enquanto o Sr. Taylor, com uma bengala, permanecia a seu lado e batia nas baionetas e carabinas cujas pontas eram constantemente postas através da porta, eu permanecia a seu lado, pronto para prestar-lhe qualquer assistência, com outra bengala; só podia fazer isto, entretanto, de certa distância, caso contrário punha-me diretamente diante das armas.

"Quando o revólver falhou, vimo-nos sem quaisquer outras armas de fogo e esperamos que a turba fizesse então sua entrada; o vão da porta se achava cheio de pontas de armas e já não tínhamos esperança alguma, senão a de morte instantânea.

Hyrum Smith, irmão fiel do Profeta Joseph Smith.

"O Sr. Taylor correu para a janela, localizada a uns 4 e meio a 6 metros de altura do chão. Quando estava para se atirar dela, uma bala, vinda da porta penetrou em sua perna; outra, vinda de fora, bateu em seu relógio, que se encontrava no bolso de seu colete, no lado esquerdo de seu peito, arruinando-o por completo; os ponteiros ficaram marcando 5 horas, 21 minutos e 26 segundos; a força desta bala atirou-o contra o assoalho, de onde rolou sob a cama que havia a seu lado, onde permaneceu sem sentidos, com a turba continuando a atirar em sua direção. Uma outra bala cortou um enorme pedaço de carne do lado esquerdo de seus quadris; as outras viram-se impedidas de atingi-lo somente devido à minha bengala, que continuei a descer sobre as armas.

"Joseph tentou, como último recurso, se jogar pela mesma janela de onde o Sr. Taylor havia sido atingido, quando duas balas, vindas da porta, o atingiram; outra, atirada de fora, penetrou no lado direito de seu peito, fazendo-o cair para fora ao mesmo tempo que exclamava: 'Oh, Senhor, meu Deus!' Tão logo seus pés sumiram pela janela, nela coloquei minha cabeça, apesar das balas que assobiavam por toda a parte. Ele caiu sobre seu lado esquerdo, morto.

"Neste instante ouviu-se alguém gritar: 'Ele caiu pela janela!' O grupo que atirava pela escada correu para ver.

"Eu saí da janela, pois achei inútil atirar-me contra a centena de baionetas que então cercavam o corpo do Irmão Smith.

"Não satisfeito, porém, novamente coloquei minha cabeça para fora da janela, observando por alguns segundos, a fim de ver se havia em seu corpo qualquer sinal de vida, determinado a ficar com aquele a quem eu tanto amava. Certo de sua morte, com cem homens junto a seu corpo e outros dando a volta pela cadeia, e, esperando por uma volta a nosso quarto, corri para a porta da prisão, no fim da escada, passando pela entrada de onde as balas estiveram sendo atiradas, a fim de ver se as portas da prisão estavam abertas.

"Ao chegar perto da entrada, Irmão Taylor gritou: 'Leve-me junto'. Certifiquei-me rapidamente de que as portas estavam abertas; voltando instantaneamente, peguei o Irmão Taylor nos braços e desci as escadas com ele, dirigindo-me até o porão, onde o deixei deitado no assoalho, debaixo de uma cama, de maneira tal a não ser percebido, pois esperava uma volta imediata da turba.

"Disse então ao Sr. Taylor: 'Não me agrada deixá-lo assim, mas, se suas feridas não forem fatais, quero que o irmão viva para contar a história'. Pensei vir a ser atingido no momento seguinte, portanto, permaneci diante da porta, esperando por tal".

Um grito vindo de fora: "Os mórmons estão chegando!" salvou as vidas de Dr. Richards e de John Taylor. Desconhece-se quem o pronunciou. Foi um grito completamente sem fundamento. Tivesse ele fundamento, entretanto, e não poderia ter sido de mais eficiente resultado. Os assassinos fugiram em todas as direções. A milícia de Warsaw voltava apressadamente.

"A cidade colocou-se instantaneamente em atitude de defesa, o quanto lhe permitiam seus limitados meios. As mulheres e as crianças foram levadas a cruzar o rio através de balsas, desembarcando numa vila, do lado de Missouri. Sentinelas faziam guarda noite e dia, escondidos entre a densa vegetação de aveleiras que cercava a cidade. Todos esperavam uma súbita e completa vingança por parte dos mórmons"[18]

O relógio de John Taylor, atingido pela bala de um assassino.

Não houve tal vingança. Toda a cidade de Nauvoo, ao ouvir sobre a tragédia, ficou como a ovelha sem pastor. Viram-se completamente atordoados pela tragédia: Seu amado Profeta, bem como seu igualmente estimado Patriarca, estavam mortos.

Leituras Suplementares

1. **History of the Church,** Período I, Vol. 6, pp. 432-631. Os quatorze capítulos deste livro formam, realmente, um rico cabedal de informações, histórias, cartas, oratória, críticas, etc., revelando o espírito e os sentimentos dos homens e da época em questão. Notar especialmente a correspondência pessoal e oficial entre Joseph e seus amigos, bem como entre seus inimigos.

2. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** pp. 210-216. ("O movimento da Igreja para o oeste, projetado por Joseph Smith").

3. **Ibid.,** pp. 217-220a. ("Os esforços dos Santos para conservar a paz em Illinois").

4. **Ibid.,** p. 220 (É proposta uma "Caçada ao lobo". Ver também a nota 16).

5. **Ibid.,** pp. 221-233. (Falsos irmãos se voltam contra o Profeta Joseph. O jornal destes "falsos irmãos", o Nauvoo Expositor, é destruído. Foi este o incidente que ateou fogo ao ódio que veio a causar a morte do Profeta Joseph e de seu irmão, Hyrum).

6. **Ibid.,** pp. 234-273. (Um estudo interessante e compreensivo das razões que levaram Joseph e Hyrum a serem assassinados).

7. **Ibid.,** pp. 274-287. (Uma excelente condensação do relato do martírio de Joseph e Hyrum. Ver nota ao fim do capítulo).

8. **Ibid.,** pp. 288-308. ("Conseqüências da tragédia de Carthage". Notar a carta do governador Ford, bem como as notas de pé).

9. **Ibid.,** pp. 309-343. (Julgamento e absolvição dos assassinos de Joseph e Hyrum Smith).

10. **Ibid.,** pp. 332-334. (Lendas e erros

18. John Hay, Artigo em **Atlantic Monthly,** de dezembro de 1869.

concernentes ao martírio de Joseph e Hyrum são corrigidos).

11. **Doutrina e Convênios,** Seção 135. (Relato oficial S.U.D. do martírio de Joseph Smith e seu irmão Hyrum).

12. Evans, **Joseph Smith, An American Prophet,** pp. 191-200; 200b-207. ("E, depois disto, a escuridão").

13. Cannon, George Q., **Life of Joseph Smith, the Prophet,** p. 53, primeiro parágrafo. (Joseph Smith relata quais os perigos pelos quais ele próprio terá que passar).

14. Smith, Joseph Fielding, **Essentials in Church History,** pp. 296-302. (Inimigos de fora e amigos falsos de dentro).

15. Evans, John Henry, **Heart of Mormonism,** pp. 238-246. (Forças que causaram o martírio de Joseph e Hyrum).

A GRANDEZA DO PROFETA

O Julgamento do Tempo

Quando no auge de seu poder, em Nauvoo, Joseph Smith foi visitado por Josiah Quincy, mais tarde prefeito de Boston. Este erudito cavalheiro se viu tão impressionado em seu contato com o Profeta Mórmon, que escreveu um relato de tal visita, mais tarde publicado em seu livro, **Figures of the Past.** Num capítulo intitulado "Joseph Smith", lemos:

"Não é pouco provável que algum livro de estudo, do futuro, contenha uma pergunta mais ou menos assim: Qual foi o americano do século dezenove que exerceu a mais poderosa influência sobre os destinos de seus concidadãos? E não é impossível que a resposta a esta pergunta seja esta: **Joseph Smith, o Profeta Mórmon.** E a resposta, embora possa parecer absurda à maioria dos homens da geração atual, poderá vir a ser algo corriqueiro para seus descendentes. A história traz surpresas e paradoxos tão surpreendentes quanto este. O homem que conseguiu estabelecer uma religião nesta era de livre debate, que foi e é atualmente aceito por milhares como emissário direto do Altíssimo, é um raro ser humano do qual não poderemos nos dispor através de ultrajes, e cuja memória não poderemos apagar através de epitetos repulsivos".[1]

A influência de Joseph Smith realmente se faz sentir cada vez mais nos diversos círculos sociais com o passar dos anos. Hoje, mais de cem anos depois de sua morte, aproximadamente um milhão de pessoas reverenciam sua memória e testificam que ele era um Profeta do Deus vivo. São seguidores seus de quase todas as nações civilizadas da terra. Talvez que homem algum, além de Jesus de Nazaré, possa pretender a posse de discípulos de tantas terras.

O espírito missionário, que tanto se fez sentir no tempo em que Joseph vivia, não tem mostrado quaisquer sinais de abatimento. Um século já se passou e o movimento missionário está mais preparado e melhor organizado que nunca. Onde quer que o Evangelho seja pregado, o nome de Joseph Smith é dado a conhecer, dividindo os homens em dois campos: aqueles que reverenciam sua memória e aqueles que ridicularizam e zombam de suas pretensões.

A crítica talvez não possa apresentar alguém que exercesse tanta influência em seus semelhantes durante sua vida como fez o Profeta Mórmon. O teólogo não poderá riscar da história o relato de um homem cuja influência cada vez mais se faz sentir com o passar dos anos. O religioso não pode por muito tempo continuar a ridicularizar um sistema religioso que tem produzido tão admiráveis resultados.

Hoje em dia, como nos dias de Joseph Smith, milhares de mórmons prefeririam a morte a renegar a religião por ele estabelecida. Estas pessoas estão prontas a abandonar lares e amigos pela fé adquirida. De fato, muitos são os que estão deixando seus lares e amigos, em todas as partes do mundo, por continuarem estes a negar-lhes o direito de adorar o Deus vivo na forma proclamada por Joseph Smith.

Quando procuramos descobrir o segredo desta incomum devoção, bem como do surpreendente desenvolvimento desta religião vital dos Santos dos Últimos Dias, nossa busca nos conduz a interessantes caminhos e nos dá a conhecer reveladoras verdades.

Primeiramente, há o homem em si. A história da sua vida é uma das maiores histórias americanas de realizações jamais escrita. Nascido em Vermont, de pais humildes e sem ter tido a oportunidade de treinamento escolar, este homem deixou seu nome gravado através dos séculos.

Aqueles que visitaram o Profeta em Nauvoo, eruditos conhecidos de diver-

---

1. George Q. Cannon **Life of Joseph Smith**, p. 338.

sos ramos, ficaram com a forte impressão de terem conhecido um indivíduo encantador e inteligente. Ficaram espantados com o poder que ele possuía sobre seu povo, bem como com a infinita confiança de que gozava entre os seus.

O Parecer de um Não-Mórmon.

O Grande Mestre Maçônico do Estado de Illinois escreveu o seguinte sobre Joseph no **Advocate:**

"Tendo recentemente a ocasião de visitar a cidade de Nauvoo, não posso deixar passar a oportunidade de expressar o agradável desapontamento que lá se me adveio. Eu havia suposto, através do que previamente havia ouvido, que iria testemunhar uma população empobrecida, ignorante, fanática, completamente sacerdotizada e tiranizada por Joseph Smith, o grande Profeta de tal povo.

"Ao contrário, para minha surpresa, vi um povo aparentemente feliz, próspero e inteligente. Todos pareciam empregados em algum negócio ou ocupação. Não vi vagabundagem, nem intemperança, nem agitações ou brigas; todos pareciam contentes, sem qualquer desejo de se incomodarem com coisas alguma que não fossem seus próprios assuntos. Com a religião deste povo eu nada tenho que ver; se se sentem satisfeitos com as doutrinas de sua nova revelação têm tal direito. A Constituição do país lhes garante o direito de adorar a Deus de acordo com os ditames de sua própria consciência, e, se com tão pouco se sentem satisfeitos, por que deveríamos nós, que deles diferimos, achar ruim?

"Durante minha estada de três dias vim a conhecer de perto seus líderes e, mais particularmente, seu Profeta. Achei-os hospitaleiros, polidos, bem informados e liberais. Com Joseph Smith, de cuja hospitalidade fui alvo, fiquei muito bem impressionado. Sobre o assunto de religião, naturalmente, diferimos grandemente, mas ele parecia ter boa vontade em permitir que eu gozassse o meu direito de opinião, como acredito que todos nós deveríamos ter, deixando os mórmons gozar o seu. Imaginem a minha surpresa ao encontrar, ao invés de um impostor, tirano e ignorante, um companheiro inteligente e perspicaz e um homem cavalheiresco. Durante nossas freqüentes conversações, ele me supriu com todas as informações por mim desejadas e pareceu-me muito contente por ter a oportunidade de fazê-lo. Ele parece ser muito respeitado por seu povo, e possuidor de sua completa confiança. É um homem bem parecido, de cerca de trinta e seis anos de idade, possuidor de uma interessante família".[2]

2. **Ibid.**, pp. 345-6.

Um escritor do **New York Herald** visitou o Profeta e, em 1842, lemos o seguinte sobre ele nesse jornal.

"Joseph Smith é, sem dúvida, um dos maiores personagens de nossa era. Demonstra tanto talento, originalidade e coragem moral quanto Maomé, Odin ou qualquer dos espíritos que até o presente revolucionaram as eras passadas. Na presente era mundial, tão cheia de falta de fidelidade, de falta de religião e de ideais, era geológica de magnetismo animal, espera-se que um Profeta tão singular quanto Joseph Smith ajude a preservar a fé e a plantar alguns novos germes de civilização que possam vir a alcançar a maturidade. Enquanto a filosofia moderna, que acredita em mais nada além daquilo que se pode tocar, se espalha sobre a parte oriental dos Estados Unidos, Joseph Smith cria um sistema espiritual, combinado com leis morais e com a industriosidade, que poderão vir a mudar o destino da raça humana... Nós certamente necessitamos que tal profeta continue avante e que seja de grande influência nas mentes públicas, fazendo parar a torrente de materialismo que tende a levar o mundo à infidelidade, licenciosidade e ao crime".[3]

O Parecer de Seus Amigos

É através daqueles que o conheciam intimamente, daqueles que comiam e andavam com ele e dormiam sob o mesmo teto, que obtemos um verdadeiro parecer sobre o homem. Tais pessoas nem sempre eram entusiastas de religião. Compunham-se de uma grande e diversa espécie de indivíduos. John Taylor, o refinado e bem educado ministro inglês que se tornou o terceiro presidente da Igreja, escreveu em seu diário:

"Em meio a dificuldades ele era sempre o primeiro a agir; nas situações críticas seu conselho era sempre procurado. Como nosso Profeta, se aproximava de Deus e obtinha para nós aquilo que era de sua vontade".[4]

Parley P. Pratt, o grande missionário e escritor, diz:

"Ele possuía um nobre destemor e independência de caráter; seu modo de agir era simples e familiar; suas repreensões, terríveis como o rugir do leão; sua benevolência ilimitada como o oceano; sua inteligência universal e sua linguagem de uma eloquência original e abundante não amaciada pela educação e refinada pela

3. **Ibid.**, p 337.
4. Roberts, **Life of John Taylor**, p. 141.

arte, mas espontânea em sua simplicidade nativa e de traços profusamente variados. Ele interessava e edificava, ao mesmo tempo que entretinha e divertia sua audiência, que nunca se cansava de ouvi-lo. Eu já o vi prender a atenção de complacentes ouvintes por muitas horas, em meio a frio ou calor, chuva ou vento, fazendo-os às vezes rir, para no momento seguinte, chorar. Até mesmo seus mais amargos inimigos seriam por ele sobrepujados, se pudesse fazer com que sua voz chegasse a seus ouvidos".[5]

Brigham Young, o sucessor do Profeta, que o conhecia intimamente, disse, mais tarde em sua vida, depois de suas próprias realizações terem sido vastamente proclamadas:

"Quem pode falar algo de mal contra Joseph Smith? Eu o conhecia melhor que qualquer outro homem. Não creio que seus pais o conhecessem melhor do que eu. Não creio mesmo que haja um só homem hoje vivo, que o conhecesse melhor do que eu, e eu declaro sem temor que, a não ser Jesus Cristo, homem algum melhor que ele viveu sobre a terra. Eu dou testemunho dele. Ele foi perseguido pela mesma razão que qualquer outra pessoa justa tem sido ou é perseguida nos dias atuais".[6]

Entre aqueles que admiravam o Profeta e que por ele dariam suas próprias vidas, encontramos dois dos homens mais rudes, quanto às maneiras, jamais encontrados dentro da Igreja. Ambos possuíam corações de ouro e a tolerância que o Profeta mostrava por sua rudeza externa é característica de sua habilidade em olhar além das aparências, para dentro do coração humano.

Lyman Wight viu-se atraído à Igreja pelo magnetismo do caráter do Profeta. Era um fronteiriço rústico, rápido no gatilho, um homem cuja coragem e destemor eram bem conhecidos por toda a fronteira. Enquanto o Profeta viveu, Wight era como argila em suas mãos, manso como um cordeiro. Depois da morte de seu "amado Joseph", ninguém mais pôde governá-lo. Ele passou a ser tolerado na Igreja somente por causa de sua antiga devoção ao Profeta. Suas aventuras missionárias independentes, bem como seus ensinamentos adulterados, fizeram entretanto que fosse excomungado da Igreja.

Orrin Porter Rockwell, cuja devoção tem sido bastante mencionada, era possuidor de similar caráter. Em 1842 ele foi acusado, juntamente com Joseph Smith, de tentativa de assassinato contra o ex-governador Boggs, de Missouri, Durante algum tempo escapou da prisão, fugindo para o oeste. Pensando que a falsidade das acusações tinha sido descoberta e que o assunto havia morrido, principiou sua volta a Nauvoo. Estava, porém, enganado. Em St. Louis, Missouri, foi preso, levado a Independence e posto na cadeia. Lá ficou por quase um ano, recebendo muitos maus tratos. Foi acorrentado, mas, ainda assim, conseguiu certa vez escapar, sendo, no entanto, preso de novo e quase linchado.

A razão por que levou tanto tempo para que Rockwell fosse julgado foi o fato de acharem que poderia vir a ser usado como isca para conseguir que o Profeta cruzasse o Missouri.

"Porter", disse certa vez o delegado Reynolds, "Joe Smith tem ilimitada confiança em você. Ele cruzará a fronteira, se você lhe pedir. Faça isto por nós e nós o soltaremos, dando-lhe a quantia que quiser".

Rockwell respondeu: "Antes teria de ver vocês todos no inferno – e, ainda assim, não o faria".

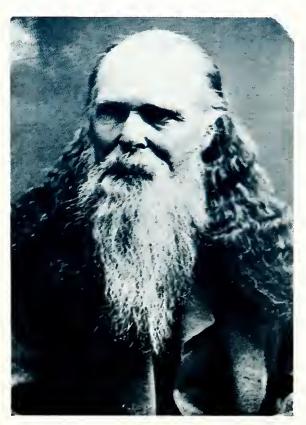
O Crescimento que Produziu um Profeta.

Atualmente, depois de passado tanto tempo desde a época em que viveu o Profeta sobre a terra, é fácil esquecer o processo pelo qual ele se tornou um Profeta de Deus – o espinhoso caminho pelo qual chegou às alturas. Nada pode mostrar tão claramente a forma pela qual o menino Joseph se tornou um Profeta, como seus próprios ensinamentos.

"Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos; e quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia".[7]

Sua primeira visão, bem como todo o seu conhecimento de Deus, foi adquiri-

5. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 47.
6. **Journal of Discourses**, Vol. 9, p. 332.
7. **Doutrina e Convênios**, Seção 130-20-21.

da através da obediência a uma lei divina. O fundador de Nauvoo era um homem imensamente superior ao Joseph Smith que organizou a Igreja dez anos antes. Sua melhor qualidade era a determinação em se aperfeiçoar. Ele tinha aquela rara qualidade de reconhecer suas próprias faltas, bem como a coragem moral para delas se arrepender. Expressões tais como esta: "Muitas vezes me senti condenado por causa de minhas fraquezas e imperfeições"[8], aparecem freqüentemente em seu diário pessoal e nos dão uma rara visão do íntimo deste homem.

Orrin Porter Rockwell, conhecido por sua devoção ao Profeta Joseph Smith.

Nas revelações pessoais recebidas do Senhor ele nunca hesitou em escrever aquelas partes que condenavam suas próprias ações. Conseqüentemente, encontramos expressões como esta:

"E eis que, quantas vezes transgrediste os mandamentos e as leis de Deus, e seguiste as persuasões dos homens".[9]

E novamente: "Contudo, as tuas transgressões não são escusáveis; portanto, vai-te e não peques mais".[10]

Sua energia parecia nascer de uma fonte inexaurível. Quando levamos em conta as tribulações e perseguições pelas quais passou a cada momento, bem como as imensas tarefas que teve que executar a fim de restaurar a Igreja, surpreendemo-nos ainda mais com as suas realizações. Durante os quatorze anos que se passaram desde a restauração da Igreja até o seu martírio, ele não teve um momento de paz. Durante este tempo foi expulso de três estados, aprisionado num e martirizado noutro. Foi vítima de violência em mais de uma ocasião. Foi preso trinta e oito vezes, devido a acusações falsas de seus inimigos e levado a cortes para ser julgado.[11] As acusações variavam, de roubo a traição. As cortes, bem como os acusadores, mostravam-se, ordinariamente, rudes para com ele; em todos os casos levados a julgamento, entretanto, ele foi absolvido.

Além da perseguição que lhe foi imposta por aqueles não filiados à sua organização religiosa, teve que se defrontar com apostasia e insatisfação por parte dos seus. A coragem que demonstrava ao atacar toda e qualquer forma de injustiça – não importando a quem doesse – e ao excomungar da Igreja aqueles que falhavam em viver os altos padrões preservava a Igreja da corrupção, mas multiplicava dez vezes mais seus próprios problemas pessoais, bem como suas responsabilidades.

Naqueles quatorze anos ele modelou uma organização que passou pelo teste do tempo e continua, atualmente, inigualável em sua eficiência. Ele formulou uma filosofia religiosa que preenche por completo as necessidades deste mundo

8. **History of the Church,** Período I, vol. II, p. 10.

9. **Doutrina e Convênios,** Seção 3:6
10. **Doutrina e Convênios,** Seção 24:2.
11. **Journal of Discourses,** Vol. I, pp. 40-41.

mutável. Tão completo foi o seu trabalho, e tão adiante de seu povo estava ele, que, ao fim de um século, bem pouco foi adicionado, seja na organização em si, ou nas doutrinas da Igreja.

Durante aqueles poucos anos ele deu enorme avanço à causa da educação, combateu as excentricidades da lei e do governo, construiu cidades, organizou um corpo militar, serviu como prefeito de uma progressista cidade e se interessou pela manufaturação e indústria.

Talvez que em nada seja tão notável o progresso de Joseph Smith como na qualidade literária de seus escritos. Os primeiros fragmentos preservados de sua própria cunha mostram erros de escrita e gramática. Aqueles escritos em sua vida posterior mostram rara forma literária, bem como beleza e expressão. Joseph Smith não foi um homem perfeito – longe disto, mas nunca se sentiu contente com suas imperfeições. Ele as reconhecia e procurava sobrepujá-las.

Suas obras literárias enchem muitos volumes, e os sermões que pronunciou, bem como os editoriais que escreveu, se colecionados, encheriam muito mais. Sua melhor contribuição foi a tradução do **Livro de Mórmon,** em si uma tremenda tarefa. Temos ainda o **Livro de Moisés,** o **Livro de Abraão** e **Doutrina e Convênios.** Seu diário pessoal foi atualmente impresso, suas anotações formam seis grandes volumes e se constituem no melhor documento histórico da Igreja. Sem as vantagens de uma educação formal, ele obteve um bom conhecimento de cinco línguas, tornou-se um mestre bíblico, falava fluentemente sobre história em geral, desenvolvendo-se de forma a vir a ser um interessante palestrante, fosse qual fosse o assunto.

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** pp. 334-348a. (Classificação de várias opiniões. A voz dos inimigos. É interessante e bom, talvez, saber o que diziam de nosso Profeta aqueles que o odiavam).

2. **Ibid.,** pp. 384-351. ("A Voz dos Mistificados". Aqui lemos a opinião de alguns daqueles que realmente queriam ser justos, mas que não conheciam Joseph Smith o suficiente para compreendê-lo de fato).

3. **Ibid.,,** pp. 351b-355a. ("O Testemunho de Amigos e Grupos Interessados". John Taylor, Brigham Young e Parley P. Pratt são citados).

4. **Ibid.,** pp. 355-358. ("O Profeta se Revela aos Discípulos Inteligentes". Um ponto de vista que seria, em si, mais leal e mesmo mais justo para com o Profeta que a adulação irracional").

5. **Ibid.,** pp. 358-359. ("As limitações de um Profeta. Somente para Deus não há limites". Para realmente conhecer Joseph Smith temos que conservá-lo humano; conseqüentemente, chamamos a atenção para esta referência, bem como para a referência seguinte).

6. **Ibid.,** pp. 358-360a. ("As Limitações de um Profeta", e "A tendência para a autocracia no caráter e na vida de Joseph Smith").

7. **Ibid.,** pp. 362-380. ("O Trabalho do Profeta". Aqui temos Brigham H. Roberts dando seu parecer e testemunho do trabalho e das realizações do Profeta Joseph Smith. Os cabeçalhos encontrados no capítulo capacitam o estudioso a selecionar a leitura de acordo com os interesses imediatos).

8. **Ibid.,** pp. 360-361. ("Sumário". Um testemunho e um desafio).

9. **Ibid.,** pp. 381-412. ("A Nova Dispensação, um Sistema de Filosofia". Aqui Roberts faz uma declaração resumida das filosofias religiosas reveladas por e através do Profeta Joseph Smith, da forma como ele (Roberts) as conhece e compreende).

10. Evans, **Joseph Smith, an American Prophet,** pp. 3-5. (Impressão causada por Joseph a estranhos: Josiah Quincy, Stephen A. Douglas, um escritor do **New York Times**).

11. **Ibid.,** pp. 5-7. (Impressões de seus amigos: Amasa Lyman, John Taylor, Brigham Young).

12. **Ibid.,** pp. 7-10. ("O Poder Magnético do Profeta").

13. **Ibid.**, pp. 10-12. (Joseph é comparado a Jonathan Edwards).

14. **Ibid.**, pp. 12-15. ("Joseph Smith Continua um Enigma". "Muitas têm sido as tentativas de explicar a surpreendente individualidade do líder mórmon").

15. **Ibid.**, pp. 15-19. ("A Chave para o Mistério").

16. **Ibid.**, pp. 319-371. Especialmente 353. "Um Panorama da Vida do Profeta". Alguns dos cabeçalhos deste capítulo se intitulam: "O Perito Espiritual", "Egoísmo do Profeta", "Joseph Smith nos Deve Uma Explicação", "Um Passar de Olhos Pelas Visões").

17. **Ibid.**, pp. 211-215. ("O Poder Dinâmico da Filosofia Religiosa do Profeta").

18. **Ibid.**, pp. 372-399; 176-184. (A personalidade e poder de Joseph Smith).

19. **Ibid.**, pp. 321-326. (Joseph, o vidente).

20. **Ibid.**, pp. 280-288. (Uma nova definição da imortalidade).

21. **Ibid.**, pp. 415-416; 421-433. (Joseph Smith toma lugar entre os grandes personagens da história).

22. Cowley, M.F. **Wilford Woodruff,** pp. 38-39. (O primeiro encontro de Woodruff com o Profeta. "Joseph não era um velho e santificado Profeta, mas um ser humano").

23. Cannon, George Q. **Life of Joseph Smith,** pp. 25-27. (Características de Joseph Smith como homem e como vidente).

24. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 276-312. (Uma excitante carreira. Qual a aparência de Joseph Smith, p 282. Seu magnetismo, p. 286. Características do Profeta, p. 219. Profeta e Vidente, p. 296. Os mártires, p. 302. A grandeza de Joseph Smith, p. 307).

25. Evans, **Joseph Smith An American Prophet,** pp. 225-231. ("Dignidade e valor da personalidade humana").

INTRODUÇÃO DA UNIDADE II

Estamos prontos para seguir os Santos em seu segundo grande período da História da Igreja. Este período principia com a consternação reinante em Nauvoo, devido à Morte do Profeta, e finaliza com o término do conflito entre mórmons e não-mórmons em Utah. Nestes capítulos testemunharemos a ação do Evangelho restaurado nos corações dos homens. Emocionar-nos-emos com a fé que acompanha o êxodo dos habitantes do oeste das Montanhas Rochosas. Faremos uma jornada de 3.200 km com o Batalhão Mórmon ao Oceano Pacífico. Nestas páginas pesquisaremos a vida do campo nas planícies, veremos suas alegrias e suas tragédias, e admirar-nos-emos com tão grande fé, capaz de realizar tão grandes sacrifícios. Acima de tudo, chegaremos à compreensão do enorme papel desempenhado por essa mesma fé na conquista do Grande Deserto Americano, bem como do poderoso espírito de coligação, que povoou estas terras desertas com conversos de toda a terra.

CAPÍTULO 26

A IGREJA DE JOSEPH SMITH OU A IGREJA DE DEUS?

O Lamento de um Povo

Na manhã de 28 de junho de 1844, Nauvoo se encontra toda envolta em tristeza. Não se escuta som algum. O templo incompleto permanece silente, como uma grande esfinge. Um silêncio fúnebre envolve toda a cidade. O povo apenas sussurra nas esquinas e se saúda em tons graves.

Todos os sentimentos de raiva para com seus perseguidores, bem como o rancor contra aqueles que haviam abatido o Profeta e seu irmão Hyrum, foram esquecidos no desespero e na dor indescritível de perder seus líderes. Foi como se uma nuvem permanente tivesse obscurecido a face do sol.

Na Mansão de Nauvoo, lar do Profeta, grande era o sofrimento. Emma Smith tinha sido uma esposa de rara fidelidade. Ela tinha se mantido corajosa durante toda a vida do Profeta, mesmo em face a mentiras, escândalos, perseguições e imigrações forçadas. Agora, porém, a força que lhe servia de sustentáculo se lhe havia esvaído, com a morte do esposo. Lucy Mack Smith, a mãe, aquele nobre caráter viu-se, finalmente, esmagada pela dor da súbita perda de seus dois filhos. Seu esposo e três de seus filhos mortos em três curtos anos! Para estas mulheres nada parecia ter restado, nada pelo que lutar, nada por que se sacrificar. Não é de se admirar, portanto, que ao serem os membros da Igreja novamente expulsos, elas permanecessem junto aos túmulos de seus mortos, nos lugares em que pela última vez gozaram de sua associação.

Tal sentimento de depressão não se limitava tão somente a Nauvoo. Os apóstolos, no campo missionário, também o sentiam, mesmo antes da notícia da tragédia os alcançar. Parley P. Pratt escreve:

"Um ou dois dias antes de tal acontecimento senti-me constrangido pelo Espírito a voltar prematuramente para casa, sem saber porque nem por onde; naquela mesma tarde atravessei de canoa o canal situado perto de Útica, em Nova Iorque, a caminho de Nauvoo. Providencialmente aconteceu que meu irmão, William Pratt, então em missão no mesmo estado (Nova Yorque), veio a tomar o mesmo vapor. À proporção que conversávamos no convés, um estranho e solene terror se apoderou de mim, como se os poderes do inferno estivessem a solta. Vi-me tão cheio de tristeza que mal podia falar, e, depois de andar pelo convés em silêncio por algum tempo, voltei-me a meu irmão, William, e exclamei: 'Meu irmão, é está uma hora triste; os poderes da escuridão parecem triunfar, e o espírito assassino está solto na terra, controlando o coração do povo americano, sendo que uma vasta maioria planeja a morte de inocentes. Meu irmão, conservemo-nos silentes e não abramos nossa boca. Se tens qualquer panfleto ou livro sobre a plenitude do Evangelho, fecha-o; não o mostres, nem abras tua boca para falar ao povo; conservemo-nos em completo e solene silêncio, pois é esta uma hora triste, a hora de triunfo dos poderes da escuridão...' Isto aconteceu no dia 27 de junho de 1844, à tarde, e, pelo que deduzo, à mesma hora em que a populaça de Carthage derramava o sangue de Joseph e Hyrum Smith, procurando fazer o mesmo também a John Taylor, a uma distância de mais de mil e seiscentos quilômetros".[1]

O enterro

Os corpos de Joseph e Hyrum foram trazidos à cidade de Nauvoo na tarde do dia 28 de junho. Cheio de tristeza o povo

---

1. Parley P. Pratt, **Autobiography**, p. 330.

Lápide sobre o túmulo de Joseph Smith, de sua esposa. Emma e seu irmão Hyrum, em Nauvoo, Illinois.
Permissão de J. M. Heslop.

se reuniu ao cortejo fúnebre e encheu as ruas em volta da mansão de Nauvoo. Diversos irmãos se dirigiram aos Santos, aconselhando-os a conservarem a calma e deixarem a vingança nas mãos de Deus.

No dia 29, milhares passaram em fila para ver os corpos, expostos na mansão. Às 5 horas da tarde as portas foram fechadas. Os caixões foram removidos dos envoltórios sobressalentes (nos Estados Unidos os caixões funerários vêm dentro de uma espécie de caixão sobressalente); estes caixões sobressalentes foram enchidos com sacos de areia, levados ao cemitério e enterrados com a cerimônia usual. A meia-noite os corpos foram levados por amigos de confiança e enterrados no porão da Casa de Nauvoo, então em fase de construção. Tal precaução foi tomada por temer-se que os inimigos do Profeta e de Hyrum voltassem para mutilar seus restos mortais.

No outono de 1844, a pedido de Emma Smith, os corpos foram removidos secretamente, para um lugar situado perto da Mansão de Nauvoo, de frente para o Rio Mississippi. Os visitantes podem avistar nesse lindo lugar um belo monumento recentemente erigido pelos descendentes destas pessoas.

Poucos dias mais tarde, John Taylor, séria e penosamente ferido, foi levado a Nauvoo num trenó. A vista de seu sofrimento e a natureza dramática de sua história levantaram uma nova onda de rancor contra seus perseguidores. Gritos de vingança contra Carthage foram ouvidos durante um breve período de tempo. Entretanto, o rancor logo abriu caminho à sabedoria e tolerância. Aliás, a tolerância dos Santos durante estes tão

atribulados tempos é um tributo admirável a eles, como povo.

O Sacerdócio Possui as Chaves para a Sucessão

A despeito de a situação estar tensa, os membros da Igreja não esperavam a morte de seu Profeta. Vez após vez, a bondosa Providência havia permitido que ele escapasse de seus inimigos. Eles sentiam que, de alguma forma, Joseph haveria de ser poupado novamente. A tempestade que caiu sobre eles deixou-os como ovelhas sem pastor. O que aconteceria a seguir? Acabaria para sempre a solidariedade do povo mórmon? Os inimigos da Igreja assim esperavam. Os jornais de Illinois chegaram a proclamar tal resultado. Tivesse a Igreja sido construída tendo por base tão-somente um grande personagem e tal resultado certamente teria se seguido, mas, os eventos sucessivos apontam um fundamento muito mais profundo. A Igreja não era de Joseph, mas sim de Jesus Cristo. A alma da Igreja não era uma grande personalidade – era o Sacerdócio restaurado do Senhor e Mestre.

Todos os poderes e direitos deste Sacerdócio tinham sido conferidos por Joseph aos Doze, incluindo o poder para ordenar um novo Presidente da Igreja. Levou, porém, algum tempo para que os membros compreendessem isto. Sidney Rigdon, já antes da morte do Profeta, havia ficado descontente com a Igreja, mudando-se para Pittsburg, Pennsylvania. Joseph Smith havia recomendado, na última conferência por ele assistida, que Rigdon fosse rejeitado como primeiro-conselheiro da Presidência, mas os membros o haviam apoiado. Ao saber da morte do Profeta, Sidney Rigdon voltou a Nauvoo, chegando no dia 1 de agosto. Ele tinha um plano para o governo da Igreja. Ninguém, em sua opinião, podia ser Profeta e tomar o lugar de Joseph através de mero chamado dos Doze. O povo deveria esperar que Deus chamasse o novo Profeta, e um guardião seria necessário. a fim de dirigi-los até que tal acontecesse. Sendo o primeiro-conselheiro da Presidência, deveria ser, naturalmente tal guardião. Foi isto o que ele ensinou ao povo antes da chegada dos Doze. Muitos, incluindo a esposa e a mãe do Profeta, acreditaram e se tornaram firmes defensores do plano de Rigdon.

Os apóstolos que estavam em Nauvoo, Willard Richards, John Taylor e Parley P. Pratt, aconselharam o povo a esperar até a volta do resto dos Doze.

Sidney Rigdon, por iniciativa própria, organizou uma reunião para o dia 8 de agosto, a fim de decidir o assunto referente ao guardião. Por este tempo um número de apóstolos suficiente para a formação de um quorum já tinha chegado. A reunião foi levada a efeito, tendo o Bosque por lugar. Sidney Rigdon falou por bastante tempo, durante a manhã, sobre seu plano, não o colocando entretanto em votação. Quando se sentou, Brigham Young se levantou e anunciou a realização de uma reunião organizada pelo Conselho dos Doze para as duas horas da tarde.

Chegada a hora, uma grande congregação havia se reunido, com o Sacerdócio reunido em quoruns. Brigham Young, Presidente do Quorum dos Doze, foi o primeiro a falar. Falou com grande poder, lembrando ao povo que a Igreja era de Jesus Cristo e que haveria de continuar a existir até que este Personagem voltasse à terra, para nela reinar em retidão. Todos os poderes do Sacerdócio tinham sido dados aos Doze. Morto o presidente da Igreja, o quorum da Primeira Presidência ficava dissolvido e o poder governante da Igreja descansava sobre os Doze, até que uma nova Presidência fosse por eles nomeada, através do espírito de revelação e com o voto de apoio do povo.

Alguns dos então presentes testificam que, enquanto ele falava, parecia-lhes ver o Profeta Joseph à sua frente, e que era a voz do Profeta que lhes falava. A maioria se convenceu e deu seu voto de

apoio aos Doze como líderes da Igreja.

Nesta ocasião Brigham Young disse à congregação:

"Todos os que quiserem formar um novo ramo da Igreja, que o façam se puderem, mas sei que não prosperarão".

Os Insatisfeitos se Retiram do Corpo Principal da Igreja

A unidade de pensamento entre os Doze Apóstolos, concernente à organização do governo da Igreja, convenceu a maioria dos Santos de que a organização havia sido tão bem fundada, que seria de perpetuação própria. A Igreja era maior que qualquer homem ou grupo de homens.

Uns poucos, entretanto, não se convenceram. Estes se agruparam ao redor de algum líder e saíram da Igreja. Depois da reunião de 8 de agosto, Sidney Rigdon pareceu, exteriormente, concordar com os Doze; realizava, porém, reuniões com membros insatisfeitos da Igreja, dizendo-lhes ter sido chamado por revelação de Deus para dirigi-los. Dos poderes por ele clamados lemos:

"Dizendo-lhes... ser a pessoa apropriada para dirigir a Igreja — para ser o seu guardião, pois para tal posição havia sido chamado por Deus, possuindo as maiores chaves do Sacerdócio, jamais conferidas a Joseph Smith — 'as chaves de Davi", que, de acordo com ele próprio, davam--lhe poder para abrir sem que homem algum pudesse fechar; para fechar, sem que homem algum pudesse abrir; e o poder para organizar exércitos para a destruição dos gentios.

"De fato, em sua fértil imaginação ele se imaginou a si mesmo um grande chefe militar, através de cujo poder todos os inimigos de Deus haveriam de ser vencidos. Secretamente ordenou a uns como profetas, sacerdotes e reis dos gentios. Também escolheu e apontou oficiais militares para comandar os exércitos que haveriam de ser formados para combater as batalhas do grande Deus".[2]

Sidney Rigdon, ao ser chamado para dar conta de seus atos ao Quorum dos Doze, confessou a realização de reuniões, bem como a ordenação de oficiais. Recusou-se, entretanto, a corrigir seus pontos de vista ou a se subordinar aos Doze. Numa segunda audiência à qual ele se recusou a comparecer, foi excomungado da Igreja. Muito desapontado, voltou para Pittsburgh, onde organizou uma igreja segundo os moldes do Profeta, reunindo uns poucos seguidores. O movimento não prosperou, dissolvendo-se em seguida. Sidney Rigdon morreu na obscuridade, no Condado de Allegheny, em Nova Yorque, no ano de 1876.

Os Strangitas.

James J. Strang, um converso que vivia em Voree, Condado de Walworth, Wisconsin, também se sentiu insatisfeito com a nova liderança da Igreja e dela se retirou. Clamou possuir uma carta de Joseph Smith, datada de 18 de junho de 1844, apontando-o como seu sucessor. Algumas centenas de descontentes acreditaram em suas pretensões, entre os quais William Smith, o único irmão vivo do Profeta, John C. Bennett e John E. Page, do Conselho dos Doze.

Strang estabeleceu-se juntamente com seus seguidores, em Beaver Island, onde organizou um condado por ele representado na Legislatura Estadual de Michigan, coroando-se, finalmente, como rei de Beaver Island. Em 1856 foi morto durante uma revolta. Seus seguidores, geralmente denominados Strangitas, debandaram.[3]

William Smith

Outro a conduzir um grupo fora da Igreja foi William Smith, irmão dos mártires. Quando na época da morte do Profeta, era apóstolo. Entretanto, encontrava-se no este então, não voltando a Nauvoo a não ser na primavera de 1845. Foi então ordenado Patriarca Geral. Logo após clamava autoridade sobre todo o Sacerdócio da Igreja. Na

---

2. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 2, p. 426.

3. (Nota) **Bickertonitas e Banteemytas.** Das facções mencionadas surgiu um númera de subfacções. Do grupo Rigdonita surgiram os Bickertonitas. Dos Strangitas surgiram os Banteemytas. Ambos os movimentos morreram em poucos anos. Ver Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 2, pp. 436 - 438.

conferência de outubro de 1845 a congregação se recusou a apoiá-lo, tanto como apóstolo quanto como patriarca geral. Dias mais tarde, no mesmo mês, foi excomungado.

Associou-se durante algum tempo ao movimento principiado por Strang. Na primavera de 1850 podemos encontrá-lo dando início a um outro movimento. Nesse mesmo ano organizou uma conferência , a se reunir com Covington, Kentucky, onde efetuou uma organização, tendo a si mesmo como "Presidente Temporário" da Igreja, com Lyman Wight e Aaron Hook como conselheiros. Clamavam ser o ofício de presidente um direito de linhagem, ou seja, um direito da família de Joseph Smith. Conseqüentemente, o filho mais velho de Joseph Smith deveria se tornar presidente. Já que este filho, Joseph, era muito jovem para possuir tal cargo, seguia - -se, naturalmente, disse ele, que o único irmão vivo do Profeta e guardião natural da "semente de Joseph" deveria agir como presidente durante o presente tempo. A organização mal durou um ano. Mais tarde William Smith tornou - -se nominalmente relacionado com o que conhecemos por "Igreja Reorganizada dos Santos dos Últimos Dias", tomando nela, porém, parte ativa insignificante. Morreu em Osterdock, Iowa, em 1893.

Lyman Wight

Lyman Wight não se encontra entre aqueles que clamaram a Presidência da Igreja, mas, depois da morte do Profeta, ninguém mais pôde governá-lo. Em fins de agosto de 1844, conduziu um grupo de cerca de 150 Santos ao território de Wisconsin, então esparsamente colonizado, estabelecendo-os em terras do governo, cerca de 450 milhas acima de Nauvoo. Durante alguns anos advogou a expansão da Igreja ao Texas. Em 1845, levou sua pequena colônia para lá. Por ocasião de sua morte, em 1858, o jornal **Galveston News** escreveu sobre ele o seguinte:

"O Sr. Wight veio para o Texas em novembro de 1845, localizando-se com sua colônia desde então no extremo de nossa fronteira, movendo - se para ainda mais longe, em direção oeste, à proporção que novas colonizações eram formadas ao seu redor, sendo sempre assim, o pioneiro do avanço da civilização e dando-nos proteção contra os índios. Foi o primeiro a colonizar cinco novos condados, preparando o caminho para outros".[4]

Durante sua vida o pequeno grupo de Santos que o seguiu viveu uma espécie de Ordem Unida. Por ocasião de sua morte a ordem se desfez, espalhando-se os Santos. Lyman Wight foi excomungado da Igreja em Salt Lake City, em 1848.

James C. Brewster, embora com apenas dezesseis ou dezessete anos de idade, clamou certas visões relacionadas com o livro de Esdras.[4a] Era então membro da Igreja em Kirtland. Em 1840 foi severamente repreendido pelo Profeta, em Nauvoo, por proclamar ter aprendido através do livro de Esdras que o lugar de reunião ou "lugar de refúgio" deveria ser nos rios Colorado e Gila, nas praias do Golfo da Califórnia. Quatro anos depois da morte do Profeta, em 1848, Hazen Aldrich reviveu as idéias de Brewster e organizou uma igreja em Kirtland, Ohio, tendo a si mesmo como presidente e a James E. Brewster e Jackson Goodale como conselheiros. Um quorum de apóstolos, com setentas, sacerdotes, mestres e diáconos constituía o resto da organização. Um pequeno grupo destes moveu-se para o oeste, estabelecendo "Colônia", no Rio Grande. Lá por 1852, o movimento viu-se completamente dissolvido por disputas internas de doutrina. Brewster, subseqüentemente, tornou-se ministro de espiritualismo na Califórnia.

Hedrickitas

Granville Hedrick entrou na Igreja em Illinois, antes da morte do Profeta. Depois da morte do Profeta seguiu diversas facções descontentando-se com todas. Em 1863-64, clamou ser o verda-

---

4. Ver **Sucession in the Presidency of the Church**, Segunda Edição, p. 122 em diante.

4a (Nota) Os Livros de Esdras encontram-se na Bíblia Apó - crifa Ver McConkie, **Mórmon Doctrine**, pp. 41-42; Ver também **Doutrina e Convênios** , Seção 91.

deiro sucessor de Joseph Smith e levou a efeito uma organização chamada "Igreja de Cristo".

Declarou possuir revelações nas quais Joseph Smith havia sido denominado "Profeta Caído". "The Truth Teller" era a publicação oficial. O Condado de Jackson, em Missouri, seria o lugar de reunião. Todos os seguidores de Hedrick deveriam se reunir no Condado de Jackson antes dos "julgamentos", que deveriam principiar em 1871, destruindo a nação em 1878.

John E. Page, antes apóstolo, fez parte deste movimento. Os "hedrickitas" permanecem ainda no Condado de Jackson, até o tempo presente (1977). Compraram terras em Independence e são donos de parte do lugar designado por Joseph Smith como terreno do templo. Em anos recentes os Hedrickitas clamaram novas revelações, que lhes ordenavam a construção de um templo. Os alicerces foram principiados, mas temporariamente abandonados, por falta de fundos. Os membros desta organização nunca chegaram a se constituir em mais que umas poucas centenas de almas.

Os Whitmeritas

Em 1847, três anos depois da morte do Profeta, William E. M'Lellin, anteriormente do Conselho dos Doze Apóstolos, bem como Martin Harris, uma das três testemunhas do **Livro de Mórmon,** principiaram um movimento de reorganização em Kirtland, Ohio. M'Lellin visitou David Whitmer em Richmond, Missouri, induzindo-o a se reunir ao movimento, juntamente com os Whitmer das vizinhanças.

David Whitmer foi apoiado como presidente da Igreja, que veio a ser designada como "A Igreja de Cristo". As pretensões de Whitmer se baseavam num suposto mandamento do Senhor a Joseph Smith, em 1834, para ordenar David Whitmer como seu sucessor. Em 1838, numa reunião do Sumo Conselho, em Far West, Joseph Smith se referiu a este mandamento e disse que ele dependia da fidelidade de Whitmer à Igreja. Foi nesta ocasião que Joseph aprovou a ação do Sumo Conselho, excomungando David Whitmer da Igreja. [5]

Devido à recusa de David Whitmer de se mudar para Kirtland, houve uma discussão entre os dois ramos e a organização se desfez.

Uma segunda tentativa de organizar os Whitmeritas ocorreu dois anos antes da morte de David Whitmer, ocorrida no dia 25 de janeiro de 1888. Nada se concretizou, e, em poucos anos a organização foi completamente esquecida.

Deve ser lembrado que os membros das facções apóstatas da Igreja freqüentemente se tornavam membros de facções sucessivas, sendo o número total, dos membros que se retiraram da igreja, nada mais que um punhado, considerando o número total. O fracasso destes grupos acentua a profecia de Brigham Young.

> "Todos aqueles que quiserem se retirar da Igreja e se juntar a eles, que o façam se puderem, mas sei que não prosperarão".

"A Igreja Reorganizada"

Dezesseis anos depois da morte de Joseph Smith mais uma facção se levantou. No dia 6 de abril de 1860, em Amboy, Illinois, Joseph Smith III, filho do primeiro Profeta da Igreja, foi aceito como chefe da "Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Nesta ocasião a congregação deste grupo se compunha de menos que cento e cinqüenta pessoas, com um total de membros estimado em trezentos.

Esta organização foi o ponto culminante de um movimento principiado durante os anos de 1850-1853. Nestes anos diversas reuniões haviam sido realizadas em Wisconsin, Illinois e Michigan, por um grupo de homens que acreditavam que o presidente da Igreja deveria ser da "linhagem direta" de

---

5. Ver **Far West Council Record,** de 15 de março de 1838. Também, **History of the Church,** Período I. Vol. 3, pp. 31-32, nota de pé.

Joseph Smith. William Smith, irmão do Profeta, havia sido o líder de tal movimento. Em abril de 1853 uma organização foi levada a efeito, tendo por base uma revelação que H. H. Deam alegou ter recebido.

Em 1856 a "Igreja Reorganizada" determinou que Joseph Smith III, o chefe predito, tomasse seu lugar como chefe da mesma. Os mensageiros enviados ao lar do Sr. Smith, perto de Nauvoo, não foram cordialmente recebidos, sendo seus insistentes pedidos para que ele satisfizesse os desejos da nova igreja rejeitados.

No inverno de 1859, Joseph Smith III, tendo fracassado em várias ocupações, resolveu se comunicar com a "Igreja Reorganizada". Isto resultou num convite para assistir à conferência de abril, efetuada em Amboy, Illinois. A conferência votou, aceitando-o como presidente, como foi acima explanado.

A igreja foi então apresentada ao Sr. Smith, que a aceitou. Quatro homens ordenaram-no, então, ao ofício de "Presidente do Sumo Sacerdócio e da Igreja". Estes quatro homens eram William Marks, ex-presidente da Estaca de Nauvoo, excomungando em 1844; Zenos H. Gurley, Samuel Powers e W. W. Blair, os últimos três "apóstolos" da "Igreja Reorganizada".

Esta organização trouxe para si os remanescentes descontentes dos movimentos anteriores. A sede da igreja foi estabelecida em Plano, Illinois, mudando-se, mais tarde, para Independence, Missouri, onde a maioria dos membros reside atualmente. A igreja tem mostrado muito pouco crescimento e vitalidade. Missionários seus foram enviados a Utah em 1863, e, novamente, em 1869, sendo bem sucedidos em atrair um certo número de membros descontentes. Sobre a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em geral o seu efeito tem sido insignificante"[6]

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** pp. 413-428. (Sucessão na Presidência da Igreja. Um breve esclarecimento da confusão temporária dos membros imediatamente após a morte do Profeta, bem como da luta pela liderança da Igreja, travada entre Sidney Rigdon e o Presidente Brigham Young e o Quórum dos Doze).

2. **Ibid.,** pp. 415-417. (Resposta de Brigham Young a Rigdon).

3. Talmage, **The Vitality of Mormonism,** pp. 15-18. (O caráter vital da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias).

4. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 318-322. (O problema da escolha de um novo líder para a Igreja).

5. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 242-246. (Esperanças perdidas).

6. **Ibid.,** pp. 314-319. (Escolha de um novo líder).

---

6. Para uma completa discussão do movimento reorganizado, ver:
Roberts, **Sucession in the Presidency of the Church,** segunda edição, 1900, subdivisão 6, pp. 50-87, e subdivisão 7, pp. 88-96.
Joseph Fielding Smith **Origin of the Reorganized Church, and the Question of Sucession.**

CAPÍTULO 27

NOVOS DIRIGENTES E VELHOS PROBLEMAS

Um Novo Líder

No dia 18 de junho de 1844, o Presidente Joseph Smith disse, num discurso, à Legião de Nauvoo:

"Pensam alguns que nossos inimigos haverão de ficar satisfeitos com a minha destruição, mas, digo-vos que, tão logo derramem o meu sangue, terão sede do sangue de todos os homens em cujos corações habite uma única centelha do espírito da plenitude do Evangelho. A oposição desses homens é movida pelo espírito do adversário de toda a justiça, que procura não somente destruir-me, mas, também, a todo o homem ou mulher que tenha a coragem de acreditar nas doutrinas que Deus me inspirou a ensinar nesta geração".[1]

Esta profecia teve rápido cumprimento. A morte de Joseph e Hyrum proporcionou um breve espaço de paz para os Santos de Illinois; no entanto, tão logo se tornou evidente que sob nova liderança os Santos estariam mais unidos que nunca e que nada tinha, realmente, mudado, a oposição principiou novamente.

Três coisas levadas avante pelos Santos sob a liderança dos Doze mostraram claramente ao mundo que o mormonismo estava vivo e apenas em seu princípio. Primeira: a construção do templo foi continuada. Devido à grande atividade de Brigham Young e dos Doze, este trabalho continuou avante com enorme rapidez. Quando o Profeta e seu irmão foram mortos, somente um andar do templo tinha sido completado. Onze meses mais tarde, no dia 24 de maio de 1845, foi terminado o capeamento. Foram meses de fervorosa atividade e grande sacrifício. Wilford Woodruff, com data de 8 de fevereiro de 1857, escreve o seguinte sobre essa época:

1. **History of the Church,** Período 1, Vol. 6, p. 498.

"Presidente Young pregou no tabernáculo, seguido de H.C. Kimball. De tarde, numa reunião de oração, o Presidente falou sobre um acontecimento não registrado na **História da Igreja,** relatando o seguinte: Poucos meses depois do assassinato de Joseph, o Profeta, durante o outono e o inverno de 1844, trabalhamos muito no término do templo de Nauvoo, tempo este em que nos foi muito difícil conseguir pão e outras provisões para os trabalhadores. Aconselhei os membros do comitê encarregado dos fundos monetários do templo que negociassem toda a farinha que possuíam, pois Deus haveria de dar-lhes mais; eles assim o fizeram, e, não se passou muito tempo até a apresentação de Irmão Toronto, trazendo-me dois mil e quinhentos dólares em ouro. O bispo e o comitê se reuniram, juntando-me eu a eles, e me disseram que a lei ordenava que se depositasse o ouro aos pés do apóstolo. Sim, disse eu, e eu, por minha vez deposito-o aos pés do bispo; portanto, abri a boca do saco e, segurando-o pela outra ponta chacoalhei-o diante do bispo, espalhando o dinheiro pelo quarto e dizendo: Ide agora e comprai farinha para os trabalhadores do templo, sem jamais perder a confiança no Senhor, pois sempre teremos aquilo de que necessitarmos"!

A pedra final foi colocada às seis horas da manhã, porque os Doze estavam semi-isolados, a fim de evitar o seu aprisionamento sob acusações fraudulentas feitas contra eles por seus inimigos, a fim de exterminá-los. Concernente à ocasião, escreve o seguinte John Taylor:

"Na manhã de sábado, no dia 24 de maio de 1845, dirigimo-nos ao templo às escondidas, tendo por propósito colocar a última pedra. Poucos sabiam do acontecimento, mas, a banda começou a tocar e o povo, ao ouvi-la, correu para ver o que acontecia. Lá pelas seis horas da manhã, depois de reunidos os irmãos, procedemos à colocação da pedra; às seis e quinze foi colocada, depois do que Irmão Brigham orou, e sua voz foi ouvida distintamente pela congregação, que gritou: 'Hosana, hosana a Deus e ao Cordeiro, Amém e amém!' Irmão Kay cantou uma canção composta para a ocasião por W.W. Phelps, denominada 'The Capstone'. (A Pedra Final). Embora houvesse diversos que por nós esperavam, com a intenção de nos levar, ainda

assim escapamos sem o seu conhecimento; quando o hino principiou a ser cantado, saímos sem sermos notados, perdendo eles a oportunidade de nos ver".[2]

Segunda: O aumento das atividades missionárias, sob a direção dos Doze. Os estados da União e do leste do Canadá foram separados em divisões eclesiasticas e foi colocado um presidente de missão em cada uma. O número de missionários foi grandemente aumentado. Wilford Woodruff foi enviado para a Grã-Bretanha, a fim de ser um líder da Igreja em tal lugar. Uma porção de missionários foi enviada para Gales, onde, nos próximos três anos, milhares de conversos foram batizados. A despeito da pesada imigração dos membros da Igreja da Inglaterra para Nauvoo, os Santos daquela terra, em janeiro de 1846, atingiam o número de 12.247. Cada mês testemunhava um ou mais carregamentos de Santos da Inglaterra, que chegavam a Nauvoo. A Missão dos Estados do Leste, sob a liderança de Parley P. Pratt, tomou renovado vigor.

Terceira: Os Santos demonstraram crescente vigor e desenvolvimento industrial. Capitalistas foram convidados a visitar Nauvoo e encorajados a estabelecer lá suas indústrias. Élder John Taylor desempenhou papel proeminente nos assuntos industriais. Sob sua recomendação e supervisão um "sindicato" foi formado. Esta organização tinha por objetivo o estabelecimento de indústrias que haveriam de produzir, tanto quanto possível, tudo o de que os Santos de Nauvoo pudessem precisar, mais um excedente para exportação.

Já que parecia improvável que se pudesse obter, para tal propósito, licença de uma legislatura estadual inamistosa, John Taylor planejou o seguinte:

"Primeiramente, doze homens deveriam ser apontados, formando uma constituição viva, com um presidente, secretário, etc, a fim de dirigir todos os assuntos da associação.

Em segundo lugar, diferentes administradores deveriam organizar-se a si mesmos, cada qual com suas próprias leis, sujeitos, porém, à Constituição".[3]

2. **Taylor's Journal,** 25 de maio de 1845.
3. Roberts, **Life of John Taylor,** p. 159.

Estes movimentos foram bem sucedidos e deram à indústria tanto ímpeto que uma nova era de prosperidade nasceu em Nauvoo. Fábricas começaram a funcionar, absorvendo toda a população, que crescia rapidamente, através da imigração. O bem-estar material dos Santos parecia assegurado.

Sião Tem Que Fugir

A grande energia demonstrada pela Igreja, e especialmente, suas atividades nos campos comerciais cooperativos alimentaram as chamas da crescente oposição. As violências reiniciaram já a princípio de julho de 1844, e foi dado início ao movimento que batalhava pela repulsa da constituição garantida a Nauvoo. A menos que tal constituição pudesse ser posta abaixo, os Santos, com a poderosa Legião de Nauvoo, poderiam vir a provar-se por demais poderosos para as facções que planejavam sua destruição.

No dia 22 de julho de 1844, o Governador Ford endereçou uma carta a W.W. Phelps, editor de **Times and Seasons,** que estabelecia o parecer do público, bem como o do governador, concernente aos Santos. Entre outras coisas ele disse:

"A pura verdade, portanto, é que a maioria das pessoas bem informadas condenam de todas as formas o modo pelo qual os Smiths foram mortos, mas, nove dentre dez de cada uma delas acompanham a expressão de sua desaprovação com uma manifestação de contentamento por estarem eles mortos...

"As infelizes vítimas deste assassinato eram odiadas pelo povo em geral, e, não é razoável supor que sua morte tenha produzido qualquer reação na opinião pública que venha a resultar em simpatia por vosso povo; se assim pensais, estais enganados.

"A maioria do que se diz quanto ao assunto é dito tão-somente da boca para fora; vosso povo pode estar certo de que os sentimentos públicos são, presentemente, tão contrários quanto antes.

"Menciono isto não com o propósito de insultar-vos, mas, de mostrar-vos claramente quão cuidadoso vosso povo deverá ser no futuro, evitando todo e qualquer motivo para discussões e rancores, bem como, também, para mostrar-vos quão pouca confiança podereis vir a ter em qualquer força militar que eu possa vir a mandar em vosso favor.

"Eu talvez deva explicar o que disse, declarando que poucas são as pessoas dos condados

vizinhos que poderiam vir a ser procuradas para participar de turbas contrárias a vós, isto no caso de não haver posterior causa de excitamento por parte de alguma imprudência de vosso povo. O que quero dizer, porém, e isto digo sinceramente, é que, com o presente sentimento da opinião pública, estou positivamente certo que não poderia formar uma força militar estadual disposta a lutar a vosso lado, ou a arriscar suas vidas para proteger-vos de um ataque de vossos inimigos".

A tentativa por parte dos oficiais estaduais de apresentar os assassinos de Joseph Smith e Hyrum à justiça não passou de uma farsa. Nove conhecidos membros do grupo foram aprisionados. Foram julgados e absolvidos todos os nove. Nada mais jamais foi feito.

Uma Caçada aos Lobos

No mês de setembro foi inaugurado um movimento armado para expulsar os Santos. O objetivo de tal movimento foi guardado em segredo. O historiador Gregg a ele faz referência como o "Grande Acampamento Militar".[4] Dele diz o seguinte o Governador Ford em seu livro **History of Illinois:**

"No outono de 1844 os líderes antimórmons enviaram um convite impresso a todos os capitães da milícia de Hancock, bem como aos das milícias de todos os condados vizinhos, em Illinois, Iowa e Missouri, para estarem presentes com suas companhias numa grande caçada aos lobos em Hancock; foi secretamente anunciado também que os lobos a serem caçados seriam os mórmons e jack-mórmons.[5] Foram feitos preparativos para a reunião de milhares de homens, com provisões para seis dias; os jornais antimórmons, auxiliando o movimento, principiaram novamente a relatar os mais horríveis casos de roubos e ultrajes premeditados por parte dos mórmons".[6]

A fim de impedir essa "Caçada aos Lobos", o Governador Ford emitiu uma proclamação pedindo 2.500 voluntários. Somente 500 se apresentaram, e com estes marchou em direção ao Condado de Hancock, fazendo com que os "descontentes" abandonassem sua empresa.

4. Gregg, **History of Hancock County,** pp. 326-327.
5. Jack-Mórmons- Nome aplicado aos não-membros da Igreja que mostravam especial deferência para com os Santos.
6. Ford, **History of Illinois,** p. 364.

A Constituição de Nauvoo é Repelida

Os antimórmons concentraram então seus esforços em fazer repelir a Constituição de Nauvoo. Em janeiro de 1845 conseguiram que seus projetos passassem na legislatura, deixando Nauvoo sem autoridade civil. Somente a organização da Igreja e o respeito que os membros tinham pela lei impediram um reinado de confusão e crime. Quanto a este ato por parte da legislatura estadual, Josiah Lamborn, o advogado estadual, escreveu o seguinte a Brigham Young:

"Sempre achei que vossos inimigos vos perseguem movidos por motivos políticos e religiosos, bem como pelo desejo de saquear e derramar sangue, mais do que por pensarem no bem comum. Através do repelimento de vossa Constituição e pela recusa de todas as emendas e modificações da mesma, nossa legislatura deu uma espécie de sanção à maneira bárbara pela qual tendes sido tratados. Vossos dois representantes se esforçaram ao máximo em vosso favor, mas a onda de furor e amargura foi muito forte para ser resistida. É, realmente, um espetáculo melancólico testemunhar que os governantes de um estado autônomo condescendem em servir de instrumento a desígnios escusos, aos vícios, à ignorância e malevolência de uma classe de pessoas que está sempre pronta para desordem, assassínios e rebeliões.[7]

Os Ataques Principiam

O contínuo crescimento e prosperidade de Nauvoo, a despeito dos males que já lhes haviam sido impostos por seus inimigos, fizeram com que os antimórmons se atrevessem a ações ainda mais drásticas. No princípio do mês de setembro de 1845, começaram a atacar os Santos que viviam nos arredores, queimando seus lares. Os Santos não ofereceram resistência armada, acreditando que qualquer movimento seu haveria de ser mal interpretado, trazendo sobre si as forças opostas. Apelaram ao delegado do Condado de Hancock, pedindo-lhe proteção. Este senhor J.B. Backenstos, um cavalheiro justo e digno, provou ser um corajoso campeão da lei e da ordem. Ele anunciou ao povo do Condado de Hancock que:

7. Ver **Times and Seasons,** 15 de janeiro de 1845, para uma leitura completa da carta.

"A comunidade mórmon tinha agido com uma tolerância incomum, permanecendo calma e não oferecendo resistência quando ao serem seus lares, edifícios, celeiros, etc. queimados em sua presença. Eles tinham suportado até o ponto em que a tolerância deixa de ser uma virtude".[8]

De 10 a 25 de setembro, o delegado emitiu cinco proclamações, dando a conhecer os ultrajes feitos contra os Santos e pedindo aos cidadãos honestos que ajudassem a dar fim a tais violências. Vendo fracassado seu apelo aos não-mórmons, ao pedir um destacamento policial que o ajudasse, aceitou um destacamento policial de entre os Santos, dirigido por Orrin P. Rockwell, logo em seguida expulsando os atacantes do condado ou desfazendo suas forças.

Antimórmons relataram ao governador que Backenstos estava usando de arbitrariedades; conseqüentemente, o governador Ford enviou um destacamento de 400 homens ao Condado de Hancock, comandado pelo General John J. Hardin, e decretou lei marcial no condado. O Delegado Backenstos viu-se destituído de seus poderes e abandonou o condado, pois sua vida corria muito perigo.

Logo após serem os lares dos Santos queimados pela primeira vez, os Doze se reuniram em Nauvoo, no dia 11 de setembro. A respeito desta reunião, John Taylor assim diz:

"Nós (os Doze) realizamos uma reunião e achamos aconselhável, já que estaríamos de partida para o oeste na primavera, conservar tudo o mais calmo possível, sem ressentir-nos de nada. Pensávamos que através de tão pacíficas medidas eles deixariam de molestar-nos, e que poderíamos mostrar aos condados vizinhos que éramos pessoas ordeiras e desejosas de paz. Decidiu-se também que os irmãos estabelecidos nas circunvizinhanças deveriam vir a Nauvoo com o trigo por eles colhido. Depois de todas as lutas que havíamos tido para terminar o templo, a fim de nele realizar nossos endowments, achamos que a realização dos mesmos era mais importante do que qualquer distúrbio por causa de propriedades, ainda mais que as casas não eram de grande valor e nenhuma vida havia sido perdida".[9]

---

8. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 2, p. 477.
9. **Taylor's Journal,** 11 de setembro de 1845.

Ordem de Retirada

No dia 22 de setembro de 1845, os cidadãos de Quincy realizaram uma reunião geral. Era sabido por todos que Joseph Smith tinha a esperança de levar seu povo em direção ao oeste, portanto, chegou-se à conclusão de que essa mudança deveria começar imediatamente. Um comitê dirigiu-se ao Quorum dos Doze. No dia 24 de setembro de 1845, receberam a seguinte resposta:

"Gostaríamos de dizer ao comitê acima mencionado e ao governador, bem como a todas as autoridades e ao povo de Illinois e dos estados e territórios vizinhos, que pretendemos deixar estas terras na próxima primavera, de forma que não haverá necessidade alguma de entrarmos em discussão, conquanto certas coisas necessárias para que possamos realizar nossos desejos sejam observadas; são as seguintes:

"Que os cidadãos deste condado, bem como dos condados vizinhos, usem de sua influência e boa vontade no sentido de ajudar-nos a vender ou alugar nossas propriedades, de forma que possamos conseguir os fundos necessários para ajudar as viúvas, os órfãos e necessitados a se mudarem conosco.

"Que todos os homens nos deixem em paz com suas demandas vexatórias, de forma que possamos ter tempo para nos preparar, pois nenhuma lei quebramos; que nos ajudem, vendendo-nos gêneros alimentícios, gado, ovelhas, carroças, mulas, cavalos, arreios, etc., em troca de nossas propriedades, sendo dadas as escrituras em pagamento, a um preço justo para que tenhamos meios para nos mudarmos já, sem que os pobres venham a sofrer além do suportável por um ente humano.

"Que todas as trocas de propriedades serão feitas por um comitê ou por comitês de ambas as partes, de forma que todo o negócio possa ser feito honradamente e com rapidez.

"Que procuraremos por todos os meios obedecer cuidadosamente às leis em nossas negociações e associações com outros, a fim de preservar a paz pública, e que esperamos, decididamente, que não mais seremos molestados com a queima de nossos lares ou quaisquer outras depredações, que só virão a fazer-nos perder nossos bens e nosso tempo, atrasando-nos em nossos negócios.

"Que é errado pensar que nos propusemos a nos retirar daqui a seis meses, já que estaríamos então no início da primavera, a grama ainda não teria crescido nem estaria a água correndo; ambas estas coisas serão necessárias para a nossa retirada. Propomo-nos, entretanto, a usar nossa influência a fim de que não mais se plante nem se esperem futuras colheitas entre o povo

desta comunidade, depois da presente colheita; e que todas as comunicações a nos serem feitas ou sejam por escrito, por ordem do Conselho" "W. RICHARDS", "BRIGHAM YOUNG", "Secretário" "Presidente".[10]

No dia 2 de outubro uma grande convenção antimórmon se reuniu em Carthage. Efetuou-se uma organização e as seguintes resoluções foram tomadas:

"Resolvemos que fica estabelecido e convencionado nesta reunião que é demasiadamente tarde para se tentar pôr fim às dificuldades do Condado de Hancock, a não ser com a remoção dos mórmons do estado; conseqüentemente, aceitamos a proposta feita pelos mórmons, de se retirarem do estado na próxima primavera; esperaremos pacientemente por tal época".

Os inimigos dos Santos, porém, não esperaram até a primavera. Os saques novamente principiaram. Demandas injustas se levantaram e oficiais de justiça constantemente eram vistos em Nauvoo, com mandados de prisão contra os líderes da Igreja. Até mesmo o governador Ford tentou apressar a partida dos Santos, fazendo circular uma história falsa, na qual se declarava que o Ministro da Guerra enviaria forças a fim de impedir que mórmons fossem para o oeste, em direção às Montanhas Rochosas, temendo que "lá haveriam de juntar-se aos ingleses e a ser de ainda maior transtorno".[11]

Durante o inverno de 1845-46 trabalhava-se tenazmente para a retirada às Montanhas Rochosas. Todas as casas disponíveis de Nauvoo se tornaram oficinas e o som do martelo e da bigorna podia ser ouvido de manhã à noite. A madeira era comprada e trazida a Nauvoo, onde era posta para secar numa estufa. Carroças eram enviadas aos condados vizinhos a fim de reunir ferro velho, que era convertido em rodas, eixos e outras partes de metal necessárias para os carroções. Pilhas de couro cru foram compradas e o fazedor de arreios principiou a usar muitos dos seus assistentes para longas horas extras. Cavalos eram comprados nos territórios circunvizinhos, até que o aumento de preço tornou impossíveis tais compras. A seguir passou-se a comprar bois e a serem manufaturadas cangas.

Enquanto isso o trabalho no interior do templo continuava e as ordenanças do templo para os vivos e mortos seguiam avante fervorosamente, como se não se pensasse sequer em partir. Isto continuou assim até que a maior parte dos Santos tivesse principiado sua longa jornada rumo ao oeste. No dia 1º de maio de 1846, depois de ter a maioria se retirado, o templo já completo foi dedicado publicamente, na presença de cerca de trezentas pessoas.

Leituras Suplementares

1. Roberts **Comprehensive History of the Church,** pp. 446-541. (Um compreensivo relato do trágico período passado entre o martírio de Joseph e Hyrum e o princípio do movimento de retirada).

2. **Ibid.,** p. 448, nota 5. (Um breve relato da situação política dos Santos e dos dois partidos principais, do ponto de vista mórmon).

3. **Ibid.,** p. 473. (Uma interessante história de apenas uma única página, sobre a colocação da pedra final no Templo de Nauvoo. Vívida e informativa).

4. **Ibid.,** p. 475. (Citação de um editorial do **Quincy Whig.** Letras pequenas). (Uma cena vívida e emocionante das injustiças sofridas pelos mórmons neste período, descrita por um não-mórmon razoável).

5. **Ibid.,** p. 485, 3. (O Sr. Babbit, um não-mórmon, membro da legislatura de Illinois, defende os mórmons contra o ataque feito à Constituição de Nauvoo).

6. **Ibid.,** pp. 486-488, nº 4. ("Backenstos" - Acusações contra os antimórmons).

7. Evans, **One Hundred Years of Mormonism,** pp. 384-388. (Um relato claro e breve do período que segue de imediato ao martírio, bem como das qualidades de Brigham Young como líder).

---

10 J.F. Smith, **Essentials In Church, History**, p. 396.
11 (Nota) O Governador Ford admite seu erro, em seu livro, History of Illinois, p. 413.

8. **Ibid.,** pp. 389-394.

9. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 320-329. (Um relato interessante e de fácil compreensão do tempo passado entre o martírio de Joseph e o movimento rumo ao oeste).

10. Smith, **Essentials in Church History,** p. 391, crescimento do trabalho - 400. (Um relatório claro e condensado desse período).

11. James A. Little, **From Kirtland to Salt Lake City,** pp. 42-56. (Eis aqui um relato dramático de pessoas e incidentes durante aqueles últimos e trágicos dias passados em Nauvoo, revelando o sofrimento e heroísmo dos Santos).

12. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 227-232. (Nestas páginas Irmão Woodruff fala sobre sua visita a Emma e Lucy Smith, respectivamente esposa e mãe do Profeta Joseph, logo após a morte deste. Tal visita tinha por intenção consolar estas senhoras).

CAPÍTULO 28

UM POVO EXILADO

Partindo da Cidade Querida

Ao raiar do dia 4 de fevereiro de 1846, quem estivesse às margens do rio Mississippi, do outro lado de Nauvoo, teria sido testemunha de uma extraordinária sucessão de acontecimentos. Naquele dia, carroções puxados por cavalos e bois, cobertos de lona branca e carregados com utensílios domésticos, provisões e implementos agrícolas, partiam do cais de Nauvoo em balsas que estavam ancoradas ao longo do poderoso Mississippi. Alcançando Iowa as carroças dirigiam-se a oeste, em direção às campinas, e desapareciam na distância, deixando uma profunda trilha na neve recém-caída.

A 6 de fevereiro, seis outros carroções igualmente equipados tomaram o mesmo rumo; estes também logo se perderam de vista no oeste. A cerca de 10 quilômetros do rio, os carroções pararam para descanso nas margens do Sugar Creek. A neve foi afastada e as barracas armadas. Estes carroções pertenciam a pessoas que tinham sido expulsas de seus confortáveis lares, o primeiro grupo de 15.000 mórmons exilados de sua querida Nauvoo.

Durante os dias seguintes centenas de carroções cruzaram o rio, movendo-se ruidosamente e formando longas filas de caravanas, em uma linha quase ininterrupta.

> "Diversas balsas, algumas velhas barcaças e vários barcos a remo, todos juntos formando uma esquadra, trabalhavam dia e noite transportando os Santos".[1]

No dia 15 de fevereiro, Brigham Young e componentes do grupo dos Doze juntamente com suas famílias, cruzaram o rio e dirigiram-se a Sugar Creek. O tempo estava extremamente frio, com o termômetro descendo abaixo de zero. No dia 25, Charles C. Rich, ao cruzar o rio nas proximidades de Montrose, fê-lo por sobre o gelo. Os dias que se seguiriam foram testemunhas da mais estranha de todas as visões: longas filas de caravanas cruzando o poderoso rio, sobre um sólido assoalho de gelo que se estendia de margem a margem, cobrindo um quilômetro e meio. Alguns dias depois esta singular estrada ruiu, obrigando as caravanas a esperar, enquanto grandes blocos de gelo desciam o rio. A demora foi temporária. As balsas começaram o trabalho e novas caravanas seguiram seu destino. O grande êxodo do povo mórmon tinha começado.[2]

O Acampamento de Sugar Creek

O acampamento de Sugar Creek, ganhou a aparência de uma cidade. Mais de quatrocentos carroções estavam lá reunidos. Alguns já no acampamento há mais de duas semanas, esperando pelos líderes. Brigham Young encontrou muitos passando necessidades, sem provisões, com cobertas insuficientes e com escassez de roupas. Muitos fatores contribuíram para isto. O apelo dos cidadãos de Hancock e condados vizinhos tornou-se tão insistente, que o êxodo começou dois meses antes da data prevista pelos Santos. Era evidente que para evitar derramamento de sangue o êxodo não deveria ser retardado. Brigham Young aconselhou-os a deixar Nauvoo com suficientes provisões para vários meses e um bom suprimento de tendas e roupas, mas este conselho não foi seguido, pois não dispunham de tempo para reunir os fundos obtidos com a venda de propriedades em Nauvoo. Havia algumas famílias que pareciam temerosas por não poder acompanhar os Doze e aglomeraram-se com a vanguarda, embora não estivessem bem preparadas para isso. Dezoito homens apresentaram-se no acampa-

---

1. **History of the Church,** Período 2, Vol. 7, p. 582.

2. (Nota) Os fatos acima foram tirados do diário de Brigham Young, corrigindo o parecer que o rio Mississippi em 1846 estava congelado antes do dia 25 de fevereiro.

mento de Sugar Creek com provisões que não seriam suficientes para alimentá-los e aos animais por mais de quinze dias. Brigham Young, quando chegou ao acampamento, dispunha de provisões para um ano, tanto para si como para sua família. Dentro de duas semanas deu tudo o que tinha aos necessitados. Foi Brigham Young quem, nas dificuldades de Missouri, em 1838, em resposta a um pedido de 200 irmãos, assegurou-lhes que tudo faria para ajudar os pobres merecedores, na sua remoção de Missouri. E isso foi feito. Antes de deixar Nauvoo, Brigham Young, bem como os outros líderes, firmou um convênio semelhante. Bem logo foram chamados a cumpri-lo, e cumpriram sem queixas, o grande líder Brigham Young tomou a si o cuidado dos pobres e necessitados. Muitas vezes repreendeu seu povo... mas nunca por eles serem pobres.

Estava sensibilizado com a paciência e coragem de sua gente. No entanto, muitas e muitas vezes teve que corrigi-los. No dia 17 de fevereiro, ele assim se dirigiu ao grupo:

"Espero que os irmãos parem de voltar a Nauvoo a fim de caçar e pescar, e usem seu tempo em algo mais útil, como providenciar rações para seus cavalos, armazenar o milho e cuidar que suas esposas e filhos viajem confortavelmente; nunca emprestem sem autorização e procurem sempre devolver o que emprestarem, a fim de que seus irmãos não fiquem desgostosos... Todos os cães do acampamento devem ser mortos, a menos que seus donos os mantenham acorrentados... Não teremos lei que não possamos cumprir, mas teremos ordem no acampamento. Se quisermos viver em paz, deveremos obedecer a todos os regulamentos".[3]

O Sofrimento dos Santos

Embora os líderes tivessem envidado todos seus esforços, o frio intenso e a falta de preparo trouxeram muito sofrimento aos Santos que ainda se encontravam em Sugar Creek. Um relato dos incidentes lá ocorridos encheria muitas folhas. Porém, um resumo poderá mostrar os sentimentos e os sofrimentos desse povo.

"A primeiro de março, mais de cinco mil exilados tremiam de frio atrás das escassas cobertas dos carroções e tendas e nos bosques desnudos pelo inverno. Seus sofrimentos nunca foram de fato contados. Para que tenhamos uma idéia de quão doloroso e inoportuno foi este êxodo forçado, basta sabermos que em uma noite nove crianças nasceram sob essas lastimosas condições"...

"Subindo numa colina próxima, pudemos voltar nossas vistas sobre a linda cidade e ver o belo templo que tínhamos erguido com nosso trabalho e que nos custou meio milhão de dólares.[4] Nas manhãs claras e calmas podíamos ouvir:

"O som de prata do sino do templo
Por nós tão apreciado e amado!
E, então, dava-se início a uma torrente de lágrimas.
Pois de grande mágoa nosso coração se via assolado.
Isto, enquanto nossos velhos e queridos lares
Atentamente fitávamos, com o olhar embaçado".[5]

Violentas tempestades e excessivo frio solaparam a energia e vitalidade do povo. Os que mais sofreram foram as mulheres e crianças recém-nascidas. Eliza R. Snow, que estava presente no acampamento de Sugar Creek, relata:

"Fomos precedidos por milhares que vinham de Nauvoo, e, fui informada que nasceram nove crianças na primeira noite do acampamento; desde então e durante o prosseguimento da viagem, as mães davam à luz sob as mais variadas circunstâncias, algumas em tendas, outras nos carroções, sob chuva ou tempestade de neve... Presenciei um nascimento ocorrido sob a rude coberta de uma barraca cujos lados eram formados de cobertores presos a estacas fincadas no chão; o teto era de casca de árvore e através dele gotejava a chuva; bondosas irmãs seguravam pratos, a fim de aparar a água à medida que esta caía, protegendo assim o novo ser e sua mãe e evitando que tomassem um banho de chuveiro".

O relato seguinte, também da mesma escritora, ilustra determinada situação:

"Muitas de nossas irmãs andavam o dia todo, sob sol ou chuva, e à noite preparavam a ceia para suas famílias em tendas sem cobertas; a seguir arrumavam suas camas dentro ou em baixo de carroções que continham todas as suas posses. Quantas vezes, com grande simpatia e admiração, observei mães que, esquecidas da

3. **History of Brigham Young, Ms.,** veja **History of the Church,** Período 1, Vol. 7, pp. 585-856.

4. A maior parte dos que têm autoridade no assunto calcula em um milhão de dólares.

5. **Memories of John R. Young,** Pioneiro de Utah - 1847. Cap. 2, pp.14-15.

própria fadiga e penúria, incansavelmente carregavam sobre seus ombros as dores alheias, animando seus familiares e, ao mesmo tempo, como sinceramente creio, erguendo seus olhos a Deus em fervente oração, pedindo-lhe a preservação de suas vidas".[6]

Foi inspirado nestas cenas que um poeta anônimo do acampamento escreveu:

Oh! Deus, quando caem as tormentas, tem dó dos exilados.
Deles tem dó, oh! Deus, quando as nuvens de neve cobrem o chão;
Quando o vento frio de inverno com seu sopro nos deixa congelados,
Golpeando as tendas como se fossem anjos da morte.
Quando o agudo choro de um recém-nascido é ouvido,
E a voz do pai, em oração, o silêncio quebra,
Elevando a Jeová seu angustiado pedido, para que poupe sua família".[7]

Quanto aos sofrimentos passados no acampamento de Sugar Creek, Brigham Young assim se expressa em seu diário:

"Merece ser lembrado o fato de milhares de pessoas terem deixado seus lares no meio do inverno e terem se exposto, sem nenhum resguardo, a não ser um pequeno suprimento de tendas e lonas de carroças, a um frio que, eventualmente, veio a construir uma ponte sobre o rio Mississippi, o qual em Nauvoo, tem mais de um quilômetro de extensão.

"Poderíamos ter ficado agasalhados em nossos lares, não fosse pelas demonstrações de hostilidade de nossos inimigos, que puseram todos os obstáculos possíveis em nosso caminho, desrespeitando vida, liberdade ou propriedade de tal modo, que o único meio de evitar a discórdia foi começar o êxodo em meio ao inverno".[8]

A Ordem de Rumar Para Oeste

Para evitar a dor e tristeza advindas do fato de estarem acampados tão próximos da querida Nauvoo, os líderes sabiamente aconselharam o início da marcha. Nas memórias de John R. Young, lemos:

"Lembro-me da voz retumbante do Presidente Young, às primeiras horas da manhã, que, em pé, em frente a seu carroção, dizia:

"Atenção, povo de Israel! Proponho que iniciemos nossa jornada. Todos os que quiserem, sigam-me; mas, não o façam a menos que se comprometam a seguir os mandamentos e convênios do Senhor. Cessem, portanto, vossas contendas e desentendimentos; que não haja blasfêmia nem profanação em nosso meio. Quem encontrar qualquer coisa deverá imediatamente retorná-la ao dono. O Dia do Senhor deverá ser guardado. Todos deverão elevar suas orações ao Senhor, tanto pela manhã como à noite. Se fizerdes estas coisas, a fé abundará em vossos corações, e os anjos de Deus acompanhar-vos-ão, do mesmo modo que acompanharam os filhos de Israel quando Moisés os guiou para fora do Egito".[9]

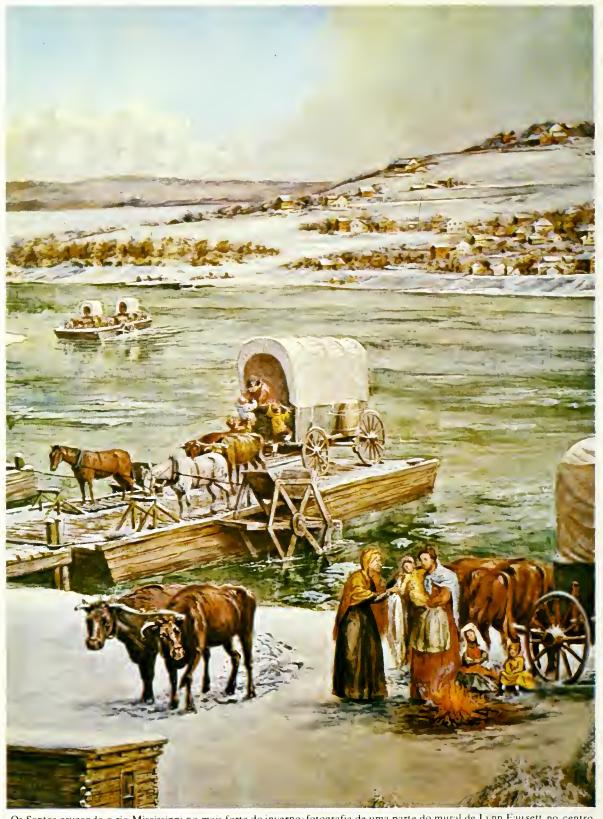
No dia 1º de março, quinhentos carroções deixaram o acampamento, movendo-se com dificuldade por oito quilômetros de neve e barro. Então pararam, a neve foi afastada e as barracas armadas para a noite. A jornada prosseguiu diariamente, até alcançarem as margens do rio Chariton, onde descansaram por alguns dias.

O acampamento principal, ou seja, o de Brigham Young e da maior parte dos Doze era chamado de Acampamento de Israel. Um grupo de pioneiros foi mandado à frente para descobrir os melhores caminhos, construir pontes e jangadas. Neste ínterim as provisões estavam quase findas. A fim de providenciar alimento para os Santos foram organizadas companhias, tendo por finalidade ir ao norte e ao sul da linha que estavam seguindo; iriam também às colônias de Iówa e de Missouri para trocar relógios, cobertas feitas de pena, xales e tudo o mais que os Santos poderiam dispensar por cereais e farinha de trigo. Na estação anterior a colheita fora abundante em Iowa e Missouri e havia muitos porcos nas florestas. Os fazendeiros ficariam contentes com esta troca. Os Santos não estavam pedindo favores, ao contrário, queriam pagar tudo que viessem a obter. Um grande número de rapazes solteiros encontrou emprego nas fazendas e povoações de Iowa e Missouri.

Uma História de Sacrifício

Muitos foram os sacrifícios feitos por este povo por sua religião. Uma história

---

6. James A.Little, **From Kirtland to Salt Lake City**. pp. 42-47-48.
7. **Memories of John R. Young**, Pioneiro de Utah, 1847, Cap. 2, p. 14.
8. **History of Brigham Young**, Ms., p. 69.
9. **Memories of John R. Young**. Pioneiro de Utah, 1847, Cap 2, pp. 15-16.

Os Santos cruzando o rio Mississippi no mais forte do inverno; fotografia de uma parte do mural de Lynn Fausett no centro turista adjacente ao monumento "Este é o lugar

Concedido pela DESERET NEWS PRESS.

PIONEIROS parte do mural por Lynn Fausett, no centro turista adjacente ao Monumento "Este é o lugar"

Pioneiros dos Carrinhos de mão fotografia de um quadro a óleo pintado por C.C.A. Christensen, exposto na biblioteca do Church Historian's Office.

Permissão do Church Historian's Office.

que relata tais acontecimentos é contada por John R. Young em suas memórias:

"Orson Spencer, diplomado por uma universidade do este, tendo estudado para ser pastor, tornou-se um popular pregador da Igreja Batista; encontrando-se com um élder da igreja mórmon, tornou-se familiarizado com os ensinamentos de Joseph Smith, vindo a aceitá-los. Porém, antes de fazê-lo, ele e sua prendada esposa pensaram nas conseqüências, elevaram seus corações ao Senhor e se decidiram a fazer o sacrifício. Poucos sabem o que significava tornar-se um mórmon naqueles dias. Lar, amigos, emprego, popularidade, enfim tudo o que traz alegria à vida lhes era tirado. De um dia para o outro eram estranhos até para seus próprios parentes.

"Depois de deixar Nauvoo, sua esposa, muito delicada e frágil, logo adoeceu, devido aos grandes sofrimentos impostos pela dura jornada. O marido, entristecido, escreveu aos pais da esposa implorando que a recebessem em seu lar até que os Santos encontrassem um lugar no qual pudessem permanecer. A resposta foi chocante: Só a receberemos depois que ela deixar essa aviltante fé. Nunca antes disso".

"Quando seu marido terminou a leitura da carta, ela lhe pediu que pegasse a Bíblia, abrisse no livro de Rute e lesse o primeiro capítulo, versículos dezesseis e dezessete: "Não me instes para que te deixe e me afaste de ao pé de ti; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares à noite ali pousarei eu: o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada; me faça assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separe de ti".

"Nenhum murmúrio escapou de seus lábios. A tempestade estava forte e a coberta do carroção estava furada. Amigos sustinham vasilhas acima de sua cama para que a água não a molhasse. Nestas condições, em paz e sem demonstrar sofrimento, ela exalou seu último suspiro e seu corpo foi dado à sepultura na margem da estrada".[10]

O êxodo, entretanto, também teve seu lado alegre. John Taylor, depois de relatar privações e sofrimentos, em um comunicado aos Santos na Inglaterra, disse:

"Sobreviveremos às duras provas – sentimo-nos contentes e felizes. As canções de Sião ressoavam de carroção a carroção, de tenda a tenda; o som reverberava pelas florestas, e seu eco retornava das colinas distantes; paz, harmonia e contentamento reinam onde estão os Santos... O Deus de Israel está conosco... E, à medida que prosseguimos, assim como Abraão, em direção a uma terra distante, sentimos, como ele sentiu, que estamos fazendo a vontade de nosso Pai Celestial e confiamos em Sua palavra e Suas promessas; e, tendo Sua bênção, sentimos que somos filhos da mesma promessa e temos a certeza de que o grande Jeová é nosso Deus".[11]

Organização da Rota

O capitão Pitt e sua banda acompanharam o povo de Israel e, quando os deveres do dia estavam findos, eram os responsáveis pela música, cantos e dança, o que ajudava bastante a esquecer os aborrecimentos e mágoas e a pensar em um futuro esperançoso. Para os habitantes de Iowa era incompreensível que um povo tão perseguido, em meio a tantos sofrimentos, pudesse acompanhar o êxodo com tão grande demonstração de festividade. A banda de Pitt era convidada a tocar nas vilas de ambos os lados da estrada, e ao fazê-lo, era freqüentemente paga, o que financeiramente ajudava bastante ao grupo.

Antes de deixar Nauvoo, os Santos a imigrar foram organizados em quatro grupos, subdivididos em cem ou cinqüenta e dirigidos por capitães. Esta organização logo se tornou inútil, pois as pessoas que pertenciam a uma companhia não podiam todas partir de Nauvoo na data prevista. Além disso muitos dos Santos que não pertenciam a nenhuma das companhias avançadas amontoavam-se nos acampamentos posteriores. Desunião e perda de tempo foi o resultado. Alguns espíritos mais independentes, como o bispo George Miller, foram à frente sem esperar o grupo principal. Parley P. Pratt e Orson Pratt também foram à frente. Os acontecimentos levaram Brigham Young a ordenar uma parada para reorganizar seu povo. Enviou uma mensagem censurando Miller, Parley P. Pratt. e outros pelo que tinham feito, ameaçando desassociá-los se não voltassem a se reunir com os

10. **Memories of John R. Young,** Pioneiro de Utah, 1847. Cap. 2 pp 17-18.

11. **Millennial Star,** Vol. 8, nºs 7 e 8.

outros no rio Chariton para uma reorganização. Eles concordaram. Brigham Young foi por unanimidade escolhido para presidir todo o agrupamento. Os Santos foram organizados em grupos de cem e cinqüenta, sendo indicado para cada cinqüenta um comissário contratante, que se encarregaria dos alimentos e trabalho, e um comissário distribuidor, para distribuir os gêneros no acampamento. Foi também designado um secretário para cada cinqüenta, e William Clayton foi escolhido para ocupar o cargo de secretário geral do acampamento. Foram dadas as seguintes instruções:

"Ninguém deverá atear fogo nas campinas. Ninguém deverá atirar sem permissão; tampouco caçar, a menos que seja enviado para tal; todos deverão conservar guardadas suas pistolas, espingardas e espadas".[12]

Do rio Chariton em diante tudo passou a correr em ordem. Os pioneiros foram divididos em grupos de cinqüenta; e, mais tarde, seus capitães escolheram outros capitães para cada equipe de dez, corneteiros, ferreiros, etc., até que cada homem tivesse um dever.

A Visão de Um Grande Líder

Sob a liderança de Brigham Young os Santos logo ganharam o aspecto de uma coluna industrial em marcha. Desde o início era evidente que provisões suficientes para toda a jornada não poderiam ser levadas de Nauvoo, mesmo que tivessem um suprimento à altura. A emigração teria que suster-se a si própria durante a marcha. Para que isso fosse realizado, rebanhos de gado e ovelhas, porcos, galinhas, etc., foram levados junto na travessia. Brigham Young planejou o plantio de imensas áreas pelas companhias avançadas, cuja colheita seria feita pelos que chegassem depois. O movimento para oeste poderia continuar por muitos e muitos anos depois que os Santos tivessem chegado às Montanhas Rochosas. Conversos dos estados do oeste, Canadá e Inglaterra, seguiriam a trilha dos pioneiros. Com rara visão, Brigham Young tudo preparou para esta contínua migração. Batedores foram enviados para selecionar acampamentos permanentes, os quais seriam utilizados por muitos anos. Como a maior parte de Iowa ainda não tinha dono, tais seleções e fixações foram feitas sem grandes despesas ou dificuldades.

Garden Grove

O primeiro de tais acampamentos estava localizado num dos braços do rio Grand, 240 km. de Nauvoo. Foi denominado "Garden Grove". Depois de alcançar este local selecionado pelos grupos avançados, pararam para descanso. Era fim de abril. Um conselho foi convocado. Cem homens foram designados para construir estradas, quarenta e oito para construir casas, doze para cavar poços, dez para construir uma ponte e o restante para arar a terra e plantar trigo.[13]

Como por um passe de mágica uma cidade foi levantada na pradaria. Setecentos e quinze acres foram arados e neles plantados trigo e outras sementes, tudo cercado por uma bem feita cerca de arame. Cabanas feitas de tronco foram construídas ao longo das ruas. O grupo parecia uma colmeia de abelhas, com todo mundo ocupado. E o povo se sentia bem disposto e feliz.[14]

Élder Samuel Bent foi designado para permanecer em Garden Grove e presidir o acampamento, com Aaron Johnson e David Fullmer como conselheiros. A colheita deveria ser posta em um celeiro e distribuída aos emigrantes necessitados. Rebanhos de gado e ovelhas deveriam ser mantidos no acampamento.

Monte Pisgah

O segundo acampamento permanente foi feito 160 km a oeste. Parley P. Pratt, que tinha sido enviado à frente, foi

---

12. **William Clayton's Journal**, p. 10.

13. Veja **William Clayton's Journal**, p. 25
14. Cannon, "**History of the Church**", Juvenile Instructor, Vol. 17, p. 325.

quem escolheu a localização; sobre o local ele assim se expressou:

"Inesperadamente cheguei numas colinas cobertas de grama e abundantes em bosques cheios de madeira, com campos e bosques alternados, tudo era um misto de beleza e harmonia de um parque inglês. Abaixo e além, a oeste, corria o principal braço do rio Grand, com suas margens ricas em árvores e campinas. À medida que estava chegando perto deste maravilhoso cenário,diversos cervos, corças e lobos, surpresos com minha presença, abandonaram o local perdendo-se de vista. Alegre e emocionado com a variedade e beleza da cena que estava à minha frente, exclamei: Este lugar chamar-se-á Monte Pisgah".

Depois de atingir tal lugar o povo de Israel novamente parou para descanso. Os organizados trabalhadores entregaram-se ao serviço e logo tinham construído outra cidade, nos moldes da anterior. Uma fazenda de milhares de hectares foi cercada, o solo arado e plantado, casas, construídas de troncos, foram levantadas. William Huntington foi escolhido presidente do acampamento, com Ezra T. Benson e Charles C. Rich como conselheiros, ficando atrás para supervisionar os rebanhos e manadas, bem como as colheitas e cuidar dos Santos que chegavam e partiam.

O agrupamento principal estava em marcha novamente, e, a 14 de junho, atingiu Council Bluffs, nas margens do rio Mississippi, onde um terceiro acampamento permanente foi fixado. Já era tarde para o período de plantio, mas foram feitos preparativos para o levantamento de cercas, aradura e plantio. O bispo Miller deteve-se, com um grupo de homens, para construir uma balsa com a qual cruzariam o rio.

Foi a esta altura que um pedido de voluntários foi feito pelo governo americano, empenhado em guerra contra o México, o que será tratado no próximo capítulo. Tal pedido alterou os planos dos Santos de mandar, sem suas famílias, uma centena de homens às Montanhas Rochosas ainda aquele ano, a fim de escolher um local para lá se estabelecerem.

Tão logo notaram que passariam o inverno nas planícies, começaram os preparativos para que pudessem suportá-los da melhor forma possível.

Winter Quarters

Um local do outro lado do rio, a curta distância ao norte de Council Bluffs, foi escolhido para o quarto acampamento permanente, com a denominação de "Winter Quarters". Este acampamento estava localizado onde hoje é Florence, Nebraska, a cerca de dez quilômetros da atual cidade de Omaha. Quinhentas e trinta e oito cabanas e oitenta e três palhoças foram construídas antes do inverno começar. Isto foi o bastante para abrigar três mil pessoas. Na primavera as casas e a população tiveram seu número dobrado. As casas eram geralmente de um só quarto, com quatro por seis metros, todas com uma boa chaminé. Milhares de toneladas de feno foram cortadas e estocadas para o inverno e a carne de animais selvagens salgada ou seca. Ao longo das margens do rio foram apanhadas centenas de cestas de amoras, que foram conservadas a fim de serem usadas de diversos modos durante o inverno. Batedores saíram em diversas direções, com o fim de localizar a melhor rota a ser seguida na primavera. Os que ficaram atrás foram enviados a St. Louis para conseguir suprimentos para o inverno. Aliviados de suas cargas, os carroções eram trazidos de volta para ajudar outras companhias. Os mesmos receberam a designação de cuidar das ovelhas e do gado.

A passagem do gado, nadando pelo rio Missouri, até Winter Quarters, era algo interessante. Sobre a ocasião assim se expressa John R. Young:

"Jovem como era, a travessia do gado a nado era algo bem interessante para mim. Bem cedo uma parte do gado era levada às margens do rio e dali forçada a entrar na água, quando então mil cabeças iniciavam o cruzamento. Alguns dos melhores nadadores montavam nos bois mais fortes e conduziam toda a manada através da correnteza. Logo tínhamos uma fila compacta de animais alcançando de um lado a outro do rio. Por certo era uma experiência viva e empol-

gante, que requeria muita coragem e preparo físico".[15]

A cidade de Winter Quarters foi dividida em treze estacas. Para cada uma foi escolhido um bispo, com instruções para cuidar do bem-estar físico e temporal, supervisionar atividades industriais e cuidar da saúde pública. Mais tarde o número de estacas foi aumentado para vinte e dois. Sumos conselhos foram escolhidos para Winter Quarters e outros acampamentos permanentes.

Durante o inverno funcionaram escolas e a maior parte dos jovens teve oportunidade de ganhar alguma instrução. Um serviço postal provisório foi instituído. Muitos homens tinham seguido, como condutores, com as companhias avançadas, deixando suas famílias; cartas eram enviadas com eles, para aqueles que ainda não tinham iniciado sua jornada, o mesmo acontecendo com estes, que, ainda em Nauvoo, enviavam sua correspondência ao acampamento principal de Israel. William Richards era o diretor-geral desse serviço de correios o qual mantinha o povo informado sobre seus amigos em Nauvoo, sobre suas preces diárias em favor do acampamento de Israel, e, finalmente, sobre a grande tragédia que lhes aconteceu no outono daquele ano.

O Capítulo Final em Nauvoo

Durante a primavera e verão de 1846, Nauvoo assumiu o aspecto de uma cidade deserta. Lá ainda permaneciam muitos Santos, pobres demais para arcar com as despesas da viagem. Eles deveriam esperar que os carroções mais avançados voltassem para pegá-los. Tentar mover todo aquele povo de uma só vez, em direção ao oeste, mal preparados como estavam e, ainda mais, naquele frio de começo de primavera, seria um convite a uma grande tragédia. Além disso, alguns estavam muito doentes e teriam que esperar uma melhora de saúde antes de empreender a jornada; ainda tinham contra si o fato de que a maior parte dos Santos não pôde dispor de suas propriedades, tendo, por este motivo, uma parte deles ficado para trás.

À proporção que os tumultuadores presenciavam, durante o início da primavera, a partida de milhares de Santos, cessaram as depredações. Quando alguns dos mórmons que ficaram em Nauvoo começaram o plantio de trigo, o que indicava que talvez ficassem até a próxima primavera, as hostilidades recomeçaram. Eram dirigidas tanto a mórmons como a não-mórmons que tinham comprado propriedades dos Santos em Nauvoo e lá vieram para residir.

Os tumultuadores percorriam os limites da cidade, a fim de maltratar com pancadas os Santos que caíssem em suas mãos. Tornou-se perigoso ir ao campo sem uma guarda armada.

Enquanto isso, os retoques finais eram dados no interior do templo. Em fins de abril, Wilford Woodruff e Orson Hyde chegaram a Nauvoo, procedentes da missão britânica. Em 30 de abril de 1846, o diário de Élder Woodruff relata o seguinte:

> "Na tarde deste dia fui ao templo juntamente com Élder Orson Hyde e mais vinte outros élderes, e com o poder do Sacerdócio dedicamos o templo ao Senhor, erigido em Seu santo nome pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Apesar dos líderes serem chamados de falsos profetas e dos tumultuadores preverem que o templo nunca seria terminado ou dedicado, suas predições caíram por terra. O templo foi concluído e dedicado ao Senhor. Depois da dedicação, elevamos nossas vozes e cantamos "Hosana a Deus e ao Filho Seu".[16]

A 1º de maio tivemos uma dedicação pública, assistida por cerca de trezentas pessoas.

Durante o inverno, nossos inimigos realizaram reuniões em Hancock e condados vizinhos, exigindo a imediata evacuação de todos os mórmons que ainda estivessem em Nauvoo. Em maio, o governador Ford enviou o major Warren com uma pequena força militar,

15. **Memories of John R. Young**, Pioneiro de Utah, 1847, Cap. 3, pp. 26-27.

16. Cowley, **Wilford Woodruff**, p. 247.

para garantir a paz. Ele tinha ordens de solicitar ajuda de cidadãos de Nauvoo para acabar com os agitadores. Por algum tempo o que conseguiu foi a simpatia do povo, pois andou informando em toda redondeza que os mórmons partiriam o mais rápido possível. A 14 de maio informou que 450 juntas de animais e 1350 homens haviam deixado Nauvoo durante a semana. No dia 22 adicionou o seguinte:

"Os mórmons continuarão a deixar a cidade em grande número. Aqui a balsa cruza 32 juntas de animais por dia e em forte Madison 45. Presume-se, por isto, que 539 juntas cruzaram o rio nesta semana, contendo 3 pessoas, em média, em cada carroção, totalizando 1.617 pessoas."[17]

A Turba Comanda e o Estado não Toma Conhecimento

A publicação destes fatos não parou com os excessos da turba e a 20 de maio o major Warren lançou uma proclamação denunciando a natureza dos ataques e prevenindo o povo contra a repetição dos mesmos. Ninguém deu atenção às palavras do major. A 6 de junho iniciou-se um movimento em Warsaw para expulsar o restante dos mórmons à força. Uma turma de agitadores reuniu-se em Golden Point com essa finalidade, mas, espalhou-se o boato de que Stephen Markham havia retornado a Nauvoo com centenas de homens armados. Como o nome de Markham era um terror entre seus inimigos, a turba rapidamente debandou. Markham de fato havia retornado a Nauvoo, porém para buscar algumas propriedades da Igreja, trazendo tão somente algumas juntas de bois e carroças.

Os agitadores logo se reuniram novamente e ultimaram que nenhum Santo deixaria os limites da cidade, a não ser em caráter definitivo. Em fins de julho uma turma de mórmons e não-mórmons que saiu dos limites da cidade para a colheita do trigo foi capturada e severa-

17. Gregg, **History of Hancock County**, pp. 346-347.

Um desenho das ruínas do Templo de Nauvoo

mente castigada. Uma tentativa de punir os culpados falhou.

As condições iam de mal a pior. O major Warren renunciou. A 24 de agosto de 1846 o major James R. Parker foi enviado com dez homens e poderes para organizar e defender a cidade de Nauvoo. Pediu que parassem as agitações e felizmente foi atendido. Recebeu uma proclamação de Singleton, o líder dos agitadores, que dizia:

"Quando digo que os mórmons devem partir, falo em nome de todos os habitantes do condado. Eles podem partir sem serem forçados ou injuriados e, garanto com toda a sinceridade, partirão. Poderão determinar a data, que deverá ser num dos próximos sessenta dias, caso contrário nós a determinaremos por eles".[18]

Parker, favorecendo os cidadãos de Nauvoo, concordou com os termos, fixando em 60 dias o prazo para a partida dos Santos. Os tumultuadores rejeitaram o tratado feito pelos seus líderes, que se retiravam do comando. Thomas S. Brockman assumiu a direção da turba. Parker também renunciou e o major Clifford veio a sucedê-lo. Em total desconsideração ao governo legal de Illinois, Brockmam marchou com uma força de 700 homens contra Nauvoo. Suas propostas aos Santos foram tão injuriosas que um grupo de 150 a 300 homens foi reunido para abrir-lhe resistência.[19] Levantaram barricadas na parte norte da rua Mulholand, de frente para a turba enfurecida. Chaminés de barcos a vapor foram convertidas em rudes canhões.

A 10, 11 e 12 de setembro foram trocados tiros de ambos os lados. No dia 13, uma grande batalha teve lugar. A resistência era tão brava e estava tão segura, que os atacantes foram forçados a recuar. O senhor Daniel H. Wells, um velho amigo dos mórmons e recente converso, teve papel preponderante na defesa da cidade. O número dos desordeiros mortos na batalha de Nauvoo não é conhecido. Três dos defensores foram mortos e diversos feridos.

18. Conyer, **Hancock County Mob**, pp. 53-54.
19. (Nota) Autoridades discordam quanto ao número. O governador Ford calcula em 150.

Nauvoo Rende-se aos Tumultuadores

Como o estado não tomou providência para ajudar a cidade já quase destruída, foi decidido que se renderiam, ao invés de derramar mais sangue na defesa de um local que, de qualquer forma, iriam deixar. Um tratado com os agitadores garantiu aos Santos proteção até que cruzassem o rio e também permissão para que cinco deles permanecessem na cidade, tratando da venda das propriedades.

Sob os termos desse tratado, no dia 17 de setembro os rebeldes entraram na cidade sem maiores complicações. O tratado não foi de fato obedecido. Em History of Illinois, do governador Ford, lemos:

"Quando a turba chegou na cidade, seus líderes elegeram um tribunal que decidiria quem iria ficar na cidade e quem seria obrigado a partir. Os mórmons foram presos e levados a julgamento, recebendo suas sentenças do próprio Brock man, então conhecido como um déspota, um tirano da época. Regra geral, os mórmons eram ordenados a partir dentro de uma ou duas horas; e às vezes, por concessão especial, podiam ficar até o dia seguinte, ou pouco mais conforme o caso. O tratado referia-se aos mórmons, nada dizendo quanto aos novos cidadãos que ajudaram na defesa da cidade. Mas assim que o populacho tomou conta da cidade em definitivo, começou a mexer com eles. Alguns foram jogados no rio, em duas ocasiões batizados em nome dos líderes dos agitadores, outros forçados a cruzar o rio por homens armados com baionetas. Suas casas derrubadas e seus pertences roubados. Muitos deles eram forasteiros vindos de muitas partes dos Estados Unidos, atraídos para cá pelo baixo preço das propriedades, e não tinham nada que ver com a briga ou com antigas rixas. Viram com os próprios olhos que os mórmons estavam realmente se preparando para partir, e que expulsá-los à força era desnecessário e cruel"[20]

Uma Descrição Dramática

O coronel Thomas L. Kane, num discurso perante a Sociedade de História da Philadelphia, dá uma visão dramática do futuro de Nauvoo:

"Alguns anos atrás, subindo o alto Mississippi

20. Ford, **History of Illinois**, veja também Roberts, **Comprehensive History fothe Church**, Vol. 3, p. 18.

Coronel Thomas L. Kane, que provou ser em muitas ocasiões amigo fiel dos mórmons.
Gentileza da Utah State Historical Society.

no outono, quando suas águas estavambaixas, tive que viajar por terra pela região das corredeiras. O caminho estendia-se através da área de Half Breed, uma ótima zona de Iowa a qual era habitada por ladrões de cavalos, falsários e outros bandidos. Deixei meu barco perto das cachoeiras, em Keokuk, para alugar uma carroça e lutar com os enxames de moscas pelos restos de comida que por lá eram deixados".

"Por toda região encontravam-se sórdidos vagabundos e criminosos inveterados. Estava descendo uma colina quando uma maravilhosa paisagem, contrastando com a rudeza daquele lugar, descortinou-se à minha frente. Meio encoberta por uma curva do rio, uma bela cidade resplandecida na fresca manhã ensolarada. As bonitas residências em meio a verdes jardins, os quais chegavam até perto de uma imponente colina em cujo cimo erguia-se um majestoso edifício de aparência marmórea, do qual a parte superior, em forma cônica, reverberava com raios dourados e prateados. A cidade parecia cobrir diversas milhas, e, além dos fundos, havia um pomar com as mais variadas árvores frutíferas. As inconfundíveis marcas de indústria, empreendimento e prosperidade davam uma beleza singular e relevante à cena. Um impulso natural convidava a visitar esta região. Procurei um barco e remando através do rio cheguei ao porto principal da cidade. Não havia ninguém. A quietude era tanta que pude ouvir o zumbido das moscas e o barulho da ondulação das águas às margens do rio. Caminhei pelas ruas solitárias. A cidade dormia como num sonho, sob tamanha solidão que temi acordá-la temendo que não tivesse dormido o suficiente. Não havia sinal de grama crescendo nas ruas pavimentadas. As chuvas ainda não tinham apagado completamente as pegadas deixadas no pó. Contudo, prossegui meu reconhecimento. Entrei em lojas e ferrarias abandonadas. A roda da máquina de fiar jazia inerte; o carpinteiro havia deixado sua banca de trabalho, com seus labores por terminar; couro cru podia ser visto nos curtumes, bem como lenha fresca empilhada ao lado dos fornos da padaria; a loja do ferreiro estava fria, porém sua bigorna e espetos estavam lá , como se ele tivesse apenas saído de férias.

"Somente duas partes da cidade pareciam mostrar o motivo de tão misteriosa solidão. Do lado leste, o madeiramento das casas estava todo arrebentado. As paredes caídas eram sinais evidentes de bombardeio. Dentro e em volta do magnífico templo, alvo principal de minha admiração, homens armados estavam aquartelados, cercados por seus mosquetões e peças leves de artilharia. Fizeram-me contar-lhes quem eu era e como tive a ousadia de cruzar o rio sem uma permissão por escrito de um de seus líderes. Embora aparentassem estar alcoolizados, depois que expliquei que estava apenas de passagem mostraram-se ansiosos para ganhar minha boa impressão. Contaram-me a história da cidade morta, que esta havia sido um grande centro industrial e comercial, abrigando mais de vinte mil pessoas. Que haviam estado em guerra com seus habitantes por muitos anos e finalmente obtiveram sucesso somente alguns dias antes de eu lá chegar, em uma luta travada no lado da cidade que agora estava destruído, depois de para lá terem conduzido os inimigos à força...

"Levaram-me ao interior do curioso templo, no qual, contaram-me, os antigos habitantes, agora expulsos, celebravam seus ritos místicos de uma adoração profana. Mostraram-me em especial certas características do edifício, que, tendo sido objeto de supersticiosa veneração, tinham achado de seu dever destruí-las ou desfigurá-las completamente...

"Permitiram-me também subir à torre, para ver onde tinha sido atingida por um relâmpago no domingo anterior, bem como para ver, tanto a leste como ao sul, fazendas devastadas, semelhantes àquelas que já havia visto perto da cidade, e que se estendiam até se perderem de vista na distância. Aqui, à luz do dia, junto à cicatriz deixada pela raiva divina através do relâmpago,

se viam fragmentos de comida, jarros vazios de vinho, garrafas quebradas, um bombo e um sino de barco a vapor dos quais mais tarde vim a saber, com pesar, o uso.

"Foi depois de ter já caído a noite que me vi pronto para cruzar o rio de volta. O vento estava mais forte então e a água batia rudemente em meu pequeno barco, o que me fez conduzir correnteza acima numa distância superior àquela que me levava à ponta em que havia estado de manhã, fazendo-me descer num local onde o brilho de uma luzinha desmaiada me convidava a me encaminhar. Aqui, contra docas e juncos, abrigados tão-somente pela escuridão, sem teto que os protegesse além do firmamento, vi-me diante de um grupo de centenas de criaturas, que com o barulho de meus passos, acordaram de seu desconfortável ressonar no chão. Ao chegar perto da luz que me havia chamado a atenção, descobri ser ela de uma vela de sebo, cuja luz, meio apagada pelo vento, brilhava fracamente perto da emaciada fisionomia de um homem em seu último estágio de renitente febre biliosa. Eles haviam feito o que podiam a seu favor. Sobre sua cabeça haviam sido estendidos, em forma de tenda, um ou dois lençóis, e ele descansava num colchão de palha, velho e parcialmente rasgado, tendo por travesseiro uma dessas almofadas que se usam em sofás. Seu olhar parado e sua boca semi-aberta mostravam por quão pouco tempo haveria ele de gozar destes luxos.

"Grandes foram, realmente, os sofrimentos destes seres esquecidos, castigados pelo frio e pelo sol. Eram, quase todos, vítimas indefesas de doenças. Lá estavam porque não tinham lares, nem hospitais, nem mesmo cabanas ou amigos que lhes oferecessem algo. Não podiam satisfazer nem mesmo as mais íntimas necessidades de seus doentes. Não tinham pão para acalmar a fome de seus filhos. Mães e recém-nascidos, filhos e avós, todos igualmente vestidos em farrapos e, ainda assim, à procura de algo com que cobrir aqueles a quem a febre fazia tremer de frio até os ossos.

"Eram os mórmons, morrendo de fome no Condado de Lee, em Iowa na quarta semana do mês de setembro do ano de 1846 de nosso Senhor. A cidade era Nauvoo, Illinois. Eram eles os donos daquela cidade e da sorridente circunvizinhança e, aqueles que haviam feito parar seus arados, que haviam silenciado seus martelos, suas enxadas, suas lançadeiras e suas oficinas, que haviam apagado o fogo de suas lareiras e fogões, que haviam comido o seu alimento, pisado seus quintais e seus milhares de acres de trigo ainda não colhido, eram estes os moradores de suas habitações, os profanadores de seu templo, aqueles em cuja embriaguez insultaram com seu linguajar e suas ações os ouvidos e olhos de seus moribundos. Os mórmons que jaziam às margens do rio não passavam de seiscentas e quarenta pessoas, enquanto os mórmons em Nauvoo no ano anterior chegavam a vinte mil. Onde estava o resto? Tinham sido vistos por última vez carregando, em lamentosos séquitos, seus doentes e feridos, aleijados e cegos, desaparecendo no horizonte, em direção oeste, em perseguição ao fantasma de outros lares. Quase nada mais se sabia a seu respeito e muitos perguntavam com curiosidade: Qual havia sido seu destino, qual a sua sina?".[21]

Samuel Brannan, designado a tomar conta dos Santos a bordo do navio Brooklyn, em direção à Califórnia.

Gentileza da Utah State Historical Society.

---

21. Discurso de Thomas L. Kane, perante a Sociedade de História da Filadélfia. Memories of John R. Young, Pioneiro de Utah, 1847, p. 31 a 38.

(Nota). O templo era sempre motivo de inveja para os inimigos dos Santos bem como constante lembrança de seus próprios crimes. A 10 de novembro de 1848, um incendiário ateou-lhe fogo. A torre foi destruída e o restante ficou tão enfraquecido que a 27 de maio de 1850 um tufão derrubou a parede do lado norte. Finalmente todas as paredes caíram e as pedras foram tiradas. Os Santos nada receberam pelo edifício. Em abril de 1846 havia sido oferecida a quantia de duzentos mil dólares pelo templo. Isto quando a maior parte dos Santos estava a caminho de seu êxodo, mas a oferta foi revogada. Veja William Clayton's Journal, pp. 25-26.

Uma Viagem de Dezesseis Mil Quilômetros

Quando chegou o ultimato para deixar Nauvoo, nem todos os Santos moravam nas proximidades. Milhares de conversos ainda estavam nos estados do leste, Canadá e Inglaterra. Em janeiro de 1846, Brigham Young avisou os Santos dos estados do leste que viessem a reunir-se com os outros no êxodo rumo ao oeste, ou fretassem navios e velejassem pela América do Sul, rumo Califórnia.

Samuel Brannan, um enérgico Élder da Igreja, do ramo de Nova York, foi designado para liderar os Santos que iriam à Califórnia por via marítima. O navio Brooklyn foi finalmente fretado ao custo $ 1.200 dólares mensais. Mais de trezentos Santos solicitaram lugares. Duzentos e trinta e oito foram levados, pagando $ 50 dólares cada um.

Samuel Brannan foi levado a acreditar que o governo dos Estados Unidos talvez viesse a impedir a ida dos mórmons ao oeste. Foi induzido a concordar com o esquema de A.G. Benson & Cia. que, com Amos Kendall, tinham grande influência em Washington. Pelo contrato que Benson & Cia. assinaram, os mórmons ficariam garantidos de que não haveria interferência em sua partida para oeste e que a companhia usaria sua influência, a fim de conseguir que o governo protegesse os Santos em seu futuro lar. Em pagamento desta concessão os mórmons deveriam doar à companhia uma de cada duas glebas de terra adquirida nas regiões para onde eles fossem. O contrato foi enviado por Samuel Brannan a Brigham Young e aos Doze, os quais com muita alegria o assinaram.

O navio Brooklyn deixou Nova Iorque com 238 Santos em 4 de fevereiro de 1846 e chegou em Yerba Buena, Califórnia (São Francisco) em 29 de julho de 1846. (Fotografia da pintura por Arnold Friberg).
Usada com a permissão da "Improvement Era"

Por coincidência, o navio "Brooklyn" partiu no dia 4 de fevereiro de 1846, no mesmo dia que os primeiros carroções dos Santos partiram de Nauvoo rumo oeste. Após uma viagem de mais de cinco meses, o navio passou pelo Golden Gate, no porto de San Francisco, no dia 29 de julho de 1846, e ancorou em Yerba Buena, hoje a cidade de San Francisco. Para surpresa dos Santos, a bandeira americana tremulava sobre a cidade, tendo sido alçada algumas semanas antes.

Foi feito um acordo a bordo do "Brooklyn" o qual declarava que os Santos daquele grupo dariam o resultado de seus trabalhos durante os próximos três anos para um fundo comum, do qual todos se serviriam. O plano não deu os resultados esperados e logo foi abandonado. Os Santos trabalhavam onde podiam. Vinte deles deveriam escolher um lugar para o estabelecimento do grupo, construir casas, cuidar do plantio, etc., preparando-se assim para mudar a colônia de Brooklyn na primavera. O lugar escolhido foi chamado New Hope. Estava situado na margem norte do rio Stanislaus, cerca de dois quilômetros do rio San Joaquin.

A incerteza de onde iria o grupo principal dos Santos estabelecer-se, bem como desentendimentos quanto às terras que por contrato teriam que doar a Benson & Cia., impediu que o projeto fosse levado à frente. Finalmente Brannan conseguiu que todas as terras adquiridas pelos Santos pertencessem somente a eles.

Em janeiro de 1847, Brannan iniciou a publicação do **Yerba Buena Califórnia Star,** usando a prensa na qual os Santos imprimiam **The Prophet** em Nova York. Este foi o primeiro jornal editado em San Francisco e o segundo jornal em inglês na Califórnia.

Da Companhia Brooklyn, aproximadamente 140 pessoas dirigiram-se ao Vale de Salt Lake, durante os anos de 1848 a 1850, juntando-se ao corpo principal da Igreja. Alguns dos que ficaram na Califórnia, junto com Samuel Brannan, deixaram a Igreja. Outros, mais tarde, vieram a fazer parte das colônias mórmons em San Bernardino e no Arizona.

Samuel Brannan era um homem capaz e enérgico, mas não conseguiu sucesso em seu plano de estabelecer o grupo principal dos Santos na Califórnia. Tornou-se o primeiro milionário da Califórnia, mas, através de investimentos impensados, perdeu toda sua fortuna, vindo a passar seus últimos dias na miséria.[22]

Leituras Suplementares

1. Roberts. **Comprehensive History of the Church,** pp. 19-22 ("**Exodus**". Um sumário de 544 páginas da história do êxodo mórmon).

2. **Ibid.,** pp. 2-20. (Impaciência dos tumultuadores. Proclamação de Warren, o incidente de Golden Point. Incidente na colheita. Daniel Wells, defensor de Nauvoo. A rendição de Nauvoo).

3. **Ibid.,** pp. 42-59. (A marcha de uma cidade industrial. Sofrimentos em Sugar Creek).

4. **Eventful Narratives; The Faith Promoting Series,** pp. 68-76. (Uma história emocionante e pessoal da devoção de um jovem e do seu heroísmo na última batalha entre os mórmons e seus inimigos em Nauvoo).

5. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 247-261. (O presidente Woodruff faz um relato dos últimos dias em Nauvoo, bem como dos primeiros passos do movimento para oeste).

6. P.P. Pratt, **Autobiography,** pp. 337-347. (Incidentes no início do êxodo mórmon).

---

22. (Nota) Um relato da jornada de Samuel Brannan, para encontrar-se com Brigham Young e os pioneiros, será feito em um dos capítulos seguintes.

7. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 401-421. (Um relato claro e consciente deste período).

8. Evans, **One Hundred Years of Mormonism,** pp. 389-403. (Os últimos dias em Nauvoo).

9. **Ibid.,** pp.404-419.(Rumo ao oeste).

10. **Ibid.,** pp. 421-429. (Paradas à beira da estrada).

11. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 332-346. (Os mórmons através do Mississippi. Uma longa jornada. Alguns plantam, outros colhem).

CAPÍTULO 29

O BATALHÃO MÓRMON

Uma História em Pedra e Bronze

Uma pessoa que visite o Capitólio do Estado de Utah, em Salt Lake City, poderá ver do lado direito da área de quem vem do sul um lindo monumento. (Ver ilustração).

Se examinar cuidadosamente verá gravada em resistente pedra e bronze, nesse maravilhoso trabalho de arte, uma das mais emocionantes histórias do Oeste americano.

A figura de bronze de um soldado confronta o espectador. Flanqueando-o pela esquerda há uma cena de pioneiros alistando-se como soldados sob a bandeira dos Estados Unidos; à direita esses soldados estão em marcha, alguns ajudando a puxar carroças por sobre uma íngreme subida, enquanto outros estão na frente alargando um atalho para permitir a passagem dos carroções através de rochas pontiagudas. Ao fundo estão as íngremes montanhas. E no terceiro lado desse monumento triangular pode ser visto o final de uma grande história e a sombria e decadente figura de uma raça em extinção: o índio americano.

Acima do homem de bronze e da emocionante cena que o cerca de ambos os lados, simbolizando o espírito empreendedor do poderoso oeste, está esculpida uma linda cabeça e a parte superior do corpo de uma mulher. Ela personifica o poder impulsivo e a constante coragem que sustentaram esses homens e conduziram-nos como vanguardas da civilização através das planícies inexploradas e sobre desfiladeiros rochosos.

"A figura de bronze do homem à frente do batalhão é dignificante, forte e reverente. Ele simboliza aquele grupo de soldados pioneiros que desbravou um caminho através das montanhas escarpadas e planícies desertas.

"Acima", a bela figura feminina, com ar de carinho solícito, guarda-o em seu devaneio. Sua face sobressai em total relevo. O cabelo e as vestes diáfanas flutuam, mesclando-se com as nuvens, enquanto a figura vai-se tornando indistinta, misturando-se com os picos maciços e montanhas, parecendo penetrar o ar, a terra e sua própria alma.

"Esse é o espírito que esteve por trás da abertura do solo pelos fazendeiros, da instituição de nossas escolas, de nossas minas, de nossas formas de governo e nossos próprios lares. Permeia o ar, a terra e os corações dos homens. Molda o caráter de todos que se vêem imbuídos da influência das imensas planícies e majestosos picos. Levou homens a transformar desertos em jardins e montanhas em arcas de tesouros, justificou e aprovou todo sacrifício para fazer dessa parte do mundo um lugar melhor para viver. É constante, interminável... é infinito".[1]

A Origem da História

O começo desta história leva-nos a mais de um século atrás, a um povo exilado acampado nas planícies de Iowa, um povo evitado por todos. Leva-nos ainda mais longe, até a sala azul da Casa Branca, em Washington D. C., à presença de James K. Polk, presidente dos Estados Unidos, Élder Jesse C. Little, representante da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e Amos Kendall, ex-agente postal dos Estados Unidos, os quais tinham há pouco terminado uma conferência de três horas, na qual discutiram sobre a imigração mórmon para o oeste já em andamento.

O presidente assegurou a Élder Little que ajudaria a ida dos Mórmons em direção ao oeste e os protegeria onde eles se estabelecessem. Isso foi no dia 3 de junho de 1846.

Antes de sua morte, Joseph Smith havia feito alguns preparativos para mudar seu povo para as Montanhas Rochosas. Negociações com o Governo Federal foram entabuladas, com a finalidade de conseguir aprovação e também ajuda, pois a empreitada era das mais difíceis. Mapas e outras informações sobre o oeste foram coligidos.

---

1. Extraído da descrição do monumento, contida em uma reportagem escrita pelo Sr. Samuel C. Park, antigo prefeito de Salt Lake City, à comissão do monumento, depois de observar o modelo feito pelo escultor Mr. G.P. Griswold.

Depois do martírio do Profeta, seus planos foram levados avante por intermédio de Brigham Young. Mesmo antes que qualquer ajuda governamental pudesse ser obtida, os Santos foram expulsos de Nauvoo, em precária situação financeira, pois muitos de seus bens não puderam ser vendidos. Tentaram conseguir com o Governo Federal um contrato visando à construção de um fortim para proteger a migração de Oregon. Tal contrato facilitaria o problema financeiro e concederia a sanção presidencial ao movimento dos Mórmons rumo ao oeste.

Em 26 de janeiro de 1846, o Presidente Young escreveu a Élder Jesse C. Little, então em New Hampshire, para que fosse em missão a Washington, com o objetivo de tentar conseguir qualquer facilidade oferecida pelo governo, referente à emigração à costa oeste.

Quando Little chegou a Washington havia sido declarada guerra contra o México. Little levava consigo cartas de apresentação de diversos homens insignes, entre elas do juiz John K. Kane e seu filho, capitão Thomas L. Kane.

Um de seus primeiros e importantes contatos foi com Amos Kendall, que possuía considerável influência em Washington. Sobre tal encontro Little informou o seguinte:

"Conversamos a respeito da emigração e ele achou que poderia ajudar-nos, alistando mil de nossos homens, armando-os, equipando-os e estabelecendo-os na Califórnia para a defesa do país".[2]

A Ação do Presidente Polk

Este é o primeiro sinal do que viria a ser o batalhão Mórmon. Élder Little, seguindo a sugestão de Kendall, escreveu ao presidente Polk solicitando tal privilégio, e, após manter com ele uma série de conferências, que foram de 1º a 8 de junho de 1846, foi-lhe assegurado que quando os Mórmons chegassem às Montanhas Rochosas, algumas companhias seriam recebidas como voluntários pelo exército dos Estados Unidos, para defesa daquela área.

Élder Little estava contente com seu sucesso e transmitiu sua convicção a Brigham Young. O presidente Polk parece ter ajudado não por mera simpatia aos Santos, mas por outros motivos. Em seu diário, no dia 2 de junho, ele anotou:

"O coronel Kearny também foi autorizado a receber algumas centenas de Mórmons que estavam se dirigindo à Califórnia, como voluntários em seu batalhão, procurando assim conquistar-lhes a simpatia e uni-los à pátria, evitando que agissem contra nós".[3]

Os mórmons já estavam bastante poderosos, levando o presidente a temer uma aliança dos Santos com outra nação. Estava ele também temeroso de ter uma predominância de Mórmons no exército dos Estados Unidos, o qual deveria ocupar a Califórnia e sua mensagem final ao general Kearny, do Ministério da Guerra, sobre o assunto foi a seguinte:

"Ministério da Guerra, 3 de junho de 1846.

"É sabido que um grande grupo de emigrantes Mórmons se dirige à Califórnia com o propósito de estabelecer-se naquela terra. O senhor deverá usar todos os recursos possíveis para um bom entendimento com eles, a fim de que os Estados Unidos tenham a cooperação dos mesmos na tomada de posse e domínio da região. Foi sugerido que muitos desses Mórmons poderiam ser admitidos como voluntários a serviço dos Estados Unidos e ajudar-nos em nossa expedição contra a Califórnia. O senhor está, portanto, autorizado a admitir tantos quantos puderem ser persuadidos ao voluntariado, entretanto que não excedam a um terço de nossa força total. Uma vez alistados serão pagos como os outros voluntários".[4]

O coronel Kearny, a quem essa ordem foi enviada, estava recrutando voluntários em Missouri e em Illinois para a conquista da Califórnia. Kearny enviou o capitão Allen ao encontro dos mórmons que se dirigiam para oeste, a fim de proceder aos alistamentos.

Exilados Tornam-se Soldados

O capitão Allen alcançou o acampa-

2. Pequenos relatos a Brigham Young.

3. Diário do presidente Polk. Lançado no dia 2 de junho de 1846. Veja também Vol. 1 pp. 443-444.
4. Documento executivo nº 60, ordem do secretário de guerra W.L. Marcy ao General Kearny para chamar os mórmons ao serviço.

mento dos Santos antes de Élder Little, que deixou Washington no dia 9 de junho. Apesar de Brigham Young e os líderes estarem cientes das atividades de Élder Little e saberem que muitos seriam alistados para o serviço do governo, o verdadeiro sentido daquela missão ser-lhes-ia desconhecido até que o capitão Allen aparecesse. Para os líderes, a chamada para um batalhão, o qual iria deixar o grupo principal dos Santos e marchar rumo ao oeste, mas em rumo diferente ao deles, foi uma surpresa um tanto desconcertante. Mil e oitocentas carroças com animais e famílias estavam acampadas em diversos lugares entre Nauvoo e Council Bluffs. Um grande número de jovens solteiros havia ido a estados vizinhos procurando trabalho, para poderem ajudar suas famílias. Quinhentos condutores de carroças, a maior parte com famílias, dificilmente seriam poupados. Brigham Young, ao ouvir a ordem de alistamento, disse:

"Preferiria ter a meu cargo o recrutamento de dois mil homens em 24 horas há um ano atrás, do que cem em uma semana atualmente"[5]

Porque os Líderes Aprovaram o Chamado

Os líderes estavam ansiosos para ver as vantagens que o alistamento oferecia. Em primeiro lugar, eles sabiam que já era tarde para a mudança dos Santos às Montanhas Rochosas ainda aquele ano. Os planos foram mudados subitamente; iriam todos a um lugar onde pudessem passar o inverno e alguns jovens seriam enviados até as montanhas para preparar o caminho. Desta forma, a criação de um batalhão de homens para o serviço militar por um ano, ainda que viesse a interferir com o envio de batedores, não dificultaria muito o movimento ao oeste, o qual seria iniciado antes da primavera.

Em segundo lugar, havia grande necessidade de fundos. O comitê, que ficou em Nauvoo para vender os bens, não estava encontrando compradores que pagassem a vista. Todo o excedente em camas e roupas de cama havia sido trocado com o pessoal de Missouri por milho e farinha. A menos que a ajuda monetária estivesse a caminho, os Santos não sobreviveriam no próximo inverno. O alistamento apresentava a oportunidade de mandar quinhentos homens ao oeste, alimentá-los durante o inverno e pagar-lhes um soldo que seria uma dádiva a suas famílias.

Em terceiro lugar, os Santos, certos agora de que deveriam ficar nas planícies de Iowa e Nebraska durante o inverno de 1846 e 1847, estavam enfrentando grandes problemas, os quais seriam resolvidos com o alistamento no exército dos Estados Unidos. Os únicos lugares adequados para passarem o inverno estavam situados em terras dos índios, os quais eram amigos dos mórmons, sendo ambos povos exilados; mas , tal amizade não era encontrada entre agentes dos índios. Tornou-se evidente, durante o verão de 1846, que uma tentativa de passar o inverno em Nebraska ou Iowa resultaria em dificuldades. Se um batalhão de soldados fosse criado sob a responsabilidade dos Estados Unidos, o governo teria por obrigação proteger os soldados e suas famílias, se as mesmas desejassem passar o inverno em terras indígenas.

Além disso, o estado de Missouri estava grandemente agitado pela presença dos mórmons, ao longo da fronteira do lado norte, agitação essa causada pelo receio de que um grande grupo destes pudesse tentar uma revanche contra aqueles que os expulsaram ou tentaram impedir seu restabelecimento na parte norte do estado. O fato de seus temores serem infundados não diminuiu seus esforços no sentido de prejudicar os mórmons. Cartas, queixando-se da presença dos Santos tão perto de Missouri, chegavam diariamente a Washington. A carta seguinte, escrita por L. Marshall, preeminente cidadão do condado de Putnan situado bem próximo ao acampamento dos mórmons, mostra-nos quão séria estava a situação. Ela traz a data de 4 de julho de 1846 e foi endere-

5. **Journal History**, 1846, lançado no dia 13 de julho.
* Mil e oitocentas

Marcha do Batalhão Mórmon, fotografia de uma pintura a óleo de G.M. Ottinger, presentemente no Bureau de Informações do Templo de Salt Lake City.

Monumento ao Batalhão Mórmon, localizado a sudeste do terreno do Capitólio do estado de Utah.

Ponte dedicada em memória aos pioneiros mórmons, em Omaha, Nebraska, primeiro ponto de travessia em operação no rio Missouri, obra de Brigham Young quando em Winter Quarters, no outono de 1846.

çada ao presidente dos Estados Unidos.

"Há um grupo de homens, os quais denominam-se mórmons, acampados em nossas fronteiras; bem armados, merecidamente considerados como saqueadores de nossas propriedades e também emissários britânicos, tencionando, com meios insidiosos, conseguir propósitos diabólicos sempre que a ocasião os favoreça. Consideramos dever de nosso Pai Americano assumir a responsabilidade em defesa dos bravos homens da fronteira, tomar as medidas necessárias, desarmá-los e expulsá-los de nossa fronteira"[6]

Uma nota de alarme, bem como a insinuação de que havia necessidade da permanência das tropas em Missouri, a fim de conservar os índios e mórmons em observação, é encontrada em uma carta do governador Edwards, de Missouri, a W.L. Marcy, secretário do departamento de guerra, datada de 11 de agosto de 1846.

O alistamento no exército dos Estados Unidos viria dissipar tais temores, fazendo com que os Santos fossem assistidos pelo governo. Uma recusa bem poderia levar à crença de que todas as acusações feitas contra eles eram verdadeiras.

Brigham Young também desejava que os Santos não somente tomassem parte da colonização do oeste, mas também em sua conquista. Isto haveria de assegurar-lhes salvaguarda e dar-lhes direito às terras.

Brigham Young sabia tudo isto e respondeu favoravelmente ao capitão Allen, garantindo que o batalhão seria formado. Apesar da falta que os 500 homens fortes e sadios fariam aos acampamentos de Israel, tal falta haveria de vir a provar-se uma bênção. Quando Élder Little chegou, foi grandemente cumprimentado pelo sucesso de suas negociações em Washington.

Reações ao Chamado

Embora os líderes mórmons previssem as vantagens da criação de um batalhão dos Santos para os Estados Unidos, os outros adeptos geralmente não tinham o mesmo ponto de vista, tendo a presença do capitão Allen os deixado consternados. O alistamento mais parecia um outro golpe, que seria adicionado a tantos já sofridos. Brigham Young, Heber C. Kimball, Parley P. Pratt, Orson Pratt e outros tiveram de usar de todo o seu poder de persuasão para que esta suspeita fosse transformada em gratidão ao governo. Estes irmãos foram de acampamento em acampamento, em companhia do capitão Allen, explanando sobre o alistamento e suas vantagens. Perto de Mount Pisgah, Brigham e Heber C. Kimball encontraram-se com Élder Little, o qual relatou o sucedido e confirmou tudo o que foi dito pelo capitão Allen. Em sua carta escrita em Mount Pisgah aos Santos em Garden Grove, vemos a argumentação que Brigham Young usou para incentivar o voluntariado.

"Os Estados Unidos querem nossa amizade, o presidente quer ajudar-nos e ao mesmo tempo conquistar nossa confiança. A manutenção destes quinhentos homens não nos custará nada e o soldo que irão receber será suficiente para levar suas famílias às montanhas. Há guerra entre o México e os Estados Unidos, que desejam conquistar a Califórnia. Se nós formos os primeiros colonizadores da nova terra, ser-nos-á mais fácil conduzir tudo à nossa maneira. Portanto, isto é para nosso próprio bem".[7]

Em uma carta aos Santos, ainda em Nauvoo, ele adiciona:

"Esta é a primeira vez que o governo quer ajudar-nos e receberemos sua ajuda com alegria e gratidão. Estamos confiantes que eles (o batalhão) muito pouco ou mesmo nada combaterão. O soldo destes quinhentos homens será de grande valia para suas famílias ficando os mórmons como donos da terra e tendo então chance para escolher os melhores locais".[8]

O alistamento final teve lugar em Council Bluffs no dia 13 de julho. Uma bandeira americana foi hasteada em uma árvore, debaixo da qual foi feito o alistamento.[9]

---

6. Registro antigo A.G.O. Munitions Building; veja também Golder, **The March of the Mormon Battalion**, p. 96.
7. **History of Brigham Young**, Ms. Livro 2, pp. 3-34.
8. **Ibid.**
9. Discurso de Kane perante a **American Historical Society**. **"The Mormons"**, p. 80.

Na tarde anterior à da partida das tropas foi oferecido um baile. O coronel Thomas L. Kane, que estava visitando Brigham Young em Council Bluffs, fez mais tarde a seguinte descrição:

"Não houve sentimentalismo na despedida. Na tarde anterior teve lugar um baile de despedida, sendo este o baile mais alegre e agradável que já vi, embora não tivesse bebidas e o salão de danças fosse o mais primitivo possível. O lugar que usavam para reuniões de oração ou conferências parecia um caramanchão e era feito de estacas e ramos de árvore.

"Se algo dizia que os mórmons estavam acostumados a uma vida melhor, esse algo era a aparência das mulheres. Antes de começar a imigração elas venderam seus relógios e adereços para levantar fundos. Conseqüentemente, da mesma forma que seus maridos, que mantinham inúteis os bolsos de seus coletes, por falta dos relógios que neles deviam usar, as esposas, embora tivessem as orelhas furadas, não usavam brincos; tampouco usavam anéis, correntes ou broches. Mesmo sem tais ornamentos, porém, vestiam-se como as mais lindas donzelas. As meias compridas delicadamente cerzidas e limpas, saias de um branco resplandecente, blusas talvez um pouco desbotadas por terem sido muito lavadas, porém, com as golas muito bem engomadas, vestidos de cambraia e guingão, que adornavam suavemente aquelas que os trajavam. Se alguma vestimenta parecia pobre, era uma pobreza que tinha conhecido melhores dias".[10]

Os Benefícios e Efeitos do Chamado

Alguns dos resultados do alistamento foram imediatamente sentidos. No dia 1º de julho, Brigham Young assegurou ao capitão Allen que o batalhão seria criado. No dia seguinte, dez chefes índios, que estavam próximos de Council Bluffs, foram trazidos perante o capitão Allen e levados a assinar um tratado garantindo aos mórmons o direito de estabelecerem-se em terras índias, de cultivar o solo e gozar de livre passagem, sem serem molestados.[11]

A 16 de julho, o capitão Allen deu, por escrito, uma aprovação aos mórmons, para que pudessem residir na região dos índios Pottawattamie. Um documento similar foi concedido, permitindo aos Santos, em marcha rumo ao oeste, fazer paradas em lugares onde fosse necessário.

"A fim de facilitar a imigração para a Califórnia , usando tanto tempo quanto fosse necessário.

"Nestas paradas podiam fortificar-se e fazer tudo que fosse imprescindível para a defesa contra os índios".[12]

Estes documentos foram logo em seguida aprovados pelo presidente Polk, graças à influência de Thomas L. Kane, que descobriu serem os mórmons, de quem se tornou amigo leal, um povo dos mais agradáveis.

Ainda uma outra vantagem foi concedida. Os homens do batalhão receberam autorização para usar suas roupas de todo dia, ao invés de uniforme, e recebiam adiantadamente pelas mesmas quando as companhias chegavam a Fort Leavenworth. Um ano de pagamento antecipado por suas roupas ao preço de 3 dólares e cinqüenta centavos ao mês, dava um total de 42 dólares para cada homem, ou ainda 21.000 dólares para o batalhão todo. A maior parte desse dinheiro foi enviada a suas famílias, juntamente com o primeiro mês de soldo. Os Santos enviaram agentes secretos a Santa Fé, por onde passaria o batalhão, a fim de levar aos acampamentos de Israel o pagamento recebido. Numa carta ao batalhão, Brigham Young disse:

"Consideramos o dinheiro recebido por vocês como pagamento por suas roupas, um modo peculiar de nosso Pai Celestial manifestar sua providência justamente agora quando precisamos comprar provisões para o suprimento de inverno".[13]

O pagamento do batalhão variava entre 7 dólares mensais para os praças a 50 dólares, também mensais, para os capitães. Ao fim de um ano de serviço o equipamento por eles usado passaria a ser propriedade de cada um, o que aconteceria ao darem baixa do serviço militar.

As Famílias Deixadas Atrás

Os homens que se alistaram no bata-

10. Thomas L. Kane. Discurso pronunciado perante a **Historical Society of Pennsylvania**, a 26 de março de 1850. Veja também Tyler, **The Mormon Battalion**, pp. 80-82.
11. **Journal History**, pp. 91-100.
12. **Journal History**, pp. 98-100.
13. **History of the Mormon Church, American**, março 1912, p. 310.

lhão deixaram quinhentas carroças sem condutores. Para preencher estes claros o presidente Young escreveu aos Santos acampados em Garden Grove, com data de 7 de julho, o que segue:

"Os lugares destes quinhentos homens devem ser preenchidos imediatamente. Para tanto reunireis os velhos, os jovens e todos os que estiverem em condições de conduzir os bois, rebanhar o gado e as ovelhas, ordenhar as vacas, cortar lenha, puxar água, cortar grama, ceifar e armazenar o feno; todos os que estiverem nas fazendas, e também os que estiverem trabalhando em Missouri, e mandá-los-eis com urgência a Council Bluffs; caso contrário, quinhentas juntas de bois ficarão sem condutores".

"O pedido que agora estamos fazendo a vocês para que nos mandem todo homem e rapaz disponível (deixando somente os indispensáveis para as colheitas e arrebanhamento do gado) será imediatamente feito a toda região de Nauvoo, e temos certeza de que não haverá recusa".[14]

Brigham Young prometeu aos membros do batalhão, que deixaram suas famílias, que cuidaria delas pessoalmente, para que nada lhes faltasse.[15]

Essa promessa foi fielmente cumprida. Mais tarde Brigham Young afirmava com justificável orgulho que as famílias dos soldados mórmons passavam até mesmo melhor que as outras.

O plano na ocasião em que o Batalhão foi convocado era de invernar em Grand Island, situada no rio Platte. Era uma ilha com setenta e oito quilômetros de extensão, por dois quilômetros e meio de largura, havendo lá abundância de madeira. Bem próximo havia uma planície toda coberta de grama, que poderia ser cortada e servir de feno.

Este plano foi mais tarde mudado, indo os Santos para Winter Quarters, do lado de Council Bluffs, não muito longe do que é hoje Omaha, em Nebraska.

Construindo Uma Estrada Para Uma Nação

A marcha do batalhão mórmon é tida como a maior marcha de infantaria que o mundo já viu. Ao fim da jornada o tenente-coronel P.St. George Cooke, em uma ordem ao batalhão, escreveu:

"O tenente-coronel em comando congratula-se com o batalhão, por ter chegado em segurança às praias do Oceano Pacífico, e pelo término de sua marcha de mais de duas mil milhas (mais de três mil quilômetros). A história jamais encontrará, por mais que procure, semelhante jornada de infantaria".[16]

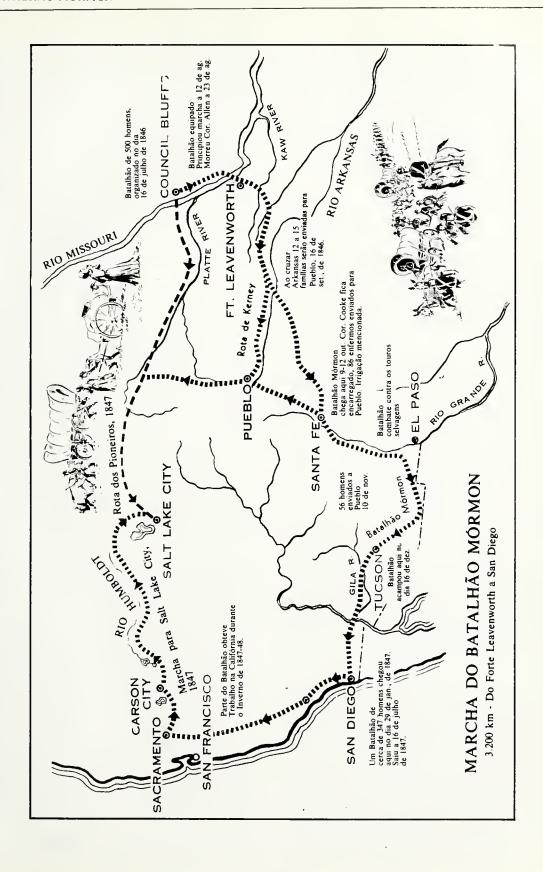
A rota seguida pelo batalhão levou seus membros desde o forte de Leavenworth, através das áridas regiões do sudoeste, até a histórica Santa Fé. O capitão Allen, que se tinha tornado amigo dos homens do batalhão, morreu em Leavenworth depois de ter ordenado a seus comandados que prosseguissem a jornada sem ele. Sua morte foi profundamente lamentada pelo batalhão. Foi enviado para substituí-lo o tenente A.J. Smith. Como o batalhão estava subordinado ao comando do general Kearny, seus homens receberam à revelia o novo oficial, pois achavam que o capitão Jefferson Hunt, da Companhia A, que já estava com eles havia algum tempo, deveria comandá-los até que o próprio general Kearny designasse o novo comandante. Contudo, aceitaram o comando de Smith, quando os oficiais compreenderam que suas próprias licenças ainda não haviam sido aprovadas pelo Departamento de Guerra, e que não poderiam contar com as provisões fornecidas pelo governo.

A marcha a Santa Fé foi conduzida a passos largos, castigando muito os homens que já estavam enfraquecidos pela dura jornada iniciada em Nauvoo, seguindo através de Iowa. Alguns dos homens foram autorizados a fazer a viagem, juntamente com suas famílias, em carroças particulares especialmente arranjadas. A marcha foi extremamente penosa para as mulheres, mas elas souberam suportar os rigores da vida militar sem queixas.

Através dos diários do batalhão foi-nos possível conhecer algo de suas vicissitudes. Henry Standage, a 17 de agosto, escreveu:

"Neste dia viajamos 40 quilômetros através do

14. **Journal History**, 1846, pp. 30-34.
15. **History of Brigham Young Ms.**, Livro 2, pp. 4, 5.
16. Roberts, **The Mormon Battalion**, p. 2.

MARCHA DO BATALHÃO MÓRMON
3.200 km - Do Forte Leavenworth a San Diego

mais fatigante deserto jamais visto por alguém, sofrendo os rigores do sol e sentindo terrivelmente a falta de água. A grama, cuja altura não passava de duas polegadas, se encontrava tão encaracolada como cabelo de negro, totalmente seca pela ação do sol. Também os animais sofreram muito nas escaldantes areias do deserto. Hoje vi muitos búfalos feridos pelo batalhão, alguns mortos. Estávamos no deserto, sem água e sem ao menos uma folha de grama para nossas mulas".

Dia após dia, a marcha continuava, em direção a sudoeste. Os pés empolados pelas areias quentes e os ombros esfolados e irritados pelas mochilas pesadas; tempo para descansar, não havia. Os homens, de tão cansados que estavam, às vezes não mais agüentavam caminhar e seguiam se arrastando, chegando ao acampamento horas depois. Logo se tornou claro que aquilo não era marcha para mulheres e crianças, mesmo usando carroças especialmente a elas destinadas. A 16 de setembro, quando acabavam de cruzar o Rio Arkansas, o comandante insistiu em que as famílias que acompanhavam o batalhão, em número de doze ou quinze, deveriam ser separadas de seus maridos e seguir, escoltadas por dez homens, até Pueblo, na base leste das montanhas. Houve muitos protestos, mas acontecimentos futuros provaram que esta foi uma medida sábia.

Dificuldades e Privações do Batalhão

Durante os dias que se seguiram, muitos foram os fatores que desanimaram os soldados. Em 26 de setembro, no dário de James A. Scott, lê-se:

"Marchar, marchar e marchar! É esta a tarefa diária. Ao raiar do dia ouve-se o toque de alvorada, e, sãos ou doentes, devemos apresentar-nos à revista ou ao médico; em seguida toma-se o desjejum e desfazem-se as tendas o mais rápido possível; então, marchar, marchamos durante todo o dia, por sobre a areia, pó, montes e vales, caminhando às vezes vinte, vinte e cinco ou trinta quilômetros. Pára-se, ensarilham-se as armas, armam-se as tendas, preparam-se os alimentos, come-se, e, então, a revista; quando as tarefas diárias são concluídas, já é noite. Cuidam-se das obrigações noturnas, vai-se para a cama e dorme-se no chão duro e frio, com apenas um cobertor e uma fina tenda como proteção contra o frio. Não concordará então o leitor que as condições dos soldados mórmons eram árduas? Mas, não se detenha meu pensamento nessas coisas; a tristeza, talvez o arrependimento de ter iniciado a jornada, viria possivelmente prostrá-los. Coragem, fatigados Santos. Olhai para a frente, para os verdes campos, agradáveis jardins e belas fazendas que cedo adornarão os vales da Califórnia, e pensai que vosso esforço contribuiu grandemente para essa realização".[17]

No dia 9 de outubro, o primeiro destacamento do batalhão alcançou Santa Fé. Esta é a mais velha cidade do sudoeste; uma cidadezinha de 6.000 habitantes, sendo um importante centro comercial entre o México e os Estados Unidos.

O General Kearny entrou em Santa Fé sem oposição, tomou a cidade em nome dos Estados Unidos e, deixando-a sob o comando do Coronel Doniphan, seguiu para o oeste. Doniphan havia se mostrado amigo dos mórmons, quando de suas dificuldades no Missouri. Quando o batalhão adentrou a cidade foi saudado com uma salva de cem tiros em sua honra.

Em Santa Fé, o tenente-coronel P. St. George Cooke, indicado por Kearny antes de sua partida, assumiu o comando do batalhão. Falando das condições em que estava o batalhão diz Cooke:

"Tudo conspirava para desencorajar o extraordinário empreendimento do batalhão: a marcha de mil e oitocentos quilômetros, a maior parte dos quais através de imensas áreas desconhecidas sem estradas ou trilhas.

"Era o batalhão composto em grande parte por famílias, sendo alguns de seus membros muito velhos e fracos, enquanto outros muito jovens; a presença de muitas mulheres gerava certa indisciplina, tornando a situação um tanto embaraçosa; partindo de Nauvoo, Illinois, fizeram grandes caminhadas; havia escassez de roupas, pois não se dispunha de dinheiro para comprá-las, sendo sua distribuição impossível. Suas mulas estavam completamente estafadas; a intendência estava sem fundos e seu crédito não era bom; os animais eram escassos. Os disponíveis eram deficientes e hora a hora se tornavam piores por falta de forragem e pasto adequado".[18]

17. **Journal History**, p. 273. Diário de James A. Scott.
18. Cooke, **Conquest of News Mexico and California**, pp. 91-92.

O batalhão foi inspecionado e oitenta e seis homens considerados doentes ou incapazes de suportar a continuação da marcha foram mandados com quase todas as mulheres para Pueblo, a fim de juntarem-se aos que lá já tinham sido enviados com o fim de lá passarem o inverno. Ficou entendido que o destacamento de Pueblo teria o privilégio de seguir em direção ao norte, na primavera, juntando-se assim ao corpo principal dos Santos e seguindo com eles rumo ao oeste, "às custas do governo". Com certa relutância foi permitido que cinco esposas de oficiais do batalhão os acompanhassem, desde que fornecessem seu próprio transporte.

Foi em Santa Fé que o batalhão viu irrigação pela primeira vez; Tyler assim descreveu:

> "Canais para irrigação eram encontrados ao longo das margens do rio. Alguns deles com diversas milhas de extensão. Conduziam água às fazendas, ou ranchos como eram chamados naquela região. Houve muito pouca ou quase nenhuma chuva durante a estação de cultivo, portanto se fazia a água correr por sobre o solo até que ele estivesse suficientemente saturado. E então fechada, até que novamente fosse necessária para o mesmo propósito".[19]

De Santa Fé Rumo ao Oeste

A 10 de outubro o batalhão deixou Santa Fé. As dificuldades tinham apenas começado. A longa jornada para a Califórnia, através de uma extensa área sem estradas, era o suficiente para testar a resistência dos homens. Freqüentemente havia necessidade de cavar poços, pois era impossível encontrar água.

Marcharam 354 quilômetros descendo o rio Santa Fé; daí o batalhão virou para oeste, em direção a San Pedro, lá chegando no dia 9 de dezembro. Neste local o batalhão teve somente uma batalha, contra touros selvagens.

Aquela região abundava em rebanhos de gado, que se haviam tornado selvagens; um dia, quando o batalhão por lá passava, um grande número destes animais alinhou-se à frente dos soldados, para em seguida lançar uma arremetida contra as carroças; muitas das mulas foram mortas e uma das carroças foi virada. O sargento Albert Smith foi atropelado por um touro, ficando bastante machucado. Amos Cox, da Companhia D, foi arremessado ao ar pelos chifres de um dos animais, recebendo profundo ferimento. Calcula-se que de vinte a sessenta touros foram mortos antes que os mesmos desistissem de atacar o batalhão.

Deixando San Pedro, o batalhão dirigiu-se a nordeste, para Tucson, uma vila mexicana de quatrocentos ou quinhentos habitantes. À distância de vinte e seis quilômetros, foi enviada uma mensagem ao capitão Comanduran, comandante de uma força mexicana de 200 homens, exigindo a rendição e a certeza de que não lutaria contra os Estados Unidos. O capitão Comanduran respondeu negativamente e o batalhão preparou-se para a batalha. Entretanto, ao adentrar Tucson no dia seguinte, descobriu que a guarnição tinha fugido. A marcha através da cidade foi feita sem que nenhum tiro fosse disparado.

Partiram de Tucson e após três dias alcançaram o rio Gila; descendo-o, continuaram a marcha. Tentando aliviar a carga, fazendo-a flutuar rio abaixo em uma jangada, perderam quase todos os suprimentos, os quais tinham de ser descarregados, a fim de passar a jangada pelos freqüentes bancos de areia.

Ao Sul da Califórnia

Da foz do rio Gila a jornada estendeu-se por cento e cinqüenta quilômetros através do que é chamado, ao sul da Califórnia, de deserto do Colorado. Aqui houve muito sofrimento. Embora os homens estivessem fracos, devido à insuficiente alimentação, a carga foi dobrada. Grandes extensões de areia forçaram-nos a socorrer as juntas de animais , puxando-as com cordas. Não se conseguia água, a não ser cavando

---

19. Tyler, **History of the Mormon Battalion,** pp. 180-183

poços profundos nas areias do deserto e geralmente os poços não tinham uma gota d'água sequer. Os animais estavam sem forragem. Sobre estes dias assim descreve Tyler:

"Encontramos aqui as areias mais profundas, os dias mais quentes e as noites mais frias, sem água e com pouco alimento. A essa altura, os homens já estavam quase descalços; alguns usavam, ao invés de sapatos, couro cru enrolado nos pés, enquanto outros improvisavam um original modelo de botas, tirando a pele da perna do boi. Para fazer isto, era cortado um círculo em volta da parte posterior da perna, acima e abaixo da junta, sendo assim a pele arrancada intacta. Depois disso, a extremidade de baixo era costurada com tiras de couro, quando então estava pronta para ser usada, a curvatura natural do couro adaptando-se ao formato do pé. Outros amarravam roupa velha em torno dos pés, a fim de protegê-los das areias ferventes durante o dia e do frio durante a noite .

"Antes de chegarmos à guarnição, muitos dos homens se encontravam tão castigados pela sede, tão famintos e fatigados, que até alcançarem a água, não conseguiram falar. Aqueles que se encontravam mais fortes contaram, ao chegar, que passaram por muitos que se achavam deitados à beira da estrada, completamente exaustos".[20]

De Garrison Creek a San Phillipe foi, para as carroças , a parte mais difícil da jornada. Em muitos lugares tinha de ser aberto um caminho por entre sólidas rochas e, às vezes, as carroças eram desmontadas, baixadas em um precipício e montadas novamente, para que pudessem alcançar o acampamento enquanto a estrada estava sendo feita.

A partir deste ponto, a marcha tornou-se mais prazerosa, a não ser pelas refeições, nas quais só se dispunha de carne de vaca.

Dirigiam-se à cidade de San Diego para juntarem-se ao general Kearny, mas, como se supunha que o inimigo estava concentrado em Los Angeles, a direção foi mudada. Resolveram chegar à cidade vindos do lado leste. Avistar pela primeira vez o Oceano Pacífico trouxe aos viajantes cansados um grande regozijo que não sentiam há meses. Sentindo que a Califórnia já estava totalmente nas mãos dos americanos, a Companhia mudou a direção para o sul, rumo a San Diego. O fim da jornada foi no dia 29 de janeiro de 1847. O batalhão tinha conquistado o deserto e construído uma estrada para carroções, numa das mais difíceis regiões da América do Norte.

O batalhão foi muito cumprimentado pelo coronel Cooke, por sua esplêndida realização e pela grande capacidade de seus homens, mesmo em face de tantas dificuldades.

Dever Versus Riqueza

Como não restava mais nenhuma batalha a ser travada na Califórnia, o batalhão foi dividido e mandado a guarnecer a Missão de San Luis Rey, San Diego e Los Angeles. O tempo foi gasto na construção de um forte em Los Angeles, na guarda da passagem para o nordeste, na construção de estrada etc. Os membros do batalhão cumpriram tão fielmente suas obrigações e eram tão livres dos vícios normalmente encontrados nos soldados, que muitas ofertas foram feitas para que eles se reengajassem quando o tempo normal tivesse expirado. Alguns aceitaram a oferta por um período de seis meses. Entretanto, a maioria tinha famílias as quais estava ansiosa para rever. Algumas destas famílias estavam então aproximando-se do Vale do Lago Salgado, enquanto outras ainda se encontravam em acampamentos, nas planícies. O destino do corpo principal dos Santos já havia sido determinado e os membros do batalhão desejavam unir-se a eles na Grande Bacia. Era uma longa viagem rumo ao novo lar e trazia consigo bastante trabalho.

Os membros do batalhão foram em direção norte, dirigindo-se ao Vale de Sacramento, daí para o leste, através das altas montanhas da Serra Nevada do deserto de Nevada, até o Vale do Lago Salgado, onde chegaram a 1º de outubro de 1847. A maior das realizações daquela jornada foi a abertura de uma estrada para carroções sobre as altaneiras Sierras, bem no meio das perigosas terras dos índios. Três dos homens que se

---

20. Tyler, **The Mormon Battalion,** pp. 244-245.

apresentaram voluntariamente para ir à frente e marcar o caminho foram mortos pelos índios.

Nesse ínterim, uma parte do batalhão, composta do destacamento de Pueblo, seguiu os pioneiros rumo ao Vale do Lago Salgado. Lá o seu período de alistamento expirou, portanto deram baixa do serviço militar com pagamento integral.

Alguns dos antigos membros do batalhão passaram o inverno na Califórnia. Encontraram emprego em Sutter's Mill, no Vale do Sacramento, e estiveram presentes na época da descoberta do ouro. Graças ao diário de um dos homens do batalhão, Henry Bigler, é que a verdadeira data da descoberta do ouro na Califórnia foi conhecida. Numa segunda-feira, a 24 de janeiro de 1848, Bigler escreveu:

"Neste dia um tipo de metal que parece ouro foi encontrado. Pouco tempo depois, membros do batalhão descobriram ouro, numa ilha, no rio American, a qual se tornou famosa como a rica Mina de Ouro Mórmon.

Os homens do batalhão, entretanto, estavam presos a Sutter por contrato; tais contratos não foram desfeitos, mesmo sabendo que poderiam conseguir muitas vezes o valor de seus salários cavando ouro.

O grito do ouro foi o sinal para uma corrida louca, voltando os olhos do mundo civilizado para a Califórnia. Nos sete anos que se seguiram 500.000.000 de dólares foram adicionados à reserva mundial de ouro.

A chamada ao dever e à religião foi maior que o desejo de riquezas. A primavera encontrou os membros do batalhão dirigindo-se ao Vale do Lago Salgado com suas economias, deixando os campos do ouro, para os quais todo o mundo parecia estar correndo. O historiador Bancroft não podia deixar passar despercebida esta marcante prova de caráter. Ele escreve:

"Enquanto as carroças seguiam ao longo da divisa do rio American com o Consumnes, no Dia da Independência, um canhão trovejava, declarando independência nas altas Sierras.

"Assim em meio às cenas que diariamente se tornavam mais e mais absorventes, trazendo à tona as mais fortes paixões da natureza humana, à chamada ao que eles consideravam dever, estes devotos deixaram de lado as ferramentas de procurar riquezas, viraram as costas ao que todo mundo desejava e buscava desesperadamente, e marcharam através de novas labutas e perigos para se reunirem aos seus irmãos que se encontravam exilados no deserto".[21]

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** pp. 61-121. Volume 3. (Um relato completo do batalhão mórmon) pp. 65-66 (instruções de Kearny ao Capitão Allen); pp. 66-67 (apelo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ao governo federal solicitando emprego); pp. 67-75 (Jesse C. Little representa a Igreja em Washington nos assuntos do batalhão); pp. 77-79, (o capitão Allen e os líderes da Igreja)

2. **Ibid.,** p. 84, nota 61 (O coronel Kane descreve um baile oferecido ao batalhão, antes da partida para o oeste).

3. **Ibid.,** p. 84, notas (Brigham Young e Pai DeSmet).

4. **Ibid.,** pp. 92-94. (A atitude dos Santos em relação aos Estados Unidos).

5. **Ibid.,** pp. 113-114 ("Blow the Right, God bless the colonel". Esta é uma pequena, admirável e dramática história de homens ousados e fortes, de orações e de um coronel teimoso e indomável).

6. **Ibid.,** pp. 114-115, incluindo nota 24. ("A luta com os touros". Uma luta real entre os touros selvagens e homens com nervos de aço e coragem. Uma história verdadeira do oeste selvagem).

7. **Ibid.,** pp. 115-117. (O incidente de Tucson mostra a firmeza decisiva do coronel Cooke, e o brio e bondade dos rapazes do batalhão).

8. Roberts, **The Mormon Battalion, Its History and Achievements,** pp. 1-4 (A marcha do batalhão, comparada com outras marchas históricas).

---

21. Bancroft, **History of Califórnia**, vol. 5

9. **Ibid.,** (Veja e estude o mapa contido na capa da frente).

10. **Ibid.,** pp. 85-96 (Anedotas).

11. Leah D. Widtsoe e Susan Young Gates, **Life Story of Brigham Young,** pp. 63-70. (Um interessante relato intercalado com fragmentos de versos e história).

12. Evans, **The Heart of Mormonism,** pp. 357-361.("A Lift and a Blow". Uma curta história do batalhão mórmon).

13. Evans, **One Hundred Years of Mormonism,** pp. 430-438. ("Um Carneiro no Arbusto" . Evans apresenta aqui uma vista diferente da apresentada em seu último livro citado acima, no nº 12.)

14. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 422-432. (O Batalhão Mórmon).

CAPÍTULO 30

PIONEIROS

Rumo ao Oeste

Durante o árduo inverno de 1846--1847, um pensamento dominava o acampamento dos Santos: "Estar no oeste na próxima primavera". A expressão tornou-se um símbolo de esperança, aliviando a carga, minorando os sofrimentos e suavizando a tristeza daquela gente. O Coronel Kane, que passou muito tempo junto deles, disse:

"Os mórmons levaram as coisas pelo lado alegre e esperançoso. Faziam de seus pesares e dores motivo de brincadeira e freqüentemente riam de suas próprias dores. Tanto gracejo eu certamente nunca ouvi e nunca ouvirei em todos os restantes dias de minha vida".[1]

Mas, mesmo com os pensamentos voltados para um futuro cheio de esperanças, havia corações bastante castigados por sofrimentos e dores. Antes que o frio pudesse impedir a propagação de doenças, 300 novas sepulturas foram abertas no cemitério de "Winter Quarters".[2] Enfraquecidos pela longa jornada desde Nauvoo e pela insuficiência de verduras, tornavam-se vítimas fáceis de malária, escorbuto e outras enfermidades pouco conhecidas naquele tempo. O escorbuto, que os Santos chamavam de "perna", era o causador dos maiores sofrimentos e do maior número de mortes. Quando a enfermidade se tornou por demais perigosa, devido a seu alastramento, foram enviados carroções a Missouri para conseguir batatas, as quais ajudavam na cura daquela doença. O rábano silvestre, encontrado em um forte abandonado, não muito longe do acampamento, provou ser um excelente antídoto. A enfermidade foi totalmente controlada durante o inverno, mas não sem antes trazer pesar a quase todas as famílias. Os índios, especialmente da tribo dos Omahas, que estavam invernando nas margens do rio, dizendo-se amigos, viviam à custa do gado pertencente aos Santos, o qual eles roubavam. Índios ladrões eram freqüentemente apanhados e severamente punidos, mas isto não diminuía o roubo do gado. Foi durante este inverno que Brigham Young veio a familiarizar-se com os índios, usando um plano de ação que o deixou famoso. "É mais barato alimentar os índios do que lutar contra eles". Na luta travada naquele inverno entre os Omahas e os Sioux, os Santos mantiveram-se à distância.

Mesmo muitos meses antes que a marcha para o oeste pudesse novamente começar, preparativos para tal já estavam sendo feitos. Carroções foram consertados e feitos alguns novos. Tendas e cobertas remendadas com lona. Também fizeram sapatos e tricotaram meias. Construíram um moinho, e todo cereal, exceção do necessário para os animais, foi transformado em farinha. Os que não tinham outras obrigações colhiam ramos de salgueiro e fabricavam cestas de vime. Alguns dos homens fabricavam tábuas de lavar roupa, as quais eram vendidas em Iowa e Missouri. Brigham Young, em uma carta aos apóstolos que tinham ido à Inglaterra, com referência a esses artigos, disse: "Centenas de dólares foram conseguidos e há possibilidades de uma boa fonte de renda para a primavera".[3]

Revelação de Brigham Young

A 14 de janeiro de 1847, Brigham Young deu aos Santos a única revelação formal por ele escrita: "A Palavra e a Vontade do Senhor", referente à marcha do povo de Israel rumo ao oeste.[4]

O que segue é um resumo desta revelação:

"Que todo o povo da Igreja de Jesus Cristo

1. Kane, **The Mormons,** p. 48.
2. Kane, **The Mormons,** em Tyler, History of the Mormon Battalion, p. 94. (Nota) Veja também Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. III, p. 151.
3. Carta de Brigham Young aos élderes Hyde, Pratt e Taylor, datada de 6 de janeiro de 1847, **Millennial Star,** Vol. 9, p. 100.
4. Não devemos supor, de forma alguma, que esta foi a única revelação que ele recebeu. Pelos diários de seus companheiros, torna-se evidente que o Espírito do Senhor estava sempre com ele, guiando-o em suas decisões.

dos Santos dos Ultimos Dias e aqueles que com eles viajam sejam organizados em companhias, com o convênio e promessa de que guardarão todos os mandamentos e estatutos do Senhor nosso Deus.

"Que as companhias sejam organizadas, sob a direção dos Doze Apóstolos, tendo um capitão para cada cem, cada cinqüenta e cada dez, sob o comando de um presidente e dois conselheiros.

"E este será o nosso convênio; - obedeceremos a todas as ordenanças do Senhor.

"Que cada companhia se aprovisione com todas as juntas de animais que puder, com carroções, vestimentas e outras necessidades para viagem.

"Quando as companhias se tiverem organizado, que se dediquem com toda a sua força às preparações para os que deverão ficar atrás.

"Que cada companhia, com seus capitães e presidentes, decida quantos poderão seguir na próxima primavera; depois escolha um número suficiente de homens capazes e peritos; para levar juntas de animais, sementes e máquinas de lavoura e irem como pioneiros para preparar o plantio da primavera.

"Que cada companhia se responsabilize em igual proporção, de acordo com dividendos de sua propriedade, em levar consigo os pobres, as viúvas, os órfãos e as famílias daqueles que partiram para o exército, para que os lamentos das viúvas e dos órfãos não cheguem aos ouvidos do Senhor contra este povo.

"Winter Quarters". Monumento encontrado em Florence, Nebraska, erigido em memória de cerca de seiscentos membros enterrados no cemitério dos pioneiros.

"Que cada companhia prepare casas e campos para a produção de cereais, para os que deverão ficar atrás nesta estação; e esta é a vontade do Senhor concernente ao seu povo.

"Que todo homem use toda a sua influência e bens para levar este povo ao lugar onde o Senhor localizará uma estaca de Sião.

"E, se fizerdes isto em pureza de coração, em toda fidelidade, sereis abençoados em vossos rebanhos e em vossas manadas, em vossos campos, em vossas casas e em vossas famílias...

"E que os Meus servos, que foram designados vão e ensinem isto, a Minha vontade, aos santos, para que estejam prontos para ir a uma terra de paz.

"Ide e fazei como vos disse, e não temais os vossos inimigos; pois eles não terão poder para interromper a Minha obra.

"Sião será redimida no Meu próprio e devido tempo.

"E, se qualquer homem procurar elevar-se e não procurar o Meu conselho, não terá poder algum, e a sua imprudência se fará manifesta.

"Buscai; e cumpri todas as promessas que fizestes uns aos outros e não cobiceis aquilo que pertence ao vosso irmão.

"Guardai-vos do pecado de tomar o nome do Senhor em vão, pois Eu sou o Senhor vosso Deus, sim, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, dc Isaac e de Jacó".[5]

A Companhia "Pioneiros"

À medida que a primavera se aproximava, Brigham Young enviou uma mensagem a todos os acampamentos, selecionando aqueles que deviam ir para o oeste, juntamente com a companhia avançada dos "Pioneiros", para fazer estradas e preparar o caminho.

Esta companhia seria composta de 144 homens que iriam à frente sem suas famílias, o que evitaria dificuldades no duro trabalho que eles tinham à frente. Seriam os vanguardeiros do movimento. O restante marcharia com suas famílias, juntamente com líderes que os dirigiriam, quando a grama estivesse alta o suficiente para o pasto do gado e das ovelhas.

A unidade e cooperação desta gente na preparação para a longa jornada rumo ao oeste são um dos pontos altos do êxodo mórmon. Tal unidade, entretanto, foi manchada por alguns. O bispo

---

5. Doutrina e Convênios, Seção 136:2-11, 16-21.

Miller, que tinha demonstrado possuir um espírito independente desde o início da jornada em Nauvoo, e que com dezesseis parelhas de bois tinha vindo à frente do grupo principal, contrariando o aviso de Brigham Young, passou o inverno em Running Water, com sessenta e dois carroções, entre os quais se achavam os de Anson Call, a onze dias de viagem do lado norte da trajetória dos Santos. Seguindo ordens dos Doze, o grupo de Miller mudou-se para Winter Quarters na primavera. Lá o bispo Miller declarou-se em oposição a Brigham Young e ao Conselho, deixando claro que achava o Texas o local ideal para o estabelecimento dos Santos. Como suas idéias não foram aceitas, retirou-se do grupo. Com alguns seguidores, a maior parte seus próprios familiares, foi ao Texas e uniu-se a Lyman Wight.

A 5 de abril a jornada dos pioneiros teve seu início. Heber C. Kimball, com seis carroções de sua companhia, foi até Cuther's Park, seis quilômetros a oeste de Winter Quarters. Outros carroções foram seguindo, à medida que estavam prontos, e toda a companhia seguiu em direção oeste para o rio Elkhorn e iniciaram a construção de uma balsa.

Enquanto isto o Presidente Young presidia a décima sétima conferência anual da Igreja, que teve lugar em Winter Quarters a 6 de abril. No dia 7, Brigham Young deixou Winter Quarters com vinte e cinco carroções e acampou dezesseis quilômetros a oeste. No dia seguinte retornou a Winter Quarters com membros do quorum dos apóstolos, para encontrar-se com Parley P. Pratt, que retornava de uma missão na Inglaterra. Junto com John Taylor e Orson Hyde, Pratt foi à Inglaterra durante o inverno, a fim de resolver algumas dificuldades na missão e encorajar os Santos ingleses.

Como John Taylor traria alguns instrumentos científicos, os líderes esperaram sua chegada. A 13 de Abril ele chegou a Winter Quarters, trazendo "dois sextantes, um círculo de reflexão, dois horizontes artificiais, dois barômetros, diversos termômetros, telescópios, etc."[6]

Tudo isto foi trazido da Inglaterra por sugestão de Orson Pratt, pois achava que tais instrumentos seriam necessários na nova terra.

John Taylor também trouxe alguns mapas do oeste, os quais foram obtidos em Washington D.C., doados pelo general Atchison, então senador pelo Missouri. Os irmãos ficaram muito alegres com os mapas de Fremont com rotas para o oeste. Um deles trazia a rota seguida por Fremont para a Califórnia via Lago Salgado, em 1843. O mapa de Fremont também incluía um de seus retornos da Califórnia, via rio Mojave, Las Vegas, rio Virgin, Sevier, Utah Lake, Spanish Fork Canyon, rio Uintah e dali para Pueblo e o leste".[7] Thomas Bullock fez cópias destes mapas para uso dos pioneiros.[8]

De fato a jornada dos pioneiros começou no rio Platte a 16 de abril. Deste ponto em diante só havia um objetivo: alcançar os vales das Montanhas Rochosas.

A companhia era formada de cento e quarenta e três homens, três mulheres e duas crianças. Como foi mencionado, nenhuma mulher ou criança deveria acompanhar os pioneiros. Durante a preparação final, Harriet Page Wheeler Young, esposa de Lorenzo Young, foi acometida de malária e persuadiu o Conselho a deixá-la seguir, ficando assim longe das margens do rio. Seus dois filhos também foram. Sua ida ocasionou a adição de Clara Decker Young, esposa de Brigham Young, e Ellen Sanders Kimball, esposa de Heber C. Kimball.

O equipamento compunha-se de 73 carroções, 93 cavalos, 52 mulas, 66 bois, 19 vacas, 17 cachorros e algumas galinhas.

---

6. Diário de Orson Pratt, **Millennial Star**, Vol. 12, p. 18.
7. Roberts, **Comprehensive History of the Church**. Vol. 3, p. 162 (Também notas).
8. Veja **History of Brigham Young**, Ms. 1847, p. 80. Para cópias dos mapas de Fremont, veja Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. 3, pp. 199-234.

O grupo tinha dupla organização, uma que seguia a revelação recebida em Winter Quarters, e a outra uma organização militar. A primeira se dividia em grupos de cem, cinqüenta e dez, com um capitão para cada grupo. Stephen Markham e A.P. Rockwood foram escolhidos como capitães dos grupo de cem, com cinco capitães para os grupos de cinqüenta e quatorze capitães para os grupos de dez.[9] Na organização militar, Brigham Young foi eleito comandante; Stephen Markham, coronel; John Park e Shadrach Roundy, majores. A organização de dez componentes permaneceu a mesma para ambos os propósitos.

William Clayton, que guardou um diário da principal companhia dos pioneiros.
Gentileza da Utah State Historical Society.

Levaram consigo um canhão montado sobre rodas; os capitães dos grupos de dez escolheram quarenta e oito homens como guardas noturnos permanentes, os quais foram divididos em quatro turnos de vigia, para estarem de vigia em horas alternadas.[10]

A ordem de marcha dada por Brigham Young foi registrada por William Clayton em seu diário:

"Daqui para frente todo homem deverá levar consigo um revólver ou então tê-lo em seu carroção onde possa apanhá-lo ao menor sinal de perigo. Se a arma for de espoleta, então deverá ser tirada e posta em um pedaço de couro, para evitar umidade, e sujeira. Se for uma espingarda de pederneira, deverá ser descarregada e ter a caçoleta cheia com estopa ou algodão. Os carroções deverão estar sempre juntos durante a viagem, e não separados como se vinha fazendo até agora. Nenhum homem deverá deixar seu carroção, a menos que tenha permissão para tal".

"Às cinco horas da manhã o clarim tocará a alvorada, o que será o sinal para todos se levantarem e oferecerem suas orações antes do início de seus deveres. Então irão cozinhar, comer, alimentar os animais, etc., até às sete horas, quando, ao toque do clarim, iniciarão a marcha. Cada condutor deverá estar ao lado de sua equipe com o revólver próximo e fácil de ser alcançado enquanto os outros homens seguirão a mesma regra com respeito às suas armas e marcharão ao lado dos carroções aos quais pertencem; e ninguém deverá deixar seu posto sem permissão dos oficiais. Em caso de ataque ou alguma demonstração hostil por parte dos índios, os carroções formarão uma fila dupla, depois fazendo um círculo, ficando com a frente para o lado de fora, e os cavalos e o gado amarrados dentro do círculo. Toda a noite às oito e meia os clarins soarão novamente, para que todos façam suas orações e se retirem para dormir às nove horas".[11]

O Êxodo Mórmon Foi Parte de um Grande Movimento Rumo ao Oeste

O êxodo mórmon para o oeste foi algo notável; a mudança de um povo, sob condições desfavoráveis, para uma terra que tinha sido hostil a outros imigrantes. Entretanto, não foi o único movimento

9. Para detalhes e nomes veja Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. III, p. 164.

10. **History of Brigham Young Ms.** 1847, p. 83.
11. Diário de William Clayton, dia 17 de abril. Veja também **Juvenile Instructor**, Vol. 21, p. 230.

de pessoas para o oeste, e, de modo algum o primeiro.

A expedição de Lewis e Clark, que atravessou as regiões do oeste até Oregon e voltou entre 1804 e 1806, chamou a atenção da América para o oeste. Espíritos aventureiros viram naquela região ainda inconquistada ótima oportunidade para uma vida livre e vantajosa.

Os primeiros destes aventureiros a adentrar estas paragens quase desconhecidas foram os caçadores de peles. O início destas aventuras foi de caráter individual; eram efetuadas através da colocação de armadilhas e de trocas com os índios para obtenção de peles. Os que penetraram os vales das Montanhas Rochosas ficaram conhecidos como "homens das montanhas". Os caçadores individuais logo foram substituídos por companhias de peles organizadas. Companhias americanas e britânicas penetraram as Montanhas Rochosas. Todos os rios e lagos foram explorados por estes intrépidos precursores da civilização, que deram seus nomes aos rios, montanhas e lugares de parada. Depois estes "homens das montanhas" levaram para a civilização a história e o conhecimento obtido sobre as montanhas. Os fortes que eles fundaram para a defesa contra os índios hostis tornaram-se o objetivo e guia de todas as caravanas de imigrantes que mais tarde vieram para o oeste.

Ao tempo do êxodo mórmon os animais de peles estavam desaparecendo e, por conseguinte, o comércio de peles começava a declinar. Quase todos os postos de troca haviam sido abandonados. Forte Bridger, a cerca de 160 km a leste do Lago Salgado, era um dos últimos postos avançados do comércio de peles e foi abandonado em 1853.

Os caçadores de peles foram seguidos pelos missionários, que vieram catequizar os índios. Além do trabalho dos padres católicos, que estiveram desde o México até a Califórnia, Arizona e lado sul de Utah, muito pouco trabalho missionário foi feito entre os índios. A atividade missionária no noroeste se compôs de um movimento protestante começado em 1834, quando Daniel Lee e Jason foram enviados àquela região pelo comitê missionário da Igreja Metodista Episcopal. Eles viajaram até Oregon, seguindo a trilha de Oregon. Em 1835, a Igreja Presbiteriana enviou o Reverendo Samuel Parker e o Dr. Marcus Whitman à região de Oregon. Esta expedição tinha a proteção de sessenta caçadores da American Fur Company, e viajaram em carroções até o forte Laramie. Em 1836, o Dr. Whitman levou sua esposa para o oeste, persuadindo o Reverendo H.H. Spaulding a segui-los. As esposas destes missionários foram as primeiras mulheres brancas a fazer aquela jornada.

Depois de 1836, companhias de colonos iam todo ano para o oeste pela Trilha de Oregon. Até 1841 as companhias eram pequenas. Neste mesmo ano a companhia de John Barlism, composta de 48 homens, 15 mulheres e 17 missionários e aventureiros, foi pela Trilha de Oregon, até a Califórnia e Fort Hall, daí descendo o rio Bear, através do Cache Valley, em torno do lado norte de Lago Salgado, até o escoadouro do rio Humboldt e dali novamente à Califórnia.[12]

Em 1842, Elijah White conduziu dos condados de Jackson e Platte, Missouri, uma companhia de 112 homens, mulheres e crianças a Oregon.

Em 1843, uma companhia de imigrantes de vários estados saiu de Independence, Missouri. Era composta de 1.000 pessoas, 120 carroções e 5.000 animais. Seguiu rumo oeste, de Forte Laramie até Forte Bridger, antes de virar ao norte para Forte Hall e daí até Oregon. No ano seguinte 1.400 pessoas emigraram para Oregon, e em 1845 mais de 3.000 passaram pela Trilha de Oregon, rumo ao vale do rio Colúmbia. No fim daquele ano 7.000 americanos haviam atingido Oregon. Em 1846, cerca de 2.500 pessoas emigraram para o oeste. Aproximadamente metade destas caravanas, rumo

12. Veja Bancroft, **History of California**, Vol. 4, pp. 268-271.

à Califórnia, passou pelo Vale do Lago Salgado, via Canyon do Eco e Canyon Weber, volteando a parte sul do final do Grande Lago Salgado.

Uma companhia, o grupo de Donner, mudando de rumo no centro do Canyon Weber, seguiu até onde é hoje o East Canyon, descendo o Emigration Canyon até a estrada circunvizinha ao fim da parte sul do Grande Lago Salgado. No ano seguinte a emigração mórmon seguiu a trilha dos carroções do grupo de Donner, até o vale do Lago Salgado.

No mesmo ano de 1847, aproximadamente 5.000 emigrantes passaram pela Trilha de Oregon em direção noroeste.

Assim, na primavera de 1847 a Trilha de Oregon havia-se tornado uma grande estrada nacional, a qual por quarenta anos havia sido usada pelos precursores da civilização. O êxodo dos Santos foi parte de um grande movimento rumo ao oeste, o movimento de um povo dirigindo-se aos confins de uma nação. Todos os emigrantes que se dirigiam a oeste iam de livre vontade, enquanto os mórmons foram forçados a tal. Procuravam um lar onde pudessem preservar sua fé. As corridas de ouro, riquezas, ou fama não interromperam sua jornada. Portanto, era mais fácil construir seus lares em vales infrutíferos e achar alegria em lugares por ninguém desejados.

A Trilha Mórmon

Por estranho que pareça, os pioneiros não seguiram a Trilha do Oregon. Abriram uma nova estrada para oeste, que veio a ser conhecida como a "Trilha Mórmon". Ela passava ao norte do rio Platte, enquanto a de Oregon passava ao sul do mesmo rio. As duas rotas eram quase paralelas uma à outra, às vezes tendo somente a largura do rio separando-as. A razão para esta nova estrada não é a princípio muito clara. A trilha de Oregon era fácil de ser seguida. Não havia estrada para abrir ou pontes para construir; ao sul do rio, a grama era verde, enquanto os pioneiros durante dias só viram grama crestada, onde o fogo da pradaria tinha deixado nada mais que um vestígio de pasto para o gado.

Foi a visão dos líderes que os levou a abrir a Trilha Mórmon. Se a Pioneiros fosse a única companhia de Santos a se dirigir ao oeste, teriam certamente cruzado o Platte e seguido a trilha de Oregon, economizando muitas semanas de viagem e de árduo trabalho. Mas os pioneiros não estavam atrás de vantagens para si próprios. Tinham em mente as 15.000 pessoas que os iriam seguir, bem como milhares de outras com o correr dos anos. A rota por eles escolhida era mais curta e um pouco melhor que a trilha de Oregon.[13] A grama, embora escassa para a companhia Pioneiros, estaria viçosa quando as outras companhias por ali trafegassem.[14]

Além disso, a maior parte dos emigrantes que rumavam a oeste pela Trilha de Oregon era de Missouri. Muitos eram velhos inimigos dos mórmons. Uma trilha que passasse pelo norte do Platte evitaria encontros que iriam na certa trazer dissabores. De Winter Quarters até o Forte Laramie, quando as coisas não andavam bem, era convocado um conselho, para considerar a possibilidade de cruzar o rio e seguir a Trilha de Oregon. Cada vez que isto acontecia, isto era julgado inconveniente para os pioneiros. Os anos seguintes mostraram o acerto dessa medida.

Búfalos nas Planícies

À medida que os pioneiros avançavam algumas milhas diárias, a monotonia era quebrada por acontecimentos invulgares. Deles tivemos conhecimento graças a William Clayton, Thomas Bullock e outros que mantinham seus diários. O aparecimento de manadas de búfalos despertou o interesse de todos. Assim se expressou Orson Pratt:

---

13. (Nota) Esta rota é agora seguida pela Estrada de Ferro Union Pacific, entre Omaha e Laramie.
14. (Nota) Os índios queimavam a grama dos campos na primavera, para que no verão ela brotasse viçosa, atraindo assim os búfalos. Ao longo da Trilha de Oregon, os caçadores de peles queimavam a grama no outono, de modo que a queima da primavera, efetuada pelos índios, não viesse a impedir o crescimento da grama no tempo em que delas necessitavam, a fim de alimentar os animais de suas caravanas.

"Durante as paradas tínhamos que cuidar de nossos animais para que não se misturassem com os búfalos. Acho que posso afirmar com segurança que vi dez mil búfalos num certo dia. Alguns antílopes que se aproximavam de nossos carroções, nós os matávamos para alimento, pois sua carne era excelente. Não matávamos os animais por mero esporte, mas somente o necessário para alimentação... Bufálos, ainda bem novos, freqüentemente vinham em nosso caminho e tínhamos que levá-los para bem longe, evitando assim que nos seguissem.

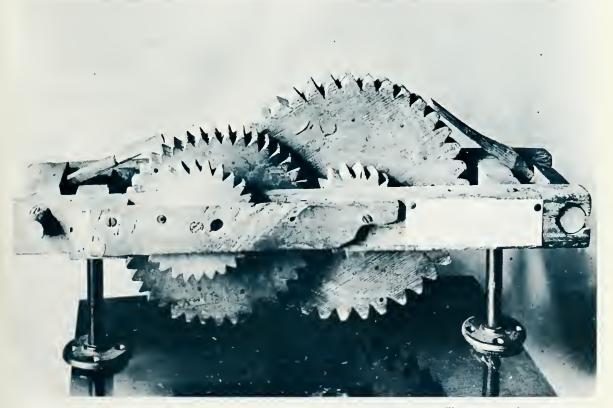
"A esta altura, entre os búfalos e as queimadas da pradaria, os animais do campo estavam quase todos famintos. Os búfalos tornaram-se bem numerosos. Era praticamente impossível fazer uma estimativa real de seu número, mas vamos dizer que eram cem mil ou mais. Sua carne era ruim, portanto só os matávamos para suprir as necessidades do grupo. Certa ocasião foi vista uma manada de diversos quilômetros de extensão. A pradaria transformou-se em uma densa e negra massa de animais em movimento".[15]

Thomas Bullock adiciona:

"Tivemos que parar duas ou três vezes enquanto a grande manada passava por nós. Era uma cena digna de ser vista, aquela grande massa em movimento. Pegamos diversos búfalos ainda novos. Entre pegar um búfalo novo e um domesticado, há uma grande diferença. Muitas vezes um cavalo veloz e esperto sofre para competir com ele. São tão espertos e velozes quanto os cavalos. Embora os mais velhos sejam os mais feios corredores de todos os animais selvagens, deslocam-se muito rapidamente no solo e qualquer vaqueiro experimentado é logo levado a admirar a beleza deles à distância".[16]

"Os índios freqüentemente visitavam o acampamento, ganhando alguns presentes, tais como: tabaco, contas e anzóis. Enquanto os pioneiros passavam pela região dos Pawnees, alguns animais foram roubados. Foi mantida uma guarda dupla durante a noite, temendo um ataque índio. Felizmente o êxodo mórmon ocorreu quando os índios das planícies estavam em paz com o homem branco. A atitude amigável dos emigrantes mórmons para com seus irmãos

15. James A. Little **Kirtland to Salt Lale City**, p. 83.

16. James A. Little, **From Kirtland to Salt Lake City**, p. 83.

O "Odômetro", inventado por William Clayton e Appleton M. Harmon, para indicar as milhas atravessadas pelos Pioneiros.

Gentileza da Utah State Historical Society.

vermelhos veio mais tarde a distinguir os mórmons dos outros homens brancos. Isto veio a dar um salvo-conduto aos outros comboios dos Santos, que mais tarde passaram por lá. Este fato é sempre lembrado pelos historiadores.

Comentando a Jornada

O grupo de pioneiros parecia uma expedição de natureza científica. Orson Pratt, que tinha jeito para essas coisas, fazia quase diariamente observações da latitude, longitude e altitude dos lugares de acampamento. Também anotava as condições atmosféricas e as mudanças que ocorriam na flora e na fauna durante o percurso. A exatidão de seus cálculos é atestada pelos modernos métodos de calcular.

Foi feito um relato das distâncias percorridas cada dia e do total percorrido entre os marcos. Dirigia este serviço William Clayton. Por algum tempo o cálculo das distâncias percorridas era mais ou menos adivinhado. Então Clayton engenhou o método de amarrar uma pedra no raio de uma roda e computar a distância percorrida pelo número de evoluções da roda. Este era um trabalho cansativo e maçante; conseqüentemente, foi inventado um instrumento para fazer a contagem. Tal instrumento era baseado no princípio da rosca sem fim, que por um sistema de rodas dentadas de madeira registrava as milhas de distância exata percorridas. Teve o nome de "Odometer", e foi o resultado do trabalho de William Clayton e Appleton M. Harmon, um hábil mecânico.[17] Depois da instalação do novo instrumento, no dia 10 ou 12 de maio, foi mantida uma perfeita contagem das milhas até chegarem ao Vale do Lago Salgado. Dados concernentes à rota eram de tempo em tempo deixados para as companhias que viriam depois. Estas informações eram gravadas nos troncos das árvores ou em estacas fincadas no chão. Por exemplo, no dia 8 de maio, bem perto do rio, na parte norte do Platte Valley, foi plantada uma estaca de cedro na qual se escreveu:

295 milhas de Winter Quarters, 8 de maio de 1847. Tudo bem com o grupo W. Clayton.

"Mensagem nas Planícies"

Gentileza do Escritório de Historiador da Igreja.

Algumas vezes deixaram cartas nos entalhes das estacas ou das árvores, com um sinal indicando onde as haviam deixado. Nas planícies, caveiras de búfalos pintadas de branco eram muito usadas como boletins.[18] A oeste do Forte Laramie os pioneiros fincaram postes a cada dezesseis quilômetros. Enviavam cartas aos Santos por grupos de caçadores que estavam voltando para o leste.

O dia do Senhor era estritamente observado, a não ser pela necessidade de manter o acampamento em ordem ou de cuidar dos animais, ou, ainda, quando a necessidade de alcançar alguma fonte de água ou pasto tornava qualquer parada impraticável.

A maior parte dos componentes eram rapazes, cheios de exuberância, o que os levava a desperdiçar o tempo em frivolidades. Danças, jogos de xadrez, dominó, cartas, lutas corpo a corpo, lutas romanas, piadas, risadas, brincadeiras e outras coisas para divertimento. Mas, quando estas brincadeiras começaram a perturbar o bem-estar do grupo, Brigham Young repreendeu-os severamente. A 29 de maio, pela manhã, na

17. Ver a ilustração. Esta máquina está atualmente no Museu Deseret em Salt Lake City.

18. Ver Ilustração.

hora da partida, chamou os pioneiros e, de acordo com o relato de Wilford Woodruff, disse-lhes:

"Acho que usarei para meu sermão estas palavras:

"Estou a ponto de não viajar mais com este grupo, devido ao espírito que seus componentes agora possuem".

"Preferiria arriscar-me entre os selvagens com apenas dez homens, homens de fé, homens que oram, homens de Deus, do que estar com todos vocês quando esquecem de Deus e viram seus corações para tolices e fraquezas. Sim, preferiria estar só; e estou resolvido a não mais viajar com vocês, a menos que se arrependam perante o Senhor, abandonem suas tolices e fraquezas e passem a servi-lo. Durante toda uma semana quase o acampamento inteiro esteve jogando cartas, xadrez, dominó, dançando e praticando outras frivolidades. Pois bem, agora é hora de pararmos com isto. E se não o fizermos, logo teremos lutas reais, nas quais um irmão tirará a vida do outro. Portanto, paremos com tudo isto".[19]

Ele continuou a admoestá-los por algum tempo, depois do que os irmãos resolveram abster-se de toda prática ofensiva. O domingo seguinte foi dedicado a jejum e oração. O arrependimento do grupo foi total e nem mais uma queixa quanto à sua conduta foi mencionada.

A Pioneiros Chega ao Forte Laramie

A 1º de julho a Pioneiros chegou no lado oposto do Forte Laramie, tendo já coberto metade da jornada até o Vale do Lago Salgado. Estavam agora a 874 quilômetros de Winter Quarters. Tinham aberto seiscentos quilômetros de estrada, iniciando assim a trilha mórmon.

Forte Laramie estava situado à margem do rio Laramie, a dois quilômetros de sua confluência com o Platte. Era construído de barro ou tijolo cru. As paredes tinham cerca de quatro metros e meio. Era:

"De construção retangular, medindo no lado exterior 35 por 36 metros. As casas eram construídas no interior, junto às paredes, deixando uma área central quadrada com cerca de 35 metros de lado. O posto pertencia à American Fur Company e era ocupado por mais ou menos dezoito homens com suas famílias, dirigidas pelo Senhor Boubeau".[20]

Descobrindo que a margem esquerda do Platte não mais poderia ser seguida os pioneiros conseguiram, por 15 dólares, usar a barcaça da companhia de peles, gastando então três dias para transportar os setenta e três carroções a outra margem do Platte.

Em Forte Laramie os pioneiros receberam as primeiras notícias do mundo exterior. Parte da companhia Mississippi já estava há duas semanas em Forte Laramie, aguardando a chegada de Brigham Young. A companhia Missis-

19. Roberts **Comprehensive History of the Church,** Vol. III, p. 184.

20. Diário de Orson Pratt, dia 1 de junho

Um desenho do Forte Laramie, situado mais ou menos na metade da rota dos pioneiros até o Grande Lago Salgado. Gentileza da Utah State Historical Society.

sippi era formada de conversos do Condado de Monroe, Mississippi. Sob instruções de Brigham Young tinham iniciado a jornada rumo oeste, em abril de 1846, a fim de reunir-se com o corpo principal dos Santos em sua jornada às montanhas. Em Independence, Missouri, juntaram-se a alguns Santos de Illinois, indo então a companhia em direção ao Forte Laramie. Como o grupo principal dos Santos não veio em direção oeste, os mórmons do Mississippi, foram em direção sul, para Pueblo, onde passariam o inverno. Lá uniu-se a eles parte do batalhão mórmon, que por motivo de doença foi a Pueblo invernar. Na primavera de 1847 toda a companhia dos Santos do Mississippi e os membros do batalhão, com suas famílias, rumaram ao Forte Laramie para interceptar as companhias avançadas da Pioneiros. A maior parte deste grupo ainda estava a alguma distância do dito forte.

Um grupo de quatro homens atrasou-se para se encontrar com o destacamento do batalhão mórmon e o restante dos Santos do Mississippi. Em Forte Laramie, os pioneiros ficaram sabendo que a emigração para Oregon e Califórnia, naquele ano, havia sido grande. Aproximadamente 2.000 carroções haviam passado entre o rio Missouri e o Forte Laramie.

Ao deixar o Forte Laramie os Santos seguiram a Trilha de Oregon até o Forte Bridger. Naquela grande estrada encontraram freqüentemente grupos carregados com peles viajando para o leste. Também diversas caravanas em rota para Oregon foram encontradas.

A Escolha do Vale do Lago Salgado

É difícil determinar quando o Vale Salgado foi escolhido como o futuro lar dos Santos. Em 1842, Joseph Smith disse, em uma profecia, que os Santos iriam em direção Oeste, para as Montanhas Rochosas, sem contudo designar um lugar especial. Na primavera de 1844 ele começou o movimento emigratório, enviando 25 homens para explorar a "Grande Bacia". No entanto, não há nada indicando que tivesse tido o Vale do Lago Salgado em mente.

Depois da morte do Profeta aumentou a incerteza quanto à futura localização dos Santos. Brigham Young e os Doze chegaram até mesmo a escrever uma carta ao governador de Arkansas, pedindo sua sanção no estabelecimento dos Santos naquele estado.[21] O pedido foi polidamente recusado. Arkansas não queria passar pelos mesmos dissabores de Missouri e Illinois.[22]

As mesmas respostas foram dadas a pedidos que fizeram a outros estados. Pela correspondência da Igreja nos anos de 1845 - 1846, era evidente que o desejo principal dos Santos era ir a uma região onde fossem livres e, como a "Grande Bacia" fosse o único lugar que oferecia tal oportunidade, seria lógico esperar sua escolha.

O Oregon e a Califórnia estavam ficando rapidamente superpovoados com emigrantes do Missouri, Illinois e Iowa, para que Brigham Young desejasse para lá dirigir-se, quando a Grande Bacia demostrava ser habitável. Os líderes levavam em consideração coisas mais importantes do que as oportunidades de enriquecimento que o lugar a ser escolhido poderia oferecer.

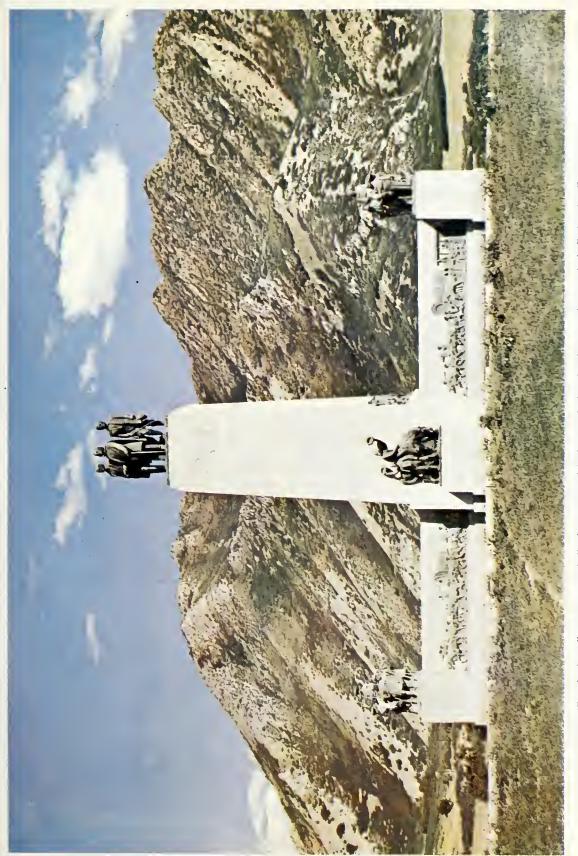
À medida que os Santos adquiriram conhecimento sobre o Vale do Lago Salgado começaram a ficar interessados. O motivo... Eles não o sabiam. Certamente os relatos sobre o vale não encorajavam o estabelecimento de um povo numeroso. Mesmo assim, um retrato mental do mesmo permanecia em suas mentes, tornando-se mais nítido depois que partiram de Forte Laramie.

A 8 de junho a Pioneiros encontrou-se com uma pequena caravana carregada com peles, viajando para o leste, que partira do Forte Bridger, dirigida por James H. Grieve.

Brigham Young assim relata:

"James H. Grieve contou-nos que o Forte Bridger estava localizado a 500 quilômetros a

---

21. Veja Golder, **The Mormon Battalion**, p. 41.
    Carta do Conselho dos Doze ao governador Drew de Arkansas.
22. **Ibid.**, p. 46. Resposta do governador Drew a Brigham Young.

"Este é o lugar", monumento dedicado no centenário da entrada dos pioneiros ao vale, através do Emigration Canyon, no dia 24 de julho de 1847.

oeste, que os habitantes das montanhas podiam cavalgar de Bridger ao Lago Salgado em dois dias e que a região de Utah era linda".[23]

O Sr. Grieve disse-lhes da existência de um barco feito de peles, o qual estava escondido no rio, dando-lhes permissão para usá-lo no cruzamento do rio.

A 9 de junho a Pioneiros foi alcançada por uma caravana de 15 a 20 animais de carga, dirigindo-se à baía de São Francisco, via Lago Salgado.[24]

A 12 de junho a companhia principal da Pioneiros alcançou Black Hills, onde a Trilha de Oregon cruzava o Platte. A companhia avançada da Pioneiros, que havia sido enviada na frente para a travessia, estava ocupada transportando emigrantes de Oregon. Para este fim os pioneiros estavam usando um barco de couro, chamado **"Revenue Cutter"**, que haviam trazido através das planícies em um carroção. Carregava de cada vez de 650 a 800 quilos. Para fazer a travessia do grupo de emigrantes, os pioneiros receberam:

483 quilos de farinha de trigo ao preço de dois centavos e meio de dólar o quilo; cereais, feijão, sabão e duas vacas, dando tudo um total de 78 dólares.[25]

Sobre a ocasião Wilford Woodruff escreveu:

"Para mim aquilo parecia um milagre; ver nossas provisões de cereais e trigo reabastecidas no meio de Black Hills, assim como Deus alimentou os filhos de Israel no deserto".[26]

Vendo a possibilidade de obter lucros com a instalação de uma balsa para a travessia naquele local do rio, a Pioneiros construiu uma bem grande, deixando-a sob o controle de dez homens, dirigidos por Thomas Grover.[27]

Grupos Encontrados em South Pass

A companhia Pioneiros seguiu rio acima em direção a South Pass, uma vasta região a mais ou menos 2000 metros acima do nível do mar.

James Bridger, entrevistado pelos pioneiros sobre a Grande Bacia.
Gentileza da Utah State Historical Society.

"Foi com grande dificuldade que pudemos determinar a parte de terra que divide as águas do Oceano Atlântico das do Oceano Pacífico... Em South Pass, por uma extensão de aproximadamente 320 km, a planície era ondulada e densamente coberta com salvas de 50 a 60 cm de altura".[28]

Perto de South Pass a companhia encontrou-se com o major Moses Harris e um grupo procedente de Oregon. Harris tinha um grande conhecimento das montanhas, tendo deixado os pioneiros familiarizados com o Vale do Lago Salgado. Orson Pratt assim relata:

"Dele obtivemos muitas informações relativas a Lago Salgado, o nosso novo lar. Seu relato, bem como o do capitão Fremont, é um tanto desfavorável à formação de uma colônia nesta

23. **History of Brigham Young,** Ms., 1847, p. 92.
24. Diário de Orson Pratt, dia 9 de julho.
25. **History of Brigham Young,** Ms., 1847, p. 94.
26. Diário de Woodruff, dia 13 de junho.
27. (Nota) A balsa era principalmente para uso das grandes caravanas de Santos que viriam mais tarde. Entre aquele dia, 18 de junho e 1º de julho, 500 carroções com 1.533 Santos, deixaram o rio Elkhorn para seguir a trilha aberta pelos pioneiros. Estas companhias tinham 2.213 bois, 124 cavalos, 887 vacas, 358 ovelhas, 716 galinhas e um grande número de porcos.

28. Diário de Orson Pratt, dia 26 de junho de 1847.

área, especialmente porque há muita escassez de madeira. Contou-nos que percorreu toda a circunferência do lago, não encontrando saída".[29]

Harris tinha consigo algumas cópias de jornais de Oregon e uma cópia do "California Star", publicado por Samuel Brannan.

Ainda próximo de South Pass a companhia encontrou-se com Thomas L. Smith, proprietário de um posto de trocas no rio Bear. Thomas descreveu-nos o lago Bear e os vales Cache e Marsh, lugares em que já havia negociado. Mais tarde, Erastus Snow assim descreveu:

"Ele honestamente nos aconselhou a dirigir nosso curso em direção noroeste de Bridger e rumarmos para Cache Valley; tanto falou sobre o local que fomos induzidos a entrar em acordo com ele, combinando de nos encontrarmos, dali a mais ou menos duas semanas, em um local já determinado, para ser nosso guia através daquela região. Mas, por alguma razão que até agora não é de meu conhecimento, ele faltou ao encontro; sinceramente, reconheço nisso uma providência de nosso Pai Celestial. A inspiração que tivemos foi de, ao invés de irmos a noroeste de Bridger, irmos a sudoeste".[30]

Dois dias depois os pioneiros encontraram-se com aquela figura característica do oeste, James Bridger. Bridger era, naquela época, a pessoa mais conhecida das montanhas, com um ótimo conhecimento da região. Os pioneiros esperavam conversar com ele, mas pensavam poder encontrá-lo somente em sua casa - Forte Bridger. Sabendo que os mórmons queriam falar-lhe, sugeriu que acampassem para ao anoitecer discutirem. Sobre o assunto, várias versões foram dadas. Orson Pratt assim relata:

"Sendo um homem de grande conhecimento do interior da região, fizemos-lhe várias perguntas relativas à grande bacia lá existente, e às outras partes da região. Sua sinformações foram mais favoráveis que as do major Harris".[31]

Brigham Young adiciona em seu diário:

"Bridger considerava imprudência trazer uma grande população àquela região, até que se pudesse ter certeza de que o cultivo de cereais fosse lá possível; disse que daria 1000 dólares por um alqueire de milho cultivado naquela região".[32]

O Presidente Young respondeu: "Espere um pouco e lhe mostraremos!"

A afirmação de Bridger, quanto ao cultivo de milho, não foi absolutamente para desencorajar os Santos, mas para expressar uma esperança de que isso pudesse ser feito com sucesso.[33]

Este ponto de vista é expresso por Wilford Woodruff em seu diário:

29. Diário de Orson Pratt, dia 26 de junho.
30. Erastus Snow, Utah Pioneers, pp. 44-45.

31. Diário de Orson Pratt, dia 28 de junho.
32. **History of Brigham Young**, Ms., Livro 3, p. 95.
33. Erastus Snow, **Utah Pioneers**, p. 43.

Um desenho do Forte Bridger, onde os pioneiros chegaram no dia 9 de julho de 1947.

Gentileza de Utah State Historical Society.

"Ele (Bridger) foi mais favorável a nosso estabelecimento naquele local do que o Major Harris: disse-nos que **ali era seu paraíso** e que se este povo (os Santos) lá fosse estabelecer-se, ele também iria. Mas havia algo que poderia ir contra o estabelecimento dos Santos, impedindo-os de transformar aquele local numa próspera região, e esse algo seriam as geadas. Ele pensava que as geadas viriam a matar o milho".[34]

Desde o encontro com Bridger, na mente dos pioneiros só havia um lugar para o estabelecimento dos Santos - o Vale do Lago Salgado.

De South Pass até o rio Green foi a parte mais agradável da jornada; a grama estava alta e havia abundância de animais para a caça. Os declives das colinas aliviaram os animais e descansaram os homens.

O Encontro com Samuel Brannan

No rio Green foi necessário construir outra balsa. Enquanto os pioneiros lá estavam acampados, Samuel Brannan foi ter com eles, tendo saído da Califórnia com dois companheiros e cruzado as montanhas. Brannan cumpriu uma jornada difícil e perigosa de 1.300 quilômetros, para encontrar-se com os líderes da Igreja e persuadi-los a irem para a Califórnia. Trouxe notícias do malogrado grupo de Donner, do qual a maior parte dos componentes pereceu nas montanhas, enquanto muitos dos sobreviventes se tornaram canibais.

Os esforços de Brannan para convencer Brigham Young de que seria prudente irem para o vale de Sacramento foram inúteis. O grande líder já se havia decidido. Sabia para onde iria. Brannan permaneceu com os pioneiros até atingirem o Vale do Lago Salgado, e tornou-se evidente que nada modificaria o pensamento dos Santos. Desapontado, retornou à Califórnia e logo depois abandonou a Igreja. A recepção que os Santos deram a Brannan não foi cordial, pois lembraram-se do contrato que ele havia feito com A. G. Benson e Cia., o qual veio a ser um grande peso sobre seus ombros.

De rio Green, cinco voluntários voltaram para guiar o grupo principal dos Santos, que estava a estas alturas em algum lugar nas planícies.

Um pequeno destacamento de Pueblo, do batalhão mórmon, também alcançou a companhia no rio Green. Traziam notícias sobre a companhia de Pueblo, que estava a apenas sete dias de viagem. Os membros do batalhão ainda estavam a soldo do exército dos Estados Unidos e haviam recebido ordens para dirigir-se a oeste da Califórnia. Thomas S. Williams, um oficial do batalhão, e Samuel Brannan, ficaram um pouco atrás para esperar o batalhão e conduzir seus membros ao local designado. Como o tempo de alistamento havia expirado,

Orson Pratt e Erastus Snow dão um grito de alegria ao avistarem o Vale do Lago Salgado. (Uma das partes do monumento intitulado "Este é o Lugar").
Gentileza da Utah State Historical Society.

---

34. Diário de Woodruff, dia 28 de junho.
35. Veja **Millennial Star**, Vol. 12, p. 161.

ao atingirem o Lago Salgado deram baixa do serviço militar.

A companhia atingiu Forte Bridger a 9 de julho. Daí para a frente os pioneiros deixaram a Trilha de Oregon, seguindo a trilha, muito mal feita, deixada pelo grupo de Donner um ano atrás. Esta rota era chamada a "nova rota do senhor Hastings para a baía de San Francisco", sendo a mais curta para o vale do Lago Salgado. A 10 de julho a companhia encontrou-se com Miles Goodyear, que estava servindo de guia a um grupo que viajava a leste de San Francisco. Goodyear tinha, na entrada de Ogden Canyon, ao lado da atual cidade de Ogden, o que ele chamava de uma fazenda. Tinha o vale do Lago Salgado como um promissor lugar de estabelecimento.

"Ele também", diz Erastus Snow, "não poderia dar-nos qualquer ajuda; ao contrário, contou-nos das pesadas geadas, do clima frio, da dificuldade de cultivar cereais e vegetais em qualquer lugar daquela região. Foi dada a ele a mesma resposta dada ao sr. Bridger:- Dê-nos tempo e nós lhe mostraremos".[36]

Rumo ao Vale do Lago Salgado

Do rio Green em diante diversas pessoas adoeceram em virtude da febre das montanhas. Presidente Young foi gravemente atacado pela doença, tendo ficado atrás, juntamente com oito carroções, enquanto a companhia principal ia à frente. Orson Pratt foi mandado adiante com 42 homens para preparar a rota. A escolhida foi uma que passava perto daquela seguida pelo grupo de Donner até o vale do Lago Salgado, pois Goodyear relatou que Weber Canyon era inacessível para os carroções. Orson Pratt desceu o Canyon do Eco, tendo, depois de alguma dificuldade, passado através do East Canyon e pela "Big Mountain", cujo topo é atualmente conhecido como Parley's Canyon. Daí em diante a estrada cortava a "Little Mountain", no Emigration Canyon, chamado por eles "Last Creek". Do topo da Big Mountain, a 19 de julho, tiveram a primeira visão do vale do Lago Salgado. O grupo principal dos pioneiros agora estava perto, atrás da companhia de Orson Pratt. O Presidente Young mandou uma mensagem a Orson Pratt, para que se dirigisse a Lago Salgado, preparasse o lado noroeste e começasse o plantio das batatas, pois a época de plantação já estava quase no fim e ele desejava ter uma colheita para o próximo ano. Então Orson Pratt se dirigiu a noroeste. Deixando seu grupo no dia 21 de julho foi adiante, acompanhado por Erastus Snow. De uma colina, à entrada do Emigration Canyon, obtiveram uma linda vista do vale. Orson Pratt relata:

"O Sr. Snow e eu subimos a colina, de cujo topo um extenso vale, com cerca de 32 quilômetros de extensão e 48 de comprimento surgiu à nossa frente. Ao norte do vale brilhavam as águas do Grande Lago Salgado, refletindo os raios do sol. No lago vimos ilhas montanhosas de 40 a 50 quilômetros de comprimento. Depois de termos estado nas montanhas por vários dias, onde permanecemos como mudos, não pudemos impedir que um grito de alegria escapasse de nossos lábios ao descortinar agora tão lindo cenário".[37]

Divisando algo que se parecia com um campo de cereais, a alguma distância ao sul, dirigiram-se até o local. Encontraram apenas juncos que cresciam às margens do local hoje conhecido como Mill Creek. Tinham somente um cavalo, o qual Orson Pratt usou para ir onde é atualmente a Cidade do Lago Salgado, enquanto Erastus Snow caminhou de volta ao Canyon para procurar um paletó que havia perdido. No dia seguinte a companhia adiantada adentrou o vale e, a 23 de julho, formaram um acampamento no lugar atualmente ocupado pelo edifício da prefeitura municipal. Orson Pratt reuniu o grupo e dedicou a terra, rogando as bênçãos de Deus sobre a semente que iriam plantar. Foi uma oração de agradecimento que tocou os corações de todos os presentes.

Em seguida à dedicação, os homens

---

36. Diário de Erastus Snow, dia 10 de julho.

37. Diário de Orson Pratt, dia 21 de julho.
(Nota) Goodyear reclamou um grande lote de terra concedido pelo governo mexicano. Estes direitos foram mais tarde comprados pelos membros do batalhão mórmon e a colonização de Ogden teve início.

foram divididos em grupos, alguns para limpar o solo das folhas secas, preparando-o para a lavradura; outros para descarregar os carroções e arar o campo; outros para organizar um acampamento e tomar conta das provisões. Uma companhia foi designada para construir uma represa, com o fim de irrigar a terra. Este foi o começo da irrigação de Utah e a transformação do deserto em um jardim. No primeiro dia diversos hectares foram irrigados e algumas batatas foram plantadas.

No dia seguinte, 24 de julho de 1847, Brigham Young e a companhia principal dos pioneiros chegaram ao vale. Não houve demonstração especial em sua chegada. O próprio relato de Brigham Young diz:

> "24 de julho: Comecei cedo esta manhã. Às duas horas da tarde acampamos com o grupo principal. Mais ou menos ao meio-dia os dois hectares onde seriam plantadas as batatas estavam irrigados e os irmãos começaram o plantio. Às cinco horas caiu um aguaceiro, acompanhado de trovões e um forte vento".[38]

Wilford Woodruff relata que:

> "Quando saimos do Canyon e tivemos uma visão total do vale, virei meu carroção para oeste, e o Presidente Young levantou-se de sua cama e olhou para a região. Enquanto olhávamos pasmados para o cenário à nossa frente, ele foi por vários minutos, tomado por uma visão. Tinha antes, em uma outra visão, visto o vale, e agora via a futura glória de Sião e Israel plantada nos vales destas montanhas. Quando a visão passou, ele disse: "Isto é bastante. Este é o lugar certo. Vamos para a frente!""[39]

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** pp. 122-231. (Uma rica e indispensável fonte de informações e uma interessante história, que estimula e desafia).

2. **Ibid.,** pp. 124-128. (Um projeto para conseguir dinheiro através do interesse dos conversos ingleses no movimento dos mórmons para oeste).

3. **Ibid.,** pp. 140-142 (O problema do transporte das provisões durante a jornada para o oeste).

4. **Ibid.,** pp. 163-164. (Os que foram com a primeira companhia de pioneiros e o que levaram consigo).

5. **Ibid.,** pp. 164-167. (A seqüência da jornada dos pioneiros. Interessantes detalhes pessoais que tornaram esta jornada humana e real).

6. **Ibid.,** p. 168. (Um relato do diário do irmão Wilford Woodruff, dia 4 de maio de 1847. Este relato revela-nos o alto espírito desses pioneiros em suas decisões).

7. **Ibid.,** pp. 174-175. Notas 40, 43. (As manadas de búfalos).

8. **Ibid.,** pp. 181-182. Leia nota 56. "Mais visitantes vermelhos" (Dê-se especial atenção ao modo como os índios usavam a bandeira).

9. **Ibid.,** pp. 182-184. Notas 57, 61, 62. Atentar especialmente ao relato de Brigham Young, na p. 184. ("O dia do Senhor — a repreensão de Brigham Young". É interessante notar as idades dos componentes desta companhia de pioneiros. Note a natureza de seus divertimentos. A pronta repreensão do Presidente Young).

10. **Ibid.,** Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young**, pp. 81-82. ("Não há música no inferno. A música pertence ao paraíso, para alegrar a Deus, aos anjos e aos homens").

11. **Ibid.,** pp. 84-85. (As mulheres da primeira companhia de pioneiros. Sofrimentos que passaram na luta por uma causa justa).

12. **Ibid.,** p. 90. Último parágrafo. (Uma divertida ilustração do Presidente Young, mostrando seu senso de humor e sua grande sabedoria).

13. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 271-275. (Os índios causam medo, roubam, brigam. Caçadas aos búfalos. Irmão Woodruff sentia-se muito contente, nas caçadas).

---

38. **History of Brigham Young,** Ms. 3, Diário do dia 24 de julho de 1847.
39. **Utah Pioneers,** p. 23.

14. Evans, **One Hundred Years of Mormonism**, pp. 439-442.

15. Smith, **Essentials in Church History**, pp. 356-370 (Pioneiros) o papel de Porter Rockwell em meio a isso tudo.

16. Walt Whitman, **Leaves Of Grass.** Pioneiros! Oh Pioneiros! (Este notável poema de Whitman é, de fato, um dos grandes e merecidos tributos dedicados aos pioneiros. Está escrito em muitas antologias e coleções de poemas. Em **Heart of Mormonism**, p. 332, Evans cita dois de seus versos).

17. Evans, **Heart of Mormonism**, pp. 332; 362-366. (Brigham Young, o pioneiro dos pioneiros).

18. Roberts, **Life of John Taylor,** pp. 188-197. (Nestas páginas poderão encontrar: história, humor, canções ou poesias, trechos de biografias, fatos valiosos e de reais significados, revelando a vida e o caráter destes pioneiros. Revelando em especial John Taylor, um grande e valoroso pioneiro. Roberts diz: "Foi um grande empreendimento levar mais de quinze mil almas, das quais a maior parte era composta de mulheres e crianças, a uma região desconhecida, enfrentando pelo caminho tribos de índios selvagens").

19. James A. Little, **From Kirtland to Salt Lake City**, pp. 53-54 (Descrição de Zina D. Young, dos sofrimentos em Mount Pisgah e nas planícies).

20. **Ibid.**, pp. 74-75. O povo se alimenta de codornizes.

20. **Ibid.**, pp. 82-83. (Descrição de Orson Pratt das grandes manadas de búfalos e outros animais encontrados nas planícies).

22. **Ibid.**, pp. 42-48 (Sofrimentos dos Santos em Sugar Creek).

CAPÍTULO 31

UM NOVO LUGAR DE COLIGAÇÃO

O Desafio da Grande Bacia

É fácil esquecer que os ricos vales de Utah, com seus campos muito bem irrigados, faziam, em 1847, parte do grande deserto americano; que o Vale do Lago Salgado era, naquela época, considerado imprestável para o plantio e inadequado para a habitação de uma grande população.

Quando os pioneiros dirigiram seus carroções até o local onde hoje é a Cidade do Lago Salgado, o solo do vale era seco e sem nenhuma árvore. Folhas secas, o habitat natural do grande coelho americano e da cascavel, que se espalhavam em todas as direções até tornar-se uma névoa acinzentada por sobre os montes distantes. O quente sol de julho havia queimado a grama e endurecido o solo. Tivessem os Santos chegado enquanto o frescor da primavera ainda estava no ar e tudo seria mais agradável. Entretanto, um calor seco e abrasador deu-lhes as boas-vindas, batendo nas finas cobertas de lona dos carroções que acobertavam as mulheres e crianças e oferecendo-lhes impiedoso desafio.

Durante séculos os quentes raios do sol de verão e as fortes rajadas do vento de inverno dominavam esta vasta região. Algumas tribos de índios, com sua pele de tal modo bronzeadas, de forma a já não sentir os rigores do sol e do vento, a custo conseguiram manter sua existência. Alguns intrépidos caçadores haviam, por mais ou menos trinta anos, tirado dali tudo o que o vale aparentemente podia dar — suas peles. Mas a grande bacia continuava inconquistável, apresentando um desafio à civilização, ao talento do homem, à sua habilidade de sobreviver. Quando os mórmons aceitaram este desafio, muitos disseram que o deserto sairia vencedor. Tyler relata que Samuel Brannan disse, em setembro de 1847, na serra Nevada, ao encontrar-se com os membros do batalhão mórmon, o seguinte:

"Os Santos, de modo algum, poderão sobreviver no Vale do Grande Lago Salgado. De acordo com o que afirmaram os habitantes das montanhas, naquela região a temperatura é baixa em todos os meses do ano, e o solo é muito seco, e as sementes não conseguem germinar sem que sejam irrigadas. E se forem irrigadas com as águas geladas dos rios das montanhas, as sementes congelarão, o que lhes impedirá o crescimento, e se crescerem seriam bastante fracas e não chegariam a amadurecer. Ele acha que o vale não é lugar para um povo agrícola, e que os Santos devem emigrar para a Califórnia na próxima primavera. Quando perguntaram se havia transmitido seu ponto de vista ao Presidente Young, respondeu que sim, mas que sua opinião não foi levada em conta; porém, disse Brannan, quando ele estiver cansado de tentar, reconhecerá que estava errado e que eu estava certo, aí então virá para a California".[1]

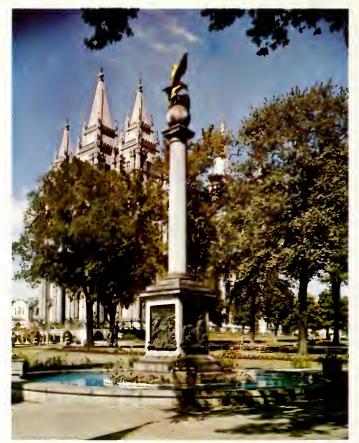
A homens de visão o Vale do Lago Salgado apresentava grandes oportunidades, as quais, para poderem ser aproveitadas, exigiriam muitos anos de trabalho e sofrimento. Para as mulheres foi um quadro de grande desolação. Muitas foram as lágrimas derramadas por corajosas mulheres que, ao fim de uma dura jornada, só encontraram terras áridas. Diz-se que Clara Decker Young, esposa do líder assim falou:

"Viajei 1.900 quilômetros para chegar a este vale, fazendo a maior parte do percurso a pé, no entanto, estou disposta a andar o mesmo tanto, para não ficar aqui".

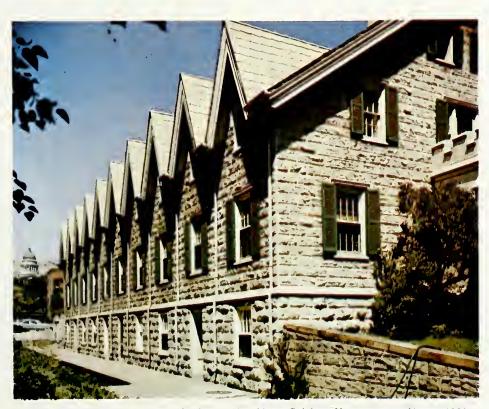
Não foi somente o Vale do Lago Salgado o escolhido para o novo lar dos Santos, mas toda a Grande Bacia daqual o vale era apenas uma pequena parte. O Dr. Talmage assim descreve esta bacia:

"A região que leva este nome é de um contorno triangular, cujo vértice está voltado para o sul. Os lados mais compridos do triângulo estendem-se por cerca de 1416 quilômetros de exten-

---

1. Tyler, **History of the Mormon Battalion,** p. 315.

MONUMENTO ÀS GAIVOTAS, localizado na praça do templo, comemora o papel desempenhado pelos ditos pássaros ao livrarem os Santos da praga de gafanhotos

LÍRIOS SEGO, designados pelo legislativo como a flor-símbolo do estado de Utah, por proverem suas raizes alimento para os pioneiros. Gentileza do Professor B. F. Larsen

O PORTÃO DA ÁGUIA, originalmente dava entrada às terras de Brigham Young até que em 1960 foi acidentalmente danificado e removido de seu local de origem

A CASA DOS LIONS, lar das famílias do Presidente Brigham Young, construído em 1856

são em direção sudeste e noroeste, tendo 920 quilômetros no ponto em que é mais largo, no sentido leste-oeste. A área abrange aproximadamente 544.000 quilômetros quadrados, compreendendo a metade ocidental de Utah, uma grande parte de Nevada, alguns trechos da parte leste da Califórnia, do sudeste do Oregon e de Idaho e do sudoeste de Wyoming".[2]

Esta vasta área não possuía drenagem externa; toda a água da região perdia-se nas areias, evaporava-se ou ia para os riachos e lagos, os quais tornaram-se salgados através de anos de evaporação.

Os Primeiros Exploradores da Grande Bacia

Com destino a esta grande bacia veio o padre espanhol, Escalante, no mesmo ano que as colônias americanas se declararam independentes da Inglaterra em 1776. Em uma jornada de quatro meses, o grande padre católico deixou Santa Fé, cruzou a parte ocidental do Colorado, subiu os vales da Uintah, Duchesne e Strawberry, desceu o Spanish Fork Canyon, chegando ao vale de Utah, ao qual deu o nome de "Vale e Lago de Nossa Senhora das Graças de Timpanogotsis.[2a] Depois de pregar aos índios e fazer algumas observações, o grupo de Escalante dirigiu-se ao Sul, para Monterey, mudando seus planos. Escalante retornou a Santa Fé, onde chegou a 2 de janeiro de 1777.

Mais uma vez a grande bacia tornava-se perdida para o homem. Diversos rios e lagos já tinham nomes, mas, a região era tão inconquistável quanto antes.

Perto de meio século se passou antes que o homem branco novamente atingisse o coração desta vasta zona. Começando mais ou menos em 1820 os caçadores de peles adentraram a grande bacia. Poderosas companhias de peles disputavam o controle dos ricos depósitos de peles, enquanto diplomatas de três nações, polidamente, davam os primeiros passos para que sua nação tirasse proveito da disputada região. Duas décadas depois, porém, quando os animais de pele principiavam a desaparecer, a grande bacia foi quase totalmente esquecida.

2. Talmage, **The Great Salt Lake, Present and Past.** p. 88.
2ª Timpanogotsis: nome de uma tribo de índios que habitava a região.

O período dos caçadores de peles deixou sua marca. Peter Skeen Ogden, empregado da British Hudson Bay Fur Company, caçou por toda a área onde hoje é a parte norte de Utah, fazendo diversos e grandes esconderijos de peles, tendo o local sido conhecido por vale do esconderijo. Um outro esconderijo foi feito aos pés da cordilheira Wasatsh, onde atualmente se localiza a cidade de Ogden, que foi, durante algum tempo, um posto de trocas.

Etienne Provost, (pronuncia-se Provô), deu seu nome a um rio e mais tarde a uma cidade que fica no local onde dezessete de seus homens perderam a vida, vítimas de uma emboscada dos índios.

O General Ashley, fundador da Rocky Mountain Fur Company, deu seu nome a um vale e a um rio. De James Bridger, que foi um dos primeiros e o último homem das montanhas, nós já falamos.

Nenhum destes homens veio à região para construir seu lar ou conquistar o solo. Tampouco o coronel Fremont e o Capitão Bonneville, que vieram ao vale antes dos Santos, fizeram por ele mais que adicionar ao mundo informações sobre esta área estéril.

Os Santos vieram até a grande bacia para nela estabelecer seus lares, para tirar sustento de seu solo, preservar sua fé, mesmo que para tal tivessem que lutar pela conquista de um deserto.

Não fosse desejo dos Santos professar sua fé sem serem molestados, a grande bacia não teria sido habitada em 1847 e, talvez, por muitos outros anos. A história nos mostra que as tentativas de estabelecimento de comunidades agrícolas em áreas similares nos Estados Unidos, onde as colonizações não eram encorajadas por tamanha fé religiosa, não passaram de uma seqüência de fracassos. Esta fase do estabelecimento na grande bacia será contada com maiores detalhes em outro capítulo.

Fundando a Primeira Cidade

Quando os Santos levantaram suas tendas no local onde é hoje a Cidade do

Lago Salgado, o fizeram em terras anteriormente pertencentes ao México. O tratado de paz com aquele país, através do qual a Grande Bacia veio a se tornar parte dos Estados Unidos, não foi assinado até o dia 2 de fevereiro de 1848. Na verdade a região não pertencia a nenhuma nação. Nenhuma lei do governo jamais havia sido lá aplicada. Os mexicanos chamavam a região de Alta Califórnia, sendo o governo mexicano, em Monterey, seu administrador oficial. Miles Goodyear havia ganho do governo mexicano algumas terras de considerável extensão. Situavam-se onde é hoje Ogden, tendo lá Goodyear vivido sem nunca ser molestado pelo governo ou por qualquer lei.

Os Santos estabeleceram sua própria lei e seu próprio governo. O primeiro Dia do Senhor, passado no Vale, teve, como é de costume, os serviços religiosos pela manhã e à tarde, tendo o sacramento sido distribuído. Diversos dos Apóstolos fizeram pregações. A lei do Senhor seria a lei daquela terra. "Os irmãos foram exortados", diz Wilford Woodruff, "a dar atenção a conselhos, a esquecer o egoísmo, viver modestamente e guardar os mandamentos do Senhor, para que pudessem prosperar na terra".[3]

Naquele dia Brigham Young estabeleceu os princípios que iríam governar a posse das propriedades no vale. Fazendo justiça aos milhares de Santos que ainda estavam nas planícies, o presidente determinou que ninguém se apossasse ou monopolizasse os recursos do vale.

"Ninguém deverá comprar ou vender terra. Todos deverão ter terras de cultivo, podendo cultivá-las como acharem melhor, mas deverão ser laboriosos e tomar conta de suas posses".[4]

Esta lei da terra é idêntica à usada em Garden Grove e Mount Pisgah, onde Brigham Young adicionou: "Se alguém não cultivar sua terra, ela lhe será tirada".[5]

Também ficou estabelecido que a madeira lá encontrada pertenceria à comunidade e não a determinadas pessoas. Esta madeira deveria ser conservada; somente as árvores velhas e de raízes já mortas seriam cortadas para lenha.

A água também pertencia à comunidade. Poderiam apropriar-se da quantia necessária para as necessidades de cada um e para a irrigação, mas, sem exagero. Esta teoria do uso da água veio gradativamente transformar-se no que é conhecido por "teoria da apropriação dos direitos da água", sendo, atualmente, a base da lei de irrigação em quase todo o oeste dos Estados Unidos.

Durante o ano de 1847, não foi feita qualquer tentativa para a possível instalação de um governo civil.

Antes da seleção definitiva do local da cidade, grupos de exploradores foram enviados a curtas distâncias em diversas direções. Alguns foram para as montanhas e localizaram ótima madeira. Outros investigaram o rio que fluía para o Grande Lago Salgado. Alguns banharam-se nas águas salgadas do lago, ficando surpresos com a extrema densidade da água, que os fazia flutuar, sem afundar.

Presidente Young, que estava em companhia de muitos dos Doze e outros, escalou um pico que ficava ao norte. Foi sugerido que este pico ficasse como uma insígnia, portanto, Brigham Young deu-lhe o nome de "Ensign Peak". Seria a insígnia do Reino de Deus.

Aos Santos, reunidos no topo do pico, parecia que a antiga profecia de Isaías estava para ser cumprida.

"E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros: e concorrerão a ele todas as nações".

"E virão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor".[6]

---

3. Diário de Woodruff, dia 25 de julho de 1847.
4. Diário de Wilford Woodruff, dia 25 de julho de 1847.
5. **History of Brigham Young, Ms.** p. 110.

6. **Isaias,** 2: 2-3.

"Porque há de acontecer naquele dia que o Senhor tornará a estender a sua mão para adquirir outra vez os resíduos do seu povo... e levantará um pendão entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra".[7]

"Vós, todos os habitantes do mundo, e vós os moradores da terra, quando se arvorar a bandeira nos montes o vereis; e quando se tocar a trombeta, o ouvireis".[8]

Nenhuma bandeira foi alçada no Ensign Peak, mas, na mente do povo, um novo estandarte havia sido desfraldado a todo o mundo. Inspirado por esta idéia Parley P. Pratt mais tarde escreveu:

No Monte a bandeira se alteia já.
Com júbilo proclama: "O Senhor virá".
Remidos de Sião cantai,
Nos altos montes exultai.

Cumprindo, nosso Deus, o que profetizou,
Nações agora olhai: o véu se levantou
E a nós virá a grande luz,
Que preconiza a Jesus.

Seu templo soerguido em Sião está
E sobre as Montanhas se exalçará
Queremos nele a Deus servir
Verdade eterna descobrir.

Ali Deus ouvirá as nossas petições,
Preceitos fundirá em nossos corações.
E este dom de amor traduz
Eterna salvação e luz.[9]

A Cidade do Grande Lago Salgado

O resultado da breve exploração ao local da cidade deixou os Santos satisfeitos, enchendo-os de otimismo para o futuro. A 28 de julho os membros do Conselho dos Doze se reuniram e designaram o local para o templo, entre as duas bifurcações de City Creek. A pedido de Orson Pratt foi, por unanimidade, votado que o templo seria construído no local designado. Na mesma ocasião os apóstolos decidiram que a cidade seria dividida em quadras de quatro hectares cada uma, com ruas de quarenta metros de largura cortadas em ângulos retos. As quadras seriam divididas em lotes, cada um com meio hectare. Em cada lote seria construída uma casa a qual conservaria uma distância de seis metros da linha da rua, para que houvesse uniformidade por toda a cidade. Uma quadra sim, outra não, construídas quatro casas do lado oeste e quatro do lado este. As quadras intermediárias teriam quatro casas no lado sul e quatro no lado norte. Este plano seguiu as instruções deixadas por Joseph Smith para as cidades de Sião.

Quatro lotes de 4 hectares cada seriam transformados em praças públicas. Os planos para a construção da nova cidade foram apresentados a todo o grupo, sendo por unanimidade aceitos.

A 2 de agosto de 1847, Orson Pratt começou a medir a cidade. A linha de base da medição de Orson Pratt era a sudoeste da quadra do templo. Mais tarde o governo adotou essa base de linha meridional para a medição de toda a área das montanhas. A medição, feita por Orson Pratt e Henry G. Sherwood, seus cálculos de latitude, longitude e altura, provocam admiração nos modernos agrimensores.

À medida que o tempo foi passando, foram mudadas algumas minúcias no plano da cidade, mas os detalhes principais foram conservados. A cidade foi denominada "Cidade do Grande Lago Salgado". Depois foi mudado o seu nome para Cidade do Lago Salgado.

Durante os primeiros meses depois de terem chegado ao vale, os pioneiros araram trinta e quatro hectares de terra, onde plantaram milho, feijão, batata, trigo, nabo e uma grande variedade de vegetais. A estação de plantio já estava no fim, tornando-se por este motivo difícil uma boa colheita. As batatas dariam apenas para serem usadas como sementes na próxima primavera. Durante o plantio foram construídas vinte e sete casas de troncos de árvores. Foi construído em um lote de 4 hectares um forte onde as 160 famílias pudessem invernar até que suas próprias casas estivessem prontas. O Velho Forte foi construído onde hoje é o Parque dos Pioneiros.

"As paredes tinham sessenta e nove centímetros de espessura, com dois metros e oitenta de altura na parte externa. Era composto de cabanas, uma junta à outra, em forma retangular. A parede leste foi construída de troncos e as outras três de tijolo cru. Cada lado tinha uma abertura

7. **Isaías**, 11: 11-12
8. **Isaías**, 18.3.
9. **Hinos**, nº 48.

para o lado de fora, uma porta e janelas para o de dentro. As entradas principais, que ficavam nos lados leste e oeste, eram cuidadosamente guardadas por pesados portões, que à noite permaneciam trancados".[10]

Mais tarde, no mesmo ano, mais duas quadras foram adicionadas ao forte, uma no lado norte e outra no lado sul. Foi levantado um barracão de nove por doze metros, o qual seria um local de adoração pública, tornando-se depois o primeiro centro da comunidade.

As visitas dos índios, quando começaram a ser muito freqüentes, foram desencorajadas. Brigham Young ordenou que nenhum comércio fosse feito com os índios, a não ser nos acampamentos recém-estabelecidos, onde os índios eram, em sua maioria, da tribo Utes, os quais haviam demonstrado amizade e sem nenhuma propensão para roubar.

Por sugestão de Brigham Young, uma grande maioria dos Santos foi rebatizada, marcando no dia 6 de agosto uma renovação de seus convênios com o Senhor, para guardar Seus mandamentos. Isso não era absolutamente necessário, pois seus batismos, realizados anteriormente, eram perfeitamente válidos, mas, era um símbolo marcante de que realmente queriam viver em retidão.

Na fundação da cidade o heroísmo das mulheres dos pioneiros teve lugar de destaque. Nove mulheres haviam chegado ao Vale de Lago Salgado, juntamente com a companhia de Brigham Young, a 24 de julho. Três delas vieram desde o começo com os pioneiros. As outras seis eram do Mississippi, e estavam entre aqueles que se reuniram com os pioneiros no rio Green. Eram: Elizabeth Crow, Harriet Crow, Elizabeth J. Crow, Ira Vinds Exene Crow, Ira Minda Almarene Crow e Martilla Jane Therlkill.

A parte principal dos Santos do Mississippi e o destacamento de Pueblo do Batalhão Mórmon chegaram ao vale a 29 de julho. Isto veio aumentar em muito o número das mulheres, elevando para 400 o total de Santos estabelecidos no vale. Ao final do ano uma grande parte das 2.095 pessoas lá chegadas eram mulheres.

O primeiro nascimento no novo lar dos Santos foi da menina Elizabeth Steele, filha de John e Katherine Campbell Steele, uma família componente do batalhão; tal fato deu-se no dia 9 de agosto. A segunda criança a nascer foi Hattie Therlkill, da família de George W. Therlkill, um Santo do Mississippi, isto no dia 15 de agosto. A primeira morte também foi nesta família; uma criança de três anos caiu em um riacho e afogou-se, no dia 11 de agosto.

Das mulheres dos pioneiros, o Dr. Charles William Elliott, então presidente da universidade de Harvard, em um discurso no Tabernáculo na Cidade do Lago Salgado, a 17 de março de 1892 disse:

> "Já ocorreu a vocês qual é a parte mais heróica na fundação de uma colônia de pessoas que se dirigem para um lugar deserto a fim de lá estabelecer uma civilização? Talvez pensem que é a parte dos soldados, dos homens armados ou dos trabalhadores. Mas, não, são as mulheres que compõem a parte mais heróica de qualquer nova colônia. Seu trabalho é menor, pois assim também é sua força. Suas ansiedades são maiores, os perigos e os riscos que correm são muitos. Lemos na história das colônias dos peregrinos e puritanos de Massachusetts o seguinte: **"As mulheres morreram mais depressa que os homens; elas sofreram mais"**. Talvez tenham tido uma maior recompensa, também. Deram crianças para a colônia. Rendamos em nossos corações uma homenagem a todas essas mulheres que desafiaram o deserto para estabelecer uma nova comunidade".[11]

O Grupo Principal da Igreja

Enquanto os pioneiros estavam construindo uma estrada através das planícies e montanhas e fundando uma nova cidade, o grupo principal da Igreja ainda estava nas terras índias em Iowa e Nebraska. Além das três companhias que já haviam chegado ao Vale do Lago Salgado, restavam mais dez companhias dos Santos, que se dirigiam ao novo lar. Estas dez companhias continham mais de 1.600 pessoas, com grande predominância de mulheres e crianças. Traziam

10. Smith, **Essentials in Church History**, p. 457.

11. **Deseret Evening News**, dia 17 de março de 1893.

consigo grandes manadas de gado e ovelhas, porcos e galinhas, tendo por esse motivo que mover-se vagarosamente pela trilha deixada pelos pioneiros. Cerca de 13.000 ficaram atrás, em acampamentos temporários.

Do movimento rumo oeste, Brigham H. Roberts, o historiador, assim se expressa:

"Para darmos valor ao heroísmo deste movimento, temos que avaliar os riscos corridos pelas companhias que seguiram os pioneiros. Foi em fins de junho que iniciaram a marcha, muito tarde para o plantio. Suas provisões mal dariam para dezoito meses e se a primeira colheita no novo lar falhasse, seria duro sobreviver, pois estariam de 1.300 a 1.600 quilômetros do lugar mais próximo para obtenção de alimentos, não havendo outro meio de transporte a não ser cavalos e juntas de bois. Foi uma realização árdua, a de mover mais de duas mil pessoas a uma região desconhecida, no meio de tribos de selvagens, cuja amizade era duvidosa. Não fosse pela confiança que tinham na proteção de Deus e este movimento teria sido não somente árduo, mas infrutífero — uma realização de loucos. Mas, este empreendimento foi uma sublime evidência da fé que aquele povo tinha em Deus e em seus líderes".[12]

sob o comando de Pratt e Taylor, nada sabiam sobre o destino dos pioneiros.

Ezra T. Benson e três companheiros partiram do Vale do Lago Salgado a 2 de agosto, para encontrar com os Santos nas planícies e dar-lhes as boas novas sobre a fundação de um novo lugar de coligação.

Como muitos dos pioneiros e membros do batalhão tinham famílias que haviam ficado em Winter Quarters, foram feitos preparativos a fim de para lá retornarem na primavera. A 16 de agosto foi organizada uma companhia para a jornada de retorno. Era composta por 24 dos pioneiros e 46 membros do batalhão, 34 carroções, 72 parelhas de bois, 18 cavalos e 14 mulas. Era geralmente mencionada como a "caravana de carros de boi dos pioneiros que retornam". Esta companhia iniciou a marcha dez dias na frente de uma segunda companhia que tencionava usar somente cavalos e mulas. Acharam que a segunda companhia passaria a primeira, mas

Uma vista da Cidade do Lago Salgado em seus primeiros tempos.
Gentileza da Church Information Service

Além das ocasionais cartas que os caçadores lhes traziam e os sinais deixados para marcar o caminho, as companhias que ainda estavam nas planícies,

os bois provaram estar melhor adaptados para a jornada, estando aptos a agüentar por mais tempo a falta de cereais, enquanto os cavalos pelo mesmo motivo facilmente enfraqueciam.

A segunda companhia que estava

12. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. 3, pp. 301-302.

AS GAIVOTAS DEVORAM OS GAFANHOTOS, fotografia de uma pintura a óleo por Vigos. Museu das Filhas dos Pioneiros de Utah
Gentileza de Kate B. Carter

retornando a Winter Quarters partiu de Lago Salgado a 26 de agosto. Compunha-se de 107 pessoas, 71 cavalos e 49 mulas. Brigham Young e os membros do conselho dos Doze chefiavam esta companhia. Poucos mantimentos puderam levar consigo, pois eram necessários aos Santos que permaneceriam no vale. Seria preciso, durante a jornada de regresso, pescarem e caçarem para conseguir alimento.

John Smith Pai, tio do Profeta Smith, foi designado para dirigir a colônia na Cidade do Lago Salgado.

A 4 de setembro os pioneiros encontraram-se às margens do rio Big Sandy, com a primeira das companhias que se dirigiam ao vale. Comandavam-na Parley P. Pratt e Peregrene Sessions. Dois dias depois as companhias de John Taylor e Joseph Horne também foram encontradas. Havia caído muita neve, o que desanimou alguns dos Santos. Élder Taylor encorajou-os e propôs que se assegurasse a vida de todos os componentes da companhia, "a cinco dólares por cabeça".[13]

Um banquete foi secretamente preparado pelas mulheres em honra dos Doze e passaram horas alegres dançando e cantando. A 9 de setembro encontraram-se com a última das companhias, a qual era liderada por Jedediah M. Grant.

Todas estas companhias chegaram em segurança ao Vale do Lago Salgado, tendo a última delas lá chegado a 10 de outubro.

Brigham Young e os pioneiros chegaram em Winter Quarters a 31 de outubro. A uma milha de distância do acampamento, a companhia foi colocada em forma, e Brigham Young assim se dirigiu a eles:

> "Irmãos, desejo expressar meus agradecimentos pela bondade e boa vontade que vocês demonstraram em obedecer às ordens. Estou satisfeito; seu comportamento foi dos melhores. Realizamos mais do que esperávamos. Dos cento e quarenta e três homens que saíram do Vale do Lago Salgado, inclusive doentes, estão todos com saúde; nenhum homem morreu; não perdemos sequer uma mula, cavalo ou boi. O Senhor tem derramado Suas bênçãos sobre nós. Se os irmãos estão satisfeitos com minha pessoa e com os Doze, por favor manifestem (O que foi unanimemente feito). Eu os abençôo em nome do Senhor Deus de Israel. Estão dispensados e podem ir para suas casas".[14]

A reunião dos pioneiros com suas famílias, em Winter Quarters, foi das mais felizes. Na opinião de Brigham Young e dos Doze, os Santos, em Winter Quarters, Council Bluffs, Mount Pisgah e Garden Grove, tinham cultivado muito bem o campo e teriam abundância de alimentos para o inverno.

Organizando a Primeira Presidência

A 4 de dezembro de 1847, em uma reunião do Conselho, na casa de Élder Orson Hyde, Brigham Young foi escolhido e mantido pelo Conselho para ser Presidente, Profeta, Vidente e Revelador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com Heber C. Kimball e Willard Richards como primeiro e segundo conselheiros.

Por três anos e meio a Igreja ficou sem a Primeira Presidência. O quorum dos Doze, com Brigham Young como presidente, havia com sucesso dirigido a Igreja durante aquele período, mas estava na hora de deixar perfeita a organização da Igreja.

A ação do Conselho foi ratificada por voto unânime, na conferência geral da Igreja no Tabernáculo Log, em Winter Quarters, a 27 de dezembro de 1847, e depois na décima oitava conferência anual da Igreja, a 6 de abril de 1848, em Kanesville.[15]

Subseqüentemente, a Primeira Presidência foi mantida, em sua conferência dos Santos no Vale do Lago Salgado, a 8 de outubro de 1848; e na Inglaterra, em uma conferência geral dos ramos ingleses, a 14 de agosto de 1848.

A primavera veio encontrar Brigham Young e Heber C. Kimball liderando

---

13. Roberts, **Life of John Taylor,** p. 190.

14. **History of the Church,** 2º período, Vol. 7, pp. 616-617.
15. Kanesville era o primitivo acampamento dos mórmons em Council Bluffs. O nome foi mudado em homenagem ao Coronel Kane.

A Primeira Presidencia e o Quorum dos Doze Apóstolos, sob a direção de Brigham Young. Da esquerda para a direita: Fila de cima: Heber C. Kimball, Presidente Brigham Young e Willard Richards. Segunda fila: Orson Hyde, Parley P. Pratt, Orson Pratt e Wilford Woodruff. Terceira fila: John Taylor, George A. Smith, Amasa Lyman e Ezra T. Benson. Última fila: Charles C. Rich, Lorenzo Snow, Erastus Snow e Franklin D. Richards.

duas grandes companhias dos Santos rumo ao distante vale nas montanhas. Brigham Young havia feito sua última viagem ao leste. Em seu diário ele diz:

> No dia 26 (de maio) parti de Winter Quarters em minha jornada para as montanhas, deixando minhas casas, moinhos e as mobílias provisórias que havia adquirido durante nossa curta permanência neste local. Esta foi a quinta vez que deixei meu lar e minhas propriedades desde que abracei o Evangelho de Jesus Cristo".[16]

Presidente Young chegou ao Vale do Lago Salgado com sua companhia de 1229 pessoas a 20 de setembro de 1848. Presidente Kimball chegou, também com sua companhia, alguns dias mais tarde. No fim do ano havia 5000 Santos no vale.

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. III, pp. 313-314. ("Paz com Deus e boa vontade para com os homens". Conclusão de um manifesto lançado pelos **Doze** a todo mundo).

2. **Ibid.,** p. 210 e nota 53. ("A destruição do grupo de Donner Reed" uma triste tragédia da grande emigração para oeste. Uma mulher mórmon morreu nesta tragédia).

3. **Ibid.,** pp. 216-218. (Os dois primeiros pioneiros a entrar no Vale do Lago Salgado - Orson Pratt e Erastus Snow).

4. **Ibid.,** pp. 218-219. (O segundo grupo de pioneiros a entrar no Vale do Lago Salgado).

5. **Ibid.,** pp. 219-221. (Terceiro grupo de pioneiros a entrar no Vale do Lago Salgado).

6. **Ibid.,** pp. 168, 221-223. (A última fila da caravana dos pioneiros).

7. **Ibid.,** pp. 223-224. (Brigham Young entra no Vale do Lago Salgado).

8. **Ibid.,** pp. 232-243. ("A região de Lago Salgado: Fértil ou não fértil"). Brigham Young vs. Samuel Brannan. A contenda entre Schuyler Colfax, vice-pres. dos Est. Unidos, e John Taylor. Literatura antimórmon.

9. **Ibid.,** pp. 244-267. (Um capítulo interessante sobre o homem branco na região do Lago Salgado antes da vinda dos pioneiros mórmons. Os padres católicos. Os caçadores. Descoberta e descrição do Grande Lago Salgado).

10. **Ibid.,** p. oposta à 264. Um pitoresco mapa gráfico do lago Bonneville. Note a extensão deste, naquela época tão longínqua). Veja também pp. 259-260. (Descoberta do Grande Lago Salgado).

11. **Ibid.,** pp. 268-283. Note uma citação de três linhas do Presidente Young na p. 269. (A fundação da Cidade do Lago Salgado. Um capítulo interessante e informativo).

12. **Ibid.,** pp. 284-304. (Note especialmente o parágrafo citado pelo presidente Charles W. Eliot da Universidade de Harward, denominado Grande Heroísmo da Mulher Pioneira).

13. James A. Little, **From Kirtland to Salt Lake City,** pp. 130-132. (Uma descrição viva do que os Santos realizaram durante o primeiro mês no Vale do Lago Salgado).

14. **Ibid.,** pp. 120-121. (Os índios no Vale do Lago Salgado preparam gafanhotos para alimentação).

15. Cowley, **Wilford Woodruff,** p. 459. (Descrição de Wilford Woodruff sobre o forte Cove).

16. **Ibid.,** p. 373. (A pessoa é entrevistada para ser novamente batizada. Um relato divertido).

17. **Ibid.,** pp. 342-343. (Um estouro nas planícies).

18. **Ibid.,** Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** pp. 99-100. ("Descendo o vale da promessa. Percorrendo árduos caminhos". "Este é o lugar". Uma interessante fase desta famosa declaração).

19. **Ibid.,** p. 101. ("A palavra de três pioneiras sobre sua primeira vista e impressões do vale").

---

16. **History of Brigham Young, Ms.,** dia 26 de abril de 1848.

20. **Ibid.,** pp. 102-103. ("O primeiro inverno". Um capítulo inspirado. Uma carta pessoal de Clara Decker Young a seu marido, Brigham Young).

21. Roberts, **Life of John Taylor,** p. 202. (Partes de uma carta do general Wilson, datada de 6 de setembro de 1849, sobre os mórmons na Cidade do Lago Salgado, lida no senado dos Estados Unidos).

22. **Ibid.,** pp. 202-203. (John Taylor é chamado para uma missão na França. Contrastes entre a Cidade do Lago Salgado e Paris, França, em 1849).

23. John G. Neihardt, **The Splendid Wayfaring.** (Uma clássica história de exploração e caça de peles nas Montanhas Rochosas durante 1822-1831. O livro centraliza-se em Jedediah Smith, um dos mais valentes e bravos exploradores do oeste, que era tão sensível, tão puro e tão fino como as mais graciosas mulheres, – um homem nobre e verdadeiro cristão reverente).

24. Emerson Hought **Covered Wagons** (Outra clássica história da exploração e da vida no oeste).

CAPÍTULO 32

O ESPÍRITO DE COLIGAÇÃO

A Todas as Línguas e Povos

Em 1849, quando a febre do ouro levou homens a afluir em grande número à Califórnia, o fato mais interessante foi proporcionado pelos missionários mórmons, os quais iam a um rumo completamente oposto àquilo tudo. Foi algo tão estranho que poucos historiadores do oeste deixaram de comentar o fato. Não que os missionários mórmons aparentassem ser diferentes dos exploradores de ouro, absolutamente; para um observador casual até haveria uma certa semelhança na aparência de ambos, a maneira como viajavam era similar, cavalos, mulas ou os carroções cobertos eram comuns a ambos. A diferença primordial estava no fato de que enquanto o ilusório brilho do ouro atraía a maioria dos homens em sua direção, os missionários que estiveram no próprio local da descoberta, que sentiram a emoção do pó do ouro em suas mãos, estavam virando as costas a tudo aquilo e saindo para o mundo sem pensar em si próprios e sem qualquer salário, para dar três anos de suas vidas para a salvação do próximo.

É notável que possa ser encontrada na terra uma religião que desperte em seus seguidores uma fé tão forte, e com um sentimento de dever tão grande para com a humanidade, que as coisas do mundo parecem insignificantes ao lado dela. Não obstante, esta é a história do grande movimento missionário da Igreja, durante os anos em que os Santos mais precisavam de dinheiro, quando um povo empobrecido começava uma nova vida em um deserto infrutífero, e a riqueza acenava das colinas e riachos da terra vizinha.

Este grande movimento missionário, o terceiro na história da Igreja, teve seu começo da mesma forma daqueles que o precederam, nos piores dias de dificuldades e perseguições. Começou durante a primavera de 1846, enquanto os Santos estavam exilados nas planícies de Iowa. Um jovem com o nome de Orson Spencer havia acabado de perder sua esposa. As privações e necessidades haviam sido demais para seu frágil corpo. Sacrificou a vida pelo Evangelho, o mesmo Evangelho pelo qual Orson Spencer dedicou a sua. O verão de 1846 veio encontrá-lo na Inglaterra, designado que foi para presidir aquela missão da Igreja, pondo em tal trabalho todo zelo e dedicação que possuía. Seu marcante trabalho missionário, nos anos seguintes, dobrou o número de membros da Igreja e muito ajudou a levar o Evangelho a todas as línguas e todos os povos. Durante os dois anos que se seguiram, a missão inglesa teve seu número de membros aumentado para 8.467 e, quando Orson Pratt o substituiu em 1.848, os Santos nas ilhas britânicas somavam 17.902. O espírito missionário que os élderes, que trabalhavam junto de Orson Spencer, levaram através de toda missão britânica, logo receberia maior impulso. De Winter Quarters, no inverno de 1847 - 48, Brigham Young dirigiu um enérgico programa missionário. Aos 23 de novembro de 1847, dezessete élderes foram chamados para saírem em missão, tendo este número sido grandemente aumentado na primavera.

Jesse C. Little foi chamado para presidir a missão dos estados do leste. Ezra T. Benson e Amasa M. Lyman foram enviados aos estados do leste e do sul para visitar os Santos. Orson Pratt foi substituir Orson Spencer na Inglaterra, e Wilford Woodruff foi presidir a missão canadense. O resultado obtido com estes chamados foi marcante. Com exceção da inglaterra, que já havia ganho um novo impulso, dado por

Orson Spencer, as missões pareciam ganhar vida nova. Novos membros filiavam-se à Igreja restaurada às dezenas, centenas e finalmente aos milhares.

O fervor missionário atingiu o seu ápice em 1849-50. A 12 de fevereiro de 1849, 4 homens, que ocuparam lugar de destaque nesta expansão, foram chamados para preencher vagas no Quorum dos Doze. Estas vagas originaram-se pela organização da Primeira Presidência e pela excomunhão de Lyman Wight, que havia recusado retornar à Igreja. Os novos Apóstolos eram Charles C. Rich, Lorenzo Snow, Erastus Snow e Franklin D. Richards.

Charles C. Rich foi chamado para assistir a Amasa M. Lyman na missão da Califórnia. Estes élderes tiveram sucesso na organização dos Santos que estavam dispersos naquela região, bem como no serviço missionário. Em 1851, compraram a estância San Bernardino a qual possuía 32.400 ha, para o estabelecimento dos Santos. Em 1851, 500 mórmons emigraram de Utah e começaram uma colônia naquele lugar.

Em 1849 os élderes Addison Pratt, James Brown e Hiram H. Blackwell foram enviados às ilhas Society no Pacífico Sul, para ampliar a missão lá estabelecida alguns anos antes por Addison Pratt. Os registros da Igreja naquela ilha logo marcavam um grande número de conversos.

Missões na Europa e na Ásia

No mesmo ano (1849) Lorenzo Snow e Joseph Toronto foram chamados para uma missão na Itália. Em Londres reuniram-se a eles os élderes T. B. H. Stenhouse e Jabez Woodward.

Um ramo da Igreja foi formalmente organizado na Itália em 19 de setembro de 1850. O apóstolo Snow, assim como aconteceu com Paulo, compenetrado de seu dever, desejava ardentemente levar o Evangelho a toda a região do Mediterrâneo. O ano de 1850 veio encontrá-lo, acompanhado do Élder Stenhouse, organizando um próspero ramo da Igreja na Suíça. Deixando o élder Stenhouse para presidir aquela missão, Élder Snow rumou para a ilha de Malta, no mar Mediterrâneo. Lá, outro ramo da Igreja foi estabelecido, o qual foi deixado aos cuidados do élder Obrey, um recente converso vindo da Inglaterra.

Já Lorenzo Snow estava procurando novas terras para suas pregações, escolhendo a distante Índia. Retornando de Malta para Londres, enviou o élder William Willis para Cacultá, por via marítima, para preparar o caminho. Também Hugh Findlay foi enviado à Índia, seu destino era Bombaim. Antes que Lorenzo Snow pudesse seguir e começar sua circunavegação do globo, foi chamado a Utah para outras obrigações.

A missão na Índia teve um sucesso temporário. William Willis batizou 309 nativos e 40 ingleses lá residentes, estabelecendo um ramo em Cacultá. Antes de deixar a Inglaterra, Snow enviou o élder Joseph Richards para assistir Willis.

Quatro novas missões foram abertas graças ao grande zelo de Lorenzo Snow e seus companheiros. Além disso, élder Snow publicou um panfleto "A palavra de José" em língua francesa, o qual teve grande circulação.

Enquanto isso John Taylor foi enviado para abrir uma missão na França, e foi bem sucedido no estabelecimento de um ramo da Igreja naquela terra. O interesse de Taylor na indústria do açúcar de beterraba e seu subseqüente esforço em organizar uma indústria de açúcar de beterraba para o Deseret, impediram-no de levar o Evangelho à Alemanha, como já antes havia planejado.

Durante este mesmo período, Erastus Snow foi enviado para organizar missões em países escandinavos. Acompanhado por Peter O. Hansen e John Forsgren, dirigiu-se à Dinamarca. Aos 15 de setembro de 1850 foi organizado um ramo com cinqüenta membros na cidade de Copenhagen. Naquele ano juntou-se ao grupo o élder George P. Dickes, na época em missão na Inglaterra. Élder John Forsgren foi enviado para iniciar o ministério na Suécia. Em Geffle, na parte norte da nação, Forsgren batizou vin-

te pessoas e estava para organizar um ramo quando foi preso e posto em um navio para ser deportado para a América. Entretanto, o navio, durante seu percurso, aportou por alguns dias em Helsino-or, Dinamarca. Naquele lugar Élder Forsgren escapou, reunindo-se novamente ao Élder Snow e continuando sua missão no país.

Erastus Snow enviou Élder Dickes para a Jutlândia, em outubro de 1851, onde, dentro de seis meses, batizou noventa e uma pessoas e organizou um ramo.

Em setembro de 1851, o élder Hans F. Peterson foi enviado pelo élder Snow, de Aalborg, Jutlândia, para abrir as portas do Evangelho na Noruega. Erastus Snow também enviou élder Gudmund Gudmundson, um nativo islandês, convertido na Dinamarca, para a Islândia, onde foi lançado o alicerce de um trabalho destinado ao sucesso.

Quando élder Snow deixou a Dinamarca para retornar a Salt Lake City, ao fim de vinte e dois meses, a Igreja naquele país contava com 600 membros. O Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios haviam sido traduzidos e publicados em língua dinamarquesa, também um grande número de panfletos missionários, em dinamarquês e em sueco.

Missões Na América do Sul e Ilhas do Pacífico

Em 1850-51, foi aberta a missão havaiana, sob a direção do élder Charles C. Rich, então presidindo na Califórnia. O primeiro ramo foi organizado em Kula, na ilha de Mauí, por George Q. Cannon. Élder Cannon traduziu o Livro de Mórmon para a língua havaiana, tendo a primeira publicação saído em S. Francisco, em 1855. A missão teve grande sucesso. Uma carta do élder F. A. Hammond, em missão nas ilhas, com data de 1º de março de 1852, relata o seguinte:

"Os missionários (ou seja, os de outras denominações) lograram sucesso em pôr um termo ao nosso trabalho, mas o governo deu-nos garantia e consentimento para continuarmos a trabalhar; e o cônsul dos Estados Unidos muito lutou para que tivéssemos os mesmos direitos que outras Organizações, pois nosso trabalho estava crescendo rapidamente, contando na ocasião com mais ou menos seiscentos membros em todas as ilhas, sendo que quatrocentos e cinqüenta só nesta ilha (Mauí). Batizamos cerca de duzentos e cinqüenta desde o Natal e o trabalho está indo em frente."[1]

Em fevereiro de 1851, Parley P. Pratt foi designado para começar a proclamar o Evangelho nas ilhas do Pacífico, na Baixa Califórnia e na América do Sul.

Sob a presidência de Parley P. Pratt, a missão nas ilhas havaianas foi expandida. A missão nas ilhas Society, presidida por Addison Pratt, foi estendida até a ilha de Tonga. Parley P. Pratt também enviou os élderes John Murdock e Charles W. Wandell para a Austrália em 1851, e em 1852 mais nove outros missionários para a Austrália, Nova Zelândia e Tasmânia. Foram estabelecidos ramos em cada uma destas ilhas. Em Sidney, na Austrália, foi publicado um periódico da Igreja, o qual foi chamado de "O Guardião de Sião". Todas estas missões tiveram continuidade desde então.

Acompanhado por sua esposa e por Rufus Allen, o élder Pratt rumou para a América do Sul, e começou a trabalhar em Valparaíso, Chile. A guerra civil naquele país impediu a propagação do Evangelho e a missão retornou à Califórnia em maio de 1852.

Foi tentado o estabelecimento de uma missão em Berlim, na Prússia, durante o mês de janeiro de 1853, mas falhou. Os élderes Orson Spencer e Jacob Horitz não obtiveram permissão para pregar e foram obrigados a deixar o país.

Da mesma forma falharam as tentativas de pregar o Evangelho em Gibraltar, na Espanha, devido à atitude intolerante das autoridades. Também fracassou uma tentativa de melhorar a missão da Índia, e em 1855 toda a missão indiana foi encerrada por uma ordem de Brigham Young, chamando todos os missionários que estavam naquela terra

1. Deseret News, 24 de Julho de 1852.

para retornarem, trazendo consigo todos os conversos que estivessem em condições de vir.

Na China aconteceu o mesmo, devido a uma revolução interna. Em Sião e Birmânia os élderes foram rejeitados. O élder Luddingham foi expulso de Bangkok a pedradas.

Depois de muitas dificuldades, os élderes Jesse Haven, William Walker e Leonard I. Smith obtiveram sucesso no estabelecimento de pequenos ramos da Igreja na África do Sul, em 1853.

Tentativas de pregar o Evangelho nas Índias Ocidentais e Guiana Inglesa, naquele mesmo ano, fracassaram, sendo que nenhuma reunião foi permitida.

Apesar disso, foi heróicamente tentado levar o Evangelho "a todas as nações, línguas e povos". Em muitas partes do mundo as pessoas ainda não estavam preparadas para receber os ensinamentos, mas nos principais lugares foi lançado o alicerce de um grande trabalho.

A grande expansão missionária destes anos trouxe para a Igreja conversos de diversos países. À medida que os membros atingiam a casa dos milhares, a Igreja tornava-se um grande cadinho de nacionalidades, e a predominância dos membros ingleses estava gradativamente diminuindo.

Uma Reunião Mundial dos Santos

Com a seleção dos vales das montanhas como o futuro lar dos Santos, um pavilhão foi realmente levantado, sob o qual os conversos da Igreja, vindos de todas as nações, eram chamados a reunir-se. Em uma carta enviada a 23 de dezembro de 1847 por Brigham Young e os Doze, então em Winter Quarters, os Santos que haviam abandonado Nauvoo e os que estavam no Canadá ou nas Ilhas Britânicas foram avisados para reunirem-se na margem esquerda do rio Missouri, preparando-se assim para emigrarem às Montanhas Rochosas. Provisoriamente, ocupariam as terras deixadas vagas pelos índios Potawattamie, e pertencentes ao governo americano. Kanesville (agora Council Bluffs, Iowa) seria um lugar de descanso e ponto de recrutamento para a emigração ao oeste.

Os Santos ingleses foram avisados para viajarem de navio, via New Orleans até Kanesville. Deveriam trazer sem falta o seguinte:

"Todo tipo de sementes de trigo, de hortaliças, arbustos, árvores e videiras — tudo o que cresça na face da terra e traga prazer à vista, agrade o coração ou anime o espírito do homem; também as melhores mulas, pássaros e aves domésticas; também todas as máquinas e ferramentas que possam ser úteis para os diversos serviços do campo, utensílios agrícolas, tais como: descascadores de milho, debulhadores de trigo e limpadores, enfim todo e qualquer implemento ou artigo que possa promover o conforto, saúde, felicidade e prosperidade de um povo. Desde que as máquinas possam ser construídas aqui em nosso novo lar, tragam somente os modelos e desenhos, o que economizará grandes despesas em transportes, especialmente com os maquinários mais pesados".[2]

Os Santos da Califórnia foram instruídos para ficarem onde estavam, se assim o desejassem; da mesma forma que os Santos das ilhas do Pacífico, "até segunda ordem". Os Santos da Austrália e das Índias Ocidentais[3] deveriam urgentemente, via marítima, rumar para o lugar que mais lhes conviesse nos Estados Unidos, e dali para a Grande Bacia.

Os missionários da Igreja que viajavam pelo mundo tinham instruções para ajudar os novos conversos:

"Ensinem-lhes os princípios de retidão e lealdade entre os homens; administrem-lhes pão e vinho, em memória da morte de Jesus Cristo e, se quiserem mais informações, digam-lhes para irem de imediato a Sião — onde os servos de Deus estarão prontos para ensinar-lhes todas as coisas concernentes à salvação. *** Se alguém perguntar 'onde é Sião?' digam que é na América, e se ainda alguém perguntar 'o que é Sião?' digam que são os puros de coração."[4]

A carta terminava com um apelo aos Santos em todo o mundo:

"Estamos em paz com todas as nações, reinados e governos e com todas as autoridades exce-

---

2. Epístola geral de Winter Quarters no dia 23 de dezembro de 1847. **Millennial** Star, Vol. X pp. 81-88.
3. Nota. A missão australiana foi aberta em 1840 pelo Élder William Barret e nas Índias Ocidentais pelo Élder William Donaldson, também em 1840.
4. Epístola geral de Winter Quarters, dia 23 de dezembro de 1847 **Millennial Star**, Vol. X pp. 81-88.

to com o reino da escuridão e do mal, e estamos prontos para ir aos quatro cantos do globo, levando salvação a toda alma honesta; pois nossa missão no Evangelho de Jesus Cristo é ir de mar em mar e até aos confins da terra levando a salvação a toda a humanidade. ***

"O reino que agora estabelecemos não é deste mundo, mas é o reino do grande Deus. É o fruto da retidão, da paz, da salvação de toda alma que o receber, desde Adão até sua última posteridade. Nossa boa vontade é para com todos os homens, desejamos sua salvação para o tempo e para a eternidade; e ajudaremos a todos até onde Deus nos der forças e desde que os homens assim nos permitam; e a ninguém prejudicaremos... O reino de Deus é baseado em princípios justos...

"Portanto vinde, ó Santos dos Últimos Dias, todos vós, grandes e pequenos, espertos ou tolos, ricos ou pobres, nobres ou plebeus, exaltados ou perseguidos, dirigentes ou dirigidos, os que amam a virtude e odeiam o vício, e ajudai-nos a fazer este trabalho, o qual o Senhor depositou em nossas mãos; e desde que a glória da última casa excederá a da primeira, a vossa recompensa será grande e o vosso repouso será glorioso.

"Nosso lema universal é **Paz com Deus e boa vontade para com todos os homens**".[5]

Quando foram dadas estas instruções, havia menos de duas mil pessoas reunidas no Vale do Lago Salgado. Achavam-se acampados nas instalações provisórias em Iowa e Nebraska, entre doze e quinze mil Santos, enquanto um grande número deles estava nos estados do leste, no Canadá, na Inglaterra e nas ilhas do mar. Era algo de colossal reuni-los em Sião.

Tal acontecimento não seria possível se não fosse pelo "espírito de coligação" que se tornou peculiar a todos os conversos ao Evangelho, e pelo espírito de sacrifício e fraternidade, que os conduzia ao destino final, ajudando-os a alcançar o novo lar.

O apelo da presidência da Igreja, para a coligação dos Santos, tocou o coração dos conversos, estivessem eles nas planícies de Iowa ou em terras distantes. Sentiram o desejo de estar junto de seus irmãos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O milagre desta coligação mórmon é maior do que a cura de um doente ou a ressurreição de um morto. Foi um milagre que continuou por mais de um século. Os conversos tinham passado por uma mudança de espírito a qual havia transformado seus hábitos e unido mais seus laços familiares, o que trazia aos seus corações aquele desejo de reunirem-se uns com os outros.

Quando a Igreja foi fundada, o Senhor disse através de Joseph Smith o seguinte:

"É vós sois chamados para efetuar a reunião dos Meus eleitos, pois os Meus eleitos ouvem a Minha voz e não endurecem os seus corações;

"Portanto, o Pai decretou que serão reunidos num mesmo lugar sobre a face da terra, para preparar seus corações e para que estejam preparados em tudo para o dia em que tribulações e desolações virão sobre os iníquos".[6]

Fundo Perpétuo de Emigração

A intensa atividade missionária da Igreja nos anos seguintes ao estabelecimento inicial no vale de Salt Lake dobrou e redobrou o número de membros. Estes membros encontravam-se em todas as partes do mundo, sendo prontamente atingidos pelo "espírito de coligação", e encorajados pelos líderes da Igreja iniciaram uma constante emigração ao Vale do Lago Salgado.

O "espírito de coligação" tomou conta do coração dos homens, sem importar-se com condições financeiras. Pessoas sem os meios suficientes para realizar a jornada estavam tão imbuídas do desejo de reunir-se com os irmãos, que os élderes da Igreja eram sempre solicitados a socorrê-las.

Talvez os Santos que mais necessitassem de ajuda fossem aqueles que haviam sido expulsos de Nauvoo e passado dois invernos como exilados em terras índias em Iowa. Antes de deixar Nauvoo, Brigham Young e outros haviam prometido que usariam toda sua influência e, se necessário fosse, suas posses, para remover todos os Santos daquela cidade para as Montanhas

5. Epístola geral de **Winter Quarters**, dezembro, dia 23, 1847, **Millennial Star**, Vol. X pp. 81-88.

6. **Doutrina e Convênios**, Seção 29:7-8.

Rochosas. Deste modo, em setembro de 1849, Brigham Young e seus conselheiros propuseram a criação de um fundo com o propósito de ajudar os membros pobres a atingir a Cidade do Lago Salgado. O plano proposto foi adotado, e Willard Snow, John S. Fullmer, Lorenzo Snow, John D. Lee e Franklin D. Richards foram apontados para iniciar o núcleo de um fundo de emigração. Na conferência geral, em outubro, a congregação votou unanimemente a favor do fundo de emigração, o qual seria levantado através de contribuições. Embora muitos dos Santos tenham chegado ao vale sem qualquer auxílio, deram muito do que possuíam para ajudar os emigrantes. Lorenzo Snow relata:

"Um homem insistiu que eu deveria pegar sua única vaca, dizendo que Deus o havia trazido até alí, o havia abençoado por poder deixar aquela terra onde não podia viver, e por estar agora em um lugar de paz; e dando sua única vaca, sentia que estava cumprindo seu dever, e que era este o procedimento que esperava dos outros".[7]

Cerca de $ 5.000 dólares foram conseguidos naquela primavera, os quais o bispo Edward Hunter levou até Kanesville para socorrer os Santos residentes em terras dos índios Pottawattamie. Hunter havia sido escolhido como agente geral da "Companhia do Fundo Perpétuo de Emigração", nome sob o qual o empreendimento foi incorporado.

O bispo Hunter era portador de uma carta de instruções a Orson Hyde, que era responsável pelos membros em Iowa. A carta explicava claramente todo o plano de ajuda aos emigrantes:

"Nesta ocasião escrevemos-lhe mais particularmente no que concerne a coligação e a missão de nosso agente geral do Fundo Perpétuo de Emigração para o próximo ano, bispo Edward Hunter, o qual logo estará com vocês, reunindo os fundos já conseguidos neste lugar, e explicaremos todo o plano ao bispo Hunter para que vocês possam ter uma maior compreensão de nosso projeto.

"Em primeiro lugar este fundo tem sido levantado por doações voluntárias, devendo continuar da mesma forma, e com uma administração à altura para que o mesmo possa ser conservado e multiplicado.

"O bispo Hunter irá diretamente a Kanesville onde conferenciará com as autoridades gerais daquele lugar, tentando por todos os meios ao seu alcance obter informações e auxílio para que possa fazer boas aplicações do fundo na compra de bois e vacas que possam ajudar no trabalho de colonização do vale, e que possam depois ser vendidos para continuar com o fundo no próximo ano...

"Durante a primavera, tão cedo quanto possível, o irmão Hunter reunirá sua companhia, organizando-os da forma de costume e, presidindo sobre todo o grupo, viajará com seus integrantes até seu destino; tendo para tanto anteriormente procurado os melhores condutores, pessoas que estão acostumadas com este mister, que sejam gentis, bondosas e atenciosas com suas parelhas. Quando os Santos com esta ajuda chegarem na terra prometida, darão suas posses para a Igreja, para assim reembolsar a quantia, recebida e os que quiserem terão trabalho em projetos públicos, sendo bem pagos; tão logo possam preencher suas necessidades e obter um lugar excedente, este deverá ser usado para liquidar seu débitos, aumentando desta forma o fundo perpétuo.

"E deste modo o fundo perpétuo será tido como um empréstimo e não como um presente; e fará com que os honestos de coração se alegrem, pois eles amam o trabalho e preferem dele viver ao invés de fazê-lo à custa de caridade dos amigos, o que é muito usado pelos vagabundos, os quais durante a viagem tudo querem, mas ao fim da mesma não pagam sequer um vintém.

"O fundo perpétuo não ajudará tais pessoas; não haverá ocupação para elas no vale...

"A quantia que agora enviamos pelo nosso agente será como um grão de mostarda plantado na terra, e se o solo for bom, como esperamos que seja, ele crescerá e será viçoso, podendo em alguns anos estender-se pela Inglaterra, espalhando sua sombra pela Europa e mais tarde alargando todo o mundo. Isto em outras palavras quer dizer que este fundo deverá crescer até que Israel esteja totalmente reunida, e que os pobres possam assentar-se debaixo de sua própria videira, morar em seu próprio lar e adorar a Deus em Sião".[8]

Ajuda aos Santos nas Planícies

O propósito imediato deste fundo rotativo era levar para a frente os que estavam exilados em Iowa. O objetivo final era ajudar os conversos necessitados em todo o mundo para que pudessem reunir-se em Sião. Em uma carta

7. Eliza R. Snow, **Biography of Lorenzo Snow**, p. 108

8. James A. Little, **From Kirtland to Salt Lake City**, p. 216. Carta datada de 16 de outubro de 1849.

datada de 14 de outubro de 1849, dirigida a Orson Pratt, presidente da missão britânica, foi feito um apelo para que os Santos de outras terras também contribuíssem para o Fundo Perpétuo de Emigração, o qual seria "usado para a coligação dos Santos pobres".[9]

Em 1850 havia 7.828 membros da Igreja em terras índias de Iowa. O movimento destes irmãos para o oeste estava se processando muito vagarosamente, embora as autoridades dessem o melhor de seus esforços. A 21 de setembro de 1851, a Primeira Presidência lançou um apelo para os irmãos que ainda se encontravam em Iowa, pedindo-lhes que na próxima primavera se pusessem em movimento, dirigindo-se às montanhas. Ezra T. Benson e Jedediah M. Grant foram enviados para organizar e dirigir a caravana. Com esta medida, em 1852, as terras Pottawattamie ficaram praticamente desertas, tendo os Santos de Nauvoo finalmente alcançado seu objetivo, qual seja o de mudar para as Motanhas Rochosas. Em 1850 a população oficial do território de Utah era de 11.380 pessoas. Em fins de 1852 já esse número havia aumentado e oscilava entre 25.000 e 30.000 habitantes.[10]

Ajuda aos Santos Europeus

Durante a emigração mórmon procedente da Europa, duas funções ocupavam lugar de destaque: primeiro, o trabalho do agente de navegação na Inglaterra, que tinha a responsabilidade de fretar os navios e organizar os emigrantes; e segundo, o trabalho do abastecedor no porto de desembarque no rio Mississippi, cuja função era prover os emigrantes do equipamento apropriado para a jornada através das planícies.

O agente de navegação na Inglaterra fez um anúncio por intermédio do Millennial Star, cujos termos são os seguintes:

"Avisamos que o primeiro navio da presente estação sairá em janeiro de 1853. Os pedidos de embarque deverão vir acompanhados de nome, idade, ocupação e nacionalidade do interessado, bem como do depósito de uma libra. Cada um deverá providenciar sua própria roupa de cama, utensílios de cozinha etc.".[11]

Charles Dickens, o famoso novelista, visitou um navio no qual viajavam os conversos mórmons para observar como procediam e mais tarde escreveu o seguinte sobre a ocasião:

"Dois ou três agentes mórmons estavam na plataforma, prontos para encaminhá-los (os emigrantes) para o inspetor e depois para seus alojamentos. Isto veio a gerar naquele povo um senso de responsabilidade que eu certamente não sou capaz de relatar. Mas tenho certeza que não houve desordem, pressa ou dificuldades... Mais tarde vim a saber que o capitão do navio, antes de atingir as imensidões do Atlântico, havia enviado um despacho no qual tecia altos elogios à conduta dos emigrantes, ressaltando a perfeita ordem em tudo que faziam... Fui a bordo para testemunhar contra eles se assim o merecessem, como totalmente acreditava que sim, mas para minha surpresa deu-se o contrário, e minhas predisposições e tendências não devem afetar-me como uma testemunha honesta. Senti no fundo de minha alma que era impossível negar que uma notável influência havia produzido ótimos resultados, resultados esses que muitas outras pessoas, em condições sem dúvida alguma melhores, não haviam conseguido.[12]

A eficiência destes agentes de navegação da Igreja é manifestada em um artigo no **Edinburg Review** do mês de janeiro de 1862:

"O comitê de seleção da Câmara dos Comuns para navios de emigrantes, chamou perante si o agente mórmon e o comissário dos passageiros, chegando à conclusão de que nenhum navio cujos passageiros fossem tão responsáveis pela própria alimentação poderia depender de alguém para conforto e segurança, no mesmo grau que aqueles sob a administração daquele comitê. O navio mórmon é uma família rigorosamente disciplinada, com todas provisões para o seu conforto, decência e paz interna".[13]

"Conduzir os emigrantes da Europa foi tão patriarcal como o é a Igreja em si. À medida que a ocasião do embarque se aproximava, os élderes iam trazendo os conversos para Liverpool,

9. Linforth, **Route from Liverpool to Great Salt Lake Valley**, p. 8
10. Bancroft, **History of Utah**, p. 397.
11. **Millennial Star**, Vol. 15, p. 618.
12. Charles Dickens, **Uncommercial Traveller**, pp. 209-213.
13. Rev. John Todd, D.D., **Sunset Land**, p. 182. "Um Comitê" do parlamento britânico veio aprender com os mórmons o seu sistema de ajuda à emigração".

conduzindo-os posteriormente a bordo dos navios fretados para seu uso. Por nenhum momento foram eles deixados a mercê dos contrabandistas ou dos costumeiros aproveitadores de ocasiões. Uma vez a bordo, as companhias, que em alguns casos contavam mais de mil pessoas por navio, eram divididas em alas, cada uma delas com seu presidente ou bispo e seus dois conselheiros; além destes tinha o médico, o garçon e o cozinheiro como assistentes. Pregações religiosas eram feitas diariamente, e reuniões de conselho quando a ocasião requeria. Orações matutinas e vespertinas eram observadas; bem como alguns entretenimentos tais como concertos e danças nos quais tomavam parte os passageiros e também os oficiais do navio".[14]

Uma idéia do procedimento do agente provedor no rio Missouri pode ser obtida por intermédio de uma carta escrita por Erastus Snow, então agente de fronteira, publicada no **"The Luminary"**,[15] a 16 de fevereiro de 1855.

"A nenhum Santo será dado consentimento para sair do rio Missouri, a menos que organizado em uma companhia de pelo menos cinqüenta homens efetivamente armados, sob o comando de um homem indicado por mim.

"Neste local de abastecimento fornecerei carroções, bois, vacas, armas, farinha de trigo, toicinho etc.

"Os carroções escolhidos e entregues no local de abastecimento, com armações, cobertas e outros apetrechos custarão 78 dólares, sem armações, 75. Os bois com cangas e correntes de 70 a 85 dólares por parelha; vacas de 16 a 25 dólares em dinheiro.

"Minha experiência obtida através de seis jornadas pelas planícies, autoriza-me a dizer-lhes quais tipos de parelhas e apetrechos são necessários para as planícies.

"Um carroção, duas parelhas de bois e duas vacas serão o suficiente para uma família de oito ou dez pessoas, adicionando-se uma tenda para cada duas ou três famílias. Certamente que com este aumento de tendas, somente a bagagem indispensável, comprcendendo provisões e utensílios poderá ser levada".[16]

O período de 1852 a 1855 marcou o início da emigração européia sob os auspícios do Fundo Perpétuo de Emigração. Nestes anos mais de 125.000 libras (650.000 dólares) foram gastas para o transporte de conversos que não possuíam meios suficientes para tal realização.

"Um total de 6.753 emigrantes partiram por via marítima durante este período, sendo que 2.885 tiveram suas despesas custeadas integralmente pelo fundo de emigração. Um mil e quarenta e três fizeram a jornada graças a acordos especiais sobre o custo da mesma e o restante, como seja, 2.825 pessoas, recebeu ajuda de agências de compra e da organização geral da companhia".[17]

Foram tão bem sucedidos os esforços para ajudar a emigração dos Santos durante esta época que Brigham Young escreveu à Igreja na Inglaterra:

"Vede que todos os que puderam conseguir um pedaço de pão e um agasalho para suas costas, sejam assegurados de que há água, pura e abundante pelo caminho: não duvideis por mais tempo; vinde já no ano que vem ao lugar de reunião, sim, em grupos, como as pombas que fogem para seus abrigos antes da tempestade".[18]

Emigrantes de Carros de Mão.

O custo do transporte dos emigrantes, da Inglaterra ao Vale do Lago Salgado, elevou-se tão rapidamente que em 1856 um novo experimento foi tentado para diminuir as despesas. Carroções e carros feitos inteiramente de madeira, com rodas presas com couro cru, foram usados pelos Santos no cruzamento das planícies. Foi proposto que os carros leves fossem feitos inteiramente de madeira e puxados ou empurrados pelos condutores através das planícies.

Os primeiros emigrantes a usarem os carros de mão vieram da Inglaterra. em 1856. Deste modo a viagem dos emigrantes, de Liverpool, na Inglaterra, à Cidade de Lago Salgado, pôde ser feita com apenas quarenta e cinco dólares.

Uma companhia liderada por Edmundo Ellsworth, com 266 pessoas, deixou a cidade de Iowa a 9 de junho de 1856. Dois dias depois seguiu uma outra, sob a liderança de Daniel D. MacArthur. Uma terceira companhia, dirigida por Edward Bunker, saiu no dia 23 de junho.

14. **Gustive Larson, History of the Perpetual Emigration Fund Company**, p. 23 Veja também Tullidge, **History of Salt Lake City**, p. 100.
15. **"The Luminary"** era uma publicação SUD, impresso em St. Louis.
16. **Millennial Star**, XVII: 218.
17. Gustive Larson, **History of the Perpetual Emigration Fund Company**, p. 29
18. **Millennial Star**, Vol. XIV, p. 325

Todos eles caminharam pelas planícies, puxando ou empurrando seus carros de mão. Um dos emigrantes assim descreve os carros:

"Tinham de dois a dois metros e meio de comprimento dos lados, com três ou quatro traves, que vinham da parte de trás até a da frente, atravessando o corpo do carro. Então havia um espaço de uns 80 cm. da última barra à frente, onde ia o cavalo, homem, mulher ou menino condutor... Atravessando as barras do carro usualmente costurávamos um pedaço de lona. Nestes carros de mão de madeira, carregávamos cerca de 150 a 200 quilos de farinha, roupas de cama, agasalhos extras, utensílios de cozinha e uma tenda".[19]

As duas primeiras companhias chegaram ao Vale do Lago Salgado no dia 28 de setembro. Foram recepcionadas no sopé da montanha Little, em Emigration Canyon, pela Primeira Presidência, por um grande número de pessoas e uma banda de corneteiros, sendo a seguir escoltadas à cidade. A 2 de outubro o capitão Edward Bunker recebeu entusiásticas boas-vindas.

As Companhias de Willie e Martin

Duas outras companhias de carros de mão partiram no ano de 1856. Era composta de Santos britânicos e escandinavos, que haviam chegado a Iowa em junho, vindo ali a saber que as tendas e carros para a jornada ainda não estavam prontos. A demora foi inoportuna. A primeira companhia, sob a direção de James G. Willie, partiu da cidade de Iowa a 15 de julho, chegando em Florence, Nebraska (Winter Quarters), a 19 de agosto. A segunda, dirigida por Edward Martin, partiu aproximadamente duas semanas mais tarde. Em Florence as companhias, contrariando o aviso dos missionários, resolveram continuar a jornada ainda aquele ano, embora a época não fosse apropriada.

Foi uma decisão infeliz. A construção apressada dos carros trouxe muita dificuldade e demora. A madeira usada neles não havia secado convenientemente. O forte sol de agosto levou-as a rachar e dias preciosos foram usados para fazer reparos. As companhias se atrasaram um mês para o início do cruzamento das planícies. O inverno veio cedo demais. Pesadas geadas, que caíram no mês de setembro, tornaram as noites bastante inconfortáveis, e aumentaram nos dias seguintes. A demora diminuiu as rações. A partir do Forte Laramie foram feitas diversas restrições, as quais aumentavam à medida que a caravana ia para a frente. Alguns dos carros de mão tornaram-se tão imprestáveis que foi necessário deixá-los à margem da estrada. Os restantes se achavam tão pesadamente carregados, que os Santos se viram obrigados a se desfazerem de muitas roupas e mudas de cama, a fim de que pudessem caminhar mais depressa, evitando assim que a parte mais forte do inverno os apanhasse ainda nas planícies.

Inadequadamente vestidos para a estação invernosa e debilitados pelas magras refeições, os mais fracos adoeciam, morriam e eram enterrados ao longo da estrada. O temor de que toda a companhia viesse a perecer impedia-os até mesmo de realizarem as cerimônias fúnebres adequadas, limitando-se a enrolar os corpos de seus entes queridos em lençóis e colocá-los rapidamente em covas, protegendo-os com pedras a fim de afastar os lobos constantemente encontrados ao longo do caminho.

A companhia de Martin, que veio depois da do capitão Willie, sofreu maiores privações, sendo o número de vidas ceifadas bem maior que a do seu antecessor. Nevava fortemente na região de rio Sweetwater. Durante uma das severas tempestades morreram quinze pessoas em um só dia.

Missionários que retornavam ao Vale do Lago Salgado, vindos do leste, passaram pelas companhias em Sweetwater e, ao chegarem ao Lago Salgado, informaram ao Presidente Young sobre a condição das mesmas.

Grupos de socorro foram de imediato formados, indo ao encontro dos emi-

19. **Latter - day Saints Journal History**, 9 de novembro de 1856.

grantes retardatários com provisões e agasalhos.

Joseph A. Young e Stephen Taylor foram enviados na frente, para informar as companhias que a ajuda estava a caminho. John Chislett, membro da companhia do Capitão Willie, relata o seguinte sobre sua chegada:

"Nunca houve mensageiros do Céu, mais bem-vindos que estes dois homens naquele dia o foram para nós. Eles não perderam tempo; depois de encorajar-nos o quanto puderam, a fim de prosseguirmos avante, dirigiram-se rapidamente à quinta companhia para dar-lhes, bem como a Edward Martin, as boas novas. A quinta companhia havia partido cerca de duas semanas depois de nós e temia-se que estivesse em condições ainda piores. Quando estes dois irmãos nos deixaram, levaram consigo nossa profunda gratidão".[20]

Eles encontraram a companhia de Martin".acampada num desfiladeiro, entre o Platte e o Sweetwater, que atualmente, é chamado "Desfiladeiro de Martin", Encontravam-se sem alimentos e as sepulturas recentemente cavadas davam ao lugar o aspecto de um cemitério. A companhia já havia quase perdido as esperanças e estava à espera de um fim inevitável quando lhes foi trazida tão boa nova. Sentiram-se novamente encorajados a prosseguir ao encontro dos grupos de socorro.

Apesar das provisões e agasalhos recebidos, suas dificuldades não estavam findas. As montanhas tinham que ser cruzadas e as nevadas vencidas. Os riachos tinham que ser atravessados e os pedaços de gelo laceravam suas pernas, enquanto as águas os faziam gelar até os ossos.

Foi só no dia 9 de novembro que a companhia de Willie entrou na Cidade de Lago Salgado. Os sobreviventes da companhia de Martin não chegaram antes do fim do mês. Da primeira companhia, composta de mais de quatrocentas almas, setenta e cinco haviam perecido. Da companhia de Martin, composta de quinhentas e setenta e seis almas, cerca de cento e cinqüenta foram enterradas ao longo da estrada.

20. Joseph Fielding Smith, **Essentials in Church History**, pp. 397-398.

O carro de mão, como um meio para cruzar as planícies, não havia fracassado, mas a tragédia de 1856 diminuiu grandemente o número de emigrantes que confiavam neste meio de transporte. Nunca mais se permitiu que companhias de carros de mão deixassem o local de abastecimento fora de estação, ou sob condições desfavoráveis. Os carros de mão continuaram a ser usados por um certo número de emigrantes até 1860.

A partir de 1861, um plano de ação foi adotado pela Igreja, que agindo através de suas agências de emigração, enviava anualmente parelhas ao leste com a finalidade de encontrar com os grupos de emigrantes. Estas parelhas e seus condutores eram fornecidos gratuitamente por voluntários que responderam prontamente ao chamado da Primeira Presidência. O que sacrificaram em tempo e bens para ajudar os irmãos da Igreja, a quem nunca tinham visto, demonstra o amor que dominava todo o movimento de construção do reino de Deus.

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. II pp. 382-413 (A sobrevivência das Missões).

2. **Ibid.,** pp. 93-95, nota nº 6 ("A profética e histórica conexão de Napoleão III com o mormonismo").

3. **Ibid.,** Vol. V, pp. 106-115. ("Uma mudança nos métodos de emigração". "O Trabalho humanitário da Igreja na emigração dos pobres". "Romance").

4. Gates and Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** pp. 24-25. Último parágrafo p. 25. (Início da Emigração mórmon da Grã-Bretanha. Fundo de emigração).

5. **Ibid.,** p. 210 (Número, nacionalidade e caráter representativo dos emigrantes).

6. **Ibid.,** pp. 23-24. (Brigham Young como missionário).

7. Roberts. **Life of John Taylor,** pp. 209-234. (John Taylor, missionário na França e na Alemanha. Experiências missionárias).

8. Cowley, **Wilford Woodruff,** p. 192. ("O Espírito do Senhor Jesus Cristo é um espírito de coligação" — Assim declarou Brigham Young. Um parágrafo que se sobressai dos demais sobre a coligação").

9. **Ibid.,** pp. 412-413. (Presidente Brigham Young dá instruções aos missionários).

10. Evans **Heart of Mormonism,** pp. 127-131; 167-177; 497-483. Missionário mórmon. Wilford Woodruff, um exemplo preponderante do ideal missionário. O sistema missionário mórmon. Uma obra maravilhosa e um assombro.

11. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 535-540 (Missões).

12. Evans. **One Hundred Years of Mormonism,** p. 335 (Sistema missionário).

CONQUISTANDO O DESERTO

A Luta Pela Existência

O resultado de grandes batalhas militares tem, freqüentemente, decidido o destino de nações mas poucas batalhas já afetaram o destino de um povo e de um vasto império nacional como a enfrentada entre o homem e o deserto nos calmos vales das Montanhas Rochosas, durante o outono de 1847 até a primavera de 1849. Do resultado de tal batalha dependia o futuro da Grande Bacia.

Se uma grande colônia pudesse sobreviver naquela terra estéril outras poderiam ser estabelecidas. Durante dois anos foi incerto o resultado Somente uma fé muito forte na Providência Divina e uma sábia liderança poderiam decidir o resultado a favor da civilização e do estabelecimento de uma comunidade.

Os que lutaram naquela grande batalha contra a pobreza, a fome e as doenças, nunca esqueceram aqueles primeiros e terríveis invernos, quando o açúcar ou a farinha não podiam ser obtidos, nem mesmo a preços muito altos.

Duas mil pessoas haviam se reunido no Vale do Lago Salgado no outono de 1847. Para tais pessoas não houve colheita, pois haviam passado o verão na travessia das planícies. O alimento que havia sido comprado em Winter Quarters estava findo e não podia ser novamente conseguido. À proporção que as nevadas fechavam os caminhos das montanhas, excluindo todo e qualquer contato com o mundo exterior, o temor de virem a morrer de fome começou a entrar em muitos corações, cientes que estavam de que muitos meses haveriam de se passar antes que pudessem fazer uma colheita. E, quem sabe se haveria uma colheita? Pelo que se sabia, jamais aquela região havia produzido grande quantidade de alimentos. Com a chegada do próximo verão outros milhares de Santos haveriam de chegar ao vale, todos dependendo de colheitas incertas para a preservação de suas vidas.

Antes que tivesse passado a metade do inverno muitas famílias viram-se destituídas de alimento. Sua farinha havia acabado, bem como sua carne. Não havia vegetais ou frutas. Os bois eram utilizados para arar e as poucas vacas restantes para a produção de leite.

Uma reunião pública foi organizada, na qual se expressou o espírito de irmandade, amor e cooperação através do qual este povo se tornou inconquistável. Enquanto um só quilo de farinha restasse naquela comunidade, pessoa alguma haveria de passar fome. Se fosse para alguém passar fome, todos haveriam de passá-la juntos.

Foi organizado um comitê para reunir o suprimento de alimento e distribuí-lo entre o povo. Os Bispos Edward Hunter e Tarlton Lewis foram apontados como recebedores do alimento daqueles que o possuíam e distribuidores do mesmo, entre os que não o possuíam.

Na primavera as privações de muitos eram intensas. John R. Young, que passou por este período, diz:

> "Quando a grama principiou a crescer, a fome nos invadia de maneira atroz. Durante diversos meses nos vimos privados de pão. A carne, leite e certas plantas formavam nossa dieta. Eu cuidava do gado e, enquanto o fazia, costumava comer tanto talo de cardo que meu estômago parecia assemelhar-se ao de uma vaca. Finalmente, a fome era tão grande que papai certo dia resolveu tirar do galho o velho couro de boi, já bicado pelas aves, e ele foi convertido na mais deliciosa das sopas, saboreada por toda a família com grande prazer".[1]

Na primavera daquele ano as raízes do belo lírio sego, que adornava nossos

---

1. John R. Young, **Memoirs**, p. 65.

montes, foram usadas como alimento,[2] bem como toda a espécie de sementes comestíveis e o agrião encontrado nos rios. Algumas mortes ocorreram, devido à ingestão de raízes venosas.

Gafanhotos e Mais Gafanhotos

Afortunadamente para os Santos, o inverno foi suave, portanto, os campos continuaram a ser arados durante os meses de inverno também. Os Santos se regozijaram ao ver brotar as primeiras sementes, plantadas durante o outono numa área que cobria perto de 800 hectares de terra. De 1.200 a 1.600 hectares foram plantados na primavera. Esperava-se uma colheita abundante. Mas esperem! — Tinham os pioneiros esquecido aquelas hordas negras de gafanhotos que haviam observado existir ao pé dos montes, quando entraram no vale? Então, eles haviam se divertido a observar os índios juntar os negros insetos para alimento invernal. Agora foi com dor no coração que deles se recordaram. Uma gota de água é uma coisa insignificante, mas adicione-se gota a gota e teremos uma enchente que, vinda das montanhas, varre destruidoramente tudo o que encontra em seu caminho. Da mesma forma o insignificante gafanhoto, três a quatro centímetros de matéria preta, desajeitada e repugnante, que, multiplicada em milhares, desceu ameaçadoramente sobre as plantações. Todos os poderes humanos pareciam completamente ineficazes contra este mar negro, que se havia aliado ao frio, à fome e ao calor, para expulsar qualquer civilização para além dos confins da Grande Bacia.

Pareceu por algum tempo que a luta pela existência humana estava perdida — que o capítulo final de uma nobre experiência fora escrito; seria necessário retirar-se para as montanhas rapidamente ou perecer com as nevadas do próximo inverno. E, se estes corajosos pioneiros, sustentados como eram por uma fé poderosa, tivessem que admitir o seu fracasso — se não pudessem sobreviver no grande deserto americano, quando então haveria aquela terra desolada de ser colonizada? Importantíssimo era que a batalha fosse ganha. Homens, mulheres e crianças trabalharam com todas as suas forças, tanto por suas próprias vidas, como também pela civilização. Combateram o exército invasor com todas as suas forças, afogando-o, queimando-o, enterrando-o. Era o mesmo que tentar fazer retroceder as ondas do mar, que batem na praia. Os homens, ao pensarem na carestia que estava à frente, na demorada procura de outro lar, nas privações sofridas por seus entes queridos, trabalharam exaustivamente, de tal modo a ficar em estado de desespero. Tanto as mulheres como os homens oravam. Foi então que vieram as gaivotas — aquelas maravilhosas aves cinzentas de pio misterioso, geralmente existentes tão longe daqui. Apareceram duas, depois mais três, de repente centenas e milhares, grandes grupos que escureceram os campos com a sombra de suas asas, fazendo cessar a praga. Fizeram festa à custa dos festeiros. Devoraram os devoradores. Salvaram o destino de uma civilização. Comeram e se encheram até não mais poderem — vomitaram — principiaram novamente a comer, para de novo lançar fora o que haviam comido. Quando a noite chegou, havia terminado a batalha das duas grandes forças. As gaivotas retiravam-se para seus lares abandonados, os gafanhotos para o seu descanso final. Logo se dispersou o exército de gafanhotos e os verdes brotos novamente principiaram a levantar suas cabeças.

Assim relata John R. Young esta épica batalha.

"Foi no princípio do verão, quando a colheita principiava a se mostrar, que a batalha com os gafanhotos principiou. Oh! como lutamos e oramos, oramos e lutamos contra as miríades de negros e repugnantes insetos que inundaram nossos campos como uma enchente de água suja vinda das montanhas. E certamente nos veríamos inundados, varridos da civilização, não fosse pelo fato de nosso Pai misericordioso nos ter enviado as abençoadas gaivotas para nos libertar.

---

2. Nota: De acordo com decreto de Lei de 1917, o Lírio Sego foi declarado a Flor Oficial de Utah.

"O primeiro sinal que tivemos das gaivotas, foi dado por seu estridente pio. Ao olhar para cima, contemplei o que me pareceu um vasto bando de pombos vindos do nordeste. Eram mais ou menos três horas da tarde. Meu irmão Franklin e eu tentávamos salvar um hectare de trigo de papai, que crescia não longe de onde presentemente existe o Teatro de Lago Salgado. O trigo principiava a ficar amarelo. Os gafanhotos subiam nos pés de trigo, cortavam a cabeça dos mesmos e então desciam para comê-la. A fim de impedir isto, meu irmão e eu tomamos uma corda bem comprida e, cada um segurando numa ponta, esticamo-la completamente, andando a seguir pelo campo, de forma que a corda passava pela ponta dos pés de trigo, atirando fora os gafanhotos. Do nascer ao pôr do sol continuamos neste labor; felizmente, quando vinha a escuridão, os gafanhotos procuravam abrigo, começando novamente sua devastação ao nascer do sol.

"Tem-me sido perguntado qual o número das gaivotas. Eram milhares delas. Aproximaram-se como uma grande nuvem e, ao passar entre nós e o sol, uma sombra cobriu o campo. Eu as vi ocupar mais de um quilômetro à nossa volta. Eram muito mansas e se aproximavam bastante de nós.

"De início pensamos que elas também estavam atrás de nossas colheitas, pensamento este que aumentou nosso terror; porém logo descobrimos que elas devoravam somente os gafanhotos. Não é necessário dizer que paramos de andar com a corda e entregamos a nossas gentis visitantes a posse de nosso campo. Segundo recordo, as gaivotas apareceram todas as manhãs, isto durante cerca de três semanas, quando sua missão se viu aparentemente finda. Elas então cessaram de aparecer e nossas preciosas colheitas estavam salvas".[3]

Foi uma colheita pobre aquela que as gaivotas salvaram, insuficiente para todos os milhares de Santos reunidos no vale. Outro inverno com insuficiência de alimento. Outro inverno com racionamento, esquecendo-se todas as distinções entre ricos ou pobres. Em 1849, novamente, a despeito de uma boa colheita, o suprimento foi pequeno, por causa do grande número de Santos reunidos nas montanhas. Além disso muitos homens em busca de ouro, que se dirigiam à Califórnia, passaram por Lago Salgado, boa porção dos quais lá permaneciam, para passar o inverno.

Os Santos, porém, sobreviveram. A colonização foi um sucesso. A grande batalha, que havia posto em teste a força espiritual e física de um grande povo, tinha sido ganha.

Uma Colonização Incomum

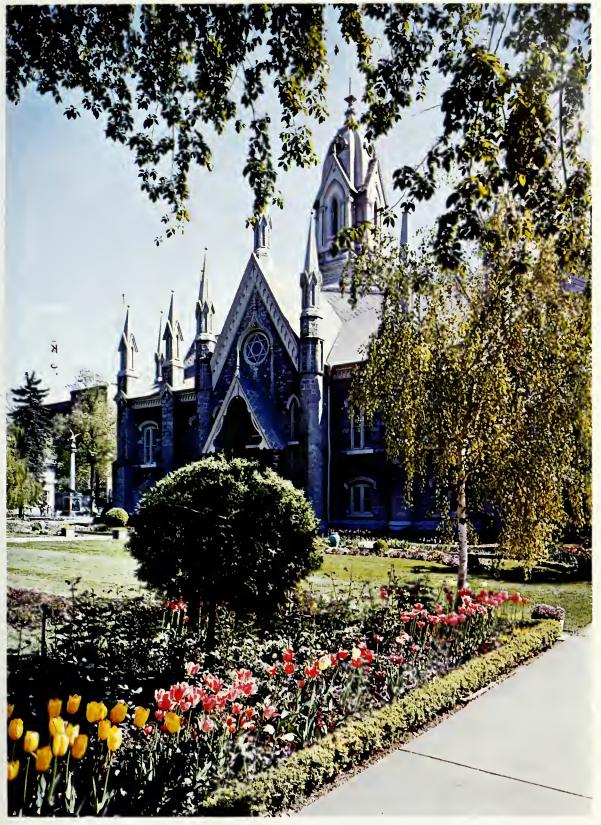
Quando o Presidente Brigham Young chamou os Santos de todo o mundo, para que se reunissem nos vales das montanhas, não pretendia que todos viessem a morar em Lago Salgado, ou, mesmo, nos vales adjacentes. Os limites de "Deseret", como costumavam chamar o território ao qual tinham vindo, deviam abraçar uma área três vezes maior que o presente tamanho de Utah. O líder Mórmon sonhava lotar com seu povo todas as partes habitáveis desta área toda. A colonização inicial, em Lago Salgado, tinha sido bem sucedida. Isto poderia ser repetido em outros vales, até que o grande Estado Mórmon de Deseret viesse a causar inveja ao mundo e "Sião" viesse a se tornar uma realidade. Era este o seu sonho, e o vigor com que ele procurou fazê-lo tornar-se realidade faz com que o seu nome seja conhecido como o de um dos maiores colonizadores da história americana.

O sucesso das atividades missionárias da Igreja dava-lhe confiança em seus planos, especialmente quando conversos aos milhares principiaram a se reunir em Sião. A Primeira Presidência escreveu o seguinte em 1850:

"Estima-se a população de Deseret, neste ano que passou, em 15.000 habitantes; foi plantado trigo suficiente para sustentar 30.000 pessoas no ano que vem, o que nos faz acreditar confiantemente que essas 30.000 haverão de plantar o suficiente para 60.000 outras no ano posterior, objetivo este que fará com que usemos de todas nossas energias para dobrar nossa população anualmente, através da assistência do "Fundo Perpétuo de Emigração".

"Haveremos de enviar poucos élderes para pregar o Evangelho fora, este ano, instruindo-os a plantar e construir casas, preparando o terreno para os Santos, para que eles possam vir em grupos, como as pombas, que voltam a seus lares; e dizemos: Levantai! Ó Santos do Altíssimo! ricos e pobres, reuni-vos no estado de Deseret, trazendo vossos arados e ferramentas, vossos machados e foices, vossas máquinas de debulhar e moer, de modo que um só homem possa fazer

---

3. **Memoirs of John R. Young**, Pioneiro de Utah, 1847, capítulo 8, pp. 65-66.

O ASSEMBLY HALL, localizado na esquina sul do terreno do Templo, é usado para numerosas reuniões da Igreja e para acomodar o excesso de pessoas no tabernáculo durante as conferências e outras reuniões.

Fotografia da Rua Principal da Cidade do Lago Salgado em 1870
Gentileza da Utah State Historical Society.

o trabalho de vinte e para que logo possamos enviar os élderes às centenas e milhares, para a colheita de almas dentre as nações, fazendo com que os habitantes da terra possam logo ouvir falar sobre a salvação preparada pelo Deus de Israel para Seu povo".[4]

Todos os conversos da Igreja chegavam primeiramente a Lago Salgado, tornando esta cidade um lugar temporário para a continuação da jornada a novos agrupamentos.

A colonização da Grande Bacia não se deve ao mero acaso. As localidades foram determinadas por grupos de batedores que atravessavam vastas áreas. Os líderes escolhidos foram chamados para tal trabalho pela autoridade do Sacerdócio. Eram homens escolhidos com muito cuidado. A fundação de agrupamentos tornou-se um dever religioso para o qual famílias eram chamadas da mesma forma que seus filhos eram chamados para levar o Evangelho ao mundo. Alguns faziam conversões, outros preparavam lugares nos quais aqueles convertidos poderiam se reunir. Era um extenso plano de colonização, único na história do mundo.

Sem o seu motivo religioso, teria fracassado. Muitas vezes, o sentimento de dever fez com que homens e mulheres batalhassem pela existência, contra grandes dificuldades. Vezes houve em que nem mesmo esse sentimento foi o suficiente, vindo várias colônias a serem abandonadas.

As expedições que saíam da Cidade do Lago Salgado para fundar uma nova colônia possuíam interessante organização. Tinham seu bispado ou presidência, que haveria de presidir na nova colonização; tinham o seu ferreiro, o seu alfaiate, carpinteiros, pedreiros, fazendeiros, etc. Se possível continham um doutor, um comerciante e um mecâ-

4. James A. Little, **From Kirtland to Salt Lake City**, pp. 229-230.

nico competente. Era uma comunidade preparada para trabalhar em tarefas mais ou menos designadas e, embora os homens não fossem obrigados a seguir a profissão que professavam, a grande maioria o fazia, ajudando assim a promover uma comunidade harmoniosa e independente. Os raros fracassos não foram devidos a um grupo inadequado de pessoas mas, sim, por causa da superestimação das possibilidades apresentadas pelo lugar selecionado.

Vinte anos após a fundação da Cidade do Lago Salgado, quase todas as atuais povoações de importância da Grande Bacia já haviam principiado. Nestas colônias se estabeleceram os muitos emigrantes convertidos nos anos sucessivos.

As primeiras colonizações principiaram sem a organização à qual se faz referência acima.

Durante o inverno de 1847-48 os lugares reservados para posteriores colonizações foram ocupados por indivíduos encarregados de tomar conta de grandes manadas de gado durante o inverno. Tomas Grover estabeleceu-se em Deuel Creek, presentemente Centerville. Peregrine Sessions, acompanhado de Samuel Brown, estabeleceu-se em East Mill Creek, presentemente Bountiful. Heber C. Haight, com um de seus filhos, passou o inverno onde presentemente está situada Farmington.

Na primavera de 1848, o Capitão James Brown, anteriormente do Batalhão Mórmon, comprou o pedaço de terra pertencente a Goodyear, à entrada do Weber Canyon, por 1.950 dólares a vista, coletados dos salários do batalhão para tal propósito por autorização dos membros. No dia 3 de setembro de 1849, Brigham Young selecionou o terreno para a presente cidade de Ogden. Foi construído um muro que cercava a colônia. O número de colonizadores cresceu tão rapidamente que em 1851 foi dividido em duas alas. Também em 1851, o movimento de colonização da parte norte alcançou Box Élder Creek, onde foi estabelecida Brigham City por emigrantes galeses e escandinavos, sob a direção de Simeon A. Carter. Logan, em Cache Valley foi ocupada em 1859.

Enquanto isso, colonizações se estendiam também ao sul. No dia 17 de março de 1849, uma companhia de cento e cinqüenta almas, organizada com John S. Higbee como presidente, Isaac Higbee e Dimick B. Huntington como conselheiros, mudou-se para o vale de Utah, um lugar situado 3 quilômetros ao norte da presente cidade de Provo. Aqui construíram apressadamente o Forte Utah, pois os índios se reuniam em grande número e avisos tinham sido recebidos de Forte Bridger de que um levante estava para se realizar. Em setembro a colônia foi visitada pela Primeira Presidência, que selecionou o lugar presentemente denominado Provo para a construção de uma cidade.

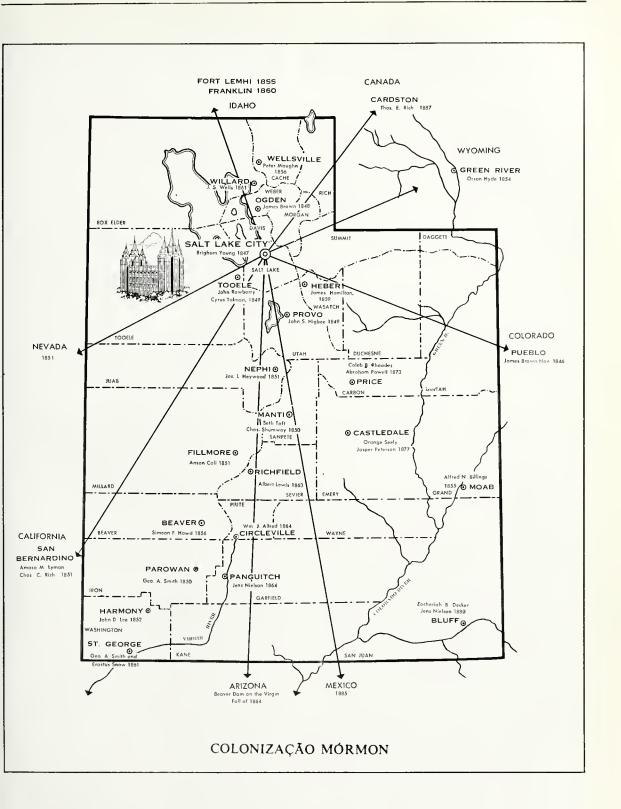
Depois de um tratado de paz ter sido negociado com os índios, foram estabelecidas as colônias de Battlecreek (Pleasant Grove), American Fork, Evansville (Lehi) Springville e Payson.

Isaac Morley chegou ao Condado de Sanpete com duzentas e vinte e quatro almas, em 1849. Um lugar ao qual se deu o nome de Manti foi escolhido para sua habitação por Brigham Young, em agosto de 1850.

Neste mesmo ano George A. Smith conduziu trinta famílias 300 quilômetros ao sul, e, no dia 13 de janeiro de 1850, estabeleceu "Parowan", em Little Salt Lake Valley.

Tooele foi fundada em 1849 por John Rowberry e Cyrus Tolman, que levaram algumas famílias para o oeste de Salt Lake City.

Em novembro de 1849, Parley P. Pratt conduziu um grupo de cinqüenta homens ao sul para explorar novos lugares. Parte do grupo explorou a região de Little Salt Lake Valley, enquanto Élder Pratt e dezenove homens continuavam mais para o sul, até a confluência do Rio Virgin e do Rio Santa Clara, antes de voltarem em direção nordeste.

COLONIZAÇÃO MÓRMON

Fillmore, no Condado de Millard, foi estabelecida por Anson Call em outubro de 1851, ficando como a capital do território de Utah. Também no mesmo ano, Joseph L. Heywood estabeleceu a cidade de Néfi.

Na conferência geral de outubro de 1853, alguns homens foram chamados para reunir famílias e fortalecer as várias colônias. George A. Smith e Erastus Snow deveriam levar consigo cinqüenta famílias, a fim de fortalecer as colônias do Condado de Iron; Wilford Woodruff e Ezra T. Benson deveriam levar cinqüenta famílias para fortalecer o Condado de Tooele; Lyman Stevens e Reuben W. Alfred, cinqüenta famílias para cada uma das colônias do Condado de Sanpete; Lorenzo Snow, cinqüenta famílias para o Condado de Box Elder, e Orson Hyde deveria reunir um grupo de membros e estabelecer uma colônia permanente em Green River, perto de Forte Bridger.

A população das colonizações mórmons contava 76.335 pessoas em fevereiro de 1856. Destes, 37.227 eram do sexo masculino e 39.058 do sexo feminino.[5]

Colonizações em Àreas Distantes

Um grupo de élderes, chamado em missão aos índios no mês de abril de 1854, abriu o caminho para o estabelecimento de colônias na parte sul do estado. Estes missionários construíram uma pequena colônia em Santa Clara. Em 1855, quarenta homens sob a presidência de Alfred N. Billings, fundou Moab.

George A. Smith e Erastus Snow fundaram St. George em 1861 e encorajaram os colonos a trabalhar no plantio de algodão.

O Vale de Sevier foi estabelecido em 1863, tendo Richfield e Monroe como centros principais.

Em 1866-67 muitas das colônias do Vale de Sevier, bem como dos Condados de Kane, Piute e Iron, foram temporariamente abandonadas, devido a dificuldades com os índios. No outono de 1867, 163 missionários, com suas respectivas famílias, foram chamados, para fortalecer as colônias da parte sul de Utah; outros foram igualmente chamados em 1868.

Foi este um tremendo programa de colonização que durou vinte anos. A história não está toda contada. As fronteiras da presente Utah não limitaram as ambições dos Santos. Em 1851, um grupo estabeleceu-se em San Bernardino, ao sul da Califórnia. Mc Clintock faz um resumo das atividades dos mórmons no Arizona e em outros estados vizinhos.

"Mas, no Arizona, nos vales dos rios Little Colorado, Salt, Gila e San Pedro, bem como em pontos onde os homens brancos até então haviam fracassado, ou, onde nem sequer haviam chegado, os mórmons colocaram seus piquetes de demarcação com um esforço unido, logo limparam a terra, cavaram valas, construíram açudes, para fazer com que fazendas sorrissem onde desertos anteriormente reinavam... . Os mórmons também foram pioneiros no sul da Califórnia, onde, em 1851, centenas de famílias desta mesma fé se estabeleceram em San Bernardino...

"A primeira colonização anglo-saxônica nas fronteiras do presente estado de Colorado foi a de Pueblo, no dia 15 de novembro de 1846, pelo Capitão James Brown e cerca de 150 mórmons, entre homens e mulheres...

"A primeira colonização americana em Nevada foi também de mórmons, no Vale de Carson, em Genoa 1851...

"Em Wyoming, no princípio de 1854, estabeleceu-se uma colônia mórmon em Green River, perto do Forte Bridger, conhecido como Forte Supply.

"Em Idaho, também, clama-se a preeminência de sua colonização em virtude de os mórmons terem sido os primeiros a lá se estabelecerem em Forte Limhi, nas margens do rio Salmon, em 1855, e em Franklin, no Vale Cache, em 1860"...[6]

Em 1857, devido às incertezas da "Guerra de Utah", os colonos de Limhi, Idaho, Carson, Nevada e San Bernardino, na Califórnia, foram aconselhados a abandonarem suas colônias e se mudarem para mais perto do corpo principal.

A condição existente, devido à questão da poligamia, levou ao estabelecimento de colônias no Canadá. Em setembro de 1886, o Presidente John Taylor apontou Charles O. Card, como

5. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. III, p. 448.

6. McClintock, **Mórmon Settlement in Arizona**, pp. 2, 3, 5.

presidente da Estaca do Cache Valley, a fim de investigar as possibilidades de colônias no Canadá; Card foi favorável, aconselhando a província ao sul de Alberta. Em 1887, em companhia de Thomas E. Ricks, de Rexburg, Idaho, bem como outros, ele organizou uma colônia naquela província, denominada Cardston. Foi este o início de uma próspera e importante colonização da Igreja.

Colônias no México

Um grupo de Santos, procurando alívio das perseguições, devidas às leis contrárias à poligamia, deixou os limites dos Estados Unidos e emigrou para o México em 1885. Dez anos mais tarde, Charles W. Kendrick, Cônsul americano de Ciudad Juarez, fez uma descrição da colônia, que não somente descreve o sucesso da colonização mórmon naquela terra, mas pode também, ser igualmente aplicada às colônias mórmons em geral:

"Os colonizadores mórmons vieram ao México em 1889. Eram pessoas pobres. Muitos deles não tinham sequer meios de transporte e, quando chegaram ao vale do rio Cascas Grandes, situado a 320 quilômetros ao sul da nova divisa do México, não tinham praticamente nada além de sua força física e de seu entusiasmo religioso. À sua volta viam-se altas montanhas, cobertas de neve; escuros despenhadeiros, onde animais selvagens faziam sua morada e um vale estreito e árido, sem irrigação, destituído de toda e qualquer vegetação além de grama e choupo. Índios Apaches borbulhavam nos montes, roubavam seu gado e, algumas vezes, atacavam-nos. Os mórmons, porém, prosperavam. Dificuldade alguma era suficientemente grande para impedi-los ou fazê-los desistir. Cavaram valas, fazendo com que a água do rio molhasse suas terras, plantaram árvores frutíferas, plantaram hortas, criaram seus rebanhos. Outras colônias houve que também prosperaram. Numa única "estaca" compreendendo as colônias ou "Alas" de Colônia Juarez, Colônia Diaz, Dublan, Oaxaca, Pacheco, Garcia e Chuichupi, os mórmons atingiam o número de 2.523 pessoas e 477 famílias.

"A colônia capital é uma bela vila comparável a qualquer vila de New England. Há nela limpeza, industriosidade, conforto e liderança, e completa ausência dos vícios comuns às comunidades modernas. Não há bares, cadeias nem casas de má fama. A propriedade pertence aos mórmons e os assuntos internos das diversas colônias estão sob a direção da Igreja. Há em Colônia Juarez várias indústrias, bem como uma escola com cinco professores e 400 alunos. Faz parte da política mórmon erigir escolas antes mesmo de igrejas e templos".

Leis e Governos

Como já foi previamente mencionado, a Grande Bacia em 1847 não era formalmente parte dos Estados Unidos e nenhuma forma de governo jamais tinha sido prevista para o seu território.

Os mórmons, entretanto, tinham quinhentos de seus homens alistados no exército dos Estados Unidos e era por todos conhecido que mais cedo ou mais tarde a região de Utah haveria de se tornar parte dos Estados Unidos.

Brigham Young levou consigo, em seu carroção, uma bandeira dos Estados Unidos, cruzou com ela a planície e levantou-a no acampamento, durante a época de alistamento do Batalhão. Em outubro de 1847, uma bandeira americana foi levantada no forte da Cidade de Lago Salgado.[7]

Tentativa alguma foi feita para organizar um governo civil, enquanto Brigham Young não voltou de Winter Quarters no outono 1848. A 1º de fevereiro de 1849 foi assinada uma petição por muitos cidadãos e os habitantes da Grande Bacia foram convocados a reunir seus delegados na Cidade de Lago Salgado, "com o propósito de levar em consideração a importância de organizar um governo territorial ou estadual".[8]

O governo dos Estados Unidos não tinha dado nenhum passo no sentido de organizar o novo território. Conseqüentemente, durante a convenção foi organizado o "Estado de Deseret", "até que o Congresso dos Estados Unidos viesse a tomar outras medidas legais".[9]

O governo estabelecido era, portanto, um "governo provisório", necessário a fim de poder-se manejar os assuntos da Grande Bacia até que o Congresso viesse a alterá-lo ou reconhecê-lo.

---

7. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. III, p. 274.
8. **History of Brigham Young, Ms.**, 1849, principio de fevereiro, p. 3.
9. **History of Brigham Young, Ms., 1849**, p. 26.

Foi estabelecida uma constituição semelhante às constituições dos estados mais antigos, com um governador, corpo legislativo etc.

A convenção reunida, a fim de formular a constituição, enviou ao congresso um memorial, solicitando admissão à União como o "Estado de Deseret". Uma petição assinada por 2.270 indivíduos, pedindo uma forma territorial de governo, foi enviada ao Congresso pelo Dr. Bernhisel, no dia 30 de março. A razão para tal petição foi a crença de que o Congresso haveria de agir mais prontamente no estabelecimento de alguma forma de governo se duas alternativas lhe fossem propostas.

Dr. John M. Bernhisel foi enviado a Washington para se bater pelos interesses dos Santos. Ele e Wilford Woodruff, então presidente das Missões dos Estados do Leste, entraram em contato com o Coronel Thomas L. Kane, que em sua grande amizade pelos mórmons se esforçava em Washington, em seu favor.
O coronel Kane lhes aconselhou:

"Vocês estarão em melhores condições sem qualquer governo das mãos do Congresso do que com um governo territorial. As intrigas políticas dos oficiais do governo lhes serão contrárias. Vocês podem-se governar melhor a si próprios do que eles a vocês. Eu preferiria vê-los retirar tal projeto a ter um governo territorial, pois se vocês perderem na instituição de um governo estadual, podem voltar a requerê-lo em outra sessão caso não tenham um governo territorial; mas, se tiverem, não poderão pedir um governo estadual por um bom número de anos. Eu insisto nisto. Vocês não querem ver os políticos corruptos de Washington se pavonando à sua volta com suas dragonas e fardas militares, tirando de vocês tudo o que puderem. Controlarão também as agências indígenas e as agências imobiliárias, causando-lhes inúmeros conflitos. Vocês não querem dois governos. Vocês já têm um governo (aludia ao governo estadual provisório de Deseret, então existente) firme e poderoso e não estão sujeitos às leis dos Estados Unidos"... Se vocês tiverem um governo estadual, homens poderão chegar e dizer-lhes: 'Eu sou juíz', ou 'Eu sou coronel', ou ainda, 'Sou governador', sem que vocês possam fazer qualquer coisa, mas, se vocês tiverem um governo territorial, isto não acontecerá. Além disto, sempre há tantos querendo formar novos partidos políticos entre vocês! Acontecerá que sem que nem mesmo se dêem conta, terão em seu meio um partido político forte, egoísta e contrário a seus interesses".[10]

10. **History of Brigham Young, Ms.,** 1849, pp. 161-164.

Seguindo o conselho do Coronel Kane, o Dr. Bernhisel não apresentou a petição por uma forma de governo territorial ao Congresso, mas trabalhou fervorosamente pela instituição do "Estado de Deseret".

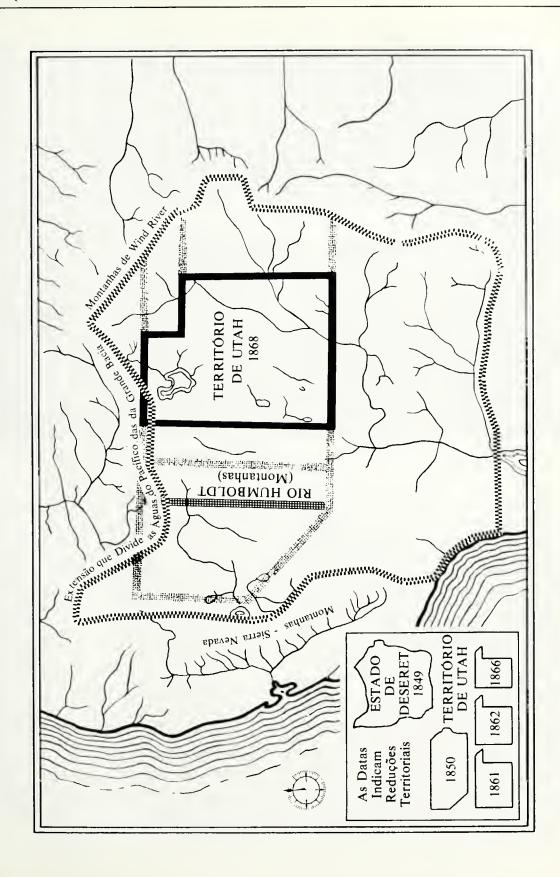
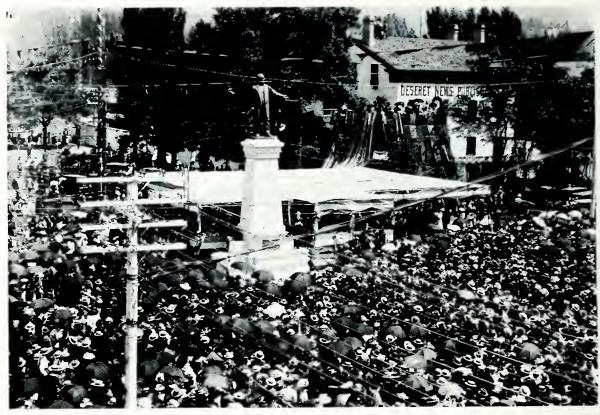
O Território de Utah é Organizado

O Congresso, entretanto, não estava interessado em admitir Deseret à União. Os congressistas sulinos eram contrários à admissão de qualquer "Estado Livre", e muitos dos congressistas nortistas, especialmente os de Missouri, Illinois,e Iowa, eram contrários à admissão de Deseret.

Durante algum tempo foi proposto que Deseret e Califórnia se unissem num só estado governamental durante o período de dois anos, a fim de que compensasse a admissão à União do grande estado escravagista do Texas. A proposta foi apresentada pelo General John Wilson numa missão privada à Califórnia, que já possuía uma convenção constitucional e apelava por um governo estadual. Os Estados Sulinos se opuseram à admissão da Califórnia por causa da questão da escravatura, mas, a despeito da oposição, a Califórnia foi aceita como estado, de acordo com o decreto do senador Henry Clay, em 1850.

A entrada da Califórnia como "Estado Livre" diminuiu as chances do Estado de Deseret até o período da Guerra Civil, pois o Sul se opôs solidamente contra a admissão de outro "Estado Livre". Durante a Guerra Civil, surgiu o conflito devido à poligamia, o que impediu os intentos dos Santos concernentes à sua entrada na União até 1896.

Em setembro de 1850, passou um decreto no Congresso criando não o "Estado de Deseret", mas o "Território de "Utah". A mudança do nome "Deseret" para "Utah" constituiu-se em aberta rejeição aos desejos do povo mórmon. "Utah", nome dado ao território segundo a denominação de Ute, dada aos indígenas que lá viviam, significa "a terra dos Utes": era um nome usado nos

Montanhas de Wind River
Extensão que Divide as Águas do Pacífico das da Grande Bacia
TERRITÓRIO DE UTAH 1868
RIO HUMBOLDT (Montanhas)
Montanhas - Sierra Nevada
As Datas Indicam Reduções Territoriais
ESTADO DE DESERET 1849
TERRITÓRIO DE UTAH
1850
1861
1862
1866

Fotografia tirada durante a dedicação do Monumento a Brigham Young, presentemente no centro da rua principal de Lago Salgado.

primeiros tempos pelos "Homens das Montanhas".

Quanto mais crescia a população de Deseret e Califórnia, mais devagar giravam as rodas do governo, a fim de lhes prover uma administração civil; isto fez com que ambos os territórios formassem governos estaduais provisórios e passassem a cuidar de seus próprios assuntos.

A criação do Estado Provisório de Deseret foi de utilíssimo propósito na história de Utah. Embora tão curta a sua existência, como seja, de 1849-1851, deixou, entretanto, suas marcas nas políticas do território, especialmente no que diz respeito ao estabelecimento de novas colônias e novas indústrias. O legislativo, bem como o governador do Estado de Deseret, assumiu uma espécie de política paternal para com estas comunidades e indústrias. Dinheiro era freqüentemente requisitado para proteger as colônias contra os índios. A legião de Nauvoo foi revivida para tal propósito, e, com uma política de amizade, adotada para com os índios, impediu com eficiência muitos levantes destes. Este ato de encorajamento por parte do governo de Deseret induziu muitos homens de posses a dar início a empresas manufatureiras, ajudando assim na independência industrial da região.

Além disso, a política dotada para com a educação foi bastante previdente. Se Deseret conseguisse um governo estadual, maior ênfase seria dada a esta importante fase de civilização. Esta atitude paternal é demonstrada na fundação da Universidade de Deseret (mais tarde denominada Univ. de Utah), e na obtenção de fundos do estado para sua manutenção.

Brigham Young foi eleito governador do Estado Provisório de Deseret. Tão eficiente foi em sua administração que, com a organização do Território de Utah, em setembro de 1850, foi nomeado pelo Presidente Fillmore como seu primeiro governador. O juramento oficial foi feito no dia 3 de fevereiro de 1851, quando chegou ao fim o Estado Provisório de Deseret.

Novos Oficiais Territoriais

A maioria dos oficiais nomeados para o Território de Utah eram não-mórmons dos estados do leste, em completa ignorância das peculiaridades do povo mórmon, falhando, por isto, em compreendê-lo e em conquistar-lhe a simpatia. Ser designado para o distante Território de Utah não era considerado algo muito atraente, e os homens mais capazes, como Joseph Buffington, de Pennsylvania, designado como Ministro da Justiça, rejeitavam as posições que lhes ofereciam.

Além disto, os Santos nutriam profunda e duradoura desconfiança pelo Governo Federal, resultante do sentimento de que o governo, se não responsável pelos ultrajes que lhes haviam sido ministrados em Missouri e Illinois, havia, pelo menos, falhado em agir, consentido em que fossem perseguidos. Este sentimento desenvolveu um antagonismo muito forte contra os "forasteiros" designados. O Capitão Stansbury, um arguto observador e amigo dos Santos escreveu:

"Que um profundo e duradouro ressentimento pelas injúrias recebidas e injustiças suportadas em Missouri e Illinois prevalece em toda a comunidade mórmon, é certo; tal ressentimento se estende ao governo, por causa de sua recusa em interpor-se a favor de sua proteção na época de tais dificuldades; mas, tudo o que vi e ouvi não passa de simples irritação, pois um povo mais leal e patriótico não pode ser encontrado dentro dos limites da União".[11]

Nos anos que seguiram, constantes foram as disputas entre os oficiais do governo e o povo do território. Muitos fatores, além daqueles já mencionados, contribuíram para tal situação e devem ser lembrados. Alguns destes oficiais chegaram ao território com sua mente envenenada pelos falatórios contra os mórmons. Os padrões morais alheios eram ofensivos a um povo que tinha aceito a missão de trazer a "retidão" ao mundo. Também os Santos se sentiam ligados a seus líderes religiosos e seguiam os seus conselhos, quer os mesmos coincidissem ou não com os desejos e conselhos do governo civil. Homem algum poderia pretender o mesmo poder e influência que Brigham Young exercia no território, apesar de sua posição civil. Para os Santos, Brigham Young não era tão somente o fundador do Estado de Deseret, mas o seu profeta e presidente. Embora fossem obedientes à lei da terra, mais obedientes ainda o eram à lei maior, ou seja, à lei do Evangelho, ao qual haviam prestado seu juramento de fidelidade e no qual colocavam toda sua confiança.

O Capitão Stansbury novamente relata:

"Intimamente relacionado a eles desde seu êxodo de Illinois, este homem (Brigham Young) tem sido, verdadeiramente, o seu Moisés, o homem que os conduziu através do deserto até uma terra remota e desconhecida, onde desde então estabeleceram seu tabernáculo e onde presentemente constroem o seu templo. Resoluto quando em perigo, firme e sagaz em seus conselhos, pronto e corajoso nas emergências e entusiasticamente devotado à honra e interesses de seu povo, ele fez jus à sua ilimitada confiança, estima e veneração, possuindo um lugar sem rival em seu coração. Com o estabelecimento do governo provisório ele foi unanimemente escolhido como seu mais alto magistrado civil e, mesmo antes de ser indicado pelo Presidente, o povo já via nele um personagem triplo, como seja: conselheiro, governador temporal e Profeta de Deus".[12]

Os oficiais federais do leste sentiram-se realmente estranhos e indesejados. Os desentendimentos subseqüentes formam um infeliz capítulo da história de Utah.

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. III, p. 330. ("The

---

11. **Stansbury's Report**, p. 144.

12. **Stansbury's Report**, pp. 146-147.

Comunity Placed on Rations". O povo come raízes e outras plantas nativas).

2. **Ibid.,** Vol. III, pp. 330-331. (O Lírio Sego - A Flor de Utah . Também p. 353. Nota 1. Um belo poema escrito por John W. Pike).

3. **Ibid.,** Vol. III, pp. 331-333. ("A Guerra aos Gafanhotos. A milagrosa Libertação").

4. **Ibid.,** III. pp. 333-335. Notas 10-11. (Os pioneiros celebram o Dia de Graças de agosto de 1848 com alegria e satisfação).

5. **Ibid.,** Vol. III, pp. 499-501; 504; 506-509. ("O direito de Governo Próprio Local". "Ação prematura do Governador Young". "A Atitude Mental dos Santos para com o Governo dos Estados Unidos").

6. **Ibid.,** Vol. III, pp. 509-512-516. ("Um Governo Territorial Próprio" "Os Santos se Sentem Ligados a seus Líderes Religiosos").

7. **Ibid.,** Vol. III, pp. 537-543. ("Ataque contra Brigham Young". "O Coronel Kane defende Brigham Young". "A Atitude do Governador Brigham Young para com a Situação de Utah". "Triunfo do Governador Brigham Young e do Povo de Utah").

8. **Ibid.,** Vol. IV, pp. 10-12. ("A Primeira Capital do Estado. A Única Sessão do Legislativo da Nova Capital". Ver a fotografia da Velha Mansão do Estado, na primeira capital, Fillmore).

9. Cowley, **Wilford Woodruff,** p. 349. (Em conferência geral o povo todo vota pela cessação do uso de chá, café e tabaco).

10. **Ibid.,** p. 36. (Sociedade filosófica organizada para o seu progresso mental).

11. Roberts, **Life of John Taylor,** pp. 274-279. (Um audacioso discurso pronunciado por John Taylor sobre os direitos e a lealdade do povo mórmon no Território de Utah).

12. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 385-389. (O governo Político e os Mórmons).

13. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 476-480. (O início do governo político de Utah).

14. Gates e Widtsoe, **The Life Story of Brigham Young,** pp. 146-154. (Outras Igrejas e Não-Mórmons em Utah).

15. **Ibid.,** pp. 155-171. (Governo territorial. Lealdade dos Mórmons. Os procuradores de Ouro. O Juiz Brocchus insulta o povo ao pronunciar um discurso numa conferência, etc).

16. Roberts, **A Comprehensive History of the Church,** Vol. III, pp. 520-537; 543--544. Nota. ("Desentendimentos entre os Oficiais Federais e as Autoridades da Igreja. Brigham Young ou Juiz Brocchus, etc.).

CAPÍTULO 34

UM POVO INDEPENDENTE

Independência Industrial

Quando Brigham Young conduziu os Santos para as Montanhas Rochosas era evidente que um número assim tão grande de pessoas teria que suprir suas próprias necessidades ou viria a perecer. Estavam positivamente isolados do resto do mundo. Teriam, não somente que suprir a si mesmos com alimento suficiente, mas que produzir seu próprio material de construção, manufaturar a roupa que iriam usar, providenciar divertimentos, estabelecer seu próprio sistema de educação, construir suas próprias estradas e planejar seu próprio sistema de comunicação.

O isolamento forçou-os a desenvolver uma iniciativa tal que, pelas suas realizações, raramente tem sido igualada no mundo. As grandes privações desenvolveram uma liderança e um caráter que uniu aqueles lares humildes e transformou os fundadores das comunidades SUD no oeste, em uma geração sem par de homens e mulheres.

Felizmente, para os Santos, a maior parte dos membros da Igreja veio da classe média da sociedade, estando portanto acostumados ao trabalho. Contavam com artífices de quase todas as artes. Especialmente no meio de conversos ingleses. O sistema de aprendizado na Inglaterra havia produzido homens eficientes nas técnicas de construção, desde arquitetos até pedreiros; sapateiros, seleiros, tecelões, peleiros, costureiros, marceneiros, moleiros e profissionais de todo o ramo da indústria. Até mesmo fabricantes de instrumentos musicais, construtores de órgãos, compositores, jornalistas, impressores e joalheiros eram encontrados entre eles. Nunca o povo de Utah e dos territórios vizinhos havia sido tão abençoado com a formação de trabalhadores treinados, como com a primeira geração de pioneiros que se estabeleceu nos vales das montanhas. Este foi um fator vital no sucesso dos mórmons como colonizadores.

As necessidades advindas com o isolamento forçaram os Santos a usarem sua habilidade e talento como nunca haviam usado, levando-os a realizações que permanecem até nossos dias, realizações estas tão extraordinárias que atraem a atenção do mundo. Destacando-se entre elas a construção dos edifícios.

Muitos milhões de turistas têm visitado a Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado, entrado no Tabernáculo e ouvido um concerto do seu órgão. No entanto, estas atrações, juntamente com o grande Templo que se localiza na mesma quadra são obra de um povo que trouxe para o oeste pouco mais que mãos vazias, inteligência e uma fé poderosa.

Embora menos espetacular que o programa de construção da Igreja, as realizações industriais foram a base da fundação da comunidade. Quando a água de City Creek, na tarde de 23 de julho de 1847, começou a irrigar as terras adjacentes, iniciou-se a independência econômica dos Santos. Começando com um simples processo de molhar o solo, a irrigação veio a tornar-se em um método científico de agricultura, o qual logo tornou o povo mórmon completamente independente do mundo inteiro, graças à sua provisão de alimentos. A irrigação foi a chave que abriu a fertilidade do solo, tornando possível o estabelecimento de um povo tão numeroso em uma terra que antes era completamente árida.

O crescimento dos rebanhos de gado e ovelhas, a criação de porcos e animais domésticos vieram colaborar em muito com a independência da região. O alto

O EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS DA IGREJA, centro de operações das atividades da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em todo o mundo, situado em Lago Salgado.

Gentileza do Departamento Missionário da Igreja.

A JERUSALÉM ATUAL, na forma como é vista do Monte das Oliveiras, onde o Apóstolo Orson Hyde ofereceu sua oração dedicatória.

Gentileza de Lynn M. Hilton

A UNIVERSIDADE HEBRAICA, localizada em Jerusalém; sua moderna estrutura é indicação de avanço no aprendizado superior desde a Segunda Guerra Mundial.

Gentileza de Lynn Hilton

O alfabeto Deseret, com uma página de um livro escolar e a página título do Livro de Mórmon, tirada de uma subseqüente publicação contendo partes do mesmo livro.

custo do frete através das planícies, a 250 dólares a tonelada, e a grande demora na obtenção de produtos do leste, forçaram os Santos a se desenvolverem no campo da indústria e da agricultura.

Logo em 1849, Brigham Young escreveu aos élderes que presidiam as diversas missões da Igreja, pedindo-lhes que conseguissem informações sobre qualquer indústria que porventura viesse a ser útil aos Santos em seu lar nas montanhas e que os conversos possuidores de capital emigrassem para o vale do Lago Salgado o mais rápido possível, a fim de cooperarem no ramo industrial.

Fábricas Domésticas

A sexta epístola geral da presidência da Igreja, datada de 1851, destaca algumas das realizações conseguidas em um período de três anos:

"A Cerâmica Deseret está com boa produção. No dia 27 de junho, retiramos do forno, porcelana amarela de boa qualidade e esperamos estar produzindo a branca dentro em breve. Temos certeza de que o material encontrado no vale, para a fabricação de louça de barro e porcelana, será de qualidade igual ao encontrado em outros lugares; e a indústria de louça logo estará em condições de suprir este mercado. Precisamos de bons oleiros. Uma máquina de cardar está em operação; também uma no vale de Utah, bem como outras em franco progresso.

"Há quatro beneficiadoras de cereais e cinco serrarias em operação no condado do Grande Lago Salgado; também duas beneficiadoras e duas serrarias no condado de Weber; uma beneficiadora e duas serrarias no condado de Davis; duas beneficiadoras e três serrarias no condado de Utah; uma beneficiadora e duas serrarias no condado de San Pete; uma beneficiadora e uma serraria no condado de Iron e uma serraria no condado Tooele; um desejo sempre crescente de promover a indústria doméstica prevalece através de todo o território".[1]

Em sua mensagem à legislação territorial, em 1852, o governador Young presta a seguinte informação quanto à situação econômica:

"A fabricação interna, felizmente, está indo muito bem, uma considerável quantidade de couro e de louça, e uma boa porção de roupas foram feitas, especialmente pelas mãos operosas das donas de casa, as quais, deste modo, vieram a adicionar dignidade e um crédito de honra sobre seus lares. Mostras de ferro foram remetidas pelos trabalhadores do Condado de Iron. Estes exemplares, na primeira experiência, mostraram-se grandemente satisfatórios. Separam-se bem, mas por não ter o enxofre do carvão sido suficientemente extraído, foram um pouco prejudicados; porém, com um pouco mais de experiência na combinação de materiais e um esforço contínuo, acreditamos que logo produziremos este artigo em grande abundância e de boa qualidade. Uma ajuda liberal deveria ser estendida a estes homens corajosos que têm nobremente devotado seu tempo, sob condições de penúria e necessidade, para produzir um artigo tão necessário como o ferro, para suprir as necessidades mais urgentes e para garantir a futura prosperidade do território. O ferro muito breve pagará seu próprio custo e tornar-se-á uma fonte de lucros para seus produtores; mas, até que isto possa ser conseguido, estes homens exaurem seus recursos e deveriam ser ajudados através de fundos públicos... Ainda é com prazer que anuncio a chegada em nosso território da maquinaria para a indústria de extração de açúcar de beterraba. A maquinaria e os operadores, que já estão acostumados a este serviço, vieram juntos do "Velho Mundo", e estando sob a direção de homens dedicados e enérgicos, poderão, sem dúvida alguma, em pouco tempo fornecer esse artigo em abundância, suprindo assim as necessidades do povo".[2]

Ainda na mesma mensagem, o governador anota que o Sr. Gaunt estava obtendo sucesso em sua tentativa de estabelecer uma tecelagem de lã. "Já está tecendo lã e para o próximo ano estará apto a expandir seus negócios."[3]

Falando sobre o trabalho do povo em seus lares para suprir suas necessidades, Brigham Young assim registra em seu diário:

"A irmã Hulda Duncan, do condado de Davis, entre 5 de agosto de 1854 e 27 de janeiro de 1855, teceu 177 metros de algodão, 464 de lã e 58 de flanela, além de fazer outros serviços. Tecidos do tipo já citado e grandes quantidades de outros especiais para tapeçaria foram manufaturados em Utah durante o ano passado. O trabalho foi feito em teares e em rodas de fiar bem antiquadas".[4]

Há dois anos atrás Presidente Young havia anunciado:

"Estamos nos encaminhando extensivamente

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. IV - p. 24.

2. **Deseret News**, Dezembro 25, 1852.
3. **Deseret News**, Dezembro 25, 1852.
4. **History of Brigham Young**, Ms., registrado em janeiro de 1855, p. 19.

para a fabricação caseira. Nesta estação, minha própria família, sozinha, fabricou mais de 460 metros de tecidos. Notem as roupas que os irmãos trajam diariamente em seus serviços ou nas reuniões; são todas de confecção caseira".[5]

A Indústria na Cidade de Brigham

Atividades similares eram realizadas em todo o território. A industrialização pelas companhias individuais desenvolveu-se vagarosamente, sendo pouco o lucro obtido dos investimentos, isto devido à limitada procura de seus produtos, o que aliás sempre acontece em uma comunidade ainda em formação, não contando com uma grande população e muito menos com dinheiro. Tal fato levou as indústrias a se unirem em cooperativas o que muito colaborou para o erguimento das mesmas, continuando em constante progresso, até depois do advento da estrada de ferro. Um breve relato do desenvolvimento da cooperativa na cidade de Brigham ilustrará a natureza e efeitos de tais movimentos. Lorenzo Snow, que instituiu e dirigiu o empreendimento, sumariza as realizações da companhia em uma carta dirigida ao Bispo Lunt, da cidade de Cedar, sob data de outubro de 1876:

"Respondendo ao seu pedido envio-lhe um breve relatório do crescimento, progresso e atual condição da "Brigham City Mercantile and Manufacturing Association".

"Iniciamos nossas atividades há mais de doze anos atrás, organizando um departamento mercantil, o qual era composto de quatro acionistas, incluindo a minha pessoa, com um capital de mais ou menos três mil dólares. Os dividendos eram pagos em gêneros, rendendo, usualmente, cerca de 25 por cento ao ano.

"À medida que esta empresa foi prosperando, continuamos recebendo mais capital por ações, adicionando, logicamente, novos nomes à lista de acionistas, até que conseguimos um excedente de capital, conseguindo assim captar a simpatia e confiança do povo. Resolvemos então iniciar indústrias caseiras e receber nossos dividendos, se houvesse algum, em artigos que fossem produzidos...

"Construímos um edifício de 13,5x24m com dois andares, dispondo de diversos melhoramentos e comodidades, ao custo de dez mil dólares. A maior parte do material, serviço de pedreiro e carpinteiro, foi fornecida por pessoas que desejavam entrar na companhia e não dispunham de fundos, valendo este trabalho ou material fornecido como dinheiro para a compra das ações.

"A maior parte do trabalho foi feita na estação invernosa, quando nenhum outro tipo de serviço podia ser feito, devido ao frio reinante. Um quarto do serviço foi pago em mercadorias, na medida das necessidades. Ganhamos com esta medida um capital adicional bem como vinte ou trinta novos acionistas, sem muito prejuízo nos negócios ou propriedades de cada um. O curtume tem operado durante estes últimos nove anos com sucesso e lucros razoáveis, produzindo excelente qualidade de couro, rendendo de $ 8.000 a $ 10.000 dólares anuais com uma selaria, sendo que dos artigos ali manufaturados tirávamos nossos dividendos".

"Nosso próximo empreendimento foi o estabelecimento de uma fábrica de lã, seguindo os mesmos passos dados com o curtume; obtendo o material de construção, fazendo o serviço de pedreiro e carpinteiro exatamente quando os trabalhadores não estavam empregados, ou seja, no inverno. Isto também veio aumentar nosso capital, aumentando logicamente o número de acionistas, ainda desta vez sem prejudicar os negócios de ninguém. Os lucros do departamento mercantil, com algum capital adicional, compraram o maquinário. Durante os últimos sete anos esta fábrica tem realizado negócios satisfatórios, não tendo havido necessidade de interrupção dos serviços por falta de lã, tanto no inverno como no verão, conseguindo produzir anualmente cerca de $ 40.000 dólares, em produtos. Este estabelecimento completo custou-nos mais ou menos $ 35.000 dólares.

"Prevendo uma possível dificuldade na obtenção de lã, iniciamos agora uma criação de ovelhas, começando com mil e quinhentas cabeças, as quais foram oferecidas por diversas pessoas como pagamento de ações. O rebanho conta agora cinco mil cabeças, tendo provado ser de grande ajuda para a fábrica, especialmente em épocas como a atual, em que há falta de dinheiro, e os produtores exigem pagamento a vista para compra de lã.

"A próxima realização foi uma fábrica de laticínios; tendo escolhido uma boa fazenda, começamos o empreendimento com sessenta vacas; construindo alguns edifícios provisórios, investindo pequenas quantias em tonéis, aros, prensas etc., tendo tudo isso melhorado gradativamente, para ser atualmente a melhor e mais ampla fábrica de laticínios neste território. Durante os últimos dois anos tivemos quinhentas vacas leiteiras, produzindo, em cada estação, aproximadamente $ 8.000 dólares em manteiga, queijo e leite.

Iniciamos a seguir um rebanho de gado para o corte, contando o mesmo, presentemente, mil cabeças, as quais, juntamente com o rebanho de ovelhas, suprem o mercado de gado, também propriedade de nossa organização.

"Possuímos um departamento de horticultura e agricultura, sendo o último dividido em diver-

---

5. **History of Brigham Young**, Ms., registrado em fevereiro de 1852, pp. 15-16.

sos ramos, cada qual com um competente supervisor.

"Temos ainda uma fábrica de chapéus, na qual são fabricados todos os nossos chapéus, de pele ou de lã. Produzimos nossos utensílios, temos uma olaria, fabricanos vassouras, escovas, temos uma fábrica de melado, uma serraria operada com energia hidráulica e uma a vapor; também uma ferraria, alfaiataria, fábricas de móveis e uma oficina de construção e reparo de carroções e vagões ferroviários.

"Temos um espaçoso prédio de dois andares todo construído de tijolo cru, ocupado pela maquinaria para tornear e aplainar madeira, e para fazer moldes, maquinaria esta movida por energia hidráulica.

"Formamos uma plantação de algodão de 90 hectares na parte sul do território, com o propósito de suprir nossa fábrica de algodão com matéria-prima. Nesta plantação mantemos uma colônia de mais ou menos vinte jovens. Iniciamos este empreendimento dois anos atrás, tendo seu sucesso superado as expectativas. Durante o primeiro ano, além de construir edifícios, represas, açudes, plantar árvores, vinhedos, tratar da irrigação, nivelar e preparar o solo, conseguiram uma grande safra de algodão, a qual rendeu aproximadamente 64.000 metros de tecido. Na presente estação logramos dobrar esta safra".

"Temos uma seção para o fabrico de chapéus de palha, na qual empregamos de quinze a vinte moças. No ano passado empregamos, em nossa fábrica de laticínios, vinte e cinco moças; também muitas são empregadas em nossas alfaiatarias, na confecção de flores artificiais, como tecelãs nas fábricas de lã e como funcionárias de nossos departamentos mercantis.***

"Durante os três últimos anos o pagamento de nossos funcionários foi feito da seguinte maneira: cinco sextos em artigos por nós produzidos, um sexto em produtos importados, somando tudo um total aproximado de 160.000 dólares. No ano de 1875, o valor dos produtos de todas nossas indústrias alcançou a soma de 260.000 dólares".[6]

Outras Indústrias

A Dixieland e Utah, assim denominada em virtude da indústria de algodão que havia naquela área estar em condições de produzir algodão suficiente para suprir todo o território. Fábricas para a fiação e tecelagem do algodão foram estabelecidas em St. George e Ordeville, mas a maior parte da produção era transportada para Provo, Lago Salgado e Brigham City.

O sul de Utah tornou-se também conhecido por sua indústria da seda. Bichos-da-seda foram importados do Japão e criados em amoreiras que floresciam naquela parte do estado. O fio produzido pelo bicho, na tecelagem de seu casulo, era enrolado em carretéis e depois transformado em tecido de seda.

As indústrias do algodão e da seda foram rendosas enquanto perdurava o alto preço do frete através das planícies da costa do Pacífico. Com a vinda da estrada de ferro em 1869, decaíram quase completamente. Somente a lealdade dos Santos a suas próprias realizações levou-os a sobreviver durante os anos que se seguiram, sendo os empreendimentos gradativamente abandonados.

A indústria do papel, como as demais, foi rendosa até um certo tempo. Na boca do Canyon Big Cottonwood, no Vale do Lago Salgado podemos ainda encontrar o que restou de uma das fábricas de papel. Tendo sido construídas de pedras de granito as paredes sobreviveram ao fogo que devastou os edifícios no dia 1º de abril de 1893. Em anos ainda recentes o velho e histórico edifício foi transformado em um clube de danças[7] sendo atualmente a relíquia histórica mais bem preservada do estado.

A história da indústria extrativa do açúcar da beterraba é por si só um romance industrial. Enquanto estava em missão na França, em 1849-50, Élder John Taylor recebeu uma carta urgente do Presidente Young, pedindo-lhe que conseguisse informações e maquinaria para o estabelecimento das indústrias "Deseret".[8]

Procurando cumprir esse singular dever missionário, Élder Taylor, acompanhado por um jovem converso francês Philip de La Mare, visitou a região de Arras, a qual se havia tornado o centro da indústria extrativa do açúcar da beterraba no norte da França. Esta pequena cidade distribuía no mercado

6. Eliza R. Snow, **Biography of Lorenzo Snow**, pp. 291-295.

7. O "Oid Mill Club".

8. Philip de La Mare, **Manuscript History of the Deseret Manufacturing Company.**

Papel Moeda que circulava nas povoações Mormons.

cerca de 908.000 a 1.360.000 kg. de açúcar, anualmente. Foi feito cuidadoso estudo sobre a beterraba, sobre o solo necessário para seu crescimento, o cuidado que ela requer e o processo industrial da mesma. Elder Taylor estava convencido de que havia encontrado a indústria ideal para o distante "Estado de Deseret".

A Tentativa de Fabricar Açúcar

Foi formada a Deseret Manufacturing Company, com o jovem De La Mare comprando 5000 dólares em ações. Élder Taylor foi à Inglaterra, onde de quatro abastados Santos (Mr. Colliston, John R. Winder, John W. Coward e o capitão Russel) elevou o capital do empreendimento para 60.000 dólares. Sob a supervisão de Élder Taylor, a firma inglesa de Faucett, Preston & Cia. produziu a maquinaria necessária à indústria do açúcar, ao custo de 12.500 dólares.

As dificuldades da companhia estavam ainda no começo. As máquinas pesadas foram embarcadas por via marítima para New Orleans. Lá os oficiais alfandegários, inesperadamente, adicionaram mais de 5.000 dólares na tarifa. Dali as máquinas seguiram por via fluvial até o forte Leavenworth, onde cinqüenta e dois carroções foram reunidos para transportá-las através das planícies. Os carroções, por serem muito leves, quebraram sob o peso das pesadas máquinas. Os fundos da companhia foram se esgotando. O jovem De La Mare, que estava supervisionando o carregamento, encontrou-se, no forte Leavenworth, com um tal de Charles H. Perry, que por sinal não era Mórmon, o qual lhes forneceu, a crédito, quarenta carroções do tipo Santa Fé, sendo os mesmos muito resistentes.

A 4 de julho de 1852, a grande caravana, com 200 parelhas de bois, começou a jornada de 320 km até a cidade do Lago Salgado. Esta foi indubitavelmente uma jornada sem paralelos na história da indústria americana. Durante cinco meses esta pesada caravana passou por duras penas embaixo de um sol causticante, para depois enfrentar, próximo do Vale do Lago Salgado, a neve que alcançava quase um metro de altura. As provisões estavam praticamente esgotadas obrigando-os a usar alguns dos bois como alimento. Antes de atingirem o Vale do Lago Salgado as máquinas mais pesadas foram deixadas ao longo da estrada. Élder John Taylor, adiantando-se à caravana, alcançou o vale e mandou duas expedições de socorro com parelhas e suprimentos. Encontraram-se com a caravana no caminho e conduziram os Santos emigrantes, que estavam com a companhia, para a Cidade de Lago Salgado. A companhia principal somente chegou no fim de novembro.

A maquinaria do açúcar foi primeiramente levada para Provo, de onde retornou para Lago Salgado. Uma parte foi colocada na extremidade norte da quadra do templo, onde, por um curto período de tempo, foi usada para o fabrico de melado. Finalmente a usina completa foi montada a 6,4 km a sudoeste da cidade. Esta localização ficou conhecida como Sugar House (Casa do Açúcar).

A primeira tentativa de fabricação do açúcar foi desencorajante. A semente da beterraba, trazida da França com a maquinaria, foi plantada nas terras já irrigadas. Quando foi feita a colheita e as beterrabas moídas, descobriu-se que o suco da beterraba estava impregnado de minerais, tendo, por este motivo, ficado muito escuro.

O sr. Mollenhauer, um experiente fabricante de açúcar, que havia sido persuadido a emigrar para Utah, viu as condições do açúcar e procurou as retortas necessárias para purificá-lo e clareá-lo. Não havia nenhuma. A companhia francesa, que havia dado as instruções para a montagem e uso da usina, tinha se esquecido de tão importante parte. Parecia que todo o empreendimento havia fracassado. O sr. Mollenhauer e o sr. De La Mare, improvisaram algumas retortas de laboratório

para a queima de ossos e, com o carvão animal dali produzido, clareavam o melado até que ficasse tão claro como o cristal. Escreve De La Mare: e assim podíamos produzir o açúcar, sendo aquela substância animal o único elemento de que necessitávamos.[9]

A esta altura dos acontecimentos a companhia estava tão comprometida e sem meios para saldar seus débitos, que toda a usina passou para a Igreja com a condição de que esta assumisse os compromissos. A usina foi mais tarde usada para o fabrico de melado e não de açúcar.

O empreendimento não foi totalmente um fracasso. Demonstrou que o açúcar da beterraba podia ser produzido em Utah, tornando-se o impulso para o estabelecimento, mais tarde, de uma grande indústria. A história ilustra a ousada coragem dos antigos Santos em empreendimentos industriais.[10]

Educação.

Um povo que se muda para uma nova região sempre sofre, por algum tempo, a falta de instrução. As dificuldades para o estabelecimento dos lares e a falta total de escolas e oportunidades educacionais retardaram a instrução dos jovens. O que aconteceu com os Santos não foi em absoluto uma exceção. Entretanto, o esforço heróico deste povo para evitar o declínio total da aprendizagem e promover o necessário treinamento de seus jovens, muito contribuiu para preencher aquela grande lacuna e pavimentar o caminho que levou ao que é atualmente um dos melhores sistemas educacionais de todo o país.

Quando começaram, no inverno de 1845-46, em Nauvoo, os preparativos para a grande emigração rumo a oeste, a futura educação dos jovens foi considerada. Os Santos do leste, que partiram para a Califórnia no navio Brooklin, trouxeram consigo uma grande quantidade de livros escolares, versando sobre todas as matérias. Estes foram reunidos por instrução de Brigham Young.

Em Nauvoo, o conselho dos Doze apontou W.W. Phelps, um entusiasta da educação, para preparar e coligir livros que seriam estudados pelos jovens naquele novo lugar de coligação. Alguns destes livros, coligidos por Phelps, foram usados nas escolas em Winter Quarters no fim do inverno de 1846-47.

De Winter Quarters, em dezembro de 1847, uma "Epístola Geral" foi enviada aos Santos de todo o mundo. Nela lemos:

"Seria bem proveitoso que todos os Santos guardassem pelo menos uma cópia de toda e qualquer obra que tratasse de ensino: todo livro, mapa, carta ou diagrama que contenha assuntos interessantes, úteis e agradáveis para chamar a atenção das crianças, levando-as a amar o aprendizado; também escritos e artigos históricos, matemáticos, filosóficos, geográficos, geológicos, científicos, práticos, enfim, tudo o que for interessante para apresentar ao Registrador da Igreja quando chegarem ao novo lar para que todos os assuntos importantes sejam compilados, em valiosas obras que abranjam toda ciência e assunto, para servir as crianças em idade escolar".[11]

Estas sugestões foram seguidas pelos Santos emigrantes. Como resultado deste trabalho foi aberta na Cidade de Lago Salgado, em 1850, uma biblioteca pública.

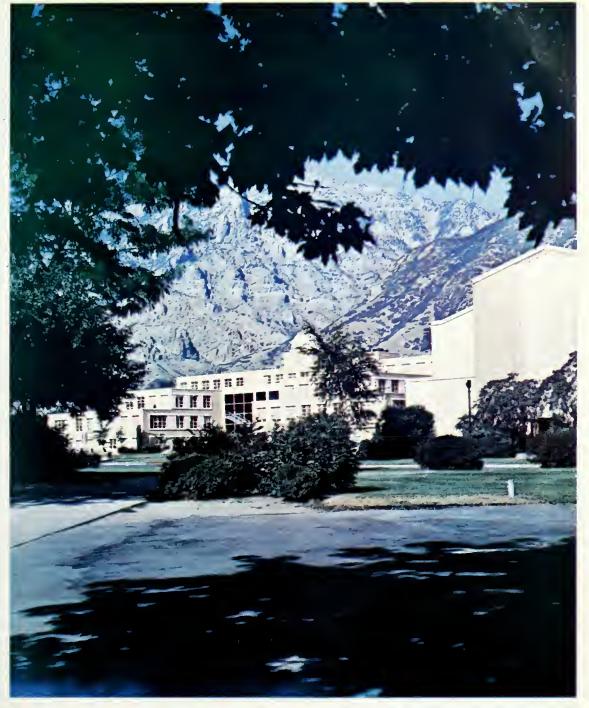
O problema da educação dos jovens foi quase insuperável, pois o povo estava em precárias condições, agravadas pela necessidade de todo braço, velho ou jovem, na construção de casas, no pastoreio do gado e em lavrar o campo.

Não obstante, pessoas corajosas fizeram a tentativa. Tão logo uma parte do Forte Old foi completada, em fins de outubro de 1847, Mary Dilworth inaugurou a primeira escola. Um dos edifí-

---

9. Philip De La Mare, **Manuscript History of the Deseret Manufacturing Company.**

10. Nota. A indústria extrativa do açúcar da beterraba foi estabelecida com sucesso em 1893, com a abertura de uma fábrica em Lehi, Utah. Wilford Woodruff, então presidente da Igreja, foi inspirado por Deus para iniciar a indústria, como empreendimentos da Igreja. Esta organização se tornou conhecida como a Utah-Idaho Sugar Company.

11. **Millennial Star,** Vol X pp. 81-88. Veja também Roberts. **Comprehensive History of the Church,** Vol. II, p. 312.

A UNIVERSIDADE DE BRIGHAM YOUNG, uma instituição de ensino superior da Igreja em Provo, Utah, tem, presentemente, um corpo estudantil de 28.000 alunos.

Gentileza do Departamento de
Relações Públicas da Universidade de Brigham Young

cios recém-construídos, incluindo a parede do forte e contendo aberturas para o caso de ataque índio, constituiu-se na primeira sala de aula. Durante o inverno de 1848-49, funcionaram diversas classes, ministradas quase em sua maior parte por missionários.

Na primavera de 1840, a Primeira Presidência da Igreja anunciou:

"Durante o inverno passado funcionaram diversas escolas nas quais as línguas, hebraica, grega, latina, francesa, alemã, tahitiana e inglesa foram lecionadas com sucesso".[11a]

A Universidade de Deseret

Antes de Utah haver sido organizado como território dos Estados Unidos (setembro de 1850) a Legislatura do estado provisório de Deseret aprovou a proposição para que fosse criada a "Universidade de Deseret", a precursora da atual "Universidade de Utah". À primeira instituição de ensino superior foram dados um chanceler e um conselho de doze membros. Foi votado um crédito anual de cinco mil dólares, pelo prazo de vinte anos, como parte do fundo de manutenção. Orson Spencer, formado pelo seminário de teologia de Hamilton, New York, foi designado para dirigir a instituição.

A fundação de uma universidade, naquele tempo, requeria maiores posses do que as possuídas pelos Santos. Apesar disso, na 2ª segunda-feira de novembro de 1850, na Casa do Conselho a universidade foi inaugurada. Dr. Cyrus Collins era o único instrutor. Foi sucedido, durante o ano, por Orson Spencer e este por W.W. Phelps. Em um boletim emitido pelo conselho da universidade, em 1884-85, lemos:

"Entretanto, devido às imaturas condições de suas finanças bem como ao limitado apoio, não resistindo ao fato de ter sido transformado em escola gratuita, o departamento de instrução foi logo dissolvido, e a universidade permaneceu temporariamente inativa, tendo uma existência apenas nominal até 1877". De 1867-69 a Universidade foi dirigida pelo Dr. D.O. Calder, nos moldes de um colégio comercial.

Ela de fato ganhou vida a partir da gestão do Dr. John R. Park, como chanceler, em 1869. Daquela data em diante cresceu a instituição, comparando-se com as melhores dos Estados Unidos.

Escolas primárias, entretanto, funcionaram desde o tempo de Mary Dilworth, em 1847, apesar de o sistema escolar, em todo o território, haver estado desorganizado por muitos anos e a maior parte das crianças em idade escolar ter passado muito pouco tempo dentro das salas de aula. Diversas condições retardaram o desenvolvimento escolar. Primeiro, a falta de instalações e de fundos para a contratação de professores. Segundo, muitas comunidades, por estarem isoladas, não conseguiam encontrar professores competentes. Aqueles, entre os Santos, que podiam dirigir as escolas estavam ocupados na tarefa de arar o solo, na construção de comunidades ou em levar avante o extenso programa missionário da Igreja. Em terceiro lugar, no governo territorial, especialmente onde seus oficiais não eram mórmons, não havia encorajamento para a adoção de uma severa política educacional. O governo territorial continuou ainda por quarenta anos, depois de o Território de Utah já estar preparado para passar a estado. Durante este tempo (até 1896) nenhum terreno público foi oferecido para a construção de escolas, sendo que em outros estados eram doados.

Desenvolvimento das Escolas da Igreja

O interesse da Igreja no desenvolvimento e educação dos seus jovens, levou-a prontamente a lançar-se no campo educacional, desenvolvendo, no estado, um sistema de educação independente das escolas estaduais. Este sistema de escolas da Igreja foi inaugurado visando a melhor educação para os rapazes e moças formados nas diversas classes escolares, especialmente onde não havia escolas secundárias. Para supervisionar este plano de educação, a Igreja designou um quadro de educadores da Igreja e um quadro de educadores locais em cada escola ou academia por ela dirigida. Estas escolas eram distri-

11a. James Clark, Messages of the First Presidency. Vol. 1 p. 350.

buídas por todo o território, nos centros de maior população, e eram ministradas, lado a lado, instrução secular e religiosa.

Em 1875, Brigham Young enviou o Dr. Karl G. Maeser para estabelecer uma universidade em Provo, a qual se tornou conhecida como a Brigham Young University. Uma faculdade com o nome de Brigham Young College foi estabelecida em Logan, em 1877. Por volta de 1913, contavam com 3 faculdades, dezenove academias e oito seminários.

Karl G. Maeser, enviado por Brigham Young a Provo em 1875, a fim de estabelecer a universidade.
Gentileza do Escritório de Publicações da Universidade de Brigham Young.

À proporção que o sistema de escolas secundárias estaduais se desenvolvia, as pesadas taxas cobradas para a manutenção das mesmas tornaram imprudente para a Igreja ter seus membros custeando escolas cujos cursos eram os mesmos ministrados nas instituições do estado.

Começando em 1913, com o abandono da Academia Summit, em Utah, a Igreja gradativamente se retirou do campo de ensino secular. A maioria dos prédios das escolas da Igreja foi comprada, por um preço mínimo, pelo sistema de escolas distritais ou estaduais, sendo mantidas como instituições estaduais de ensino secundário ou ginasial. Por volta de 1961, a Igreja mantinha a Universidade de Brigham Young, em Provo, a qual tem sido uma das escolas de maior projeção no vale das Montanhas Rochosas, o Ricks Junior College em Rexburg, Idaho, e a Juarez Stake Academy, em Colonia Juarez, México. À medida que abandonava algumas áreas de educação secular, a Igreja aumentou sua atividade no campo da educação religiosa. Concentrou sua atenção na instrução diária dos jovens em assuntos religiosos. Neste campo de instrução religiosa diária, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi a precursora em toda a América.

Em 1912, passou a funcionar um seminário em caráter experimental como sistema de educação religiosa nos dias de semana, para alunos que freqüentavam as escolas secundárias. A experiência foi chamada de Seminário, e envolvia o estabelecimento de salas de aula perto da Granite High School, com a permissão do School District e da Utah Board of Education. Os alunos que tinham períodos de aula livres cruzavam o campus da universidade e entravam no edifício do Seminário, onde recebiam educação formal religiosa durante o período de folga, e depois voltavam novamente para a universidade. A participação dos alunos era inteiramente voluntária. O Seminário era uma instituição completamente independente da universidade. O programa teve grande êxito e foi estendido a outras escolas, e eventualmente a todo o mundo. No ano letivo de 1971/1972, havia 230 seminários funcionando nas horas vagas entre as aulas, 15 seminários especiais para alunos excepcionais; 2.918 classes de seminário de horário fixo, reunindo-se uma hora antes do horário escolar, e 1.774 classes de curso individual de estudo no lar, com um alistamento total de 138.069 alunos. Em adição ao Programa do Seminário, indicado acima, a instrução religiosa nos seminários da Igreja foi estendida, em 1972, para mais de 17.000

alunos índios nas escolas estaduais para índios e nas Reservas.

Os Institutos de Religião foram estabelecidos para servir os alunos nos colégios e universidades localizados em todos os estados dos Estados Unidos e Canadá. Em 1972, havia 53.395 alunos matriculados nos Institutos de Religião.

O total de matrículas entre o Seminário e o Instituto de Religião, em 1972, era de 208.477 alunos, com planos de progresso para maior expansão.

Os Clubes Deseret, operados pelo Departamento de Educação, que foram os precursores do Instituto de Religião, foram estabelecidos em mais de 300 colégios no ano de 1970. Nesse ano, esses clubes foram extintos e substituídos por um Instituto de classes de tempo parcial, e pela Latter-Day Saints Student Associations, que foi fundada em base mundial com a finalidade de entrar em contato com todos os estudantes secundários do mundo inteiro, e assisti-los, em todo o lugar onde a Igreja fosse estabelecida.

O Homem Existe Para Que Tenha Alegria

A filosofia de vida ensinada pelo profeta Joseph Smith nada possui de "asceticismo".[12] O corpo, em sua opinião, não é uma prisão para o espírito do homem, mas "o espírito e o corpo, unidos, conseguem a plenitude da alegria".[12]

O Livro de Mormon proclama: "O homem existe para que tenha alegria"[13] O Profeta, contrariando as outras denominações religiosas, introduziu danças, esportes e teatro entre seu povo. Ao mesmo tempo, condenou os prazeres sexuais que são apenas temporários e nos levam à miséria e a decadência.

Os pioneiros, durante a dura jornada através de vales e montanhas, tiveram sua carga aliviada com canções e danças.

Foi bom que estas coisas se houvessem tornado parte da vida dos Santos nos vales do oeste, pois elas aliviaram a dureza das montanhas e fizeram com que homens e mulheres esquecessem o passado e tivessem esperança no futuro.

Sendo um povo isolado como eram os mórmons, todos os entretenimentos que tinham eram por eles mesmos organizados. Neste campo, tornaram-se independentes do resto do mundo. Toda a comunidade, por exemplo, desenvolveu sua companhia de teatro. Fazendeiros e donas de casa, jovens e velhos, deixaram seus papéis cotidianos e representaram outros no palco. Os entretenimentos não esperaram até que as casas estivessem prontas. Em 1848, foram encenadas algumas peças debaixo do velho caramanchão, na Cidade de Lago Salgado. Em 1859, foi construído o Social Hall, onde teriam lugar as apresentações teatrais e danças. Em 1861, Brigham Young ordenou a construção do Teatro de Lago Salgado. Por mais de meio século, neste histórico edifício, todo grande ator da América realizou pelo menos uma apresentação. A estrutura foi desenhada pelo arquiteto da Igreja. Mr. Folson, e era uma duplicata, interna e externamente, do famoso Drury Lane Theatre de Londres, Inglaterra. Mr. Samuel Bowles, editor de Massachusetts assim se expressou:

> O edifício por si só é um raro triunfo da arte e da realização. Nenhuma cidade do leste, com suas centenas de habitantes, iguala à Cidade de Lago Salgado por possuir tão lindo edifício teatral. É rico em acomodações e elegância de construção, equiparando-se com as casas de ópera e academias de música de Boston, New York, Philadelphia, Chicago e Cincinnati".[14]

O teatro foi aberto para apresentações dramáticas, em 8 de março de 1862. Durante o primeiro ano, as peças apresentadas foram preparadas pela "Deseret Dramatic Association", com Hiram B. Clawson como diretor-geral e John T. Caine como diretor de palco. Depois do primeiro ano, os grupos teatrais, que freqüentemente excursionavam pelo país, foram responsáveis por muitas apresentações. Continuou em constante funcionamento até 1929, sendo então derrubado para dar lugar a empreendimentos comerciais.

O exemplo dado por Brigham Young, construindo e mantendo o Salt Lake Theatre, foi seguido, embora em menor escala, por toda a comunidade mórmon. Companhias teatrais amadoras conti-

12. Asceticismo – A filosofia de que o espírito é aprisionado no corpo e que o homem sóconseguesua grande recompensa na outra vida, superando e dominando seus desejos corporais.

13. **Livro de Mórmon**, 2. Nefi, 2:25.

14. Browles, **Across the Continent**, p. 103.

O Teatro do Lago Salgado, construção ordenada por Brigham Young em 1861. As pessoas vendiam frutas e vegetais, ou faziam vestuários e cenários para as companhias de teatro visitantes em troca de bilhetes para assistir as representações.

nuaram até o advento do cinema, o que os obrigou a deixar este campo[15] de atividade.

Em toda a comunidade mórmon foi construído um local de recreação e, considerando proporcionalmente, é claro, quase tão importante para a felicidade do povo quanto as capelas. Em algumas das comunidades menores o prédio que servia para adoração no dia do Senhor era usado para recreação durante a semana.

Comunicação

Quando os pioneiros adentraram o Vale do Lago Salgado, viram-se isolados do resto do mundo. Não tinham a menor idéia do que estava acontecendo do outro lado do vale. Desconheciam até mesmo o destino dos Santos que emigravam das planícies.

Da mesma forma, as companhias dos emigrantes nada sabiam sobre a chegada, ou não, dos pioneiros no vale. Só havia um meio de comunicação, sendo este o envio de um mensageiro em uma mula ou cavalo, o qual teria que percorrer intermináveis distâncias ou então confiar as cartas a vagarosas caravanas ou caçadores que se dirigiam para o oeste ou leste. Não havia serviço de correspondência ou mesmo um correio. As cartas que chegavam ao Lago Salgado eram distribuídas aos domingos, no fim da Reunião Sacramental.

No inverno de 1849, o governo federal estabeleceu um correio na Cidade de Lago Salgado, designando Joseph L. Heywood como agente. Foi autorizado o envio de correspondência de dois em dois meses entre Kanesville e Salt Lake City. Almon W. Babbit encarregou-se

15. (Nota). Este interesse pelo teatro está sendo reavivado pela SAM e será discutido num capítulo posterior.

de levar a correspondência, devidamente autorizado e sem nada cobrar, utilizando para tal a sua companhia de transporte.

Em 1850, o serviço postal dos Estados Unidos foi estendido à Cidade de Lago Salgado, tendo gradativamente incluído todos os principais povoados.

Constantemente petições chegavam às mãos do governador, assinadas por cidadãos dos diversos condados do novc território, pedindo a instalação de serviços postais ou melhora dos mesmos, mas a resposta sempre tardava.

O primeiro contato com o departamento postal dos Estados Unidos para o transporte de mala postal, entre o rio Missouri e a Cidade de Lago Salgado, foi entregue a Samuel H. Woodson, de Independence, Missouri, em 1850. A primeira mala postal chegou a Lago Salgado a 9 de novembro de 1850. Foi trazida por Feramorz Little, um mórmon contratado para levar a correspondência entre o forte Laramie e a Cidade de Lago Salgado. No diário de Brigham Young encontramos um trecho:

"O irmão Charles Decker chegou de Laramie com a correspondência do leste. Cruzou, nadando, todos os rios entre nossa cidade e Laramie. A mala postal e as mulas foram perdidas em Hamm's Fork, a mala ficando embaixo d'água de uma às sete da tarde; os cavalos principais foram salvos. O irmão Decker permaneceu, junto com a correspondência, na água gelada; depois, exausto, não teve outro recurso a não ser enrolar-se em cobertores, que estavam tão molhados quanto é possível estar um cobertor dentro d'água, e lá ficar até amanhecer, quando notou que respirava livremente e que involuntariamente se havia curado de uma febre que estava a atormentá-lo desde que deixou a cidade.

"O irmão Ephraim K. Hanks (aproximadamente no mesmo tempo) havia chegado até o rio Bear com a mala do leste. No rio Weber, a balsa em que ele e sua companhia estavam cruzando o rio afundou, forçando-os a nadar para salvar suas vidas. A mala postal foi levada pela correnteza, ficando em baixo d'água por mais de duas horas. Após grandes dificuldades e arriscando a vida conseguiram pegá-la. Alcançando o rio Bear, o qual em toda sua extensão, indo de montanha a montanha era muito bravio, acharam impossível prosseguir".[16]

16. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. IV pp. 29-30.

O Correio a Cavalo

O transporte da correspondência era uma ocupação cheia de aventuras e perigos.

Em 1859-60, um grande melhoramento foi introduzido no sistema postal: a introdução do "Correio a Cavalo". O sistema foi organizado por W.H. Russel de St. Louis e outros. Com este novo sistema, cavaleiros solitários transportavam a mala através do continente, cobrando a alta taxa de $ 5 por onça. Foram construídas agências com uma distância de aproximadamente 30 quilômetros entre uma e outra, e em cada uma delas eram mantidos cavalos descansados. Cada cavaleiro trocava de cavalo três vezes ao dia. Estes homens deveriam percorrer 12 quilômetros por hora. O tempo que levavam entre New York e San Francisco foi encurtado para treze dias, sem dúvida uma ótima realização. Os heróicos cavaleiros cumpriam suas rotas, a despeito das tempestades, calor ou ataques dos índios. Vidas era freqüentemente sacrificadas a bem do serviço. O correio a cavalo era popular no Vale do Lago Salgado. Muitos dos jovens do vale estavam entre os excelentes cavaleiros. Em abril de 1861 assim escreveu George A. Smith:

"O Correio a Cavalo provou ser uma grande instituição. As notícias da rendição do Forte Sumpter chegaram aqui (Cidade de Lago Salgado) em sete dias".[7]

Por falta de recursos o correio a cavalo teve de ser interrompido. A alta taxa cobrada reduziu o número de cartas a menos de 200 cada vez.

Com a complementação do telégrafo, em 1861, praticamente não havia mais necessidade do correio a cavalo, o qual foi gradativamente abandonado. A chegada da linha telegráfica à Cidade de Lago Salgado, foi, em grande parte, o resultado das petições dirigidas ao governo federal pelo território de Utah, começando em março de 1852.

Foi outorgada a Brigham Young a honra de mandar a primeira mensagem através do fio. A 18 de outubro ele man-

17. Carta a John L. Smith, History of Brigham Young, Ms., 1861, p. 165.

dou a seguinte mensagem a Mr. Wade, presidente da companhia telegráfica:

"Senhor: Permita-me congratulá-lo por esta notável realização que é a chegada do telégrafo a esta cidade, felicitá-lo e aos seus ajudantes pelo rápido e bem sucedido trabalho que tantos benefícios irá trazer a esta região; expressar o desejo de que o uso deste melhoramento seja sempre para promover o verdadeiro intercâmbio entre os habitantes do Pacífico, do Atlântico e do nosso continente. **O território de Utah não está separado do país, ao contrário, é leal à Constituição e às leis de nossa Pátria e está vivamente interessado em empreendimentos do quilate deste que agora é completado**".[18]

A linha telegráfica de San Francisco foi concluída alguns dias mais tarde e Brigham Young teve o privilégio de mandar a primeira mensagem telegráfica para a costa do Pacífico. Estas cortesias a Brigham Young foram em reconhecimento ao seu grande serviço prestado ao empreendimento, bem como em reconhecimento aos trabalhadores mórmons que construíram grande parte da linha.

Uma linha telegráfica, ligando a Cidade de Lago Salgado com os povoados do sul, foi estendida até Pipe Springs, Arizona, em 1865-67. Esta foi uma realização exclusivamente custeada pela Igreja, com a finalidade de promover maior unidade e responsabilidade dentro da mesma. Foi chamada Telégrafo Deseret, tendo sido operada pela Igreja até 1900, quando foi encampada pela Western Union System.[19]

Leituras Suplementares

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church.** Vol. III, pp. 411-413; 395 - 402. ("Philip De La Mare, Os Heróis da Indústria em Utah". A história da tentativa pioneira do estabelecimento da indústria extrativa do açúcar de beterraba, em Utah, sob a liderança de John Taylor. Uma história dramática envolvendo muitas pessoas e aventuras, atingindo três países – França, Inglaterra e Estados Unidos da América). (Veja também leitura nº 6, embaixo, para uma narrativa interessante concernente ao assunto).

2. **Ibid.,** Vol. IV, pp. 12-19 (Construções históricas do período dos pioneiros, as quais se tornaram famosas).

3. **Ibid.,** Vol. VI, pp. 506-521. (Retrospecto no campo da educação promovida pelo estado e pela Igreja).

4. **Ibid.,** Vol. VI, p. 513. ("Nossas escolas começaram quando Utah começou, desenvolveram-se com o desenvolvimento de Utah", extraído de uma declaração oficial do professor William Roylance, assistente e superintendente do Departamento de Educação Pública do estado. Um excelente e breve relato de um importante fato histórico. Convém ressaltar que o professor Roylance não é mórmon).

5. **Ibid.,** Vol. IV, pp. 31-33, 46-52, 548--550. (Telégrafo e estrada de ferro nacional. Interesse dos mórmons em melhorar a comunicação e o transporte entre o leste e o oeste).

6. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 390-394. (Veja acima leitura nº 1, um relato claro e interessante).

7. Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** pp. 215-216. (O início das realizações na indústria extrativa do açúcar da beterraba, em Utah).

8. **Ibid.,** pp. 210-223. ("Independência industrial". Um capítulo interessante e informativo).

9. **Ibid.,** p. 24 (Brigham Young: seu interesse e simpatia pelos pobres).

10. Roberts. **Life of John Taylor,** pp. 323-324. (John Taylor designado para o posto de superintendente territorial das escolas distritais. Comissionado por Charles Warren, Comissário da Educação em Washington).

11. **Educational Review, junho** de 1913. (Artigo sobre bolsas de estudo entre os pioneiros).

---

18. Deseret News, Outubro 23, 1861.

19. (Nota). O advento da estrada de ferro, em 1869, marcou o término do isolamento de Utah, e será abordado em capítulo posterior.

CAPÍTULO 35

EXPERIMENTOS SOCIAIS

A Comunidade Rural Mórmon

Ao colonizar o Oeste, Brigham Young não fez qualquer tentativa de estabelecer a "Lei da Consagração". Nos planos de colonização deste líder, entretanto, poderiam ser encontradas diversas características incomuns que tornaram a comunidade rural mórmon diferente das outras comunidades rurais dos Estados Unidos. Estas características incomuns surgiram graças à tentativa de seguir em parte o plano do Profeta Joseph Smith para as "Cidades de Sião". A necessidade de proteção contra os índios, bem como a de água potável, desempenhou também a sua parte.

O viajante que tenha previamente passado pelas áreas agrícolas de Kansas e Nebraska, com suas casas tão distantes uma das outras e suas numerosas escolas compostas de uma só sala, se surpreende ao ver que os fazendeiros mórmons vivem todos em vilas e cidades. Ao passar por Utah o viajante nota vilas e cidades em intervalos regulares de 15 ou 20 quilômetros de distância mais ou menos cada uma. Entre estas cidadezinhas há poucas ou nenhuma casa, embora os campos estejam cultivados e sinais de cuidadosa administração sejam visíveis por toda a parte. Os donos destes campos vivem nas cidades.

Joseph tinha como um de seus planos que todo o seu povo pudesse participar das vantagens oferecidas pela sociedade. Conseqüentemente, todas as fazendas deveriam existir fora da cidade, enquanto o povo deveria viver junto. No ponto de vista do Profeta, o propósito da vida era desenvolver a personalidade, o que poderia ser mais facilmente conseguido através do contato social. Conseqüentemente o isolamento de indivíduos ou famílias deveria ser evitado, fosse qual fosse a vantagem monetária que tal isolamento viesse a trazer.

Nas colônias rurais desenvolvidas pelos Santos na Grande Bacia, perdia-se muito tempo em caminhadas de ida e volta para as fazendas, geralmente a seis ou sete quilômetros da cidade. Entretanto, para compensar esta perda econômica muitos foram os lucros culturais e igualmente econômicos. Comunidades compactas tornam possível a construção de boas escolas e belas igrejas. A escolinha de uma só classe, tão típica nas regiões dos Estados Unidos, tornou-se praticamente desconhecida. As escolas e igrejas usuais eram do tipo das encontradas nas áreas metropolitanas.

A consolidação da população rural simplificou o problema de transporte à escola e à igreja, induzindo a uma maior assistência em ambas as partes. O resultado foi uma educação praticamente geral nos graus elementares, muito antes da escola obrigatória ter sido sequer tentada.

Toda a comunidade rural tinha igualmente seu centro de recreação e seu teatro. As mulheres tinham suas reuniões e grupos de costura. As crianças podiam brincar com amiguinhos de sua própria cidade. O povo, em íntima aproximação, trocava idéias livremente. A cooperação nos projetos da comunidade para o bem-estar geral era de fácil obtenção. O orgulho civil, bem como interesse pelos assuntos governamentais, foi desenvolvido. Um jornal era usualmente publicado, conservando, na medida do possível, a comunidade informada dos acontecimentos atuais. Mais tarde a vida em grupos trouxe ao povo os benefícios da eletricidade e todos os confortos que seguem a sua introdução. A comunidade compacta também tor-

nou possível a introdução do telefone. Nas regiões onde os lares agrícolas se encontravam muito separados, a introdução destes melhoramentos foi lenta e dispendiosa.

As colônias mórmons eram mais que comunidades rurais. Já nos primeiros dias de colonização eram quase completamente independentes. As comunidades geralmente produziam suas próprias roupas, preparavam sua própria farinha, operavam seus próprios moinhos, manufaturavam seus próprios tijolos e, enfim, supriam todas as suas necessidades. Algumas destas colônias permaneciam isoladas uma boa parte do ano.

Nestas comunidades a religião era o fator principal na unidade do povo. O fato de muitos da comunidade serem enviados pelas autoridades da Igreja a determinado local, a fim de lá se estabelecerem, fez com que fizessem o supremo esforço a fim de tornar a nova colônia um sucesso. Muitas comunidades da Grande Bacia teriam sido abandonadas, não fosse o sentimento de dever religioso que as fez serem bem sucedidas.

Os agrupamentos ofereciam também proteção contra os índios. Quando uma boa porção de pessoas vivia junta, era possível construir-se muro ou paliçada em redor da colônia ou de parte dela, de forma que a comunidade ficava como um forte.

O tipo de comunidade mórmon era especialmente adaptável às áridas regiões, onde a água adequada para o uso doméstico se encontrava em lugares muito distantes e separados. Isto acontecia especialmente ao sul de Utah, onde as comunidades mantinham o seu interesse primordial na criação de gado e ovelhas, em vez de agricultura. Determinada comunidade haveria de reunir seus rebanhos e manadas numa área de cerca de cem milhas quadradas, de modo que ainda assim o povo pudesse gozar de uma compacta vida em comunidade.

"A Ordem Unida"

No inverno de 1874 foi inaugurado por Brigham Young um movimento de reforma dentro da Igreja. Os membros da Igreja principiavam a se descuidar de seus deveres para com o seu próximo. Começavam a existir "classes" dentro da Igreja e os pobres nem sempre eram bem cuidados. A fim de remediar esta crescente tendência às coisas mundanas, Brigham Young advogou a volta ao princípio de consagração e mordomia, ensinado por Joseph Smith. Pode-se ver claramente que ele tinha por propósito assegurar uma maior união espiritual entre seu povo.

O movimento foi inaugurado em St. George, enquanto Brigham Young passava lá o inverno de 1873-1874. As seguintes regras de conduta foram expostas àqueles que se haviam habilitado a participar do movimento a ser conhecido como a "Ordem Unida de Sião".

"Não tomaremos o nome de Deus em vão, nem falaremos irrefletidamente sobre o Seu caráter ou sobre quaisquer coisas sagradas.

"Oraremos com nossas famílias de manhã e à noite, bem como faremos também oração em particular.

"Observaremos e guardaremos a Palavra de Sabedoria, de acordo com o seu espírito e significado.

"Trataremos nossas famílias com a devida bondade e afeição e estabeleceremos para nossos familiares um exemplo digno de imitação. Quando em família ou em contato com toda e qualquer pessoa, procuraremos não entrar em contendas ou discussões e pararemos de falar mal um do outro, cultivando um espírito de caridade para com todos. Consideraremos nosso dever não sermos egoístas ou invejosos e procuraremos o interesse um do outro e a salvação de toda a humanidade.

"Guardaremos o Dia do Senhor para santificá-lo de acordo com as revelações.

"Aquilo que emprestarmos levaremos de volta de acordo com nossa promessa; aquilo que acharmos não pegaremos para nosso próprio uso, mas procuraremos devolver a seu próprio dono.

"Pagaremos, tão logo nos seja possível, todas as dívidas por nós contraídas antes de nos unir-

mos a nossa ordem e, tão logo estejamos plenamente identificados com a dita ordem, não contrairemos nenhuma dívida contrária aos desejos da diretoria da mesma.

"Ajudaremos nossos irmãos pertencentes à Ordem.

"Quanto à nossa aparência, não nos deixaremos cegar pela moda nem estimularemos o uso de roupas extravagantes; cessaremos de importar ou comprar de fora qualquer artigo que possamos razoavelmente dispensar ou que possa ser feito através de trabalho caseiro. Ajudaremos e encorajaremos a produção e fabricação de todos os artigos úteis para nosso uso quanto o permitam as circunstâncias.

"Seremos simples no vestir e no viver, econômicos e prudentes no cuidado de tudo o que nos for confiado.

"Usaremos nosso trabalho para benefício mútuo e apoiaremos com nossa fé, orações e palavras, todos aqueles que elegemos para tomar conta dos diferentes departamentos da "Ordem", sujeitando-nos a eles em sua capacidade oficial, refreando-nos do espírito de crítica.

"Trabalharemos honesta e diligentemente, devotando nós mesmos e tudo o que temos à "Ordem" e à elevação do Reino de Deus".[1]

Na sua viagem de volta a Lago Salgado, na primavera de 1875, Brigham Young pregou a "Ordem Unida" nos povoados. Na 44ª conferência anual do dia 6 de abril de 1857, adiada para 7 de maio, a fim de esperar a vinda do Presidente, este passou muito tempo explicando a Ordem Unida e encorajando o povo a entrar nela.

A organização geral foi formada com a Presidência da Igreja e um conselho de homens de negócios à cabeça. O desenvolvimento da "Ordem" não foi uniforme, não vindo nunca a ser adequadamente estabelecida. O envelhecimento do Presidente Young, bem como sua saúde precária, o impediu de liderar o movimento com sua costumeira força e vigor.

A "Ordem Unida" na Estaca de Sevier

A "Lei de Consagração" original, na forma como foi introduzida em Missouri em 1831-34, nunca foi completamente seguida. Quem mais dela se aproximou foi a Estaca de Sevier, presidida por Joseph A. Young, irmão mais velho do Presidente Brigham Young. Joseph A. Young explicou a operação da organização da seguinte maneira:

"Há um ano, em abril, oito povoados do condado foram organizados naquele sistema ('Ordem Unida') e cerca de dois terços do povo têm estado desde então trabalhando nele constantemente. Para ser membro não importa a quantia de bens possuídos pelo indivíduo, mas sua posição na Igreja e sua conduta em geral; ninguém é admitido sem colocar tudo o que tem em prol da associação, organizada de acordo com as leis do Território. A capacidade de prestar serviço que seja de valia à associação não entra em questão para se tornar membro; a teoria evangélica e prática de "o mais forte ajudar o mais fraco" é reconhecida e praticada para que a comunidade toda possa progredir junto.

"Em Richfield, o povoado liderante, 135 famílias pertencem à 'Ordem'. O capital da organização está sob o controle da diretoria, cujos líderes são eleitos pelos membros, cada qual recebendo crédito de acordo com a quantia de bens que tenha colocado ao dispor da sociedade.

"A maioria do trabalho é feita por contrato, baseado em preços fixos, o excedente do qual é creditado àquele que o fez; assim, quando um membro quer uma casa e não tem o suficiente em estoque, ou em crédito para pagá-la, a 'Ordem' a constrói para ele e, no curso de pouco tempo o seu crédito aumenta e ele a paga, tornando-se assim o sistema uma das melhores associações mútuas existentes.

"Além disso o povo tem "mordomias" em separado, incluindo seus lares, terrenos, animais domésticos, etc., que, através de sua industriosidade, põe em bom uso, a fim de obter lucros extras com seus produtos, sendo que as coisas substanciais são fornecidas pela fonte principal de suprimento.

"A 'Ordem' em Richfield presentemente possui um moinho, no valor aproximado de $ 10.000 a $ 11.000 dólares e, também um torno mecânico e uma fábrica de telhas de madeira, na qual trinta homens estão empregados. A associação possui cerca de 200 cavalos, 800 cabeças de gado e 1.700 ovelhas, bem como um curtume pertencente ao condado.

"Cerca de uma dúzia de sapateiros trabalha na 'Ordem', e carpinteiros, pedreiros e enfermeiros em número de vinte, mais ou menos, além de quarenta e cinco homens que cultivam cerca de 1.000 hectares de terra, mais alguns que trabalham na fabricação de móveis e em outros ramos de negócios em operação.

"Os homens de mais idade ficam em casa e desempenham os labores mais pesados do departamento doméstico, tais como empilhar lenha, carregar água, arar, etc., de modo que todos têm o que fazer.

"Defrontamo-nos com alguma dificuldade no primeiro ano, mas a organização e suas operações, baseadas nos benignos princípios do Evan-

---

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. V, pp. 485-486.

gelho e num definido sistema de comércio, vêem obstáculos desaparecerem rapidamente e aumentar os sentimento de fraternidade".[2]

Na maioria dos lugares as iniciações à "Ordem" foram acompanhadas de renovação do convênio do batismo; Brigham Young e seus conselheiros deram o exemplo em Ephraim, Utah, no dia 17 de junho de 1875.

Em Ordeville e Glenwood, Utah, a "Ordem" foi lançada numa base geral. Não somente se tornaram as propriedades bens comuns; o povo comia em mesa comum, lavava suas roupas em lavanderia comum, cuidava de seu gado e ovelhas em comum e operava fazendas e fábricas também em comum.

O Movimento é Abandonado

O movimento em geral não começou muito bem. Diversos foram os fatores que contribuíram para o seu pronto abandono: primeiro, a entrada à "Ordem" era voluntária e, como muitos em cada estaca não estavam dispostos ou não eram considerados dignos de entrar na "Ordem", duas classes de pessoas se criaram dentro da Igreja, o que se constituiu em algo muito indesejável; segundo, no movimento havia falta de uniformidade e de vigorosa liderança, resultante da saúde precária de Brigham Young; terceiro, o grande influxo de não-mórmons ao território e a crescente complexidade da vida comunitária, causando conflitos.

Por ocasião da morte de Brigham Young, em 1877, a maioria das estacas tinha abandonado a "Ordem Unida" , e, em 1878, a "Ordem" de Richfield foi dissolvida.

Durante algum tempo os líderes da Igreja exerceram forte influência a fim de tornar a "Ordem" em Glenwood e Ordeville permanente, mas o povo finalmente se rebelou contra a monótona existência resultante da natureza de tais experiências. A Ordem Unida, da forma como havia sido apresentada por Joseph Smith, se baseia no princípio de propriedade privada.[3]

2. Deseret News, Semanal , de 4 de agosto de 1875, p. 417.
3. Ver Geddes, **The United Order Among the Mormons**, Cap. 13. Também ver o prefácio daquele volume.

Com data de 1º de maio de 1882, a Presidência da Igreja, numa carta cuidadosamente escrita aos presidentes de estacas, sumos sacerdotes, bispos e outras autoridades da Igreja, fala sobre os esforços feitos para o estabelecimento da Ordem Unida.

"Falou-se bastante, de tempos a tempos, sobre o fato de que a cooperação é a pedra de esquina para algo mais elevado entre o povo de Deus, como seja a "Ordem Unida". Não tivemos nenhum exemplo da Ordem Unida na forma como ela deve ser, de acordo com a palavra de Deus. Simplesmente procuramos unir-vos nos assuntos materiais, a fim de sermos um nas coisas temporais... Nossas relações com o mundo e nossas próprias imperfeições impedem o estabelecimento deste sistema (A Lei da Consagração) no presente. Como foi declarado por Joseph Smith em nossos primeiros dias, ela ainda não pode ser levada avante. No entanto, a cooperação e a "Ordem Unida" são um passo na direção certa, ajudando os irmãos a refletirem sobre a necessidade de união e verem nela um dos princípios fundamentais para o sucesso tanto nas coisas temporais como nas espirituais".[4]

Casamento Plural

Em uma conferência especial realizada na Cidade de Lago Salgado, no dia 28 de agosto de 1852, a doutrina do "casamento plural" foi primeiramente declarada em público. A revelação dada a Joseph Smith sobre o assunto foi lida e Orson Pratt fez um discurso, baseando-se na Bíblia. Os limites e restrições da lei, na forma como foi dada através de revelação moderna, foram esclarecidos. Como havia sido previamente discutido, certo número de líderes já estava praticando esta doutrina. Depois desta conferência, outros receberam sanção do Presidente Young, que possuía as chaves para esta ordem de casamento, para praticá-lo. O Presidente disse aos líderes da Igreja que deviam casar-se e prover um lar para as mulheres dignas da comunidade, a quem havia sido negada a oportunidade de desenvolvimento pessoal advindo da vida matrimonial.

As razões filosóficas para a doutrina do casamento plural já foram previamente discutidas. No fim do primeiro

4. **Epístola de John Taylor** - Folheto, pp. 1-11.

ano de imigração a Utah o número de mulheres excedia bastante o número de homens.[5] Esse excesso continuou por meio século. Com a prática mórmon do "casamento plural" estas mulheres passaram a ter vida em família nas diversas comunidades. A prática foi, necessariamente, limitada, sendo que somente dois por cento dos homens foram considerados capazes de casar com mais de uma mulher. Não era a lei de geral aplicação a toda a população do território, nem aos membros da Igreja em geral. Só aqueles que obtinham a sanção do Presidente, que se mostravam dignos e capazes, podiam se casar com uma segunda mulher e isto tão-somente com o consentimento da primeira esposa.

Durante a operação desta lei social certas irregularidades e abusos se desenvolveram. A prática da doutrina requeria certo grau de abnegação e sacrifício superior às forças da maioria do povo.

Levanta-se a Oposição

A prática do casamento plural, ou como era erroneamente chamada, a "poligamia", causou considerável tumulto na imprensa e se tornou motivo de ataque contra a Igreja por seus inimigos. Como Utah era território dos Estados Unidos, e como as leis dos territórios eram passadas pelo Congresso, a discussão sobre a "poligamia" foi levada até aquele corpo, tornando-se o principal argumento contra a admissão de Utah como Estado.

Tão ofensivos se tornaram os ataques contra a Igreja , que o Congresso, sob a influência de intrigantes e da imprensa passou uma "lei antibigamia" em 1852, tendo por alvo a supressão da "poligamia" entre os mórmons.

O decreto foi assinado pelo Presidente Lincoln, no dia 8 de julho de 1862, punindo o contrato do casamento plural com uma multa de 500 dólares ou aprisionamento por cinco anos ou ambos.

O Presidente e os membros do Congresso não eram hostis ao povo mórmon como povo, mas se opunham à prática da poligamia.Eles parecem ter sido sinceros em seu sentimento de que a poligamia era uma prática social prejudicial e que não devia ser tolerada. A plataforma política na qual se baseou Lincoln para ser eleito continha um parágrafo condenando a prática da poligamia.

Devido à amizade que nutria pelos mórmons, com quem ele tinha travado conhecimento em Illinois, o Presidente Lincoln descuidou-se em nomear oficiais para obrigar a observância da lei antibigamia.

Os inimigos da Igreja, que procuravam sua destruição, não se contentaram em ver o assunto cair no esquecimento. A lei continha um decreto proibindo a um corpo religioso em um território possuir bens imóveis excedentes a 50.000 dólares. Este decreto teve por alvo direto a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O esforço feito pelo governador Harding, de Utah, em 1863, para punir Brigham Young devido a isto fracassou e a constitucionalidade da lei em seu todo foi posta em dúvida.

A agitação contra a poligamia tornou-se cada vez maior com o passar dos anos, mas, não foi senão em 1874 que a constitucionalidade da "lei antibigamia" foi posta em prática e tentou-se fazer com que fosse obedecida. O povo mórmon estava certo de que a lei era inconstitucional e que, se fosse o caso levado a julgamento às Cortes Supremas, isto se tornaria patente e os incertos estados de coisas seriam esclarecidos. Conseqüentemente, George Reynolds, secretário particular deBrigham Young, se voluntariou a testar a lei. Os oficiais federais do território pareciam igualmente desejosos de esclarecer o assunto de maneira amigável. Portanto, Reynolds foi enviado. Apresentou-se voluntariamente em corte e forneceu a evidência do fato de que tinha violado a lei. Foi condenado e sentenciado a um ano de prisão e multado em 500 dólares. O caso foi levado à Corte Suprema do Território para apelação, onde se encerrou devido ao fato de o júri que formava a acusação contra Reynolds ser ilegal.

5. Ver Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. 3, p. 291.

A Lei se Torna Constitucional

A constitucionalidade da lei ainda não havia sido decidida, quando um segundo julgamento foi realizado em 1875, diante de Alexander White, Juiz Supremo de Utah. A natureza amigável do julgamento anterior tinha deixado de existir; a acusação tornou-se severa para com o acusado e o acusado, por sua vez, recusou-se a fornecer a evidência que viesse a provar a violação da lei. No entanto, uma condenação foi obtida e Reynolds recebeu a severa condenação de 500 dólares de multa e dois anos de trabalhos forçados na penitenciária. A Corte Suprema de Utah confirmou o decreto e o caso foi levado à Suprema Corte dos Estados Unidos, que confirmou a constitucionalidade da lei, para surpresa da Igreja e de muitos advogados constitucionais. Foi uma bomba para a Igreja e o fato precursor de um período de intensa perseguição. A decisão não foi dada, entretanto, até 6 de janeiro de 1879. Enquanto isto Brigham Young havia morrido e o quorum dos Doze Apóstolos havia se tornado a autoridade em presidência na Igreja. Uma tentativa de reabrir o julgamento de George Reynolds e uma petição a seu favor fracassaram. Ele foi aprisionado no dia 16 de junho de 1879.

Em outubro de 1880 a Primeira Presidência estava novamente organizada, com John Taylor como Presidente da Igreja. Com a sua administração a campanha "antibigamia" aumentou. Depois da morte de Brigham Young e, especialmente, depois da decisão da Corte Suprema no caso de Reynolds, os inimigos mais implacáveis fizeram grandes esforços para acabar com a poligamia e para esmagar a Igreja. A agitação que causaram, bem como as infâmias que disseram através da imprensa, resultou na passagem de nova legislação, tendo por alvo a supressão de práticas de casamento plural. Em março de 1882, o Congresso passou o "Decreto Edmund", emendando a "lei antibigamia" de 1862. Esta medida decretava que as ofensas do casamento plural seriam punidas, e, assim também, o "viver polígamo", definido como "coabitação ilegal". A lei negava a todos os que viviam em poligamia o direito de votar ou de possuir qualquer cargo público. Além disso, anulava o direito ao tradicional julgamento judicial, baseada na mera crença de que a doutrina do casamento plural em si, possuída por alguém era o suficiente para negar a esse alguém direito ao serviço jurídico.

De acordo com tal lei todos os cargos públicos mantidos por aqueles que praticavam a poligamia ficariam vagos, sendo em seus lugares designados oficiais federais. "O Decreto Edmund" virtualmente tirou de Utah todos os seus direitos de governo próprio, fator definido no governo dos territórios. Tinha também valor retroativo. Pessoa alguma que em qualquer tempo tivesse vivido a lei de casamento plural poderia votar, quer continuasse vivendo em poligamia ou não.

Uma campanha de cruel perseguição começou a ser feita contra todos os que tivessem praticado o casamento plural antes ou depois da passagem da lei. Esta campanha durou todo o tempo da administração do Presidente Taylor. Centenas de lares foram desfeitos, com seus pais e maridos enviados para a penitenciária. Mulheres também foram enviadas à prisão, por se recusarem a testemunhar contra seus esposos. Em seguida à severa sentença aplicada a Rudger Clawson, em outubro de 1884, desenvolveu-se o que foi denominado a "Lei da Segregação". Foi uma lei das cortes, que declarava que acusações diversas poderiam ser feitas contra polígamos, para cada dia que estes fossem julgados culpados de viver com mais que uma esposa.

Esta lei foi responsável pelo exílio dos líderes da Igreja, pois pretendia em seu todo que o homem que praticasse a poligamia, ou tentasse prover o bem-estar material de suas diversas esposas, poderia, através de acumulação de várias

acusações, ser enviado à prisão para toda a vida.

Esta "política de Segregação" foi condenada pela Corte Suprema dos Estados Unidos durante o julgamento do caso de Lorenzo Snow em fevereiro de 1887.

A Lei Edmunds-Tucker

Em março de 1887 o Congresso aprovou uma lei ainda mais rígida a fim de suprimir a poligamia, conhecida como "Lei Edmunds-Tucker". Ela clamava a desincorporação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que ensinava tal doutrina, e da Companhia do Fundo Perpétuo de Emigração. As propriedades destas corporações seriam confiscadas pelo Governo Federal e usadas em benefício de escolas no território. Só os edifícios e terrenos usados exclusivamente para serviços religiosos, bem como os cemitérios seriam isentos. Esta lei infame foi combatida no Congresso por muitos não-mórmons notáveis, mas o clamor popular contra a poligamia assegurou a sua aprovação.

Dye, o Chefe de Polícia dos Estados Unidos, ficou encarregado dos bens pessoais da Igreja. A fim de reter o uso dos escritórios de dízimo, a Igreja foi forçada a pagar ao governo uma renda anual de 2.400 dólares. Quatrocentos e cinqüenta dólares mensais eram pagos para reter o uso da casa da Guarda. O uso do terreno do Templo foi retido através de alto aluguel.

Durante este período a Igreja se viu sob pesada pressão financeira. Não podia emprestar um dólar. Só o fiel pagamento de dízimos capacitou-a a enfrentar a tempestade. De lugares escondidos, geralmente chamados "Subterrâneos", a Primeira Presidência, exilada, conduzia os assuntos da Igreja. John Taylor morreu no exílio, no dia 27 de julho de 1887, em Kaysville, Utah.

Depois da morte de John Taylor, a cruzada contra a poligamia continuou, mas com considerável tolerância por parte dos oficiais. O Presidente Grover Cleveland perdoou um número de homens a quem tinham sido dadas setenças extraordinariamente severas, entre eles Charles Livingston, Rudger Clawson e Joseph H. Evans.

Em Idaho e Arizona, o sentimento contra a poligamia se tornou intenso. Em 1885, a Legislatura de Idaho aprovou uma lei, tirando a cidadania de todos os membros da Igreja que ensinavam tal doutrina, tirando de todos os mórmons o direito de votar ou possuir cargos quer os mesmos já tivessem ou não praticado poligamia. A constitucionalidade da lei foi posta em questão. Foi sustentada pela Corte Suprema dos Estados Unidos numa decisão no dia 3 de fevereiro de 1890. Tal lei foi introduzida no Congresso para o Território de Utah, com o nome de "Projeto Stubble", mas até mesmo preeminentes não-mórmons de Utah se opuseram a ela, fazendo-a fracassar.

O Manifesto

Em meio a estas dificuldades, Wilford Woodruff, que havia sido apoiado como Presidente da Igreja no dia 7 de abril de 1889, apelou ao Senhor em oração. Em resposta recebeu uma revelação suspendendo o "casamento plural".

As leis antibigamia haviam colocado os membros da Igreja em meio a uma situação perigosa. Ou desobedeciam às leis de Deus ou às leis da terra. Tal revelação foi para eles um alívio. No dia 25 de setembro de 1890, o Presidente Woodruff emitiu seu famoso "Manifesto", declarando fim ao contrato de casamentos plurais na Igreja e pedindo aos membros que obedecessem às leis da terra. Na conferência de outubro o "Manifesto" foi apoiado. Naquela conferência Presidente Woodruff disse:

> "Quero declarar a toda Israel que o passo que tomei ao emitir este manifesto não foi feito sem fervorosa oração ao Senhor... Não ignoro os sentimentos provocados pela decisão que tomei... O Senhor nunca permitirá que eu ou qualquer outro homem apoiado como Presidente desta Igreja vos conduza pelo caminho erra-

do. Isto não está em Seu programa. Isto não está em Sua mente. Se eu o tentasse, o Senhor haveria de tirar-me do lugar que ocupo".

O manifesto resultou em notável mudança de atitude para com a Igreja. O Presidente Harrison emitiu uma proclamação de anistia no dia 4 de janeiro de 1893, para aqueles que haviam contraído "casamentos polígamos" anteriores a 1º de novembro de 1890. As restrições concernentes ao voto foram retiradas e, em 1883, as propriedades pessoais da Igreja foram restituídas aos seus legítimos donos. Três anos mais tarde, quando Utah se constituiu em estado, os bens imóveis que haviam sido confiscados foram igualmente devolvidos à Igreja.

Leituras Suplementares

1. **Doutrina e Convênios:** Seção 49:19 21; 51:3; 70-14; 82:17-18. ("Não é bom que um homem possua mais que outro". Novamente. "Deveis ser iguais... deveis ter pretensões equivalentes no que concerne a propriedades... todo o homem de acordo com as suas necessidades..." Leiam todas as referências contidas em Doutrina e Convênios, citadas acima. Constituem interessante comentário sobre princípios econômicos e sobre Joseph Smith como profeta).
2. Talmage, **The Vitality of Mormonism,** pp. 209-212. ("A Ordem Unida". "Não Mais Meu e Teu, Mas do Senhor e Nosso". Um breve capítulo sobre a vontade de Deus e o Seu modo de agir quanto a assuntos econômicos).
3. **Livro de Mórmon,** 3 Nefi 26:19; 4 Nefi 1:3.
4. **Novo Testamento,** Primeiro Timóteo 6:10 a. e Atos dos Apóstolos 2:44-47; 4:32-37.
5. Nelson, Lowry; **The Mormon Village.**
6. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** pp. 268-270 (As leis concernentes aos direitos de terras, da água e da madeira são proclamadas).
7. Gates e Widtsoe, **The Life Story of Brigham Young,** pp. 199-209. (Sociologia prática. Ordem Unida, Cooperação , etc).
8. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. II. pp. 92-110; Vol. V pp. 287-294; 295-301; 471-472; 472-474; (Notas 29,30); 541-545 (Notas 7, 8); Vol. VI pp. 226, 228, 229; 227-228. (Um compreensivo estudo sobre o casamento plural ou poligamia.)
9. **Ibid.,** Vol. V pp. 484-490. ("Cada um pelo grupo e Deus por todos... O forte deve ajudar o fraco", diz Erastus Snow... Diversas tentativas de estabelecimento da Ordem Unida são citadas.)
10. **Ibid.,** Vol. V pp. 498. (O Presidente John Taylor fala sobre a Ordem Unida).
11. **Memoirs of John R. Young,** pp. 250-252. (Uma análise da "Ordem Unida e da resposta do Presidente John Taylor quanto à referida questão).
12. **Ibid.,** pp. 242-263. (Comentário e incidentes sobre poligamia e seu relacionamento com suas quatro esposas, seus filhos, etc. Fotografias de três de suas mulheres são apresentadas; narrações rápidas sobre as perseguições contra a poligamia e os polígamos).
13. **Ibid.,** pp. 305-317 (Cruzada contra o casamento plural. Incidentes e histórias de tentativas por parte de delegados e deputados federais para condenar os mórmons polígamos. Muitas vezes estas condenações não passavam de **perseguições.**)
14. Joseph A. Geddes. **The United Order The Mormons.** (Um estudo econômico da Ordem Unida entre os mórmons por um economista, filho de pioneiro mórmon).

A GUERRA DE UTAH

Enganos e Desentendimentos

Infelizmente as primeiras petições do povo de Utah, visando a passar à categoria de estado, foram rejeitadas pelo Congresso dos Estados Unidos. Era inevitável que, sob a forma de governo territorial, se desenvolvesse um forte antagonismo entre um povo tão "diferente" como os Santos e os oficiais do governo enviados ao território. Uma situação que possa ser comparada a esta do território de Utah nunca existiu dentro dos limites dos Estados Unidos.

Os mórmons, como já foi antes explicado, eram devotados, primeiramente à Igreja da qual eram membros, estando descontentes e desconfiados com um governo que não podia e nem queria protegê-los. Além do mais, a maior parte dos Santos era de estrangeiros. Haviam preferido a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a tudo na vida. Haviam-na preferido à cidadania em seu país de origem. Não é de causar surpresa o fato de que, havendo eles enfrentado tanta coisa pelo Evangelho, devotassem sua fidelidade à Igreja e a seus líderes em primeiro lugar. A lei de Deus era mais importante que a lei da terra, embora a última fosse observada, desde que não interferisse na primeira.

Mesmo sob circunstâncias favoráveis, os mórmons eram um povo não muito bem compreendido. As condições desfavoráveis que os cercavam, durante seu início em Utah, inevitavelmente levaram a enganos e desentendimentos entre eles e aqueles com quem vieram a entrar em contato.

Essas dificuldades aumentaram quando foram realizadas, pelo Presidente Fillmore, as nomeações para cargos oficiais no território. Mal tinham as pessoas nomeadas tomado posse de seus cargos, quando três deles, o Juiz Supremo, Brandbury, o Juiz Concomitante, Brocchus, e o Secretário Territorial Broughton D. Harris, se recusaram a ficar no território e retornaram aos estados do leste. Lá fizeram o seguinte relatório: primeiro, que haviam sido obrigados a deixar Utah devido a irregularidades e atos indisciplinados do Governador Young; segundo que o Governador Young estava desperdiçando fundos federais destinados ao território; terceiro, que os Santos eram imorais e praticavam poligamia.

O Governador Young já sabia de antemão o que aqueles homens falariam. A 29 de setembro de 1851, escreveu ao presidente Fillmore aclarando os fatos, os quais contradiziam totalmente as acusações. Outras cartas foram enviadas por Jedediah M. Grant, prefeito da cidade de Lago Salgado, e pelo coronel Thomas L. Kane, apoiando as declarações de Brigham Young. Daniel Webster, então Secretário de Estado, a vista das cartas recebidas, ordenou às autoridades que haviam abandonado seus postos, que a eles voltassem ou teriam que renunciar. Conseqüentemente, renunciaram.

Novas autoridades foram enviadas; Lazarus H. Reed, de Nova Iorque, foi o Juiz Supremo; Leonidas Shaver, Juiz Concomitante, e Benjamin G. Ferris, Secretário Territorial. Estes homens foram bem recebidos, passando a ser altamente respeitados pelo povo mórmon.

Os desentendimentos entre os Santos e as autoridades federais e o ódio gerado em ambos os lados preenchem muitas páginas da história de Utah. Alguns destes, entretanto, levaram a conseqüências mais sérias que outros e deles é que iremos primeiramente nos ocupar.

Com a renúncia do Juiz Supremo, Reed, em 1854, John F. Kinney foi designado para a posição. Provou ser

um juiz honesto e imparcial, honrado por ambos, mórmons e não-mórmons. Mas, em 1855 vieram a Utah, como juízes concomitantes, dois homens que iriam aumentar o ressentimento dos Santos e que viriam a custar ao governo federal a importância de quarenta milhões de dólares.

O Juiz William W. Drumond substituiu o Juiz Zerubbabel Snow, cuja nomeação havia expirado, e George P. Stilles, um mórmon apóstata, substituiu o Juiz Shaver, que havia morrido.

Drumond era um homem sem moral e sem princípios. Deixando a esposa e filhos sem meios de manutenção em seu próprio estado de Illinois, apareceu em Utah acompanhado de uma meretriz, a qual passava por sua esposa e freqüentemente sentava com ele no tribunal. Sua embriaguez e seus hábitos devassos levaram os Santos a não respeitá-lo. Quando sua imoralidade e negligência para com a própria família foram reveladas, ele deixou o território com o peso da vergonha a acabrunhá-lo.

A renunciar a seu posto apresentou a Jeremias S. Black, procurador geral dos Estados Unidos, uma série de falsas acusações e relatórios contra os Santos e declarou os motivos que o levaram a renunciar:

"(1) Que Brigham Young é o chefe da Igreja Mórmon; e, como tal, os mórmons obedecem a ele, e só a ele escutam no que diz respeito às leis pelas quais serão governados; conseqüentemente, nenhuma lei do Congresso é por eles observada;

"(2) Que ele (Drumond) sabia da existência de uma organização secreta entre os membros masculinos da Igreja, cuja finalidade era de resistir às leis do país e não tomar conhecimento de outra lei que não fosse do Sacerdócio a qual chegava ao povo por intermédio de Brigham Young;

"(3) Que alguns homens haviam sido designados por ordem especial da Igreja para tirar ambos, vida e propriedade, de qualquer pessoa que porventura questionasse a autoridade da Igreja".

Continuando em suas acusações alega:

"Que os relatórios, papéis, etc., da Corte Suprema, haviam sido destruídos por ordem da Igreja, com conhecimento direto e aprovação do governador B. Young, e as autoridades federais grosseiramente insultadas por haverem tentado reprovar tão traiçoeiro ato.

"(4) Que as autoridades federais do território são constantemente insultadas, vexadas e incomodadas pelos mórmons.

"(5) Que as autoridades federais são diariamente compelidas a ouvir achincalhes sobre os antigos governadores americanos; os presidentes da nação, vivos ou mortos, eram caluniados e abusados pelo povo e também pelos líderes da Igreja".

"(6) Que havia discriminação no cumprimento das leis, entre mórmons e gentios, sempre favoráveis àqueles; que o capitão John W. Gunnison e seu grupo foram assassinados pelos índios, mas, sob ordens e direção dos mórmons; que os mórmons envenenaram o juiz Leonidas Shaver, predecessor de Drumond; que Almon W. Babbit, ecretário do território, havia sido morto nas planícies, por um grupo de saqueadores mórmons, enviados da Cidade de Lago Salgado, com aquele único propósito e sob ordens diretas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e que não havia sido morto pelos índios conforme fora relatado por Utah".[1]

O Juiz Stilles, em uma reclamação juramentada, confirmou muitas das acusações de Drumond, as quais foram depois substanciadas por uma carta ao presidente James Buchanan, escritas por Mr. W.F. Magraw, que havia sido preterido por uma firma mórmon para o contrato de entrega de correspondência entre Independence e Lago Salgado. Eis um trecho da carta:

"Em relação à atual condição política e social do território de Utah... não há dúvida de que não foi deixado qualquer vestígio de lei e de ordem ou proteção pela vida ou pela propriedade; as leis civis do território foram encobertas e neutralizadas por uma estilizada organização eclesiástica, tão despótica, perigosa e condenável como nunca antes existiu em país algum, estando a destruir não somente os que subscrevem este código religioso, mas levando também a comunidade mórmon ao desespero".[2]

Buchanan Envia o Exército a Utah

O agente dos índios Thomas S. Twiss também registrou queixa que os mórmons estavam invadindo as terras indígenas ao longo do rio Green. Todas estas acusações foram tomadas pelo governo federal como provas evidentes

1. Roberts, **Comprehensive History of the Church**, Vol. IV, pp. 203-204.
2. Carta de Magraw ao Presidente, documento do Executivo, trigésimo quinto Congresso, primeira seção, X nº 71, pp. 2-3.

de desrespeito às leis, e como desculpa para os passos que a seguir foram tomados. As acusações eram aparentemente indesculpáveis, o que levou o presidente Buchanan, embora sem esperar uma investigação federal, a agir. A 28 de maio de 1857, uma parte do exército federal aquartelado no Forte Leavenworth recebeu ordens de mobilização, dirigindo-se em seguida a Utah.

Embora os relatórios do Juiz Drumond e de outros encorajassem o Presidente a emitir tão drástica ordem, as causas reais da "guerra" que se seguiu foram exclusivamente políticas.

Em sua plataforma política de 1856, o Partido Republicano adotou uma firme posição contra os mórmons. Esta posição foi adotada pelo partido em uma convenção realizada na Filadélfia a 17 de junho de 1856, declarando o seguinte:

"Sabendo-se que a Constituição outorga ao Congresso poderes sobre os territórios dos Estados Unidos no que tange ao seu governo, e que no exercício destes poderes é não somente direito como dever imperativo do Congresso proibir nos territórios aquelas relíquias gêmeas do barbarismo — poligamia e escravatura".[3]

O plano republicano era de lançar sobre o partido Democrático, que em sua plataforma defendeu o direito dos territórios de resolver por si mesmos seus problemas internos de escravatura, a posição de defender também o direito de os territórios resolverem os seus próprios problemas de casamento. No entanto, tão revoltado estava o país contra os mórmons e sua doutrina de "casamento plural", que o partido Democrático não se sentiu com desejo de levar sua plataforma a uma conclusão lógica. Uma "Expedição" contra os mórmons, levada a efeito por um grupo de democratas, mostraria aos eleitores da nação que eles, da mesma forma que os republicanos, eram opostos ao povo mórmon e às suas práticas.

John Taylor, que editava um jornal S. U.D. **O Mórmon,** na cidade de Nova Iorque, durante o período de formação da expedição contra Utah, mais tarde, naquele mesmo ano, em uma proclamação dirigida aos Santos em Utah, disse:

"Os republicanos estavam determinados a fazer com que a questão dos mórmons viesse em seu favor. Ao tentarem eleger Fremont, lançaram duas teses em sua plataforma, como sejam, oposição às instituições internas do sul e à poligamia. Os democratas professaram ser nossos amigos; trabalham para sustentar as instituições internas do sul e os direitos do povo; mas, quando o fazem, os republicanos atiram sobre eles a poligamia, obrigando-os a enguli-la juntamente com a outra (a escravatura). Isto deixa os democratas amordaçados, fazendo com que queiram livrar-se da questão mórmon. Sei que alguns deles há algum tempo estavam organizando planos para dividir Utah em diversos territórios, sendo que uma proposição contendo esta matéria foi preparada uma ou duas vezes, chegando a ponto de ser apresentada ao Congresso mas por qualquer motivo não foi... Querem livrar-se da causa que favorece os republicanos, concordando com eles e furtando-se às graves conseqüências de seu gesto e ser mais inimigos da poligamia do que são os republicanos: "Nós que professamos ser amigos dos mórmons lutamos pelas instituições livres e pelos direitos iguais, faremos mais contra os mórmons do que vocês teriam coragem de fazer; procuraremos meios para tal fim e salvaremos o nosso partido".[4]

O envio da "expedição" foi encorajado pelo grupo pró-escravatura, baseado em que isto viria a impedir definitivamente o movimento de passagem de território para estado, começado com renovado vigor e insistência em 1855.

Se fosse possível fazer parecer que os mórmons estavam em rebelião contra os Estados Unidos, quer os fatos comprovassem isso ou não, o perigo oferecido por Utah como um novo "estado livre" seria inevitavelmente adiado.

Foi por isto que as acusações de Drumond foram imediatamente aceitas. Nem sequer uma investigação foi feita, ou cogitada, temendo que o verdadeiro estado da situação não garantisse que fossem tomadas as providências politicamente desejadas.

Os apelos dos conspiradores de Utah para que Brigham Young fosse removido, levaram o Presidente Buchanan a

3. Cooper, American Politics, Livro 2 plataformas, p. 39.

4. **Deseret News**, setembro 2, 1857.

designar novas autoridades territoriais. Alfred Cumming foi escolhido para governador, acompanhando a "expedição" que saiu do Forte Leavenworth.

Os Santos Se Preparam para Defender Seus Lares

A 24 de julho de 1857, uma grande multidão de pessoas estava reunida no Canyon Big Cottonwood, a trinta milhas da Cidade de Lago Salgado. Na ocasião estavam celebrando o décimo aniversário da chegada dos Santos no Vale do Lago Salgado. Dirigidos por Brigham Young e as Autoridades Gerais da Igreja, 2.587 pessoas, incluindo seis grandes bandas e diversos destacamentos da Legião de Nauvoo, estavam realizando uma alegre comemoração. Duas bandeiras dos Estados Unidos esvoaçavam nos picos adjacentes e outras duas do topo dos pinheiros que estavam em volta.[5] Três espaçosos tablados, com caramanchões construídos sobre eles, eram utilizados para dança.

Ao meio-dia do dia 24, quatro homens dirigiram-se ao acampamento e procuraram o Presidente Young. Eram Abraham O. Smoot, Orrin Porter Rockwell, Judson Stoddard e o Juiz Elias Smith. A Brigham Young e a seus conselheiros imediatos anunciaram que um destacamento do exército dos Estados Unidos, com carroções de suprimentos estava nas planícies, dirigindo-se a Utah. O propósito exato do exército era desconhecido, mas circulavam rumores de que vinha para "surpreender os mórmons".

A dificuldade de comunicação naqueles dias e o isolamento dos Santos nos vales de Utah tornaram possível ao "Exército" estar bem adiantado em sua rota antes de o povo de Utah saber qualquer coisa a respeito.

Ferramorz Little, assistente do correio em Independence, Missouri, foi o primeiro mórmon a saber do movimento. A 1º de junho, Little deixou Independence com a mala postal para Lago Salgado. Em Forte Laramie encontrou-se com Abraham O. Smoot, então prefeito da Cidade de Lago Salgado, que se dirigia ao leste com o correio. Ao ouvir os rumores, nos quais Little estava inclinado a não acreditar, Smoot ordenou uma investigação. Algumas tropas e carroções com suprimentos foram vistos nas planícies, mas Smoot não conseguiu saber de seu rumo. Entretanto, em Independence, um tal de Mr. Russel, que havia sido contratado para transportar suprimentos para o exército, revelou que os soldados se dirigiam a Utah.

Smoot retornou tão rápido quanto possível,rumo oeste. Cerca de 160 km a leste do Forte Laramie, encontrou-se com Orrin P. Rockwell, dirigindo-se a leste com a correspondência.

Foi decidido que ambos retornariam rapidamente ao Lago Salgado. Adquirindo, em Forte Laramie, um pequeno carroção ao qual atrelaram cinco juntas de cavalos, e acompanhados por Judson Stoddard, cobriram o percurso até a Cidade do Lago Salgado em cinco dias. Chegaram no dia 23 de julho, vindo a saber que o líder mórmon havia ido a Silver Lake.

Nem mesmo as notícias da aproximação do exército fizeram com que Brigham Young permitisse estragar as festividades daquele glorioso dia 24. Mas ao fim do dia foi convocada uma assembléia. Daniel H. Wells deu as "notícias de guerra", dando instruções para levantar acampamento e retornar a Lago Salgado na manhã seguinte. Tudo foi feito em ordem e sem precipitação.

Os Santos estavam tão acostumados com perseguições e confiavam tanto na habilidade de seus líderes, que as "notícias de guerra" vieram apenas trazer um pouco de nervosismo à Cidade de Lago Salgado e aos povoados.

Os Santos Preparam-se Para a Guerra

Entretanto os preparativos para a "guerra" foram feitos rapidamente. Em data de 1º de agosto de 1857, o General Wells, reportou aos oficiais e homens da

5. Deseret News, julho 29, 1857.

Legião de Nauvoo a aproximação de um exército para invadir Utah. Instruiu os comandantes distritais para conservarem suas respectivas divisões da milícia pronta para marchar, no mais curto período de tempo, para qualquer parte do território. Deveriam evitar toda e qualquer agitação, mas deveriam estar prontos".[6]

Foram enviadas mensagens aos povoados prevenindo-os a conservar o suprimento de cereais, não usando nenhum para alimentar o gado e também para não mais vender às caravanas de emigrantes, pois só assim podiam conservar trigo em estoque.

Os membros do quorum dos Apóstolos, em presidência nas diversas missões, foram chamados, o mesmo acontecendo com quase todos os élderes. Samuel W. Richards levou instruções a Orson Pratt e Ezra T. Benson, então da missão britânica. No caminho deixou uma carta com o Coronel Thomas L. Kane, endereçada ao Presidente Buchanan, protestando contra as ações do governo.

A mensagem entregue pelo Coronel Kane ao Presidente Buchanan continha séria acusação contra o governo e uma breve história relatando o tratamento recebido pelos mórmons, de parte das autoridades, desde o início das dificuldades em Missouri.

As populações dos distantes povoados de San Bernardino, na Califórnia, de Carson, em Nevada, e do rio Salmon, em Idaho, receberam ordens de dispor de suas propriedades e retornar ao Vale de Lago Salgado. A dedicação e coragem com que os Santos daqueles povoados acatavam as ordens de Brigham Young levaram-nos a sacrificar seus lares e partir rumo ao Vale do Lago Salgado, prontos para morrer com os Santos, a fim de impedir que se sujeitassem a nova perseguição. Este é um dos maiores exemplos da unidade e fé do povo mórmon.

6. **Contributor**, Vol. III, p. 177, Artigo, "A guerra no Canyon do Eco".

General Daniel H. Wells, que liderou a legião de Nauvoo, organizada na Cidade de Lago Salgado. Usado por gentileza da Utah State Historical Society.

Foram enviadas expedições às montanhas para localizar os melhores lugares de onde pudessem oferecer resistência às forças armadas. O Coronel Robert T. Burton, da Legião de Nauvoo, foi enviado, no dia 15 de agosto, com um pequeno destacamento rumo leste, com a suposta missão de proteger os Santos que emigravam para o Vale, mas com a missão real de estudar o local, força e equipamento do exército dos Estados Unidos e relatar os acontecimentos diariamente, por intermédio de mensageiros a cavalo.

Uma companhia de voluntários foi chamada para dirigir-se ao noroeste e estabelecer um acampamento perto do Forte Hall. Este era na realidade um destacamento de milícia com a finalidade de fiscalizar a entrada de Utah pelo

lado norte, prevendo uma possível tentativa de invasão por aquele lado.

O General Wells, com o corpo principal da milícia, dirigiu-se ao Canyon do Eco, para fortificar aquela barreira natural que ali existe, deixando-a em condições de enfrentar uma considerável força de tropas.

A atitude de Brigham Young durante esta crise foi das mais determinadas e firmes. Quando as notícias chegaram a ele no Lago Silver, assim se expressou:

"Mentirosos relataram que este povo havia cometido traição e, ouvindo estas difamações o Presidente ordenou a vinda de tropas para fazer cumprir a lei. Nós não transgredimos qualquer lei, tampouco tencionamos fazê-lo; mas, se alguma nação vier destruir este povo, tendo Deus Todo-Poderoso a meu lado, isto não será feito".[7]

Esta atitude, de que com a ajuda do Senhor os Santos podiam, com sucesso, resistir ao exército dos Estados Unidos, foi sempre mantida pelo líder mórmon.

Infelizmente o verdadeiro propósito do envio da expedição a Utah não foi entendido pelos líderes da Igreja. Tivessem eles conhecimento do caráter e boa vontade dos oficiais e pessoal da expedição e soubessem das ordens que haviam recebido do departamento de guerra, e muitas das complicações que se seguiram não haveriam ocorrido. Mas os Santos não dispunham de meios para saber destes fatos e o governo errou em não deixá-los informados. Foi fácil para um povo que estava tão acostumado com perseguições acreditar nas mentiras que foram ditas sobre a missão dos soldados.

Alguns dos batedores comandados por Burton, e disfarçados em emigrantes da Califórnia, estavam constantemente nos campos da Expedição. Seus relatórios informavam que os soldados se jactavam de que iriam prender os mórmons e "escalpelar o velho Brigham".

Élder John Taylor, em 1869, disse ao Vice-Presidente Schuyler Colfax:

"Tínhamos homens em todos seus acampamentos e sabíamos o que tencionavam fazer. A oficialidade e os soldados estavam constantemente jactando-se do que pretendiam fazer com os mórmons. Diziam que as casas seriam destruídas; as fazendas, propriedades e mulheres seriam distribuídas. Estávamos na iminência de sofrer uma conquista, onde nossas casas, jardins, hortas, vinhas, campos, esposas e filhas seriam as presas de guerra".[8]

Era natural que em face de tais relatórios e sem conhecer as ordens que somente o comandante da expedição possuía, os Santos esperassem o pior. Repetidas vezes haviam sido expulsos de onde moravam, mas agora não havia mais lugar para onde fugir. Decidiram então resistir até a última gota de sangue.

A Chegada do Capitão Van Vliet

Não era boa a situação quando o capitão Van Vliet, mensageiro avançado do exército, chegou à Cidade de Lago Salgado, em setembro. No dia 9 daquele mês o capitão reuniu-se com as Autoridades Gerais da Igreja no velho Saguão Social. Van Vliet tentou obter alimento, forragem etc., para o exército, quando o mesmo chegasse à cidade. Van Vliet assegurou que a missão da tropa não era de guerra, mas não conseguiu convencer os líderes da Igreja. O capitão foi cortesmente informado de que nenhum exército hostil teria permissão de entrar no território. Autoridades federais seriam bem-vindas sem tropas, se viessem em paz. A atitude dos Santos é mostrada em um relatório de Van Vliet aos seus superiores:

"Durante minha conversa com o governador e com os homens de influência do território disse-lhes francamente qual, em minha opinião, seria o resultado daquele estado de coisa. Disse-lhes que naquele primeiro ano poderiam impedir a entrada de uma pequena força militar, como a que agora se aproximava de Utah, através dos estreitos desfiladeiros e acidentadas passagens das montanhas, mas que no próximo ano o governo dos Estados Unidos mandaria tropas suficientes para tomar todas as posições. A resposta a isto tudo era invariavelmente a mesma: "Sabemos que assim será; mas, quando estas tropas chegarem encontrarão um deserto no

---

7. Smith, **Essentials in Church History**, p. 500.

8. Joseph Fielding, Smith **Essentials in Church History**, p 503. (nota).

lugar de Utah. Toda casa será queimada, a grama e as árvores cortadas e os campos estragados. Temos em estoque provisões para três anos, as quais reuniremos e levaremos para as montanhas e de lá desafiaremos todos os poderes do governo".

"Assisti a seus serviços religiosos no domingo, e, durante um sermão proferido por Élder Taylor, foi feita referência à chegada das tropas, declarando que não adentrariam o território. Referiu-se então à possibilidade da vinda de uma força muito superior à atual e pediu que todos que estivessem dispostos a queimar seus prédios, cortar suas árvores e estragar seus campos, que levantassem suas mãos. Todas as mãos, em um auditório de mais de quatro mil pessoas, foram levantadas a um só tempo. Durante minha estada na cidade visitei diversas famílias, sendo todas unânimes em considerar o atual movimento das tropas como o começo da nova perseguição religiosa e em expressar firme determinação de apoiar o Governador Young em qualquer medida que venha a tomar".[9]

O capitão Van Vliet ficou deveras impressionado com a sinceridade e a ordem do povo mórmon, convencendo-se de que a "Expedição" foi um grande erro. Seu relatório ao Secretário da Guerra, entregue pessoalmente em Washington, D. C., abriu o caminho para o envio de uma comissão de paz.

Depois da partida de Van Vliet da Cidade de Lago Salgado, o Governador Young lançou uma proclamação, declarando o território em estado de sítio. O General Wells instalou seu quartel-general no Canyon do Eco, começando a pedir forças voluntárias adicionais, as quais vieram a somar 1.250 homens, só naquele lugar.

Um Combate Sem Derramamento de Sangue

A companhia avançada da Expedição, sob o comando do coronel E.B. Alexander, cruzou as fronteiras do território a 9 de setembro, disposta a, naquele outono, fazer pressão contra o Vale de Lago Salgado; sendo previamente aconselhado pelo Capitão Van Vliet, o Coronel Alexander esperou em Hamm's Fork, num local chamado Camp Wenfield, a chegada do corpo principal do exército.

O comando da Expedição foi primeiramente dado ao General W.S. Harney, o qual depois, no fim do verão, foi substituído pelo Coronel Albert Sidney Johnston.

Enquanto o "exército" estava acampado em Hamm's Fork, o Governador Young mandou uma proclamação ao comandante da Expedição, exigindo a retirada das tropas do território de Utah. O Coronel Alexander deu a única resposta possível. Ele lá estava cumprindo ordens do Presidente dos Estados Unidos e quaisquer movimentos posteriores dependiam de "ordens dadas pelas autoridades competentes".

A milícia de Utah tomou a iniciativa. Um conselho de guerra teve lugar no Forte Bridger a 3 de outubro. Foi decidido o início das operações contra a Expedição. O método de guerra defensiva agora usado havia sido ensinado aos Santos através de sua luta pela existência em seu lar no deserto e pela experiência obtida ao cruzarem as planícies; era um método muito mais eficiente que o uso de rifles ou canhões. Uma cópia de instruções aos oficiais da milícia de Utah foi encontrada com o Major Joseph Taylor, do Condado de Weber, quando foi capturado pelas tropas dos Estados Unidos em princípios de outubro. Deste documento temos uma visão da campanha mórmon:

INSTRUÇÕES AOS OFICIAIS
DA MILÍCIA DE UTAH
"Quartel-General situado ao leste
da Expedição.
Acampamento situado perto de
Cache Cave,
4 de outubro de 1857

Dirijam-se com toda rapidez possível, sem prejudicar os animais, à estrada de Oregon, próxima à curva do rio Bear. Consigam informações corretas da região durante o percurso. Ao se aproximarem da estrada enviem batedores à frente para averiguar-se as tropas invasoras por lá passaram. Em caso positivo, tomem um atalho e passem-lhes à frente. Comuniquem-se com o Coronel Burton, que está naquela estrada comandando nossas forças para que ele de imediato comece a perturbar os soldados de toda maneira possível. Provoquem o estouro dos animais e ateiem fogo aos seus suprimentos. Queimem toda a região, pela frente e pelos flancos da tropa. Mantenham-nos sem dormir, por meio de

9. Smith, **Essentials in Church History**, p.501.

surpresas noturnas; bloqueiem a estrada derrubando árvores ou destruindo, sempre que possível, o vau dos rios. Estejam atentos a qualquer oportunidade de atear fogo à grama para surpreendê-los. Mantenham seus homens tão unidos quanto possível e em guarda contra qualquer surpresa. Mantenham, por meio de batedores, comunicação constante com o Coronel Burton, Major McAllister e O.P. Rockwell, que estão operando no mesmo local. Informem-me diariamente de seus movimentos, de todos os passos que a tropa der e em que direção foram dados.

Deus os abençoe e os ajude a ter sucesso.

Seu irmão em Cristo,
Daniel H. Wells.

P.S. – Se as tropas ainda não passaram ou se retornaram nesta direção, sigam na retaguarda, continuando a causar-lhes aborrecimentos, queimando todos seus suprimentos, estourando ou afugentando para longe seus animais, isto em toda oportunidade possível.

Major Joseph Taylor
(Assinado) "D.H. Wells".[10]

O Forte Brigder e o Forte Supply, então de propriedade da Igreja, foram queimados para impedir seu uso pelo exército dos Estados Unidos.

Antes de deixar o Forte Bridger, a 3 de outubro, o General Wells enviou o Major Lot Smith, com uma pequena companhia de homens, para interceptar os suprimentos que estavam chegando a South Pass; deveriam destruí-los de qualquer maneira. Um relato do próprio Major Lot Smith mostra o espírito que prevalecia entre os defensores do território:

"Fui convidado para jantar com o general comandante e seus auxiliares. Durante a refeição o General Wells, olhando-me tão firme quanto possível perguntou-me se poderia reunir alguns homens e virar ou **queimar os carroções** que estavam na estrada. Respondi que poderia fazer exatamente o que ele havia pedido. A resposta pareceu agradá-lo, sendo por ele aceita, dizendo-me que somente poderia fornecer-me alguns homens, mas que, para nossos inimigos, pareciam ser muitos. Quanto às provisões, nenhuma nos seria fornecida, pois deveríamos passar às 'custas de Tio Sam'".[11]

Major Lot Smith foi muito bem sucedido em sua missão, destruindo uma grande quantidade de suprimentos destinados ao exército. O modo pelo qual ele operou será melhor entendido por seu próprio relato de um incidente em sua campanha, a queima de um comboio de suprimentos no Big Sandy ou "Simpson's Hollow". Quando o major Smith se dirigiu a este comboio e perguntou por seu comandante, veio a saber que o mesmo estava a procura de gado. Depois de desarmar os condutores o major dirigiu-se ao encontro do comandante. Lot Smith assim descreve:

"Disse-lhe" conta a narrativa de Smith, "que havia vindo a negócios. Ele me perguntou a natureza dos mesmos, quando eu exigi suas pistolas. Ele respondeu: 'Por Deus, senhor, homem algum jamais as tirou, e se o senhor pensa que pode fazê-lo, sem primeiramente me matar, tente-o'. Cavalgávamos todo o tempo em direção ao comboio, tão juntos quanto dois cachorros escoceses – seus olhos chispavam fogo: não podia ver os meus, naturalmente – disse-lhe que admirava todo homem corajoso, mas, que não apreciava o derramamento de sangue; o senhor insiste em que eu o mate, o que levará apenas um minuto, mas eu não quero matá-lo. A esta altura já havíamos alcançado o comboio. Ele, ao ver que seus homens estavam sob guarda, se rendeu dizendo: 'Vejo que estou em desvantagem, com os meus homens desarmados'. Repliquei que eu não tinha necessidade de qualquer vantagem e perguntei-lhe o que faria se lhes déssemos suas armas. 'Lutaremos!' respondeu ele; 'Então, disse-lhe eu, "Responderemos na mesma altura – tomem suas armas!' Seus homens, porém, exclamaram: 'Não, de forma alguma. Viemos aqui para caçar touros selvagens, não para lutar'. 'O que diz a isto, Sr. Simpson?'. Perguntei. 'Com todos os diabos', replicou ele, rilhando seus dentes de maneira violenta, 'Se eu estivesse aqui antes e eles tivessem se recusado a lutar, eu teria matado cada um deles'.

"O Capitão Simpson foi o homem mais corajoso que conheci durante a campanha. Era genro do Sr. Majors, um grande contratante de fretagem do governo. Ele ficou muito aborrecido com a captura de seu comboio e queria saber que espécie de relatório poderia fazer a seu comandante e o que faria com os seus covardes comandados, sujeitos a morrer de fome nas planícies. Disse-lhe que lhes daria um carroção cheio de provisões. 'Posso ver por seu olhar que me dará dois!' Disse-lhes que se apressassem e pegassem suas coisas e tomassem os dois carro-

---

10. Documento do Executivo, trigésimo quinto Congresso, primeira seção, X nº 71, pp. 56-57.
11. Narrativa do Major Lot Smith, **Contributor**, Vol. III, pp. 271-272.

ções. pois desejávamos partir. Simpson me implorou para não queimar o comboio enquanto ele estivesse à vista, pois isto arruinaria a sua reputação. Disse-lhe que deixasse de melindres, que o comboio daria uma bela fogueira, pois eu já o tinha visto antes, e que não tínhamos tempo para cerimônias. Suprimo-nos de provisões, pusemos fogo nos carroções e cavalgamos cerca de duas milhas para além do riacho, a fim de descansar".[12].

Depois de suas façanhas em queimar carroções de suprimentos, Lot Smith passou a desviar gado dos acampamentos do exército. Destas empreitadas 1.000 cabeças de gado foram enviadas ao Vale do Lago Salgado. A cavalaria do governo, que algumas vezes tentou impedir a ação das forças de Smith, era facilmente batida, isto devido ao equipamento mais leve e melhores condições de montaria dos mórmons.

Os únicos tiros da guerra foram dados por um grupo da cavalaria dos Estados Unidos, sob a direção do Major Marcy, que quase capturou o Major Smith. Os tiros somente mataram dois cavalos. Durante o encontro entre Marcy e Smith, teve lugar uma conversa da qual o Major Smith diz que Marcy era um "perfeito cavalheiro" havendo expressado sua simpatia pelo povo mórmon.

No início de novembro de 1857, o General Johnston chegou ao acampamento principal do exército em Hamm's Fork. Ele era um oficial capaz e seu entusiasmo renovou o estado de espírito da tropa que já estava bem desanimada.

Foi considerada a possibilidade de adentrar o Vale de Lago Salgado pelo lado norte, via forte Hall. Por alguma razão este plano foi abandonado e o comando dirigiu-se ao forte Bridger. A distância era de somente sessenta e quatro km, mas o exército encontrou um deserto interminável. Toda a grama havia sido queimada. A estrada estava obstruída em quase toda a sua extensão. Combustível, a não ser o da artemísia, não era encontrado. Além disso a tropa enfrentou uma das mais fortes nevascas de inverno. Os bois fraquejavam pela falta de forragem e muitos morreram. A jornada levou quinze dias. Quando chegaram ao Forte Bridger encontraram-no em chamas, assim como o Forte Supply, a 19 km de distância.

Parecia que o Vale de Lago Salgado não poderia ser atingido naquele ano. O General Johnston foi forçado a retornar, aquartelando-se para o inverno em Black's Fork.

Os sofrimentos do exército durante o inverno foram intensos. A temperatura estava extremamente fria e os suprimentos escassos. A vinda do inverno em ajuda dos Santos possibilitou a uma grande parte da milícia o retorno a seus lares, deixando apenas alguns homens para observar e relatar os movimentos do exército.

Aclarando os Desentendimentos

O fracasso do exército na tentativa de atingir o Vale de Lago Salgado, em 1857, provou o erro da ação política por trás da Expedição. O custo excessivo da mesma e o modo errado pelo qual tudo começou levantaram a opinião crítica de todo o país. Deram motivo para sérias reflexões. O Senador Sam Houston, no salão do Senado dos Estados Unidos, foi porta-voz da opinião de muitos:

"Quanto mais homens enviarem à guerra mórmon, mais aumentarão as dificuldades. Eles terão que ser alimentados, terão que transportar provisões, por cerca de 960 km. As companhias lá enviadas encontraram o forte Bridger e outros lugares em montões de cinzas. E encontrarão Lago Salgado, se lá chegarem, também em cinzas. Descobrirão que será necessário lutar contra pessoas que defenderão corajosamente os seus lares. Quem for lá terá o mesmo destino que teve o exército de Napoleão quando foi a Moscou. Tão certo quanto estamos aqui sentados, eu lhes afirmo que este povo, se for combatido, lutará desesperadamente. Eles estão defendendo seus lares. Estão lutando para defender tudo aquilo que construíram e, assim pensando, lutarão até o último homem. E isto não é tudo. Se não quiserem combater de imediato, levarão suas mulheres e crianças para esconderijos nas montanhas; possuem provisões para dois anos; usarão a tática de guerrilhas, o que trará grandes danos às tropas que para lá forem enviadas. Não

12. Narrativa de Lot Smith. **Contributor**, Vol. IV, pp. 27-28.

conseguiremos suprimentos naquela área. Teremos que transportá-los desde Independence, Missouri. Quando atearem fogo a tudo não sobrará sequer uma haste de grama. *** Não sei que rumo irá esse assunto tomar. Desejo que seja o da conciliação. Quanto às tropas para derrotar os mormons, cinqüenta mil homens seriam tão ineficientes quanto dois ou três mil; e à proporção que enviarem tropas àquela vasta região sem suprimentos, sem meios de subsistência depois de um certo período, a menos que víveres sejam levados a eles, maior será o perigo. Será fácil para aquele povo tirar os suprimentos dos soldados. Digo que as tropas jamais retornarão, mas seus ossos fertilizarão o vale de Lago Salgado. Se a guerra começar, o exato momento em que for derramada a primeira gota de sangue, será o sinal de exterminação. Sr. Presidente, em minha opinião, se estamos ou não para ter uma guerra com os mórmons, dependerá do fato de as tropas avançarem ou não. Se não avançarem, se negociações forem entabuladas, se de fato entendermos o que os mórmons realmente querem, que eles estão prontos para concordar com as ordens do Governo, prestando obediência à Constituição: se concordamos com isto tudo, não repudiando a idéia de paz, poderemos ter paz. Mas podemos estar certos de que, se as tropas avançarem, haverá aniquilamento total. O povo mormon preferirá a exterminação a permitir abusos que para eles são intoleráveis, piores ainda que o extermínio".[13]

Tornou-se evidente em Washington, antes do término do inverno, que o governo estava pronto para retirar-se pacificamente do caso, se um meio razoável fosse oferecido.

Durante o inverno havia dois governos rivais funcionando em Utah. Como o Governador Young não havia recebido qualquer aviso oficial de seu afastamento do cargo e o Governador Cumming não havia oficialmente se instalado, o líder mórmon continuou suas funções de governador do território. O Governador Cumming tentou estabelecer sua autoridade diretamente do quartel-general do exército em Camp Scott, em Black's Fork. Lançou uma proclamação aos habitantes do território, onde dizia:

"Venho perante vocês sem preconceitos e, por meio de uma justa e firme administração, espero contar com seu apoio. A liberdade de consciência e a prática de seus modos peculiares de servir a Deus são direitos sagrados, sendo isto garantido pela Constituição, não podendo o governo ou seus representantes ou qualquer outra pessoa dentro do território interferir".[14]

Todos os grupos armados receberam ordem de debandar. A desobediência sujeitaria os infratores à punição devida aos traidores.[15]

A proclamação do Governador Cumming teve pouco ou mesmo nenhum efeito dentro do território, a não ser o de criar uma atitude favorável a ele como indivíduo. Um tribunal foi instalado em Camp Scott para julgar as diversas ofensas civis dirigidas contra o exército. Um grande júri, convocado por aquele tribunal, lançou acusações de traições contra Brigham Young e sessenta de seus amigos.

A Vinda do Coronel Kane

A 25 de fevereiro de 1858, o Coronel Thomas L. Kane chegou à Cidade de Lago Salgado. Saindo de Nova Iorque, viajou via Canal do Panamá até Los Angeles e daí pelo sul seguindo a rota terrestre.

Desde o começo das dificuldades no território o Coronel Kane foi mantido a par dos acontecimentos, informado que era pelos mórmons. Durante o inverno de 1857-58, embora estando em delicado estado de saúde e contra o conselho de seus amigos, havia feito esta longa e perigosa jornada, às suas próprias custas, para ajudar seus amigos mórmons em tão infortunada situação. Uma atitude assim tão cristã jamais foi vista. Sua missão, como os acontecimentos vieram a mostrar, era inteiramente particular, sendo suas ações dirigidas pelo que ele julgava ser seu dever. Viajou para Lago Salgado sob o nome de Dr. Osborne, sendo assim conhecido durante algum tempo pelos habitantes locais que não haviam anteriormente entrado em contato com ele. Mesmo vindo em missão particular, como embaixador da boa

13. **Congressional Globe,** trigésimo quinto Congresso, primeira seção, 25 de fevereiro de 1858, p. 874.

14. **House Executive Documents** trigésimo quinto Congresso, primeira seção, 10, Nº 71, p. 76.

15. **Ibid.**

vontade, sua vinda mudou os acontecimentos em favor da paz, abrindo caminho para uma reconciliação.

O Coronel Kane trouxe consigo a certeza de que o propósito da "Expedição" não era o de fazer guerra aos mórmons, assegurando que o Governador Cumming era um homem íntegro e de excelente caráter. Também assegurou que os mórmons tinham amigos no Congresso. A vinda do Coronel Kane aclarou diversas nuvens de mal-entendidos, resultando numa mudança de ponto de vista por parte dos mórmons. Sua tentativa de persuadir Brigham Young a ajudar a entrada das tropas no Vale de Lago Salgado, naquele inverno, não foi coroada de êxito. Depois, em conversa com alguns dos irmãos, Brigham Young disse:

"Quando o Coronel Kane veio visitar-nos, tentou persuadir-me quanto a alguns pontos de vista. Disse a ele que não iria para a direita ou para a esquerda, mas que faria única e exclusivamente o que Deus ordenasse. Nada faria que não estivesse certo. Sabendo que eu nada faria a não ser dirigido pelo Espírito do Senhor, sentiu-se desencorajado e disse que não iria ao exército. Mas finalmente resolveu que "se eu ordenasse, ele executaria". Disse-lhe que assim como ele foi inspirado para vir até aqui, deveria ir até o exército, deixando que o Espírito do Senhor o guiasse e tudo sairia de acordo. Ele assim agiu, havendo tudo dado certo. Ele achou estranho que não estivéssemos com medo do exército. Eu disse-lhe que nada temíamos, nem mesmo o mundo todo, se viessem a guerrear-nos. O Senhor nos livraria de suas armas, se cumpríssemos nossa parte. Deus tem domínio de tudo".[16]

O Coronel Kane deixou a Cidade de Lago Salgado a 8 de março de 1858, levando uma carta de Brigham Young, denominando-o "negociador das presentes dificuldades"[17]. A 12 de março chegou em Camp Scott, onde foi recebido pelo Governador Cumming. O General Johnston opôs-se à sua interferência naqueles assuntos e tentou prendê-lo como espião. O incidente quase resultou em um duelo entre o General Johnston e o Coronel Kane.

Como resultado de sua visita de quase três semanas ao Governador Cumming, o Coronel Kane conseguiu que este o acompanhasse à Cidade de Lago Salgado. Foi assegurado que o Governador teria uma cordial recepção. Seguindo para Lago Salgado o Governador ficou surpreso com a hospitalidade a ele oferecida. Em uma carta ao General Johnston ele disse:

"Fui em todo lugar reconhecido como governador de Utah; e longe de haver recebido insultos e ameaças, é com prazer que lhe digo que por todos os povoados onde passei fui grandemente saudado, com o respeito e atenção devidos a uma autoridade representativa dos Estados Unidos no território"[18].

Foi observada, depois da vinda do Coronel Kane, uma mudança de opinião entre os mórmons. Onde antes os Santos estavam determinados a lutar até a última gota de sangue, foi resolvido não mais lutar com armas, mas queimar suas casas e fugir para o sul. Brigham Young, obteve, de alguns caçadores, uma informação errônea de que uma grande extensão de terra fértil, capaz de suportar meio milhão de pessoas, existia em uma área deserta do sudoeste. Dois grupos de batedores enviados para localizar tal lugar falharam. Enquanto isto os Santos confiantemente se dirigiram para o sul. Diariamente as ruas de Lago Salgado se viam trancadas com carroções e suprimentos, iniciando a jornada rumo ao sul.

Quando o Governador Cumming chegou, inteirou-se de que um grande número dos habitantes havia desertado de suas casas, permanecendo somente os necessários para queimar as habitações quando julgassem ser conveniente. Grandes grupos, cujo destino não pôde saber, dirigiam-se ao sul levando seus rebanhos à frente. Tentou persuadi-los a ali permanecerem por mais tempo, mas nada conseguiu.

O Governador Cumming relatou a Washington o verdadeiro estado das

16. **History of Brigham Young**, Ms., dia 15 de agosto de 1858, p. 927.
17. Expedição de Utah, **Atlantic Monthly**, abril 1859, p. 479.

18. House Executive Documents, trigésimo quinto Congresso, segunda seção, Vol. 2, pt. 2, pp. 72-73.

coisas, declarando falsas as acusações de Drumond.

Mesmo antes que as notícias das realizações do Coronel Kane e do Governador Cumming chegassem ao leste, uma tempestade de protesto caía contra o Presidente Buchanan devido ao envio do exército para Utah. Os Senadores Henry Wilson de Massachusetts, Sam Houston do Texas, os Deputados Warren de Arkansas, Zollicoffer do Tennessee, exigiram uma investigação. Os mais importantes jornais do leste, especialmente o **New York Times, New York Tribune** e o **Herald,** chamaram a luta para si.

Em abril, o Presidente Buchanan designou uma comissão de paz composta de L.W. Powel, ex-governador de Kentucky e do Major Ben McCullock, do Texas. A comissão levava uma declaração de perdão, datada de 6 de abril de 1858. A proclamação declarava o líder da Igreja culpado de "rebelião" e "traição", mas, para evitar inútil derramamento de sangue, oferecia o perdão a todos que se submetessem à autoridade do governo federal.

A comissão de paz alcançou a Cidade de Lago Salgado a 7 de junho, ficando surpreendida por encontrar uma cidade tão grande quase completamente deserta. Até mesmo os líderes da Igreja haviam-se juntado ao movimento rumo ao sul.

Brigham Young declarou que os líderes da Igreja não eram culpados de traição ou rebelião, mas aceitaria o perdão.

Foi resolvido que o exército poderia passar através da cidade sem ser molestado, desde que lá não parasse, acampando no mínimo a 60 quilômetros de distância. A comissão enviou uma carta com este objetivo ao General Johnston e, a 26 de junho de 1858, o exército entrou na Cidade do Lago Salgado. Passaram pela cidade e foram acampar no rio Jordan. Três dias depois marcharam para o sul, estabelecendo um acampamento permanente no vale Cedar. O acampamento foi denominado "Acampamento Floyd", em homenagem a Buchanan Floyd, Secretário da Guerra.

Assim chegou ao fim este inditoso capítulo na história da Igreja e do Estado. O exército permaneceu no acampamento Floyd até a vinda da guerra civil, em 1861, quando foi abandonado. Esta permanência foi um grande problema social para a Cidade do Lago Salgado e os povoados vizinhos. Imoralidades, jogatina, bebedeira, roubos e outros, eram companheiros constantes dos soldados durante sua estada no território. A força policial de Lago Salgado foi aumentada; crimes nunca ali antes praticados tornaram-se comuns.

A ação dos mórmons na guerra de Utah abriu os olhos da nação. Permanecerá como um dos maiores exemplos da fé mostrada por um povo no poder do Deus Todo Poderoso em protegê-lo. A inabalável posição de Brigham Young, de que com a ajuda do Senhor os Santos poderiam resistir a todo o exército dos Estados Unidos, ganhou o respeito e admiração do mundo.

Leituras Suplementares

1. Roberts, **A Comprehensive History of the Church,** Vol. IV, pp. 181-471. ("A Guerra de Utah". O relato inclui papéis e documentos oficiais, discursos, orações, sermões, cartas pessoais, editoriais, narrativas, do Presidente dos Estados Unidos, Generais e outros oficiais do exército americano, Senadores e Deputados do Congresso dos Estados Unidos, Governadores de estados e territórios, Governador de Utah e Presidente da Igreja Mórmon, apóstolos da Igreja e outros).

2. **Ibid.,** Vol. IV, pp. 266-272. (Brigham Young propõe a queima das casas e tudo que o fogo pudesse destruir e que o povo não pudesse levar se o exército invadisse Utah). Os Santos votam em favor da queima de suas próprias casas. John Taylor anuncia a votação. **Ibid.,** Vol. IV. pp. 273-274. (Proclamação do Governador Brigham Young

proibindo o exército dos Estados Unidos de entrar em Utah).

3. **Ibid.,** Vol. IV, pp. 294-295. (Senador Sam Houston, herói das fronteiras, da sala de sessões do Senado dos Estados Unidos, previne o governo a não fazer guerra contra os mórmons).

4. Roberts, **Life of John Taylor,** pp. 263-299. (John Taylor demonstra toda sua coragem e lealdade a seu povo e seus líderes durante os difíceis dias da guerra de Utah).

5. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 382--410. (Uma visão, ou um relato, daquele tempo difícil, da responsabilidade do povo mórmon e seus líderes durante o período da guerra de Utah, através dos olhos e mente de Wilford Woodruff, é uma valiosa fonte de informações).

6. Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** pp. 155-171. (Governo e lealdade. Brigham Young é designado governador. O juiz Brocchus insulta o povo. Tentativas de remover Brigham Young).

7. **Ibid.,** pp. 172-186. (Designado novo governador para Utah. Estados Unidos envia o exército para suprimir a "Rebelião entre os mórmons". O exército é proibido de entrar em Utah. Tropas permanecem nas montanhas. Tropas entram no vale. "Movimento rumo sul").

8. **Ibid.,** pp. 187. (O exército em Utah marcha através de ruas e cidades desertas. Fim da guerra de Utah).

9. Smith, Joseph Fielding, **Essentials in Church History,** pp. 407-417. ("O erro de Buchanan". A comemoração de 24 de julho. Capitão Van Vliet. O ultimato do Governador Young. Esforços do Coronel Kane para conseguir a paz. Chegada das tropas. "O perdão do Presidente").

10. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 454-459. ("Os confidentes e os não confidentes").

11. Evans, **One Hundred Years of Mormonism,** pp. 462-472. (Dia dos Pioneiros Um estranho êxodo).

12. **Memories of John R. Young,** p. 97. (Comentário do Presidente Brigham Young sobre a guerra de Utah em uma carta a seu sobrinho, John R. Young, um missionário nas ilhas Sandwick, Hawaianas).

CAPÍTULO 37

UMA GRANDE TRAGÉDIA

Comboios de Emigrantes em Utah

Enquanto o exército dos Estados Unidos se aproximava do território de Utah, um mensageiro cavalgava a toda pressa para Lago Salgado. Havia coberto os quinhentos quilômetros desde Cedar City em três dias. Assim que chegou à presença de Brigham Young, James Haslam relatou uma história e entregou uma mensagem que levou o amado líder a ficar bastante preocupado e a agir de imediato.

Durante este período da história de Utah era constante o movimento de caravanas de emigrantes passando através do território em direção a Califórnia. O sentimento entre tais emigrantes e os Santos não era muito saudável. Os emigrantes geralmente entravam no território com um grande desejo de prejudicar os mórmons. Muitas destas companhias continham missurianos que haviam ajudado a expulsar os mórmons daquele estado. Por este motivo é evidente que muitos dos Santos tivessem sentimentos inamistosos para com eles.

Estes emigrantes muito fizeram para antagonizar os índios naquele território. Geralmente não manifestavam o mesmo sentimento de irmandade que os mórmons para com os peles-vermelhas. Tinham-nos na conta de animais selvagens, freqüentemente atirando neles, sem qualquer provocação. Os índios que entravam em seus acampamentos para um comércio pacífico eram sempre muito maltratados, sendo alguns cruelmente mortos. Isto fez germinar um forte ódio nas tribos indígenas , especialmente nos acampamentos do sul. Também o homem branco ficou irado. Antes os índios eram difíceis de ser controlados, mas agora eram impossíveis.

O clímax desta crise foi alcançado quando uma grande companhia de emigrantes de Arkansas se dirigia para a Califórnia via sul de Utah, em 1858. Esta companhia continha um grupo de missurianos que se denominavam "Os Gatos Selvagens de Missouri". Realmente dava a impressão de que gatos selvagens dominavam a caravana. Gabavam-se abertamente de haverem ajudado a expulsar os mórmons de Missouri e Illinois, diziam que iriam ajudar o exército , que se aproximava de Utah, a exterminar os Santos.

No que concerne às suas ações ao passarem pelos povoados do sul o que se fala é tão contradizente que se torna difícil determinar toda a verdade. Uma das acusações contra eles dizia que haviam envenenado um boi morto, o que causou a morte de vários índios Piutes que o comeram. Também foi alegado que envenenaram as fontes, causando a morte de um grande número de gado e adoecendo os colonos que tentaram se utilizar de sua carne.

Os índios estavam bastante irados. Todos os insultos daquelas caravanas foram se acumulando, levando-os a procurar vingança. Em sua mente todos os brancos, com exceção dos mórmons, pertenciam a uma tribo, os "Mericats", (Nota: gatos selvagens americanos). Sua lei demandava vingança de sangue contra quem quer que os ofendesse.

Geralmente a influência dos colonos era usada para manter a paz e impedir a qualquer custo um ataque contra as caravanas de emigrantes. Desta vez, no entanto, parece que tal medida não foi usada. Muitos dos brancos estavam saturados, com os "Gatos Selvagens do Missouri", por terem chegado a um ponto insuportável suas ações.

A 6 de setembro, enquanto os emigrantes instalavam um acampamento na montanha Meadows, a quarenta milhas de Cedar City, foi realizado, naquela cidade, um conselho de líderes mór-

mons. Foi decidido que um mensageiro deveria ser enviado a Brigham Young, deixando-o ciente da situação. James Haslam, de Cedar City, foi este mensageiro.

Depois de haver lido a mensagem trazida por Haslam, o Governador perguntou-lhe se poderia suportar a jornada de volta. Respondeu afirmativamente. Após haver dormido algumas horas, montou em seu cavalo para a cavalgada de retorno. O Presidente entregou-lhe uma mensagem aberta e disse-lhe:

"Vá a toda velocidade, não poupe o cavalo. Os emigrantes não devem ser perturbados, mesmo que tenhamos que lutar para impedi-lo. Eles devem seguir livres e sem serem molestados".[1]

Nas instruções levadas por Haslam para Isaac C. Haight, de Cedar City, lemos:

"Quanto à passagem das cavalgadas através de nossos povoados, a mesma deverá ser livre, a menos que a notifiquemos para por lá não passarem. Vocês não deverão interferir com eles. Os índios, temos certeza, agirão por conta própria, mas, na medida do possível, tentem proteger os emigrantes".[2]

Haslam chegou em Cedar City a 13 de setembro, conseguindo cobrir, em memorável cavalgada, o percurso de 960 quilômetros em seis dias. Isaac C. Haight, ao ler a mensagem, ficou com os olhos cobertos de lágrimas e disse:

"O massacre já estava terminado antes mesmo que eu chegasse em casa"[3]

"Tarde demais! Tarde demais!

O Massacre da Montanha Meadows

A montanha Meadows se compõe de um estreito vale de 8 quilômetros de extensão, situado a 510 quilômetros ao sul e um pouco a oeste de Lago Salgado. Fica em um platô que forma a borda sul da Grande Bacia. Os emigrantes de Arkansas e Missouri, na primeira semana de setembro de 1857, acamparam do lado sul na parte final do vale, perto de um riacho.

Centenas de índios reuniram-se nas proximidades e, ao raiar do dia 8 ou 9 de setembro, começaram a atacar os emigrantes, que se prepararam para lutar.

Os índios, enquanto isto, enviaram corredores às tribos vizinhas, para reunir guerreiros. Também alguns brancos chegaram à cena do conflito.

Foi um massacre planejado e traiçoeiramente levado a efeito. Na manhã de 11 de setembro, uma bandeira de tréguas foi levada ao acampamento dos emigrantes e os termos de rendimento foram propostos. Os emigrantes deveriam entregar as armas. Os feridos deveriam ser conduzidos nos carroções, juntamente com as mulheres e crianças, vindo os homens na retaguarda, em fila indiana. Assim seriam conduzidos até Cedar City. Concordaram com tudo e a marcha foi iniciada.

A uma pequena distância do acampamento, a um dado sinal, os homens brancos caíram sobre os emigrantes. Ao mesmo tempo centenas de índios, que estavam escondidos nos arbustos, avançaram sobre a indefesa caravana. A terrível tragédia foi terminada em cinco minutos. Somente três homens conseguiram escapar deste primeiro assalto. Foram perseguidos pelos índios, que logo os mataram. Só as crianças menores foram salvas. Conduziram-nas às casas dos colonos para que cuidassem delas. Mais tarde o Governo dos Estados Unidos providenciou um fundo para protegê-las e transportá-las até seus parentes em Arkansas e Missouri ou para um orfanato em St. Louis.

Responsabilidade da Tragédia

Ao tomarem conhecimento do massacre da montanha Meadows os líderes da Igreja se sentiram chocados. Um grande sentimento de pesar encheu todo o território. Infelizmente, nenhuma investigação radical para trazer os culpados perante a justiça foi levada a efeito naquela época; somente vinte anos mais

1. Relato do julgamento de Lee. **Deseret News**, setembro 10, 1876. Também Penrose, **Mountain Meadows Massacre**, pp. 94-95.
2. **Church Business Letter, Book**, nº 3, Veja Roberts. **Comprehensive History of the Church** Vol. IV - pp. 150-151.
3. Testemunho de Haslam, Penrose, **Mountain Meadows Massacre**, suplemento , p. 95.

tarde tal investigação foi realizada. George Smith foi enviado por Brigham Young para investigar o ocorrido logo após o fato haver se consumado, tendo Smith feito um relato e entregue ao Presidente da Igreja em 1858. Àquela altura dos acontecimentos Brigham Young já havia passado toda sua autoridade civil para seu sucessor, Governador Cumming. John D. Lee, o agente dos índios, relatou ao governador sua própria história, mas não foi ordenada qualquer investigação.

Brigham Young mostrou ao Governador a urgência de uma investigação, pois estava seguro que diversos homens brancos haviam tomado parte no massacre. Em 1876 assim se expressou Brigham Young.

"Logo após haver o Governador Cumming chegado, convidei-o para levar o Juiz Cradlebough, que pertencia ao distrito do sul, para junto conosco reunir os homens suficientes para investigar o assunto e trazer os culpados perante a justiça".[4]

O Governador Cumming, em face às dificuldades advindas com a "Guerra de Utah" e o perdão aos que haviam ofendido o Governo dos Estados Unidos, nenhuma medida tomou para punir ou mesmo descobrir os culpados do crime.

Um grupo de não-mórmons realizou uma tentativa de culpar Brigham Young pela tragédia. O Juiz Cradlebough tomou a iniciativa do ataque e em 1859 tentou investigar os acontecimentos. De seus esforços, Forney, o agente índio, relata:

"Temo e é com receio que digo isto, que há em certos grupos grande ansiedade para culpar Brigham Young e outros líderes da Igreja por tudo o que tem acontecido até o momento neste território".[5]

Não há desculpa para o que aconteceu na montanha Meadows. A Igreja nada teve a ver com isto, porém, não podendo em absoluto ser culpada se alguns de seus membros, contrariando ordens, tomaram parte em tão estúpido acontecimento. A lei da Igreja foi, desde o início, anunciada pelo Filho de Deus:

E agora, eis que eu falo à Igreja. Não matarás; o que matar não terá perdão nem neste, nem no mundo futuro. E outra vez, digo não matarás; mas o que matar, morrerá. E acontecerá que, se qualquer dentre vós matar, será entregue e julgado de acordo com as leis da terra; pois lembrai-vos de que ele não terá perdão; e isso se provará de acordo com as leis da terra.[6]

Leituras Suplementares

1. Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** pp. 142-145.

2. Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 387--389. (29 de setembro de 1857; John D. Lee na presença de Wilford Woodruff, relata a Brigham Young o massacre da montanha Meadows. O irmão Woodruff escreveu suas memórias e impressões deste relato em seu diário naquela tarde. Isto é extraído de seu diário).

3. Smith, **Essentials in Church History** pp 418-422 - (Um breve relato do acontecimento).

4. Penrose, **Mountain Meadows Massacre** (Um livreto)

5. Roberts, **A Comprehensive History of the Church,** Vol. IV - pp. 139-159.

4 **Court Report,** segundo julgamento de Lee, 1876. Veja também Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. IV., p. 168

5. **Senate Documents,** 36º Congresso, primeira seção, nº 2, p. 86. Veja também Bancroft **History of Utah,** p. 561.

6. **Doutrina e Convênios,** Seção 42:18-19,79.

CAPÍTULO 38

O ISOLAMENTO CHEGA AO FIM

A Nação Avança Para o Oeste

O isolamento que Brigham Young obteve para seu povo nos vales das montanhas deu à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a oportunidade de tornar-se uma instituição permanente. As raízes da Igreja ficaram plantadas. Sua organização e crenças tornaram-se fixas e seguras. O isolamento evitou que a Igreja fosse destruída. Todavia, isto não foi feito sem que um grande preço houvesse sido pago. Apesar do grande interesse da Igreja em escolas, as circunstâncias foram tais que uma geração inteira cresceu com pouca instrução formal. Não fosse pelo contínuo fluxo de emigrantes e o contato dos missionários com o mundo exterior, e os mórmons teriam testemunhado um período de estagnação no aprendizado. O desenvolvimento de homens letrados, cientistas, artistas, etc. sofreu bastante. Ainda mais, isolado como estava aquele povo, as convicções religiosas fixaram-se em suas mentes como doutrinas e as formas religiosas como leis imutáveis.

Este isolamento, contudo, não continuou por muito tempo. Nem era o desejo de Brigham Young ou da Igreja que tal situação continuasse. Estando os Santos estabelecidos no oeste, a Igreja usou todos os seus meios e influência para abrir novos horizontes no setor da comunicação com o mundo, para trazer indústrias para Utah e para manter os melhores contatos com o resto do mundo.

A natureza deserta da região veio em muito prolongar o isolamento, especialmente nos povoados mais distantes. Um meio de vida mais fácil poderia ser obtido em Oregon ou na Califórnia. Por esta razão os gentios ou não-mórmons evitaram a Grande Bacia.

O primeiro evento que veio a quebrar este isolamento foi a corrida do ouro na Califórnia, que transformou Utah em uma estrada nacional rumo aos campos do ouro. Isto trouxe numerosos não - mórmons para Utah, os quais estabeleceram-se como comerciantes em Lago Salgado.

A organização de uma forma territorial de governo e a vinda de autoridades federais encorajaram outros não-mórmons a virem ao território para fins políticos ou econômicos. Em 1858 o exército de Johnston aderiu à população dos gentios. O desenvolvimento seguinte foi a abertura de uma indústria de mineração em Utah, durante e imediatamente depois da guerra civil. O acampamento Floyd havia sido abandonado no começo deste conflito (1861), mas, em 1862, o Coronel P. Edward Connor foi enviado a Lago Salgado com uma companhia de voluntários da Califórnia, estabelecendo o Forte Douglas, na parte leste de Lago Salgado. Este destacamento do exército havia sido enviado com a finalidade de impedir a adesão dos mórmons aos estados sulistas. Descobrindo que o povo de Utah era leal ao governo, o General Connor encontrou pouco serviço para seus soldados, dando então a eles longas licenças. Muitos destes soldados haviam sido mineiros e procuradores de ouro na Califórnia. Exploraram as montanhas de Utah, procurando o minério, e descobriram todas as áreas de mineração importantes do estado. A isto seguiu-se o desenvolvimento da indústria de mineração de Utah. Capital estrangeiro e trabalhadores vieram para o estado e a população não-mórmon cresceu rapidamente nas cidades e centros mineiros.

Em 1861, o telégrafo, ligando Lago Salgado aos centros do leste e do oeste e o desenvolvimento do telégrafo Deseret, em 1865 a 1867, de Arizona a Idaho, foi um grande passo para trazer os povoados mais perto um do outro e do resto do mundo.

Em 1869 ocorreu um evento, o qual mais que qualquer outro removeu as barreiras criadas pelo tempo e distância,

revolucionando as condições econômicas do território. Naquele ano foi completada a primeira estrada de ferro transcontinental. Durante três anos dois grandes grupos de homens trabalharam ardorosamente para a realização deste objetivo — A Union Pacific, Railroad Company, dirigindo-se a oeste de Omaha, ao longo da antiga trilha mórmon, e a Central Pacific Railroad Company, a leste de San Francisco.

Quando as duas companhias se encontraram em Promontory, Utah, a setenta e dois km de Ogden, Utah, e as máquinas de leste e oeste ficaram frente a frente, o período de isolamento de Utah havia chegado ao fim.

Embora os Santos recebessem muito bem a estrada de ferro, inclusive ajudando na construção de seus prédios, essa realização trouxe sérios prejuízos à estrutura econômica do território. Em primeiro lugar, a independência econômica terminou. A existência de muitas indústrias era possível somente devido ao alto custo de transporte, o que permitia concorrência com os produtos do leste. A chegada da estrada de ferro pôs fim nesta condição. A indústria da seda, do algodão, de ferro e uma infinidade de outras indústrias menores foram prejudicadas, sendo inevitável um ajustamento. A estrada de ferro abriu um mercado para produtos agrícolas e minérios, o que resultou em prosperidade para o povo do território.

O desaparecimento das fronteiras encontrou a Igreja firmemente estabelecida. Felizmente foi assim, pois todo aquele conflito que surgiu poderia tê-la destruído. Parte deste conflito já foi pre-

Celebração do término da primeira estrada de ferro transcontinental. As duas linhas, a Union Pacific e a Central Pacific, encontraram-se em 1869 em Promontory, Utah.

Gentileza da Utah State Historical Society

viamente discutido, quando falamos no problema social da poligamia.

Novamente Mórmons e Gentios

Sabendo que desde o tempo da organização da Igreja os contatos entre os mórmons e não-mórmons resultaram em grandes desentendimentos e intolerância mútua, teríamos certeza que o contato entre a população mórmon e não-mórmon em Utah não estaria livre de conflitos.

Durante os conflitos anteriores, os Santos sempre estavam em minoria. A maioria dos que eram não-mórmons havia ajudado a expulsar os mórmons. Em Utah os Santos possuíam maioria total. Não seriam expulsos e nem desejavam expulsar aqueles que não concordavam com eles.

Das muitas causas do conflito, quatro são especialmente manifestadas na história de Utah. Primeiro, a Doutrina do Casamento Plural, que já foi discutida. Segundo, a solidariedade política do povo, que seguia a liderança da Igreja. Terceiro, a solidariedade econômica dos Santos. Quarto, a intolerância dos Santos, em relação ao vício e à imoralidade.

A primeira causa foi eliminada em 1890 pelo "Manifesto". A segunda desapareceu, pois as forças políticas que operavam contra os Santos decresceram. Com a admissão de Utah como Estado, em 1896, os Santos, gradativamente, se uniram à maioria dos partidos políticos. Somente no caso de problemas políticos, em que hábitos morais estão envolvidos é que a influência política da Igreja toma partido.

No campo econômico, do mesmo modo, a solidariedade do povo mórmon desapareceu. Como já citamos, a vinda da estrada de ferro significou o fim de muitas indústrias em Utah, as quais haviam sido construídas por métodos de cooperativas.

Os líderes da Igreja anteciparam os efeitos que a vinda da estrada de ferro iria produzir na indústria, havendo logo em 1868 iniciado um movimento para organizar uma cooperativa de empreendimentos mercantis, a qual seria composta de vendedores e compradores mórmons. Este movimento tinha a finalidade de ajudar os Santos na compra de artigos manufaturados no leste a um preço razoável, sem estarem sujeitos aos preços impostos pelos mercadores gentios que estavam entrando no território. O capital para este empreendimento era fornecido em pequenas quantias por um grande número de acionistas. O objetivo principal do movimento era transformar aquele povo em seus próprios vendedores, partilhar os lucros dos negócios e impedir a concentração de gordos lucros nas mãos de uma minoria.

Cooperativa Mercantil

A primeira destas organizações cooperativas começou em Provo, em 1868. Em 1869 A Zion's Cooperative Mercantile Institution, cujo nome foi encurtado para Z.C.M.I., tornou-se uma grande Instituição da Igreja. Vendedores locais nos diversos povoados foram convidados para fazer parte do movimento e vender ações a seus fregueses.

Em conexão com o estabelecimento da Z.C.M.I., tornou-se necessário um boicote contra comerciantes não-mórmons. Na conferência de outubro de 1868 Brigham Young anunciou:

> "Quero avisá-los, meus irmãos, meus amigos e meus inimigos, que iremos fazer todo e qualquer esforço para que nenhum Santo dos Últimos Dias venha a comerciar com alguém de fora"[1]

Ambos os movimentos eram defensivos. Era largamente clamado pelos inimigos da Igreja que, com a vinda da estrada de ferro, o mormonismo iria à ruína. Um fluxo de comerciantes gentios era esperado. Além disso, com a vinda da estrada de ferro devia começar uma cruzada contra os mórmons. Estavam em andamento planos hostis para privar os Santos de seus direitos de cidadãos e atacar seus programas de casamento.

"Foi um tempo de guerra — de luta pela exis-

1. Sermão proferido em 8 de outubro de 1868, **Journal of Discourses**, Vol. 12, p. 286.

TEMPLO DE MANTI, dedicado por Lorenzo Snow, no dia 21 de maio de 1888.

TEMPLO DO HAVAÍ, dedicado pelo Presidente Heber J. Grant, no dia 27 de novembro de 1919

TEMPLO DO CANADÁ, dedicado pelo Presidente Heber J. Grant, no dia 26 de agosto de 1923.

TEMPLO DO ARIZONA, dedicado pelo Presidente Heber J. Grant, no dia 23 de outubro de 1927.

O edifício do Empório Eagle, lugar de operações da Z.C.M.I., em Lago Salgado, em 1870
Gentileza da Utah State Historical Society

tência da comunidade, e, como medida de auto--preservação, até que o perigo tivesse passado e as condições normais tivessem sido restauradas, a política de não negociar com gentios era de se esperar; e foi uma política justificável, corajosa e sábia".[2]

A Z.C.M.I. e suas agências através de todo o território provaram ser um grande sucesso como empreendimento comercial e serviu para diminuir os preços. Foi, entretanto, a causa de ressentimentos entre comerciantes mórmons e gentios, que duraram até o fim do século. A Z.C.M.I. foi gradativamente abandonada como empreendimento cooperativista, pois suas finalidades foram desaparecendo. Atualmente, a instituição que leva este nome nada mais contém dos traços cooperativistas originais.

A quarta causa de conflito entre mórmons e não-mórmons igualmente desapareceu. Eram as leis antifumo e a proibição de bebidas alcoólicas.

Durante estes anos de formação nos vales das montanhas, a Igreja foi abençoada com uma marcante liderança. A fé possuída por John Taylor, que se tornou presidente em 1880, três anos após a morte de Brigham Young, conservou os Santos unidos durante as perseguições contra a poligamia.

Wilford Woodruff, seu sucessor, foi, da mesma forma, um baluarte de fé e, como John Taylor, um dos antigos colegas do Profeta Joseph.

O Presidente Woodruff, que muito havia feito para livrar a Igreja de suas dificuldades financeiras e restaurar a harmonia entre seu povo e o governo civil, morreu no dia 2 de setembro de 1898. Foi sucedido onze dias depois por Lorenzo Snow, então com oitenta e cinco anos de idade. Os três anos de administração do Presidente Snow foram bastante vigorosos, resultando em um grande reavivamento de espiritualidade e unidade na Igreja. Ao fim de seu período a Igreja estava livre de débitos, a atividade missionária havia crescido e

2. Roberts, Comprehensive History of the Church, Vol. 5, p 228.

uma nova missão foi aberta no Japão.

Oposição Política

Durante a administração do Presidente Snow a oposição aos Santos mais uma vez veio florescer. Brigham H. Roberts, uma das Autoridades Gerais da Igreja, foi eleito pelo estado de Utah como representante do Congresso. Alguns dos não-mórmons de Utah pediram que o Congresso não permitisse lá o seu assento, por ser ele praticante da poligamia. A disputa teve caráter nacional e Roberts foi finalmente excluído.

Os sentimentos políticos contra os mórmons continuaram ainda na administração do Presidente Joseph F. Smith, que foi escolhido para suceder o Presidente Snow, em uma conferência especial no dia 10 de novembro de 1901. A escolha de Reed Smoot, um dos Doze Apóstolos, para o Senado dos Estados Unidos em 1903, foi o sinal para um novo ataque contra a Igreja. Uma organização de ministros não-mórmons de Lago Salgado e diversos cidadãos mandaram uma petição ao Senado para que Smoot fosse de lá excluído por acreditar nos princípios de poligamia, muito embora ele não praticasse aquilo de que era acusado. O caso esteve perante o Senado por dois anos, durante os quais foi formada uma comissão de senadores que se dirigiram a Utah para investigar todas as fases do problema. Esta vontade de prejudicar os mórmons parecia correr por toda a nação, pois diversas petições contra o assento do "Apóstolo Mórmon" chegaram ao Congresso.

O caso foi julgado pelo Senado a 13 de dezembro de 1906 e, a 20 de fevereiro de 1907, o Senador Smoot foi admitido entre seus pares.

Ainda por um curto tempo continuou a oposição à Igreja com a organização, em Utah, do Partido Americano, designado a combater o mormonismo. A organização terminou em 1911.

A medida que a Igreja entrou em seu segundo século de existência, a perseguição cessou em todo o território americano e uma atitude mais tolerante em relação aos mórmons tem sido adotada pelos povos do mundo.

A Igreja Perde o Domínio da Vida Econômica e Social do Povo

A Igreja, desde seu início, tem estado interessada nas condições espirituais e físicas de seus membros. Sua função primordial tem sido promover o bem-estar espiritual de seu povo e do povo do mundo inteiro. Esta função tem sido mantida ativamente através de toda a sua história. O bem-estar espiritual e a felicidade de um povo também dependem de seu bem-estar material. Para Joseph Smith havia uma relação muito próxima entre sistema econômico e vida espiritual. Conseqüentemente, a Igreja se tornou um instrumento no estabelecimento de uma ordem social que pudesse melhor promover as virtudes cristãs. A "lei de consagração" reconheceu a relação bem próxima que existia entre o lado espiritual e material da vida.

A ordem social de Joseph Smith nunca foi obtida, permanecendo até sua morte como a "grande obra inacabada". No oeste ela nunca foi tentada, exceto por grupos isolados. A Igreja, entretanto, exerceu grande controle sobre a vida social e econômica de seu povo. A razão disso foi grandemente a autopreservação, que exigia cooperação para conquistar o deserto. Tornou-se também um movimento de defesa contra um mundo que procurava destruir os Santos.

Era somente natural, então, quando a conquista do deserto se tornou realidade e os ataques externos contra a Igreja cessaram, que a Igreja abandonasse os esforços de dirigir a vida econômica e social de seu povo.

Todavia, ela não abandonou seu interesse nesses setores. O Bispo ainda é responsável pelo bem-estar material de seu povo e, sob sua direção, a Sociedade de Socorro administra as necessidades dos pobres. Pela coleta e emprego de dízimos, a Igreja continua a ser uma gran-

de empresa cooperativista para a construção de capelas, templos etc., na educação de jovens, e na manutenção de missões em todo o mundo.

Com o desaparecimento das fronteiras, os entretenimentos comerciais enfraqueceram a influência da Igreja sobre a vida social de seu povo. Isto é lamentável. Um movimento para recuperar o que a Igreja perdeu nesse campo está agora em operação, e avanços rápidos foram alcançados durante a administração de Heber J. Grant e presidente sucessivos. Este movimento consiste de um programa recreativo para toda a Igreja, dirigido pela S.A.M., a construção de salões culturais e o treinamento de líderes de recreação.

Leituras Suplementares

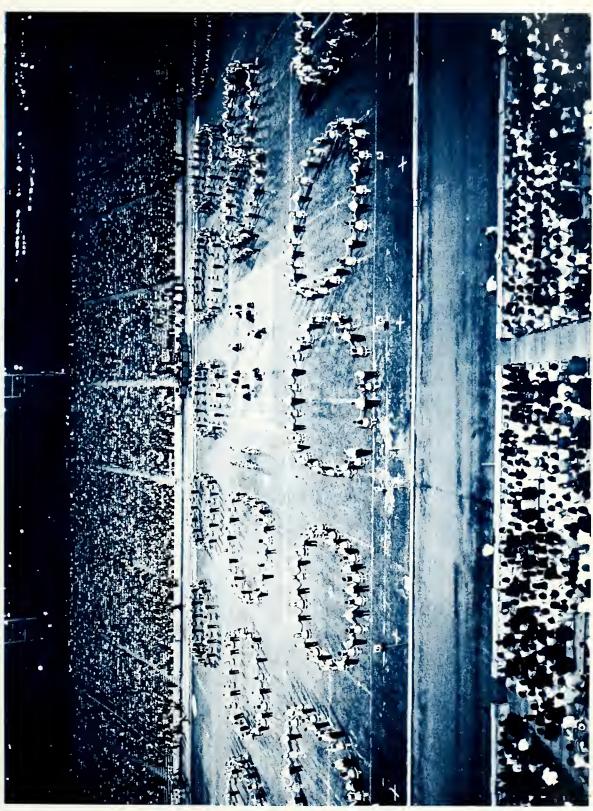
1. Roberts, **Comprehensive History of the Church,** Vol. 5, pp. 216-238. ("O Sistema Mercantil Cooperativo – Proposta a Exclusividade da Negociação Mórmon – Tentada a Legislação Nacional Anti-Mórmon – Ação das Mulheres Mórmons a este Respeito").

2. **Ibid.,** Vol. 5, pp. 239-252. ("Advento da Estrada de ferro em Utah – Atitude da Igreja com relação ao advento da estrada de ferro – A Cidade do Lago Salgado como centro ferroviário").

3. **Ibid.,** Vol. 5, pp. 253-271. (Um capítulo de uma a duas páginas de descrições do caráter de homens e mulheres notáveis; e alguns apóstatas e oponentes de Brigham Young ou da Igreja. Descrições de Vilate Kimball, Leonard Taylor, Heber C. Kimball, Daniel Spencer, Ezra T. Benson. Apóstatas e grupos apóstatas: W.S. Godbe, E.L.T. Harrisson, Eli B. Kelsey, Henry W. Lawrence, e movimentos que eles auxiliaram).

4. Smith, **Essentials in Church History,** p. 443. (O movimento cooperativista entre os mórmons).

5. Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** pp. 202-207. (Cooperação entre os mórmons na autodefesa, após a vinda da estrada de ferro, e investida de homens de negócios não-mórmons em Utah).

Um número de dança folclórica durante o Festival de Danças da A.M.M. em 1961, realizado no Estádio da Universidade de Utah

INTRODUÇÃO DA UNIDADE III

A IGREJA ATUALMENTE

O mormonismo está agora em seu segundo século. Estabeleceu-se no mundo como uma religião vital e progressiva. Nesta unidade nos aprofundaremos no trabalho da Igreja, para chegar à sua formidável estrutura. Maravilhar-nos-emos com sua organização incomum e surpreendente vitalidade. Emocionar-nos-emos com o programa de amor realizado em seus templos; seremos tocados pelos testemunhos ardentes que constituem a vida do movimento missionário; aprenderemos a apreciar a preocupação de nosso Pai Celestial com a felicidade de Seus filhos, e, finalmente, compreenderemos que as leis do Reino de Deus são as leis de toda a vida – são as verdades eternas.

UNIDADE III

A IGREJA ATUALMENTE

CAPÍTULO 39

O SEGUNDO SÉCULO DO MORMONISMO

A Celebração do Centenário

No dia 6 de abril de 1930, uma grande celebração marcou o fim do primeiro século do mormonismo e o início do segundo. Nesta ocasião, uma peça, intitulada "A Mensagem dos Séculos", foi apresentada no tabernáculo da Cidade de Lago Salgado, versando sobre o crescimento da Igreja e os frutos de seus ensinamentos. Durante trinta dias esta peça foi repetida às vastas audiências que lotavam aquela histórica estrutura.

Durante essa ocasião o Templo de Lago Salgado foi iluminado à noite por lâmpadas gigantes num total de 52.000 watts. A figura do Anjo Morôni, lá no topo do templo e recém-recoberta de dourado, simbolizava a predição do Apóstolo João na Ilha de Patmos:

> "E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, tribo, língua e povo. Dizendo, com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juizo.
>
> "E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas".[1]

Em contraste com o início humilde da Igreja em Fayette, Nova Iorque, no dia 6 de abril de 1830, essa celebração foi assistida por centenas de milhares de pessoas. Em 7 de abril de 1930, o órgão do Tabernáculo podia ser ouvido numa cadeia de diversas estações de rádio, por aproximadamente sete a dez milhões de pessoas em todo o mundo.

A Igreja apresentava então o número elevado de 700.000 membros. Sete milhões de batismos haviam sido realizados pelos mortos. Presidente Heber J. Grant relatou:

> "Temos, no presente tempo, 104 estacas de Sião, 930 alas, 75 ramos independentes, 27 ramos dependentes, com um total de alas e ramos nas estacas de Sião, do Canadá ao México, de 1032; mais 28 missões e 800 ramos nas missões".[2]

O primeiro século foi admirável por sua surpreendente liderança. O gráfico que segue mostra a sucessão dos homens que presidiram a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Dos onze presidentes, os primeiros quatro foram amigos íntimos do Profeta Joseph. Eram quase da mesma idade. Sua lealdade ao Profeta foi uma das extraordinárias características de suas momentosas vidas.

---

2. Conference Report, (abril de 1930)

(Gráfico dos Presidentes da Igreja)

	Data de Nascimento		Data de falecimento		Foi ordenado apóstolo em		Presidente do Conselho dos Doze		Presidente da Igreja	
Joseph Smith	23 de dez.,	1805	27 de junho,	1844		1829	———		Abril,	1930
Brigham Young	1 de junho,	1801	29 de agos.,	1877	14 de fev.,	1835	19 de jan.,	1847	27 de dez.,	1847
John Taylor	1 de nov.,	1808	25 de julho	1887	19 de dez.,	1838	10 de abril,	1875	10 de out.,	1880
Wilford Woodruff	1 de março,	1807	2 de set.,	1898	26 de abril,	1839	10 de out.,	1880	7 de abril,	1889
Lorenzo Snow	3 de abril,	1814	10 de out.,	1901	12 de fev.,	1849	7 de abril,	1889	13 de set.,	1898
Joseph F Smith	13 de nov.,	1838	19 de nov.,	1918	1 de junho,	1866	———		17 de out.,	1901
Heber J Grant	22 de nov.,	1856	14 de maio,	1945	16 de out.,	1882	22 de nov.,	1916	23 de nov	1918
George A Smith	4 de abril	1870	4 de abril,	1951	8 de out.,	1903	8 de julho,	1943	21 de maio,	1945
David O MacKay	8 de set.,	1873	18 de jan.,	1970	9 de abril,	1906	30 de set.,	1950	9 de abril,	1951
Joseph Fielding Smith	19 de julho	1876	2 de julho	1972	7 de abril	1912	9 de abril	1951	23 de janeiro	1970
Harold B Lee	28 de março	1899	26 de dez.,	1973	6 de abril	1941	23 de jan.,	1970	7 de julho	1972
Spencer W Kimball	28 de março	1895	———		7 de out.,	1943	7 de julho	1972	30 de dez.,	1973

Em 1830 Joseph Smith presidiu a Igreja como seu Primeiro Élder. Ele foi apoiado como Presidente do Sumo-Sacerdócio numa conferência em Amherst, Ohio, no dia 25 de janeiro de 1832.

Ao entrar o mormonismo em seu segundo século, o eminente Dr. Thomas Nixon Carver, Professor de Economia Política da Universidade de Harvard, disse o seguinte:

"Nunca encontrei hábitos pessoais mais puros e sadios que entre os mórmons. Nunca encontrei um povo que demonstrasse tão poucos sinais de vida dissipada. Nunca estudei grupos de pessoas tão bem nutridas e saudáveis. Nunca conheci quem se esforçasse tanto para educar seus filhos. Isto nos dá uma chave para o sucesso dos mórmons como colonizadores e construtores. O poder que têm para não deixar que seu gênio e seus talentos sejam desperdiçados está tão próximo da sabedoria divina como nada no mundo. Se este poder vem de uma organização superior ou de um superior discernimento pessoal, é indiferente. O que importa é que a Igreja Mórmon parece possuí-lo em alto grau".[3]

Falando sobre a cooperação entre os Santos, o Dr. Carver continua:

"Talvez fosse a situação desesperadora de premente necessidade o que forçou os primeiros mórmons a cooperarem uns com os outros ou morrerem de fome. Talvez fosse uma obrigação imposta por uma religião comum, talvez fosse o produto de um discernimento e de uma inteligência superior. Seja qual for a fonte, o resultado foi bom".[4]

O povo mórmon, no final de um século e início de outro, estava pronto para ser julgado pelo grande teste estabelecido pelo Mestre:

"Por seus frutos os conhecereis; porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim toda a árvore boa dá bons frutos.*** Portanto, pelos seus frutos os conhecereis".[5]

A fim de compreender os efeitos do Evangelho sobre a vida dos membros da Igreja, é necessário estudar a organização através da qual os membros funcionam e o Evangelho é ensinado. Esta organização atraiu a atenção de homens eruditos de todo o mundo, que a reconhecem como a mais completa organização jamais existente sobre a terra.

Esta organização tem por base o Santo Sacerdócio, que é a autoridade de Deus para oficiar em Sua Igreja, para ensinar o Evangelho e realizar suas ordenanças. O Sacerdócio é possuído por todos os membros do sexo masculino, acima de doze anos de idade. É a posse desta autoridade e poder de Deus o que distingue os Santos dos Últimos Dias de todos os outros povos do mundo. A restauração do Sacerdócio na terra, bem como sua organização já foi previamente discutida.

O Sacerdócio, para propósitos administrativos, divide-se em: "Autoridades Gerais", "Autoridades da Estaca", e "Autoridade da Ala ou Ramo". A relação existente entre um e outro pode ser compreendida através de um estudo do gráfico contido neste capítulo.

Durante 1961, a Primeira Presidência organizou o Comitê de Correlação do Sacerdócio da Igreja, sob cuja direção foi estabelecido um programa de longo alcance para colocar todas as atividades da Igreja sob controle da liderança do Sacerdócio. Quatro áreas de atividade da Igreja (o Programa de Bem-Estar, trabalho missionário, ensino familiar e trabalho genealógico) foram colocadas diretamente sob a direção das Autoridades Gerais, dos líderes do Sacerdócio das estacas e alas, e dos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque. Este programa centralizou as atividades e o ensino da Igreja nos quoruns do Sacerdócio, e estabeleceu uma linha de comunicação e responsabilidade do sacerdócio através dos quoruns, partindo das Autoridades Gerais até cada família individual da Igreja.

Na conferência de outubro de 1964, o Élder Harold B. Lee, encarregado do Comitê de Correlação da Igreja, anunciou:

"No próximo ano serão tomados alguns passos definidos para fortalecer os pais no sentido de levarem avante estas grandes admoestações dadas por Deus no sentido de ressaltar o ensino do Evangelho no lar...

... É chegado o tempo em que as Autoridades Gerais decidiram correlacionar e coordenar todos esses esforços sob a direção do Sacerdócio, e anunciamos agora um novo programa destinado a auxiliar os pais a ensinarem o Evangelho no lar. O programa "Ensinando e Vivendo o Evangelho no Lar" deverá ser estabelecido em toda a Igreja em janeiro de 1965".[6]

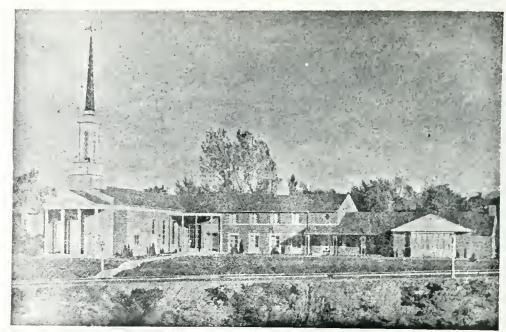
Naquela data este novo programa para o ensino do Evangelho no lar foi estabelecido em toda a Igreja. Foi colocado um manual de Noite

3. "Uma Religião Positiva" - artigo pelo Dr. Thomas Nixon Carver, da Universidade de Harvard, no **The Westerner**, abril de 1930.
4. **Ibid.**
5. **Mateus,** 7:16-20.

6. Harold B. Lee em **Conference Report,** outubro de 1964, pp. 84-85)

TEMPLO DE IDAHO FALLS, dedicado pelo Presidente George Albert Smith, no dia 23 de setembro de 1945.

TEMPLO DA SUÍÇA, dedicado pelo Presidente David O. McKay, no dia 11 de setembro de 1955

TEMPLO DE LOS ANGELES, dedicado pelo Presidente David O. McKay, no dia 11 de março de 1956.

Estaca de Bonneville, típica capela e centro de recreação.

Familiar no lar de cada SUD, e foram designados mestres familiares para ajudar as famílias a colocarem em prática esse programa de maneira bem sucedida.

Embora o Sacerdócio permaneça sempre o mesmo, suas funções têm-se expandido e tornado melhor definidas, proporcionando liderança mais direta às organizações auxiliares, que ajudam a desempenhar suas funções. Estas organizações funcionam sob a direção do Sacerdócio e têm desempenhado um importante papel na Igreja. Uma breve pesquisa mostrará a sua origem e crescimento.

A Sociedade de Socorro

Esta é a mais antiga auxiliar da Igreja. Foi organizada pelo Profeta Joseph Smith em Nauvoo, no dia 17 de março de 1842, quando foi denominada "Sociedade Feminina de Socorro". Em 1892, passou a chamar-se "Sociedade de Socorro Nacional, para Mulheres", e em 1942 tornou-se Sociedade de Socorro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Durante toda a sua existência seu propósito tem sido levar avante fielmente a admoestação do Profeta, de que a sociedade tinha por dever cuidar das necessidades dos pobres, procurar prestar serviços aos necessitados, ajudar a corrigir a moral e a fortalecer as virtudes da comunidade.

De dezoito, o número de seus membros cresceu para um total de 307.840 no fim de 1971. O trabalho desta organização nos anos recentes tem sido exemplar, merecendo elogios nacionais. Seu órgão oficial, o **Relief Society Magazine,** foi fundado em 1914 e obteve vasta circulação. Antes de 1971, foi absorvido pelas novas publicações da Igreja.

A Escola Dominical

A Escola Dominical foi a segunda auxiliar estabelecida. No inverno de 1849 Richard Ballantyne realizou uma Escola Dominical em seu lar, no Forte Old, na Cidade de Lago Salgado. Deste humilde início, no dia 9 de dezembro de 1849, a Escola Dominical cresceu, vindo a tornar-se um movimento de repercussão em toda a Igreja. No início não havia organização central nem uniformidade, mas em 1866 uma reunião geral foi realizada e a "Deseret Sunday School Union" passou a existir, com Élder George Q. Cannon como presidente. No mesmo ano o **Juvenile Instructor** foi publicado como órgão oficial da Escola Dominical e com o novo nome de **The Instructor** continuou a ser publicado até dezembro de 1970.

O Edifício da Sociedade de Socorro, escritório central da Sociedade de Socorro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, na Cidade de Lago Salgado.

A Escola Dominical se devota à instrução de todos os membros da Igreja. É a grande escola preparatória, que nos ensina a conduzir-nos tanto em nossos lares como no campo missionário.

De 50 pessoas, o seu alistamento presentemente inclui todos os membros da Igreja, sendo a média de sua assistência 2.442.033 no fim de 1971.

A A.M.M.

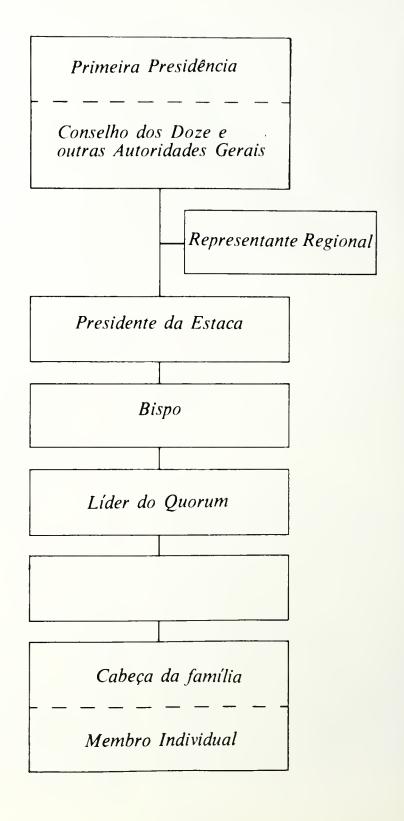
No dia 10 de junho de 1875, uma importante reunião foi realizada na Décima Terceira Ala da Cidade de Lago Salgado. Junius F. Wells, agindo sob instrução de Brigham Young, organizou, durante tal reunião, a "Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes".

Brigham Young anunciou o propósito da organização como sendo o de "estabelecer nos jovens um testemunho individual da veracidade e magnitude do grande trabalho dos últimos dias; desenvolver neles os dons interiores que lhes foram conferidos pela imposição das mãos dos servos de Deus; cultivar o estudo e aplicação dos princípios eternos da grande ciência da Vida".[7]

A organização atualmente coopera com a Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças, organizada por Brigham Young, no dia 28 de novembro de 1869, em sua casa, a Lion House. Em 1889 Juntas Gerais foram estabelecidas para ambas as associações. Juntas, elas passaram a chamar-se Associação de Melhoramentos Mútuos. O seu trabalho tem sido superior ao esperado por seus fundadores. Nos anos recentes o movimento foi expandido, passando a incluir os membros adultos da Igreja. Esta organização tem o dever de prover não só instrução proveitosa, mas também recreação sadia e atividades para seus membros. Através da A.M.M. a Igreja pode supervisionar a vida social de seus membros. A produção de peças teatrais e musicais; a organização de bailes e de jogos esportivos, tudo muito categorizado, muito ajuda. A "M.Men Basketball League", pertencente à A.M.M. se constitui na maior liga de basquetebol do mundo.

Desde que as organizações dos rapazes e moças foram combinadas como a Associação de Melhoramentos Mútuos, a publicação oficial era a **Improvement Era.** Em 1970, essa publicação foi extinta. A partir daquela época, as três publicações da Igreja, a **New Era,** a **Ensign** e a **Friend** têm auxiliado e inspirado todos os membros da Igreja. No início do ano de 1972 o alistamento da A.M.M. mostrava que havia 355.107 rapazes e 386.735 moças. Em 1973 a

2. Terminada a 23 de Maio de 1857.

Linha de Autoridade do Sacerdócio

A.M.M. foi colocada diretamente sob a direção do Sacerdócio.

A Associação Primária

A Primária se originou em Farmington, Condado de Davis, Utah, no dia 25 de agosto de 1878. Foi o resultado das reflexões de Aurelia S. Rogers, que percebeu a necessidade de educação religiosa para meninos e meninas nos dias da semana. Seu interesse levou-a a consultar o Presidente John Taylor, Eliza R. Snow e Emmeline B. Wells, bem como outros, chegando-se então à decisão de organizar a "Associação Primária". No dia 11 de agosto de 1878, Aurelia S. Rogers recebeu a designação de presidir a Associação Primária de Farmington e, no dia 25 de agosto, foi realizada a primeira reunião.

O movimento se espalhou a outras partes da Igreja e, no dia 19 de julho de 1880, Louie B. Felt recebeu a designação de presidir a Associação Primária da Igreja de Jesus Cristo em todo o mundo.

A Associação Primária faz realizar suas reuniões numa tarde de algum dia da semana, e dá instruções às crianças de quatro a doze anos de idade. Seu órgão oficial, até 1970, era o **Childrens Friend** [7a] uma revista mensal devotada às crianças. A Primária tinha, em 1971, um total de 487.951 crianças alistadas.

7a. Esta revista foi extinta a 1º de janeiro de 1971. Em seu lugar está sendo publicada a revista **The Friend** (para crianças e seus pais e professores) sob a direção do Sacerdócio.

A Sociedade Genealógica da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Sociedade Genealógica da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chamava-se originalmente Sociedade Genealógica de Utah. Foi organizada no escritório de Franklin D. Richards, historiador da Igreja, no dia 13 de novembro de 1894, e foi incorporada no dia 20 de novembro do mesmo ano. Seu propósito original foi declarado como sendo o de "ser benevolente, reunindo, compilando, estabelecendo e mantendo uma biblioteca genealógica para o uso e benefício de seus membros e de outras pessoas; disseminando informações relativas a assuntos genealógicos e também religiosos".

Na época de sua incorporação, a biblioteca recebeu como donativo onze livros e 300.000 filmes. Em 1968, a biblioteca possuía 80.000 volumes e 670.000 microfilmes. Quando foi demolido o Smith Memorial Building, para ser construído o Edifício de Escritório da Igreja, a Sociedade mudou-se para um local provisório, mas já possuía naquela época funções de maior envergadura. Em 1972 ela mudou-se definitivamente para o novo edifício de Escritórios da Igreja, em Salt Lake City. O processo de microfilmagem de registros de diversas partes do mundo foi grande-

O Seminário de Kaysville, um dos diversos edifícios típicos erigidos em propriedades da Igreja, adjacentes aos ginásios de Utah, Idaho e Arizona, onde são ministradas aulas de religião a todos os que queiram aprender o assunto, sem ocupar seu tempo escolar integral.

TEMPLO DE NOVA ZELÂNDIA, dedicado pelo Presidente David O. McKay, no dia 20 de abril de 1958

TEMPLO DE LONDRES, dedicado pelo Presidente David O. McKay, no dia 7 de setembro de 1958

TEMPLO DE OAKLAND, dedicado pelo Presidente David O. McKay, no dia 17 de novembro de 1964.

mente acelerado, e estão sendo adicionados continuamente cada vez mais filmes ao acervo da Biblioteca. Além disso, foi cavada uma imensa caverna na montanha Granite, situada a 30 quilômetros de Salt Lake City, ao custo de dois milhões de dólares, para ser usada como local permanente para a guarda de um conjunto completo desses importantes registros.

Em 1969, a Igreja realizou a Conferência Mundial de Registros em Salt Lake City, à qual compareceram representantes de quarenta e cinco países, o que indica o crescente interesse mundial pelos registros genealógicos. Essa conferência proporcionou maior respeito pelo trabalho da Igreja nesse setor. Ela recebeu convites dando livre acesso aos arquivos de diversas nações, e seus funcionários têm microfilmado continuamente esses registros.

Instituto de Religião de Pocatello, típico de muitos edifícios erigidos nas propriedades da Igreja, adjacentes a vários campos universitários nos estados do oeste dos Estados Unidos.

Em 1972 foram transferidas para os computadores muitas informações contidas nesses microfilmes, para serem usadas com maior facilidade. Somente no ano de 1972, foram liberados 2.181.918 nomes para as ordenanças do templo. A microfilmagem de registros gerais de dezessete países, que foi feita nesse mesmo ano, elevou para 756.052 o total de rolos de 30 m de microfilmes para uso da Igreja. Isto equivale a 3.607.002 volumes de 300 páginas. Cada ano que passa esse trabalho progride cada vez mais em relação ao ano anterior.

O antigo sistema de haver uma Junta Geral da Sociedade Genealógica, em conjunto com os comitês genealógicos das estacas e alas, foi substituído em 1964 pela prática de colocar todo o trabalho genealógico sob a supervisão do Sacerdócio da Igreja, com a supervisão geral do Comitê de Correlação do Sacerdócio. O Programa de Genealogia do Sacerdócio tornou-se assim um dos quatro programas dirigidos pelas Autoridades Gerais, delegando responsabilidades aos presidentes de estacas, e estes, por

sua vez, delegando-as aos bispos. Recentemente o nome de Sociedade Genealógica foi mudado para Departamento Genealógico.

As auxiliares estão sujeitas à autoridade do Sacerdócio, e não têm poder a não ser o recebido por esse canal. Através do Sacerdócio e de seus auxiliares, a Igreja chega a cada membro, proporcionando-lhe oportunidade para servir, liderar e progredir.

Educação

Desde o início, os Santos dos Últimos Dias têm encorajado ao máximo a educação. Em Kirtland, Joseph Smith organizou um sistema de escolas elementares e uma "Escola de Profetas", para adultos. Também foram organizadas escolas elementares em Nauvoo, e também uma universidade.

Na Grande Bacia, as escolas foram criadas desde os primeiros povoamentos. Mary Dilworth abriu a primeira escola em outubro de 1847. Antes de Utah ter sido organizado como território, a Universidade de Deseret já havia sido criada.

Durante a última parte do século dezenove, a Igreja estabeleceu escolas por toda a área das Montanhas Rochosas, escolas elementares, academias e universidades. As escolas elementares logo passaram para o controle do governo territorial. No início do século vinte, três faculdades e dezenove academias já eram operadas pela Igreja.

No início de 1912, a Igreja estabeleceu seminários adjacentes aos ginásios, com o propósito de prestar instrução religiosa a seus jovens. Em 1972 havia 140.000 alunos alistados nos seminários.

Em 1926, foram estabelecidos institutos de religião adjacentes aos ginásios e universidades freqüentados por jovens SUD.

Iniciando em Moscou, Idaho, o programa do instituto propagou-se por todos os Estados Unidos e Canadá e em 1970 foi estendido também à Inglaterra, México, América Central e do Sul, Nova Zelândia, Austrália, Japão e Coréia. No ano letivo de 1971/72 havia 53.395 colegiais, além dos que freqüentavam colégios da Igreja, recebendo instrução religiosa nos Institutos da Igreja, localizados em aproximadamente 350 colégios e universidades.

Foram estabelecidos também seminários em diversas reservas de índios adjacentes às escolas estaduais, e nos anos de1971/72, estavam alistados 17.013 estudantes índios. O total do alistamento dos seminários e institutos elevou-se para 257.388 alunos em 1972. Houve um total de 4.251 professores de tempo integral e parcial pagos, e um número adicional de 1.774 professores voluntários empenhados na ministração de cursos individuais de estudo no lar.

Mudanças na Distribuição dos Santos dos Últimos Dias

Durante toda a última metade do século dezenove, a história do mormonismo foi marcada pela coligação dos adeptos da Igreja na Grande Bacia, na região das Montanhas Rochosas.

Começando na terceira década deste século, este movimento de coligação diminuiu gradativamente, e ocorreu um processo inverso. Com o rápido crescimento da Igreja, tornou-se impraticável aos membros concentrarem-se numa área relativamente pequena, e foi tomada a decisão de formar ramos, estacas e alas onde houvesse um número suficiente de membros da Igreja. A grande crise de 1930 atingiu severamente a área da Grande Bacia, e milhares de membros mudaram-se da região, principalmente para a costa Oeste, a fim de conseguir empregos. Em 1923 havia apenas uma estaca SUD em toda a Costa do Pacífico. Em 1950 o número de estacas naquela região elevou-se para 14, e no final de 1971, chegava a 118. Quase todos os domingos novas estacas são organizadas em áreas distantes do centro da Igreja. No final de 1972, o número de estacas era 592.

Prevendo a ocasião em que a Igreja

População da Igreja
de Jesus Cristo dos Santos
dos Últimos Dias.
Por décadas.
1830 62 (SEPT. 20, 1830)
1840 30,000
1850 60,000
1860 80,000
1870 110,000
1880 160,000
1890 205,000
1900 236,316
1910 382,108
1920 526,032
1930 670,017
1940 803,528
1950 1,111,314
1960 1,693,180
1970 2,807,456
3 000 000
2 000 000
1 000 000
100,000
90,000
80.000
70,000
60,000
50,000
40,000
30,000
20,000
10,000
1840 1850 1860 1870 1880 1890
1900 1910 1920 1930
1940 1950 1960 1970

seria estabelecida em todo o mundo, em vez de coligar-se em um só lugar, a Primeira Presidência fez a seguinte declaração; em 18 de outubro de 1921:

"Muitos Santos que emigram para cá (os Estados Unidos) seriam mais úteis se edificassem e fortalecessem a Igreja em seus próprios países, do que fazendo o sacrfício de emigrar para Sião, onde suas esperanças não se concretizarão.

O ensinamento a respeito da coligação teve definitivamente um grande significado em nossa história, mas devemos ter em mente que o tempo e as condições mudaram e, conseqüentemente, também deve mudar a aplicação dos princípios e ensinamentos. No momento, é evidente que a emigração dos Santos para o estado de Utah e áreas adjacentes, não é vantajosa. A Igreja não pode responsabilizar-se agora pela desilusão que eles sofrerão aqui, o que aconteceria se os missionários estivessem encorajando a emigração."[8]

Os presidentes de missão, durante algumas décadas, instaram para que os novos conversos permanecessem na área da missão e edificassem a Igreja, prometendo-lhes que todo o programa da Igreja, inclusive o da construção de templos, chegaria até eles.

Um exemplo desse conselho é encontrado no seguinte apelo feito pelos presidentes de três missões de língua germânica a seus membros, no ano de 1958:

"Continuamos conclamando a todos os povos para que saiam da Babilônia espiritual, o que significa sair das trevas espirituais. Continuamos a coligar a Israel dispersa, mas não mais encorajamos os membros a emigrar para a América. Pelo contrário, dizemos aos Santos exatamente o que o Senhor requer, ou seja, que edifiquem as estacas de Sião e expandam os limites de seu reino.

"No segundo período da história da Igreja, a tarefa principal que deve ser feita é nas missões. Precisamos alcançar um grande desenvolvimento nesse setor, possibilitando o estabelecimento de alas e estacas, que continuarão a propagar o Evangelho em todo o mundo."[9]

Para reforçar seu conselho, os líderes da Missão Européia incluíram em seu apelo a declaração da Primeira Presidência citada acima.

---

8. Burtis F. Robbins, Jesse R. Curtis and Theodore M. Burton, "Auswandering", **Der Stern** (Novembro de 1958), pp. 343-346. Traduzido por Douglas Dexter Alder "The German-Speaking Immigration to Utah", (Master Thesis, University of Utah, 1958), pp. 114-118.
9. **Ibidem**

Mudanças na Distribuição dos Membros

Em 1900, dos 236.316 membros da Igreja, 172.623, ou 73% viviam em Utah, sendo que deste número, 90% vivia em Utah, Idaho e Arizona.

Entre 1900 e 1938, o número de membros da Igreja aumentou 332%. Enquanto o total de membros residentes em Utah se elevou para 386.139, o percentual em relação ao total de membros da Igreja caiu para 49,2% e o de Utah, Idaho e Arizona combinados diminuiu para 67,1%.

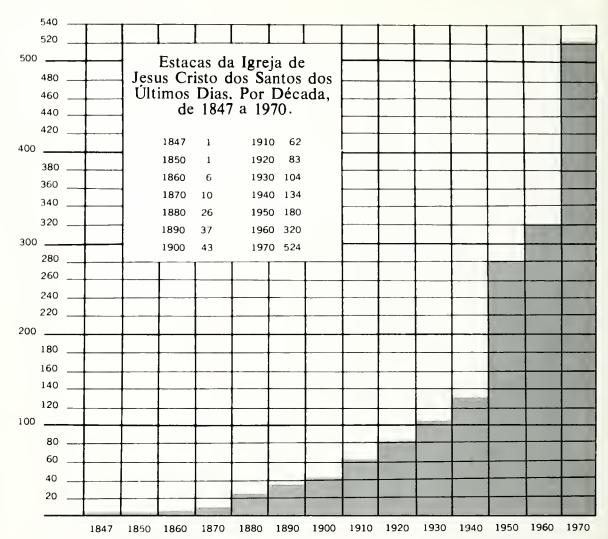
A mudança na distribuição dos membros da Igreja foi muito marcante em 1972, quando apenas 34,7% vivia nos três estados das Montanhas Rochosas. Prevê-se que antes do final do século, metade dos membros da Igreja será de língua não-inglesa.

Em agosto de 1972, havia setenta e cinco estacas fora dos Estados Unidos. As estacas de língua não-inglesa compunham-se de treze estacas espanholas, cinco alemãs, cinco tonganesas, quatro samoanas, quatro brasileiras, uma holandesa, uma japonesa e uma francesa. Além destas havia outras seis que usam extensivamente tanto o inglês como a língua do país.

Em 1972, foram organizadas estacas em todas as partes dos Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Uruguai, Peru, Chile, Guatemala, África do Sul, Samoa, Tonga, Japão, Coréia, e Filipinas. O programa da Igreja estava realmente sendo levado a todo o mundo.

Mudanças Profissionais

O rápido crescimento da Igreja foi marcado por grandes mudanças nas ocupações de seus membros. De uma base agrícola dos primeiros tempos da Igreja, quando 90 por cento das pessoas viviam em áreas rurais, a situação havia mudado de tal maneira em 1972, que apenas 10 por cento dos membros dos Estados Unidos estavam empenhados em empreendimentos agrícolas. Os membros que se mudaram das fazendas durante a crise de 1930 raramente vol-

tavam a elas, e encontravam novos empregos na indústria e outras profissões. A maior parte dos novos conversos era de áreas não-agrícolas. A diversificação profissional dos membros da Igreja ocasionou o aumento de interesse na educação e nas artes.

Trabalho Missionário

O trabalho missionário que tinha estado a aumentar durante todo o século vinte, viu-se acelerado na década de 60. O número de missionários de tempo integral em 1964 aumentou para doze mil, com mais seis mil, aproximadamente, nas missões locais. O número de conversos por ano aumentou em 400% de 1955 a 1960. Em 1963 houve 105.210 conversos. Todas as indicações são de que haverá um contínuo aumento de atividade missionária no futuro.

Uma nova energia parecia penetrar na Igreja. A freqüência às reuniões atingiu médias surpreendentes, e os dízimos aumentaram na mesma proporção.

Este maior fervor dos membros possibilitou um extensivo programa de construção, que se estendeu aos campos missionários, até mesmo em terras estrangeiras. Uma nova fase deste programa foi o levantamento de capelas e escolas por missionários de construção, chamados para doar seu tempo e trabalho, sem recompensa monetária, a serviço da Igreja. Sob tal programa foram construídas faculdades e escolas no Havai, Nova Zelândia, Samoa e Tonga. Seguindo o mesmo padrão, um extensivo programa de construção de capelas foi iniciado na Inglaterra, nas missões da América do Sul e nas Ilhas do Pacífico.

Enfrentando os Problemas Atuais

O rápido crescimento da Igreja também deu margem a certas mudanças, a fim de poder se defrontar com os crescentes problemas atuais. Foram chamados mais Assistentes dos Dozes Apóstolos, para ajudarem a cuidar dos assuntos relacionados às estacas e missões: foram estabelecidas ajudas financeiras, e criado um departamento de construção de grandes dimensões, para cuidar dos detalhes relativos a esse programa. A fim de abrigar os inúmeros escritórios necessários, um enorme edifício, iniciado em 1961 e terminado em 1972, faz da sede da Igreja um dos maiores centros administrativos religiosos do mundo.

À proporção que passava a segunda metade do século vinte, novas fronteiras de poder e influência iam sendo penetradas pelos membros da Igreja. Os mórmons alcançavam rapidamente preeminência nacional e internacional, por suas realizações nos campos da política, atletismo, comércio, indústria e também em outros setores. Uma "renascença" geral na arte, literatura, música e teatro surgiu na Igreja, da qual muitas partes e aspectos mereceram grandes elogios e prometiam maiores realizações culturais para o futuro. Os Santos dos Últimos Dias, que possuíam grande capacidade, abriram seu caminho, chegando a posições de preeminência no governo estadual e federal, bem como na indústria.

Pela primeira vez na história da Igreja, um bom número de homens abastados apareceu acompanhado por um admirável espírito cristão, e demonstrou grande generosidade para com o seu próximo e para com a causa do Reino de Deus.

Os Santos também estavam vivendo mais e pareciam mais saudáveis do que a média dos seus contemporâneos. A média de mortalidade em 1972 caiu para 4,7 por mil, e o índice de natalidade elevou-se para 26,5 por mil.

Os Santos dos Últimos Dias haviam-se misturado tanto ao mundo em meados do século vinte, que muitos fatores que afetavam as nações em seu todo, principiaram a ter marcante efeito sobre eles. Conseqüentemente, os Santos passaram a seguir, em grande escala, o estilo de vestuário, entretenimento, literatura, equipamentos mecânicos, etc. do mundo. Como aconteceu ao mundo em geral, eles também foram vítimas do estigma social chamado divórcio, especialmente entre os que não se casaram nos templos de Deus.

A fim de fazer com que a juventude da Igreja permanecesse fiel à fé e prática de seus pais, o programa educacional foi acelerado. Seminários e institutos de religião foram estabelecidos onde quer que concentrações de Santos pudessem ser encontradas. As faculdades da Igreja foram aumentadas, e o programa da A.M.M. foi acelerado e melhorado. No Brasil, esse programa passou a chamar-se SAM (Sacerdócio Aarônico e Moças).

Os Profetas Vivos

De grande importância para o estudo da história da Igreja é a influência que cada profeta de Deus teve sobre a sua geração. Cada um deles parece ter sido escolhido por Deus por causa de sua preparação para enfrentar os problemas de sua época. O Profeta Joseph Smith estabeleceu os fundamentos duradouros. Brigham Young preservou a Igreja no isolamento e construiu uma grande comunidade religiosa no deserto das Montanhas Rochosas. John Taylor liderou a defesa dessa comunidade contra a pressão nacional que visava à destruição ou modificação da Igreja. O Profeta Wilford Woodruff preservou a Igreja do desastre político e econômico, quando a defesa já não era mais praticável. Lorenzo Snow redefiniu e redigiu o programa e as metas da Igreja no sentido de tornar possível a sua sobrevivência e, ao fazer isso, introduziu uma nova era na história da Igreja. O Profeta Joseph F. Smith implementou esse novo programa, e com sua paciência e bondade, começou

uma posição de respeitabilidade diante de um mundo cheio de criticismo. Estes grandes profetas fizeram parte do primeiro século da Igreja. Todos eles conheceram o Profeta Joseph e, com exceção de Joseph F. Smith, foram seus amigos íntimos.

O próximo Presidente e Profeta da Igreja, Heber J. Grant, ficou entre o primeiro e o segundo século de existência da Igreja (de 1918 a 1945) . Durante seus vinte e sete anos como o profeta vivo de Deus, ele consolidou as realizações do passado e iniciou um desenvolvimento espiritual e temporal, em preparação para o grande progresso do futuro.

Heber J. Grant foi apoiado como Presidente da Igreja em 23 de novembro de 1918, quatro dias após o falecimento do Presidente Joseph F. Smith. Diversos fatores marcaram o seu período de liderança: o firme crescimento da Igreja, a obtenção de uma estabilidade financeira que sobreviveu à grande depressão de 1930; a construção de templos e muitos outros edifícios da Igreja, e o desenvolvimento do Plano de Bem-Estar.

O número de membros entre 1918 e 1945 cresceu de 600.000 para 900.000 . O total de estacas aumentou de 75 para 150. Durante os anos posteriores à I Guerra Mundial, houve grande prosperidade entre o povo, os dízimos aumentaram, e as atividades da Igreja, especialmente a de construção de templos e outros edifícios, expandiram-se grandemente. A inspiração com que o Presidente Grant se preparou para os anos da grande crise, os quais sentia que realmente chegariam, salvou a Igreja de uma restrição drástica em seus programas. De 1918 a 1930, parte dos dízimos da Igreja foi colocada em reserva, investida em propriedades localizadas, a maior parte perto do centro da Igreja. Quando veio a crise, e os dízimos diminuíram, as reservas da Igreja possibilitaram-lhe manter seu programa missionário, seus templos e suas escolas. Em conseqüência desses anos difíceis, chegou-se à conclusão de que a Igreja tinha a responsabilidade de ajudar seus membros, organizando-os para cuidarem de si próprios. Enquanto toda a nação se voltava para a capital federal, pedindo auxílio , a Igreja resistia à idéia de depender de ajuda do governo e organizou os membros para fornecerem empregos, comida e vestuário para si próprios. Foi essa experiência que deu origem ao Programa de Bem-Estar da Igreja, que foi estabelecido não apenas para fazer face a uma crise, mas também para enfrentar as necessidades contínuas dos membros, geral e individualmente. Este tornou-se um programa permanente da Igreja, um meio de proporcionar uma cooperação extraordinária, enfrentando as necessidades materiais e construindo os laços de amor e solidariedade entre seus membros.

Presidente George Albert Smith

George Albert Smith foi chamado para ser o Presidente da Igreja, em 21 de maio de 1945, uma semana após o falecimento do Presidente Heber J. Grant. Durante os seis anos que se seguiram, a Igreja continuou o seu notável crescimento. Foi um período em que prevaleceu a boa vontade. O Presidente Smith ganhou o amor de seu próprio povo e o respeito e a boa vontade dos não-membros que o conheceram. O número de membros da Igreja cresceu, de um pouco mais de 900.000 para mais de um milhão.

Presidente David O. McKay

Foi dito em 1970 que mais da metade dos membros da Igreja não conhecia outro presidente a não ser David O. McKay. A Igreja teve um crescimento tão rápido durante a sua liderança, de 1951 a 1970, que o número de membros quase triplicou, passando de 1.111.000 para aproximadamente três milhões de membros. O número de estacas aumentou de 180 para 400. Quando ele foi chamado para ser um profeta de Deus, havia sido treinado de maneira singular, para proporcionar uma liderança

GREAT SALT LAKE
ST SALT LAKE CITY
UTAH LAKE
PULPIT ROCK
DEVIL'S SLIDE
FT BRIDGER
CHURCH BUTTE
GIANTS BUTTE
DEVIL'S GATE
INDEPENDENCE ROCK
RED BUTTES
North Platte River
FT LARAMIE
LARAMIE PK
OLD TRADING POST
COTTS BLUFFS
CHIMNEY ROCK
LARAMIE CITY
CHEYENNE
DENVER
Little Snake R
Yampah
Duchesne R
Green River
White River
Grand River
COLORADO R.
South Platte River
Republican River
Arickaree River
NEW FT KEARNEY
Dismal R
Middle Loup
North Loup R
South Loup
Elkhorn River
Platte River
MISSOURI RIVER
WINTER QUARTERS
COUNCIL BLUFFS
PLATTSMOUTH
WYOMING
ST JOSEPH
ATCHISON
FT LEAVENWORTH
KANSAS CITY
INDEPENDENCE
DUBUQUE
MONROE
FT DES MOINES
Des Moines
BURLINGTON
NAUVOO
KEOKUK
CARTHAGE
WARSAW
QUINCY
MISSISSIPPI
RIVER

eficaz para a rápida expansão mundial da Igreja, que necessitava ser encarada de um ponto de vista mais cosmopolita. Nessa época Deus levantou um profeta adaptável à mudança revolucionária, que pudesse prover muitas nações da terra com alas, estacas e templos, visitas do Profeta e de outras Autoridades Gerais, e o programa completo da Igreja.

Presidente Joseph Fielding Smith

Presidente da Igreja durante um período de tempo mais curto do que o de seus predecessores, este profeta do Senhor deixou um registro notável de realizações.[10] Tendo as mãos sustidas por dois hábeis conselheiros, Harold B. Lee e N. Eldon Tanner, este grande profeta, que também foi treinado de maneira singular, fez uma extensão revolucionária dos serviços da Igreja de modo a alcançar a todos os seus membros. Os serviços altruísticos, como os de saúde, social, literário e educacional, foram inovadoramente reorganizados e/ou expandidos. Ele dedicou dois templos e inaugurou a primeira conferência regional da Igreja, em Manchester, Inglaterra. Esta foi, provavelmente, a primeira experiência de um programa que se provará ser uma prática permanente, de fazer-se conferências regionais em todo o mundo, e bem pode vir a ser um passo importante para a internacionalização da Igreja. Os programas iniciados por seu predecessor, o Presidente David O. McKay, tais como os de correlação, noite familiar e ensino familiar, foram impulsionados vigorosamente. Ele iniciou a reorganização do programa educacional da Igreja. Foi escolhido um comissário de Educação, e todas as escolas da Igreja foram colocadas sob a sua supervisão.

Presidente Harold B. Lee

No ano de 1970, a Igreja enfrentou o seu maior desafio — alcançar e amalgamar em uma grande irmandade as diversas raças e culturas que aceitaram a palavra de Deus. A tarefa era tremenda, pois envolvia o desenvolvimento da unidade, apesar da separação. Os membros já não estavam mais sendo coligados dos diversos países para uma área central que poderia ser o cadi nho da nacionalidade, sistema que prevalecia nos primeiros tempos da Igreja. Ela estava sendo estabelecida em terras distantes, em meio a culturas e costumes diferentes entre si e às vezes antagônicos aos padrões da Igreja. O problema de barreiras de linguagem e a escassez de materiais traduzidos intensificavam essa questão. Para enfrentá-los, o Senhor chamou outro profeta de visão, um profeta em sintonia com a voz do Mestre. Em 6 de outubro de 1972, o Sacerdócio e os membros em geral reuniram-se em solene assembléia em Salt Lake City, e unanimemente apoiaram o seu novo profeta. A Igreja estava novamente sob a liderança de um homem que foi temperado e treinado pela longa experiência, para guiá-la para o seu destino cada vez mais brilhante. A característica comum de todos esses homens era o fato de negarem ser capazes de realizar qualquer coisa digna de louvor, sem o sustentáculo do poder de Deus. Sua grandeza foi a grandeza de Deus, e eles afirmaram que não poderia ser de outra forma.

A Igreja Entra no Cenário Internacional

"... Deus tinha um trabalho a ser feito por mim; e que meu nome seria conhecido por bom ou por mau entre todas as nações, famílias e línguas, ou que seria citado por bom ou por mau, entre todos os povos".[11]

A profecia acima, feita pelo anjo Morôni a um jovem de dezoito anos de idade, Joseph Smith, no ano de 1823, deve ter-lhe parecido muito séria, e a visão do futuro da igreja um assombro. Mesmo quando se encontrava nas profundezas do desespero, por causa das condições do seu povo, e se encontrava jogado numa prisão no Missouri, no amargo inverno de 1838/39, o Senhor o fez lembrar:

"Quanto tempo podem permanecer impuras as águas que correm? Que poder deterá os céus? Seria tão inútil querer o homem estender seu dé-

10. Ver **Ensign**, agosto de 1972, pp. 40-41.

11. Joseph Smith 2:33.

bil braço para desviar do seu curso o rio Missouri, ou fazê-lo ir correnteza acima como evitar que o Todo - Poderoso derrame os seus conhecimentos dos céus sobre as cabeças dos Santos dos Últimos Dias".[12]

Os acontecimentos que transpiraram no segundo século de existência da Igreja marcam o cumprimento literal da profecia e da visão acima referidas. O progresso da Igreja derrubou quase todas as barreiras artificiais, propagando-se entre todos os povos e culturas do mundo.

À medida que a Igreja entrava em seu segundo século, destacou-se como uma Igreja mundial; os homens previdentes começam a reconhecer sua grande força. Um estudante de história, um não-membro, observou:

"A história da imagem mutável dos mórmons é de... triunfo literal da educação sobre o preconceito... mesmo assim eles sobreviveram a uma infinidade de abusos, e são atualmente um povo não apenas aceito, mas admirado e respeitado".[13]

Duas condições desempenharam papel importante para colocar a Igreja nessa nova posição no mundo: O desenvolvimento dos meios de comunicação e dos meios de transporte. Após séculos, durante os quais a comunicação oral limitava-se a uma centena de metros, quase que instantaneamente uma voz podia ser ouvida ao redor do mundo. O desenvolvimento do telefone, do rádio e da televisão — a velocidade com que os acontecimentos mundiais poderiam ser trazidos ao conhecimento do homem, em questão de horas, ou até mesmo de minutos — tornou possível que as idéias fossem rapidamente disseminadas, e a ignorância e a incompreensão gradualmente deram lugar ao esclarecimento. A exploração do espaço exterior e o uso de satélites abriram uma nova era para a comunicação. Os discursos das conferências e as imagens dos oradores eram agora transmitidos por satélite, rádio e televisão aos confins da terra. A voz do Senhor, ouvida do ar. As cortinas de Ferro e de Bambu, duas grandes barreiras para a comunicação, estavam sendo rompidas, demonstrando sua ineficácia ao tentar impedir a comunicação entre os povos. Um homem podia agora falar a milhões de pessoas de uma só vez. Seriam necessários apenas alguns homens para ensinar o mundo.

A mudança ocorrida durante a última parte do século vinte não se limita à rápida propagação das idéias e imagens. Os homens agora podiam viajar em grande velocidade para todas as partes da terra. As Autoridades Gerais da Igreja e os líderes das organizações auxiliares poderiam, em questão de horas, reunir-se com os Santos de um país distante, e em tempo igualmente curto voltar para o escritório central da Igreja e conferenciar com seus respectivos quoruns e juntas gerais. Já não era mais necessário uma Autoridade Geral residir numa determinada área, para poder presidir as missões e as estacas de uma parte distante da terra. Poderia agora presidir da Igreja central, e estar em contato permanente com a Primeira Presidência e com o seu próprio quorum.

Os membros da Igreja de todas as partes do mundo podiam agora familiarizar-se com a voz e a pessoa do profeta vivo, outros profetas, videntes e reveladores, e outras Autoridades Gerais, e isso criou uma unidade jamais vista.

O trabalho missionário foi acelerado. Já não era necessário os missionários viajarem durante meses para ir e voltar de seus campos de trabalho; em questão de horas poderiam chegar a qualquer missão da terra. Além disso, dentro da própria missão, o uso de automóveis e outros meios de transporte dobrou e triplicou o número de visitas.

Mudanças Ocorridas com o Crescimento da Igreja

O teste de uma organização é, muitas vezes, a sua habilidade para ajustar-se ao desenvolvimento. No caso de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, esse ajustamento ocorreu len-

---

12 D&C 121:33
13 E. H. Kirkpatrick, "Utah in the Eyes of the Nation", Utah **Educational Review**, 1º de janeiro de 1962.

ta e eficazmente. Sem perder ou alterar a organização básica dada por revelação no início da Igreja, a organização e funções do Sacerdócio e de seus auxiliares demonstraram flexibilidade suficiente para corresponder às necessidades de uma Igreja com muitos milhões de membros e o padrão seguido parece ser adequado para o futuro. O segredo é a natureza do Santo Sacerdócio, onde sob direção de um profeta vivo, homens portadores do Sacerdócio de Melquisedeque podem ser chamados e receber autoridade para agir em qualquer posição necessária, conforme forem dirigidos, como assistentes das Autoridades Gerais da Igreja. Assim, em 1941, o Presidente Heber J. Grant chamou cinco sumo sacerdotes para serem Assistentes dos Doze. Esse grupo de homens tem sido mantido e aumentado sob a direção de presidentes posteriores. Em 1967, o Presidente David O. McKay chamou sessenta e nove sumos sacerdotes para serem Representantes Regionais dos Doze. Viajando pelo mundo, esses homens têm trazido uniformidade às práticas da Igreja, tornando-se professores das autoridades locais, e seus deveres e autoridade são aumentados o quanto for necessário para manter a Igreja em ordem.

Em 28 de junho de 1972, foram chamados vinte e nove sumos sacerdotes para serem Representantes Regionais dos Doze, para darem assistência aos presidentes das missões. Com dezenas de milhares de élderes, setentas e sumos sacerdotes na Igreja, existe uma vasta reserva de líderes disponíveis prontos para servir, para estender o braço da Igreja sobre o mundo, e tudo isto sem alterar a organização básica.

Assistentes do quorum da Primeira Presidência foram chamados no passado por Joseph Smith Jr., e por Brigham Young, para fazer face às necessidades de suas épocas. Em 1965, David O McKay chamou dois homens, Joseph Fielding Smith e Thorpe B. Isaacson para serem Assistentes da Primeira Presidência. Em 1968, o Élder Isaacson foi substituído por Alvin R. Dyer. Joseph Fielding Smith não chamou nenhum assistente para a Primeira Presidência, e Harold B. Lee e seus conselheiros N. Eldon Tanner e Marion G. Romney não chamaram nenhum assistente.

O Programa de Correlação

Para manter todas as linhas de atividade da Igreja sob a direção e autoridade do Sacerdócio, e para evitar duplicação desnecessária de esforços, a Igreja organizou um comitê de correlação das Autoridades Gerais, com a formação de subcomitês, se forem necessários. O Comitê Executivo do Sacerdócio, estabelecido em 1967, tendo o Élder Harold B. Lee do Conselho dos Doze como presidente, demonstrou um vigor e visão que teve profundo efeito em todos os aspectos do programa da Igreja. A correlação das atividades da Igreja sob a direção do Sacerdócio provou ser uma necessidade contínua, e, com mudanças do pessoal executivo conforme exigiram as circunstâncias, o comitê gradualmente assumiu uma função importante e talvez permanente na Igreja.

Mudanças Ocorridas Devido a Condições Sociais

O Senhor está interessado no bem-estar temporal, tanto quanto no bem-estar espiritual de todos os seus filhos; e a Igreja, que é o braço do Senhor na terra, deve refletir esse interesse.

O dever da Igreja de Jesus Cristo foi esclarecido pelo Profeta Joseph Smith, que estabeleceu planos para a consagração de propriedades para o bem-estar geral e o desenvolvimento de cooperativas para a produção e distribuição de produtos. Manifestava-se em sua preocupação no tocante à saúde de seu povo; em sua promulgação da palavra do Senhor quanto aos alimentos, asseio, recreação; na organização da Sociedade de Socorro das Senhoras; nos seus planos para as cidades de Sião. E a Igreja

também não perdeu de vista a obrigação que tem para com o seu povo.

Na última parte do século vinte ocorreu um reavivamento desse interesse pelo bem-estar dos membros da Igreja. Esse sentimento aumentou à medida que a Igreja alcançou os membros menos privilegiados de várias partes do mundo, e tomou conhecimento da transformação das condições sociais em todos os países.

Em fevereiro de 1970, o Departamento de Bem-Estar-Social foi reorganizado, unindo sob uma só direção as atividades da Igreja que tinham a finalidade de resolver os problemas econômicos e sociais dos membros.

Em abril de 1970 foi estabelecido o Departamento de Treinamento Em Serviço, para os membros que estão no serviço militar.

Em junho de 1970, as revistas da Igreja mudaram de nome e de estrutura, correlacionando-se com outras atividades da Igreja. Essas mudanças efetivaram-se em janeiro de 1971.

O Departamento de Saúde da Igreja foi organizado em julho de 1970, para estender sua ajuda profissional aos membros de todo o mundo.

A supervisão dos quatorze hospitais operados pela Igreja foi consolidada em 1972 ,numa unidade coesa e uniforme, supervisionados pela Health Services Corporation.

Esta corporação, que opera sob a direção do Bispado Presidente, é dirigida pelo Comissário de Saúde da Igreja, com três comissários associados e administra o Programa de Saúde da Igreja em todo o mundo.

Em 6 de agosto de 1972, foi estabelecido o Departamento de Bens Móveis e Imóveis.

Em 1972 foram organizados o Departamento de Comunicações Internas e o Departamento de Comunicações Externas.

Em 24 de julho de 1972, foram chamados os primeiros missionários técnicos, para treinar os membros da Igreja das sociedades menos privilegiadas em questão de saúde, economia etc.

O panorama do mundo na última parte do século vinte foi de intensa atividade para a Igreja, mas, em contraste, também foi um período de decadência moral em muitas partes do globo. O crime, o excesso de drogas, o ateísmo, os lares desfeitos e as guerras que assolaram muitos países, apresentaram para a Igreja um desafio como nunca havia enfrentado nesta dispensação. Para vencê-lo, a Igreja estabeleceu um programa de fortalecimento do lar através da instituição de um programa de ensino familiar revitalizado, e pela promoção do programa de Noite Familiar em toda a Igreja. Estes programas combatem os males acima citados, promovendo a unidade e o amor no lar, e também a compreensão do Evangelho de Jesus Cristo.

A Primeira Presidência e o Quorum dos Doze foram eximidos de muitas responsabilidades administrativas, para terem mais tempo para considerar a política geral da Igreja e dar orientação à liderança do Sacerdócio da Igreja em todos os níveis.

A Expansão da Igreja na América Latina

O crescimento da Igreja na América Central e do Sul nas décadas de 60 e 70 foi fenomenal. O trabalho missionário na América do Sul teve início em 1851, quando o élder Parley P. Pratt, sua esposa e o élder Rufus Allen desembarcaram em Valparaiso, Chile, onde permaneceram durante sete meses, mas devido à revolução que estava começando e às leis restritivas concernentes à liberdade religiosa, pouco puderam realizar, e voltaram à Califórnia em maio de 1852.

A próxima tentativa de abrir o trabalho missionário na América Latina ocorreu em 1875, quando foi aberta a Missão Mexicana, sob a presidência do élder Antoine W. Ivins, no estado de Chihuahua, tendo experimentado limitado progresso. Em 1877 foi enviada uma missão à Cidade do México, sob a direção do élder Moses Thatcher e foi organizado um pequeno ramo. Em 1880

foi estabelecida uma colônia mórmon em Colônia Juarez e no vale adjacente, no estado de Chihuahua, mas pouco trabalho missionário foi feito naquela época.

As missões no México continuaram durante o período de lutas políticas internas que teve início em 1921. Em 1926 o governo mexicano decidiu colocar em vigor uma antiga emenda constitucional impedindo a entrada de estrangeiros para trabalho missionário ativo. Os missionários da Igreja tiveram que ser retirados. A Igreja Católica resistiu à lei, resultando em guerra civil. O governo venceu. O único trabalho missionário que poderia ser feito pela Igreja teria que ser desempenhado pelos membros que haviam nascido no México, principalmente os da estaca Juarez.

Em 1940 foram enviados novamente missionários dos Estados Unidos mediante um acordo com as autoridades mexicanas, com a condição de que entrariam como turistas e permaneceriam apenas seis meses.

O crescimento do número de membros da Igreja começou vagarosamente tendo-se acelerado durante a década de 60 e início da de 70. Em 1972 havia aproximadamente 90.000 membros no México e mais de 120.000 no México e América Central juntos. Em agosto de 1972, as Autoridades Gerais fizeram uma Conferência de Área na Cidade do México, a qual foi assistida por mais de 16.000 membros de oito estacas e sete missões daquela área, os quais receberam a palavra do Senhor, pela primeira vez, diretamente de um profeta vivo. O futuro da Igreja no México e na América Central é muito promissor.

Em 1925, o élder Rey L. Pratt foi chamado para assistir o élder Melvin J. Ballard e Rulon S. Wells na abertura de uma missão em Buenos Aires, Argentina, a qual durou apenas onze meses. O élder Ballard disse o seguinte a respeito desse trabalho:

"O trabalho crescerá lentamente durante algum tempo, da mesma forma que um carvalho, não de um dia para outro como o girassol, que nasce rapidamente e cedo morre. Milhares de pessoas aceitarão a Igreja nesta área. Ela será dividida em mais de uma missão e será uma das mais fortes da Igreja. Dia virá em que os lamanitas daqui terão a sua oportunidade. A missão Sul-Americana será uma grande força da Igreja".[14]

Esta profecia foi surpreendente, considerando-se o desencorajamento com que se defrontou aquela primeira missão. O cumprimento dessa profecia foi mais surpreendente ainda. A América do Sul foi reaberta para o trabalho missionário em 1935 com a formação da Missão Argentina e da Missão Brasileira. Estas duas missões têm crescido, se expandido e se dividido, chegando a 5 Missões Sul-Americanas em 1960 e aumentando para quatorze em 1973.

No México, a missão que começou na Cidade do México aumentou para cinco missões, com mais duas: a de Guatemala-El Salvador e a Centro-Americana, ao Sul do México.

Em 1973 o número de membros da Igreja no México, América Central e do Sul havia aumentado para 250.000. Vendo o assombroso crescimento da Igreja nos países da América Latina, algumas pessoas chegaram a predizer que no final do século mais da metade dos membros da Igreja seria de língua espanhola.

A Educação Acompanha o Progresso da Igreja na América Latina

O missionário leva o investigador a ouvir e ler a mensagem e depois a orar ao Senhor pedindo a confirmação do Espírito. Esta confirmação do Espírito leva o converso ao batismo. Neste ponto o missionário deixa o converso e entrega-o à responsabilidade da Igreja, que lhe proporcionará maior orientação e o colocará em atividade. Nos primeiros tempos da Igreja, esta instrução e atividade tão necessária só seriam possíveis reunindo os conversos de toda parte numa Sião central. Com a propagação do Evangelho em todo o mundo, e com a rápida conversão das pessoas em mui-

---

14. **Conference Report**, A. Theodore Tuttle, abril de 1962, p. 121.

tos países , a coligação dos santos numa Sião central tornou-se impraticável, para não dizer impossível. Conseqüentemente, a Igreja, com todos os seus programas, deveria ser levada a eles. Isto está sendo feito. Em muitos países estão sendo organizadas estacas e alas, que formam lugares de coligação para o fortalecimento e edificação dos membros. Em muitos países onde é grande o sucesso das missões, especialmente na América Latina, as oportunidades educacionais estão sendo colocadas ao alcance dos membros da Igreja, e são numerosos os pedidos feitos às Autoridades Gerais para que estabeleçam ali escolas da Igreja. Há necessidade de treinamento secular e religioso. A Igreja está respondendo vigorosamente. Nas décadas de 1960 e 1970, escolas particulares da Igreja foram organizadas em diversos países.

No México foram estabelecidas trinta e quatro escolas elementares particulares, seis colégios e uma escola de nível superior, Benemérito, na Cidade do México. Em 1972 havia 8.000 alunos fazendo estudos seculares nas escolas da Igreja. Mas isto era apenas parte do programa. Foram estabelecidos seminários e institutos de religião separados do treinamento secular, mas paralelos a ele e complementando-o. Em 1972 havia mais de 15.000 alunos do Seminário no México e na América Central.

Na América do Sul, a Igreja iniciou o programa de educação secular no Chile, estabelecendo quatro escolas, e o movimento promete propagar-se aos outros países onde a Igreja está firmemente estabelecida.

A razão para o estabelecimento de escolas seculares é o fato de os países em desenvolvimento, ao sul dos Estados Unidos, não poderem fornecer escolas suficientes para uma população em constante crescimento, e numerosas crianças ficam sem qualquer oportunidade de receber instrução.

A política da Igreja tem sido a de prover educação secular em regiões onde o estado não pode supri-la e retirar-se da educação secular sempre que as escolas públicas se tornem adequadas. Na questão de educação religiosa, a política da Igreja é estabelecer seminários e institutos de religião onde quer que se encontrem membros da Igreja. O desenvolvimento dos seminários e institutos de estudo no lar em adição às classes regulares de seminário, possibilitou ao Departamento de Seminários e Institutos da Igreja abranger o mundo todo. Começando em 1964, no México, e estendendo-se depois para a América Central e do Sul em 1969/70, foram estabelecidos seminários em todas as estacas e alas, e também em algumas missões. Em 1972, havia seminários no México, Guatemala, El Salvador, Costa Rica, Panamá, Equador, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Em 1972 os seminários foram levados às Bermudas. Bolívia, Canadá, Paraguai, Peru, Venezuela e Colômbia.

No ano letivo de 1971/72, havia mais de 7.000 alunos da América do Sul alistados no seminário.

A Igreja na Ásia

A história da expansão da Igreja na Ásia encheria muitos volumes, mas toda ela resumir-se-ia nos acontecimentos transcorridos nas décadas de 1960 e 1970, pois nessa época ocorreu o que antes parecia improvável ou até mesmo impossível.

Em agosto de 1852, apenas cinco anos depois que os primeiros pioneiros mórmons chegaram em Utah, o Presidente Brigham Young chamou os primeiros missionários SUD para trabalhar na Ásia , sendo cinco para Calcutá, Índia, quatro para o Sião (atualmente Tailândia) e quatro para a China.

Heber C. Kimball, da Primeira Presidência, instruiu os missionários chamados naquela conferência especial:

"Digo àqueles que foram escolhidos para sair em missão: Ide, e se nunca voltardes, confiai o que tendes nas mãos de Deus vossas esposas, filhos, irmãos e vossas propriedades.

As missões que chamaremos durante

estas conferência não serão de longa duração; provavelmente de três a sete anos é o máximo que um homem pode ausentar-se de sua família.

Se algum dos élderes se recusar a ir, pode esperar que sua esposa não viverá mais um dia ao lado de um homem que se recusa a fazer uma missão".[15]

Apesar do espírito com que os missionários designados para as missões nos países asiáticos empreenderam uma longa e tediosa viagem, todas elas terminaram fracassando. Não se sabe se os missionários fizeram algum converso na China durante essa missão, sabe-se, entretanto, que as outras missões não conseguiram estabelecer um só ramo.

Na manhã de 12 de agosto de 1901, três homens e um rapaz entraram na baía de Tóquio, a bordo do **Empress of India.** O líder desse grupo, Heber J. Grant, havia sido designado para abrir a missão no Japão. Junto com ele estavam os élderes Horace S. Ensign, Louis A. Kelsch e Alma O. Taylor, um jovem de dezenove anos. Assim começou a primeira missão que foi estabelecida na Ásia, que inicialmente teve muito pouco êxito. Mais tarde, em 1924, ela foi fechada por ordem do Presidente Heber J. Grant. Essa missão teve sete presidentes, um total de oitenta e oito missionários, e apenas 166 batismos.

No inverno de 1921, David O. McKay, do Conselho dos Doze, em companhia do élder Hugh Cannon, viajou pelo sudeste asiático, numa missão especial para a Igreja. Esses élderes viajaram ao Japão, Coréia e China, dedicando esta última para a pregação do Evangelho.

Em 1902, o élder Charles W. Penrose, do Conselho dos Doze já previa:

"Creio, de todo o meu coração que a abertura da Missão Japonesa provará ser a chave para a pregação do Evangelho no Oriente. Veremos que uma influência se espalhará do Japão às outras nações orientais. O gelo foi quebrado, e as barreiras serão removidas do caminho, e o Evangelho se propagará às outras nações orientais".[16]

Em 1937 a Missão Japonesa foi reaberta, tendo o escritório central em Honolulu, Havaí, mas não foi senão depois do grande abalo da II Guerra Mundial que ela começou a ter êxito no Extremo Oriente.

O Dr. Spencer Palmer, ex-missionário no Extremo Oriente, e presidente da Missão Coreana, disse o seguinte, num sumário feito em 1970:

"O Japão tem agora mais de doze mil membros da Igreja. Há quatro mil membros na Coréia,aproximadamente seis mil nas Filipinas, uns quatro mil em Hong Kong, e mais do que isto em Formosa. Singapura, Tailândia e Indonésia estão no seu início. Existem congregações fortes de SUD em Okinawa, e um grupo de Vietnamitas já aceitou o Evangelho. Militares em serviço na Coréia estabeleceram os alicerces para a Igreja naquela área, e espera-se que quando a paz chegar definitivamente ao Vietnã, o Evangelho possa ser propagado entre aquele povo. Militares SUD estão também na Tailândia, onde estão trabalhando mais de uma dúzia de missionários de tempo integral.

Em 29 de outubro de 1969, as ilhas da Indonésia, que possuem mais de 130 milhões de habitantes, foram dedicadas para a pregação do Evangelho, e o trabalho já começou com alguns missionários operando em Djakarta.

Singapura, dedicada para o trabalho missionária em maio de 1969, tem dois ramos com a média de freqüência de mais de trezentos membros. Foi estabelecida uma nova missão no Sudeste Asiático, tendo o escritório central em Singapura.[17]

Kazuo Imai - O Primeiro Bispo Asiático

Às 13 horas e 30 minutos do dia 15 de março de 1970, foi aberta uma nova era, quando, sob as mãos do élder Gordon B. Hinckley, do Conselho dos Doze, Kazuo Imai, de 40 anos de idade, foi ordenado o primeiro bispo da Ásia e foi designado para a recém-criada ala de Tóquio. Foi seguido, por ordem de ordenação, por Yasuhiro Matushita, da

15. Heber C. Kimball, Tabernacle Address, 28 de agosto de 1852.

16. Penrose, **Conference Report,** 6 de abril de 1902, p. 52

17. Spencer J. Palmer, **The Church Encounters Asia** (Salt Lake City, Utah: Deseret Book Co., 1970) p. 4.

Segunda Ala de Tóquio; Ryuichi Inouye, Tóquio III; Kiyoshi Sakai, Tóquio IV; Noboru Kamizo, Quinta Ala de Tóquio, e Genya Asama, da Ala de Yokohama.

O bispo Imai é um representante típico de uma geração de japoneses que viu o mundo e uma religião virarem de cabeça para baixo. Quando jovem ele viveu oito meses num refúgio antiaéreo observando Tóquio ser arrasada e posta em chamas. Aprendera a odiar a América.

Veio então a ocupação militar e a compreensão de que os americanos não eram maus, que os militares japoneses estavam errados, e que o imperador não era divino, e que a Shinto não era uma religião verdadeira.

"A guerra foi horrível", recordou ele, "mas através dela o Senhor preparou o Japão para receber o Evangelho. Encontrei o verdadeiro propósito da vida. Oro para que eu possa ajudar outras pessoas a encontrá-lo e vivê-lo".[18]

O trabalho do Senhor está progredindo na Ásia. A Igreja está passando por uma época de crescimento sem precedentes naquela parte do mundo. O número de batismos dobra a cada ano que passa.

Em 1970, a Igreja armou um pavilhão na Expo 70, a Feira Mundial do Japão, e mais de sete milhões de pessoas passaram pela área de exibição da Igreja. Centenas de milhares de pessoas deixaram seus nomes e endereços para contatos posteriores dos missionários.

No início de 1970 foram estabelecidas duas novas missões no Japão. Uma nova estaca de Sião em Tóquio, a primeira da Ásia, foi estabelecida em 15 de março de 1970. Também foi organizada outra em Manila, no ano de 1972.

O cristianismo, ensinado pelas Igrejas católicas e protestantes, não é algo novo na Ásia, e os missionários SUD tiram proveito desse fato, pois muitas famílias já conhecem a Bíblia — mas é a Igreja restaurada de Jesus Cristo que está destinada a sensibilizar mais profundamente as vidas dos prolíferos milhões de habitantes da Ásia.

O programa do Seminário e Instituto está acompanhando o desenvolvimento da Igreja na Ásia. Embora as classes de seminário já estivessem sendo realizadas há alguns anos para os jovens de língua inglesa das bases militares dos Estados Unidos no Oriente, não foi senão no ano letivo de 1971/1972 que os seminários foram abertos para os membros japoneses, em seu próprio idioma. Naquele ano, o alistamento no Japão apresentou 950 alunos, e esse número aumentou para três mil no inverno de 1972. Os alunos do Instituto de Religião apresentaram no Japão um alistamento de 1.430 alunos, com mais 623 alunos na Coréia. Em 1971/72 havia 29 alunos do seminário em Okinawa e quarenta em Hong Kong. No inverno de 1972 foram estabelecidos seminários nas Filipinas.

A Vitalidade do Mormonismo

A Igreja de Jesus Cristo dos SUD tem mostrado ao mundo frutos dignos de sua existência — e, por seus frutos certamente serão julgadas todas as instituições da terra. Uma Igreja digna de perpetuação deve conduzir os seus membros a um maior desenvolvimento e a um modo de vida mais feliz; deve ter uma mensagem para a humanidade e vitalidade suficiente para levar essa mensagem ao mundo.

Três coisas atestam a força do Mormonismo, ao entrar em seu segundo século. Primeiro, seu grande zelo missionário. Nunca, em tempo algum da história da Igreja, o Evangelho foi pregado a mais pessoas do que na era presente. Os métodos missionários mudaram. Os missionários usam auxílios visuais juntamente com diálogos em suas palestras. Os meios modernos de comunicação — o rádio, televisão, projetores de filme estático e sonoro etc. — têm ajudado a transmitir a mensagem da Igreja. Os centros de informação da Igreja, o Coro do Tabernáculo, os conjuntos musicais de vários centros da Igreja, apresentações em Feiras Mundiais, "tournées"

18. **Church News**, 25 de abril de 1970, p. 10

mundiais de artistas e atletas de universidades da Igreja, todos esses elementos têm ajudado a atrair a atenção das pessoas para os SUD, e têm servido para abrir as portas aos missionários e sua mensagem.

Com o rápido crescimento, a Igreja tornou-se uma instituição mundial, atraiu a atenção de homens e mulheres influentes. Muitos de seus membros chegaram a ser afamados músicos, líderes comerciais, educadores, cientistas, estadistas, artistas, artífices, todos os quais se tornaram missionários através de seus exemplos, prestando seu testemunho a seu próximo.

Uma instituição que possui tal espírito missionário tem de ter uma força maior do que meros números. Numa era de dúvidas, em que os membros de muitas igrejas parecem perder a fé, a Igreja de Jesus Cristo dos SUD tem demonstrado crescente vitalidade em proclamar a divindade de Jesus Cristo e a posição do seu Evangelho num mundo esclarecido.

Segundo, os membros da Igreja continuam a pagar seus dízimos. Um povo que paga o seu dízimo é um grande povo . O Senhor disse a seu povo nos tempos antigos:

> "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro para que haja mantimentos na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal que dela vos advenha a maior abastança."[19]

Essa promessa tem sido cumprida em nossos dias.

Não é com facilidade que alguém se separa de um décimo de seu salário, a não ser que o faça movido por um testemunho de que Deus vive e de que a Igreja é sua instituição divinamente estabelecida. Portanto, o pagamento de dízimos nos mostra a força da Igreja, força esta que jaz no testemunho de seu povo. Não se deve supor pelo que foi dito acima, que todos os mórmons pagam os seus dízimos — longe disto. Isto nunca foi conseguido na história da doutrina da Igreja.A falta de crença de alguns neste princípio de cooperação voluntária ao trabalho de Deus é um dos fatores que nos causam preocupação. O fato, porém, é que — e isto é muito importante — o número de honestos pagadores de dízimo se eleva a milhares — e aumenta cada vez mais. O "barômetro da fé" está subindo, não descendo. Terceiro, o trabalho da Igreja é feito por voluntários. Dos 3.200.000 membros (1972), aproximadamente 45.000 são líderes ou professores da Igreja. Recebem apenas um pagamento pelo seu trabalho: a alegria de servir. Embora seja enorme a quantidade de cargos e deveres que a Igreja proporciona, ainda assim muitos são os membros à espera de poder prestar seus serviços.

Uma Igreja que pode pedir e receber o auxílio de quatrocentos mil membros a fim de levar avante suas funções, sem qualquer pagamento; uma Igreja que pode conservar mais de 20 mil missionários no campo às custas de suas próprias famílias; uma Igreja que nesta época pode continuar a receber milhões em dízimos doados voluntariamente por seu povo, é uma Igreja que deve ser reconhecida por todo o mundo como uma poderosa instituição. Tal é a força da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Todas estas três evidências de força não são mais que um índice de fé viva e vital. Meras figuras e números não são indicação da grandeza de uma igreja. Sua grandeza jaz no testemunho individual de cada um. O apóstolo Paulo, possuidor de grandiosa fé, podia, sozinho, mudar a religião do mundo mediterrâneo. É esta mesma fé que faz com que os membros da Igreja hoje, como o fez Paulo antigamente, digam: "Não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê".

Leituras Suplementares

1. **Conference Report,** abril de 1930 "Discurso do Centenário da Igreja, pro-

---

19. Malaquias 3:10

ferido pela Primeira Presidência Para todo o Mundo".

2. Roberts, **A Comprehensive History of the Church,** vol. VI, pp. 559-573 (Discurso da Primeira Presidência na Conferência do Primeiro Centenário da Igreja, em 6 de abril de 1930).

3. **Ensign,** Agosto de 1972. Toda a edição é dedicada à vida e realizações do Presidente Joseph Fielding Smith.

4. **Ensign,** Setembro de 1972. Toda a edição é devotada ao crescimento da Igreja no México e na América Central.

5. Spencer J. Palmer, **The Church Encounters Asia** (Salt Lake City, Utah; Deseret Book Co., 1970).

CAPÍTULO 40
TEMPLOS DE DEUS

Visita a um Templo S U D

"Nos primeiros dias da arte,
Trabalhavam os construtores com carinho e dedicação,
Aproveitando cada minuto
E dos mínimos detalhes cuidando,
Pois em seus corações sabiam,
Que Deus os estava olhando."

Quem visitar a Quadra do Templo, em Lago Salgado, verá a personificação do sentimento expresso acima talhado em pedra. O grande Templo de Deus, que domina toda aquela área, é uma das mais lindas estruturas do mundo, e, como monumento de sacrifício e devoção, não tem igual.

O visitante que olhar o Templo pelo lado de fora ficará impressionado por sua aparência maciça e por suas magníficas proporções. Seus olhos, indubitavelmente olharão para os três grandes pináculos que se elevam nas extremidades do prédio, e ainda haverão de demorar-se em admirar a figura dourada do anjo, cujos pés descansam sobre a pedra mais alta do templo, tendo nos lábios uma trombeta com a qual parece estar, com seu toque poderoso, chamando todos os povos do mundo. A escultura representa o Anjo Morôni, anunciando à humanidade a restauração do Evangelho de Jesus Cristo. É o trabalho de um filho de Utah, C.E. Dallin, escultor mundialmente famoso.

Há uma grande história em conexão com a construção destas muralhas de granito. Ela cobre um longo período de tempo, envolve muitas vidas e é o trabalho de muitas mãos. Do lado de dentro é contada a mais linda história do mundo, a história do amor de Deus por seus filhos, amor que teve início antes da formação da terra.

Pudéssemos nós estar ali presentes em julho de 1847 e teríamos visto um monte de folhas secas intercaladas por um pequeno riacho, a densa neblina das montanhas a oeste e a abóbada azul do céu acima das cabeças. Sim, talvez isto fosse tudo o que nossos olhos teriam visto. Um homem, porém, ali, naquele mesmo local, mês e ano, viu mais do que folhas secas, riachos, montanhas e céu. Este homem era um profeta de Deus, o líder do povo mórmon, que, naquela ocasião, antecipou pelos olhos da profecia, a visão do futuro. A 6 de abril de 1853, assim relata Brigham Young tal visão:

"Quase nunca falei de revelações ou visões, mas, é suficiente dizer que há cinco anos atrás eu estava aqui e vi, em visão, o Templo a mais ou menos três metros de onde lançamos a pedra fundamental. Não perguntei que tipo de templo deveríamos construir. Por quê? Porque ele me foi apresentado diante dos olhos. Pude vê-lo perfeitamente, como se ali estivesse realmente. Esperem até que esteja pronto para vê-lo, no entanto, direi que terá seis torres em vez de uma. Que nenhum de vocês, porém, se torne apóstata porque nosso templo terá seis torres, quando o que José construiu tinha somente uma. É mais fácil para nós construir dezesseis torres, do que foi para ele construir uma. Virá o tempo em que haverá apenas uma torre no centro dos templos que haveremos de construir, mas, isto não veremos no presente"[1]

O que acima lemos foi dito no lançamento da pedra fundamental do Templo de Lago Salgado. Que heróico empreendimento! Uma estrutura de quatro milhões de dólares, iniciada em um deserto, enquanto era travada uma terrível luta pela sobrevivência, por um povo pobre e cansado, que em todo o território chegava a menos de vinte mil membros.

Foram necessários 40 anos de trabalho e sacrifício para terminar o Templo. Ao tempo de sua dedicação, 6 de abril de 1893, três sucessivos presidentes da

1. Brigham Young, **Millennial Star,** Vol. XV, p. 488.

Igreja haviam ajudado em sua construção e a população da Igreja havia aumentado em centenas de milhares.

Duas vezes durante estes quarenta anos o trabalho foi paralisado. Em 1857 toda a escavação foi soterrada e o alicerce, que ainda não passava da altura do solo, foi totalmente coberto; o solo foi então arado, ganhando a aparência de um campo cultivado. O exército de Johnston se aproximava de Utah e a população se preparava para destruir suas casas e dirigir-se rumo sul.

Quando em paz e com seus direitos restaurados, os Santos removeram a terra do alicerce do Templo e reiniciaram os trabalhos, havendo de imediato nova paralisação. O alicerce não era sólido o bastante para suportar o peso maciço que sobre ele viria. Brigham Young ordenou que fosse tudo feito novamente, anunciando ao povo: "Este templo deverá estar em pé durante o milênio". E poderá perfeitamente estar em pé daqui a mil anos, pois suas paredes são construídas de sólidos blocos de granito; tem a espessura de cinco metros e meio no alicerce, afilando-se a 2 metros no topo.

Durante os dias da construção, a Quadra do Templo, que havia sido circundada por uma maciça parede de três metros e meio,[2] tornou-se uma grande oficina de trabalho. A água do City Creek foi transformada em força, a qual operou equipamentos de ar, fundições de ferro e outras máquinas.

O granito para a construção foi obtido na entrada do Canyon Little Cottonwood, a trinta e dois quilômetros sudoeste. Lá, os elementos da natureza, em épocas passadas, haviam derrubado grandes blocos das maciças muralhas de granito, depositando-os na entrada do Canyon. Portanto, não era necessário extrair o granito das grandes montanhas. As pedras pesavam muitas toneladas e tinham que ser divididas em diversos pedaços por mãos habilidosas, cunhas e explosivos leves. Mesmo depois de quebradas, geralmente pesavam diversas toneladas. Eram transportadas à Cidade de Lago Salgado por parelhas de boi, com quatro ou cinco juntas para cada simples pedra. A viagem de ida e volta levava de três a quatro dias.

Fotografia da extração do granito no Canyon Little Cottonwood, mostrando os trabalhadores a cortar as grandes lajes usadas na construção do templo de Lago Salgado.

A demora com que ia o trabalho levou os Santos a pensar em um melhor meio de transporte. Foi finalmente decidida a construção de um canal, desde a entrada do Canyon Little Cottonwood até a Cidade de Lago Salgado, por onde se haveria de transportar as grandes pedras em barcaças em vez de transportá-las por meio de parelhas de bois. O canal foi começado, mas, antes de haverem construído algumas milhas, foi assegurado aos Santos que uma estrada de ferro transcontinental seria construída, passando pela Cidade de Lago Salgado. Como a estrada de ferro solucionaria

2. Terminada a 23 de maio de 1857.

melhor o problema, a Igreja contratou uma turma para trabalhar na construção da leito da estrada, tendo por este motivo o trabalho no templo, durante 1868-1869, quase cessado. Os trabalhadores mórmons lutavam com fervor para completar a estrada de ferro. Os Santos tinham urgência na construção da linha férrea através da Cidade de Lago Salgado. Em parte foram um tanto decepcionados neste ponto, mas quando a estrada alcançou Ogden, uma linha foi logo estendida a Lago Salgado e dali até a entrada do Canyon Little Cottonwood. Então a

Alicerce do Templo de Lago Salgado, avistando-se ao fundo o velho e o novo tabernáculo.
Gentileza da Utah State Historical Society.

construção do Templo seguiu em ritmo bem mais acelerado. Mesmo assim, quando Brigham Young faleceu, em 1877, o grande templo estava somente 6 metros acima do solo. A construção continuou durante a difícil administração do Presidente Taylor, tendo-se adiantado bastante durante a administração do Presidente Woodruff.

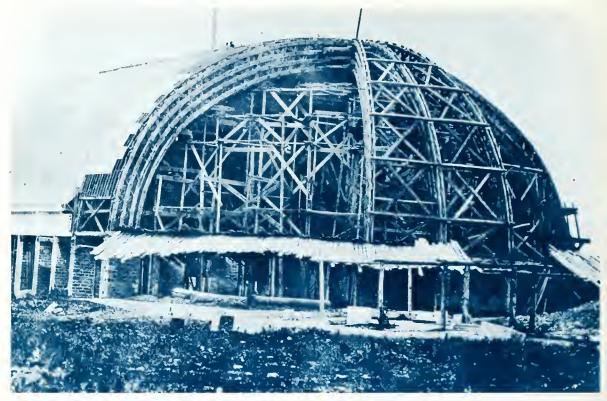
Outros Templos São Erigidos

Antes da dedicação do Templo da Cidade de Lago Salgado, três outros templos já haviam sido concluídos. Em St. George, Utah, foi dedicado um terreno para a construção de um templo, a 9 de novembro de 1871, sendo a dedicação final realizada juntamente com a quadragésima sétima conferência anual da Igreja, a qual teve lugar no próprio templo, no dia 6 abril de 1877. Em sua construção foi usado arenito vermelho.[3]

No mesmo ano em que o templo de St. George foi terminado, dois outros locais para a construção de novos templos foram dedicados.

O terreno para a construção do Templo de Logan foi dedicado a 17 de maio

---

3. O templo de St. George foi atualmente pintado de branco, contrastando com o arenito vermelho de sua redondeza.

Fotografia mostrando a construção do grande Tabernáculo da Cidade de Lago Salgado
Gentileza da Utah State Historical Society

de 1877, e a dedicação do templo concluído, foi a 17 de maio de 1884.

O terreno para a construção do Templo de Manti foi dedicado a 25 de abril de 1877, tendo a estrutura completa sido dedicada a 21 de maio de 1888. A beleza de seu jardim atesta a industriosidade do povo mórmon, bem como seu gosto pelo belo. Custou um milhão de dólares.

Todos estes templos foram construídos nos dias de pobreza e necessidade e representam o sacrifício e cooperação de todo o povo. O espírito com que foi conduzido o trabalho em cada templo é demonstrado nas palavras de Brigham Young, quando da dedicação do terreno para o Templo de Manti:

"Tencionamos construir este templo com nossas próprias mãos e, asseguro-lhes que somos perfeitamente capazes de fazê-lo; portanto, que ninguém aqui venha trabalhar com intenção de ganho monetário para seus serviços. Os povoados vizinhos mandarão seus homens, os quais poderão ser trocados sempre e tantas vezes quantas forem necessárias; de seu serviço poderá ser descontado o pagamento de dízimo e ofertas, e esperamos que venham a trabalhar até o término deste templo sem reclamar salário.

Não está de acordo com os padrões dos Santos fazer da construção de seus próprios templos um meio de negócio.

"Queremos erigir este templo com mãos limpas e corações puros, para que nós e nossos filhos possamos depois adentrá-lo para receber nossas unções e bênçãos, as chaves e ordenanças do sagrado Sacerdócio e também oficiar em nome de nossos antepassados que viveram e morreram sem o Evangelho para que eles possam, juntamente conosco, partilhar dos frutos da árvore da vida e ter júbilo no reino de nosso Pai Celestial. O Evangelho, bem como as suas ordenanças, é gratuito e temos a liberdade de construir este templo no nome do Senhor, sem cobrar coisa alguma por nossos trabalhos".

"Chamaremos também as mulheres, para que ajudem no que for possível. Elas podem fazer um grande serviço encorajando seus maridos e filhos, fazendo roupas para eles, enfim, ajudando-os de diversas maneiras enquanto aqui estiverem".[4]

Durante a administração do Presidente Heber J. Grant, três novos templos foram terminados. O Templo de Havaí, começado na administração do Presi-

4. Millennial, Vol. XXXIX, nº 24, 11 de junho de 1877, p. 373.

dente Joseph F. Smith, em 1916, foi dedicado a 27 de novembro de 1919.

Em Cardston, Alberta, Canadá, foi iniciado um templo a 19 de setembro de 1915 e dedicado a 26 de agosto de 1923.

A 23 de novembro de 1923 foi iniciado o trabalho de construção do Templo em Mesa, Arizona. A estrutura completa foi dedicada no dia 23 de outubro de 1927, tendo sua dedicação sido transmitida pelo rádio para todo o país.

No ano de 1939 foi iniciado um templo em Idaho Falls, Idaho. Por volta de 1944 já havia sido completado, sendo dedicado a 23 de setembro de 1945.

A 22 de setembro de 1951 foi iniciada a construção do templo de Los Angeles, Califórnia. Este magnífico templo foi concluído em 1955 e dedicado a 11 de março de 1956. A 5 de agosto de 1953 foi iniciado o alicerce para o templo de Berna, Suíça. A construção teve início em dezembro de 1953. Foi terminado e dedicado a 11 de setembro de 1955.

A 21 de dezembro de 1955 foi iniciado um templo em Hamilton, Nova Zelândia. Seu término e dedicação foram no dia 20 de abril de 1958.

No dia 25 de agosto de 1955 foi iniciado o templo de New Chapel, Inglaterra. Foi concluído e dedicado a 7 de setembro de 1958.

A 26 de maio de 1962 foi iniciada a construção do templo de Oakland, Califórnia. O templo foi terminado e dedicado em 17 de novembro de 1964.

Em 1967 foram escolhidos os terrenos em Ogden Provo, Utah e em Silver Springs, Maryland. O templo de Ogden estava terminado em 1971 e foi dedicado a 18 de janeiro de 1972. O Templo de Provo também foi terminado em 1971 e foi dedicado a 9 de fevereiro de 1972. Também foi construído o Templo de Washington, dedicado a 19 de novembro de 1974.

Estes novos templos revolucionaram o trabalho das ordenanças no tocante ao tempo que é necessário para completar o endowment. A forma compacta do templo permite que seis grupos de oitenta membros recebam os endowments de cada vez. Estima-se que uma sessão pode ser completada a cada hora e meia, desse modo podem ser feitos 480 endowments nesse período de tempo. Aproximadamente 3.000 endowments por dia podem ser feitos nesses templos. Mais de 700 trabalhadores são chamados para trabalhar em cada um desses novos templos que foram construídos ao custo médio de quatro milhões de dólares cada um.

O templo de Washington, adjacente ao Capitólio dos Estados Unidos, é maior do que os outros novos templos. Ele destina-se ao uso das estacas e missões do Leste do Mississippi, que crescem rapidamente. Esse templo acomoda milhares de trabalhadores a cada dia.

A construção de templos pela Igreja ainda está em sua fase inicial. É crença dos Santos que algum dia os templos serão contados às centenas e que, durante o milênio, um grande trabalho será neles realizado.

Dentro dos Templos de Deus

Quando deixamos o interessante relato da construção dos templos, chegamos à mais interessante de todas as histórias – a história do que acontece dentro das paredes do Templo.

Nesta história está a razão para o sacrifício de milhões de dólares e de milhões de horas empregadas na construção e manutenção destas Casas de Deus.

Todo membro da Igreja, se digno, alcançando a idade adulta pode entrar no templo e receber os seus endowments.

"Os endowments dados aos membros da Igreja nos templos são, essencialmente, uma seqüência das instruções relativas à existência do homem antes de vir a este mundo, a história da criação do mundo, de nossos primeiros pais terrenos, das diversas dispensações do Evangelho; o significado do sacrifício de Jesus Cristo, a história da restauração do Evangelho e os meios e métodos pelos quais obter alegria neste mundo e exaltação no reino celestial. Para tornar esta grande história clara e expressiva a todos os que dela participam, todos os meios educacionais conhecidos pelo homem são empregados, e, é possível que em nenhuma outra parte fora do templo uma pedagogia mais correta tenha sido jamais empregada. Todos os sentidos do homem são despertados, a fim de tornar claro, do princípio ao fim, o significado do Evangelho".[5]

Talvez nada na Igreja seja tão pouco compreendido ou apreciado pelos membros em geral do que os rituais e símbolos ligados aos trabalhos de ordenanças nos templos. A razão para isto é

5. John A. Widtsoe, **A Rational Theology**, pp. 124-127.

TEMPLO DE ST. GEORGE, dedicado por Daniel H. Wells, no dia 6 de abril de 1877

TEMPLO DE LOGAN, dedicado pelo Presidente John Taylor, no dia 17 de maio de 1884.

TEMPLO DE SALT LAKE, dedicado pelo Presidente Wilford Woodruff, no dia 6 de abril de 1893.

a falta de entendimento do próprio Evangelho, por parte destas mesmas pessoas, que entram no templo para trabalhos de ordenança, bem como a pressa necessária para oficiar estas ordenanças, a fim de acomodar o grande número de membros que procuram fazer os trabalhos do templo pelos mortos.

Diversos fundamentos terão que ser compreendidos, se quisermos realmente apreciar a beleza dos templos e dos trabalhos lá realizados. Em primeiro lugar devemos ter em mente que há uma distinção entre o fim procurado – salvação, e os meios usados para ajudar a obter este fim – ritual e símbolos.

A salvação é às vezes expressa como dádiva de Deus, mas, de forma alguma é um feito do homem. Enquanto o homem não pode alcançar a salvação sem Deus, Deus não pode dá-la a não ser que seja através do crescimento do indivíduo. O homem não pode conseguir a salvação sem que seja por sua obediência a todas as leis, pois salvação significa liberdade de qualquer pena e a quebra de uma lei é sempre acompanhada por uma penalidade. Portanto, o caminho para a liberdade é o caminho da obediência às leis do progresso, que são as leis de Deus. A lei do progresso humano é a lei de Jesus Cristo. Os que conseguem compreender esta lei, em sua profundidade, naturalmente a aceitam e vivem muito melhor que os outros. Portanto, aqueles que fazem convênios solenes para aceitar as leis de Deus estão em melhores condições de segui-las do que aqueles que não os fazem, e, se transgridem as leis, buscam mais ansiosamente o perdão para aquela transgressão.

Portanto, estes, que por algum motivo ou símbolo são constantemente lembrados de seus convênios com Deus, podem guardá-los melhor.

Estes são os princípios fundamentais da psicologia, e Deus, o criador da ciência da psicologia, não os deixou de lado em Seu desejo de conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem.

Então, nos templos de Deus os membros da Igreja poderão ser perfeitamente instruídos sobre as leis eternas de Deus e fazer com Ele o solene convênio de guardar Seus mandamentos, enquanto recebem, das mãos de Seus servos, a promessa de grandes bênçãos, que serão dadas de acordo com a obediência, àqueles convênios. Estes convênios com o Senhor em Sua Casa Sagrada são chamados "recebimento de endowments", isto é, a pessoa receberá as bênçãos de Deus de acordo com sua obediência aos ditos convênios. Novamente, aqui é usado um grande princípio psicológico. Um saltador, invariavelmente, salta mais alto quando tem um obstáculo à sua frente, do que quando não há qualquer objetivo a atingir. Similarmente, as pessoas, durante suas vidas, fazem quase nenhum esforço para andar em retidão, pois não têm um entendimento da alegria eterna resultante da retidão. Deus ordenou que Seu povo construísse templos em Seu nome e que neles se tornasse familiarizado com as bênçãos a que os justos têm direito, para que, compreendendo-as, pudessem buscá-las.

A fim de conduzir a pessoa que vai receber os endowments a compreender as leis de Deus, o simbolismo foi instituído pelo grande Mestre. Desde a hora que entra no templo, até sua saída, todo estágio de seu progresso deve, se ele tem um bom conhecimento do Evangelho, incutir nele o grande plano de Deus para a salvação do homem.

"As letras nas páginas escritas não são mais do que símbolos de grandes pensamentos, os quais são facilmente transferidos de mente para mente por meio dos ditos símbolos. O homem vive sob um grande sistema de simbolismo. É claro que todas as grandes verdades referentes ao que todo homem é, ou pode ser, não podem ser expressas literalmente, nem há no templo qualquer tentativa de chegar a este ponto. Ao contrário, o grande e maravilhoso serviço do templo é um grande simbolismo. Pelo uso de símbolos orais, da ação, cor ou forma, as grandes verdades ligadas com a história do homem tornam-se evidentes à mente".[6]

O Senhor decretou que Sua Casa fos-

---

6. John A. Widtsoe, **A Rational Theology**, p. 126.

se o lugar para a revelação de Suas grandes promessas ao homem. Nos tempos antigos o Salvador avisou a Seus discípulos: "Não deis aos cães as cousas santas nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; para que não as pisem com os pés, e, voltando-se, vos despedacem".[7]

Para um mundo ainda não convertido ao completo Evangelho de Jesus Cristo e para aqueles que são membros da Igreja, mas, que igualmente ignoram o plano de salvação, o simbolismo usado na Casa do Senhor pode parecer bobagem. Do mesmo modo que os símbolos usados pelos clubes de fraternidade parecem ridículos para aqueles que não olham o princípio representado por aquele símbolo.

À medida que os membros da Igreja passam a compreender a beleza e harmonia das ordenanças do templo, se decidem no fundo de seus corações a viver vidas melhores e mais retas, para que as recompensas da retidão possam vir a eles.

Três grandes princípios regem as ordenanças de Deus. **Primeiro** — Deus não faz acepção de pessoas. O pobre e o rico, o humilde e o orgulhoso, ao entrarem nos recintos do templo, vestem o mesmo tipo de roupa, para que possam aprender o primeiro grande princípio — todo homem será julgado pela mesma lei e todos os que buscam salvação deverão apresentar qualidades que os façam dignos dela perante um Deus justo.

Segundo — O homem somente pode ser salvo à medida que ganhe conhecimento das leis de Deus. Esta lei do progresso eterno é simbolizada por um processo de aprendizado durante o endowment e, sem passar por ele, não se pode progredir.

Terceiro — A salvação é obtida pela obediência às leis sobre as quais tais bênção são fundadas. Portanto, os resultados da obediência e desobediência são simbolizados para que a pessoa nunca possa esquecer a importância do grande princípio uma vez dito pelo Profeta Samuel: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros".[8]

O trabalho do templo para os vivos e para os mortos será discutido em detalhes em um capítulo posterior.

A história do trabalho do templo é uma história de amor — o amor de Deus pelo homem — e do homem pelo seu semelhante.

"Uma vida sem amor é como um amontoado de cinzas em uma terra deserta — o fogo morre e a chama se extingue. É como uma paisagem de inverno — com o sol escondido, as flores congeladas e o vento sussurrando por entre as folhas murchas".[9]

Leituras Suplementares

1. **Doutrina e Convênios,** Seção 2 (A vinda de Elias).
2. **Ibid.,** Seção 124:25-145. (Mandamento para construir templos. Ordenanças).
3. **Ibid.,** Seção 110. (Visão no templo de Kirtland. Chaves para o trabalho do templo).
4. **Ibid.,** Seção 127:6-12; Seção 126. (Batismo pelos mortos). Seção 131, 132. (Casamento).
5. **Livro de Mórmon,** 1 Néfi 5:16.
6. **Bíblia,** Malaquias, 4:5-6. (A vinda de Elias).
7. **Ibid.,** 1 Cor 15:29.
8. **Ibid.,** João 13:4-13.
9. Widtsoe, **Brigham Young's Discourses,** Capítulo 36.
10. Widtsoe, **A Rational Theology,** Capítulo 23. (Ordenanças no templo).
11. Joseph Smith, **A Doutrina do Evangelho,** 429-431. ("Trabalho pelos mortos". "As Ordenanças do templo são imutáveis". "O Cuidado e a necessidade dos templos". "A Pregação do Evangelho no Mundo Espiritual").
12. **Ibid.,** pp. 432-436. (Visão da redenção dos Mortos).
13. Joseph Fielding Smith. **O Caminho da Perfeição,** pp. 39-40. (Ajuda preparada para os mortos).

7. **Mateus,** 7:6.

8. **I Samuel,** 15:22.
9. **Improvement Era,** Vol. 32, p. 971. (Artigo por Frank P. Tibbetts).

14. **Ibid.**, pp. 260-271. (A nova Jerusalém e seu templo).

15. **Ibid.**, pp. 322-327. (Trabalho do templo no milênio).

16. Robert's **A Comprehensive History of the Church**, Vol. II, pp. 133-136. (Rituais do templo para as cerimônias de Endowment).

17. **Ibid.**, Vol. VI, pp. 230-236. ("Dedicação dos templos de Manti e da Cidade de Lago Salgado". "Manifestações espirituais durante a dedicação do templo de Manti").

18. James E. Talmage, **Regras de Fé**, pp. 153-156. (Templos, antigos e modernos).

19. James E. Talmage, **A Casa do Senhor.** (Um livro inteiro dedicado aos templos e aos seus trabalhos. Fotografias de nossos templos, todos construídos na época desta publicação, nela estão incluídos).

20. Evans, **Heart of Mormonism**, pp. 146; 325; 435; 406; 454; 479; 488; 500; 505.

(Nestas páginas estão as fotografias de nossos nove templos. Veja ilustrações XI-XII).

21. **Ibid.**, pp. 146-151. ("A casa de Deus").

22. **Ibid.**, pp. 406-410. ("Um templo de quatro milhões de dólares no deserto").

23. Smith, **Essentials in Church History**, pp. 134; 153; 188; 190; 302; 303; 308; 309; 310; 400; 454; 481; 482; 563; 590; 610; 639: (Comentários sobre nossos templos e o trabalho neles realizados. Fotos dos templos).

24. Harris and Butt, **Fruits of Mormonism**, pp. 105-115. (Casamento e divórcio. Um estudo comparativo).

CAPÍTULO 41

UM PROGRAMA VITAL PARA NOSSA FELICIDADE

O Cuidado do Corpo

Quando o Salvador anunciou ao mundo: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância",[1] depositou a pedra fundamental da verdadeira religião. O apóstolo Tiago, ao definir o que é religião para as Igrejas da Ásia, disse:

"A religião pura e imaculada para com Deus, Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo".[2]

Toda religião que não traz felicidade àqueles que a professam não é digna do nome. Nosso Pai Celestial não se compraz em privar seus filhos de suas alegrias terrenas, ou em negar-lhes as coisas boas da terra. Pode nos parecer às vezes que os mandamentos e admoestações do Pai restringem nossas ações e nos aborrecemos com tais restrições. Nosso sábio e benevolente Pai, entretanto, da mesma forma que nossos pais terrenos, está interessado no bem-estar e progresso de seus filhos. Suas leis e mandamentos são resultantes das experiências das eternidades. Não são novos e não estão sendo testados.Têm governado o progresso dos seres humanos através de todos os tempos. O Patriarca Moisés, devido à bondade de Deus e em reconhecimento por sua grande fé, teve o privilégio de ter uma rápida visão da magnitude do universo e da universalidade das leis de Deus. O Senhor lhe disse o seguinte:

"E criei mundos sem número, e também os criei para o Meu próprio intento; e por meio do Filho que é o Meu Unigênito, Eu os criei.

"E ao primeiro homem de todos os homens Eu chamei Adão, que significa muitos.

"Mas eu só te darei, porém, um relato desta terra e dos seus habitantes. Porque, eis que há muitos mundos que pela palavra de Meu poder deixaram de existir. E há muitos que hoje existem e são incontáveis para o homem; mas para mim todas as coisas estão contadas, porque são minhas e Eu as conheço.

"E aconteceu que Moisés falou ao Senhor, dizendo: Sê misericordioso para com Teu servo, ó Deus, e dize-me as coisas concernentes a esta terra e a seus habitantes e também aos céus; então teu servo ficará satisfeito.

"E Deus o Senhor falou a Moisés, e disse: os céus são muitos e são incontáveis para o homem; mas, para Mim são todos contados, porque eles são meus.

"E assim como deixará de existir uma terra com seus céus, assim também aparecerão outras; e não têm fim as Minhas obras, nem tampouco as Minhas palavras.

"Porque eis que esta é a minha obra e Minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem".[3]

O homem, em sua limitada compreensão, pode não entender todos os mandamentos do Pai. É como a criança que de bom gosto comeria um quilo de doces, achando-se no sétimo céu; mas a mãe amorosa, no entanto, em sua sabedoria sabe que seu filho certamente haverá de sofrer por causa de sua presente e aparente felicidade.

À proporção que compreendemos as leis de Deus, percebemos serem elas as leis da vida eterna. A obediência a estas leis nos proporciona liberdade e alegria nas palavras de Harry Emerson Fosdick.

"Muitos jovens são criados de modo a pensar que a bondade significa restrição. Durante toda a sua adolescência se defrontam com novos poderes, novas paixões, novas ambições, aos quais recebem ordens e conselhos para reprimir. A princípio aceitam docilmente a idéia negativa. Tentam ser bons, dizendo 'não' à nova vida que surge à sua frente. E então chega o dia em que se cansam tanto desta bondade temerosa, negativa e restrita, que já não a podem tolerar; principiam então a ser indulgentes consigo mesmos, inconscientes de que se estão escravizando verdadeiramente, com hábitos que os acorrentam, doenças que os molestam e reputações que os arruínam .

---

1. **João** 10:10
2. **Tiago** 1:27

3. **Pérola de Grande Valor, Livro de Moisés,** Capítulo 1, versículos 33-39

"Será que Jesus não haveria de dizer-lhes, se estivesse aqui na terra: 'Vocês estão enganados. A bondade não significa restrição. Significa achar-se a si próprio e então ser verdadeiramente livre. Significa viver por aquilo que se sabe ser digno viver. É a expressão da vida em seu fulgor total e num desfrutamento total. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância'"[4].

Acreditando que sua missão é a de proporcionar a verdadeira felicidade à humanidade, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aceitou o seu dever de guiar seus membros no caminho que conduz à felicidade e de ajudar os jovens a se encontrarem a si mesmos socialmente, através do exercício apropriado de seus florescentes poderes.

Ao procurar guiar seus membros à felicidade, a Igreja está primeira e vitalmente interessada na saúde de seus membros. O povo saudável é geralmente um povo feliz, enquanto que toda pessoa doente, mesmo que mantenha uma atitude otimista, não é nunca feliz.

"Os Santos dos Últimos Dias, conseqüentemente, ensinam moderação e sabedoria no comer, beber, dormir, trabalhar e se divertir; aconselham quais os alimentos que melhor promovem nosso bem-estar físico; desencorajam o uso do álcool, tabaco, ou qualquer bebida ou substância que venha a causar qualquer injúria ou que venha a estimular artificialmente o corpo. Este código de leis, conhecido como Palavra de Sabedoria, explica a alta média de saúde e longevidade dos mórmons. A sua média de nascimento (300 em 10.000) é uma das mais altas, se não a mais alta, para um grupo de similar tamanho no mundo civilizado: a sua média de mortes (75 em 10.000) é inferior à metade das médias de qualquer outro país no mundo, por mais favorável que seja a sua situação".[5]

A "Palavra de Sabedoria" é a base dos ensinamentos da Igreja no que concerne ao cuidado do corpo, (Ver **Doutrina e Convênios,** Seção 89).

Este método simples e eficiente de manter a boa saúde tem sido testado durante todo um século pelo povo mórmon. Mesmo uma observação parcial desta grande lei tem trazido admiráveis resultados.

Detalhadas estatísticas são dadas pelo livro International Health Year. A média de seis nações: Alemanha, França, Holanda, Suíça, Grã-Bretanha e Estados Unidos pode ser comparada com a média correspondente entre os Santos dos Últimos Dias.

Vejamos uma lista das mortes provenientes das seguintes doenças em 1926-1927, entre 10.000 pessoas:

	Seis nações	S.U.D.
Tuberculose	120	9
Câncer	119	47
Doenças do Sistema Nervoso	123	52
Doenças do Sistema Circulatório	196	115
Doenças do Sistema Respiratório	167	105
Doenças do Sistema Digestivo	73	56
Doenças hepáticas ou congêneres (Nefrite)	44	23
Maternidade (entre 1.000 nascimentos)	45	10

A Palavra de Sabedoria foi revelada a Joseph Smith em resposta às suas orações. Os vagarosos e laboriosos métodos científicos finalmente descobriram a verdade contida nesta lei fundamental e o mundo se beneficia através de tal conhecimento. A verdadeira religião está sempre adiante da ciência, que necessariamente caminha pela vista e não pela fé. O Cristo ressuscitado disse ao Apóstolo Tomé, que tinha que ver e sentir antes de poder acreditar: "Porque viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram".[6]

Bem-aventurados realmente foram aqueles Santos dos Últimos Dias que creram, pois descobriram ser a Palavra de Sabedoria um verdadeiro guia de saúde e felicidade.

Recreação e Felicidade

A força da Igreja jaz em guiar e não em impedir os apetites normais e os instintos do homem. Um longo catálogo de "não faça" é muito menos eficiente na obtenção de bons resultados que uns poucos "faça". O rapaz que gasta todas as suas horas vagas no jogo não gosta de ouvir sermões sobre o seu mau hábito. O mesmo rapaz, estimulado a participar de recreações saudáveis, se vê demasiadamente ocupado para despender seu tem-

4. Guy C. Wilson, **Religion and Life**, p. 53.

5. John A. Widtsoe, **Missionary Pamphlet, Centennial Series,** nº 8.

6. **João** 20:29.

po em passatempos prejudiciais. O hábito mau é inconscientemente trocado pelo bom.

Na filosofia mórmon não há tempo para a preguiça, mas há muito tempo para o divertimento sadio. O Profeta Joseph em sua vida extraordinariamente ocupada encontrou tempo para participar de esportes, dança e peças teatrais. Como já vimos, a recreação nos acampamentos pioneiros das planícies produziu uma saúde mental que mudou a face daquela terra de tristeza em felicidade.

Torneio de basquetebol realizado pela AMM, o maior do mundo.

Gentileza de Deseret News.

Ao conquistar o deserto a recreação desempenhou um papel incomum. Trouxe a paz do esquecimento às mentes cansadas e aos corpos doloridos.

Hoje em dia pode-se ver em quase todas as capelas da Igreja um salão cultural. Estes centros de recreação estão se tornando lugares belos e atraentes e poucas são as noites da semana em que não são usados. Líderes deste setor recreativo estão sendo ensinados, para a importante tarefa de dirigir as atividades recreativas das comunidades.

O programa recreativo, como já foi anteriormente dito, está sob a responsabilidade da Associação de Melhoramentos Mútuos. Através desta Associação milhares de jovens estão gozando a alegria e o desenvolvimento advindos da recreação apropriada. Milhares de amadores estão representando em palcos, outros estão lendo, falando, dançando ou participando de eventos atléticos.

Nestes dias de crescentes horas de lazer e de entretenimentos que freqüentemente não passam de vulgar propaganda comercial, a Igreja se defronta com uma tarefa árdua. "Como pensa o homem, assim ele é"; conseqüentemente a Igreja deve estar sempre alerta, dirigindo a vida social de seu povo.

Oscar A. Kirkham, um líder dos escoteiros S.U.D., já falecido, relata uma experiência que ilustra o longo alcance do programa da Igreja para a nossa felicidade:

"No ano passado passei por uma interessante experiência. Em Kansas City eu residia no quartel-general de um de nossos maiores movimentos em prol da juventude na América; em Nova Iorque vim a conhecer um bom número de outros movimentos nacionais; em Berlim ouvi falar sobre a história do Movimento de Jovens de Hitler; na Itália conheci os Movimentos de Jovens Fascistas. Foram todos muito bondosos e me deram todos os detalhes de seus programas. Mas quando voltava para Londres, minha terra, ao procurar mais informações sobre esse assunto, fiquei bastante surpreso e interessado ao ouvir um representante internacional da Associação de Melhoramentos Mútuos dizer que, se eu quisesse entrar em contato com o melhor programa, jamais visto por ele, para rapazes e moças, deveria visitar, sem falta, quando voltasse à América, a Cidade de Lago Salgado, e observar o programa mórmon para a juventude".[7]

---

7. **Conference Report**, julho de 1934.

O escotismo é promovido na Igreja através da AMM.

A Igreja e o Escotismo

Em 1935, no vigésimo quinto aniversário do escotismo na América, o Dr. James E. West, chefe executivo dos escoteiros da Boy Scouts of America, escreveu:

"Entre todas as Igrejas que apóiam o escotismo nunca encontramos uma que desse mais apoio e eficiente e generosa cooperação do que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; tampouco, em nenhuma outra organização encontramos melhores e mais entusiásticos líderes de incomum capacidade. O Estado de Utah possui maior porcentagem de escoteiros do que qualquer outro estado da União; e a religião mórmon possui maior número de escoteiros do que qualquer outra religião.

"Tudo isto me parece de profundo significado, pois prova não somente que estamos oferecendo um programa para rapazes que vai de encontro às necessidades da grande Igreja de Jesus Cristo, mas também que os ideais pelos quais essa mesma Igreja luta são, substancialmente, os ideais do escotismo em si, como seja, o 'reconhecimento de que Deus governa e lidera o Universo' como requisito fundamental para a formação de bons cidadãos e a crença de que somente através de vidas limpas, puras e generosas, servindo os outros antes mesmo de se lembrar de si próprios, podemos nós, tanto como meninos quanto como homens, servir a Deus adequadamente".[8]

Quando levamos em consideração o juramento dos escoteiros então a razão do interesse da Igreja pelo escotismo se torna evidente.

"Juro fazer o melhor para: (1) Servir a Deus e minha pátria e obedecer à Lei dos Escoteiros. (2) Ajudar meu próximo em todas as horas. (3) Conservar-me fisicamente forte, mentalmente alerta e moralmente limpo".

Há uma íntima relação entre a observância deste juramento e a observância da verdadeira religião, da religião pura, definida pelo Apóstolo Tiago: "Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo".[9] A Igreja tem prestado todo o seu apoio a este movimento que conduz seus jovens a serem "cumpridores da palavra de Deus" e não meramente "ouvintes dela". A Igreja fez do escotismo uma atividade do Sacerdócio.

O escotismo foi primeiramente orga-

---

8. **Improvement Era**, Vol. 38, nº 2, p. 72
9. **Tiago** 1:27.

nizado na Inglaterra pelo tenente-general Robert S.S. Baden-Powell, justamente chamado o "Pai do Escotismo". O General Powell se tornou interessado pela organização de meninos durante a Guerra na África do Sul. Mais tarde, em 1907, Powell deu início à primeira organização de escoteiros. Em 1908 os escoteiros da Inglaterra foram oficialmente organizados e em 1910 foram obsequiados com uma Carta Régia.

Enquanto isto, na América, dois movimentos, que mais tarde vieram a se unir ao escotismo, foram iniciados. Daniel Carter Beard organizou os "Filhos de Daniel Boone", tendo por propósito interessar os jovens na vida ao ar livre e em atividades congêneres; Ernest Thompson Seton organizou os "Woodcraft Indians" com similar propósito.

Em 1910 os "Escoteiros da América" entraram em existência. No mesmo ano a Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias enviou líderes da A.M.M. para investigar o movimento, e líderes empreendedores, em várias partes da Igreja, organizaram tropas, obedecendo às mesmas leis recomendadas pela organização nacional. Em 1911 o escotismo foi oficialmente reconhecido pela Igreja e oficialmente organizado, sob a direção da A.M.M. Ao Dr. John H. Taylor foi designada a tarefa de promover o escotismo nas estacas e ramos, sob a direção do comitê de atletismo da A.M.M., composto por Lyman R. Martineau, Hyrum M. Smith, Oscar A. Kirkham, B.F. Grant, B.S. Hinckley e John H. Taylor.

Durante a Conferência de junho de 1913 a primeira reunião geral de escotismo da Igreja foi realizada em Wadamere, Lago Salgado, no dia 7. No mesmo ano os Escoteiros da A.M.M. se tornaram parte dos "Escoteiros da América".

O crescimento do escotismo na Igreja foi bem rápido e seus resultados na solução de muitos problemas da juventude têm sido muito compensadores. O escotismo continuou sob a responsabilidade da A.M.M. até 1928, quando passou então a se constituir no programa de atividade do Sacerdócio Menor da Igreja.

Um movimento de escotismo posterior, denominado "Vanguardas" e atualmente "Exploradores", foi inaugurado pela Igreja em 1928, desenvolvendo-se atualmente de maneira surpreendente. Foi aprovado pelo Conselho Nacional de Escoteiros da América e tem recebido grandes louvores. Em 1960 havia 68.996 escoteiros e exploradores na Igreja. Tropas de escoteiros são encontradas em todas as estacas organizadas da Igreja e praticamente em todas as missões.As missões se localizam em 22 países diferentes, de forma que o programa de escotismo da Igreja envolve todo o globo.

Um programa mais ou menos paralelo para meninas está sendo dirigido, sob a responsabilidade da atual SAM, com um curso intensivo de atividades mentais, espirituais e físicas.

Leituras Suplementares

1. **Doutrina e Convênios,** Seção 89 ("Palavra de Sabedoria").

2. Presidente Joseph F. Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 334-336. (Os missionários e a Palavra de Sabedoria).

3. Joseph F. Merrill, **Is Faith Reasonable?** Discursos irradiados.

4. James E. Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 447-451.

5. John A. Widtsoe (Panfleto contendo um estudo e algumas experiências sobre a Palavra de Sabedoria).

6. Evans, **Joseph Smith, An American Prophet,** pp. 232-235. (Interessante comentário).

7. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 194-199. (Running Without Weariness).

8. Frederick J. Pack, **Breadth of Mormonism,** discurso nº 16, pp. 1-7.

9. Pack, **Tabacco and Human Efficiency.** (O livro todo é um estudo sobre o tabaco e a eficiência humana).

10. Fisher e Fiske, **How to Live,** pp. 199-281; 333-382; 383-413. (Capítulos sobre alimento, álcool e tabaco).

11. Fisher e Fiske, **How to Live.** (Um panfleto baseado ou tirado do livro citado no nº 10 acima. (Publicado pela A.M.M.)

12. Gates e Widtsoe, **Life Story of Brigham Young,** p. 333.

13. Roberts, **A Comprehensive History of the Church,** Vol. 1, p. 43. Nota 12; pp 305-306.

14. Smith, **Essentials in Church History,** pp. 149-169.

CAPÍTULO 42

O MORMONISMO AMANHÃ

Uma Fé Duradoura

À proporção que o mormonismo continua avante em seu segundo século, poder-se-á perguntar por quanto tempo ainda durará a sua vitalidade e qual será o seu crescimento. Como será a Igreja amanhã? Já alcançou ela o máximo? Tornar-se-á a religião dominante do século ou virá a declinar eventualmente, até sair do quadro religioso? Que mudanças poderão advir na Igreja em si? Quais as suas presentes tendências para o futuro?

Essas perguntas poderão ser melhor compreendidas à luz deste seu século e meio passado, e à luz da história de todas as grandes religiões. As mesmas perguntas já foram repetidamente feitas com o passar dos anos, pelos observadores da fé mórmon. A maioria das respostas dadas têm e provado errôneas com o passar do tempo. Somente aqueles que vivem entre o povo mórmon já fizeram predições inteligentes. As declarações mais acuradas são feitas pelos próprios mórmons. Nos primeiros dias da Igreja, alguns dos observadores não-mórmons predisseram um rápido fim para o mormonismo, baseando suas predições na crença de que a Igreja tinha sido construída tendo por fundamento um personagem que, seja por causa de seu encanto pessoal ou de sua astúcia, ou ainda, de seus poderes psíquicos, estava capacitado a atrair considerável número de pessoas. Conseqüentemente, concluíam eles, depois da morte de tal líder a Igreja haveria de cair. O tempo mostrou que tal crença estava errada. A Igreja sobreviveu à morte de até mesmo o maior de seus líderes, sem parecer ter sido por isto afetada. Por outro lado, a Igreja produz em quantidade líderes capazes de levar avante o seu trabalho. Se depender de liderança pode-se esperar que a Igreja continue, sem dúvida alguma, com seu fenomenal crescimento e influência.

Outros disseram dever a Igreja o seu crescimento à estupenda astúcia de Joseph Smith e seus associados. Esses predisseram a sua queda para tão logo fosse a fraude descoberta. O tempo e as pesquisas, no entanto, não revelaram tal fraude, ao contrário, tendem mais e mais a substanciar a honestidade e sinceridade dos seus fundadores. A Igreja se fortaleceu e cresceu onde se esperava que viesse a cair.

Outros ainda declararam que o Profeta era honesto e sincero, mas que estava enganado. Estes consideravam as visões do Profeta alucinações que fizeram com que ele acabasse por acreditar que tinha visto personagens celestiais e recebido mensageiros de Deus. Não necessitamos aqui considerar as dificuldades que estas mesmas pessoas tiveram em explicar a realidade que é o **Livro de Mórmon,** como fruto de alucinações, ou a profunda sabedoria contida nas revelações do Profeta. Todos aqueles, entretanto, que não duvidaram da sinceridade do Profeta Joseph, mas que rotularam suas visões e revelações como truques de uma mentalidade fantasiosa, também esperavam a breve queda do mormonismo. De fato, se tal tivesse sido a sua origem, o mormonismo não poderia sobreviver e florescer por muito tempo numa era científica.

Defrontamo-nos com o fato de que o testemunho e zelo de um só homem, embora verdadeiro e forte, gradualmente perdem sua potência e realidade com o passar das gerações, a menos que sejam vitalmente renovados nos corações de seus seguidores; e, se o testemunho e zelo assim declinam, a Igreja também declina. No entanto, se o testemunho de seu fundador é continuamente renovado nos corações de seus seguidores, de modo que possam vir a ter o mes-

mo fervor demonstrado por seu fundador, tal Igreja não poderá ter fim. É isto o que os mais cuidadosos críticos observam atualmente. O fervor dos membros da Igreja de Jesus Cristos dos Santos dos Últimos Dias não mostra sinais de abatimento. O espírito missionário nunca foi tão forte quanto hoje. Conversos da Igreja continuam a enviar seus filhos e filhas para o campo missionário, a fim de converter outros. Homens e mulheres aos milhares ainda prestam ao mundo testemunho da restauração do poder de Deus e de todos os seus dons. Esta poderosa fé não se limita à mente — é uma fé viva, que se manifesta em serviço voluntário ao próximo, no pagamento de dízimos e ofertas, em trabalho no templo cada vez maior e nas vidas individuais de seus membros.

Olhemos à Frente

Podemos ter certeza absoluta de que a Igreja continuará forte, pois podemos perceber nela os elementos vitais, necessários para uma religião mundial. Primeiro, é uma religião de realidade. A existência de Deus, o Pai como ser pessoal, a ressurreição de Seu Filho Jesus Cristo, a certeza de revelação, bem como o poder do Sacerdócio, são realidades nas mentes dos Santos dos Últimos Dias. Segundo, o mormonismo é uma religião com objetivo. O programa da Igreja — levar o Evangelho a todas as tribos, nações, línguas e povos, estabelecer Sião e fazer as ordenanças tanto para os vivos como para os mortos — é específico e real. Este programa é superior ao de qualquer Igreja jamais existente. Não há perigo de que a Igreja venha a estagnar por falta de objetivos, e a grande magnitude destes só traz bons augúrios para o seu futuro.

Não é provável que os objetivos da Igreja venham a mudar, pois não há disputas nem incertezas dentro dela, concernentes aos mesmos, que venham a resultar em modificações. Os meios, entretanto, pelos quais tais objetivos poderão ser alcançados, certamente mudarão de acordo com as novas circunstâncias que venham a enfrentar.

Enquanto o dom do Espírito Santo continuar com os membros da Igreja, a atividade missionária haverá de continuar. Já que este dom somente poderá ser gozado pelos retos de coração, a atividade missionária da Igreja haverá de mostrar períodos de pouca ou intensa atividade, de acordo com as condições da Igreja. Além disso, embora o objetivo missionário permaneça o mesmo, os métodos pelos quais o seu trabalho será efetuado, talvez venham a sofrer certas mudanças, como já vem acontecendo. O uso do rádio, de filmes etc., alterou muito as técnicas missionárias. Há uma crescente tendência de mostrar o que é o mormonismo, em vez de pregá-lo. Do sucesso obtido pelos missionários através deste método podemos esperar que esta mudança se torne cada vez mais pronunciada. A vida exemplar dos missionários tem sido sempre um fator essencial para conversões. Tende-se presentemente a organizar as auxiliares da Igreja, a Sociedade de Socorro, a Escola Dominical, a Primária, a S.A.M., C.A.I.M. e o Programa de Bem-Estar e convidar os não-mórmons para ver a Igreja em ação. Antes estas atividades se seguiam à organização do ramo, presentemente muitas delas precedem até mesmo tal organização. As Escolas Dominicais e as Primárias, por exemplo, estão sendo organizadas em lugares onde há uma só família mórmon. A fim de assistir a suas reuniões, não-mórmons, que talvez nunca tenham ouvido um sermão S.U.D., são convidados. Conseqüentemente, a atividade pode preceder, na Igreja, a organização de um ramo e tornar-se um fator vital para conversão.

Um Grande Objetivo

O objetivo do estabelecimento de "Sião" sobre a terra pode ser definido como o objetivo de fazer prevalecer o ideal de Jesus no mundo. Em seu livro **The Heart of Mormonism,** John Henry Evans escreve a respeito deste objetivo.

Três coisas interferem com a realização deste ideal de vida abundante para o homem em seu estado mortal.

"A primeira destas é a guerra. A guerra destrói o propósito de vida abundante de três modos: Primeiro, destrói a vida, corta a carreira de quem dela participa em seus primeiros passos. Segundo, mutila a vida, aleija-a em algumas de suas funções, tornando impossível a auto-realização plena. E, terceiro, brutaliza a vida, torna-a grosseira, tira-a do plano de idealismo e a coloca de volta ao nível primitivo, do qual saiu com esforço e dificuldade.

"A segunda é a ignorância. A ignorância impede que se faça uma escolha que venha a preservar a vida. Torna impossível que se saiba com certeza,com antecedência se a escolha certa está sendo feita. A menos que se saiba a diferença entre a erva daninha e a planta útil, as suas chances de viver ou morrer são de cinqüenta por cento. O mesmo acontece com a vida superior do espírito. A ignorância, portanto, é uma inimiga mortal do homem no que concerne à sua obtenção de vida abundante.

"E, a terceira coisa que impede o homem de ter vida abundante é a pobreza. A pobreza é uma interferência porque, embora se possam ver as diferenças necessárias claramente, ainda assim não se pode fazer a escolha se não se têm os meios necessários para tal. Alimento, roupas, abrigo – tudo isto custa dinheiro, mas, se não se o tem ou se o que se tem é muito pouco, tem-se que viver sem algumas das coisas necessárias para uma vida abundante. A educação, livros etc, também requerem dinheiro. Neste mundo de abundância, como o próprio Deus o declara, muitos são os homens, mulheres e crianças que passam fome, que andam desnudos, sem um lar para se abrigar, isto sem mencionar outras necessidades menos prementes, mas também importantes.

"Conseqüentemente, a guerra, a ignorância e a pobreza se combinam para trazer ao homem o que talvez seja a maior mancha do mundo moderno – motivação exterior. Do berço ao túmulo nos vemos dominados pelo desejo de alcançar as metas que foram estabelecidas para nós. Quando na escola, desejamos notas altas; no trabalho, lutamos para subir de cargo, de modo a poder ganhar mais dinheiro. Se trabalhamos no governo, nosso principal objetivo é conservar nosso cargo; se estamos no mundo dos negócios, procuramos ganhar cada vez mais e obter poder no mundo. O aspirante social quer ser conhecido pelos seus feitos. Por toda parte a motivação vem de fora, não de dentro. Maldição maior não pode advir a uma nação ou a um indivíduo, e esse grande afastamento do ideal cristão é freqüente.

"O grande objetivo do mormonismo, portanto, neste século e sempre, é o de fazer o máximo possível para que a vida abundante prevaleça no mundo. Insistirá nisto como direito humano. Procurará tirar de todo filho de Deus os empecilhos principais, que são a ignorância e a pobreza, de modo a fazer com que lhe seja possível desenvolver sua personalidade, sob condições de paz e boa vontade universal.

"E procurará fazer isto através da criação de um estado mental no indivíduo. Não só fará oposição à guerra, como também procurará prestar melhor educação e trabalhará para um melhor sistema econômico, e batalhará para mudar a fonte de motivação para dentro do indivíduo.

"O estudante então perguntará que proveito está tirando do curso, em vez de se preocupar com as notas colocadas em seu boletim. O político se preocupará não com a sua reeleição, mas, com o fato de seus constituintes estarem ou não sendo beneficiados com o que ele está fazendo. O empresário, sob estas novas circunstâncias, não pensará tanto nos lucros. A sociedade não estará tão interessada na punição do criminoso, como em descobrir como ele se tornou criminoso e como pode ser transformado num cidadão respeitável.

"É isto o que o mormonismo tentará mais e mais fazer nos anos que vêm, e este é em geral o método pelo qual a Igreja desempenha seu trabalho. O centro de interesse será sempre a personalidade humana".[1]

O objetivo da Igreja, de realizar as ordenanças para vivos e mortos, bem como todos os outros objetivos, certamente haverá de continuar a existir. As ordenanças em si tampouco mudarão. Mudanças, entretanto, poderão ser esperadas no modo de se reunir informações genealógicas, na arquitetura dos templos e nos esforços usados para fazer com que os membros se conscientizem da importância deste trabalho. O interesse cada vez maior no trabalho do templo pelos vivos e pelos mortos nas duas últimas décadas é promissor. Pode-se logicamente esperar a edificação de muitos outros templos em áreas espalhadas em todo o mundo e um esforço mais intenso para se ensinar aos jovens de Sião a importância das ordenanças ali realizadas.

O sucesso do mormonismo presentemente e no futuro depende, em última análise, da convicção de cada membro de que a Igreja foi divinamente estabelecida pelo Senhor e Salvador Jesus Cristo e que o Seu poder é possuído por aqueles que têm o Seu santo Sacerdócio. Já que os testemunhos individuais não mostram sinais de desaparecimento,

---

1 Evans, **The Heart of Mormonism**, pp. 511-513.

mas, ao contrário, se manifestam cada vez mais, o futuro da Igreja parece bem assegurado.

Leituras Suplementares

1. Evans, **Heart of Mormonism,** pp. 510-517. (O programa da Igreja para o futuro).

2. James E. Barker, **"The Church Worth Having",** Deseret News, seção dedicada à Igreja, 22 de setembro de 1940.

3. Thomas Nixon Carver. "Uma Religião Positiva". **The Westerner,** abril de 1930.

INTRODUÇÃO DA UNIDADE

IV

A FILOSOFIA MÓRMON

Embora o estudo da história mórmon nos dê uma visão profunda das crenças do povo mórmon, ilustrando vividamente os efeitos de tais crenças na vida de homens e mulheres, uma melhor apreciação da Igreja restaurada e sua mensagem à humanidade somente pode ser obtida através de um estudo da profunda filosofia e crenças dos Santos dos Últimos Dias. Nesta unidade relataremos algumas das coisas fundamentais na filosofia mormon e chegaremos a compreender até certo ponto as contribuições da Igreja ao conhecimento religioso do mundo.

A COMPREENSÃO QUE OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS TÊM DE DEUS

A Natureza de Deus

Tiremos Deus fora da história do mormonismo e ela haveria de se afundar na insignificância. O conceito dos Santos dos Últimos Dias concernente a Deus, a intimidade de suas relações para com Ele e as gloriosas revelações recebidas pelo seu Profeta a Seu respeito, constituem o coração do mormonismo, a pedra de esquina sobre a qual ele foi construído. Conseqüentemente, para compreender a religião restabelecida sobre a terra por Joseph Smith, devemos principiar com um estudo de Deus, à luz que a revelação destes últimos dias lançou sobre o assunto.

A perfeição de Deus tem sido proclamada por todos os profetas. Seu Filho, Jesus Cristo, exemplificou-a enquanto na carne e declarou-a por revelação antes e depois de tal tempo. Também, o Próprio Deus a proclamou. A Moisés o Senhor disse: "Eis que Eu sou o Senhor Deus Todo-Poderoso, e Infinito é o meu nome; porque sou sem princípio de dias ou fim de anos; e não é isso infinito?... minhas obras não têm fim, nem tampouco minhas palavras, porque jamais cessará... todas as coisas estão presentes comigo, porque Eu as conheço todas".[1]

A Abraão o Senhor declarou:

"Estes dois fatos existem: que há dois espíritos, um mais inteligente que o outro; haverá outro mais inteligente que eles; Eu sou o Senhor teu Deus e sou mais inteligente que todos eles".[2]

À luz desta declaração, o Profeta Joseph Smith proclamou que "a glória de Deus é Inteligência".[3]

Durante um dos dircursos do Profeta em Nauvoo, ele disse:

"O próprio Deus já foi como somos agora – ele é um homem exaltado, entronizado em céus distantes! Esse é o grande segredo. Se o véu se rompesse hoje, e o grande Deus que mantém este mundo em sua órbita, e que sustenta todos os mundos e todas as coisas por seu poder se fizesse visível – digo, se vós pudésseis vislumbrá-lo hoje, vê-lo-íeis em forma de homem – como vós em toda pessoa, imagem e na própria forma de um homem; pois Adão foi criado à própria imagem e semelhança de Deus, e dele recebia instruções e com ele andava, falava e conversava, exatamente como um homem fala e conversa com outro...

O primeiro princípio do Evangelho é conhecer com toda certeza o caráter de Deus e saber que podemos falar com ele, assim como os homens falam uns com os outros, e que ele já foi um homem como nós; sim, que o próprio Deus, o Pai de Todos nós, habitou sobre a terra, tal como o próprio Jesus Cristo o fez; e vou prová-lo pela Bíblia".[4]

Jesus Cristo declarou aos homens: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus".[5]

Um Profeta nefita viu em Deus a fonte de tudo o que é bom:

"Portanto, todas as coisas boas vêm de Deus; e as que são más, vêm do demônio; pois o demônio é um inimigo de Deus e luta constantemente contra Ele, tentando e incitando todos ao pecado e a fazerem continuamente o que é mau.

"Mas, eis que aquilo que é de Deus convida e incita continuamente ao bem; portanto, tudo o que incita e instiga a fazer o bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus.

"Portanto, tende cuidado, meus amados irmãos, a fim de que não julgueis ser de Deus o que é mau, ou que seja do demônio aquilo que é bom e de Deus".[6]

O Trabalho e os Atributos de Jesus Cristo, Seu Filho

Revelando a Perfeição de Deus ao Homem

A maior de todas as revelações de Deus ao homem é a de Seus atributos e

1 **Pérola de Grande Valor,** Moisés, 1:3-6.
2 **Pérola de Grande Valor,** Abraão, 3:19
3 **Doutrina e Convênio,** 93:36

4 Discurso de King Follet, **Times and Seasons,** 15 de agosto de 1844. Impresso novamente no livro **Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,** pp. 336-337.
5 Mateus, 5:48.
6. **Morôni,** 7:12-14.

poderes através da pessoa de Deus Filho, Jesus, o Cristo. Tão reveladoras são as palavras e ações de Jesus, que é estranho que qualquer que venha a realmente conhecê-lo falhe em compreender seu Pai, que está no céu. Durante Seu ministério o Mestre repetidamente esclareceu a Seus associados mais íntimos a unidade existente entre o Pai e o Filho.

Explicando Suas boas obras no sábado, o Salvador disse:

"Meu Pai trabaha até agora, e Eu trabalho também...

"Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma se o não vir fazer o pai; porque tudo o que ele faz, o Filho também o faz igualmente.

"Porque o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que faz; e ele lhe mostrará maiores obras que estas para que vos maravilheis.

"Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer...

"Porque assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim Deus também permitiu ao Filho ter a vida em si mesmo..."[7]

Àqueles inimigos que perguntaram a Jesus: "Onde está teu Pai? Jesus respondeu:

"Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se me conhecêsseis, também conheceríeis a meu Pai".[8]

Quando eles levantaram suas mãos para apedrejá-lo, Jesus lhes disse: "Tenho vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual destas obras me apedrejais?".[9]

Jesus, posteriormente, dá outra visão do Pai, quando, ao pedido de Filipe: "Mostra-nos o Pai"; respondeu:

"Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido Felipe? Quem me vê a mim, vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-no o Pai?"

"Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai que está em mim é quem faz as obras".[10]

Da declaração acima torna-se claro que os atributos do Pai são revelados através da vida do Filho. As experiências do homem com o Filho de Deus causaram a revisão de muitas idéias concernentes a Deus, prevalecentes por toda parte posteriormente àquele tempo.

Primeiro: Jesus revelou o amor supremo de Deus por toda a humanidade, um amor tão profundo que poucos tentaram sequer igualá-lo em perfeição. O amor de Cristo abrange ricos e pobres, homens livres e prisioneiros, santos e pecadores, amigos e inimigos. Suas palavras representam uma nova ordem de vida:

"Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem;

"Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.

"Pois se amardes os que vos amam, que galardão havereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?

"E se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?

"Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai que está nos céus".

Todos os pontos de vista dos homens concernentes a Deus e Suas obras entre a humanidade, se variarem do perfeito amor que Cristo ensinou e viveu, devem ser revisados de acordo com essa grandiosa verdade.

Segundo: Jesus revela um Deus cheio de compaixão para com os pecadores e desejo de novamente trazê-los de volta à felicidade. Jesus nunca encontrou um indivíduo de espírito tão baixo, de corpo tão degradado que não pudesse ver nele a possibilidade de se salvar, se tão-somente viesse a acreditar e seguir os Seus ensinamentos. Talvez nada retrate esta compaixão do Pai por Seus filhos como estas linhas:

"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".[12]

Terceiro: Jesus revela a compaixão e

7 **João** 5:17. 19-21, 26.
8 **João** 8:19.
9. **João** 10:32
10. **João** 14:8-10.

11. **Mateus** 5:44-48
12. **João** 3:16.

imparcialidade de Deus. Ele abriu completamente os portões dos céus, desafiou a humanidade toda a seguir o caminho da vida, admoestando-a: "Aquele que quiser ser o maior no reino dos céus deve ser o servo de todos". Os homens deveriam ser julgados pelos seus frutos. Raça, dinheiro, posição ou credo, não haveriam de alterar tal julgamento.

A compaixão de Deus por Seus filhos é ainda retratada nas seguintes palavras, saídas do fundo da alma de Cristo:

"Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não o quiseste!".[13]

Quarto: O Pai ouve e responde as petições justas de Seus filhos. Mesmo Seu Filho Primogênito constantemente procurou seus conselhos, abandonando-se implicitamente à vontade do Pai.

"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á...".[14]

Quinto: A vida de Cristo retrata o modo como Deus age em obediência à lei, pois Jesus se submeteu a Si mesmo às leis físicas e espirituais, sofrendo todas as dores do corpo e abraçando todas as leis espirituais, permitindo que, embora sem pecado, fosse batizado, mostrando assim em toda a sua vida uma perfeita obediência ao Pai.

Sexto: A vida de Jesus retrata a tolerância de Deus. Quando o povo de uma vila samaritana lhe recusou alimento e abrigo, Ele repreendeu a cólera de seus discípulos, que queriam que fogo dos céus descesse para consumir a vila, com as seguintes palavras:

"Não sabeis de que espécie de espírito sois; porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las".[15]

E, novamente, quando seus discípulos se queixavam que um não seguidor de Cristo estava fazendo obras em seu nome, ele repreendeu a sua intolerância, dizendo:

"Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós".[16]

Em toda a sua vida Cristo retrata o Pai aos homens e em todos os atributos divinos retratados o homem tem razão para se regozijar. Pois a bondade de Deus é como o riacho de água fresca numa terra sedenta e Seu perfeito exemplo como os refulgentes raios solares. O crente vê o seu temor a Deus substituído por amor e confiança, com sua incerteza para sempre dispersa.

Contribuições dos S.U.D. para uma Maior Compreensão de Jesus Cristo

O Conceito que os Santos dos Últimos Dias têm de Jesus Cristo

Os S.U.D. aceitam o relato da Bíblia concernente a Jesus na forma como é encontrado nos Evangelhos, cartas e outros escritos do Novo Testamento, que o mostram como Filho literal de Deus na carne. Mestre do perfeito Evangelho; mostram-no também em freqüente comunhão com Seu Pai durante Seu ministério, realizando surpreendentes milagres, morrendo sobre a cruz a fim de salvar a humanidade e ressuscitando dos mortos com o seu corpo atual de carne e ossos, o qual mostrou a muitos de Seus discípulos. Os Santos dos Últimos Dias, através da bondade de Deus, se vêem em posse de grande quantidade de evidências que apóiam os relatos bíblicos, proporcionando também conhecimento adicional concernente a Jesus e Seus ensinamentos. Este conhecimento adicional é encontrado em dois canais, registros antigos trazidos à luz e traduzidos pelo dom e poder de Deus, e revelações adicionais dadas ao Profeta Joseph Smith.

Contribuições do Livro de Mórmon

As principais escrituras antigas trazidas à luz são o **Livro de Mórmon** e o **Livro de Abraão. O Livro de Mórmon**

13. **Mateus** 23:37.
14. **Mateus** 7:7
15. **Lucas** 9:55-56
16. **Marcos** 9:39-40.

presta esclarecimentos sobre a relação existente entre Cristo e os homens e foi escrito especialmente para convencer todas as gerações atualmente sobre a terra "que Jesus é o Cristo, o Deus eterno manifestando-se a todas as nações".[17]

O nascimento de Jesus como o Filho literal de Deus na carne foi predito por Nefi cerca de seis séculos antes de sua ocorrência, como o vemos registrado de maneira tão bela nos seus escritos:

"E sucedeu que, olhando, vi a grande cidade de Jerusalém e também outras cidades. E vi também a cidade de Nazaré e nessa cidade vi uma virgem que era extremamente formosa e branca.

"E aconteceu também que vi os céus abertos; e um anjo desceu e, pondo-se em minha frente, disse: Néfi, que vês tu?

"E eu respondi: Uma virgem mais bela e formosa que todas as outras virgens.

"E disse-me ele: Conheces tu a condescendência de Deus?

"Disse-lhe eu então: Sei que ele ama a seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas.

"E disse-me ele: A virgem que vês é a mãe do Filho de Deus, segundo a carne.

"E aconteceu que eu a vi ser transportada no Espírito. E depois de ter sido ela transportada no Espírito por um certo espaço de tempo, disse-me o anjo: Olha!

"Eu olhei e vi a virgem novamente, carregando uma criança em seus braços.

"E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno".[18]

A Nefi foram também mostrados em visão os doze apóstolos do Salvador na Palestina, bem como a crucificação e ressurreição do Salvador.[19] Conseqüentemente, este relato antigo encontrado no continente americano confirma a história bíblica.

O **Livro de Mórmon** torna claro o trabalho de Jesus Cristo como Criador,[20] como Deus para os habitantes da terra, de acordo com a vontade do Pai,[21] como Redentor da humanidade[22] e como nosso grande advogado e Juiz.[23]

17. Ver a página-título do **Livro de Mórmon**
18. **I Néfi** 11:13-21.
19. **I Néfi** 11:24-34.
20. Ver Mosíah 3:8, 4:2; 3 Néfi 9:15, Éter 3:15-16.
21. Ver 3 Néfi 18:19-30; 19:6-8; Mosíah 15:2-3; Alma 5:50; 11:38-40; 15:2-5.
22. 1 Néfi 2:12; Ênos 1:27; Alma 7:7; Morôni 8:8.
23. Alma 11:44; Néfi 12:9-10; Mórmon 3:18-22.

Entre outras coisas o **Livro de Mórmon** testifica a ressurreição de Jesus; que Ele apareceu como Ser ressuscitado no continente americano, ensinando Seu Evangelho com grande clareza ao povo.[24] As palavras registradas de Jesus, ditas na América, enchem trinta e três páginas do **Livro de Mórmon,** sendo quase de número igual às registradas na Bíblia.

Contribuições do Livro de Abraao

O Livro de Abraão, atualmente publicado na **Pérola de Grande Valor,** adiciona preciosas informações concernentes a Jesus Cristo. Revela a parte por ele desempenhada no Conselho dos Céus, antes do mundo existir, Sua seleção e designação como Redentor, bem como sua aceitação como tal por aqueles que deveriam vir viver na terra.[25]

Conseqüentemente, o **Livro de Mórmon** e o **Livro de Abraão** revelam a Divindade de Jesus e, de acordo com as palavras encontradas neste registro, podemos seguir os Seus ensinamentos sem qualquer questão ou dúvida.

Contribuições das Revelações Modernas

A Igreja recebeu muito conhecimento adicional de Cristo através de revelações recebidas pelo Profeta Joseph Smith. Estas revelações são encontradas em **Doutrina e Convênios,** no **Livro de Moisés** e nos escritos de seu diário. A primeira grande visão do Pai e do Filho tornou claro que eles são personagens separados, com corpos semelhantes ao do homem. Ajudou a provar a ressurreição do Salvador, que Ele ainda vive e reina; Joseph testifica que durante o aparecimento do Pai e do Filho, o Pai falou primeiro, apontando o Filho e dizendo: Ouve-O". Então o Filho instruiu Joseph e deu-lhe subseqüentes revelações mostrando assim ao homem a relação existente entre o Pai e Seu Filho. Deste evento e de revelações subseqüentes é evidente que a Jesus Cristo foi dado o encargo deste mundo e que

24. Os estudiosos devem ler cuidadosamente todo o livro de 3 Néfi.
25. Ver **Pérola de Grande Valor,** Abraão 3:22-28.

Ele representa o Pai em tudo o que faz ou diz.

O livro **Doutrina e Convênios,** que contém uma coleção de revelações recebidas subseqüentemente à primeira grande visão está repleto de informações concernentes à missão de Jesus Cristo e Sua relação para com os homens. Lemos, por exemplo:

"Pois eis que Eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer.

"Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como Eu sofri;

"Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente – desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória ao Pai, Eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens".[26]

E Novamente,

"Portanto, o Deus Todo-poderoso deu o Seu Filho Unigênito, como está escrito nas Escrituras que foram dadas por Ele.

"Ele sofreu tentações mas delas não fez caso.

"Foi crucificado, morreu, e ressuscitou no terceiro dia;

"E subiu aos céus, para assentar-se à direita do Pai para reinar em onipotência de acordo com a vontade do Pai.

"Para que todos os que cressem e fossem batizados no Seu santo nome, e perseverassem em fé até o fim, fossem salvos".[27]

A missão de Jesus em seu todo, bem como Sua relação com o Pai e o homem é retratada no seguinte:

"Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a Mim e clamar ao Meu nome, e obedecer à Minha voz e guardar os Meus mandamentos, verá a Minha face e saberá que Eu sou;

"E que sou a luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem ao mundo;

"E que estou no Pai e o Pai em Mim e o Pai e Eu somos um.

"O Pai, porque Ele me deu de Sua plenitude, e o Filho, porque estive no mundo e fiz da carne Meu tabernáculo, habitando entre os filhos dos homens.

"Estive no mundo e recebi do Meu Pai, e as obras dele foram plenamente manifestas.

"E João viu e testificou quanto à plenitude da Minha glória, e a plenitude do testemunho de João será mais tarde revelada.

26. **Doutrina e Convênios**, 19:16-19.
27. **Doutrina e Convênios**, 20:21-25.

"E ele testificou dizendo: Eu via Sua glória e que Ele era no princípio, antes de o mundo ser:

"Portanto, no princípio era o Verbo, pois Ele era o Verbo, mesmo, o mensageiro da salvação.

"A luz e o Redentor do mundo; o Espírito da verdade, que veio ao mundo, porque o mundo foi feito por Ele, e nele estava a vida e a luz dos homens.

"Os mundos foram feitos por Ele; e os homens foram feitos por Ele, todas as coisas foram feitas por Ele, por meio Dele, e Dele.

"E eu, João, presto testemunho de que contemplei a sua glória, como a glória do Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade, mesmo do Espírito da verdade, o qual veio e habitou na carne e habitou entre nós.

"E eu, João, vi que a princípio Ele não recebeu da plenitude, mas recebeu graça por graça;

"E a princípio não recebeu a plenitude, mas continuou de graça em graça, até receber a plenitude;

E assim Ele se chamou Filho de Deus, porque não recebeu a plenitude a princípio.

"E eu, João, testifico, e eis que os céus se abriram, e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma de pomba, pousando nele; e veio uma voz do céu que dizia: Este é Meu Filho amado.

"E eu, João, testifico que Ele recebeu a plenitude da glória do Pai.

"E recebeu do poder, tanto nos céus como na terra, e a glória do Pai estava com Ele, pois habitava nele.

"E acontecerá que, se fordes fiéis, recebereis a plenitude do testemunho de João.

"E vos dou estas palavras para que possais compreender e saber como adorar, e saber o que adorais, para que venhais ao Pai em Meu nome, e no devido tempo recebais da Sua plenitude.

"Pois se guardardes os Meus mandamentos, recebereis da Sua plenitude e sereis glorificados em Mim como Eu sou no Pai; portanto, vos digo, vós recebereis graça por graça.

"E agora, na verdade vos digo que no princípio Eu estava com o Pai, e Eu sou o Primogênito.

"E todos os que são gerados através de Mim são participantes da glória do Mesmo, e são a Igreja do Primogênito.

"Vós também no princípio estáveis com o Pai; aquele que é Espírito, sim, o Espírito da verdade".[28]

Tendo ganho compreensão do Senhor e Salvador Jesus Cristo através de admirável visão celestial, Joseph Smith e Sidney Rigdon prestam testemunho nas seguintes palavras:

28. **Doutrina e Convênios**, 93:1-23.

"E enquanto meditávamos sobre essas coisas, o Senhor tocou os olhos dos nossos entendimentos, os quais se abriram, e a glória do Senhor brilhou ao nosso redor.

"E contemplamos a glória do Filho, à direita do Pai, recebendo da Sua plenitude;

"E os santos anjos e aqueles que foram santificados vimos diante de Seu trono, adorando a Deus e ao Cordeiro, a quem adoram para todo o sempre.

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos Dele: que Ele vive!

"Pois vimo-lo à direita de Deus e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai.

"Que por Ele, por meio Dele e Dele, foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus".[29]

O Termo "Pai" em Sua Aplicação a Jesus Cristo

Por ser a obra de Cristo e a de Seu Pai a mesma, pois são Um em tudo o que fazem, é fácil confundir suas personalidades. Os títulos, Deus; Deus, o Eterno Pai; o Supremo Pai, e outros, aplicam-se a ambos o Pai e o Filho, e necessitam de alguma explicação. As passagens das Escrituras nas quais Jesus fala como se fosse o Pai são numerosas, mas de fácil compreensão, quando consideramos a unidade de propósito e procedimento do Pai e do Filho.

O termo "Pai", aplicado à Deidade, ocorre na literatura sagrada com significados completamente diferentes. É usado para designar tanto a Deus, o Pai, como Cristo, o Filho, da mesma forma que outros títulos. Nos templos dos Santos dos Últimos Dias os nomes "Elohim", para o Pai, e "Jeová", para o Filho, são constantemente usados, sendo assim toda a confusão e desentendimento evitados. Nas Escrituras faz-se referência freqüente tanto a Elohim como a Jeová como Deus, Pai, Deus o Eterno Pai, Deus o Pai Supremo, etc. No uso atual Elohim é o único título divino que não é aplicado a Jesus Cristo, o Filho, mas, sim, somente ao Pai. Por serem vários os títulos que envolvem o termo Pai, aplicáveis a Jesus Cristo, é importante quando Ele, Jesus Cristo, pode ser apropriadamente designado como nosso "Pai".

Quando usamos o termo "Pai", em referência a Elohim, temos em mente aquele Ser que é literalmente o Pai de nossos corpos espirituais. As Escrituras que demonstram isto são muito numerosas. De acordo com elas, Elohim é o Pai Literal de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e dos espíritos da raça humana.[30] Por Jesus fomos ensinados a orar: "Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome".

Jesus Cristo aplica a Si mesmo ambos os títulos "Filho" e "Pai". Ao aparecer ao irmão de Jared, Ele disse: "Eis que Eu sou Jesus Cristo. Eu sou o Pai e o Filho".[31] Ele aqui não usa o termo "Pai" no sentido de pai literal, pois certamente não podemos ter dois pais literais de nossos espíritos. Há, entretanto, outros significados do termo nas Escrituras.

O Termo Pai Como Criador

Criador é um importante significado bíblico do termo "Pai".

"Deus não é o Pai da terra, que é um dos mundos no espaço, nem dos corpos celestiais, total ou parcialmente, nem dos objetos inanimados, plantas e animais terrenos, no mesmo sentido literal em que é Pai dos espíritos do gênero humano. Portanto, as Escrituras que de qualquer maneira se referem a Deus como o Pai dos céus e da terra devem se entender no sentido de que Deus é o que fez, é o Organizador e o Criador dos céus e da terra".[32]

Baseadas no significado acima é que inúmeras passagens das escrituras se referem a Jesus Cristo, que, sob a direção de Elohim, organizou os céus e a terra, como "O Pai", "O Pai Eterno" e, até mesmo "o Pai Eterno dos céus e da terra".[33] No **Livro de Mórmon** nós lemos:

"E Zeezrom disse-lhe novamente: É o Filho de Deus o verdadeiro Pai Eterno? Respondeu-lhe Amuleque: Sim, ele é o Pai Eterno dos céus, da terra e de todas coisas que neles existem".[34]

---

29. **Doutrina e Convênios,** 76:19-24.

30. Ver Hebreus 12:9.
31. **Éter** 3:14.
32. Declaração da Primeira Presidência e Conselho dos Doze Apóstolos, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no dia 30 de junho de 1916. Regras de Fé, Talmage (Apêndice).
33. Ver Mosiah 15:4, 16:15, Éter 4:7.
34. **Alma** 11:38-39.

Conseqüentemente, sendo Jesus Cristo o Criador, a Ele se faz apropriada referência como o "Pai". Já que Suas criações são de caráter eterno, Ele é muito apropriadamente chamado o "Pai Eterno dos céus e da terra".[35]

Jesus Cristo, o "Pai" Daqueles que Seguem o Seu Evangelho

Um segundo sentido pelo qual Jesus Cristo é chamado de "Pai" tem ligação à relação existente entre Ele e os que aceitam o Seu Evangelho, tornando-se assim herdeiros da vida eterna.

Este significado é esclarecido pelo exame de algumas passagens das Escrituras.

Na Última Ceia, quando com Seus apóstolos, pouco antes de Sua entrada no Jardim de Getsêmani, Jesus Cristo orou a Seu Pai, pedindo em favor daqueles que o Pai lhe havia dado:

"Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste: eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra.

E agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti:

Porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles a receberam, e verdadeiramente têm conhecido que saí de ti; e creram que tu me enviaste.

Eu rogo por eles: não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus.

E todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas: e nisso sou glorificado.

E eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti, Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós.

Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição para que a Escritura se cumprisse".[36]

E mais adiante:

"Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim:

Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.

E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um.

"Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim.

Pai, aqueles que me deste, quero que onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste: porque tu me hás amado antes da criação do mundo".[37]

Numa revelação dada aos Santos dos Últimos Dias através do Profeta Joseph Smith, o Salvador disse:

"Não temais, pequeninos, pois sois Meus, Eu venci o mundo e vós sois parte daqueles a Mim dados pelo Pai".[38]

O Salvador repetidamente chamou Seus seguidores de filhos. Numa revelação a Hyrum Smith, em 1829, lemos:

"Eis que Eu sou Jesus Cristo, o Filho de Deus. Sou a vida e a luz do mundo.

"Sou o mesmo que vim aos meus e não me receberam.

"Mas na verdade, na verdade te digo que a todos quantos me receberem, darei o poder para se tornarem filhos de Deus, sim, a todos os que crêem em meu nome".[39]

Numa revelação endereçada a Orson Pratt em 1830, lemos:

"Meu Filho Orson, atende, ouve e vê o que Eu, o Senhor Deus, te direi, mesmo Jesus Cristo, teu Redentor:

"A luz e a vida do mundo, uma luz que resplandece nas trevas e as trevas não a compreendem.

"Aquele que de tal modo amou o mundo,que deu a sua própria vida, para que todos os que cressem pudessem tornar-se os filhos de Deus. Portanto, tu és Meu filho".[40]

Os homens podem tornar-se filhos de Jesus Cristo ao nascerem novamente, ao nascerem de Seu espírito. Quando um indivíduo acredita em Cristo e é adequadamente batizado, entrando numa nova vida espiritual, e em seguida confirmado, nasce da água e do espírito para uma nova vida espiritual, passando Jesus a ser seu Pai.[41] Conseqüentemente, João escreveu aos membros da antiga Igreja Cristã:

"E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho.

35. Ver Talmage, **"Jesus o Cristo"**, Cap. IV, Isaías, 9:6. Comparar com 2 Néfi 19:6.
36. **João** 17:6-12.

37. **João** 17:20-24.
38. **Doutrina e Convênios,** 50:41.
39. **Doutrina e Convênios,** 11:28-30
40. **Doutrina e Convênios,** 34:1-3; passagens adicionais: 9:1; 25:1; 121:7.
41. Ver 1 Pedro 1:23; 1 João 3:9; 5:15; João 1:1-14.

"Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida".[42]

Aqueles que nasceram para Deus através da obediência ao Evangelho podem, através de valente devoção à justiça, obter grandes honras no Reino Celestial e até mesmo chegar a ser um Deus. De tais lemos:

"Portanto, como está escrito, eles são deuses, os filhos de Deus".[43]

Continuam, entretanto, sujeitos a Jesus Cristo como seu Pai, de acordo com o que lemos: "E eles são de Cristo, e Cristo é de Deus".[44]

Assim, através do novo nascimento — o da água e do Espírito, podemos nos tornar "filhos e filhas gerados para Deus".[45] Esta grande verdade é acentuada pelas palavras do Salvador através de Joseph Smith, em 1833:

"E agora, na verdade vos digo que no princípio Eu estava com o Pai, e Eu sou o Primogênito;

"E todos os que são gerados através de Mim são participadores da glória do Mesmo, e são a Igreja do Primogênito".[46]

Conseqüentemente, é certo que aqueles que entram no Reino de Cristo o chamam de "Pai".

Jesus Cristo é o "Pai" Através da Autoridade Divina Que Lhe Foi Investida

A terceira razão para se aplicar o título "Pai" a Jesus Cristo é encontrada no fato de que em todas as suas obras entre a família humana, Jesus, o Filho, representou e ainda representa Elohim, Seu Pai, em poder e autoridade. Em Seu estado pré-mortal, no qual era conhecido perante os homens como Jeová, durante a sua encarnação e durante os seus labores como espírito desencarnado no mundo espiritual, e desde o tempo de sua ressurreição, Jesus Cristo tem representado Seu Pai e tem sido como um Pai para a humanidade.

De maneira similar, os mensageiros celestiais enviados por Cristo à terra freqüentemente falam ao homem na primeira pessoa, como se fossem Cristo. João, o Revelador, registra que foi visitado por um anjo, que lhe ministrou e que com ele falou no nome de Jesus Cristo. Em seu relato do acontecimento lemos:

"Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo.[47]

João estava para adorar o ser angelical que com ele falou no nome do Senhor Jesus Cristo, quando lhe foi proibido que o fizesse:

"E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar.

"E disse-me: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus".[48]

A seguir o anjo continuou a falar, como se fosse o próprio Senhor Jesus Cristo:

"E eis que cedo venho, e meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.

"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro".[49]

O Senhor Jesus Cristo, ressuscitado, havia emprestado o Seu nome ao anjo enviado a João e o anjo falou na primeira pessoa, dizendo: "Eis que cedo venho", "Sou o Alfa e o Ômega", embora ele quisesse dizer que Jesus Cristo haveria de vir e que Jesus Cristo era o Alfa e o Ômega. Da mesma forma Jesus Cristo representa o Pai.

Conseqüentemente, vemos que de três distintos modos podemos considerar Cristo como o "Pai". Estas considerações não alteram, entretanto, no mínimo grau, a relação literal de Pai e Filho entre Elohim e Jesus Cristo; e, embora chamemos o Salvador de nosso "Pai", é também apropriado chamá-lo de nosso "Irmão Maior", pois Ele é literalmente

---

42. **João** 5:11-12.
43. **Doutrina e Convênios**, 76:58.
44. **Doutrina e Convênios**, 76:59.
45. **Doutrina e Convênios**, 76:24.
46. **Doutrina e Convênios**, 93:21-22. Comparar com 1 Cor. 4:15; **Doutrina e Convênios**, 84:33-34.
47. Apocalipse 1:1
48. Apocalipse 22:8-9
49. Apocalipse, 22:12-13.

nosso Irmão Maior e pertence à mesma ordem de seres espirituais a que pertencemos.[50]

Ele é em essência maior que Seus irmãos pelas seguintes razões: (1) "É o mais velho ou o primogênito; (2) é o único a ter nascido de uma mãe mortal e de um Pai imortal ou ressuscitado e glorificado; (3) foi selecionado e pré-ordenado como o único Redentor e Salvador do gênero humano; e (4) Sua transcendente impecabilidade.

"Jesus Cristo não é o Pai dos espíritos que tomaram, ou que no futuro tomarão corpos sobre esta terra, porque Ele é um deles. É o Filho, assim como eles são filhos ou filhas de Elohim. Do que foi dado a conhecer sobre os passos do progresso eterno e desenvolvimento, devemos compreender que somente seres ressuscitados e glorificados podem ser pais de progenie espiritual".[51]

O Espírito de Deus

Os termos "Espírito de Deus", "Santo Espírito", "Espírito Santo" e "Luz de Cristo" são freqüentemente usados como sinônimos em nossas Escrituras e em nossos sermões. Entretanto, têm distintos significados, os quais não devem ser esquecidos. O Espírito de Deus, embora não completamente compreensível para o homem, pode ser entendido pelo menos em parte.

Conseqüentemente, já que Deus é uma pessoa perfeita, com um corpo de forma e tamanho definidos, ele não pode, corporalmente, pelo menos, estar presente em mais que um lugar de cada vez. Surgem então as perguntas: Como pode Deus, de um só lugar, governar a imensidade do universo? Como pode Ele estar a par das necessidades de seus muitos filhos?

Nós somos seres humanos, bastante limitados em nosso conhecimento do universo no qual vivemos, e bastante incapazes de compreender tudo o que esteja além do domínio de nossa limitada experiência. O Salmista deve ter sido possuidor de uma fé incomum e de uma grande compreensão e entendimento, para se inspirar a escrever estas linhas:

"O Senhor olha desde os céus e está vendo a todos os filhos dos homens:

"Da sua morada contempla todos os moradores da terra.

"Ele é que forma o coração de todos eles, que contempla todas as suas obras".[52]

Desde que a mente atual do homem se viu aberta por experiências com rádio e televisão, e pela universalidade da eletricidade como meio de transmissão de vibrações que produzem som, imagem, cor etc., não mais é difícil acreditar no poder de Deus, personagem que se conserva em constante contato com todo seu universo e os habitantes que nele vivem.

O meio pelo qual Deus controla o universo e pelo qual Ele pode inspirar e dirigir Seus filhos é chamado pelas Escrituras o Espírito de Deus. Embora tenha sido assemelhado à luz do sol, à eletricidade ou aos elétrons, que compõem toda a matéria e vida, não foi identificado com nenhum deles e pode ser uma substância desconhecida para o homem, além de sua atual compreensão. Algumas coisas, entretanto, sabemos a respeito:

"E o Espírito dá luz a todo o homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo o homem no mundo que atende à sua voz".[53]

"E a luz que brilha e que vos alumia provém daquele que ilumina os vossos olhos, e é a mesma luz que vivifica a vossa compreensão; luz essa que provém da presença de Deus para encher a imensidade do espaço — A luz que está em tudo, e dá vida a tudo, que é a lei pela qual todas as coisas são governadas".[54]

O Espírito Santo

O Espírito Santo não deve ser confundido com o Espírito de Deus, embora ambos os termos sejam freqüentemente

50. Ver Hebreus, 2:17.
51. Declaração da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze, no dia 30 de junho de 1916. Ver Talmage, Regras de Fé, Apêndice, p. 428.
52. Salmos, 33:13-15.
53. **Doutrina e Convênios,** 84:46, 83:2.
54. **Doutrina e Convênios,** 88:11-13. Ver também **Doutrina e Convênios,** 50:27, 12:9, 29:30, 84:45; 88:7, 66:67.

usados como sinônimos. O Espírito Santo é uma pessoa. Dessemelhante ao Pai e ao Filho, que têm corpos de carne e ossos, o Espírito Santo não tem corpo (isto é, composto dos elementos que conhecemos) mas, é um personagem de espírito.[55] Embora não saibamos com certeza como seja o corpo espiritual, consideráveis esclarecimentos já nos foram dados sobre o assunto através da declaração de Cristo a Moriancumr, o irmão de Jared, quando ele, num monte, viu o Senhor, séculos antes de aparecer sobre a terra na carne:

"Eis que sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir Meu povo... e nunca Me mostrei a nenhum homem dos que criei, pois nunca houve um homem crente em mim como tu és. Vês que foste criado segundo Minha própria imagem? Sim, aliás, todos os homens foram criados, no começo, à minha própria imagem. E eis que este corpo que agora vês é o corpo do meu espírito; e o homem foi por mim criado segundo o corpo do meu espírito; e assim como te apareço em espírito, Eu aparecerei ao meu povo na carne".[56]

Como indivíduo, o Espírito Santo somente pode estar num lugar de cada vez. Sua influência, entretanto, pode alcançar os mais distantes pontos do universo, operando do mesmo modo que o Espírito de Deus, modo este pelo qual são governadas e controladas todas as coisas. Porque o Espírito Santo age por e através do Espírito de Deus, esta influência é freqüentemente designada Espírito de Deus. Esta influência do Espírito Santo emana, entretanto, da sua própria pessoa e não deve ser confundida com o Espírito de Deus, que é o meio através do qual o Espírito Santo age. Tampouco deve ser a pessoa do Espírito Santo confundida com a mensagem Dele advinda, que é freqüentemente designada como Santo Espírito.[57]

"O Espírito Santo é um personagem de Espírito, que se constitui na terceira pessoa da Trindade. O dom ou apresentação do Espírito Santo é o ato autorizado de conferir o Espírito Santo ao homem. O Espírito Santo pode, em pessoa, visitar os homens, e certamente visita aqueles que são dignos e presta testemunho do Espírito de Deus e de Cristo, não permanecendo, porém, com eles. O Espírito de Deus, emanado de Deus, pode ser assemelhado à eletricidade... que enche a terra e o ar e está presente em toda parte. É o poder de Deus, a influência que Ele exerce através de Suas obras, pelas quais realiza Seus propósitos e executa Sua vontade, em conformidade com as leis de livre arbítrio que conferiu ao homem. Através deste Espírito todos os homens são iluminados, tanto os justos como os injustos, os inteligentes como os ignorantes os ricos como os pobres, todos de acordo com sua capacidade de receber tal luz; e este Espírito ou influência que emana de Deus pode ser designado como a consciência do homem, nunca cessando de lutar com ele, até que ele se veja possuidor de uma inteligência superior, que só pode ser conseguida através da fé, do arrependimento, do batismo para remissão dos pecados e do dom ou apresentação do Espírito por quem tem autoridade".[58]

O Profeta Joseph disse: Existe uma diferença entre o Espírito Santo e o dom do Espírito Santo. Cornélio recebeu o Espírito Santo antes de batizar-se, que para ele foi o poder convincente de Deus sobre a veracidade do Evangelho; mas não podia receber o dom do Espírito Santo senão depois de batizado. Não tivesse tomado sobre si esse sinal ou ordenança, o Espírito Santo que o convencera da verdade de Deus ter-se-ia apartado dele. Até que obedecesse a essas ordenanças e recebesse este dom pela imposição das mãos, de acordo com a ordem de Deus, não poderia curar os enfermos, nem ordenar a um espírito maligno que saísse de um homem e ser obedecido.[59]

O Espírito Santo é o mensageiro de Deus o Pai e do Filho Jesus Cristo àqueles que entraram no Reino ou Igreja de Deus. O dom do Espírito Santo segue ao batismo e é concedido pela imposição das mãos, por aqueles que possuem autoridade de Cristo para concedê-lo. Pois, Cristo assim disse: "Aquele que foi batizado em meu nome receberá do Pai o Espírito Santo como eu recebi; segui-me, pois, e fazei as coisas que me vistes fazer".[60]

E novamente:

"Em verdade em verdade vos digo que esta é a minha doutrina, e dela vos dou testemunho pelo Pai; e todo aquele que crê em mim crê também no Pai; e a todo aquele que crer em mim o

---

55. **Doutrina e Convênios,** 130:22.
56. Éter 3:14-16
57. Ver Talmage, **Regras de Fé,** pp 149-160.
58. Joseph F. Smith, **Improvement Era,** Vol 12, p 389 (Março de 1909).
59. **Ensinamentos,** p 194
60. **2 Néfi,** 31:12

Pai dará testemunho de mim, porque ele o visitará com fogo e com o Espírito Santo.

"E assim o Pai dará testemunho de mim, e o Espírito Santo o dará dele e de Mim; porque o Pai, eu e o Espírito Santo somos um...

"E novamente vos digo que vos deveis arrepender... e tornar-vos como uma criancinha e ser batizados em meu nome, ou, de outro modo, não podereis receber estas coisas".[61]

No que concerne aos poderes pessoais e atributos do Espírito Santo, pouco sabemos. Deve, entretanto, ser perfeito nestas coisas, pois é um, juntamente com o Pai e o Filho. Das Escrituras aprendemos que ele ensina e guia,[62] fala, comanda e comissiona,[63] reprova o pecado,[64] intercede pelos pecadores,[65] se entristece,[66] procura e investiga,[67] estimula,[68] testifica do Pai e do Filho[69], e conhece todas as coisas.[70]

O Espírito Santo, ou o direito de ser por Ele instruído, é um dom de Deus aos justos que obedecem aos mandamentos e cumprem as ordenanças. As instruções do Espírito Santo são um pré-requisito indispensável, previamente necessário a fim de se obter conhecimento de Deus e de que Jesus Cristo é Seu Filho. Sem o Espírito Santo os homens poderão acreditar e, através das muitas evidências, desenvolver sua fé, mas, como o Apóstolo Paulo declarou:

"Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor (isto é, com certeza), senão pelo Espírito Santo".[71] Conseqüentemente, o Espírito Santo é um revelador e ninguém o recebe sem ser o recipiente de uma revelação.[72]

61. **3 Néfi,** 11:35-38.
62. **João,** 14:26; 16:13.
63. **Atos** 10:19, 13:2; Apocalipse 2:7; 3 Néfi; 4:6; 11:2-12.
64. **João,** 16:8.
65. **Romanos** 8:26.
66. **Efésios** 4:30.
67. **1 Coríntios** 2:4-10.
68. **Mosiah** 3:19.
69. **João** 15:26.
70. **Alma** 7:13.
71. **1 Coríntios** 12:3.
72. Ver Joseph Smith, **History of the Church,** Vol. IV, p. 58.

Leituras Suplementares

Como Podemos Conhecer a Deus

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 7-28.

Obra e Atributos de Deus, o Pai

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 29-50.

Doutrina e Convênios, Seção 20:16-36.

Obra e Atributos de Jesus Cristo

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 510--519.

Talmage, James E. "Our Lord, the Christ"

Improvement Era, Vol. 35. (Dez., 1932)

Doutrina e Convênios, Seção 93:1-29

O Espírito Santo

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 195--206.

Smith **Doutrina do Evangelho,** pp. 54-55.

Comunicação Entre Deus e o Homem

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 308--318.

Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 197--202 (Oração).

Roberts, **Defense of the Faith,** Vol. 1, pp. 501-532. (Revelação e Inspiração).

Leituras Gerais:

Widtsoe, **A Rational Theology,** pp. 24, 29, 65-82.

Doutrina e Convênios, Seção 93:1-40

Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 32-43, 48-63.

Talmage, **Regras de Fé,** pp. 35-52.

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 7-50, 195-206, 308-318, 442-451, 510-519.

Livro de Mórmon, Éter 3:3; 3 Néfi 11.

Doutrina e Convênios 76:19-24; 110:1-4.

Pérola de Grande Valor, Moisés 1; Abraão 3.

Roberts, B.H., "The Revelation of God", **Deseret News,** Church Section, 11 de Fevereiro de 1933.

Talmage, **Vitality of Mormonism,** pp. 42-45, 51-54.

CAPÍTULO 44

O PLANO DE VIDA DO EVANGELHO

O Que Envolve a Crença de Deus Como Pai

Ao olharmos para Deus como nosso Pai toda nossa atitude em relação a Ele é automaticamente mudada. Ele não mais parece distante, remoto e inacessível. Começamos a recorrer a Ele com a mesma facilidade que recorremos a nossos pais terrenos, confiantes de sermos ouvidos e de que nossos pedidos, se soubermos fazê-los e se forem para nosso bem, serão atendidos. Jesus disse a seus maravilhados seguidores:

"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede recebe; o que busca, encontra; e ao que bate, se abre; E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?"[1]

Desde que somos Seus filhos, Deus, como nosso Pai, tem que estar interessado em nós. Ele deve desejar que sejamos felizes, não um ou alguns de nós, mas todos os Seus filhos. Portanto, tudo que Ele faz para o homem é para o seu bem. Mórmon tinha isto em mente quando escreveu:

"Portanto, todas as coisas boas vêm de Deus... aquilo que é de Deus, convida e incita continuamente ao bem; portanto, tudo o que incita e instiga a fazer o bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus".[2]

Também é lógico que Deus, nosso Pai, deve ter feito planos para nós, Seus filhos, a fim de que possamos progredir rumo à perfeição que ele alcançou, e, tendo formulado estes planos, trabalha continuamente para sua realização e sucesso. A crença em um Deus pessoal, o pai de nossos espíritos, dá um propósito à criação e à vida. Entender este propósito é estabelecer uma certeza em torno da qual toda a nossa filosofia de vida pode seguramente descansar.

Seria impossível para uma criança entender muito dos planos que seu pai terreno tem para ela, a não ser que seu pai resolvesse explicar-lhe com palavras e ilustrações das mais simples possíveis. À medida que a criança vai crescendo e desenvolvendo sua mente, torna-se capaz de entender mais dos planos de seu pai no que se refere à sua educação, viagens e preparativos para futuros negócios. Virá a apreciá-los, podendo mesmo vir a ajudar a realizá-los.

Somos como crianças quando começamos a entender os eternos propósitos de Deus. Podemos perfeitamente compreender alguns dos planos que Ele tem para nós, parte deles talvez esteja além de nossos presentes conhecimentos. Nosso aprendizado torna-se um processo de adicionar verdade a verdade. Dos planos que Deus tem para nós, pouco poderíamos entender se ele não os tivesse contado a alguns de Seus filhos que apelaram diretamente a Ele, pedindo luz e entendimento.

Então, quando começamos a ver Deus como nosso Pai e entender Seus propósitos eternos para conseguir a imortalidade e vida eterna de seus filhos, nossos corações naturalmente se voltam a ele em agradecimento, e sentimos o desejo de ajudá-lo e de agradá-lo. É o mesmo sentimento que temos quando procuramos ajudar nossos pais terrenos em um valioso projeto designado à nossa felicidade e com o qual esperamos receber palavras de encorajamento e elogio.

Felizmente para nós, Deus tem revelado àqueles que estão preparados para ler e acreditar, a parte dos seus planos que somos capazes de compreender e de seguir.[3]

O Plano de Vida do Evangelho
A Vida do Homem Antes de Vir a Este Mundo

Antes de este mundo ser organizado,

1. Mateus 7:7-11.
2. Morôni 7:12-13.

3. Ver Alma 29.

vivíamos como filhos espirituais de nosso Pai Celestial. A completa natureza desta existência nos é desconhecida. Não fosse por algumas revelações referentes a este assunto, nada saberíamos. Os fatos importantes que nos são de proveito nesta existência já nos foram revelados. Aprendemos que todos que aqui estão, ou que aqui estiveram, ou que aqui virão, tiveram um estágio espiritual de existência antes do começo deste mundo.[4]

Nesta vida pré-terrena o homem exercia sua própria vontade ou livre arbítrio, estava sujeito às leis de progresso, progredindo em diversos graus de sua capacidade e inteligência. O antigo Patriarca Abraão conta que o Senhor lhe revelou em uma visão, por meio de Urim e Tumim, a vida na existência pré-terrena. Depois de mostrar a Abraão as diversas ordens dos mundos que havia criado, alguns maiores que os outros, o Senhor disse:

"Se houver dois espíritos, e um for mais inteligente que o outro, estes dois espíritos, não obstante um ser mais inteligente que o outro, não têm princípio; existiram antes; não terão fim; existirão depois, porque são gnolaum, ou eternos. E o Senhor disse-me: Estes dois fatos existem; que há dois espíritos, sendo um mais inteligente que o outro; haverá outro mais inteligente que eles; Eu sou o Senhor teu Deus e sou mais inteligente que todos eles... Habito no meio de todos eles; e, agora, portanto, desci a ti para mostrar-te as obras que minhas mãos têm feito, no que minha sabedoria e prudência excede a todos eles, pois reino nos céus acima, e embaixo na terra, com toda a sabedoria e prudência, sobre todas as inteligências que teus olhos viram desde o princípio; no princípio desci no meio de todas as inteligências que viste".[5]

Estes espíritos, a que nos referimos não possuíam corpo de carne e ossos como nós agora possuímos, mas em forma, eram iguais ao homem atual, definidos em tamanho, tipo e substância.[6] Podiam conversar um com o outro,[7] exercitar sua vontade no problema da escolha,[8] experimentar tristeza[9] e alegria,[10] em resumo, a não ser pelas limitações devidas à falta de um corpo físico e às limitações do meio, com certeza gozavam de associação um com o outro e ouviam os ensinamentos mútuos como fazem os homens aqui na terra.

Nessa existência, os homens e Jesus eram iguais, da mesma raça, natureza e essência. Jesus é nosso irmão mais velho, o Primogênito do Pai.[11]

Embora estejamos muito longe do progresso que ele conseguiu com seus poderes intelectuais e espirituais, um estudo Seu revela muito concernente à natureza do homem e suas possíveis realizações.

Jesus disse a seus seguidores:

"E agora, na verdade vos digo que no princípio eu estava com o Pai, e Eu sou o Primogênito... O homem (ou seja raça) também no princípio estava com Deus. A inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita, nem pode deveras ser feita. Naquela esfera em que Deus a colocou, toda a verdade é independente para agir por si mesma, assim como também toda inteligência; doutra maneira não há existência. Eis que nisto consiste o livre arbítrio do homem, e nisto consiste a condenação do homem; porque aquilo que foi desde o princípio lhes é claramente manifesto, e eles não recebem a luz. E todo homem cujo espírito não recebe a luz está sob condenação. Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, o espírito e elemento inseparavelmente ligados recebem a plenitude da alegria".[12]

Deus, o Pai de todos nós, está interessado no progresso de seus filhos, e revela seu interesse para conosco nestas palavras:

"Porque eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem".[13]

A realização desta obra não pode ser obtida somente por Deus. Cada inteligência é um ente independente de outras inteligências, livre para agir e possuindo vontade própria. No mundo espiritual como no mundo físico, fizemos escolhas erradas, sendo nosso progresso por este motivo retardado. Aquela existência, como esta, é governada

---

4. **Pérola de Grande Valor,** Abraão 3:22-24.
5. **Pérola de Grande Valor,** Abraão 3:18-21.
6. Ver Éter 3 (onde um personagem espiritual é revelado).
7. **Pérola de Grande Valor,** Moisés 4:1-2, Abraão 3:27.
8. **Pérola de Grande Valor,** Moisés 4:3-4.
9. **Pérola de Grande Valor,** Abraão 3:28.
10. **Jó** 38:4-7.
11. **Hebreus** 2:10-11, **Doutrina e Convênios** 93.
12. **Doutrina e Convênios,** 93:21, 29-33.
13. **Pérola de Grande Valor,** Moisés, 1:39.

por leis. Estas leis devem ter sido ensinadas pelo Pai a Seus filhos. Alguns a observaram e fizeram progresso, enquanto os outros devem ter desobedecido a ela.

Preordenação

Parece que o caráter de Seus filhos lhe era tão conhecido, que ele fez algumas seleções, mesmo durante a preexistência, para missões específicas de levar avante seus planos referentes à vida mortal aqui na terra.

Abraão disse:

"Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre todas estas havia muitas nobres e grandes. E Deus viu estas almas que eram boas, e ele ficou no meio delas, e disse: A estes farei meus governantes; porque ele estava entre os que eram espírito, e viu que eles eram bons; e disse-me: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres".[14]

A designação de Deus para seus filhos espirituais realizarem tarefas específicas aqui na terra é chamada "preordenação". Quantos foram previamente chamados não foi ainda revelado, mas pode ser que nem todos nós tenhamos sido chamados para missões específicas. Esta crença, de preordenação não deve ser confundida com a doutrina de predestinação, a qual é contrária ao plano do Evangelho.[15] Aqueles chamados para tais trabalhos não perdem seu livre arbítrio. Eles poderão em qualquer ocasião rejeitar o trabalho para o qual foram chamados.[16] Podem até mesmo rejeitar o Senhor que os chamou. Mas seus chamados foram baseados em um entendimento superior ao nosso e foram feitos entre aqueles que provaram ser nobres e grandes.

Planos Para Uma Vida Terrena

Embora tivéssemos felicidade e alegria no mundo espiritual, é evidente que havia limitações ao crescimento, as quais somente poderiam ser removidas ao adquirirmos um corpo físico, ou ao unirmos o espírito com os elementos. Nas escrituras lemos:

"Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria. E quando separados não pode o homem receber a plenitude da alegria".[17]

O Senhor como um Pai, interessado no bem-estar de seus filhos, procurou conseguir uma união eterna do espírito com os elementos. Este último estado requer experiência e conhecimento das coisas físicas, portanto, o Senhor planejou uma terra onde o espírito pudesse habitar na carne e obter, se fosse obediente, o conhecimento necessário para a final e eterna união do espírito e do corpo. A Abraão foi mostrado o plano do Senhor sobre tal assunto, e ele assim escreveu:

"E havia entre eles um que era semelhante a Deus, e disse àqueles que se achavam com Ele: Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra, onde estes possam morar. E prová-los-emos com isto para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor Deus lhes mandar. E aos que guardarem seu primeiro estado ser-lhes-á acrescido; e os que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aqueles que guardarem seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para sempre. E o Senhor disse: A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E o outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me. E o Senhor disse: Enviarei o primeiro. E o segundo se irritou e não conservou seu primeiro estado; e, naquele dia, muitos o seguiram".[18]

O Senhor explicou ao Profeta Moisés e também mais tarde, no ano de 1830, a Joseph Smith, a aceitação do Primogênito e a rejeição de Lúcifer, Filho da Manhã:

"E Eu o Senhor Deus, falei a Moisés dizendo: Aquele Satanás a quem tu expulsaste em nome de Meu Unigênito, é o mesmo que existiu desde o princípio: ele veio perante Mim, dizendo: Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá e sem dúvida o farei; portanto, dá-me a Tua honra: Mas eis que Meu Filho

---

14. **Pérola de Grande Valor**, Abraão 3:22-23.
15. **Talmage, Regras de Fé**, pp. 178-180.
16. Ver as instruções de Deus, a Joseph Smith, **Doutrina e Convênios**, 3-4, 9-11.
17. **Doutrina e Convênios**, 93:33-34.
18. **Pérola de Grande Valor**, Abraão 3:24-28.

Amado e Meu Escolhido desde o princípio disse-me: Pai faça-se a Tua vontade e seja Tua a Glória para sempre".

"Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e ter procurado destruir o livre arbítrio do homem que Eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado, e também, por querer que Eu lhe desse o Meu próprio poder, fiz com que ele fosse expulso pelo poder de Meu Unigênito".

"E ele se tornou Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos à sua vontade, e a todos quantos não ouvirem minha voz".[19]

Um terço das hostes celestiais ficou favoravelmente impressionado com o plano de Satanás para tirar o livre arbítrio, a fim de fazer com que todos os filhos de Deus retornassem à Sua presença. E este terço, por haver aprovado o plano de Satanás, seguiu com ele. Entretanto, tal plano roubaria o livre arbítrio do homem, seu direito e poder de fazer escolhas. Sem este direito não há progresso e, portanto, não pode haver recompensa. O Senhor deixou isto bem claro em revelações modernas.

"Pois eis que não é próprio que em todas as coisas Eu mande; pois aquele que é compelido em todas as coisas é servo indolente e não sábio; portanto, não será recompensado.

"Na verdade digo que os homens devem se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem.

"Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem, de modo algum deixarão de receber a sua recompensa."[20]

O plano do Evangelho de Jesus Cristo, aceito pelo Pai, foi apresentado a um grande conselho de espíritos para que pudesse, no exercício de seu livre arbítrio, aprová-lo ou rejeitá-lo. A maior parte aceitou o plano e fez convênios eternos para segui-lo. Os seguidores de Lúcifer recusaram-se a vir para a terra, de acordo com o plano.

A Natureza Geral do Plano

A essência do plano era que os espíritos, esquecendo temporariamente sua condição espiritual, habitassem em tabernáculos ou corpos materiais. O lar destes espíritos encarnados seria uma nova terra ou um mundo material. Nesta nova terra o homem continuaria sua existência, privado da presença de Deus, sem, no entanto, ignorá-lo completamente; mas este conhecimento, bem como todo o plano do Evangelho, seria revelado pelo Pai a seus filhos. Depois, dependendo da obediência a certos princípios e da realização de certas ordenanças, feitas por aqueles que recebessem autoridade para oficiar nelas, o homem receberia o Espírito Santo, o qual testemunharia em seus corações a existência e o amor de Deus e seria um mensageiro do Pai e do Filho.

Em tão interessante mundo, o homem, no exercício de seu livre arbítrio, naturalmente não se conformaria com as muitas leis das quais depende a manutenção dos corpos físicos e chegaria a um estado em que o corpo não mais seria a habitação adequada para o espírito. Quando tal estado fosse alcançado, o plano de Deus providenciaria a separação do espírito e do corpo, sendo esta separação conhecida como a morte do corpo. Ao haver esta separação o espírito do homem iria ao mundo dos espíritos, enquanto seu corpo retornaria aos elementos dos quais veio. Por suas ações, o homem não somente traria morte ao seu corpo, como se veria privado da presença de Deus. Desta condição ele deveria ser redimido. O plano do Evangelho providenciaria esta redenção. O Primogênito, cujo plano foi aceito nos céus, por seu Pai e seus irmãos, viria à terra na carne e, por virtude de sua divindade e vivendo uma vida sem pecado, teria tanto poder sobre seu corpo que teria poder para dar sua vida e retomá-la, roubando assim ao túmulo a sua vitória e ganhando o poder pelo qual poderá ressuscitar todos os homens.

A história da criação da terra, pelo Primogênito e Seus ajudantes, sob a direção do Pai, é contada em Gênesis,[21] no **Livro de Moisés**[22] e **Livro de Abraão**.[23]

É uma história de incomparável bele-

19. **Pérola de Grande Valor**, Moisés, 4:1-4.
20. **Doutrina e Convênios**, 58:26-28.

21. **Gênesis**, 1:2.
22. **Pérola de Grande Valor**, Moisés, 1:4.
23. **Pérola de Grande Valor**, Abraão 4:5.

za e simplicidade. Ali aprendemos muitas e grandes verdades. A terra não veio a existir por um acidente; foi algo planejado, foi o trabalho de um ser inteligente. A criação da terra tinha um fim específico — providenciar um lar onde os espíritos pudessem habitar em tabernáculos de carne. A criação foi realizada em diversas etapas, tudo de acordo com um plano preconcebido. Os detalhes deste plano e o tempo que envolveu a sua realização são para nós desconhecidos, mas são relativamente sem importância para o nosso conhecimento do plano do Evangelho.

O Tipo de Mundo Necessário Para o Desenvolvimento do Homem
A Capacidade do Ser Humano Para a Alegria

Muitos dos problemas da vida são simplificados se tivermos em mente os propósitos para os quais a terra foi criada. A terra foi feita para servir ao desenvolvimento do homem, para que ele pudesse ganhar a alegria eterna.

O ser humano herdou muitas capacidades para a alegria. **Primeiro,** ele tem a capacidade para uma grande seqüência de divertimentos e realizações de natureza física. Além de comer, dormir e manter-se aquecido, tem a capacidade de obter alegria ao exercitar os músculos em corridas, saltos, danças, jogos e mil e uma outras atividades que lhe são comuns. Portanto, para o mundo ser um local adequado ao desenvolvimento físico do homem teria que ser um mundo físico — um mundo de montanhas e planícies, de rios e oceanos, de gelo e neve, de sol e chuva, de planta e vida animal, para que aprendamos a usar e aproveitar tudo isso.

Segundo, o homem tem capacidade para a alegria intelectual, através de atividades mentais. O seu "habitat", neste caso, deve ser um mundo onde a sua inteligência ou mente possa ser desenvolvida. Portanto, deve ser um mundo de desafios — um mundo onde sejam recompensados os esforços e punidas a negligência e a maldade. Deve ser um mundo onde as emoções encontrem expressão na arte e na música. Para podermos apreciar a música e a harmonia, devemos conhecer a desarmonia. Para aprendermos a apreciar o belo, devemos conhecer o feio. Para que possamos apreciar o amor, teremos que conhecer o ódio e a ganância.

Terceiro, o homem tem capacidade para a alegria espiritual, obtida através de serviço altruísta que o coloca em posição distinta à de outras criaturas terrenas. A alegria espiritual é o produto da união da mente de uma pessoa com a de outra, de modo que uma mente sinta e partilhe da alegria com a outra. O maior exemplo desta união de almas é a unidade conseguida por Jesus Cristo com seu Pai, e que é possível a todos os homens. O Salvador não poderia ter pensado em maior alegria para Seus Doze Apóstolos do que ao orar para que eles pudessem ser um: "Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que eles sejam um, assim como nós".[24]

"Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim, por intermédio da sua palavra.

"Para que todos sejam um; e como tu, Ó Pai, o és em mim e eu em ti, que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.

"Eu neles e tu em mim, para que eles sejam aperfeiçoados em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles, como me tens amado a mim".[25]

Este júbilo que vem de "ser um" com outra pessoa é obtido de uma certa forma e em certos graus nas amizades, em relações matrimoniais e em relações entre pais e filhos. Esta alegria espiritual encontra expressão em forma de adoração, atos de amor e bondade, devoção, gratidão e regozijo. Portanto, é claro que a alegria espiritual não pode ser separada de Deus e do homem e só pode ser completa quando envolve a ambos.

Um mundo para o desenvolvimento da alegria espiritual deve ser um mundo de relações humanas onde haja unidade de pensamento e ofereça oportunidades para serviços altruísticos.[26]

24. **João** 17:11.
25. **João** 17:20-23.
26. **Mateus** 25:37-40.

É Necessário um Mundo em que Haja Leis

Um mundo para ser favorável ao progresso dos seres humanos deve ser um mundo em que haja segurança – em que haja leis.

Não poderia haver progresso sem os valores constantes e eternos. Causa e efeito não podem mudar. Se a água hoje fosse saudável para o corpo e amanhã nociva, se a lei da gravidade subitamente fosse invertida ou se em qualquer particular este mundo viesse a se tornar inseguro, todo o propósito da vida seria frustrado.

A existência adequada para o desenvolvimento do homem deve dar-lhe a oportunidade de usar sua própria vontade, ou seja, seu livre arbítrio. Quem não tem oportunidade de ir para a esquerda ou para a direita não pode de forma alguma desenvolver o seu caráter. O caráter cresce como resultado de escolhas certas.

Embora saibamos que o livre arbítrio do homem pode levá-lo à sua própria destruição, e à destruição de seu próximo, temos que convir que seria inútil um mundo sem liberdade individual.

O plano de Lúcifer, Filho da Manhã, coagiria os homens, roubando-lhes o livre arbítrio.[27] Embora Lúcifer prometesse que forçando toda a humanidade a obedecer às leis de Deus nenhuma alma se perderia, o plano foi rejeitado, pois não haveria oportunidade de crescimento. Ao fim desta existência o homem estaria, em caráter e inteligência, no mesmo grau que estava no começo. O livre arbítrio é uma lei eterna, e não poderia ser tirado do homem, em qualquer estágio de sua existência, sem violar esta lei.

O ambiente adequado para o crescimento do homem deve oferecer possibilidades de tristeza e dor, bem como de alegria. A dor resulta da sensibilidade do corpo às condições desfavoráveis da vida. Tem que haver sensibilidade do corpo e da mente ou não haveria de fato uma existência. Se não fosse possível sentir frio, como poderíamos sentir calor? Ainda, se fosse impossível sentir ambos, o homem não poderia sobreviver, pois não saberia evitar certos graus de frio e calor, destrutivos às células do corpo. Isto se aplica a todas as sensações do corpo. Se o homem não fosse sensível às circunstâncias e coisas prejudiciais, ele não teria o aviso necessário para capacitá-lo a remediar a situação. Portanto, a dor é a salvaguarda da vida e não pode haver existência sem ela. A sensibilidade física à dor é indispensável à preservação da alegria física.

Outrossim, a sensibilidade mental, embora possa levar à angústia e tristeza, é necessária ao desenvolvimento mental e espiritual. Não poderia haver alegria sem que houvesse dor. O grande Profeta Lehi ensinou isso a seu povo com estas palavras:

"Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fosse, ó meu primeiro filho nascido no deserto, não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal. Portanto, é preciso que todas as coisas sejam compostas em uma só; desse modo se todas formassem um só corpo, haveria de estar como morto, não tendo vida nem morte, corrupção nem incorrupção, felicidade ou miséria, nem sensibilidade ou insensibilidade.

Portanto, teria sido criado em vão, não tendo a sua criação obedecido a nenhum fim. Portanto, isto destruiria a sabedoria de Deus e seus eternos propósitos, assim como o poder, a misericórdia e a justiça de Deus.

Porque, se disserdes que não há lei, direis também que não há pecado. E, se disserdes que não há pecado, direis também que não há justiça. E não havendo justiça não haverá felicidade. E, não havendo justiça e felicidade, também não haverá castigo nem miséria. E se não existe nenhuma destas coisas, não há Deus. E, não existindo Deus, nós também não existimos, nem a terra; pois que as coisas não poderiam ter sido criadas, nem para agir nem para receber a ação; portanto, tudo estaria anulado".[28]

Para que um indivíduo possa edificar seu caráter deverá ter convivência com os seus semelhantes. Após ter convivido bastante com o seu próximo, a solidão poderá gerar a introspecção, mas ela seria improdutiva se nunca ocorressem contatos com outras pessoas. Os mais elevados atributos do homem – amor,

27. **Pérola de Grande Valor**, Moisés 4:14.

28. **II Nefi** 2:11-13.

bondade, caridade, benignidade, piedade, solicitude – são atributos que requerem amizade com outras pessoas para serem desenvolvidos. Além disso, como foi mencionado acima, a alegria espiritual, a alegria de partilhar dos pensamentos, emoções e realizações com nossos semelhantes, requer conhecimento e associação mútua.

A maldade no mundo é um resultado dos fatores acima mencionados. As pessoas, usando o livre arbítrio em um universo em que há leis, cercadas por seus semelhantes, dos quais todos são sensíveis à dor, não podem, em suas imperfeições, deixar de fazer algo maligno. Leis serão quebradas, escolhas erradas serão feitas, condições desfavoráveis à vida serão experimentadas, e as pessoas, usando o livre arbítrio, irão ferir seus semelhantes.

Mas, quem mudaria a natureza do mundo em que vivemos? Mudar o universo em qualquer destas particularidades é negar a nós mesmos as possibilidades de alegria e progresso.

Quando observamos as pessoas suportando sofrimentos físicos, tormentas mentais, quando a crueldade do homem atinge a tremenda proporção de desejar a guerra, chegamos a pensar: "Será que Deus existe? E se existe onde está?" Mas todas estas maldades não podem ser completamente removidas sem alterar as leis básicas das quais depende o progresso humano, portanto, ainda que os céus estejam em prantos por motivo da estupidez e dos pecados do homem, Deus não alterará seus decretos eternos.

Olhando para tudo isto ficamos mais inclinados a ver o mal e a fechar os olhos para o que a vida na carne tem produzido. A maior maravilha do universo não é a maldade dos filhos de Deus, mas sim, a sua bondade inerente. Sob as leis da existência nesta terra, a alegria prevalece muito mais que a tristeza; e as realizações do homem, mesmo nos tempos antigos, levaram o Salmista a dizer:

"Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?

"Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

"Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés".[29]

Quando pesamos o desejo da maior parte das pessoas de sacrificar as coisas boas e o conforto, até mesmo dando suas vidas pelos outros; o desejo que sentem de servir; o interesse que demonstram pelo bem-estar de seu próximo; quando sentimos aquele amor profundo que cresce em quase todos os lares; as amizades duradouras que temos testemunhado; a habilidade das pessoas de viverem juntas em grandes números em relativa paz e harmonia; e, acima de tudo, quando contemplamos as grandes obras que este mundo tem produzido – a perfeição do Cristo, o amor da mãe e a devoção do pai – todo o mal do universo passa a ser insignificante, e a sabedoria de Deus ao criar este mundo revela-se como a luz do dia.

A Queda e o Sacrifício Expiatório

Antes de a terra ser formada e o homem aqui vir, na carne, Deus, o Pai em sua eterna sabedoria, conhecia a natureza da alegria e da tristeza que esperava por seus filhos. Somente na perfeição eles poderiam obedecer a todas as leis físicas e espirituais de sua nova existência, e a perfeição ainda não havia sido atingida. Foi, de fato, para dar a seus filhos um conhecimento dos corpos de carne e ossos, sobre os quais nada sabiam, que a terra foi formada. Foi, portanto, previsto que todos seus filhos iriam, em maior ou menor grau, violar as leis que regeriam suas vidas e sofreriam as conseqüências advindas deste feito. Mesmo assim Deus aconselharia seus filhos a não violarem as leis de sua nova existência, e os preveniria do que poderia acontecer-lhes se as violassem; seria inevitável que, em suas experiências, as leis fossem quebradas.

Para ajudar o homem a sobrepujar o mal, os princípios do progresso humano, conhecidos como o Evangelho, lhe

29. **Salmos** 8:4-6.

Templo de Ogden, dedicado pelo Presidente Joseph Fielding Smith, em janeiro de 1972.

Templo de Provo, dedicado pelo Presidente Joseph Fielding Smith, em fevereiro de 1972.

Desenho do Templo de Washington.

foram ensinados. Para ajudá-lo a guardar os mandamentos de Deus, e testar a sua disposição para guardar as suas leis espirituais, obtendo assim as bênçãos às quais isto lhe dá direito, Deus instituiu ordenanças e deu, àqueles que são dignos, o poder de agir e oficiar em seu nome.

Pela obediência a estes princípios do Evangelho, o homem poderia constantemente corrigir seus próprios erros e sobrepujar a sensação de infelicidade que sempre segue a uma transgressão.

Como conseqüência de se quebrar algumas destas leis, ver-nos-íamos privados da nossa liberdade. A primeira lei quebrada foi a lei da imortalidade, tornando-se o homem sujeito à morte física. Os primeiros pais, Adão e Eva, ao se tornarem sujeitos à morte na carne, legaram a todos seus descendentes o mesmo tipo de morte. As mudanças pelas quais passaram seus corpos, como resultado de se quebrarem certas leis, foram herdadas por seus descendentes. Então, mesmo sem haver cometido qualquer falta, a descendência de Adão tornou-se sujeita às condições herdadas pela queda de seus ancestrais.

Entretanto, nenhum dos descendentes de Adão e Eva deve culpar seus primeiros pais pela condição em que se acha , pois nenhum é isento de pecado, a não ser um, Cristo, e todos, cada um por sua vez, teriam caído de seu estado imortal, caso tivessem herdado tal estado. Realmente, a não ser pela sua queda, Adão nunca se tornaria um ser mortal, sujeito às leis da mortalidade e capaz de distinguir o bem e o mal em um mundo físico. Também nós, se não houvéssemos herdado nossos corpos, não poderíamos experimentar a mortalidade e vir a conhecer as alegrias que a união do corpo ao espírito pode ocasionar.

"Queda" é o nome dado ao estado de nossos primeiros pais quando, ao quebrar a lei da imortalidade, se tornaram mortais, isto é, sujeitos à morte na carne. A história da queda é uma das mais persistentes da raça humana. Ela tem sido encontrada em diversas formas na literatura de quase todos os povos da terra, mas o modo pelo qual a nós chegou, como seja, através dos escritos de Abraão e Moisés, suplanta as demais em perfeição e beleza literária. O relato de Abraão relativo à queda é encontrado na **Pérola de Grande Valor,** Livro de Abraão. O de Moisés é encontrado no mesmo lugar, no **Livro de Moisés,** e, de forma imperfeita, na Bíblia, Livro de Gênesis. Estes três relatos são testemunhas da realidade dos acontecimentos. Não é grande o conhecimento da natureza das leis envolvidas na "queda" e provavelmente pouco poderia ser entendido pelo homem. Intermináveis disputas concernentes à condição literária da história têm feito muito pouco para resolver as dificuldades. A grande verdade, entretanto, permanece em sua simplicidade: o homem foi feito à imagem de Deus e posto sobre a terra. Uma condição mortal na qual o corpo se tornou sujeito à morte seguiu os atos iniciais de nossos primeiros pais, sendo herdada por seus descendentes. Desta morte o homem não tem poder para redimir a si próprio e dela não poderia se livrar sem que fosse ajudado. Em sua bondade e sabedoria Deus permitiu a morte à família humana, mas providenciou um modo pelo qual o homem obtivesse proveito de suas experiências mortais e fosse redimido de seu estado decaído.

Assim, lemos que depois da queda aconteceu o seguinte:

"E, naquele dia, desceu sobre Adão o Espírito Santo, que dá testemunho do Pai e do Filho, dizendo: "Sou o Unigênito do Pai desde o princípio agora e para todo o sempre, para que, assim como caíste, possas ser redimido, e também toda a humanidade, mesmo tantos quantos quiserem.

"E Adão bendisse a Deus nesse dia, e encheu-se do Espírito Santo e começou a profetizar concernente a todas as famílias da terra, dizendo: Bendito seja o nome de Deus, que por causa da minha transgressão meus olhos foram abertos e terei alegria nesta vida, e em carne verei outra vez a Deus.

"E Eva, sua esposa, ouviu todas essas coisas e se alegrou, dizendo: Se não fosse pela nossa transgressão, jamais teríamos tido semente, jamais teríamos conhecido o bem e o mal, nem a alegria de nossa redenção, nem a vida eterna que Deus concede a todos os obedientes".[30]

---

30. **Pérola de Grande Valor,** Moisés 5:9-11.

Em setembro de 1830 Joseph Smith perguntou ao Senhor, através de oração, concernente a estes assuntos, e foi-lhe revelado o seguinte:

"Portanto, aconteceu que o diabo tentou a Adão, e ele comeu do fruto proibido e transgrediu o mandamento, no que se tornou sujeito à vontade do diabo, porque cedeu à tentação.

"Portanto, Eu, o Senhor Deus, fiz com que fosse expulso do Jardim do Éden, longe de Minha presença, por causa de sua transgressão, na qual ele morreu espiritualmente, sendo essa a primeira morte, a mesma que é a última morte, a morte espiritual, a qual será pronunciada sobre os iníquos quando Eu disser: Apartai-vos malditos.

"Mas, eis que vos digo que Eu, o Senhor Deus, prometi a Adão e à sua semente, que não sofreriam a morte temporal, até que Eu, o Senhor Deus, mandasse anjos para lhes declarar o arrependimento e a redenção pela fé no nome do Meu Unigênito Filho.

"E assim, Eu, o Senhor Deus, prescrevi ao homem os dias de sua provação — que pela sua morte natural eles pudessem ser ressuscitados em imortalidade para a vida eterna, sim, todos os que cressem;

"Mas, eis que vos digo, que desde a fundação do mundo as criancinhas são redimidas pelo Meu Unigênito.

"Portanto, não podem pecar, pois a Satanás não é dado o poder para tentar criancinhas, até que elas se tornem responsáveis perante Mim.

"Pois lhes é concedido de acordo com o Meu desejo, conforme a Minha própria vontade, para que grandes coisas sejam requeridas de seus pais".[31]

Após haver recebido esta revelação, Joseph Smith declarou ao mundo:

"Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão".[32]

O Profeta Lehi resumiu a doutrina nestas memoráveis palavras: "Adão caiu, para que o homem existisse: e os homens existem, para que tenham alegria".[33]

Embora o homem herde um corpo sujeito à morte e ao penetrar neste mundo se veja privado da presença de Deus, ele ainda assim, não está sujeito à condenação divina. Ele é inocente e se morrer quando em sua infância, retornará, sem estar sujeito a condenação, à presença do Pai.[34] Estão sujeitos à condenação de Deus aqueles que conscientemente desobedecem a seus mandamentos ou violam os convênios com ele feitos. Isto, também, é uma "queda" , a queda de um estado de inocência, de um estado de comunhão com o Pai.

Da mesma forma que um homem, sabendo que ofendeu seu vizinho, não pode sentir-se bem na sua presença, também não poderá suportar a presença de Deus, sabendo que quebrou suas leis.[35] Como toda a humanidade de um modo ou de outro é sempre culpada de algum pecado, ninguém poderia retornar á presença de Deus e ter nela alegria, a não ser que fosse encontrado um meio de remover este sentimento de pecado. E isto foi providenciado no plano do Evangelho. O Filho de Deus foi comissionado pelo Pai para revelar-se ao homem, para recomendar-lhe a ter fé em Deus e, conseqüentemente, ganhar-lhe o amor, dando por ele a própria vida. Tendo o homem adquirido conhecimento de Deus e sentido o peso do pecado, foi chamado ao arrependimento com a promessa de que, se fosse sincero, teria seus pecados perdoados, para que assim não sentisse vergonha na presença de Deus. O Filho não foi somente comissionado para revelar o Pai aos homens, fazê-los conhecedores de Suas Leis e aconselhá-los a se arrependerem de seus pecados, mas também para julgar toda a humanidade no que concerne à sinceridade de seu arrependimento e ao merecimento do perdão do Pai.[36]

O Sacrifício Expiatório

Torna-se claro a todo aquele que estuda e pensa com profundidade sobre este assunto, que o homem por si só nunca poderia haver chegado a este estágio mortal da existência. A não ser que pessoas que já aqui estão passem por sofrimentos e dores, outros espíritos não poderão chegar à vida terrena. Nem poderia um espírito, havendo entrado

---

31. **Doutrina e Convênios,** 29:40-43; 46-48
32. **Pérola de Grande Valor, Regras de Fé,** nº 2
33. **II Néfi** 2:25
34. **History of the Church,** Vol. II, pp. 380-381 Doutrina e Convênios, 74:7; 93:38.
35. **Mórmon** 8:4-1.
36. **Doutrina e Convênios,** 19:3,76: 111, João 5:24.

no tabernáculo de carne, preparado para isto, ter esperança de reter tal corpo sem o amor, cuidado e sacrifício de outros.

No começo Deus formou tabernáculos de carne para o primeiro homem e a primeira mulher, chamando-os Adão e Eva. Como estes corpos foram formados não nos foi revelado, a não ser por uma simples frase que é encontrada nas escrituras: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente".[37] Não somente os corpos de Adão e Eva foram formados do pó da terra, como também o foram e têm sido os corpos de todos os homens que habitam na terra. O processo pelo qual os elementos são transformados em células vivas é tão maravilhoso e marcante, que deixaria perplexo o mais sábio dos homens que, mesmo usando todo seu conhecimento, não chegaria a entendê-lo. Mas há uma verdade que não pode ser esquecida; nossos espíritos não possuíam o poder para formar corpos de carne e ossos e, não fosse pela ação de Deus, ficariam para sempre no mundo espiritual.

Ao morrer, o homem torna-se incapaz de retomar o seu corpo, devendo permanecer para sempre em uma condição espiritual, mas eis que novamente Deus age em seu auxílio. Como em nossas fraquezas e limitações não podemos entender todo o processo pelo qual o homem se tornou mortal, assim também não podemos entender, por completo, o processo pelo qual se torna novamente possível para o homem adquirir um corpo imortal de carne e ossos. Isto podemos saber: que assim como Deus no começo chamou Adão para a missão de liderar os espíritos que iam habitar os corpos de carne, também chamou Seu Filho, Jesus Cristo, para liderar todos os espíritos em uma reunião com a carne, ou seja, a ressurreição. Como dizem as Escrituras: "Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo".[38]

37. **Gênesis** 2:7
38. **I Corintios:** 15:22

Como Jesus adquiriu o poder para novamente ressuscitar Seu corpo, depois de a morte o haver separado dele, não entendemos perfeitamente, mas esta realização é o maior acontecimento na história do cristianismo e se constitui no alicerce da doutrina cristã. A explicação do próprio Salvador nos foi dada em termos simples:

> "Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.
>
> "Ninguém ma tira de mim; mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai".[39]

O Salvador possuía poderes não somente sobre Seu próprio corpo, mas, também, sobre toda a carne. Em Sua oração ao Pai, na ocasião da Última Ceia, Ele disse:

> "Assim também Lhe conferiste poder sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste".[40]

Assim como ninguém poderia vir a esta existência mortal a não ser através de Adão, ninguém poderia chegar ao estado da ressurreição sem ser por intermédio de Cristo. Portanto, ele é a "porta"[41] "o caminho"[42], a "ressurreição e a vida".[43]

Para conseguir a ressurreição, parece claro que foi necessário que o próprio Cristo passasse através da mortalidade e sofresse a morte corporal. Assim como por todas as coisas de valor, a serem por nós obtidas, temos que pagar um preço, para se conseguir a posição de "Salvador" ter-se-ia que pagar com sacrifício e luta. Por isso pôde Paulo escrever aos coríntios: "Fostes comprados por bom preço[44] E, ao referir-se à Igreja de Deus, ele adicionou: "A qual ele resgatou com Seu próprio sangue".[45]

Não é fácil conseguir uma posição de liderança entre a humanidade e o preço que se paga para se conseguir o amor de todos os homens é infinitamente superior ao nosso entendimento. Quando

39. **João** 10:17-18.
40. **João** 17:2.
41. **João** 10:7-9.
42. **João** 14:6
43. **João** 11:25.
44. **I Coríntios** 7:23.
45. **Atos** 20:28b.

imaginamos a quantidade de abnegação, devoção e trabalho que a vida requer como preço para cimentar através do amor as bases de uma pequena família, podemos ter uma idéia da quantidade de sacrifício requerido para ganhar o amor de toda a humanidade.

A fim de ganhar o amor de toda a humanidade, requeria-se que Cristo fizesse uma obra de tal natureza que todo o filho e filha de Adão viesse a ser beneficiado por ela. Esta obra deveria se estender a todos aqueles que já haviam vivido sobre a terra e os que ainda haveriam de nela viver. Seria uma obra de tal natureza que daria a Cristo direito sobre os homens, seria de aceitação ao Pai e de glorificação a Seu nome. Toda a humanidade necessitava de tal obra, desse alguém que tivesse o poder para doar sua vida e para tomá-la novamente — para quebrar as cadeias da morte e fazer da ressurreição uma realidade para todos os homens. Cristo foi escolhido, antes do mundo existir, para prestar esta obra e para, através da conquista da morte, tornar-se o Redentor de toda a humanidade. Assim como todos os descendentes de Adão devem morrer, quer observem ou não os mandamentos de Deus, assim também através de Cristo todos serão ressuscitados, tanto justos como injutos.[46]

O homem, porém, necessita de mais que redenção da morte temporal ou física. Precisa também ser redimido de sua condição espiritual decaída, resultante de seus próprios pecados. Precisa, se quer conseguir a felicidade eterna, voltar a ser "um" com o Pai Eterno, de quem se viu afastado devido à sua desobediência. Pois mesmo com um corpo ressuscitado o homem não pode ser feliz em seus pecados. A fim de dar ênfase a este fato Morôni, num discurso a descrentes, disse:

"Eis que eu vos digo que seríeis mais miseráveis vivendo com um Deus justo e santo conscientes de vossa imundície diante dele, do que se vivêsseis com as almas condenadas, no inferno. Porque, quando fordes levados a ver a vossa nudez perante Deus, e também a glória de Deus e a santidade de Jesus Cristo, uma chama inextinguível se acenderá sobre vós".[47]

O homem não pode ser redimido da morte espiritual somente através de um ato de Cristo. Tampouco pode fazê-lo sozinho. Ele não pode livrar-se das conseqüências do pecado a não ser que se arrependa e receba o perdão de Deus. O Salvador, entretanto, através de sua vida imaculada, de sua revelação concernente à bondade do Pai, de seu amor sem paralelo pela humanidade, da vida eterna que assegurou ao homem, tornou-se o maior fator e incentivo para arrependimento de toda a humanidade. Por sua obediência ao Pai ele se tornou um com Deus, em propósito e em bondade. Sendo um com o Pai, qualquer coisa que o Filho advogue aquilo fará o Pai. Conseqüentemente, se Cristo advoga perante o Pai que perdoe os pecados de certo homem, o Pai o fará, porque Cristo e o Pai são um. Portanto, Cristo é nosso "advogado" perante o Pai. Numa revelação à Igreja, dada através de Joseph Smith, no dia 7 de março de 1831, o Salvador disse:

"Ouvi aquele que é o advogado junto ao Pai, e que está pleiteando a vossa causa perante ele;

"Dizendo: Pai, contempla os sofrimentos e a morte daquele que não cometeu pecado, em quem te comprazeste; contempla o sangue do teu Filho que foi derramado, o sangue daquele que deste para que tu mesmo fosses glorificado;

"Portanto, Pai, poupa estes meus irmãos que crèem em meu nome, para que possam vir a mim e ter vida eterna".[48]

A fim de que Jesus interceda em nosso favor, que se torne nosso mediador e advogado no dia do julgamento eterno de Deus, devemos aceitá-lo como nosso Salvador e Redentor. A aceitação do Salvador envolve fé, desejo de abandonar nossos pecados e a entrada, pelo batismo, num convênio, no qual nos comprometemos a observar seus mandamentos. Conseqüentemente, quando cumprimos os requisitos do evangelho de Jesus Cristo recebemos a sua promessa de que nossos pecados serão

46. **II Nefi** 9:22

47. **Mórmon** 9:4-5
48. **Doutrina e Convênios,** 45:3-5. Ler a Seção 45:1-15.

remidos. Por sua perfeita obediência ao Pai, a ponto mesmo de sofrer a morte na cruz, Jesus ganhou o direito de adotar e receber em seu reino todos aqueles que, sendo justos, acreditarem em seu nome.

O Mundo Espiritual

Quando contemplamos nossos muitos erros, bem como todas as fraquezas corporais acumuladas por nossos ancestrais e por nós herdadas, principiamos a compreender que a vida eterna no corpo que atualmente possuímos não pode, de forma alguma, ser muito alegre. Vemos à nossa volta muitos tabernáculos de carne que se tornaram lares bastante pobres para o espírito, tabernáculos que caíram em decadência — homens e mulheres que já não são capazes de correr e brincar, de dançar, patinar, subir montanhas, etc. Homens e mulheres, e até mesmo crianças, cujos corpos já não obedecem ao seu desejo, corpos feridos e esmagados por doenças, corpos que vieram a se tornar habitações de dor e angústia para o espírito.

Ao observarmos a vida em todos os seus aspectos começamos a ver a sabedoria do Todo-Poderoso ao desobrigar os espíritos de seus tabernáculos terrenos quando a habitação dentro dos mesmos se torna por demais dolorosa para se agüentar. Esta libertação do espírito do corpo terreno, que nós chamamos de morte, nos foi dada por um Pai amoroso. Ninguém que pense profundamente no assunto haveria de querer que a vida em tais corpos continuasse além do tempo em que a habitação nos mesmos lhe servisse de algum propósito. Devemos cuidar de nossos corpos, de modo que a vida neles seja completa e feliz por muitos anos. Devemos continuar tanto quanto possível nessa jornada neste mundo admirável de coisas físicas.

Muitos olham a morte física com temor, pois para o observador casual ela parece ser o fim do indivíduo. Tal fim não é desejável, seja para nós mesmos ou para nossos entes queridos. Tampouco é capaz, toda a inteligência do homem, de, por si só, compreender e imaginar o além e seus mistérios. Porém, Deus, nosso Pai, em sua bondade e sabedoria, procurou remover a nuvem escura que a morte haveria de lançar sobre a terra. A Adão, o primeiro homem, Deus ensinou o plano de vida do Evangelho. Desde Adão até o presente, os profetas de Deus têm proclamado à humanidade certas grandes verdades que, se acreditadas, nos proporcionarão compreensão e conforto. A morte física não é o fim do indivíduo, assim como a obtenção do corpo não foi o seu início. Assim como o espírito do homem existiu antes de sua entrada num tabernáculo mortal, continuará a existir quando o invólucro de elementos terrenos for perdido. Concernente ao estado do indivíduo após a morte do corpo o profeta Nefita, Alma, disse:

"E agora pergunto: O que será das almas dos homens desde essa hora da morte até a designação para a ressurreição?

Pois, se há mais do que uma época marcada para os mortos ressurgirem, não importa, porquanto todos não morrem ao mesmo tempo e isto não importa; tudo será como um dia para Deus, pois o tempo somente é calculado para os homens. Por conseguinte, há uma hora designada aos homens na qual se levantarão dentre os mortos; e há um espaço de tempo entre a hora da morte e a da ressurreição. E o que seria feito das almas dos homens durante esse espaço de tempo é o que perguntei diligentemente ao Senhor, para poder saber; e eis o que me foi dado a conhecer.

E quando chegar a hora em que todos ressuscitarão, hão de saber que Deus sabe todas as épocas que são designadas ao homem.

Relativamente ao estado das almas no período compreendido entre a morte e a ressurreição, foi-me dado saber, por um anjo, que os espíritos de todos os homens, logo que deixam este corpo mortal, sim, os espírito de todos os homens, sejam eles bons ou maus, são levados para aquele Deus que lhes deu a vida.

E deverá suceder que os espíritos daqueles que são justos sejam recebidos num estado de felicidade, que é chamado paraíso, um estado de descanso e paz onde terão descanso para todas as suas aflições, cuidados e dores.

E sucederá que os espíritos perversos, sim, aqueles que são maus não terão parte no Espírito do Senhor — pois eis que preferiram praticar o mal e não o bem e, por conseguinte, o espírito do demônio entrou neles e tomou-os para si. Esses serão atirados na escuridão exterior; ali haverá pranto, lamentos e ranger de dentes; e

isto em virtude de sua própria iniqüidade, pois tornaram-se cativos da vontade do demônio.

E este é o estado das almas dos iníquos, sim, na escuridão e num estado de espantosa e terrível expectativa da ardente indignação da ira de Deus sobre eles. E assim permanecem nesse estado, como os justos no paraíso, até a hora de sua ressurreição".[49]

As verdades fundamentais concernentes ao mundo espiritual por nós presentemente conhecidas podem ser resumidas da seguinte forma:

1. Após a morte, todos os espíritos, tanto os bons como os maus, entram no mundo espiritual.

2. O estado mental do indivíduo no mundo espiritual será determinado em grande parte por sua conduta enquanto sobre a terra na carne. Se ele se vê cheio de remorso de consciência pelas oportunidades perdidas, pelos erros feitos perante Deus e os homens e se falhou em cultivar as alegrias da mente pura, sua condição não será muito feliz. Esta condição de remorso e arrependimento na qual podemos nos encontrar, mesmo neste mundo, pode ser chamada de "inferno". Se o homem vive uma vida útil e reta, sua condição no mundo espiritual será de felicidade. Nesta condição ou estado mental o mundo espiritual para ele é um "paraíso". Numa condição ou estado mental de remorso o mundo espiritual lhe é um "inferno". Dois indivíduos não poderão estar exatamente no mesmo estado de felicidade ou infelicidade, pois nunca houve duas vidas transcorridas exatamente do mesmo modo.

3. O remorso pelos nossos pecados no mundo espiritual pode ser evitado pelo arrependimento. O arrependimento, porém, é tanto mais difícil quanto mais adiado e pode ser especialmente difícil no mundo espiritual. É por isso que Deus urge seus filhos a se arrependerem enquanto na mortalidade. Isto é facilmente compreensível quando compreendemos que os hábitos adquiridos no corpo dificilmente poderão ser sobrepujados fora do corpo. Um simples exemplo servirá de ilustração. Um rapaz adquire o mau hábito de ficar muito tempo com a bola no jogo de basquetebol, o que é chamado de "andar". Num importante certame este hábito seu provocou a derrota de seu time. No vestiário, o rapaz se vê bastante triste; sua tristeza não pode ser logo dissipada, pois ele não pode voltar à quadra e jogar o mesmo jogo de novo, reabilitando-se, assim aos olhos de seus colegas. Também pouco pode ele remediar sua falta fora da quadra. Tudo o que pode fazer é praticar e esperar outro jogo, talvez bem mais tarde, na esperança de jogar de forma a ganhar a aprovação do treinador e de seus companheiros.

4. O Evangelho de Jesus Cristo será ensinado a todos os que entrarem no mundo espiritual, portanto, os pecadores lá poderão aprender os princípios de verdade e abraçá-los. A verdade fará que esqueçam o mal e se arrependam de modo a merecer o perdão de Deus e virem a habitar em Sua presença sem remorso e vergonha. Porém, as condições sob as quais Cristo prometeu que intercederá ao Pai por perdão, exigem a entrada no convênio do batismo por imersão na água. A água é uma substância física e a ordenança do batismo pertence à mortalidade e não pode ser realizada no mundo espiritual. Conseqüentemente, apesar de sua aceitação dos princípios do Evangelho no mundo espiritual, o homem não pode nesse mesmo mundo entrar com Deus nos convênios em que seus pecados poderão ser redimidos e seu remorso e tormento mental poderão terminar. Portanto, o homem terá que permanecer em seu estado de inferno ou paraíso durante toda a sua jornada no mundo espiritual, a não ser que alguma providência seja tomada para que ele possa preencher os requisitos do Evangelho concernentes às ordenanças terrenas. Esta providência foi tomada por um Pai justo, que virtualmente disse a estes seus filhos: "Se alguém sobre a terra, movido por sua bondade, e amor por vocês, que são seus ancestrais mortos, entrar em seu nome no convênio do batismo, e se vocês estiverem dispostos a aceitar tais convênios, os desejos de seus corações e a obra de seu irmão se constituirão em intercessão

49. Alma 40:7-14

a seu favor perante Minha pessoa e reconhecerei o convênio que foi feito e as bênçaõs dele advindas emanarão sobre vocês".

5. No mundo espiritual conheceremos um ao outro e conversaremos um com o outro. Com limitações que necessariamente existem sem o corpo físico, progrediremos ou regrediremos, ensinaremos e seremos ensinados.

6. O Profeta Joseph Smith ensinou-nos que o mundo espiritual está à nossa volta, mais perto do que supomos, mas que é de substâncias além de nossos sentidos físicos de percepção.

7. O período de tempo durante o qual permanecemos no mundo espiritual é um tempo de provação, um tempo para se arrepender e aprender a obedecer a Deus.[50] Se o homem viesse a tomar seu corpo de carne imediatamente após tê-lo abandonado, sem primeiro ter tido a oportunidade de aprender e compreender as leis de Deus, estaria sujeito aos mesmos erros pelos quais a humanidade trouxe a morte a seus corpos, e, tendo novamente cometido tais erros, sofreria uma segunda morte.[51] De fato, haverá aqueles que mesmo tendo permanecido no mundo espiritual até a última grande ressurreição, por causa de sua desobediência a Deus, embora ressuscitados, trarão sobre si mesmos uma segunda morte espiritual.[52]

A Ressurreição

Não importa quão justo seja o homem e quão bem preparado para gozar sua existência no mundo espiritual, não poderá gozar da plenitude de alegria sem um corpo de carne e ossos. O Senhor explicou isto em revelação: "Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento inseparavelmente ligados recebem a plenitude de alegria. E quando separados não pode o homem receber a plenitude da alegria".[53]

Os habitantes do mundo espiritual esperam ansiosos pelo dia da ressurreição quando o espírito novamente será reunido ao corpo. A realidade desta ressurreição foi dada a conhecer ao homem desde o princípio, como parte do plano do Evangelho. Séculos antes da ressurreição de quem quer que fosse que já houvesse habitado esta terra, profetas de Deus falaram sobre o assunto como algo certo e real. Eles podiam fazê-lo, porque Deus lhes tinha revelado o plano do Evangelho, incluindo a vinda de Cristo, com o fim de quebrar as cadeias da morte e principiar a ressurreição dos mortos.[54]

Aquilo pelo qual os profetas antigos esperavam confiantemente se tornou uma realidade consumada com a ressurreição de Jesus Sua ressurreição é bem atestada por testemunhas de Jerusalém e das regiões da Galiléia, e os seus testemunhos estão nos escritos do Novo Testamento. Embora estes relatos sejam bastante fortes e convincentes, a veracidade de suas pretensões tem sido posta em dúvida por muitos no mundo cristão. A vinda de um registro americano, que também presta testemunho da ressurreição de Cristo e de seu aparecimento como ser ressuscitado no Continente Americano, dirime as dúvidas dos corações daqueles que aceitam o **Livro de Mórmon.** Adicionados a isto encontramos os testemunhos de Joseph Smith, Oliver Cowdery e Sidney Rigdon, de que Jesus Cristo lhes apareceu. Estas testemunhas atestam a

---

50. **Alma** 12:26; 42.
51. Em **Doutrina e Convênios,** 63:50-51 lemos que durante o milênio os velhos morrerão, "mas não dormirão no pó, sendo transformados num abrir e fechar de olhos", para o estado de ressurreição. Isto será possível tão somente se essas pessoas já tiverem aprendido a ser obedientes a Deus, já que não será necessário um período de espera.
52. **Alma** 12:16-18; **Doutrina e Convênios**; 63:17; 76:31-37, 40-44.
53. **Doutrina e Convênios** 93:33-34.
54. Para um tratado da habilidade do homem para predizer os futuros eventos nos planos de Deus ver "Prophecy", p. 646.

ressurreição de Jesus com a mesma devoção que levou o Apóstolo Paulo a dedicar a sua vida à pregação do Cristo ressuscitado.[55]

Não somente é a ressurreição de Cristo um fato estabelecido pela evidência, como também o é a ressurreição de outros que posteriormente viveram sobre a terra. Sendo os relatos da ressurreição do Mestre verdadeiros, igualmente verdadeiras deverão ser as declarações das respectivas testemunhas de que em seguida à ressurreição de Cristo muitos outros se levantaram de seus túmulos e apareceram a muitos. No Novo Testamento lemos:

"Abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados. E, saindo dos sepulcros depois da ressurreição dele (de Jesus) entraram na cidade santa e apareceram a muitos".[56]

O testemunho acima é comprovado pelo relato do **Livro de Mórmon.** Falando a seus discípulos no Continente Americano, o Salvador diz:

"Em verdade vos digo que ordenei ao meu servo Samuel, o lamanita, que testificasse a este povo que no dia em que o Pai glorificasse seu nome em mim, muitos santos se levantariam dentre os mortos, e apareceriam a muitos que lhes ministrariam. E perguntou-lhes: Não sucedeu assim?

"E seus discípulos responderam-lhe, dizendo: – Sim, Senhor, Samuel profetizou de acordo com tuas palavras e todas elas foram cumpridas.

"E Jesus prosseguiu: Por que razão não escrevestes que muitos santos se levantaram e apareceram a muitos e lhes ministraram?"[57]

Concernente à pergunta: "Quais dentre todos os mortos foram ressuscitados durante ou após o tempo de Cristo?" as escrituras contêm uma resposta parcial:

"Sim, e a Enoque também, e aos que com ele estavam; os profetas de antes dele; e Noé também e os que existiram antes dele; e Moisés também e os que foram antes dele; e de Moisés a Elias, o profeta, e de Elias a João, os quais estavam com Cristo em sua ressurreição..."[58]

A citação acima está em concordância com o entendimento dos nefitas quanto à doutrina da ressurreição. Registrou-se que o Profeta Alma disse o seguinte a seu filho.

"Eis que novamente foi declarado que há uma primeira ressurreição, uma ressurreição de todos aqueles que existiram, existem, existirão, até a ressurreição de Cristo...

"Então, meu filho, eu não digo que sua ressurreição ocorra ao mesmo tempo que a ressurreição de Cristo, mas, somente apresento isto como opinião minha – que as almas e os corpos dos justos serão reunidos na ocasião da ressurreição de Cristo e da sua ascensão ao céu".[59]

O aparecimento do Anjo Morôni a Joseph Smith, descrito por este como um ser ressuscitado, [60] indica que a ressurreição não parou durante o tempo da ressurreição de Cristo, pois Morôni morreu em 421 A.D.[61] Temos poucas informações concernentes ao número daqueles que foram ressuscitados desde a ressurreição de Cristo e temos que nos contentar com o conhecimento de que tais ressurreições realmente ocorreram.

O termo "primeira ressurreição" tem aparecido na literatura sagrada com vários significados. Muitas bênçãos patriarcais contêm a promessa de que o recebedor da bênção haverá de surgir na "primeira ressurreição". Uma promessa similar é feita àqueles que entram no convênio do casamento para o tempo e eternidade. O que é, portanto, a "primeira ressurreição?" Ao responder esta pergunta precisamos ter em mente a verdade seguinte: Que nem todos os que entram no mundo espiritual nele permanecem durante o mesmo tempo e nem todos são ressuscitados ao mesmo tempo ou com a mesma glória[62] Aqueles que, por causa do conhecimento de Deus que obtiveram e por sua obediência a seus mandamentos, entram nos convênios necessários com o Pai, podem ser ressuscitados primeiro, fazendo parte, portanto, da "primeira ressurreição". Isto é, não terão que esperar no mundo espiritual até o fim do Milênio, a fim de serem ressuscitados.

---

55. Nota. Para um cuidadoso estudo deste assunto, ler os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, onde eles relatam os eventos da ressurreição; o **Livro de Atos; Livro de Mórmons, III Nefi** 8; **Doutrina e Convênios,** 100; 76; **Pérola de Grande Valor,** Escritos de Joseph Smith (Relato da primeira visão).
56. **Mateus** 27:52-53.
57. **III Nefi** 23:9-11
58. **Doutrina e Convênios,** 133: 54-55.
59. **Alma** 40:16,20.
60. Smith, **Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,** p. 119; **History of the Church,** 3:28-30.
61. Os estudiosos do Livro de Mórmon geralmente concordam com esta data aproximada
62. **Doutrina e Convênios,** 88:15-24; 27-32.

No entanto, mesmo aqueles dignos da "primeira" ressurreição não ressuscitam todos ao mesmo tempo. Cristo foi o primeiro a ressuscitar, aparecendo como ser ressuscitado três dias depois de seu espírito ter entrado no mundo espiritual. Desde que ninguém podia ser ressuscitado a não ser depois de Cristo ter quebrado as cadeias da morte, nenhum dos justos que tinham vivido sobre a terra antes da vinda de Cristo tinha sido ressuscitado antes do Salvador. Porém, em seguida à sua ressurreição muitos dos Santos se levantaram de seus túmulos, como já foi previamente dito, e apareceram a muitos. No **Livro de Mórmon** encontramos as seguintes palavras do Profeta Abinadi, referentes ao assunto:

"Mas eis que as cadeias da morte serão rompidas, e o Filho reina, e tem poder sobre os mortos; e, portanto, levará a efeito a ressurreição dos mortos.

"E haverá uma ressurreição; sim, uma primeira ressurreição; sim, uma ressurreição daqueles que existiram, existem e existirão até a ressurreição do Cristo, porque assim será ele chamado.

"E a ressurreição de todos os profetas e de todos os que acreditaram nas suas palavras, e de todos os que guardaram os mandamentos de Deus, dar-se-á na primeira ressurreição; são, portanto, a primeira ressurreição.

"Serão levantados para viver com Deus, que os redimiu; tendo assim a vida eterna por meio de Cristo, que quebrou as cadeias da morte.

"E esses são os que participarão da primeira ressurreição; os que morreram, antes da vinda de Cristo, na sua ignorância, não se lhe havendo declarado a salvação. E assim o Senhor efetivou a restauração desses, e tomam parte na primeira ressurreição, ou têm vida eterna, sendo redimidos pelo Senhor.

"E as criancinhas também têm a vida eterna.

"Mas, temei e tremei diante de Deus, pois deveis tremer; pois o Senhor não redime os que se rebelam contra ele e morrem em seus pecados; sim, todos que pereceram em seus pecados desde o princípio do mundo,que voluntariamente se rebelaram contra Deus e que, conhecendo os mandamentos de Deus não os quiseram guardar; são esses os que não tomarão parte na primeira ressurreição".[63]

Esta "primeira ressurreição" de Cristo e dos justos que morreram antes de Sua vinda não é, entretanto, tudo o que se entende por "primeira ressurreição", de acordo com as promessas atualmente feitas aos vivos. Morôni, que viveu muito tempo depois do tempo de Cristo, participou, entretanto, da "primeira ressurreição".

O problema é, em parte, esclarecido, se usarmos os termos "ressurreição dos justos" e "ressurreição dos injustos". A ressurreição dos justos, quando quer que possa ocorrer, precede a ressurreição dos injustos e passa a ser conseqüentemente, a "primeira ressurreição". Portanto, as ressurreições dos justos, a serem ainda efetuadas, pertencem à "primeira ressurreição", e contrastam com a última ressurreição, que só será efetuada no fim do milênio.

Nas Escrituras é repetidamente encontrada a promessa de que na segunda vinda de Cristo os justos que não foram previamente ressuscitados levantarão de seus túmulos e habitarão na terra durante o milênio. Esta ressurreição, sendo por certo uma ressurreição dos "justos" é também uma "primeira ressurreição", e é ela prometida nas ordenanças do templo[64] e nas bênçãos patriarcais atuais. Concernente à ressurreição dos "justos" na segunda vinda de Cristo nós lemos:

"E outra vez nós testificamos — pois vimos e ouvimos, e este é o testemunho do Evangelho de Cristo concernente àqueles que surgirão na ressurreição dos justos —

"Esses são os que receberam os testemunhos de Jesus e creram em seu nome e foram batizados segundo o modo de seu sepultamento, sendo sepultados na água em seu nome e isto de acordo com o mandamento que deu.

"Para que, guardando os mandamentos, pudessem ser lavados e purificados de todos os seus pecados, recebessem o Espírito Santo pela imposição das mãos daquele que foi ordenado e selado para esse poder.

"E os que vencem pela fé, e são selados pelo Santo Espírito da promessa, o qual o Pai derrama sobre todos os fiéis e justos.

"Estes são a Igreja do Primogênito.

"São aqueles em cujas mãos o Pai pôs todas as coisas.

"São os sacerdotes e reis, que receberam de sua plenitude e de sua glória.

"E são sacerdotes do Altíssimo, segundo a

63. **Mosiah** 15:20-26. Ver também **Mosiah** 18:8-9, Alma 40:16-21.

64. Ver **Doutrina e Convênios**, 132:19

ordem de Melquisedeque, que era segundo a ordem de Enoque, que era segundo a ordem do Filho Unigênito.

"Portanto, como está escrito eles são deuses, os filhos de Deus.

"Portanto, todas as coisas são suas, quer seja a vida, quer a morte, as coisas presentes ou as coisas por vir, todas são deles, e eles são de Cristo, e Cristo é de Deus.

"E eles vencerão todas as coisas.

"Portanto, que nenhum homem se glorie no homem, mas antes, que se glorie em Deus, o qual porá sob seus pés todos os inimigos.

"Esses habitarão na presença de Deus e Seu Cristo para todo o sempre.

São os que Ele trará consigo, quando vier nas nuvens dos céus, para reinar sobre seu povo na terra.

"Esses são os que terão parte na primeira ressurreição.

"Os que surgirão na ressurreição dos justos".

São os que vieram ao Monte Sião e à cidade de Deus vivo, o lugar celeste, o mais santo de todos".

"São os que vieram à inumerável companhia dos anjos, à assembléia geral e à igreja de Enoque e do Primogênito.

"Esses são aqueles cujos nomes estão escritos no céu onde Deus e Cristo são os juízes de todos".

"São os homens justos, aperfeiçoados através de Jesus o Mediador do novo convênio, o qual, pelo derramamento de seu próprio sangue obrou esta expiação perfeita.

"Esses são aqueles cujos corpos são celestiais, cuja glória é a do sol, a glória de Deus a maior de todas, cuja glória, ao sol do firmamento é comparada".[65]

Da declaração acima torna-se evidente que embora a ressurreição tenha estado em processo desde o tempo que Cristo levantou do túmulo, uma ressurreição incomum tomará lugar durante o tempo da segunda vinda do Redentor. Outras ressurreições também continuarão a se efetuar durante o milênio. O Senhor também revelou que ao fim dos mil anos haverá uma ressurreição geral de todos os que não ressuscitaram anteriormente, tanto os iníquos como os justos, cumprindo as palavras das escrituras que dizem: "Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo".[66]

Muitas são as perguntas em relação à maneira pela qual as ressurreições serão realizadas, que não podem ser respondidas pelo homem. O processo pelo qual Deus primeiramente vestiu seus filhos espirituais com os elementos terrenos está acima de nossa compreensão; da mesma forma o processo pelo qual se efetuará o revestimento do espírito com os elementos imortais. O que é importante para nós é apenas isto: "Deus, em sua bondade, uma vez vestiu nossos espíritos com os elementos eternos, do que todos nós somos a prova. Já que o fez uma vez, deve ter o poder para fazê-lo de novo". Disto também temos evidência, pois seres ressuscitados têm visitado a humanidade e convidado os seres humanos a examinar os seus corpos ressuscitados.[67]

O Grande Dia do Julgamento

João, o Revelador, em sua grande visão na Ilha de Patmos, testemunhou a vinda do milênio sobre a terra e a última grande ressurreição dos mortos. Ele registra:

"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

"E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras".[68]

O que João viu em visão tem sido chamado por vários profetas como o "grande dia do julgamento final". Entretanto, nem todos os habitantes da terra serão julgados neste grande dia de julgamento final, pois aqueles que ressuscitaram na ressurreição dos "justos" já terão sido julgados e já terão recebido a glória para a qual se prepararam. Joseph Smith e Sidney Rigdon tiveram uma visão do julgamento dos justos e da glória celeste a que fazem jus.[69] Pelo que parece todos os homens serão julgados quando deixam o mundo espiritual e entram no estado de ressurreição. O grande dia de julgamento final segue à última grande ressurreição dos mortos. Ao usarmos o termo "julgamento final" devemos ter

65. **Doutrina e Convênios**, 76:50-70
66. **I Coríntios** 15:22

67. **Lucas** 24:36-43; João 20:24-29; III Néfi 10:18, 19; 11:12-15
68. **Apocalipse** 20:12-13
69. **Doutrina e Convênios** 76:50-70

em mente que nos referimos somente ao dia final de julgamento daqueles que viveram nesta terra, e não ao último julgamento pelo qual passará o indivíduo na eternidade infinita que se estende além da ressurreição. O livre arbítrio do homem é eterno, portanto, ele estará sempre sujeito ao julgamento divino, mas, assim como há um tempo determinado para julgamento no fim de cada partida, no fim de cada ano escolar, ou no fim de cada curso de instrução, há também um tempo determinado para julgamento do homem no fim de cada fase de sua existência.

Ao falarmos sobre o grande dia de julgamento individual não devemos nos esquecer do fato de que cada dia é, de certo modo, um dia de julgamento, pois cada dia semeamos as conseqüências de nossos atos "sejam eles bons ou maus". O crescimento ou regressão de nosso caráter é a nossa própria recompensa ou castigo. Há, entretanto, períodos definidos em nossa vida, quando nos vemos a nós mesmos mais claramente que em outros, quando a consciência de nossas fraquezas nos vem à mente e, no julgamento, colhemos tão-somente o remorso. Há, em adição, ocasiões em que somos julgados por outros, quando fica em jogo todo o nosso futuro – nosso emprego, nossa posição econômica ou social, ou mesmo nossa vida.

O "grande dia de julgamento final" é aquele dia em que nos encontraremos com Deus face a face e por ele seremos julgados; é o dia em que nossos atos serão tão claros para nós e nosso Pai Celestial como o são os escritos de um livro; é o dia em que, ao novamente nos vermos revestidos com corpos de carne e ossos, penetrando numa nova existência, receberemos exatamente o que formos dignos de receber.

Foi dado a Jesus Cristo o direito de julgamento atual do homem, como o indica o seguinte:

"Deus tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos".[70]

"E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao filho todo o juízo".[71]

O Filho será ajudado em seu julgamento pelo seu Santo Sacerdócio, como o indicam suas próprias palavras:

"Meus apóstolos, os Doze que estiveram comigo no meu ministério em Jerusalém... se postarão à minha direita no dia de minha vinda num pilar de fogo, para julgar toda a casa de Israel, sim, a tantos quantos me amaram e guardaram os meus mandamentos, e a ninguém mais".[72]

Ao falar sobre o julgamento de seu próprio povo, Mórmon disse:

"Este povo... também será julgado pelos doze que Jesus escolheu nesta terra os quais serão julgados pelos outros doze que Jesus escolheu na terra de Jerusalém".[73]

O Senhor revelou à sua Igreja, através de Joseph Smith e Sidney Rigdon, a condição na qual nos encontraremos depois da ressurreição. Toda a humanidade, salvo os filhos da perdição, haverá de obter algum grau de glória divina.

Estes graus são designados como celestial ou maior, terrestre e teleste. A diferença entre as condições dos mesmos foi assemelhada à diferença em brilho do sol, da lua e das estrelas, na forma como são vistos deste planeta. Novamente, dentro de cada glória há numerosas divisões ou graduações, de acordo com a dignidade das pessoas que as herdarão. Concernente à glória celestial, por exemplo, o Profeta disse:

"Na glória celestial há três céus ou graus;

"E para se obter o grau mais elevado, o homem precisa de entrar nesta ordem do Sacerdócio (significando o novo e eterno convênio do casamento).

"E se não, não poderá obtê-lo.

"Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não poderá ter progênie".[74]

As condições de entrada no reino celestial foram claramente estabelecidas, mas, as necessárias para entrar nos reinos menores não foram dadas a conhecer com a mesma clareza.

Todos os que têm fé em Jesus Cristo,

70. **Atos** 17:30, 31; Eclesiastes 3:17

71. **João** 5:22; ver também Doutrina e Convênios, 19:2, 3; II Coríntios 5:10; Romanos 14:10; Mórmon 3:20, III Nefi 26:4-5.

72. **Doutrina e Convênios,** 29:12; Mateus 19:28; Lucas 22:29-30.

73. **Mórmon,** 3:19

74. **Doutrina e Convênios,** 131:1-4.

que se arrependeram completamente de seus pecados, que foram batizados pela água em seu nome e receberam o batismo do fogo e do Espírito Santo, são candidatos ao reino celestial. Sem preencher estes requisitos o homem não poderia suportar a presença de Deus. Sendo que muitos dos filhos de Deus viveram e morreram aqui na terra sem a oportunidade de ouvir o Evangelho ou de serem batizados no Reino de Cristo, foi determinado um meio pelo qual o Evangelho lhes será pregado no mundo espiritual, enquanto as ordenanças terrenas poderão ser realizadas em seu favor por aqueles ainda na carne.

A grande visão dos graus de glória foi recebida por Joseph Smith e Sidney Rigdon ao mesmo tempo, no dia 16 de fevereiro de 1832. Ela esclarece certos princípios fundamentais do plano do Evangelho, concernentes aos seres ressuscitados.

Primeiro, estabelece o fato de que o progresso é eterno sempre que as leis de progressão são obedecidas.

Segundo, estabelece o fato de que na casa do Pai há muitas moradas ou glórias, e de que cada pessoa herda a condição ou existência para a qual se preparou.

Terceiro, estabelece o fato de que todos os filhos de Deus, exceto os filhos da perdição,[75] aqueles que deliberadamente escolheram seguir a Satanás em vez de Cristo, depois de terem recebido o testemunho do Espírito Santo, eventualmente progredirão o suficiente para receber algum grau de glória na ressurreição. Esta eventual salvação da vasta maioria da humanidade mostra a sabedoria de Deus em seus planos para seus filhos e deveria fazer com que nós todos nos regozijássemos.

Quarto, a visão mostra a glória celestial ou glória maior contendo alegrias além de nossa compreensão carnal; uma glória que deveria despertar em nossos corações o desejo de procurar obter tal existência. Aliás, até mesmo o reino telestial é descrito como tão glorioso que está também além da compreensão humana.

Leituras Suplementares

Tópicos Específicos:
O Plano de Vida do Evangelho

Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 10-31
Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 359--368.
Ibidem pp. 230-239 (Vida pré-terrena) A
Queda e o Sacrifício Expiatório
Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 51-94
O Mundo Espiritual
Livro de Mórmon, Alma 40:7-14
A Ressurreição
Doutrina e Convênios, Seção 76.
Smith, **O Caminho da Perfeição,** pp. 199--209.

Talmage, **Regras de Fé,** pp. 339-356
Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 392--437

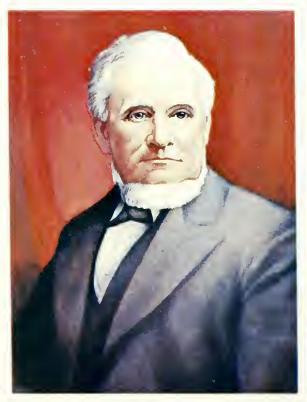
Progênie Eterna
Doutrina e Convênios, Seção 131:1-4
Smith, **Ensinamentos,** p. 293
O Reino do Milênio
Smith, **O Caminho da Perfeição,** pp.210--214

Leituras Gerais
Talmage, **Sunday Night Talks,** 51-94, 230-239, 440-538
Livro de Mórmon, 2 Nefi 2:14-28, 9:3-27; 3 Nefi 27:1-22; Éter 3:15-16.
Doutrina e Convênios, Seção 93
Smith, O Caminho da Perfeição, pp. 23-26. Widtsoe, **A Rational Theology,** Capítulos IV, VII , IX.
Widtsoe, John A., "What Is Man?"
Deseret News, Church Section, 10 de outubro de 1936. Hale, Heber Q., "Man's Quest for Joy",
Improvement Era, Vol. 37, outubro de 1934.

---

75. "Perdição" é um dos nomes dados a Satanás. Em **Doutrina e Convênios** 76:25-29, lemos: "E isto vimos também, e testificamos que da presença de Deus e do Filho, foi expulso um anjo de Deus que possuía autoridade perante Deus, e que se rebelou contra o Filho Unigênito, a quem o Pai amava e que estava no seio do Pai.
"E foi chamado Perdição, pois os céus prantearam por ele. Era Lúcifer, o filho da manhã.
"E contemplamos, e eis que ele caiu! Caiu mesmo sendo um filho da manhã!
"E enquanto estávamos ainda no Espírito, o Senhor nos mandou que escrevêssemos a visão; pois contemplamos Satanás, aquela velha serpente, o diabo, que se rebelou contra Deus, e procurou tomar o reino do nosso Deus e seu Cristo.
"Portanto, ele faz guerra contra os santos de Deus, e os circunda de todos os lados".

PRESIDENTES
da Igreja
Desde
JOSEPH SMITH
o
Profeta

Brigham Young

John Taylor

Wilford Woodruff

Lorenzo Snow

Heber J. Grant

Joseph F. Smith

George Albert Smith

Joseph Fielding Smith

David O. McKay

Pres. Harold B. Lee

SPENCER W. KIMBALL

CAPÍTULO 45

O SACERDÓCIO E A IGREJA

A Natureza e a Necessidade de Autoridade nas Instituições Sociais[1]

Imaginem o que aconteceria se um homem sem qualquer autoridade entrasse numa cidade, estabelecesse uma filial de alguma grande firma e começasse a fazer transações comerciais em nome da mesma. Certamente as transações seriam negadas e desacreditadas pela firma que ele professou representar e, culpado de embuste, ele haveria de se defrontar com sérias acusações civis e criminais. A sociedade não permite que uma pessoa aja em nome da outra, a menos que tenha autoridade para tal. Se outra regra qualquer prevalecesse, a sociedade haveria de se ver mergulhada em desesperada confusão.

A maioria dos negócios do mundo é, entretanto, transacionada por pessoas que agem em nome de outras de acordo com a autoridade que lhes foi estendida. Esta autoridade pode ser quase que sem limitação ou pode se estender somente à realização das tarefas e responsabilidades mais simples. O gerente de uma loja tem autoridade quase ilimitada no que se refere aos negócios da mesma, para agir em nome de seus donos. O encarregado da caixa, por sua vez, tem autoridade tão-somente para cuidar das notas de caixa, fazer depósitos etc., e seus atos dentro desta limitada área estão tão ligados aos donos do estabelecimento, como se eles próprios os fizessem. O balconista desta mesma loja também tem autoridade, mas é muito limitada. Ele pode recomendar e vender as mercadorias aos fregueses. Pode ou não ser autorizado para receber pagamentos ou fazer troco. Entretanto, dentro de seu limitado campo, suas ações estão tão vinculadas aos seus empregadores como as do gerente ou dos próprios donos.

Este sistema de autoridade nos negócios, no governo e na sociedade é reconhecido pela humanidade como essencial e necessário para a manutenção da ordem do mundo e para o bem-estar da humanidade. As violações de autoridade são punidas com severas condenações legais e sociais.[2]

A Autoridade Para Agir em Nome de Deus

Quando vemos Deus como uma pessoa, um personagem que governa o universo com seus bilhões de indivíduos, assim como o chefe de um governo governa a sua nação, de imediato sentimos a necessidade que tem de chamar outros para ajudá-lo em seu trabalho. As Escrituras nos informam que Deus chamou Seu Filho, Jesus Cristo, para supervisionar os assuntos deste mundo, e seus habitantes. O chamado foi aceito pelo Filho e reconhecido por aqueles que haveriam de vir a viver em mortalidade aqui sobre a terra. No entanto, Jesus Cristo, geralmente conhecido fora de sua vida na carne como Jeová, necessitava de ajuda na imensa tarefa que lhe foi designada. Conseqüentemente, chamou outros e deu-lhes autoridade para agir em seu nome, dizendo-lhes:

> "E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus".[3]

Esta autoridade e chamado para agir em nome de Cristo é conhecida como o Santo Sacerdócio segundo a ordem do Filho de Deus.

1. Outro tratado de autoridade pode ser encontrado em Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 222-224.

2. **Pérola de Grande Valor,** Moisés 4:1-4; 5:4-12; **Abraão** 3:22-28.
3. **Mateus** 16:19.

Como no caso da filial, ou em outros exemplos comuns de ação em nome de outra pessoa, no que se refere ao Sacerdócio, também deve ser feito primeiramente o chamado para a posição de autoridade; segundo, deve haver a **aceitação do chamado;** e, terceiro, alguma **cerimônia ou símbolo, pela qual outros possam ter conhecimento de tal chamado.** Qualquer outro sistema resultaria em caos e confusão. Pensar que Deus deixaria que qualquer indivíduo agisse em seu nome, sem primeiramente receber autoridade real e específica para assim fazer, é pensar errado. Tal ponto de vista atribuiria a Deus uma inteligência menor do que aquela possuída por seus filhos e resultaria em dizer que as verdades que chegamos a conhecer nesta vida não se aplicam ao seu universo.

Os atos bondosos ou benevolentes podem ser realizados por qualquer pessoa sem necessidade de autoridade. Tais atos podem ganhar o amor de outros, bem como o amor do Pai, porém, quando realizados em nome de Deus não nos podem ligar a ele, a não ser que possuamos autoridade, recebida através de um chamado, que aceitamos e que foi dado a conhecer publicamente.

Chamados Dentro do Sacerdócio

Embora haja somente um Sacerdócio de Deus, o mesmo Sacerdócio de Jesus Cristo, muitos são os ofícios e chamados dentro deste Sacerdócio. Uma situação análoga pode ser encontrada ao se estudar o governo de uma nação. Em cada país em particular há somente um governo geral e toda a autoridade para agir em seu nome deve vir através de uma linha direta de poderes governamentais. Há, porém, grande diferença nos chamados. A um homem pode ser dada a autoridade para dirigir os assuntos internos, a outro os assuntos externos, a outro para julgar as disputas civis, e a outro ainda para fazer investigações, etc. Da mesma forma, no governo de Deus, a autoridade pode ser dada para agir em nome de Deus em diferentes capacidades e poderes. As seguintes são duas grandes divisões de tais poderes:

"O poder e autoridade do Sacerdócio maior ou de Melquisedeque é possuir as chaves de todas as bênçãos espirituais da Igreja.

"Ter o privilégio de receber os mistérios do reino do céu, e ver abertos os céus; de se comunicar com a assembléia geral e Igreja do Primogênito, e gozar da comunhão e presença de Deus, o Pai, e de Jesus, o Mediador do novo convênio.

"O poder e autoridade do menor ou Sacerdócio Aarônico é possuir as chaves da administração dos anjos e administrar em ordenanças exteriores, a letra do Evangelho, o batismo do arrependimento para a remissão de pecados, conforme os convênios e mandamentos".[4]

O Sacerdócio Aarônico é algumas vezes chamado Sacerdócio Levítico ou Menor. É chamado Aarônico porque Aarão, o irmão de Moisés, foi chamado para presidir aqueles que possuíam o Sacerdócio Menor em seus dias, sendo seu nome aplicado a ele. É também denominado Levítico, porque durante os dias de Aarão e por séculos somente membros da tribo de Levi (uma das doze tribos de Israel) foram chamados ou ordenados para este ofício. É chamado Sacerdócio Menor porque o Maior, ou seja, o Sacerdócio de Melquisedeque, quando sobre a terra, tem autoridade ou poder sobre ele.[5] Dentro do Sacerdócio Aarônico há três ofícios: diácono, mestre e sacerdote, cada um deles com deveres e poderes distintos. Estes deveres e poderes foram explicados por revelação a Joseph Smith pouco antes da organização da Igreja.

"O dever do sacerdote é pregar, ensinar, explicar, exortar, batizar e administrar o sacramento;

"E visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voz alta e em segredo, e a cumprir todas as obrigações da família.

"E ele pode também ordenar outros sacerdotes, mestres e diáconos.

"E deverá dirigir as reuniões quando não houver presente um élder;

"Mas quando houver um élder presente, o sacerdote deverá somente pregar, ensinar, explicar, exortar e batizar.

"E visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voa alta e em segredo e a cumprir todas as obrigações da família.

"Em todas estas obrigações, se a ocasião o requerer, o sacerdote deverá assistir o élder.

"O dever do mestre é zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los.

"E ver que não haja iniqüidade na Igreja, nem dificuldade entre um e outro, nem mentiras, maledicência ou calúnias;

"E ver que a Igreja se reúne amiúde e que todos os membros cumpram as suas obrigações.

"E na ausência do élder ou sacerdote, ele deverá dirigir as reuniões.

"E será auxiliado sempre, em todas as suas obrigações na Igreja, pelos diáconos, se a ocasião o exigir.

"Mas nem os mestres, nem os diáconos têm autoridade para batizar, administrar o sacramento ou impor as mãos;

"Deverão, contudo, prevenir, explicar, exortar, ensinar, convidar todos para vir a Cristo.

"Todo o élder, sacerdote, mestre ou diácono deverá ser ordenado de acordo com os dons e chamados que de Deus receber; e deverá ser ordenado pelo poder do Espírito que está com aquele que ordena".[6]

O Sacerdócio Maior veio a tornar-se conhecido como o "Sacerdócio de Melquisedeque", embora tenha sido chamado por vários nomes durante a história da humanidade. Seu verdadeiro nome é "Santo Sacerdócio segundo a ordem do Filho de Deus", mas, a fim de evitar o uso demasiadamente freqüente do nome de Deus, faz-se referência a esta autoridade divina existente na terra como a autoridade possuída por Adão, Enoque, Noé, Melquisedeque, etc., que é segundo a ordem do Filho de Deus.[7]

Mesquisedeque foi um grande sumo sacerdote, rei de Salém, que viveu nos dias de Abraão e de quem Abraão recebeu o Sacerdócio.[8]

Há três ofícios dentro do Sacerdócio de Melquisedeque; o ofício de élder, de setenta e de sumo sacerdote.

O élder tem o dever e designação de batizar.

"E ordenar outros élderes, sacerdotes, mestres e diáconos;

"Administrar o pão e o vinho os emblemas da carne e sangue de Cristo — e confirmar aqueles que são batizados na Igreja, pela imposição das mãos para o batismo do fogo e do Espírito Santo, de acordo com as Escrituras;

"E ensinar, explicar, exortar, batizar e zelar pela Igreja;

"E confirmar a Igreja pela imposição das mãos e pela investidura do Espírito Santo".[9]

O Setenta tem o dever e designação de "agir em nome do Senhor, para a edificação da Igreja e para a regularização dos seus negócios em todas as nações".[10]

O sumo sacerdote tem o dever de presidir.

"A Presidência do sumo sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque, tem o direito de oficiar em todos os ofícios da Igreja.

"Sob a direção da presidência, os sumos sacerdotes, segundo a ordem do Sacerdócio de Melquisedeque, têm o direito de oficiar no seu próprio chamado, para administrar as coisas espirituais".[11]

Muitos são os chamados resultantes dos vários ofícios do Sacerdócio.

"Dentre os que são ordenados aos diversos ofícios destes dois Sacerdócios, necessariamente procedem ou são designados presidentes e oficiais que presidem.

"Do Sacerdócio de Melquisedeque, três sumos sacerdotes Presidentes, escolhidos pelo grupo e designados e ordenados a esse ofício e apoiados pela confiança, fé e orações da Igreja, formam o quorum da Presidência da Igreja.

"Os doze conselheiros viajantes são chamados para ser os Doze Apóstolos, ou testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo — diferindo assim dos outros oficiais da Igreja no que diz respeito aos deveres do seu chamado.

"E eles formam um quorum igual em autoridades e poder, aos dos três presidentes previamente mencionados".[12]

Devemos lembrar que o Sacerdócio em si é maior do que qualquer de seus ofícios. É do Sacerdócio que deriva a autoridade e poder do ofício. Aquele que possui o Sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedeque, possui o Sacerdócio todo. Tanto o élder, o setenta ou o sumo sacerdote, todos possuem

6. **Doutrina e Convênios,** 20:46-60.
7. **Doutrina e Convênios,** 76:57, 107:1-6, **Pérola de Grande Valor,** Moisés, 6:67.
8. **Doutrina e Convênios,** 84:14.
9. **Ibid.,** 20:38-43.
10. **Ibid.,** 107-34.
11. **Ibid.,** 107:9-10.
12. **Doutrina e Convênios,** 107:21-24.

o mesmo Sacerdócio. Um não é maior que o outro.[13] Entretanto, os ofícios do élder, setenta e sumo sacerdote envolvem o chamado para servir em responsabilidades distintas na obra de Cristo. O Apóstolo Paulo assemelhou estes diferentes deveres às diversas partes do corpo humano, todas essenciais ao seu perfeito funcionamento: "O olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem a cabeça aos pés: não tenho necessidade de vós. Antes, aqueles membros do corpo que parecem mais fracos, são necessários".[14]

O fato de os ofícios e chamados do Sacerdócio de Melquisedeque não requererem sacerdócio adicional ou poder sobressalente é bem esclarecido e declarado pelo finado Presidente Joseph F. Smith:

"Atualmente a questão parece ser: "Qual o maior - o sumo sacerdote ou o setenta, o setenta ou o sumo sacerdote? Digo-lhes que nenhum deles é maior ou menor que o outro. Seus chamados caminham em diferentes direções, mas pertencem ao mesmo Sacerdócio. Se fosse necessário, o setenta, possuindo o Sacerdócio de Melquisedeque como possui, repito, se fosse necessário, poderia ordenar o sumo sacerdote, e, se fosse necessário, o sumo sacerdote poderia ordenar um setenta. Por quê? Porque ambos possuem o Sacerdócio de Melquisedeque. Novamente, portanto, se fosse necessário, embora eu espere que tal necessidade nunca venha a surgir, e se na terra não houvesse um só homem possuidor do Sacerdócio de Melquisedeque, exceto um élder, este élder, através da inspiração do Espírito de Deus e por direção do Altíssimo, poderia e deveria organizar a Igreja de Jesus Cristo em toda a sua perfeição, porque ele possui o Sacerdócio de Melquisedeque. A casa de Deus, porém, é uma casa de ordem: portanto, enquanto os outros oficiais permanecerem na Igreja, devemos observar a ordem do Sacerdócio e realizar ordenanças e ordenações estritamente de acordo com tal ordem, como já foi estabelecido na Igreja através da instrumentalidade do Profeta Joseph Smith e de seus sucessores."[15] [16]

As Chaves do Sacerdócio

Devemos ter sempre em mente, durante nosso estudo do Sacerdócio, a diferença existente entre possuir um ofício no Sacerdócio e ter autoridade para usar tal ofício ou poder, da maneira que gostaríamos. Em outras palavras, devemos ter cuidado em diferenciar o "Sacerdócio" das "chaves do Sacerdócio". Embora um homem possa receber o poder para agir em nome de Cristo ao ser-lhe dado o Sacerdócio de Deus, ele ainda assim não poderá exercer esse poder, a não ser que lhe seja dada a autoridade por aqueles que possuem as chaves de tal autoridade. A pessoa que possui o ofício de sacerdote tem o poder necessário para batizar, mas, talvez não possa fazê-lo a não ser depois que o bispo ou presidente da missão ou alguém em particular o chame e designe para tal. Mesmo possuindo o Sacerdócio de Melquisedeque, ainda assim não poderá batizar, a menos que seja chamado para fazê-lo por seu bispo, presidente de estaca, de ramo, etc. Nos campos missionários pode ser dada autoridade aos élderes para batizar todos aqueles que a eles se dirigem para batismo, durando tal autoridade somente o tempo que durar suas missões. Ao terminar as mesmas, esta específica autoridade também termina e eles poderão exercer este poder somente se receberem ordem do bispo de sua ala ou do presidente de sua estaca.

Já que é este o Sacerdócio segundo a Ordem do Filho de Deus, todas as chaves de autoridade pertencem ao Filho de Deus, e a autoridade para agir em diferentes capacidades terrenas pode ser conseguida somente através dele ou daqueles a quem Ele deu tal autoridade. A autoridade para fazer certos trabalhos

13. No Sacerdócio Aarônico os diáconos, mestres e sacerdotes não possuem autoridade igual mas, sim, uma autoridade restrita que o Sacerdócio Maior lhes dá. O mestre possui mais autoridade que o diácono e o sacerdote mais que o mestre.
14. **I Cor.** 12:12-22. (Ler todo o capítulo doze).
15. Joseph F. Smith, **October Conference Report,** 1903, p. 87.
16. Para outras leituras sobre chamados dentro do sacerdócio ver: Widtsoe, **President and Church Government.** p. 78; **In the Realm of Quorum Activity,** Suplemento da segunda série, 1932, pp. 19-20.

foi algumas vezes tirada, enquanto que a autoridade para levar avante outras funções do Sacerdócio continuou .[17]

Quando Josep Smith e Oliver Cowdery receberam o Sacercócio de Melquisedeque das mãos de Pedro, Tiago e João, receberam as chaves de autoridade sobre a terra para batizar, conferir o Espírito Santo, organizar a Igreja, ordenar outros ao Sacerdócio, administrar o sacramento, etc. Algumas das chaves do Sacercócio não lhes foram dadas naquele dia. As chaves da autoridade necessária para realizar ordenanças no templo para os vivos e para os mortos não foram dadas a não ser depois do término do Templo de Kirtland, em 1836. Pode haver ainda muitas funções do Sacerdócio para as quais Deus não chamou o homem até hoje. Para realizá-las não será necessário Sacerdócio adicional, mas,tão-somente, o chamado e autorização para usar tal Sacerdócio de determinadas maneiras.

Todas as chaves de autoridade dadas à Igreja de Cristo nestes últimos dias descansam no Sacerdócio da Igreja e homem algum pode exercer qualquer autoridade ou poder do Sacerdócio a menos que seja autorizado pelo presidente. Se, por exemplo, o Presidente da Igreja, ao ser apoiado por seus membros, viesse a emitir uma proclamação a todos aqueles que possuem o Sacerdócio dentro da Igreja, dizendo que nenhum batismo deveria ser feito durante os primeiros três meses de um ano em particular ou por qualquer período de tempo, ninguém na Igreja, apesar do ofício que possa possuir, ou da posição que possa ocupar, teria autoridade para realizar um só batismo, e, qualquer batismo realizado em contrário a esta ordem estabelecida não seria aceitável perante Deus. Sem tal autoridade estabelecida a Igreja poderia facilmente chegar a um ponto de desordem e caos.

17. O mesmo aconteceu durante a história de Israel, segundo Moisés. A autoridade para realizar certas ordenanças da Igreja foi retirada, embora o sacerdócio continuasse a existir.

Democracia na Igreja

No dia 6 de abril de 1830, na casa de Peter Whitmer, em Fayette, Estado de Nova Iorque, um pequeno grupo de indivíduos se reuniu, tendo por propósito o estabelecimento formal da Igreja. Seis deles afixaram suas assinaturas às Leis de Incorporação, como era requerido pelo Estado de Nova Iorque para a organização de uma Igreja ou sociedade beneficente. Nenhum destes seis havia tido experiência prévia na organização de corpos religiosos. Nenhum deles tinha sido instruído por homens eruditos quanto aos princípios necessários para uma organização bem sucedida, nem haviam procurado qualquer direção através dos canais ordinários. No entanto, foram estabelecidos, naquele dia, os princípios básicos de uma democracia espiritual que não sacrificou nem a eficiência de autoridade central nem o crescimento pessoal defendido pela democracia.

Naquele dia Joseph Smith trouxe à luz dois princípios fundamentais de governo da Igreja, que se provaram monumentais. Primeiro, a autoridade (Sacerdócio), na Igreja de Jesus Cristo, vem somente de Jesus Cristo e ninguém pode possuir qualquer ofício ou autoridade a não ser que seja chamado diretamente por Ele ou por aqueles previamente chamados por autoridade para agir em seu lugar. Segundo, homem algum, embora chamado por Deus, pode presidir seus irmãos, a não ser com o consentimento de seus irmãos, sendo que nenhuma decisão pode ser tomada sobre os membros da Igreja exceto com seu comum consentimento.[18] Estes dois conceitos de governo da Igreja têm garantido tanto a sua eficiência como a sua democracia. Sem o primeiro, a autoridade de Deus para oficiair e agir em seu nome não poderia ser preservada, e sem o segundo, o livre-arbítrio do homem seria destruído.

Se os homens, ao aspirarem a cargos na Igreja, podendo contar com o apoio

18. **Doutrina e Convênios**, 20:63, 65-66.

PRES. N. ELDON TANNER　　PRES. SPENCER W. KIMBALL　　PRES. MARION G. ROM NEY

A Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (1977).

de seus amigos, fossem eleitos a determinado cargo, tomariam posse do mesmo em virtude de sua eleição e não em virtude de serem chamados por Deus para servi-lo. Estariam, de fato, forçando a sua aceitação e esperando reconhecimento de seus atos por um ser que nunca os chamou para agir em seu nome. Deste modo toda a teoria de autoridade sobre a qual repousa o Sacerdócio seria destruída. Se os oficiais da Igreja querem que seus atos sejam feitos em nome do Senhor e que sejam ligados a Ele, têm de possuir autoridade ou mandato do Senhor, para realizá-los. No entanto, a autoridade para agir em nome de outra pessoa não pode ser presumida: somente pode vir da pessoa representada e, conseqüentemente, através de seu chamado ou indicação.

Na verdadeira Igreja de Cristo não se aspira a cargos. Não há candidatos. Todos os que ocupam posições são chamados por aqueles que possuem a autoridade de Jesus Cristo.

O segundo princípio fundamental do governo da Igreja é de igual importância ao bem-estar dos membros – o consentimento geral dos membros da Igreja em todos os assuntos a eles pertencentes Pessoa alguma, chamada para determinado cargo, seja este alto ou baixo, pode oficiar ou agir em tal cargo a menos que aqueles que a vão ter como líder lhe dêem o seu voto de apoio e concordância para tal posição. Mesmo depois de ela ter sido apoiada, o princípio democrático continua. Em intervalos regulares o seu nome é apresentado aos membros, a fim de que possam expressar através do voto o seu desejo de apoiá-la ou rejeitá-la. Se a maioria a rejeita ela não pode continuar a oficiar ou agir nas capacidades de seu ofício, embora retenha esse mesmo ofício até que aqueles que a chamaram a desobriguem e chamem outro em seu lugar.

Este princípio democrático preserva o direito de livre-arbítrio dado por Deus, a harmonia da Igreja, e impede que pessoas indignas continuem em seus cargos.

Ao anunciar esses grandes princípios a seu povo, Joseph Smith colocou em suas mãos o poder para privá-lo de seu cargo sempre que, a seus olhos, o seu exercício de autoridade cessasse de ser justo. Conseqüentemente, do maior ao menor, pessoa alguma pode governar na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a não ser que seja chamada por Deus e apoiada pelos membros a quem foi chamada para presidir.

Na Igreja não há um período de função fixo, nem qualquer classe de pessoas em particular com o direito de oficial. Qualquer membro pode ser chamado para uma posição de responsabilidade e autoridade. Joseph Smith deixou de lado todas as diferenças de classes, declarando em palavras sensatas que "Deus não faz acepção de pessoa". Rico ou pobre, preso ou livre, instruído ou ignorante, homem ou mulher, todos podem se reunir e adorar em comum irmandade e serão julgados por um só padrão. Embora sejamos chamados para trabalhar em diferentes posições de acordo com nossas diversas capacidades e circunstâncias, nem o nosso nascimento nem nossa preeminência social ou econômica se tornam um critério para seleção.

Todo membro que se prepara para o seu trabalho e deseja servir não haverá de esperar muito para ser chamado para alguma responsabilidade ou dever específico. Entre os membros da Igreja, mais de dez por cento estão constantemente ativos em vários deveres e cargos. Além disto, este vasto trabalho e, em sua maioria grátis, é trabalho de amor, e o amor ao próximo é essencial à democracia.

Àqueles que possuem o Sacerdócio o Senhor disse:

"Os direitos do Sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e... os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelos princípios da retidão.

"É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós, mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados – ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, ou exercer controle ou domínio ou compulsão sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que

os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e quando se afasta, amem para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem.

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do Sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura e com amor não fingido;

"Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma sem hipocrisia e sem dolo;

"Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo;

"Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte.

"Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens, e para com a família da fé; que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e como o orvalho dos céus, a doutrina do Sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

"O Espírito Santo será teu companheiro constante, e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio, um domínio eterno, e sem medidas compulsórias fluirá a ti para todo o sempre".[19]

É significativo saber que os princípios do Sacerdócio e governo da Igreja proclamados por Joseph Smith como vindos do Senhor, têm sobrevivido admiravelmente e sem alteração a todas as mudanças efetuadas durante o século passado. Funcionam igualmente numa Igreja de três milhões de membros como numa Igreja de doze membros. São tão eficientes numa Igreja grandemente espalhada como numa Igreja geograficamente compacta. Encontram igual aplicação em qualquer país e entre povos de quaisquer nacionalidades. Isto se deve ao fato de terem tais princípios sido provados e testados pelo cadinho da eternidade e revelados a Joseph Smith pelo Senhor Jesus Cristo.

19. **Doutrina e Convênios**, 121:36, 37, 41-46.

Leituras Suplementares

Tópicos específicos:

A Natureza e a Necessidade de Autoridade. Smith, Doutrina do Evangelho, pp. 121-179.

A Autoridade Para Agir em Nome de Deus. Talmage, Sunday Night Talks, pp. 220-229.

Joseph Smith Recebe Autoridade.
Doutrinta e Convênios, Seção 13.
Joseph Smith, **History of the Church,** Vol. I, pp. 39-42, 175-176; Vol. III, pp. 383-389.

A Organização da Igreja.
Talmage, **Regras de Fé,** Cap. 11 e Apêndice 11.
Widtsoe, **A Rational Theology,** pp. 85-89

Chamados Dentro do Sacerdócio.
Widtsoe, **Priesthood and Church Government,** pp. 78-79.
In the Realm of Quorum Activity, Suplemento da segunda série, 1932, pp. 19-20.

Chaves do Sacerdócio.
Joseph F. Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 121-179.

Limitações do Chamado.
Widtsoe, **Program of the Church,** p. 81 (As mulheres e o Sacerdócio).

A Democracia e a Liderança na Igreja.
Joseph F. Smith, **Doutrinta do Evangelho,** pp. 121-179.

Como o Sacerdócio Funciona na Igreja.
Doutrina e Convênios, Seção 20.
Evans, **One Hundred Years of Mormonism,** pp. 107-111.
Joseph Smith, **History of the Church,** Vol. I, pp. 75-80.

Referências Gerais:
Talmage, **Regras de Fé,** Cap. 10.
Keller, **Church Government.**
Joseph F. Smith, **Doutrinta do Evangelho,** pp. 121-202.
Doutrinta e Convênios, Seção 20; 84; 107.
Widtsoe, **Priesthood and Church Government.**
Smith, **O Caminho da Perfeição,** pp. 141--150.

CAPÍTULO 46

PRINCÍPIOS E ORDENANÇAS DO EVANGELHO

O Princípio da Fé

O termo "Evangelho de Jesus Cristo" abrange tanta coisa que pode tornar-se confuso quando tentamos explicá-lo a outros. A fim de apreciar e compreender o Evangelho devemos começar a estudá-lo desde seus princípios mais simples, da mesma forma que alguém ao aprender matemática tem que iniciar com os cálculos mais simples antes de entrar na trigonometria.

Numa carta escrita a John Wentworth, editor do jornal **Chicago Democrat,** em 1840, Joseph Smith resumiu as crenças da Igreja em treze resolutas declarações que têm sido adotadas pela Igreja e chamadas de "Regras de Fé".[1] Na quarta regra ele declarou: "Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para a remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo".[2]

É interessante notar que Joseph Smith considerou cada um dos princípios acima como parte da verdadeira religião, pois são também princípios de vida e as ordenanças edificadas sobre tais princípios ganham, através disto, novo significado e importância. Naturalmente, ao procurarmos compreender o Evangelho devemos começar com os primeiros princípios.

Por que é a fé o primeiro princípio do Evangelho? Simplesmente porque é o primeiro princípio de todo o progresso humano. Desde que o Evangelho se preocupa com o progresso do homem, o primeiro princípio do Evangelho e o primeiro princípio do progresso humano devem ser os mesmos.

O que é a fé e como podemos considerá-la um princípio de vida? Consideremos uns poucos exemplos do funcionamento da fé. Um fazendeiro vê a neve derreter-se nos seus campos durante a primavera, deixando o chão escuro e barrento. Movido por algum sentimento interno ele ara a terra, irriga-a e planta a semente. Ao fazer isto está despendendo tanto dinheiro como esforço. A esse estado mental que o prontificou a tais esforços nós damos o nome de fé. A fé é menos que o conhecimento[3], porque o fazendeiro não sabe se haverá de colher o que plantou. A geada, enchentes, pragas, granizo ou fogo podem tornar seus esforços infrutíferos, destruindo sua esperada colheita. A fé, entretanto, é mais do que mera crença. O fazendeiro poderia crer que suas terras produziriam boa colheita e ainda assim dormir sossegadamente na varanda de sua casa, sem nada fazer.

A mesma condição mental prontifica o comerciante a armazenar seus produtos. Ele tem fé de que poderá vender com lucro os produtos que comprou. Sem esse estado mental essencial ele não compraria nada, procurando reter seu dinheiro ou seu crédito.

O cientista que despende tempo e dinheiro para organizar seu laboratório, para nele fazer suas experiências, assim o faz por causa da fé que tem de que tais experiências lhe trarão certos resultados. Sem tal fé as experiências cessariam, e assim também toda e qualquer invenção.

---

1. Ver apêndice. O texto completo da carta pode ser encontrado em Joseph Smith, **History of the Church, IV**, 3:53, pp. 536-541.
2. Joseph Smith, **History of the Church, IV**, p. 541.

3. A fé se baseia em algum conhecimento e conduz a um maior conhecimento, mas não é o conhecimento perfeito da coisa pela qual se espera. Ver Mosiah 5:4, Alma 26:21-22. Para um esplêndido tratado do crescimento da fé é conhecimento perfeito ler Alma 32:21-43.

Anos atrás muitos homens expressaram a crença de que aeroplanos poderiam voar sobre o Atlântico, mas a mera crença destes homens não resultou em tentativas suas. Foi dado tão-somente a Charles A. Lindbergh possuir aquele estado mental ao qual denominamos fé, e que é mais que crença: foi ele o primeiro a fazer tal tentativa. A sua fé na possibilidade de tal evento o conduziu à ação.

Destas ilustrações de fé nos caminhos comuns da vida podemos agora chegar a uma definição. Se a fé faz com que o fazendeiro plante, que o comerciante compre, que o cientista faça experiências e que o aviador voe, deve, portanto, ser a causa motora de toda a ação humana. Conseqüentemente, a fé é, sem dúvida, o fundamento principal de todo o progresso, pois certamente não pode haver progresso se nada fazemos.

Podemos perguntar, porém, como conseguiremos obter este estado mental chamado fé. Se perguntarmos ao fazendeiro por que espera colher este ano,ele, sem dúvida, nos diria que colheu no ano passado, e no ano anterior, a este, e nos anos anteriores a estes, e, portanto, espera colher novamente este ano. Sua fé está edificada nas evidências do que o solo, os elementos e os esforços humanos podem realizar. Quanto maior for o seu sucesso em suas colheitas maior será sua fé. Uma série de fracassos podem fazer com que ele perca a sua fé, resultando, eventualmente, no abandono de qualquer esforço seu.

O mesmo acontece com o comerciante. A fé que o prontifica a comprar está edificada nas evidências de compras anteriores, vendas e lucros. O cientista tem a evidência de experiências prévias com produtos químicos e suas reações, e nelas encontramos a fé para novas experiências.

Charles A. Lindbergh pilotou seu avião, "The Spirit of St. Louis", sobre a cidade de St. Louis, por um período de tempo superior ao requerido para atravessar o Atlântico. Caso tudo corresse bem, esta evidência do que o seu avião podia fazer, deu-lhe a fé necessária para a sua aventura.

Após assim raciocinar, o Apóstolo Paulo, muitos séculos atrás, chegou à seguinte conclusão: "A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem".[4] Sem evidência a fé não pode existir, e, quanto maior for a evidência, maior será a fé.

O Profeta Joseph Smith, embora reconhecedor de que a fé é o princípio geral de toda a vida, viu-se especialmente interessado na fé em Jesus Cristo. Assim como o fazendeiro sem fé na colheita não haverá de plantar, também sem fé em Jesus Cristo não se haverá de seguir os ensinamentos cristãos. Se seguir os ensinamentos de Cristo é entrar no caminho da felicidade e vida eterna, então a fé no Senhor e Salvador Jesus Cristo é o primeiro princípio do Evangelho. O fazendeiro pode ter fé numa futura colheita e plantar suas sementes; o comerciante pode ter fé nos seus futuros lucros e comprar a mercadoria, mas nem tal plantio ou tal compra são importantes quando comparados com o crescimento e salvação da alma. "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?".[5]

Se a fé é edificada na evidência, como podem aqueles que nunca viram Deus ter fé nele? Como pôde Joseph Smith, quando apenas um menino, ter fé suficiente para orar tão fervorosamente como o fez naquela manhã primaveril de 1820? As evidências são de dois tipos: aquelas que experimentamos nós mesmos e aquelas que adquirimos através de experiências alheias. O menino Joseph lia e acreditava na Bíblia. A Bíblia nos dá evidências de que Deus existe e de que Ele ouve e responde nossas orações. Joseph Smith aceitou tal evidência, juntamente com as declarações de seus pais e outros, concernentes à oração, e, tendo tal evidência por base, desenvolveu em seu coração a fé que lhe abriu as portas do céu e lhe deu resposta a seus problemas.

4. **Hebreus** 11:1.
5. **Marcos** 8:36.

A fé não é necessária tão-somente à oração, mas, também, em antecedência a todo o esforço feito pelo indivíduo para mudar sua personalidade e caráter. Aquele que é egoísta nunca o deixará de ser até que adquira aquele estado mental (fé) que o prontifica a mudar seu modo de agir e pensar. A evidência sobre a qual sua fé se baseia – ou seja, a certeza de que pode mudar seu caráter – consiste na observação dos indivíduos que o cercam, em suas próprias experiências, e, principalmente, no exemplo supremo daquele que foi completamente desprovido de egoísmo: Jesus Cristo. Aliás, o conhecimento do Mestre pode ser a maior evidência do que podemos nos tornar e a fé em nossas próprias possibilidades tem sido a maior força que conduz ao bem no mundo.

A fé no Senhor Jesus Cristo é a causa motivadora de muitas ações humanas. Se temos fé que Cristo vive ainda – que graças a Ele todos nós levantaremos dos mortos e seremos julgados de acordo com nossas obras, "sejam elas boas ou más" – tal fé nos incentiva a fazer boas obras, torna-se a causa motora de nossas atitudes e ações, moldando, conseqüentemente, nosso caráter. É ela a primeira lei de todo o crescimento espiritual.

Não só é a fé o primeiro princípio de vida sobre a terra, mas é, também, o primeiro princípio através do qual Deus opera. É a causa motriz das atividades de Deus. Lemos nas Escrituras que Deus construiu o mundo pela fé, pois sem fé que mundos poderiam ser organizados não haveria tentativa de fazê-lo. Portanto, é pela fé que o fazendeiro planta. É pela fé que o comerciante compra. É pela fé que o homem se vê induzido a orar; e foi pela fé que "Deus construiu o mundo". (Hebreus 11:3).

Arrependimento
Uma Lei Universal de Progresso

Se as ações de uma pessoa a levam na direção errada, quanto mais longe ela vai, mais errada fica. Por exemplo, digamos que João da Silva principie uma viagem de São Paulo ao Rio de Janeiro. Ele tem fé que seu carro o levará a seu destino. Uma estrada pavimentada, porém estreita o conduz a seu objetivo, mas é cruzada em muitos lugares por outras estradas. Numa destas intersecções ele toma a estrada que o conduzirá em direção completamente oposta ao Rio e, eventualmente, a um pântano. Como pode João alcançar o Rio de Janeiro? Enquanto ele não reconhecer seu erro continuará, sem dúvida, cegamente em seu caminho; portanto, o primeiro requisito será o reconhecimento de que está na estrada errada. No entanto, mesmo sabendo que está na estrada errada ele ainda assim poderá não querer alterar seu rumo. O mero reconhecimento do erro não faz com que passemos a fazer o certo. Há aqueles que sabem que o fumo, bem como outras drogas, prejudicam seu corpo, mas que persistem em usá-los. Há o ladrão que sabe que não deve roubar e que, no entanto, continua em suas más ações e até mesmo se regozija nelas.

Ao reconhecer que tomou a estrada errada João tem que se lastimar; lastimar-se por ter perdido seu tempo e dinheiro, por ter que chegar muito mais tarde a seu destino e por ter que se desencontrar com o amigo com quem combinou encontrar-se.

Entretanto, lastimar-se tão-somente não altera a velocidade de seu carro, que o leva mais e mais distante do destino desejado. Ele tem que se resolver a parar seu carro, dar a volta e retornar ao lugar onde seu erro principiou. As resoluções, porém, não têm nenhum valor em si mesmas. A despeito de ter reconhecido que estava na estrada errada, de ter se lastimado por ter tomado tal curso e ter resolvido voltar ao cruzamento, João ainda se encontra no caminho que conduz ao pântano e ninguém pode desviá-lo de lá.[6]

---

6. Isto ilustra a falácia da doutrina do arrependimento na hora da morte, prevalecente em grande número de igrejas cristãs. O pecador, na hora de sua morte, pode vir a reconhecer o caminho miserável pelo qual trilhou e sinceramente lastimar o curso que seguiu. Pode até mesmo se resolver a mudar sua maneira de viver e a corrigir seus erros, a voltar e principiar novamente, mas o sopro de vida que lhe resta logo se esvai e sua vida termina antes que ele possa voltar seus passos ou mudar seu caráter. Ficção teológica alguma pode mudar seu estado ao entrar no mundo dos espíritos. Ao morrer ele está, literalmente falando, no pântano, e do pântano terá que sair sozinho.

Conseqüentemente, o quarto passo é o mais importante e necessário. Ele tem que fazer aquilo que resolveu fazer: parar o carro, dar a volta e retornar ao lugar onde seu erro principiou, pegando a estrada estreita e apertada que o conduz ao destino desejado.

João agora se arrependeu de seu erro e pode continuar progressivamente em direção a seu destino. O seu arrependimento, porém, não lhe devolve o tempo, dinheiro e talvez as oportunidades perdidas.

Este arrependimento é uma lei da vida. É de aplicação ao progresso humano em todas as espécies de empreendimentos. O fazendeiro cuja fé o prontifica a plantar seus campos pode vir a ganhar uma colheita pobre. Métodos errados de irrigação, fertilização imprópria do solo, pragas etc. poderão reduzir seriamente sua colheita. Como pode ele progredir como fazendeiro? Somente ao reconhecer que o que fez estava errado, se é que fez alguma coisa, ao lastimar seu fracasso, resolver corrigir suas faltas e corrigi-las de fato, é que ele poderá esperar qualquer progresso como fazendeiro.

O comerciante cuja fé nas compras é seguida por vendas desapontadoras pode ter que se defrontar com a falência, caso não reconheça logo o que está indo errado, não lastime e não resolva mudar sua mercadoria ou seus métodos, agindo imediatamente. O químico que, em seu laboratório, faz experiências que terminam somente em desapontamentos, nada conseguirá enquanto não reconhecer o que está errado, lastimar seu erro, resolver-se a fazer mudanças e realmente fazê-las.

Há muitos anos atrás, Thomas A. Edison aprendeu que, quando a eletricidade era forçada através de um arame bem fino, o arame se tornava quente — se incandescia como uma luz esbranquiçada — produzindo a luz. Edison compreendeu que ali estava um possível meio de substituir o querosene por outro tipo de luz mais eficiente em nossos lares. Havia, porém, um sério empecilho: o arame, sujeito a um sobrecarregamento de eletricidade, queimava, ou, como costumamos dizer atualmente, se oxidava em poucos minutos. As donas de casa dificilmente se acostumariam com a inconveniência de trocar constantemente esse arame. Edison estava convencido de que a luz incandescente poderia ser aperfeiçoada e dispôs-se à tarefa de fazer experiências até consegui-lo.

Durante o curso de suas experiências um vizinho disse-lhe: "Sr. Edison, já descobriu como fazê-la funcionar corretamente?" Com um brilho de alegria nos olhos, Edison replicou: "Não, mas já descobri cinco mil modos para não fazê-la".

A resposta de Edison é significativa. Vez após vez a sua fé o estimulou a fazer nova experiência, e vez após vez ele corrigiu seus erros, até que, através de contínua aplicação de fé e de correção, alcançou os resultados que têm abençoado o mundo todo.

Entretanto, de maior importância que o desenvolvimento agrícola ou o sucesso comercial, ou, até mesmo, o aperfeiçoamento das forças da natureza, é o desenvolvimento do caráter e personalidade, que resulta em alegria eterna para a alma. Por exemplo, o egoísmo prejudica seriamente a felicidade do ser humano, porque cria uma barreira entre nós mesmos e aqueles que seriam nossos amigos, faz nascer a desconfiança e a suspeita e destrói a possibilidade de alegria advinda do ato de saber dar. A pessoa egoísta somente pode melhorar seu caráter e personalidade ao se conformar com a lei de crescimento e progresso. Tem que ter fé em sua própria habilidade para mudar. Deve reconhecer esse defeito de sua personalidade, lastimar esse traço de seu caráter e resolver mudá-lo, mudando-o realmente através de constante autocontrole durante considerável período de tempo, antes de poder dizer que teve sucesso neste particular. Esta mesma lei se aplica a todo o melhoramento do caráter humano.

O reconhecimento de nossos defeitos é feito em parte através da comparação de nós mesmos com aqueles que vivem à nossa volta, mas, em especial, através de nos vermos a nós mesmos à luz do caráter de Jesus e à luz de suas admoestações e mandamentos dados ao homem. Pessoa alguma pode comparar seu próprio caráter com o de Jesus de Nazaré sem sair perdendo na comparação. Embora uma pessoa possa ser rica em todo o tipo de virtude, seja amor, bondade, tolerância, compreensão, ou quaisquer das outras qualidades que possamos admirar, o Mestre a sobrepujará em todas por grande margem.

O estudo sincero da vida e exemplos de Jesus faz com que o homem indócil mude de temperamento, sendo-lhe de admirável efeito. Se nos vemos desejosos de imitar o caráter de Jesus, vemo-nos, do mesmo modo, desejosos de seguir o seu modo de vida — o Evangelho.

Acima de outras coisas, o Mestre nos demonstrou a natureza eterna do homem e demonstrou o seu poder sobre a morte, quando permitiu que seus irmãos lhe tirassem a vida do corpo de tal maneira que ninguém poderia duvidar de sua morte, deixando que seu corpo fosse colocado numa tumba selada por três dias; e então, ressuscitando dentre os mortos e permitindo que seus seguidores o vissem e sentissem o seu corpo ressuscitado.

O entendimento que o homem viverá para sempre, e que dará conta de seus atos perante Deus, é a mais potente força para o crescimento do caráter humano em todo o mundo.

A fé em Jesus Cristo como Filho de Deus sempre será um grande incentivo para que mudemos nosso caráter de acordo com o padrão estabelecido pelo Mestre; para que tal mudança seja efetuada é necessário o arrependimento, princípio este que, logicamente, segue a fé.

Logo deve tornar-se evidente que não há mais que um caminho para o progresso, um só caminho para a salvação, portanto, principiamos a compreender o que Jesus quis dizer quando declarou:

"Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e são muitos os que entram por ela).

"Porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida e há poucos que a encontram.[7]

Condenação

Aquele que não segue a lei de progresso eterno fica estacionado. É como se ele em sua corrida batesse contra um muro ou barreira, e não querendo remover tal empecilho, pedra por pedra, tem que ver para sempre o seu caminho obstruído. Dizemos que tal pessoa está condenada ou estacionada em seu progresso, porque ela não obedece às leis de progresso que são as leis de Deus. Portanto, a desobediência às leis de Deus ocasiona a condenação para as almas dos homens. O fazendeiro que não se arrepende de seus falhos métodos agrícolas continuará tão ineficiente como no princípio. Ele está condenado a ficar estacionado, sem qualquer progresso agrícola. Da mesma forma em todos os campos da vida: a pessoa que falha em obedecer a estas leis de vida se vê condenada — pelo menos no que concerne a seu campo de empreendimentos em particular —, não por Deus, mas por si mesma, quando ao exercer o seu próprio livre arbítrio. No entanto, embora muitas das pessoas que nos cercam condenem ao estacionamento o seu progresso em realizações materiais, a condenação maior e mais séria é a da alma eterna do homem, resultante da rejeição e desobediência das leis espirituais de Deus.

É inconcebível que o homem, a quem foi dado o livre arbítrio num universo regido por leis, tenha que fazer tudo com perfeição. É igualmente inconcebível que, tendo quebrado a lei, o homem possa alcançar progresso e alegria eterna sem arrependimento. As leis são quebradas de duas maneiras: através da ignorância ou erro e através de ações deliberadas. Ambas têm que se enfrentar com seus inevitáveis resultados. No mundo físico faz pouca diferença se

---

7. Mateus 7:13-14.

estamos cientes ou não de que estamos correndo em frente de um automóvel. O resultado é o mesmo em quaisquer circunstâncias — um corpo machucado, costelas quebradas e possivelmente a morte.

Conhecimento e Condenação

A ignorância das leis físicas que nos cercam parece não ser desculpa para que as quebremos, já que a penalidade nos é imposta, apesar de nossa falta de conhecimento do assunto. De certa forma o mesmo acontece no que concerne às leis feitas pelo homem, com as quais a sociedade procura regular a associação entre seus membros. Freqüentemente ouvimos as seguintes máximas: "A ignorância não é desculpa perante a lei".

Mesmo no campo do desenvolvimento da personalidade e do caráter, a ignorância das leis que envolvem o assunto não muda os seus efeitos sobre nós. Uma das leis da personalidade, entretanto, é aquela que diz que somente os atos maus, feitos de plena consciência, afetam seriamente a serenidade da mente ou disturbam aquilo que denominamos consciência. Por exemplo, João, a quem foi ensinado que está errado tirar os bens alheios, rouba frutas do quintal de seu vizinho, consumindo-as. Sua mente não se ressente, a despeito de tal ato. De fato ele pode, no presente, sentir-se mais contente e feliz que antes, por causa da satisfação que lhe deu o alimento. Por outro lado, se foi ensinado a João que é contrário às leis de Deus e do homem tirar os bens alheios, ele tem consciência de seu mau ato. O efeito de sua ação pode fazer com que ele sinta medo de ser preso e punido, produzindo-lhe inquietação e vergonha quando na presença de seu vizinho, sentimento este que só pode ser eliminado através do arrependimento e do perdão.

É o mau proceder consciente, aquele que produz a lástima e o remorso e que é chamado pecado. As criancinhas não podem pecar. Isto é, não sabendo diferenciar o bem do mal, não podem cometer atos que lhes trarão remorso de consciência. Tampouco podem os adultos que ignoram a lei, seja por não terem inteligência suficiente para compreendê-la ou porque ela não lhes foi ensinada, cometer pecados ou atos que possam ser seguidos de remorso de consciência. Não havendo remorso de consciência, não há necessidade de arrependimento, ou, em outras palavras, não se pode arrepender.

O Profeta Nefita, Mórmon, escreveu uma carta a seu filho, Morôni, concernente e este e a outros problemas causadores de considerável disputa em seus dias. No curso de sua carta ele diz: "... As criancinhas estão sãs, visto que são incapazes de cometer pecados... e não necessitam de arrependimento nem de batismo". — Morôni 9:8,11.

Encontramos também uma declaração concernente àqueles que viveram sem conhecimento da lei. "Pois o poder da redenção vem sobre todos os que não têm lei; portanto, aquele que não está condenado, ou, aquele que não estiver sob condenação, não pode se arrepender".[7a]

Conseqüentemente, embora os efeitos físicos do rompimento da lei não possam ser evitados, mas sigam inevitavelmente à violação, a condenação de nossos associados e de nosso Pai celestial vem somente quando conscientemente fazemos aquilo que é errado.

Batismo
O Terceiro Grande Princípio de Progresso

Há um grande princípio de progresso discernível em todos os caminhos da vida: o constante sepultamento dos erros e pecados passados e o renascimento para uma nova vida. Esta é uma lei fundamental de felicidade. O homem é uma criatura que constantemente comete erros, cujas conseqüências, à proporção que se acumulam, podem mesmo vir a roubar o prazer e a alegria de viver. O Grande Senhor do universo, porém, instituiu uma lei sábia. As folhas mortas e secas caem da árvore no outo-

---

7a. **Morôni** 8:22.

no e renascem na primavera. Em toda a natureza há períodos de renascimento. O passado, com seus erros e feias cicatrizes, é enterrado e nova vida cobre a terra. A não ser que tal renascimento ocorra, a morte e a desolação haveriam de prevalecer.

Este princípio é também de fácil observação nas várias fases da vida do homem. Ele pode ser ilustrado no campo comercial. O comerciante que não deixa de lado suas perdas e fracassos, vivendo constantemente na esperança do presente e do futuro, logo perde sua coragem e fé. A memória dos fracassos passados destrói sua fé. Seu negócio cessa de expandir e pode gradualmente deixar de existir.

Durante depressões comerciais, quando alguns indivíduos perdem suas fortunas quase da noite para o dia, podemos observar este princípio em ação. Aqueles que nunca aprenderam a enterrar o passado e viver nova vida, deixam que a memória de suas perdas lhes roube o apetite e o sono, até se verem privados de sua saúde e passarem a viver num verdadeiro inferno, sobre a terra.

Só aquele homem de negócios que sempre enterra os erros e fracassos do passado e vive na esperança do amanhã é que se torna bem sucedido. Durante a depressão comercial de 1930 um repórter, perguntou a Henry Ford, da **Ford Motor Company,** o seguinte: "Sr. Ford, o que faria o senhor se viesse a perder, subitamente tudo o que já construiu: suas fábricas, minas e estradas, bem como todo o seu dinheiro?" Naturalmente a pergunta era hipotética. O Sr. Ford não tinha perdido os seus haveres, mas o repórter testificou que nunca haveria de se esquecer da resposta. Com brilho nos olhos e seu punho fechado em sinal de determinação, o magnata replicou: "Dê-me dez anos e construo tudo de novo". Esta declaração contém o espírito do Evangelho de Jesus Cristo. Quão freqüentemente as palavras do Mestre se fizeram ouvir nas ruas de Jerusalém: "Ide e não mais pequeis". Enterrai o passado com todos os seus vícios e pecados e constituí uma vida nova.

O enterro dos erros, vícios e ódios do passado é uma das mais prementes necessidades do mundo atual. É um princípio fundamental para a nossa felicidade.

No grande Reino espiritual de Deus cada dia é uma nova era de oportunidades. Aquele que não enterra o passado e não vive no futuro já fez um convite ao esquecimento; ao seu esquecimento. Devemos sentir o espírito daquele grande poeta americano, Edwin Markham, que, ao completar seus oitenta anos, escreveu:

Olhemos à Frente

Não tenho mais nada com os anos passados; estou quites:
No que está morto ou velho não mais pensarei.
São minas exauridas: cavando, extraí todo o metal precioso
Agora me volto ao futuro, em busca de vinho e pão.
Disse adeus ao passado
Rindo, abro meus braços aos anos por vir:
Vinde: Estou pronto para vos receber!".

Portanto, a fim de se alcançar o Reino de Deus, temos que aceitar o terceiro e grande princípio de progresso, sem o qual não pode haver entrada nos mundos sem fim.

O Profeta Nefita, Morôni, escreveu:

"Eis que eu vos digo que seríeis mais miseráveis vivendo com um Deus justo e Santo, consciente de vossa imundície diante dele, do que se vivêsseis com as almas condenadas no inferno.

"Porque, quando fordes levados a ver vossa nudez perante Deus, e também a glória de Deus e a santidade de Jesus Cristo, uma chama de fogo inextinguível acenderá sobre vós".[8]

O homem não somente deve se arrepender de seus pecados, mas deve também removê-los de sua consciência antes de poder entrar na presença de Deus. O Senhor prometeu perdão a todos aqueles que, arrependendo-se,

8. **Mórmon,** 9:4-5.

cumprissem a ordenança do batismo e renascessem espiritualmente.

A Ordenança do Batismo

Quando compreendemos ser o princípio do batismo uma das leis básicas para o progresso pessoal, principiamos a entender a impossibilidade de se alcançar a salvação (liberdade dos efeitos malígnos ocasionados pelos maus atos), a não ser que cumpramos esta lei básica. Não há, de fato, outro caminho que leve de volta a Deus.

À luz de nossa compreensão deste princípio se torna lógico que Deus, interessado como está no bem-estar de seus filhos, lhes dê como requisito um símbolo externo que indique a aceitação desta lei básica e convênio a ser obedecido. Para que esta ordenança seja útil e significativa, ela deve simbolizar e ajudar a preservar o princípio nela envolvido. Todas as formas de batismo que falham em assim fazer não têm sentido de ser. Por ser a aceitação do princípio do batismo um requisito para entrada no reino de Deus, esta ordenança se torna uma cerimônia de iniciação para a entrada em tal reino. Deve, portanto, exemplificar aquilo que é o que há de mais importante no Evangelho: o sepultamento e a ressurreição de Cristo, tornando-se uma prova que o candidato dá de sua preparação para o Reino. Além disso, a ordenança deve ser disponível a ricos e pobres, em todas as partes do mundo. Dizer que não deveria haver nenhuma ordenança ou formalidade requerida para se entrar na Igreja ou Reino de Deus, é dizer que não são necessários quaisquer requisitos para participar ou gozar de completa participação em tal Reino, e, se isso fosse verdade, o Reino não nos seria valioso. Toda instituição terrena que não possui requisitos para que nela entremos, seja ela grande ou pequena, não é de grande valor para nós.

Se a Igreja de Jesus Cristo não exigisse quaisquer requisitos daqueles que

Fonte batismal do Tabernáculo de Lago Salgado

nela procuram entrar, como poderia ela mudar nossas vidas, ou aproximar-nos o menos que seja da salvação? E se uma organização tem por propósito levar seus membros à salvação, levá-los à observância dos princípios básicos do crescimento humano, como poderia ela pôr à prova a boa vontade do candidato em aceitar e viver tais princípios sem requerer dele algum ato externo que viesse a servir de convênio ou promessa solene de que tal pessoa será obediente?

Concebe-se que Deus, nosso Pai, possa ter pensado em outros testes além do batismo, que servissem como rito inicial, mas a mente humana não pode conceber uma cerimônia mais adequada e bela que a do batismo, nem uma que atinja tão bem seus propósitos quando apropriadamente realizada. Deus, em Sua sabedoria, escolheu a única forma de batismo que pode satisfazer todos os requisitos — o batismo por imersão na água. Ao examinarmos esta ordenança mais e mais apreciaremos a sua apropriabilidade. Primeiro, a imersão na água é um completo sepultamento. Significa uma morte completa e sepultamento de nós mesmos, um completo esquecimento do pecado e um completo nascimento da alma. A aspersão não poderia ter o mesmo significado: não poderia nem mesmo sugeri-lo. O sepultamento parcial de nossas velhas falhas não deixará que nós as esqueçamos. O esquecimento parcial do mal não nos salvará. Devemos esquecer completamente nossos erros, se quisermos alcançar a salvação. Portanto, deve haver um completo sepultamento na água e um completo renascimento da água. Segundo, tal batismo melhor coloca à prova o coração e a alma do candidato. Assim como a morte humilha os mais poderosos e o túmulo remove todo o vestígio do poder e orgulho, também o batismo, pelas mãos de um servo de Deus, tem um efeito semelhante na mente do indivíduo. Ao morrermos e sermos enterrados simbolicamente, diante dos olhos de nossos companheiros, nos sentimos possuídos de uma humildade tal como nunca mais talvez venhamos a sentir.

Os homens entram em convênio um com o outro, ao fixar suas assinaturas a documentos escritos ou ao solenemente entrarem em acordo através do levantamento de sua mão, mas nenhum destes símbolos externos possui a beleza e impressionismo do convênio feito com Deus quando a pessoa entra no batismo.

Batismo, um Novo Nascimento

"O batismo da água, para a remissão dos pecados, e a imposição das mãos para o dom do Espírito Santo constituem o nascimento da água e do Espírito. Isto é essencial à salvação. É mais que um símbolo: é uma realidade, um nascimento de fato. Como poderia um homem entrar neste mundo mortal sem ter nascido como os outros nasceram? Alguém já o fez? Nunca foi feito porque existe uma lei que controla o nascimento mortal. Ninguém pode obter o segundo nascimento a não ser que cumpra as leis daquele nascimento, ou seja, a lei de nascer da água e do Espírito, da maneira prescrita pelo Senhor. Nenhum homem pode chegar a Deus sem arrependimento. Pecadores não perdoados não poderão habitar em sua presença. Para entrarmos, precisamos ser santificados e limpos de nossos pecados; a lei que regula este assunto foi fixada de maneira inalterável. Podemos nos rebelar, podemos protestar e pensar que este método é tolo e desnecessário; mas é originário da sapiência de Um que conhece todas as coisas. Quem é o homem para que duvide de Deus? "Porventura gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? ou presumirá a serra contra o que puxa por ela? Como se o bordão movesse aos que o levantam, ou a vara levantasse o que não é pau!" (Isaías 10:15).

Efeito da Primeira Morte, ou Morte Espiritual

"Todos nós aprendemos que o batismo é para a remissão dos pecados, mas o Senhor nos deu maiores explicações quanto a finalidade e eficiência desta ordenança. O batismo data da queda de Adão. Adão foi retirado da presença do Senhor devido a essa transgressão, e assim foi banido da presença do Pai. Esta separação é chamada a "primeira", ou então a "morte espiritual". Todos aqueles que não estão arrependidos, que não aceitaram o Evangelho, estão espiritualmente mortos, isto é, estão sujeitos à "primeira" morte, que é a expulsão da presença do Senhor.

"A morte é a separação. Explicando este assunto, o Senhor disse a Joseph Smith:

"Portanto, aconteceu que o diabo tentou a

Adão, e ele comeu do fruto proibido, e transgrediu o mandamento, no que se tornou sujeito à vontade do diabo, porque cedeu à tentação.

"Portanto, Eu, o Senhor Deus, fiz com que fosse expulso do jardim do Éden, da Minha presença, por causa da sua transgressão, na qual ele morreu espiritualmente, sendo essa a primeira morte, a mesma que é a última morte, a morte espiritual, a qual será pronunciada sobre os iníquos quando Eu disser: Apartai-vos, malditos". (D e C 29.40-41).

"Este mesmo desterro foi pronunciado sobre todos aqueles que não se arrependem e nem aceitam as ordenanças do Evangelho, ' Pois eles não podem ser redimidos', disse o Senhor, 'de sua queda espiritual, porque não se arrependem'.

Nascendo de Novo Para o Reino do Céu

"Como então podemos vencer esta morte? Como podemos voltar do exílio? Nascendo de novo, da água e do espírito. Para voltarmos, devemos cumprir certas leis que foram fixadas eternamente e que são tão imutáveis quanto os Céus. Estas leis são as da cerimônia da água, ou nascimento, e o nascimento pelo Espírito de Deus, ao receber a dádiva do Espírito Santo pela imposição das mãos.

"Assim podemos ver que o batismo é o meio pelo qual voltamos à presença do Senhor após termos sido banidos de sua presença. Por esta razão trata-se de um enterro na água e simboliza tanto uma morte como um nascimento para uma vida nova, e é à semelhança da morte de Jesus Cristo, assim como do nascimento para este mundo. João compreendia isto quando disse:

"Quem é que vence o mundo senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?

"Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade'.

"Porque três são os que testificam.

"O Espírito, a água e o sangue, e estes concordam num. (I. João 5:5-8)'.

"Esta doutrina não foi apresentada, de início, por João; evidentemente ele a recebeu de profetas anteriores, pois lemos no livro de Moisés:

"Que por causa da transgressão vem a queda que traz a morte; e como haveis nascido no mundo pela água, sangue e espírito que fiz, e assim haveis tornado do pó, alma vivente, mesmo assim tereis de nascer de novo no reino do céu, da água e do espírito, e ser limpos pelo sangue, ou seja, pelo sangue de Meu Unigênito, para que sejais santificados de todo o pecado e gozeis das palavras da vida eterna neste mundo e da vida eterna no mundo vindouro, até mesmo glória imortal.

"Porque, pela água guardareis o mandamento, pelo Espírito sereis justificados, e pelo sangue sereis santificados'. (Moisés 6:59-60).

"A significativa semelhança entre o nascimento e o batismo, e entre a morte e o batismo, com o simbolismo encontrado na expressão das testemunhas celestiais e terrenas, é muito simples para os que compreenderam o mandamento do céu em relação ao segundo nascimento".[9]

Autoridade para Batizar

Assim como a autoridade é necessária a fim de que sejamos admitidos em qualquer organização de qualquer tipo, assim também, para admitir alguém no Reino de Deus, requer-se autoridade daquele que oficia a admissão.[10] Somente Cristo pode realmente admitir alguém a associação com ele. Se Cristo não pode estar pessoalmente presente e outra pessoa deve agir em seu lugar, esta outra certamente deve possuir autoridade direta de Cristo antes de a ação feita em seu nome poder ser ligada a ele. Pois, embora qualquer grupo de pessoas possa organizar uma Igreja e autorizar um ou mais de seus membros a iniciar novos membros, tendo até mesmo os mesmos requisitos exigidos por Cristo, ainda assim, a igreja assim organizada continua sendo uma igreja dos homens, fundada pelo homem, sendo o iniciado membro desta igreja e não da igreja de Cristo. Isto poderia ser perfeitamente satisfatório a todos os interessados, se tal igreja pudesse oferecer a seus membros as mesmas bênçãos que Cristo pode oferecer. Se, entretanto, há qualquer poder adicional em Cristo ou quaisquer bênçãos que ele pode dar, superiores ao homem comum, então a associação na igreja dos homens se torna uma substituição pobre da igreja de Cristo, e a autoridade, que não vai além daquela que podem os membros de tal organização terrena dar a si mesmos, torna-se bastante inexpressiva e sem significado.

A pessoa que não tem nem mesmo a autoridade delegada pelos membros de determinada igreja como base sobre a qual agir, mas que se apoia tão-somente

9. Joseph Fielding Smith, O **Caminho da Perfeição**, pp. 127-129.
10. A necessidade de autoridade para agir em nome alheio é mais completamente discutida no capítulo anterior.

em seu próprio desejo de servir a Cristo como base de autoridade para agir em seu nome, acha-se em pior situação ainda. De fato, a pessoa por ele iniciada ou batizada não fica nem um pouco melhor depois do batismo, pois aquele que a batizou não pode pretender a doação de bênçãos nem mesmo de uma organização humana, quanto mais de Cristo. Seria um paradoxo pensar que para um candidato ser admitido ao Reino de Deus teria que passar por métodos definidos e ordenanças que requerem formas e atividades fixas, considerando, ainda assim, que a autoridade de Deus para fazer tais coisas poderia ser obtida sem as correspondentes formalidades.

Quais são os benefícios ganhos pelos membros dignos da Igreja de Jesus Cristo, admitidos através de autorização apropriada, que não estão à disposição de qualquer organização religiosa criada pelo homem? Quem melhor pode explicá-lo é o próprio Jesus Cristo: Aos nefitas, no Continente Americano, há mais de mil e novecentos anos, ele disse:

"Bem-aventurados sereis se prestardes atenção às palavras destes doze que escolhi dentre vós para ministrarem a vós e vos servirem; e a eles dei poder para que possam batizar-vos com água, e após haverdes sido batizados na água eis que eu vos batizarei com fogo e com o Espírito Santo; portanto, bem-aventurados sois se crerdes em mim e fordes batizados depois de me terdes visto e de saberdes que eu sou.

"E, outrossim, mais bem-aventurados serão os que acreditarem em nossas palavras por haverdes testificado ter-me visto e saber que eu sou. **Sim benditos são os que crerem nas vossas palavras, e se humilharem profundamente e forem batizados, porque eles serão visitados com fogo e com o Espírito Santo, e serão remidos os seus pecados**".[11]

Notamos aqui duas bênçãos distintas, advindas àqueles apropriadamente batizados. **Primeiro,** Cristo promete um batismo por fogo e pelo Espírito Santo. **Segundo,** promete a remissão dos pecados. Embora ambas as promessas estejam condicionadas ao cumprimento da promessa de viver as leis do reino, ambas podem ser obtidas pelo iniciado. Nenhuma destas bênçãos pode ser prestada pelo homem nem por qualquer organização dos homens, pois embora o homem possa batizar com água, a ação é puramente mecânica e não altera em si o caráter do recebedor. A ordenança exterior não alcança o coração nem presta testemunho à mente; mas, quando Cristo envia o Espírito Santo e sua confortante influência toca o coração, o homem é batizado internamente. O testemunho da verdade das palavras de Cristo penetra em sua alma, transformando-o. Ele se vê então verdadeiramente renascido e seu testemunho atua como uma fonte motivadora para um viver reto, prontifica-o a seguir na vida um curso que o haverá de conduzir à salvação. Neste ponto se torna evidente que o batismo indevidamente realizado de nada vale, pois embora o homem possa realizar a ordenança externa, tal ordenança em si não tem poder de salvação. Sem a autoridade para conferir o Espírito Santo, o batismo interno da alma não pode ser realizado e a ordenança toda se torna completamente sem significado.

Igualmente, na segunda promessa o Salvador disse que aqueles que são batizados por fogo e pelo Espírito Santo "receberão a remissão de seus pecados". Esta bênção não pode ser dada pelo homem, pois é advinda tão-somente de Deus. O ato mecânico do batismo não causa a remissão dos pecados; o que a causa é a purificação do coração, que segue à recepção do Espírito Santo, recepção esta que verdadeiramente capacita o indivíduo a deixar de lado seu modo de vida anterior e purificar-se diante de seu Criador. Conseqüentemente, o ato físico do batismo não lava nossos pecados, mas é o símbolo de uma promessa feita a Deus de que viveremos de acordo com os princípios do progresso humano que nos foram dados a conhecer através do Evangelho, que exercitaremos a fé, praticaremos o arrependimento e teremos o desejo constante de sepultar continuamente nosso velho eu, vivendo uma nova vida. Este ato físico nos dá a promessa divina de

11. III Néfi 12:1-2.

que, se vivermos de acordo com tais princípios, todos nossos pecados serão perdoados. Como o declara Mórmon no Livro de Mórmon:

"Eis que o batismo é para o arrependimento, a fim de que se cumpram os mandamentos, para a remissão dos pecados".[12] E novamente:

"E o primeiro fruto do arrependimento é o batismo; e o batismo vem pela fé, para que se cumpram os mandamentos; e o cumprimento dos mandamentos traz a remissão dos pecados" [13]

Homem algum pode tomar sobre si mesmo o direito e poder de ligar Cristo a uma promessa. E se Cristo não está ligado a nenhuma promessa dos homens, elas não têm nenhum valor. Portanto, a fim de que o batismo nos proporcione as bênçãos de Deus, deve ser realizado na forma ordenada por Deus, através da autoridade obtida divinamente, de maneira tão determinada e definida como a própria ordenança do batismo.

Portanto, Quem Deve Ser Batizado?

Se o valor real do batismo segue a ordenança mecânica externa e consiste na transformação da alma, ele é inútil sempre que, por qualquer razão, esta transformação não se possa efetuar. Conseqüentemente, a ordenança do batismo de nada serve aos anormais psíquicos, pois eles não o podem compreender, e o seu modo de vida não se pode alterar. Portanto, se seu modo de vida não é alterado, ele não se aproxima nem um pouco da salvação, o que leva o Senhor a não requerer este ato externo de tais pessoas, já que é completamente inútil. Isto se aplica a todos aqueles que vivem "sem lei", isto é, todos aqueles que, por sua falta de entendimento do Evangelho, não podem compreender as suas leis e princípios. Não compreendendo as leis, não podem chegar a observá-las melhor, somente por causa de uma ordenança que não tem significado algum para eles. O mesmo acontece em relação às criancinhas. Não tendo ainda desenvolvido suas mentes a um ponto em que os princípios do Evangelho lhes possam ser ensinados, a ordenança do batismo pode não lhes ser de significado algum e não alterará de forma alguma seu curso de vida. No caso das criancinhas, porém, devem ser considerados também outros fatores adicionais. A criança não pecou e não necessita de arrependimento, conseqüentemente, não necessita, de imediato, que o Espírito Santo a faça esquecer seus pecados ou que lhe dê remissão dos mesmos. Portanto, o batismo dos infantes não tem valor ou significado e não é requerido pelo Senhor. A este respeito as Escrituras dos últimos dias falam com muita clareza. Consideremos as palavras do Profeta Mórmon:

"Ouve as palavras de Cristo, Teu Redentor, Teu Senhor e Teu Deus. Eis que vim ao mundo, não para chamar os justos, mas para chamar os pecadores ao arrependimento; os sãos não precisam de médico, e sim os que estão enfermos portanto, as criancinhas estão sãs, visto que são incapazes de cometer pecados...

"E seus filhos pequenos não necessitam de arrependimento nem de batismo. Eis que o batismo é para o arrependimento, a fim de que se cumpram os mandamentos, para a remissão dos pecados...

"Porque eis que todas as criancinhas estão vivas em Cristo, como todos os que não têm lei. Porque o poder da redenção alcança a todos que não têm lei; portanto, aquele que não estiver condenado ou que não estiver sob condenação, não pode se arrepender e para esse é inútil o batismo.

"Mas é zombaria perante Deus negar as misericórdias de Cristo e o poder do Seu Santo Espírito, e depositar confiança em obras mortas".[14]

12. **Morôni** 8:11
13. **Morôni** 8:25.

14. **Morôni** 8:8, 11, 22-23.

Nota: Muitos dos que se dizem cristãos consideram que as criancinhas necessitam de batismo por causa do pecado original de Adão no Jardim do Éden. O conceito foi desenvolvido nos primórdios do cristianismo de que, por causa do pecado original todas as criancinhas nascem em pecado e não podem ser membros do Reino de Deus a menos que sejam batizadas e sua condenação removida. À luz de palavras adicionais de Cristo e dos profetas, restauradas através de Joseph Smith, vê-se que este conceito está errado. Isto se revela nas seguintes palavras: "E nosso pai Adão falou ao Senhor e disse: Porque é que os homens devem arrepender-se e batizar-se na água? E o Senhor respondeu: Eis que perdoei tua transgressão no Jardim do Éden. Daí apareceu, entre o povo, o ditado: Que o Filho de Deus tinha expiado o pecado original, sendo que, os pecados dos pais não podem recair sobre a cabeça dos filhos, porque estes são limpos desde a fundação do mundo". – **Pérola de Grande Valor**, Moisés 6:53-54.

Também o seguinte:

"Portanto, as criancinhas estão sãs, visto que são incapazes de cometer pecados, por isso, a maldição de Adão foi removida delas para Mim, a fim de que sobre elas não tenha poder..." – Morôni 8:8.

A Imposição das Mãos Para o Dom do Espírito Santo
Quarto Princípio de Progresso

Deve ser universalmente reconhecido que, sendo que o homem entra nesta vida desprovido de conhecimento, tanto do mundo, como das leis básicas que o governam, seu progresso seria extremamente vagaroso e sacrificado sem contato com outras pessoas. De fato, a dependência que temos de nosso próximo para o nosso aprendizado permeia toda nossa vida, e nosso desejo de aprender tem muito que ver com nossa média de progresso. Por exemplo, todo o nosso sistema educacional está baseado na conjuntura de que podemos aprender de outros ou com outros muito mais depressa do que sozinhos. Todos os nossos livros e literatura vieram a existir por causa da mesma lei básica de progresso. Quando a imprensa foi inventada o homem se viu capacitado a preservar e estender a seu próximo o conhecimento que possui; seu próximo, por sua vez, se viu capaz de ler e aceitar tal conhecimento, recebendo o progresso humano um poderoso impulso.

O infante ver-se-ia perdido e destruído pelo mundo físico no qual se encontra, não fossem os conselhos e cuidados daqueles que já atravessaram, pelo menos, uma parte do caminho da vida. Se toda a humanidade cessasse de ser ensinada por seu próximo, uma única geração seria o suficiente para reduzir-nos ao barbarismo.

Aquele indivíduo que adiciona às suas próprias experiências as experiências e descobertas alheias multiplica muitas vezes o conhecimento que poderia possuir. O rapaz que deseja ser químico fará um progresso infinitamente maior ao adquirir o conhecimento de outros, conquistado arduamente em tal campo, e ao se sentar aos pés daqueles que já estão familizarizados com as leis químicas, do que ao ignorar todos os conhecimentos de química ganhos pelo homem e ao conservar-se isolado de todos aqueles que o poderiam ajudar.

O jovem que, sentado às portas de uma universidade, diz em seu coração: "Sou tão bom, tão inteligente, tão desejoso de conhecimento como qualquer um desses que estão entrando na universidade, mas, por que deveria eu entrar em tal instituição? Por que deveria eu me matricular e assistir a aulas?" certamente ignora uma lei de vida. Suponhamos que o que o jovem pensa sobre si mesmo seja verdadeiro; os resultados dos dois possíveis cursos de ação são bastante evidentes. O jovem poderá se sentar às portas da universidade até o dia final e ainda assim continuar sabendo pouco ou nada de química, história, geologia ou quaisquer outros assuntos ensinados em tal instituição; enquanto isso, o jovem que satisfaz os requisitos de entrada e ansiosamente procura a ajuda daqueles que estão treinados para ajudá-lo, faz marcantes progressos e em poucos anos pode adquirir o aprendizado que gerações de homens e longos anos de pacientes experiências acumularam.

Isto ilustra uma lei básica de vida. O progresso é mais rápido quando o homem adquire o direito de ser ensinado e é ensinado por aqueles que estão em condições de fazê-lo. O direito de ser ensinado pelos pais é adquirido através do nascimento ou entrada na unidade familiar; o direito de ser ensinado na escola é adquirido através do preenchimento dos requisitos de entrada, do pagamento das mensalidades, da matrícula, etc. Da mesma forma, o direito de ser ensinado por Deus é adquirido através da entrada em Seu Reino. Conseguimos entrada em tal reino ao sermos batizados e ao recebermos o direito às instruções do Espírito Santo através da imposição das mãos.

À Procura do Conhecimento de Deus

Nos tempos antigos o escritor do Livro de Jó citou as seguintes palavras do próprio Jó: "Porventura alcançarás os caminhos de Deus?" E a resposta da humanidade desde aquele dia até o dia de hoje tem sido bastante negativa. No entanto, muitos têm continuado em tal

procura. Assim como o menino que desmonta um relógio peça por peça, procurando compreender o segredo de seu funcionamento, também os homens têm se aprofundado nas obras do universo, tentando descobrir a natureza de seu criador; e, assim como as peças do relógio se tornam pedaços mortos de aço nas mãos do menino e a inteligência que o fabricou continua tão remota quanto antes, assim também aquele que procura encontrar Deus na natureza nunca chega a seu objetivo e tem de fabricar em sua própria imaginação o Deus que não pode ver. Conseqüentemente, seu deus é uma criação de sua própria mente e não pode sobrepujá-lo em inteligência ou coerência.

Como pode então o homem chegar a conhecer a Deus? Somente quando o homem procura Deus e Deus Se revela a ele, e somente quando aquele que recebeu tal conhecimento de Deus o ensina a seu próximo.

O Espírito Santo

O Reino de Deus pode ser assemelhado a uma escola. Todos os que podem preencher os requisitos de entrada podem entrar. No caso da escola os requisitos de entrada são o pagamento de mensalidades e a evidência de certos conhecimentos básicos. Sem tal preparação básica o aluno não pode esperar ganhar qualquer proveito de sua admissão.

Os requisitos de entrada no Reino de Deus são igualmente essenciais à participação e benefício do Reino. A não ser que tenhamos fé em Deus e em Seu Filho, Jesus Cristo, que nos arrependamos de nossos pecados e estejamos desejosos de entrar em convênio com Deus, vivendo uma nova vida, como o evidência o sepultamento e renascimento através do batismo, não podemos esperar ser ensinados pelo Espírito Santo ou ser influenciados por ele. Entretanto, assim como o aluno pode pertencer a determinada escola e fracassar no recebimento de instruções, assim também nós, como membros do Reino de Deus, podemos fracassar em receber a influência do Espírito Santo.

O direito de instrução é dado, em ambos os casos, por aqueles que têm autoridade para tal – no caso da escola, por um oficial devidamente designado que represente o estado ou o povo, e no caso do Reino de Deus, por alguém que possua a autoridade de Deus.[15] Entretanto, o aluno pode dormir durante o período de aula e o membro do Reino de Deus pode nunca procurar a influência do Espírito Santo.

Este é o caminho estreito e apertado, que conduz à vida. Não é o fim da estrada. Aquele que se torna membro da Igreja de Cristo não atingiu o seu objetivo final – ele apenas ultrapassou a porta. A respeito de tais pessoas, Néfi disse:

"E agora, meus queridos irmãos, depois de haverdes entrado neste caminho reto e apertado, eu vos pergunto: Estará tudo feito? Eis que vos digo: Não; porque não haveríeis chegado até esse ponto, se não fosse pela palavra de Cristo, com fé inabalável nele e confiando plenamente nos méritos daquele que tem o poder de salvar.

"Deveis pois prosseguir para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteando-vos com a palavra de Cristo, e perseverando até o fim, eis que, diz o Pai: Tereis vida eterna.

"E agora, meus queridos irmãos, este é o caminho; e não há nenhum outro caminho ou nenhum nome dado debaixo do céu pelo qual o homem poderá ser salvo no reino de Deus".[16]

Conta-se que um infiel certa vez disse ao grande Pascal, que era cristão devoto: "Se você provar sua religião, eu tentarei segui-la".

Pascal replicou: "Se você tentar segui-la, ela se provará por si mesma".

Nenhuma pessoa que tenha vivido completamente o Evangelho de Jesus Cristo jamais deixou de encontrar felicidade. Nenhuma pessoa que tenha seguido completamente a Palavra de Sabedoria jamais deixou de receber um testemunho de sua veracidade.

Todos aqueles que entraram no Reino de Deus e receberam o Espírito Santo

16. **Livro de Mórmon**, II Néfi, 31:19-21.

jamais deixaram de ganhar novos objetivos para suas vidas. Os homens que entraram neste reino, de boa vontade cruzaram terras, suportaram privações, sacrificaram seus bens e a associação a seus entes queridos, a fim de que outros pudessem aprender o que eles aprenderam, e entrando no Reino, pudessem ter a mesma plenitude de alegria.

Tão poderoso é o efeito do Espírito Santo sobre aqueles que entraram no Reino de Deus, que o antigo profeta nefita, Jacó, preveniu seu povo, quando o viu adquirindo grandes bens:

"Mas, antes de buscardes riquezas buscai o Reino de Deus.

"E depois de haverdes obtido uma esperança em Cristo, conseguireis riquezas, se as procurardes; e procurá-las-eis com o fito de praticar o bem; para vestir os nus, alimentar os famintos, libertar os presos e dar conforto aos doentes e aflitos".[17]

Aos judeus que esperavam o Reino de Deus com exércitos e fronteiras, o Salvador disse:

"O Reino de Deus não vem com aparência exterior.

"Nem dirão: Ei-lo aqui ou ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está entre vós".[18]

É o desenvolvimento interno que produz a conformidade às leis de Deus. É a união de nossa alma com a alma de Deus, alimentada pelo seu Santo Espírito e agindo de acordo com sua santa vontade.

De tais, disse o Senhor:

"E abençoados os que procurarem estabelecer a minha Sião naquele dia, pois terão o dom e o poder do Espírito Santo; e, se perseverarem até o fim, serão levantados no último dia e salvos no reino eterno do Cordeiro; e aqueles que proclamarem paz, sim novas de grande alegria, quão belos serão sobre as montanhas!"[19]

---

17. **Livro de Mórmon,** Jacó 2:18-19.
18. **Lucas,** 17:20-21.
19. **Livro de Mórmon,** 1 Néfi 13:37.

Leituras Suplementares
Tópicos Específicos:
Fé

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 500-509. Nephi Jensen "Faith, a Moral Strenght", **Deseret News,** Church Section, 2 de setembro de 1933.

Livro de Mórmon, Alma 56 (A Fé que possuía Helamã e seus 2.000 jovens guerreiros). I Néfi 2:16-19; 7:6-20 (Incidentes devidos a uma grande fé em Deus).

Bíblia, I Reis 18:17-39 (A fé possuída por Elias); Gênesis 41 (A fé possuída por José do Egito); Daniel 2 (A fé possuída por Daniel na Babilônia); Hebreus 11 (A natureza da fé e exemplos).

Arrependimento

Talmage, **Jesus o Cristo,** pp. 439-445

Batismo.

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 160-171.

Livro de Mórmon, Alma 32:17-43; Helamã 5:10-51; 3 Néfi 11; Morôni 8; Mosíah 26:17-31.

Imposição das Mãos para o Dom do Espírito Santo

Talmage, **Sunday Night Talks,** pp. 195-206.

Leituras Gerais:

Joseph F. Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 85-95.

Talmage, **Regras de Fé,** pp. 94-161.

Widtsoe, **A Rational Theology,** Capítulo 16.

Widtsoe, "The Certains Steps in Progress", **Improvement Era,** Vol. 38. (Novembro de 1935).

CAPÍTULO 47

AS BÊNÇÃOS DO ESPÍRITO SANTO

O Dom da Fé

O Salvador prometeu certas bênçãos especiais àqueles que acreditassem e fossem batizados em seu nome. A estas bênçãos usualmente se faz referência como sendo bênçãos do Espírito Santo. Seus vários tipos são enumerados pelo Apóstolo Paulo em sua famosa carta aos santos de Corinto:

"Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.

Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados.

Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo.

Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.

E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo.

E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil.

Porque a um pelo Espírito é dado a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência;

E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar.

E a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas.

Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer".[1]

Todas as bênçãos acima têm sido continuamente manifestadas dentro da Igreja, desde o tempo da restauração do Sacerdócio até o presente.

A fé em Deus pode ser mais forte do que as evidências nas quais a fé é baseada. A influência do Espírito Santo no coração do homem presta indiscutível evidência da existência e bondade de Deus. A fé em Deus pode ser encontrada entre aqueles em que não se encontra vestígio desta evidência direta prestada pelo Espírito Santo, pois, são muitas e distintas as evidências do Senhor. Tais pessoas, porém, não podem possuir uma fé tão forte como aquela que possui tal evidência adicional, e geralmente não conseguem mais que um pouco de esperança ou crença. Tão certo estava o Apóstolo Paulo disto, que, solenemente declarou: "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor senão pelo Espírito Santo".[2]. Isto é, a fé em Jesus Cristo não pode tornar-se uma certeza, mas baseia-se tão-somente na evidência que a carne e o sangue podem revelar. O Salvador ensinou isto a Pedro, quando Pedro disse o seguinte em resposta a uma pergunta sua: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". Jesus assentiu: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não to revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está nos céus".[3]

O efeito desta bênção de fé entre os Santos dos Últimos Dias faz-se notar mais nitidamente através do seu pagamento de dízimos, do espírito de seu trabalho missionário, da intensa devoção à Igreja, devoção esta que os capacita a suportar suas privações, e do grande trabalho voluntário prestado pela maioria dos membros.

Curas

Enquanto viveu aqui na carne, entre os homens, Jesus se viu grandemente tocado pelo sofrimento humano que testemunhou. Algumas destas pessoas sofredoras ele curou, outras não. Um dos parágrafos mais tristes do Novo Testamento é aquele concernente à sua segunda visita à sua terra natal, Nazaré: "E ele não fez ali muitas maravilhas por causa de incredulidade deles".[4] O que

---

1. **Corintios** 12:1-11. Ler também **Doutrina e Convênios,** 76:5--10.

2. **Corintios** 12:3.
3. **Mateus** 16:16-17.
4. **Mateus** 13:58.

mais nos surpreende, entretanto, não é o número de pessoas que Jesus não curou, mas, o grande número que curou, curas estas compostas das enfermidades mais malignas e dos defeitos físicos mais difíceis. Duas coisas parecem necessárias para a realização de tais curas: o poder de Deus no indivíduo que administra a outrem e fé por parte daquele em favor do qual a cura está sendo efetuada.

A administração dos doentes através da autoridade e poder de Deus, bem como as curas que podem ser efetuadas, não deve ser confundida com a administração e curas efetuadas entre os homens tão-somente através da aplicação de princípios psicológicos. O poder da mente sobre o corpo é tão grande que há casos em que certos tipos de enfermidades são produzidos, e em outros a cura é impedida, devido à condição deprimida da mente. Em tais casos curas admiráveis são efetuadas só por se restaurar confiança e fé na mente, que passa a reagir favoravelmente no funcionamento do corpo. Tais curas podem ocorrer independentemente do Sacerdócio, aliás, independentemente de religião, embora as crenças religiosas pareçam mais capazes de produzir a requerida mudança mental. Os tipos de doenças físicas assim curadas parecem ter limitações definidas e aparentemente não se estendem à cura de enfermidades malignas, da restauração da vista ou da correção de deformidades do corpo; no entanto, um estado mental saudável sem dúvida é de essencial ajuda para a cura de tais doenças, sejam quais forem os meios usados.

As grandes curas efetuadas por Jesus Cristo durante seu ministério terreno não podem ser explicadas puramente por princípios psicológicos. Continuarão sendo sempre um mistério para nós a menos que reconheçamos possuir Deus um poder de curar que pode ser administrado e controlado por aqueles que têm seu Santo Sacerdócio.

A humanidade está incapacitada de compreender ou dominar todas as condições físicas e mentais que perturbam as funções do corpo. Surpreendentes descobertas no campo da medicina abriram à mente nos anos recentes, as possibilidades de muitas outras curas até então desconhecidas e impraticáveis ao homem. As mais importantes descobertas dizem respeito ao poder de cura de certos raios, sejam gerados pelo sol ou por substâncias tais como radium ou eletricidade. Assim como há propriedades restabelecedoras na luz do sol, quando apropriadamente administradas, assim também há um poder de cura no Espírito de Deus, que, adequadamente usado, restaura a saúde de forma admirável. O poder para controlar esta influência restabelecedora pertence a Deus. Assim como o poder de Deus é delegado aos homens que são diretamente chamados por ele e ordenados ao Santo Sacerdócio, também estes podem administrar esta influência restabelecedora aos enfermos, e, se eles forem receptivos, poderão ser curados. Os apóstolos de Jesus, a quem ele deu autoridade, exerceram este poder, para a perplexidade de muitos de seus observadores.[5] Sempre e onde quer que o verdadeiro Sacerdócio de Deus seja encontrado no mundo, o poder para curar os enfermos o haverá de acompanhar.

O dom de cura, sobre o qual falou o Apóstolo Paulo em sua primeira carta aos santos de Corinto, não deve ser confundido com o poder do Santo Sacerdócio. Embora este dom não possa ser adquirido sem o Sacerdócio, pode nem sempre estar presente naqueles que possuem o Sacerdócio.

Já falamos sobre os dois requisitos para a cura através da ordenança de administração: a autoridade de Deus e fé por parte da pessoa a ser curada.

Esta fé por parte do indivíduo que está doente pode ser aumentada com a simples presença daquele que merece sua inteira confiança. Nem todos os que possuem o poder do Sacerdócio para

5. Ler Atos; 1-16; 4:1-22; 4-12-16.

administrar aos doentes terão igual sucesso em suas curas; não porque seu poder seja diferente, mas por causa da diferença de fé produzida no doente pela personalidade dos diferentes homens que administram. Alguns homens estão tão certos do poder de cura de Deus, devido à influência de seu Espírito sobre eles, que os enfermos sentem tal espírito na palma de sua mão, no seu olhar ou na calma certeza de sua voz. Esta evidência da presença do Espírito de Deus aumenta sua fé o suficiente para permitir que os doentes sejam curados. Este dom do Espírito Santo é denominado dom de cura. Conseqüentemente, todos os que possuem o Sacerdócio podem não possuir o espírito de cura, mas podem administrar aos doentes e o poder de Deus que eles exercitam pode curar o doente cuja fé seja suficientemente forte.

A Profecia

O dom da profecia é um dos maiores dons do Espírito e um dos mais importantes para a humanidade. A profecia, como princípio, é usada tanto por Deus como pelo homem. Quando praticada entre os homens nem sempre tem o mesmo nome. Dois tipos de profecia, entretanto, são comuns em nossa vida diária.

Como exemplo da primeira, vemos, ocasionalmente em algum lugar bem visível de alguma esquina uma grande placa sobre a qual podem estar escritas as seguintes palavras: "Blanck e Cia. abrirão neste lugar uma nova filial, no dia tal, do mês e ano tal". Geralmente, quando o anúncio é feito, um edifício velho e feio ocupa o lugar, e o observador casual nem imaginaria ali o aparecimento de uma nova estrutura. Uma das características que distinguem o homem, entretanto, é a sua habilidade de se projetar no futuro; de planejar eventos que haverão de ocorrer no futuro e então trabalhar laboriosamente para ver seus planos cumpridos. Portanto, o prognóstico da predição de que um edifício novo seria construído em certa quadra geralmente se realiza. Se fizéssemos posteriores inquirições concernentes ao assunto, é possível que viéssemos a descobrir muitos fatos pertinentes a ele — a altura do edifício, a largura, o número de portas e janelas, quase até mesmo o número de tijolos e pregos que viria a conter. Há, porém, uma limitação ao poder profético daqueles que planejam edifícios. O arquiteto, por exemplo, não poderá assegurar que, no dia tal e tal, João da Silva não haverá de dar uma martelada no dedo, ou que, Ricardo dos Santos não cairá de um andaime, quebrando uma perna, pois estas são ações que envolvem o campo humano e não podem ser acuradamente preditas; uma coisa, porém, é certa na mente daqueles que planejam a construção do edifício — que, se por qualquer razão, um dos operários for forçado a parar o seu serviço, outro será contratado para tomar seu lugar, o edifício será completado e a profecia cumprida.

Portanto, o homem planeja com antecedência quase todas as suas atividades e prediz o acontecimento muito antes de sua ocorrência. Ninguém, por exemplo, pensaria em principiar a construir um lar sem antes ter determinado o seu tamanho, o número de quartos e diversos detalhes. As nações presentemente planejam programas nacionais de longo alcance, programas estes que duram de cinco a mais anos. Os projetos para companhias são planejados com muita antecedência. Nós planejamos a futura educação de nossos filhos e filhas e garantimos o cumprimento de nossas predições com apólices de seguro e fundos domésticos.

É estranho que indivíduos que fazem tantos planejamentos neguem a Deus suficiente inteligência para planejar com antecedência para seus filhos, pois, se Deus fosse tão inteligente quanto o homem, não poderia ignorar o valor de trabalhar de acordo com um plano preconcebido. Sendo que sua inteligência ultrapassa a do homem, seus planos projetar-nos-ão ainda mais no futuro. Assim como o homem planeja uma casa antes de principiar a construí-la, também

Deus planejou a terra e a sua povoação muito antes de ter principiado a criá-la. É razoável supor que Deus planejou enviar seu Filho Jesus Cristo ao mundo antes do mundo ter sido criado, bem como que ele poderia dar a conhecer esta parte do Seu plano aos homens aqui na terra muito antes da ocorrência de tal evento, assim como é razoável supor que um homem possa planejar que seu filho venha a ocupar uma certa morada sua antes de tal morada ter sido construída. Esta forma de profecia é encontrada nas Santas Escrituras quando, em épocas diversas, homens de fé inquiriram a Deus concernente a seus planos para o futuro. Deus revelou partes de tal plano ao homem. Quando qualquer homem assim instruído comunica essa parte do plano de Deus a seu próximo, nós o chamamos de profeta. As palavras do profeta concernentes aos planos de Deus para o futuro têm muito maior probabilidade de se realizar do que os planos do homem. A profecia é, naturalmente, somente uma parte do trabalho do profeta e muitos grandes profetas houve que poucas profecias fizeram.

Algumas das mais admiráveis profecias do Velho Testamento e do **Livro de Mórmon** dizem respeito à vinda do Filho de Deus sobre a terra. Muitos têm se maravilhado e alguns duvidado que Isaías pudesse prever o momentoso evento,o suficiente para fazê-lo escrever estas palavras:

"Quem deu crédito à nossa pregação? e a quem se manifestou o braço do Senhor?

"Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz duma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos.

"Era desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos: e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum.

"Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

"Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

"Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós.

"Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca.

"Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo de sua vida? porquanto foi cortado da terra dos viventes: pela transgressão de meu povo foi ele atingido.

"E puseram a sua sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca.

"Todavia, ao Senhor agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão.

"O trabalho da sua alma ele verá, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo; o justo, justificará a muitos,porque as iniqüidades deles levará sobre si.

"Pelo que lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercede".[6]

O **Livro de Mórmon** registra que, quando Nefi perguntou ao Senhor, através de oração, concernente ao Messias que deveria vir, Deus lhe deu uma admirável visão do futuro evento, capacitando Néfi a escrever:

"E eu olhei e vi o Redentor do mundo, de quem meu pai havia falado; vi também o profeta que devia preparar o caminho diante dele. E o Cordeiro de Deus chegou e foi batizado por ele; e depois de ter sido batizado, vi os céus abertos e o Espírito Santo descer do céu e repousar sobre ele em forma de uma pomba.

E vi que ele ministrava ao povo, em poder e grande glória; e as multidões ajuntavam-se para ouvi-lo; e vi que o afastavam do meio deles.

E também vi doze outros seguindo-o, e aconteceu que foram levados de minha presença no Espírito, de modo que não os vi mais.

E aconteceu então que o anjo falou novamente, dizendo: Olha! E, olhando, vi novamente os céus abertos e anjos descendo sobre os filhos dos homens, ministrando-lhes.

E disse-me novamente: Olha! E, olhando, vi o Cordeiro de Deus caminhando entre os filhos dos homens. E vi multidões de pessoas doentes.

---

6. **Isaías** 53: 1-12.

com toda espécie de moléstias, e possuídas de demônios e espíritos impuros; e falando-me, o anjo mostrou todas essas coisas. E elas foram curadas pelo poder do Cordeiro de Deus e os demônios e espíritos imundos foram expulsos.

E aconteceu que o anjo falou novamente, dizendo: Olha! E, olhando, vi o Cordeiro de Deus ser carregado pelo povo e o Filho de Deus Eterno ser julgado pelo mundo; o que vi e testemunho".[7]

A crença no poder de Deus para tornar conhecida esta parte de seu plano não é mais difícil do que a crença no poder do homem para mostrar a seu vizinho o plano da casa ou edifício que está para construir.

Deve-se notar em tais profecias que, assim como o homem não pode predizer o que as pessoas podem vir a fazer com respeito a uma construção, assim também Deus, ao revelar seus planos aos homens, raramente faz referência aos indivíduos, mas, tão somente àquelas personagens principais que farão parte dos mesmos, o que se pode comparar ao construtor que revela o nome do arquiteto e do construtor-chefe ao seu vizinho. O plano todo de Deus para este mundo e seus habitantes não é conhecido entre os homens. E, se algum dia já foi revelado, presentemente não temos o seu registro. Há, entretanto, certos elementos fundamentais do plano de Deus que nos foram dados a conhecer, por exemplo, a vinda de Cristo no meridiano dos tempos e a restauração do Evangelho nos últimos dias. Concernente a este último, o Senhor deu a conhecer a Joseph Smith que ele havia sido chamado como instrumento para a realização do plano do Senhor, mas o Senhor o preveniu que, se falhasse em seu desempenho dos mandamentos de Deus, outro seria escolhido em seu lugar, porque o plano de Deus haveria de ser completado, como havia sido planejado. Em **Doutrina e Convênios,** Seção três, lemos estas palavras:

"As obras os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados, nem podem fracassar.

"Pois Deus não anda por sendas tortuosas, nem se volta à direita ou à esquerda, nem se desvia daquilo que falou, portanto, suas veredas são retas e o seu caminho um círculo eterno.

"Lembra-te, lembra-te, de que não é a obra de Deus que se frustra, mas o trabalho dos homens;

"Pois, embora um homem receba muitas revelações e tenha poder para realizar muitos trabalhos, contudo, se ele se vangloria de sua própria força, e se menospreza os conselhos de Deus, e segue os ditames de sua própria vontade e desejos carnais, cairá e suscitará sobre si a vingança de um Deus justo.

"Eis que tu és Joseph e foste escolhido para fazer o trabalho do Senhor, mas, devido à transgressão, se não te acautelares, cairás.

"Apesar disto a minha obra irá avante, pois como o conhecimento de um Salvador veio ao mundo pelo testemunho dos judeus, assim também o conhecimento do Salvador há de vir ao meu povo..."[8]

Entretanto, a fim de compreender a profecia em todas as suas fases devemos considerar o segundo tipo de profecia conhecido por nós. Dois times de futebol têm importante partida programada para determinado dia. Dias antes do jogo, críticos de esporte predizem o resultado. Talvez até mesmo um transeunte qualquer venha a fazer sua própria profecia concernente ao próximo jogo. Sua profecia poderá vir a provar-se verdadeira ou falsa. Aquele indivíduo que teve uma oportunidade melhor para conhecer os dois times, que já fez observações mais chegadas e que talvez os tenha visto jogar outras vezes, está muito mais qualificado para se tornar um profeta verdadeiro do futuro evento. Igualmente, o homem que observa a vida do filho do vizinho e o vê descuidado, desobediente, sem religião, dado a bebidas e hábitos licenciosos, pode, tendo sua observação por base, predizer-lhe um mau futuro, talvez até mesmo a penitenciária ou a cadeira elétrica, e, se suas observações tiverem sido acuradas, sua profecia provavelmente se cumprirá.

É duvidoso que haja qualquer tipo de profecia mais praticado pelos seres humanos do que a predição de eventos

7. **1 Néfi**: 11:27-32.

8. **Doutrina e Convênios,** 3:1-4, 9, 16.

baseados em observações passadas e presentes. Similarmente, se Deus tem inteligência superior ao homem, ele pode predizer os possíveis resultados do curso de ação de um homem, bem como as calamidades ou bênçãos que lhe advirão. Tomemos um exemplo concreto: Muito antes de sua ocorrência o Senhor previu uma guerra civil para os Estados Unidos. Em sua posição como Deus ele deve ser um observador dos eventos que transpiram sobre a terra infinitamente mais acurado que o homem, e, percebendo o ódio reinante entre o Norte e o Sul, bem como as tendências do povo, pôde prever uma eventual e sanguinária guerra. Quando o Profeta Joseph Smith, perturbado pelos violentos artigos da imprensa de seus dias concernentes à escravatura, orou junto ao Senhor sobre o assunto, o Senhor lhe revelou que o curso tomado pelo homem dos Estados Unidos viria a causar uma grande guerra civil, que haveria de iniciar no estado da Carolina do Sul. Ao se voltarem atualmente aos eventos os historiadores não encontram dificuldade em compreender e acreditar que Deus podia prever aquela grande calamidade e revelá-la a seu servo, Joseph Smith.

Deve-se, entretanto, conservar em mente, que, por ter o Senhor predito a guerra, não quer dizer que ele a desejasse. Aliás, ele deve ter-se sentido muito triste por seus filhos e filhas terem escolhido para si mesmos um estado de coisas tão desolador. Houve vezes em que, tendo Deus revelado aos homens a calamidade que os esperava, devido a seu curso de ação, os homens vieram a se arrepender, evitando tal calamidade. Podemos imaginar a grande alegria do Pai quando isto acontece. Assim é que lemos nos registros antigos que o Profeta Jonas se dirigiu à cidade de Nínive e, por causa da iniqüidade excessiva de seu povo, predisse sua destruição. Também lemos, porém, que tão vigorosas foram as palavras de Jonas, tão profundamente calaram elas nos corações do povo de Nínive, que ele se arrependeu e mostrou seu arrependimento vestindo-se com saco e assentando-se sobre as cinzas. Graças ao seu arrependimento a destruição predita foi evitada. Devemos estar lembrados de que Jonas ficou desapontado, pois havia predito a destruição e achava que ela deveria se efetuar, caso contrário, Deus o estaria fazendo passar por mentiroso. Assim, para ensinar a Jonas uma lição, o Senhor fez nascer uma aboboreira, para que fizesse sombra a sua cabeça enquanto estivesse sentado no topo do monte, vendo o que aconteceria à cidade. Jonas sentiu-se agradecido, porém, um verme comeu as raízes da aboboreira, fazendo-a secar e morrer. Grande foi a tristeza de Jonas ao ver o que acontecera. Então o Espírito do Senhor desceu sobre ele e uma mensagem de Deus penetrou profundamente em seu coração. Assim disse o Senhor:

"Tiveste compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei eu de ter compaixão da grande cidade de Nínive em que estão mais de cento e vinte mil homens, todos de minha própria criação?"[8b]

Jonas então aprendeu uma lição que deveria ser aprendida por toda a humanidade: que Deus é o Pai de nós todos e que nunca, em tempo algum, ele sente prazer na destruição de seus filhos, porém, em sua grande sabedoria e experiência eterna, pode prever e prevê até onde o curso seguido pelos homens pode conduzi-los, tornando o futuro evento conhecido. Nunca, porém, ele deixa de ter a esperança de que a humanidade se arrependa e evite a calamidade.

Outra grande lição foi ensinada ao antigo profeta Enoque. Em visão, ele presenciou a enchente que logo deveria engolfar a terra, os gritos de angústia de seus habitantes. Ele então viu que os céus choravam e disse a Deus: "Por que choram os céus?" ao que o Senhor respondeu:

8b. **Jonas**, 3:4; 6-10; 4:1-11

"Eis ali teus irmãos; eles são a obra de minhas próprias mãos, e eu lhes dei sabedoria no dia em que os criei; e no Jardim do Éden dei ao homem o livre arbítrio.

"E falei a teus irmãos e também dei mandamentos para que eles amassem uns aos outros, e que deviam escolher-me como seu Pai; mais eis que eles não têm amor, e odeiam seu próprio sangue...

"Mas, eis que seus pecados cairão sobre a cabeça de seus pais; Satanás será seu pai, e a miséria será seu quinhão, e todos os céus chorarão sobre eles... e, não deverão os céus chorar vendo que estes sofrerão?"[9]

Esta grande mensagem dada a Enoque deve-se ao fato de ter Deus, prevendo a calamidade ocasionada pelo dilúvio, procurado salvar todos os seus filhos; cento e vinte anos antes da ocorrência de tal catástrofe Deus chamou Noé, que, através de sua fé, havia captado a sua mensagem, para prevenir o povo, a fim de que todos pudessem escapar.

De igual maneira, o pai que vê seu próprio filho seguir um curso errado procura, com todas as suas forças, fazê-lo mudar de caminho, evitando assim os despenhadeiros que inevitavelmente estão à frente. Assim como os céus choraram quando aquela geração antiga se tornou surda aos conselhos do Pai, também todos os homens justos devem se sentir tristes sempre que perceberem as calamidades advindas futuramente por causa das obras dos próprios homens.

Pelo que foi dito acima deve ter-se tornado evidente que dois tipos de profecia têm existido desde o princípio dos tempos e devem ser distinguidas uma da outra, se desejamos compreender Deus e sua relação para com o homem. Em muitos períodos de tempo, e até mesmo no presente, as pessoas que não conseguem fazer essa distinção impugnam a Deus um caráter rude e cruel, tornando-o responsável por todas as guerras e calamidades existentes entre seus filhos, fazendo parecer seu desejo que tais calamidades aconteçam; isto tudo é completamente contrário à vida e palavras do Senhor Jesus quando disse: "Não é da vontade de vosso Pai que está nos céus que um só destes pequeninos se perca."[10] E é também contrário aos ensinamentos do **Livro de Mórmon,** onde lemos estas belas palavras:

"Portanto, todas as coisas boas vêm de Deus e as que são más vêm do demônio; pois o demônio é inimigo de Deus e luta constantemente contra ele, tentando e incitando todos ao pecado e a fazerem continuamente o que é mau.

Mas eis que aquilo que é de Deus convida e incita continuamente ao bem; portanto, tudo o que incita e instiga a fazer o bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus.

Portanto, tende cuidado, meus amados irmãos, a fim de que não julgueis ser de Deus o que é mau, ou seja do demônio aquilo que é bom e de Deus.

Pois, meus irmãos, dado vos foi julgar, a fim de que possais distinguir o que é bom do que é mau; e a maneira de julgar, para que tenhais um conhecimento perfeito, é tão clara como a luz do dia comparada com as trevas da noite.

Porque eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau; portanto, eu vos estou ensinando o modo de julgar; porque tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte, podeis perfeitamente saber que é de Deus.

Mas tudo quanto persuade o homem ao mal e a não crer em Cristo, negando-o e não servindo a Deus, podeis considerar com certeza que é do demônio; pois é desta forma que obra o demônio, não persuadindo ninguém fazer o bem, nem a um só que seja; tampouco o fazem seus anjos, ou os que a ele estiverem sujeitos."[11]

Não há nada tão desastroso à fé em Deus que não ser capaz de perceber que um Deus inteligente pode revelar ao homem antecipadamente tanto seus planos para seus filhos, como os inevitáveis resultados que não passam de conseqüência da persistência do homem no erro.

O Dom de Línguas

Entre os dons do Espírito , um dos mais surpreendentes e incompreendidos é o dom conhecido como o dom de línguas. Os Apóstolos do Senhor receberam esse dom no dia de Pentecostes, em

9. **Pérola de Grande Valor,** Moisés 7:32-33, 37

10 **Mateus** 18:14
11. **Morôni** 7:12-17.

seguida à ressurreição de seu Mestre. Assistindo a esta festa que se realizava em Jerusalém estavam judeus de várias partes do Mundo Mediterrâneo. Alguns destes não tinham conhecimento da língua hebraica, mas falavam a língua dos respectivos países de onde tinham vindo. Então os Apóstolos de Jesus começaram a pregar com grande vigor e ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.

E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando?

Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?

Partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia,e Capadócia, Ponto e Ásia.

E Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos.

Cretenses e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus."[12]

Este dom se manifestou em toda a Igreja antiga. Alguns, em sua ignorância, subestimaram a sua importância ou não compreenderam o seu propósito. Naquele primeiro dia de Pentecostes, ele permitiu aos Apóstolos que levassem a mensagem, que queimava em seus próprios corações, aos corações de outros, que não os teriam compreendido de outra forma. Como auxílio para se levar o Evangelho àqueles que falam outra língua o dom é de imenso valor. Muitos dos contemporâneos de Paulo na Igreja devem ter desejado que o Espírito Santo lhes manifestasse seu poder através de freqüentes manifestações deste dom. Aos santos de Corinto, Paulo escreveu:

"E agora, irmãos, se eu for ter convosco falando línguas estranhas, que vos aproveitaria, se não vos falasse eu por meio de revelação, ou da ciência, ou da profecia, ou da doutrina?

Da mesma sorte, se as coisas inanimadas, que fazem som, seja flauta, seja cítara, não formarem sons distintos, como se conhecerá o que se toca com a flauta ou com a cítara?

Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?

Assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Porque estareis como que falando ao ar.

Há, por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação.

Mas, se eu ignorar o sentido da voz, serei bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala será bárbaro para mim.

Assim também vós, como desejais dons espirituais, procurai abundar neles, para edificação da igreja.

Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar.

Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto.

Que farei pois? Orarei com o espírito mas também orarei com o entendimento, cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento.

Doutra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o que ocupa o lugar de indouto, o Amém, sobre a tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes?

Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado.

Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos.

Todavia, eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida".[13]

Justamente quando o dom das línguas cessou de existir na Igreja antiga não é o nosso problema imediato. Este dom não se encontrava sobre a terra quando Joseph Smith se dirigiu ao bosque para orar. Que ele se manifestou depois da restauração do Sacerdócio e tem sido desde então continuamente encontrado em algum grau na Igreja, é uma evidência de divina origem da Igreja e uma continuação da proteção divina.

Esta súbita e temporária habilidade de se falar as línguas daqueles com quem precisamos conversar é explicada em nossa Igreja pela experiência de Joseph F. Smith, sexto Presidente da Igreja, que relata:

"Creio nos dons que o Santo Espírito concede ao homem, porém não quero o dom das línguas,

12. Atos 2:7-11

13. I Coríntios 14:6-19

exceto quando me for necessário. Certa vez, precisei desse dom, e o Senhor mo concedeu. Estava numa terra estranha para pregar o Evangelho a um povo cuja língua eu não compreendia. Então busquei diligentemente o dom das línguas, em oração e através dele e do estudo, cem dias após desembarcar naquelas ilhas, conseguia falar àquele povo em sua própria lingua, como agora me dirijo a vocês em meu idioma materno. Esse foi um dom de acordo com os princípios do Evangelho. Ele tinha um propósito. Havia algo nele para fortalecer minha fé, encorajar-me e ajudar-me no ministério".[14]

Esta experiência de Joseph F. Smith é uma entre centenas semelhantes e quase não há uma só comunidade mórmon de qualquer tamanho na qual alguma testemunha deste dom não seja encontrada, seja para testificar o seu próprio exercício do dom ou a sua presença no dia em que ele se manifestou. Este dom não deve ser confundido com a fala ininteligível de pessoas presas a frenesis religiosos, nem aos gritos tão freqüentemente ouvidos em várias reuniões de reavivamente religioso. Estes não são de valor algum tanto para o presente como para o futuro e não demonstram ser fruto de inteligência. Enfim, carecem de toda e qualquer característica do verdadeiro dom, na forma como era encontrado na igreja primitiva.

O verdadeiro dom de línguas envolve: Primeiro, o uso de uma linguagem definida conhecida por habitantes do mundo atual, ou conhecida em algum período da história humana. Segundo, a linguagem e as palavras usadas deverão ser do conhecimento dos ouvintes, ou, pelo menos, um deles deve ter completa compreensão dela, podendo explicar o seu significado aos outros. Terceiro, a manifestação toda terá um propósito definido. Usualmente é um meio e o único meio de o missionário deixar sua mensagem a alguém que não fala a mesma língua que ele. Pode, entretanto, servir de testemunha da presença do Espírito de Deus a um grupo que fala a mesma língua. Em ambos os casos deve haver uma mensagem inteligente e completo entendimento do que foi dito. Além disso, o dom deverá se manifestar sem frenesis, excitamento ou contorções físicas por parte de quem quer que seja, e em ambiente iluminado.

O Dom de Interpretação de Linguas

Um dom similar ao dom de línguas é o dom ou poder que pode ser dado a certa pessoa através do Espírito, para compreender o indivíduo que fala uma língua desconhecida. Ele é conhecido como o "dom de interpretação de línguas".

Nesta última dispensação do Evangelho ele é bem exemplificado por uma experiência do Dr. Karl G. Maeser, segundo presidente da Academia de Brigham Young.[15] O Dr. Maeser foi o primeiro converso alemão da Igreja batizado na Saxônia. Ele não podia então falar o inglês e o Presidente Franklin D. Richards, que tinha ido para a Alemanha a fim de presenciar os primeiros batismos na Saxônia, não podia falar alemão. O Dr. Maeser relata o seguinte:

"Ao sair da água levantei ambas as mãos aos céus e disse: "Pai, se o que acabei de fazer for agradável a Ti, dá-me um testemunho e o que requisitares de minhas mãos eu farei; darei até mesmo a minha vida por esta causa"'.

"Não pareceu haver resposta ao meu fervoroso apelo; voltamos juntos para casa; o Presidente Richards à minha direita e Élder Budge à minha esquerda, enquanto os outros conservaram alguma distância de nós, como para não atrair a atenção. Conversávamos sobre a autoridade do Sacerdócio. Subitamente pedi a Elder Budge que parasse de interpretar as palavras que o Presidente Richards dirigiu a mim, pois as compreendia perfeitamente. Respondi-lhe em alemão e novamente não houve necessidade de interpretação, pois fui igualmente compreendido por ele. Assim, continuamos a conversar, até chegarmos ao ponto em que nos devíamos separar, quando a manifestação parou de súbito, assim como havia começado. Enquanto durou não nos pareceu estranho, mas tão logo cessou, perguntei a Irmã Budge o que significava tudo

14. **Doutrina do Evangelho** p. 180

15. Warren W. Dusenberry, o primeiro diretor, serviu neste cargo de janeiro de 1876 a 15 de abril de 1876, quando demitiu-se para dedicar-se à prática da advocacia. A academia mais tarde tornou-se a Universidade de Brigham Young. Ver Bennion, **Mormonism and Education**, p. 148.

aquilo e recebi por resposta que Deus tinha me dado um testemunho. Depois disto, e durante algum tempo, sempre que conversava com o Presidente Richards podia compreendê-lo mais facilmente do que ao conversar com outros; assim foi até que o progresso que fiz no estudo da língua inglesa tornou desnecessário o uso de qualquer interpretação.

"Isto foi para mim um testemunho claro do poder do Espírito Santo, manifestado à minha pessoa pela misericórdia do Pai Celestial; foi a primeira de muitas manifestações que tive e que corroboraram as sinceras convicções de minha alma de que a Igreja de Jesus Crito dos Santos dos Últimos Dias é de Deus e não dos homens".[16]

No caso da interpretação de línguas o Espírito Santo pode ser considerado o intermediário ou intérprete, fazendo o orador ser compreendido e transmitindo tal significado ao coração do ouvinte.

Outros Dons do Espírito

Além dos dons tratados acima há muitos outros dons de Deus que podem ser dados ao homem. Toda a inspiração verdadeira é um dom do Espírito e toda a revelação e conhecimento advindos de Deus podem ser denominados dons do Espírito. Como declarou o Apóstolo Paulo: Ninguém sabe as coias de Deus senão o Espírito de Deus".[17]

Morôni, o profeta nefita, escreveu uma esclarecedora mensagem concernente aos dons dons do Espírito:

"E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas.

Tudo que é bom é justo e verdadeiro; portanto, nada que é bom nega o Cristo, mas reconhece que ele é.

E pelo poder do Espírito Santo deveis saber que ele existe; portanto, eu vos exorto a que não negueis o poder de Deus; porque ele obra com poder, de acordo com a fé dos filhos dos homens, o mesmo fazendo hoje, amanhã e sempre.

E novamente vos exorto, meus irmãos, a não negardes os dons de Deus, porque são muitos e vêm do mesmo Deus. E por diversas maneiras são esses dons administrados, mas é o mesmo Deus que opera tudo e em tudo; e eles são dados pelas manifestações do Espírito de Deus aos homens, para proveito destes.

Porque a um lhe é dado ensinar, pelo espírito de Deus, a palavra de sabedoria;

E a outro, ensinar a palavra da ciência, pelo mesmo espírito;

E a outro, também, poder para operar grandes milagres.

E a outro, que possa profetizar a respeito de todas as coisas;

E a outro, o dom de ver os anjos e os espíritos ministradores.

E a outro, todas as espécies de línguas;

E a outro, a interpretação de línguas e de diversas espécies de idiomas.

E todos esses dons vêm pelo Espírito de Cristo e são dados a cada um de acordo com sua vontade.

E eu desejaria exortar-vos, meus amados irmãos, a que vos lembrásseis de que toda boa dádiva vem de Cristo.

E desejaria exortar-vos, meus amados irmãos, a que vos lembrásseis de que ele é o mesmo ontem, hoje e sempre, e que todos esses dons dos quais falei, que são espirituais, nunca deixarão de existir, enquanto o mundo permanecer, senão pela incredulidade dos filhos dos homens".[18]

A maioria dos grandes dons do Espírito é desconhecida pelo observador comum, mas é silenciosamente desfrutada por aqueles que acreditam e aceitam o Evangelho. O gozo dos mesmos é a base do verdadeiro testemunho. Realmente, podemos dizer que tal testemunho continuará por tanto tempo quanto os dons do Espírito forem desfrutados pelos membros da Igreja.

Os vários dons do Espírito não são usualmente manifestados quando da imposição das mãos para o dom do Espírito Santo, mas, sim, durante a vida do indivíduo, quando surge a ocasião e fé apropriada é exercitada. O Profeta Joseph Smith disse:

Nessas passagens, vários dons são mencionados, contudo, qual deles o observador reconheceria na imposição das mãos? A Palavra de Sabedoria e a palavra de ciência são dons como quaisquer outros, mas, se uma pessoa os tivesse a ambos ou os recebesse pela imposição das mãos, quem o saberia? Outro poderia receber o

16. Reinhard Maeser, Karl G. Maeser, pp. 24-25.
17. 1 Corintios 21:11.

18. Morôni 10:4-19.

dom da fé, e quem o saberia? Ou suponhamos que um homem recebesse o dom da cura ou o de operar milagres, acaso se ficaria sabendo no ato? Requereria tempo e circunstâncias especiais para operá-los. Vamos supor que um homem tivesse o dom de interpretar línguas, a menos que outro falasse em língua desconhecida, teria de guardar silêncio. Há somente duas circunstâncias que podem manifestar-se visivelmente: o dom das línguas e o de profecia. Essas são as coisas das quais mais se fala, e, todavia, segundo o testemunho de Paulo, se uma pessoa falasse em língua desconhecida, seria considerada um bárbaro pelos presentes. Diriam que estava desvairada, e se por acaso profetizasse, chamariam de insensatez. O dom de línguas é, talvez, o menor dos dons, e, sem dúvida, o mais cobiçado.

De maneira que, segundo o testemunho das Escrituras e as manifestações do Espírito nos dias antigos, as pessoas que se encontravam ao derredor quase não se inteiravam dessas coisas, senão em alguma ocasião extraordinária, como no dia de Pentecostes.

O observador nada sabia acerca dos dons maiores, melhores e mais úteis".[19]

A forma pela qual o Espírito Santo pode ajudar um membro da Igreja de Cristo depende do indivíduo, de sua fé e dos seus desejos. Todos os membros deveriam desejar o verdadeiro conhecimento de Deus, um testemunho concernente à missão de seu Filho, Jesus Cristo, conforto em tempos de aborrecimento e apoio ao se defrontar com os grandes problemas da vida. Procurados em humildade e retidão estes dons poderão ser abundantemente obtidos.

19. Joseph Fielding Smith, **Ensinamentos do Profeta Joseph Smith**, p. 240.

Leituras Suplementares

As Bênçãos do Espìrito Santo.

Bíblia I. Coríntios. 12:1-12.

Doutrina e Convênios, 42:43-52; 84:65--72.

Livro de Mórmon, Morôni 10:3-19.

Cowley, **Wilford Woodruff,** pp. 103-107. (Cura dos enfermos).

Karl G. Maeser, "**My Conversion**", **Improvement Era,** Vol. III, p. 25

Heber J. Grant, "**Faith Promoting Incidents**", **Improvement Era,** Vol. 30, p. 9 (Nov. de 1926).

Joseph Smith, **History of the Church,** Vol. 1, pp. 108-109.

Widtsoe, **Osborne J. P. The Restoration of the Gospel,** pp. 103-104 (Curas.)

Pratt, Parley P. **Autobiography,** p. 73 em diante. (Curas).

CAPÍTULO 48

O CASAMENTO E A FAMÍLIA

O Propósito da Vida Terrena

O próprio Profeta ensinou que a coisa mais importante e preciosa em todo o universo é a alma do ser humano. O desenvolvimento da personalidade, ou da alma do homem, é o principal propósito da vida terrena. O Evangelho de Jesus Cristo, restaurado através do Profeta, centraliza todos os valores da vida em torno do homem. A terra foi criada para ele habitar, o Evangelho foi revelado para seu benefício, o Filho de Deus foi enviado para redimi-lo da morte e providências foram tomadas para que sua existência continuasse ainda após túmulo.

Este conceito individual do homem, como sendo mais importante do que coisas físicas ou organizações políticas ou sociais, dá um novo colorido à história da Igreja. O crescimento espiritual tem sido assunto de grande importância para todos os profetas. O Salvador da humanidade, enquanto estava na terra, devotou seu tempo às pessoas em vez de aos grupos políticos, sociais e econômicos. Isto foi feito para que o homem pudesse viver mais abundantemente tanto nesta vida como na vida vindoura. O Profeta Léhi estava pensando no indivíduo e no eterno propósito da vida quando escreveu que "o homem existe para que tenha alegria". Ao considerarmos o homem como eterno, o filho espiritual do Deus Todo-Poderoso, forçosamente o colocamos acima de todas as outras criações.

Uma vez adotado este conceito do homem, temos uma base com a qual julgar o valor das instituições sociais e das estruturas econômicas e políticas. Qualquer instituição que colabore para o crescimento e progresso do indivíduo é boa. Aquela que impede o desenvolvimento da alma é maligna. Mesmo a eficiência mecânica, se obtida ao preço do progresso do indivíduo, pode, no plano eterno das coisas, ser prejudicial ao homem. A organização da Igreja para formar líderes e a prática de chamar todos os membros para prestar algum serviço resultam em algumas realizações medíocres, mas contribuem para o progresso das pessoas, e este é o propósito da vida.

A Família Como um Meio Adequado para o Desenvolvimento da Personalidade

O desenvolvimento da personalidade requer um ambiente que estimule o exercício da vontade humana e que prove a capacidade do homem para as relações humanas. A família é o ambiente ideal para tal propósito.

Considerando atributos de nosso Pai, tais como amor, bondade, paciência, tolerância, clemência, desejo de perdoar, justiça e outros, e desejando igualá-lo como que para sentir um pouco da alegria por ele possuída, descobrimos que estamos lidando com qualidades individuais, que não podem ser dadas de um para outro, nem mesmo de Deus para o homem. São qualidades que devemos desenvolver por nós mesmos. Deus, entretanto, colocou-nos em um meio adequado para este desenvolvimento e deu-nos o exemplo e as normas para alcançá-lo.

As pessoas vêm a este mundo completamente dependentes de outras pessoas para a continuação da vida e posterior orientação. O amor cresce com sacrifício. O sacrifício de uma mãe pelo filho a fim de trazer uma alma ao mundo, doloroso como possa ser, produz o bem. Resulta em tão grande amor materno pela criança que os torna inseparavelmente unidos. Esta é uma das raízes da família. Mas há outra. Deus fez com que o homem e a mulher fossem necessários um ao outro e, se normais, não ficarão satisfeitos sozinhos. A união do homem à mulher e dos pais aos filhos liga-os em sacrifício e amor. Sendo as raízes da vida familiar básicas à existência huma-

na, a instituição da família existe desde o começo e nunca poderá ser totalmente eliminada da sociedade.

O casamento é considerado por um grande número de pessoas como um simples contrato civil ou ainda um acordo entre o homem e a mulher de que viverão juntos em relacionamentos matrimoniais. É, de fato, um princípio eterno do qual depende toda a existência da humanidade. O Senhor deu esta lei ao homem no começo do mundo como parte da lei do Evangelho, devendo o primeiro casamento durar para sempre. Se toda a humanidade fosse obediente ao Evangelho e vivesse naquele amor que nos é dado pelo Espírito do Senhor, todos os casamentos seriam eternos; o divórcio seria desconhecido.

O divórcio não é parte do plano do Evangelho; foi introduzido por causa da dureza dos corações humanos e da descrença do povo. Quando os fariseus vieram a Cristo e o experimentaram, dizendo: "É lícito ao marido repudiar a mulher por qualquer motivo?" Ele respondeu: "Não tendes lido que aquele que os fez no princípio, macho e fêmea os fez? E disse: portanto deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, e serão dois uma só carne, assim não são mais dois, mas uma só carne Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem". Então, quando perguntaram por que Moisés permitiu o divórcio, a resposta do Senhor foi: "Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim".[1]

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estando interessada no progresso de seus membros, encoraja o casamento, ensinando que todos os indivíduos mental e fisicamente aptos para gerar corpos sadios devem casar-se e ser pais. A este respeito o Profeta Joseph Smith recebeu, em revelação, em março de 1831, o seguinte:

"E novamente, em verdade vos digo, que todo o que proíbe o casamento não é ordenado de Deus, pois o casamento é ordenado por Deus para os homens.

"Portanto, é legítimo que o homem tenha uma esposa, e os dois serão uma só carne, isto tudo para que a terra cumpra o fim da sua criação".[2]

A santidade do lar e os valores da paternidade só podem ser preservados quando as leis matrimoniais são garantidas pela sociedade e as relações sexuais fora do casamento são censuradas e punidas. Atos imorais por parte do homem ou da mulher destroem o amor e o respeito mútuo que são os valores eternos da vida familiar.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias reconhece como legalmente casado qualquer casal que, com sinceridade de coração, satisfaz os requisitos matrimoniais do estado, país ou tribo onde foi feita tal união. Em qualquer casamento realizado com honestidade de propósitos e com o desejo sincero e permanente de fidelidade mútua haverá o desenvolvimento da alma. Amor e afeição irão crescer e florescer e a felicidade que Deus deseja para seus filhos será pelo menos parcialmente conseguida.

Nem todos os casamentos resultam em progresso da alma. Há, às vezes, casamentos sem afinidade. Isto é, o homem e a mulher nada possuem em comum. A religião, gosto e padrões são completamente diferentes, o que certamente resultará em contendas. A união que deveria produzir o crescimento da personalidade através do desenvolvimento do amor, bondade, paciência, sacrifício e outras virtudes, produzirá desgosto, suspeita e amargas desilusões. A embriaguez, a crueldade, a deserção e a infidelidade destroem as oportunidades de um lar feliz e impedem que haja o tão desejado desenvolvimento do caráter. Algumas vezes a vinda de filhos cura em parte esses males, trazendo um pouco de amor e devoção dentro do lar.

Quando os propósitos do casamento se frustram completamente por causa

1. Mateus 19:3-8, veja também Joseph Fielding Smith, O **Caminho da Perfeição**, pp. 162-169.

2. **Doutrina e Convênios**, 49:15-16.

das faltas do casal e em lugar da felicidade a miséria torna-se uma constante, o divórcio é permitido pela Igreja. A Igreja reconhece a validade dos divórcios obtidos de acordo com a lei dos homens, bem como aceita como válidos os casamentos subseqüentes, mas, olha com desgosto o crescente percentual dos divórcios, que indica um estado doentio da sociedade, contrário às condições que devem prevalecer no Reino de Deus. A Igreja recrimina especialmente os divórcios, requeridos por motivo de atração de um dos cônjuges por outro membro da sociedade ou de má vontade em enfrentar as responsabilidades do lar.

O lar infeliz pode ser evitado pelos membros da Igreja que casam de acordo com os desejos do Senhor e da maneira que Ele planejou.

Os Santos dos Últimos Dias consideram os filhos como dádivas de Deus, entregues ao nosso cuidado paternal, e dos quais teremos que prestar contas.

"A instituição da família compreende muito mais do que a união de marido e mulher com suas obrigações morais e responsabilidades; a paternidade é a flor da existência familiar, enquanto o casamento é apenas o embrião. De acordo com as revelações de Deus, os pais são tão responsáveis pelo adequado desempenho de seu dever perante os filhos, como pela fiel observância do convênio matrimonial. Na família estabelecida e mantida na palavra do Senhor, homem e mulher encontram a mais sagrada e nobre felicidade. O desenvolvimento individual – a educação da alma, motivo pelo qual a vida terrena foi criada, é incompleto sem as influências incentivantes e restringentes, influências estas resultantes da responsabilidade do estado matrimonial e paternal".[3]

Casamento no Templo
Casamentos Ordenados por Deus

O Senhor declarou que o casamento é uma instituição sagrada e, sendo os casamentos realizados de acordo com as leis da terra reconhecidos para esta vida, é desejo de Deus que seus filhos possam alcançar suas sagradas bênçãos para esta união. Estas bênçãos de nosso Pai Celestial são dadas em seu nome por homens possuidores de poder e autoridade por ele outorgados para este propósito, dadas nos templos. Quando as condições e exigências relativas ao casamento, decretadas por nosso Pai Celestial, são satisfeitas, nosso casamento é reconhecido em seu reino. Como seu reino durará para sempre, assim também será nosso casamento, tornando-se eterno o convênio que fizemos. Esta é uma doutrina razoável. O casamento terreno deve estar de acordo com as leis do estado, ou não será reconhecido, sendo até mesmo passível de punição. Do mesmo modo, para ser reconhecido no Reino de Deus, deverá estar de acordo com as leis daquele reino. O Senhor, em revelação ao seu povo, deixou esta lei bem clara nas seguintes palavras:

"E novamente, na verdade te digo, se um homem tomar uma esposa, e se fizer com ela um convênio por esta vida e por toda a eternidade, se aquele convênio não for por mim ou por minha palavra, que é a minha lei, e não for selado pelo Santo Espírito da promessa, por meio daquele que ungi e designei para esse poder, então o casamento não será válido e nem terá forças quando estiverem fora do mundo, porque não são ligados por mim nem por minha palavra, diz o Senhor; quando não estiverem no mundo, não será aceito lá, porque não poderão passar os anjos e deuses designados para ali estar, não podem, portanto, herdar a minha glória; pois a minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor Deus".[4]

Requisitos Para o Casamento no Reino Celestial

Quais são os requisitos para o casamento no Reino Celestial? **Primeiro,** sincera fidelidade de membro da Igreja para que o homem e a mulher possam ser recomendados à Casa do Senhor por aqueles que possuem autoridade. **Segundo,** o jovem deve ter-se preparado e ter aceito o chamado para o serviço no Santo Sacerdócio de Melquisedeque. **Terceiro,** o jovem e a jovem devem antes receber as ordenanças do endowment. Esta ordenança torna a pessoa familiarizada com os propósitos de Deus concernentes aos seus filhos, com seu plano para nosso desenvolvimento e felicidade, com a vida eterna e as grandes bên-

3. James E. Talmage, **Sunday Night Talks**, pp. 456-457.

4. **Doutrina e Convênios**, 132:18.

ções que aguardam aqueles que estão preparados para recebê-las. Acima de tudo, no que tange aos preparativos para o casamento, as ordenanças familiarizam as pessoas com a santidade das relações matrimoniais, a possibilidade de permanência dos laços familiares após esta vida, e a possível Divindade que espera aqueles cujo casamento é reconhecido por Deus em seu reino.[5]

O endowment, embora requerido de quem deseja o casamento no templo, não é parte da cerimônia matrimonial, podendo ser recebido muito antes do casamento, ou ainda, mesmo quando nem sequer pensamos em casamento.

Os que são casados por Deus, através de seu Santo Sacerdócio, de acordo com os requisitos de seu reino, devem também preencher as exigências do casamento civil dentro da localidade em que residem. Isto é necessário para um casamento legal e a garantia dos direitos de propriedade. Em quase todos os estados e países esta exigência consiste na obtenção de uma licença de casamento e a realização da cerimônia nupcial, feita por alguém autorizado por aquele estado. Em praticamente todos os estados e nações uma cerimônia realizada por um oficial administrativo da Igreja, tal como um bispo, presidente de estaca ou uma das Autoridades Gerais, preenche as exigências civis.

O Valor do Casamento no Templo

O valor do casamento no templo é enorme. Parte dele é compreendida nesta vida; parte, na existência por vir.

Mesmo quando o consideramos à luz dos benefícios alcançados nesta vida, o casamento no templo tem provado ser uma bênção para os membros da Igreja. O resultado de tal casamento é um lar feliz. Talvez a melhor forma de analisar uma vida familiar feliz, em uma Igreja que permite o divórcio, seja a baixa porcentagem de divórcios que nela ocorrem. Todo divórcio deixa o lar na infelicidade. Portanto, uma baixa porcentagem dos mesmos é indicativo de boas condições familiares.[6]

Entre os Santos dos Últimos Dias a proporção de divórcios entre os casados no templo é praticamente nula (um em cada 55), enquanto que a proporção entre os casados fora do templo é muitas vezes maior (um em cada 12), mas, ainda assim muito menor do que a proporção entre os não-mórmons na mesma área.[7]

Esta porcentagem de divórcios entre os Santos dos Últimos Dias casados no templo pode ser atribuída a diversos fatores: **Primeiro,** o casamento torna-se um convênio sagrado feito para com nosso Deus e Pai. **Segundo,** a santidade do lugar em que o casamento é realizado dá força ao casal que entrou neste convênio, fazendo com que sinta um forte desejo de guardá-lo. **Terceiro,** as bênçãos da vida futura, prometidas àqueles que mantêm o convênio matrimonial, levam marido e esposa a passar por cima de pequenos desentendimentos ou diferenças e conscientemente procurar promover uma vida familiar feliz, para que as bênçãos eternas possam ser suas. **Quarto,** a aprovação de Deus para o casamento e suas bênçãos através de seus servos autorizados tem um efeito duradouro na vida do casal. **Quinto,** as exigências para que as pessoas possam realizar o casamento no templo, bem como a recomendação de bom caráter que devem apresentar às autoridades do templo, garantem padrões morais e religiosos e trazem um respeito mútuo raramente obtido de outra forma.

Os valores do casamento no templo são muitos quando consideramos a futura existência do homem. O primeiro valor é a continuação do estado matrimonial e a possibilidade de lá ter filhos.

---

5. **Doutrina e Convênios,** 132:20.

6. Nota: Entretanto, convém lembrarmos que a dificuldade em obter o divórcio tem efeito desencorajador sobre aqueles que o buscam, mesmo quando a vida no lar é infeliz. Em alguns estados é quase impossível consegui-lo, sendo a sua média em tais estados raramente uma indicação de lar feliz ou infeliz.

7. Relatório da Conferência Geral, outubro de 1940, p. 90.

Concernente a isto assim disse o Profeta Joseph Smith:

"A não ser que o homem e sua esposa entrem em um convênio eterno e sejam casados para a eternidade, enquanto nesta existência, pelo poder e autoridade do Santo Sacerdócio, não mais crescerão depois da morte; isto é, não terão mais filhos depois da ressurreição. Mas aqueles que são casados pelo poder e autoridade do Santo Sacerdócio, nesta vida, e continuam sem cometer pecado contra o Espírito Santo, continuarão a crescer e a ter filhos na glória celestial. O pecado imperdoável é derramar sangue inocente ou ser cúmplice de tal ato. Todos os outros pecados serão julgados na carne, sendo o espírito liberto do poder de Satã até o dia do Senhor Jesus... Na glória celestial há três céus ou graus; e para obter o mais alto, o homem deverá entrar nesta ordem do Sacerdócio (ou seja, o eterno convênio do matrimônio); e caso ele não o faça, não poderá alcançá-lo. Poderá entrar no outro, mas esse será o fim de seu reino; ele não poderá ter progênie"

A segunda bênção é a promessa de uma ressurreição, marido e mulher juntos, na ressurreição dos justos. Em Doutrina e Convênios lemos:

"E novamente, na verdade eu te digo, se um homem tomar uma esposa conforme a minha palavra, que é a minha lei, e pelo novo e eterno convênio, e for selado pelo Santo Espírito da Promessa, por aquele que é ungido, e que encarreguei com esse poder e com as chaves deste Sacerdócio; e lhes for dito – Surgireis na primeira ressurreição; e se for depois da primeira ressurreição, na próxima ressurreição; e herdareis tronos, reinos, principados e poderes, domínios, todas as alturas e profundidades – então será escrito no Livro da Vida do Cordeiro, que ele não deverá matar derramando sangue inocente, e se guardarem o meu convênio, e não matarem derramando sangue inocente, ser-lhes-á feito de acordo com todas as coisas que o meu servo lhe falou, nesta vida e por toda a eternidade; e estarão em pleno vigor quando deixarem este mundo; e passarão pelos anjos e deuses que ali estão, e entrarão para a sua exaltação e glória em todas as coisas, conforme selado sobre as suas cabeças, glória que será uma plenitude e uma continuação das sementes para todo o sempre.

Então serão deuses, pois não terão fim; por-

8. **History of the Church**, Joseph Smith, Vol. 5. pp. 391-392. **Doutrina e Convênios**, pp. 131:1-4.

Casamento para a eternidade, uma bênção a ser obtida somente nos templos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

tanto, serão de eternidade em eternidade, porque continuarão; então serão colocados sobre tudo, porque todas as coisas lhes serão sujeitas. Então serão deuses, porque terão poder, e os anjos lhes serão sujeitos".[9]

Ninguém poderia pedir maior promessa de Deus para aqueles que obedecem à lei do casamento. Embora não possamos, nesta vida, compreender todo o significado destas bênçãos, podemos imaginá-las, o que automaticamente nos trará um desejo honesto de fazer o possível para que sejamos merecedores de recebê-las.

Quando consideramos as vantagens de um casamento no templo, as bênçãos que receberemos, nesta e na outra vida, ficamos gratos a nosso Pai Celestial pela restauração, aqui nesta terra, de seu poder e autoridade, e pelo privilégio de podermos entrar em templos erigidos em seu nome.

Herdeiros do Convênio

O convênio do casamento no templo traz bênçãos não somente ao casal; muitas destas bênçãos são recebidas pelos filhos nascidos depois desta união. Dizemos que estes filhos nasceram "sob convênio" e portanto, são "filhos do convênio" ou "herdeiros do convênio". Assim como os filhos nascidos sob o convênio do casamento civil se tornam herdeiros das propriedades e direitos de seus pais, da mesma forma os filhos nascidos de pais que fizeram convênios com Deus serão herdeiros destes convênios e terão sua parte nas bênçãos deles advindas.

Selamento de Crianças Nascidas Antes do Casamento no Templo

Infelizmente, muitos dos casamentos de membros da Igreja são realizados fora dos templos. Talvez por uma falha no entendimento e apreciação das vantagens oferecidas por esta união, ou então devido à grande distância de um templo do local onde vive o casal, o que financeiramente torna esse casamento impossível. Seja a razão importante ou não, o templo estará sempre aberto para quando quiserem ou tiverem a oportunidade de cumprir a lei de Deus. Muitos pais convertidos à Igreja desejam o casamento de acordo com as leis do Senhor, ainda que estejam por muitos anos casados pela lei civil. Estes pais podem ter filhos nascidos de seu casamento civil, sendo logicamente filhos legítimos, mas os laços que os unem a seus pais não serão reconhecidos no Reino de Deus depois desta vida.

Para fazer com que estes filhos fiquem dentro do convênio do Senhor, requer um selamento deles com seus pais. Este selamento é feito no templo logo em seguida à cerimônia do casamento. Pela autoridade dada pelo Pai, homens possuidores do Santo Sacerdócio selam estes filhos a seus pais, para que possam ser reconhecidos como membros daquela família por toda eternidade.[10]

A Permanência das Relações Familiares

À medida que a família cresce em tamanho, o amor dos membros antigos é dado aos novos e vice-versa. Este amor estende-se além da geração seguinte. Os pais não somente amam seus filhos como também os filhos de seus filhos. O mesmo amor dos pais que tornou possível a vinda dos filhos, tornou possível a vinda dos netos. E o neto, desenvolvendo seu amor pelos pais, automaticamente passará a amar seus avós. Este amor cresce como um resultado de serviço e sacrifícios prestados um ao outro, cooperando com o crescimento da família.

O amor dentro da família cujos membros estão ligados por parentesco é limitado pelo fato de somente duas ou três gerações poderem viver neste mundo em uma mesma época. Não há laços imediatos para com as gerações que já passaram e as que ainda estão por vir. Se todos os antepassados da família, seus membros atuais e os descendentes pudessem ser trazidos juntos em um só

9. **Doutrina e Convênios**, 132-19-20.

10. Crianças acima de oito anos devem ser batizadas antes de serem seladas aos pais. Para as filhas acima de dezoito e os filhos acima de vinte e um, é necessário que já tenham feito a ordenança do endowment antes do selamento.

grupo, unidos por laços de trabalho e afeição, a alegria desta família seria realmente grande.

Continuam os laços familiares depois desta vida? Há algum modo pelo qual a presente geração possa ganhar o amor das gerações passadas e das ainda por vir? A resposta para ambas as perguntas é afirmativa. Sempre que as leis de Deus forem cumpridas, a família será preservada. Mas preservar uma família somente no nome é como guardar uma concha vazia. Os membros da família, todos eles, embora se estendam durante séculos na mortalidade, devem ser ligados por laços de amor para maior glória da família unida. Como o amor é desenvolvido com sacrifício, deveremos fazer certos sacrifícios e trabalhos por aqueles que já partiram e pelos que ainda virão.

Salvação Para os Mortos

Como podem os vivos fazer algo pelos mortos? Freqüentemente temos oportunidade de fazer um favor a uma pessoa que está em outra cidade e não pode fazer aquele serviço por si mesma. O resultado é um laço duradouro que nos une à pessoa beneficiada pelo favor que fizemos. Desta maneira é possível desenvolver-se um laço de união entre pessoas que nunca se viram.

Por desejo do Todo-Poderoso, fomos colocados em um mundo onde podemos servir um ao outro, sendo este serviço necessário e ao mesmo tempo fácil; de outro modo não haveria o desenvolvimento dos laços de amizade. E se há algum serviço que possamos prestar a nossos antepassados pelo qual eles serão gratos, poderemos estabelecer uma duradoura amizade com eles. A possibilidade de servirmos nossos antepassados é uma parte do plano de Deus.

Sabemos que milhões de pessoas morreram sem ouvir o Evangelho de Jesus Cristo e outros milhões puderam ouvi-lo somente em parte e não tiveram oportunidade de aceitar as ordenanças administradas por quem realmente possui autoridade de Deus. Referente a eles assim disse o Profeta Joseph Smith:

"Dizer que os pagãos seriam condenados por não haverem acreditado no Evangelho seria ridículo, e dizer que todos os judeus que não acreditam em Jesus serão condenados é igualmente absurdo; pois, como podem aqueles que não ouviram falar em Jesus, acreditar nele, e como ouvir sem um pregador, e como pode haver um pregador, sem que seja enviado? Conseqüentemente, nem os judeus nem os pagãos podem ser culpados por rejeitarem as tão diversas opiniões sectárias, nem por rejeitarem qualquer testemunho a não ser o daquele que for enviado por Deus, pois assim como o pregador não pode pregar, exceto seja enviado, assim também o ouvinte não pode crer a não ser que ouça um pregador **enviado** e não pode ser condenado por aquilo que não sabe; portanto, estando sem lei, sem lei será julgado".

"Quando falamos sobre as bênçãos pertencentes ao Evangelho e as conseqüências relacionadas com a desobediência às leis, vem-nos a pergunta: O que aconteceu com nossos pais? Estarão eles condenados por não haverem obedecido ao Evangelho, uma vez que não o ouviram? Certamente não. Terão o mesmo privilégio que aqui temos, através do eterno Sacerdócio, que administra não somente na terra, mas também nos céus, e em todas as dispensações do Grande Jeová".[11]

O Presidente Joseph F. Smith, pouco tempo antes de sua morte, ao ponderar sobre a missão de Cristo ao pregar para os espíritos em prisão enquanto seu corpo jazia na sepultura, viu em visão a redenção dos mortos. Ao recordá-lo o Presidente Smith escreveu:

"E enquanto me maravilhava, os meus olhos foram abertos, e o meu entendimento aclarado, e compreendi que o Senhor não foi em pessoa entre os iníquos, entre os desobedientes que rejeitaram a verdade, para ensiná-los; mas, eis que, dentre os justos, organizou as suas forças e designou mensageiros, investiu-os com poder e autoridade, e comissionou-os para que fossem e levassem a luz do Evangelho àqueles que estavam na escuridão, mesmo **a todos os espíritos dos homens. E desse modo, o Evangelho foi pregado aos mortos.** E os mensageiros escolhidos foram pregar o dia aceitável do Senhor e proclamaram a liberdade aos cativos que estavam presos, mesmo a todos os que se arrependessem dos seus pecados e recebessem o Evangelho. Desse modo, foi pregado o Evangelho àqueles que morreram em pecado, sem conhecer a verdade, ou na transgressão, tendo rejeitado os profetas. A esses foi ensinada a fé em Deus, arrependimento do pecado, batismo vicário para remissão dos pecados, o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, e todos os outros princípios do Evangelho que deveriam conhecer, a fim de

11. Joseph F. Smith, **History of the Church**, Vol. 4, p. 598.

poderem ser julgados segundo os homens na carne, mas que possam viver segundo Deus no espírito.

"E também foi dado a conhecer aos mortos, tanto grandes, como pequenos, ao injusto como também ao justo, que a redenção tinha sido trazida através do sacrifício do Filho de Deus na cruz. Portanto o nosso Redentor, enquanto estava no mundo dos espíritos, instruiu e preparou os espíritos fiéis dos profetas que testificavam dele na carne, para que pudessem levar a mensagem de redenção a todos os mortos a quem ele não podia pregar pessoalmente por terem sido rebeldes e iníquos, para que eles, através da manifestação dos servos enviados pelo Mestre, pudessem também ouvir as suas palavras.[12]

No mundo espiritual há muitos que estão em cativeiro por seus pecados. Isto é, a consciência dos pecados cometidos durante a vida terrena veio a eles no mundo espiritual. Lá, o ensino do Evangelho faz com que se sintam infelizes na presença daqueles a quem fizeram mal, privando-os da presença de Deus e seus santos anjos.[13] Esta consciência de culpa é como uma corrente que os prende a um estado de infelicidade. Portanto, são cativos de seus pecados. Poderão ouvir e aceitar o Evangelho no mundo espiritual, mas, perguntamos, como poderão livrar-se da consciência de seus pecados? Como poderão ser redimidos? Exatamente pelo mesmo processo pelo qual nos livramos do desconforto espiritual na mortalidade, o que já foi anteriormente discutido.[14] Simplificando, eles podem arrepender-se e receber todo o perdão daqueles a quem fizeram mal e cumprir todos os requisitos do Evangelho. Mas, como já vimos, embora o indivíduo venha a reconhecer seus erros, se arrependa de suas ações, resolva mudar seu modo de vida e de fato mude, e mesmo que peça perdão àqueles que ofendeu, a cicatriz não desaparece e o mal não pode ser esquecido até que o perdão procurado seja obtido. Tão certa como a lei da gravidade é esta lei, de que, a não ser pelo ato de outrem, nunca poderia haver perdão dos pecados.

12. Joseph F. Smith, "**Visão da Redenção dos Mortos**", Doutrina de Evangelho, pp. 443/44.
13. Veja Capítulo 46 para uma discussão prévia do pecado e seus efeitos sobre nossas relações com aqueles que pecam.
14. Veja Capítulo 46.

Leis Universais do Evangelho

Deus, nosso Pai, comissionou seu Filho, Jesus Cristo, para ensinar suas leis e seus mandamentos aos habitantes desta terra. Indicou seu Filho Amado para julgar as ações de seus filhos e seu valor para herdar sua glória eterna. Quem o Filho recomendará ao Pai? Jesus Cristo respondeu esta pergunta logo no início — aqueles que obedecessem às leis do Evangelho. Quais são as leis do Evangelho relativas ao perdão de Deus? Quem busca tal perdão deve ter fé no Salvador Jesus Cristo, arrepender-se de seus pecados e renascer na água como filho de Deus em sinal de solene convênio com o Pai, de guardar seus mandamentos. Satisfeita esta lei, o indivíduo está pronto para receber o Espírito Santo pela imposição das mãos, sem o que ele não pode trazer à pessoa aquela completa mudança de coração referida como o batismo de fogo.

Quem entrar no mundo espiritual sem haver cumprido todos estes requisitos, não pode esperar que por sua causa a lei seja mudada. De fato seria impossível mudá-la, pois é eterna.[15] Além disso, esses requisitos nos abrem o caminho para o progresso eterno. Dizer que o batismo pela água é necessário durante a mortalidade, mas que não deveria ser requerido daqueles que entraram no mundo espiritual sem ele, seria como encorajar aqueles que retardam o seu dia de arrependimento. Tal mudança tornaria Deus um Deus mutável e parcial, que faz acepção de pessoas, e o Evangelho não mais teria valor para a redenção do homem.

Embora a pessoa, no mundo espiritual, venha a ter fé no Salvador Jesus Cristo e se arrependa de seus pecados, ainda assim não poderá nascer da água, pois a água pertence ao mundo físico. Sem o batismo não poderá receber o Espírito Santo, nem a remissão de seus

15. Nota: Reveja o Capítulo 46, Primeiros Princípios do Evangelho.

pecados. Devendo, então, permanecer para sempre num estado de culpabilidade, sem poder ganhar o perdão de Deus. Mas Deus, em sua misericórdia, providenciou um modo para que a lei fosse cumprida e ainda trouxesse felicidade a seus filhos desobedientes. Desde que, no mundo espiritual, o indivíduo haja feito todo o possível para merecer o perdão divino, tenha demonstrado desejo de ser batizado pela água e receber o Espírito Santo, Deus estará disposto a aceitar o batismo físico realizado por alguém aqui na terra em favor de outrem no mundo espiritual.

Pode, à primeira vista, parecer estranho que algo que deve ser realizado pela própria pessoa possa ser aceito quando realizado por outra, com seu consentimento, em seu favor, mas serviços feitos por "procuração" são grandemente realizados e aceitos na sociedade. Por exemplo, em quase todas as reuniões de acionistas de uma companhia, uma parte da votação é feita por acionistas ausentes, que são representados por seus "procuradores". E não há qualquer dúvida quanto à validade do voto. Taxas estaduais são pagas por "procuração" podendo da mesma forma licenças de automóveis ser obtidas. Em alguns lugares até mesmo casamentos podem ser efetuados por "procuração", ou um cidadão poderá, em uma eleição, votar em lugar de outro, sendo seu "procurador" legal. Em nenhum destes casos seria dito que por o ato não haver sido praticado pela própria pessoa, não seria válido, que o voto do acionista ausente não seria contado, ou que o estado não consideraria as taxas como pagas, ou que o casal não estaria legalmente casado.

Deus requer a realização física de certas ordenanças a serem feitas nesta vida mortal, mas, para os mortos, aceitará a realização dessas ordenanças quando feitas por "procuração" aqui na terra.

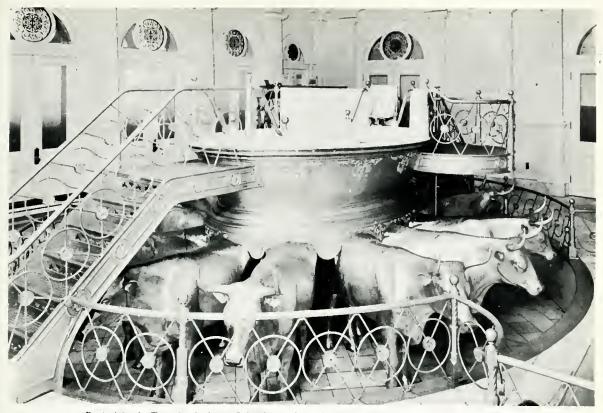
Ao considerarmos que ser batizado no templo por intenção de quem já morreu pode completar os requisitos de Deus para o perdão daquele indivíduo no mundo espiritual, livrando-o dos laços do pecado que estão a impedi-lo de alegrar-se na presença de Deus, começamos a compreender a alegria com que este ser certamente receberá o favor por nós prestado. Começamos ainda a apreciar o laço de amor que veio a se desenvolver, não somente entre nós e a pessoa diretamente beneficiada, mas também com aqueles que o ensinaram no mundo espiritual, sem contudo poder efetuar as necessárias ordenanças. Ganhamos ainda o amor de nosso Pai Celestial por havermos cumprido seu grande mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, mente e força, e a teu próximo como a ti mesmo".

A natureza dos indivíduos não muda ao entrarem para o mundo espiritual. Aqueles que conheceram e rejeitaram o Evangelho durante a vida aqui na terra, não irão mudar seu modo de pensar e aceitá-lo no mundo espiritual. Sobre estas pessoas assim se expressou o profeta nefita, Jacó:

> "Mas ai daquele a quem foi dada a lei, que tem todos os mandamentos de Deus, como nós os temos, e que os transgride e desperdiça os dias de sua provação; pois que seu estado será terrível".[16]

O Profeta Alma, falando àqueles que haviam rejeitado o Evangelho depois de havê-lo conhecido, disse:

> "Sim eu quisera que viésseis, não endurecendo mais vossos corações, pois agora é chegado o tempo e o dia da vossa salvação; e se vos arrependerdes, não endurecendo vossos corações, imediatamente será realizado para vós o grande plano de redenção.
>
> "Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores.
>
> "...Porque depois deste dia de vida, que nos é dado para nos prepararmos para a eternidade, eis que se não aproveitarmos nosso tempo virá a noite tenebrosa, durante a qual nenhum labor poderá ser executado.
>
> "Não podereis dizer, quando fordes levados a essa terrível crise: Eu me arrependerei para que possa retornar a meus Deus. Não, não podereis dizer isso; porque o mesmo espírito que possuir vossos corpos, quando deixardes esta vida, terá

16. 2 Néfi 9-27.

Batistério do Templo de Lago Salgado, onde os batismos para os mortos são realizados. Gentileza da Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

forças para possuir vossos corpos naquele mundo eterno.

"Porque, se protelardes o dia do vosso arrependimento para o dia da vossa morte, eis que vos tereis submetido ao espírito do diabo, que vos selará como coisa sua; portanto, o Espírito do Senhor se apartou de vós e não tem lugar em vós, ao passo que o diabo terá sobre vós toda a força; é este o estado final dos ímpios".

Trabalho de Endowment Para os Mortos

O batismo para os mortos, assim como para os vivos, prepara o caminho para o afastamento dos laços do pecado. Prepara o indivíduo para entrar condignamente no Reino de Deus. Para que todos aqueles pelos quais o Salvador ganhou a salvação tenham esse privilégio, ir para o Reino de Deus. Entretanto, a alegria e felicidade eterna, que o Senhor preparou para todos os que o amam, vêm como resultado do crescimento dentro do Reino Celestial, e este crescimento requer obediência às leis do Reino. Para trazer o conhecimento do plano do Evangelho a seus filhos e para ajudá-los a guardar seus mandamentos, o Senhor estabeleceu, em seus templos sagrados, uma ordenança chamada endowment. A ordenança do endowment exemplifica grandes princípios do Evangelho, ensina a história do homem e suas relações para com Deus, ensina a ordem e os símbolos do Santo Sacerdócio, mostrando a grande glória e honra que aguarda aqueles que sinceramente guardam seus convênios com Deus. O endowment conduz a pessoa, através de um crescimento simbólico, até o Reino Celestial, levando-a, por meio do convênio, a obedecer às leis sobre as quais esse progresso poderá realmente ser conseguido. Para entrar nestes altos convênios com Deus, o homem terá que ser possuidor do Santo Sacerdócio de Melquisedeque.

Os mortos, assim como os vivos, podem ser beneficiados com esses con-

17. **Alma** 34:31-35.

vênios feitos com o Senhor. Se o endowment não foi realizado antes da morte, poderá ser feito por procuração no templo, por pessoas que ainda vivem neste mundo. Entretanto, para que o endowment possa ser feito é necessário que o morto haja sido batizado durante sua vida física, ou então alguém aqui na terra terá que ser batizado por ele.

Ao realizar o endowment em benefício de quem está morto, o homem ou mulher assume o nome da pessoa de seu próprio sexo por quem a ordenança está sendo feita durante todo o tempo da mesma, e é feito um relato de todo o trabalho. O valor educacional do endowment certamente não pode ser transferido para o beneficiado no mundo espiritual, mas ele poderá receber instruções sobre o assunto por intermédio daqueles que lá estão e que têm conhecimento das ordenanças. Entretanto, uma ordenança como o batismo é uma ordenança que deve ser realizada durante a mortalidade, não podendo ser feita no mundo espiritual. Se a pessoa que está morta não foi, em vida, possuidora do Santo Sacerdócio de Melquideseque, esse Sacerdócio deverá ser-lhe conferido por meio de procuração no templo antes da ordenança do endowment.

Como o número dos nossos antepassados que faleceram sem conhecer o Evangelho é muito maior que o número de membros atuais de nossa família aqui na terra, o trabalho a ser feito nos templos é grandemente um trabalho para os mortos.

Selamento Para os Mortos

Há ainda um grande e importante trabalho a ser feito nos templos pelos mortos — o selamento da família, para que as relações familiares continuem na ressurreição. Este serviço consiste em selar, por procuração, os casais cujos casamentos foram feitos somente na lei civil, e o selamento deles a seus filhos, também por procuração. Este trabalho abre o caminho para o progresso eterno em direção à divindade.

Convém lembrarmos que a lei do livre arbítrio prevalece por toda a eternidade, e o trabalho feito nos templos, em favor das pessoas no mundo espiritual, não os priva do livre arbítrio. Os mortos podem ou não aceitar o trabalho feito por eles aqui na terra. Se rejeitarem, é como se o mesmo não houvesse sido feito, a não ser pelo progresso pessoal que virá para quem o realizou aqui neste mundo, e por seu contato com os propósitos do templo. Este é o desejo da Igreja, que toda a humanidade queira seguir os mandamentos e realizar as ordenanças do Evangelho.

Leituras Suplementares

Joseph Fielding Smith, **O Caminho da Perfeição,** pp. 102-107. (A vinda de Elias).

Ibid., p. 217. (O Evangelho pregado aos mortos).

Ibid., pp. 170-175. (A família na eternidade).

Ibid., pp. 220-223. (Trabalho no templo durante o Milênio).

Joseph F. Smith, **Doutrina do Evangelho,** pp. 247-290 (Casamento) 550-559. (Redenção dos mortos) 593-601. (Trabalho pelos mortos).

James E. Talmage, **Regras de Fé,** pp. 141-143. (Trabalho no templo pelos mortos).

John A. Widtsoe, **A Rational Theology,** pp. 125-129. (Trabalho no templo e casamento). **Doutrina e Convênios,** Seções 131; 132.

APÊNDICE

As Regras de Fé da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.[1]

1

Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo.

2

Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão.

3

Cremos que, por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho.

4

Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: 1) Fé no Senhor Jesus Cristo; 2) Arrependimento; 3) Batismo por imersão para remissão dos pecados ; 4) Imposição das mãos para o dom do Espírito Santo.

5

Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças.

6

Cremos na mesma organização existente na Igreja Primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas etc.

7

Cremos nos dons das línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação das línguas etc.

8

Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, o quanto seja correta sua tradução; cremos também ser o Livro e Mórmon a palavra de Deus.

9

Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.

10

Cremos na coligação literal de Israel e na restauração das Dez Tribos; que Sião será construída neste continente (o americano); que Cristo reinará pessoalmente sobre a terra, que a mesma será renovada e receberá a sua glória paradisíaca.

11

Pretendemos o privilégio de adorar a Deus, Todo-Poderoso, de acordo com os ditames da nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde ou o que quiserem.

12

Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei.

13

Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo: Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.

O Reino do Maligno[2]

Se há progresso, também deve haver o retrocesso, se há o bem, deve haver o mal. Tudo tem o seu oposto.

Seres Decadentes

Num universo contendo personalidades eternas, inteligentes e possuidoras de livre arbítrio, deve haver seres que estejam em oposição às leis gerais de progresso. De fato, tais espíritos ou homens são sempre encontrados por toda a parte. Naturalmente, aqueles que devotam suas vidas à oposição da lei estão lutando por uma batalha sem esperança e perdendo suas forças com o passar do tempo. Entretanto, desde que muitos deles adquiriram grande conhecimento antes de terem se voltado contra a verdade, poderão continuar ativos em sua oposição à retidão por muito tempo. O fim de tais seres não é de nosso conhecimento. Sendo eternos, é duvidoso que venham a destruir a si mesmos completamente. No entanto, por se oporem à lei, acabarão por ver paralisadas as suas forças, tornando-se como seres inexistentes.

---

1. **Pérola de Grande Valor.**

2. Widtsoe, **A Rational Theology.**

O Demônio

O número de espíritos decadentes que habitam o universo não é conhecido de nós. De fato, pouco se sabe sobre o assunto em geral, a não ser o que é bom que saibamos. O conhecimento que temos vem, em grande parte, do relato do Grande Conselho dos Céus. Um dos grandes espíritos lá presentes se propôs a salvar os homens sem o uso de seu livre arbítrio. Quando ele e seus numerosos seguidores viram fracassar a adoção de seu plano, abandonaram o Conselho e passaram a combater o plano adotado pela maioria. O líder desta rebelião foi Lúcifer, também chamado de príncipe da manhã, que, sem dúvida, através de muito esforço próprio, tinha adquirido uma alta posição entre os espíritos. Mesmo aqueles da alta esfera podem cair. Homem algum pode estar certo de si próprio, a menos que dia a dia combata o germe da oposição, impedindo-o de entrar em seu peito. Lúcifer e seus seguidores, caídos dos céus, são o demônio e seus anjos, possuidores de vontade definida e livre arbítrio, que ainda continuam a batalha originada nos céus. O conceito fundamental da imortalidade, incluindo os seres imortais, torna razoável a existência de um demônio pessoal, com agentes pessoais, cuja vontade indestrutível é usada para fazer oposição ao Grande Plano: plano este cuja aderência permitiu a entrada do homem em sua carreira terrena.

O Homem e o Demônio

Se o homem não deseja ser ajudado por Deus, deixa de receber o benefício de qualquer assistência divina que lhe possa ser dada. Mesmo assim, se a vontade do homem está em oposição ao mal, o demônio pouco ou nenhum poder tem sobre ele. É só quando o homem o deseja que pode ouvir completamente a voz de Deus: igualmente, é só quando o deseja que ouve a mensagem do demônio. A doutrina que estabelece que o pedido tem de vir antes da doação é tão real no que concerne ao assunto, que pode ser estabelecida tanto entre o homem e o demônio como entre o homem e Deus. Temos de escolher a Deus ou ao demônio, participar do bem ou do mal. O Senhor envia suas mensagens através do universo; o demônio o faz da mesma forma, tanto quanto o seu conhecimento o permita. Entretanto, as mensagens do maligno não necessitam ser ouvidas, a menos que o homem assim o queira e que sintonize o seu espírito nas ondas do mal. Na verdade, portanto, todo o homem que tem domínio sobre si mesmo não precisa temer o demônio. Ele não é uma força que nos possa prejudicar, a não ser que nos coloquemos a nós mesmos sob a sujeição do mal; entretanto, se permitirmos que nossos ouvidos o ouçam, ele pode vir a se tornar o nosso mestre, conduzindo-nos à estrada da regressão.

O Demônio Sujeito a Deus

Embora o livre arbítrio do homem seja supremo no que diz respeito a si próprio, ele não deve interferir com o livre arbítrio alheio. Esta lei, provida pelo Senhor, a Perfeita Inteligência, é válida para todos os seres inteligentes, decaídos ou não. Portanto, o demônio, sujeito a Deus, tem a permissão de operar somente dentro de seus limites bem definidos. Ele pode sugerir modos diversos de iniqüidade, mas não pode forçar os homens a obedecer a seus desígnios malignos. O homem que deseja sinceramente andar em retidão não tem necessidade de temer que o demônio o force a fazer o mal. Isto não lhe é permitido.

Pelo conhecimento dos opostos o homem pode chegar a conclusões de extensa importância no seu curso de progressão. A observação das operações do demônio e seus poderes pode, portanto, ser de proveito no estabelecimento de contrastes que nos servirão de orientação. Isto não quer dizer que é necessário que o homem cometa o mal para conhecer a verdade. Ao contrário, todo o impulso racional ressente-se com o pensamento de que o homem deve conhecer o pecado para melhor entender a retidão. O desejo de retidão é for-

talecido quando a tentação é sobrepujada. Infelizmente, as obras do demônio podem ser completamente observadas no mundo, entre aqueles que esqueceram o Grande Plano e o caminho da progressão. (Capítulo 15).

Sião [3]

REGRA 10 – Cremos... que Sião será construída neste continente (o americano)...

Dois lugares de Reunião

Algumas das passagens citadas em conexão com a dispersão e subseqüente reunião de Israel fazem referência a Jerusalém, que deverá ser restabelecida e Sião, que deverá ser construída. É bem verdade que o último nome, em muitos casos, é usado como sinônimo do primeiro, devendo-se isto ao fato de certo monte de Jerusalém antiga ter sido conhecido especificamente como Sião, ou Monte Sião; e que o nome de determinado lugar é, freqüentemente, usado figurativamente para designar o todo, ou seja, Jerusalém, mas, em outras passagens o significado separado e distinto dos termos é claro. O Profeta Miquéias, "cheio da força do Espírito do Senhor, e cheio de juízo e de ânimo, [a] predisse a destruição de Jerusalém e seu Monte Sião, a primeira a "se tornar montões de pedra", e o último a ser "lavrado como um campo"; [b] a seguir anunciou uma nova condição, que deveria existir nos últimos dias, quando outro "monte da casa do Senhor" seria estabelecido e chamado Sião. [c] Os dois lugares são mencionados separadamente na profecia: "Porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém".[d]

Joel adiciona este testemunho concernente aos dois lugares dos quais o Senhor governará Seu povo; "E o Senhor bramará de Sião, e dará a sua voz de Jerusalém".[e] Sofonias canta, tendo o triunfo de Israel por tema e faz uma distinção entre as ilhas de ambas as cidades: "Canta alegremente, ó filha de Sião: rejubila, ó Israel; regozija-te e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém". A seguir o profeta prediz separadamente sobre cada um dos lugares: "Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas; e a Sião: não se enfraqueçam as tuas mãos ".[f] Mais adiante Zacarias registra a vontade revelada desta forma: "... o Senhor ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém".[g]

Quando o povo da casa de Jacó estiver preparado para receber o Redentor como seu justo rei, quando as ovelhas espalhadas de Israel tiverem se humilhado suficientemente através do sofrimento e ansiarem por conhecer e seguir o seu Pastor, então ele virá e reinará entre eles. Então um reino literal será estabelecido, tão extenso como o próprio mundo, com o Rei dos reis no trono; e as duas capitais deste poderoso império serão Jerusalém, no este, e Sião no oeste. Isaías fala da glória do reino de Cristo nos últimos dias, e descreve separadamente as bênçãos de triunfo de Sião e de Jerusalém:[h] Tu, anunciador de boas novas a Sião, sobe tu a um monte alto. Tu, anunciador de boas novas a Jerusalém, levanta a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis, aqui está o vosso Deus".[i]

O nome "Sião" é usado com vários sentidos diversos. Por derivação, Sião, na forma escrita pelos gregos, provavelmente significa brilhante ou ensolarado; mas esta significação comum se perde no significado mais profundo que a palavra como nome e título veio a adquirir. Como já foi declarado, um determinado monte, pertencendo à cidade de Jerusalém, era denominado Sião. Quando

---

3. Talmage, **Regras de Fé**, pp. 313 - 315.

a. **Miquéias** 3:8
b. **Miquéias** 3:12.
c. **Miquéias** 4:1
d. **Miquéias** 4:2, **Isaías** 2:2-3.

e. **Joel** 3:16
f. **Sofonias** 3:14-16
g. **Zacarias** 1:17, ver também 2:7-12
h. **Isaías** 4:3-4
i. **Isaías** 40:9

David saiu vitorioso de sua batalha contra os jebuseus capturou e ocupou a "fortaleza de Sião", nomeando-a cidade de David.[j] "Sião", portanto, é o nome de um lugar, e tem sido aplicado da seguinte forma:

1. Ao monte em si, ou seja, ao Monte Sião, e, com significado mais extenso, a Jerusalém.

2. À localidade da "montanha da casa do Senhor", que Miquéias predisse que será estabelecida nos últimos dias, nada tendo que ver com Jerusalém. A estes podemos adicionar outra aplicação do nome como veio a se tornar conhecido através de revelação moderna, como seja:

3. À Cidade de Santidade, fundada por Enoque, o sétimo patriarca descendente de Adão, cidade esta por ele denominada Sião.

4. Ainda outro uso do termo deve ser notado – um uso metafórico – através do qual a Igreja de Deus é chamada Sião, compreendendo, de acordo com a própria definição do Senhor, os puros de coração.[1]

O Milênio[4]

Em relação à menção das Escrituras concernente ao reinado de Cristo, na terra, especifica-se freqüentemente uma duração de mil anos. Embora não possamos usar isto como indicação de um limite de tempo para a existência de tal Reino, ou uma medida da administração ou poder do Salvador, somos justificados na crença de que os mil anos que seguem de imediato ao estabelecimento do Reino devem ser especialmente caracterizados, e, portanto, diferentes de ambos períodos, o precedente e o subseqüente. A coligação de Israel e o estabelecimento de uma Sião terrena serão coisas a serem efetuadas em preparação à sua vinda. Seu advento será marcado com a destruição dos iníquos e com a inauguração de uma era de paz. O Revelador viu as almas dos mártires e dos outros homens justos, com força e poder, reinando e vivendo com Cristo durante mil anos.[s] No início deste período Satanás será acorrentado, "para que não mais engane as nações até se completarem os mil anos".[t] Certamente os mortos não deverão viver novamente até que os mil anos passem;[u] enquanto que os justos "serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos".[v] Entre as mais antigas revelações concernentes ao Milênio encontramos a de Enoque: "E aconteceu que Enoque viu o dia da vinda do Filho do Homem nos últimos dias, para morar em retidão sobre a terra pelo espaço de mil anos".[w]

É evidente, portanto, que ao falarmos sobre o Milênio temos que considerar um período definido, com eventos importantes marcando o seu início e o seu fim, bem como com condições de bem-aventurança incomuns a se estenderem durante todo o tempo de sua duração. Será uma era sabática – mil anos de paz. A inimizade entre o homem e a besta cessará; o ímpeto e malignidade do mundo físico deixarão de existir e o amor governará. Uma nova condição mais tarde prevalecerá, como foi declarado nas palavras do Senhor a Isaías: "Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão".[a]

Concernente ao estado de paz, prosperidade e duração da vida humana, bem como características daquele período, lemos: "Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o man-

j.2 - **Samuel** 5:67; **1 Reis** 2:10 e 8-1.

k. Ver **Pérola de Grande Valor, Moisés** 7:18-21
l. Ver **Doutrina e Convênios**, 97:21
s. Ver **Apocalipse** 20:4, ver também o versículo 6.
t. **Apocalipse** 20:2,3.
u. **Apocalipse** 20:5.
v. **Apocalipse** 20:6.
w. **Pérola de Grande Valor, Moisés** 7:65.
a. **Isaías** 65:17.

cebo morrerá de cem anos; mas o pecador de cem anos será amaldiçoado. E edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos até a velhice. Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação; porque são a semente dos benditos do Senhor, e os seus descendentes com eles. E será que antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha com o boi: e pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor".[b]

Em nossa época a voz do Senhor também foi ouvida, declarando as mesmas verdades proféticas, como o demonstraram as revelações que falam sobre o Milênio, dadas na presente dispensação da Igreja.[c] Em 1831, o Senhor assim falou aos élderes de sua Igreja: "Pois o grande Milênio, do qual falei pela boca dos Meus servos, virá. Pois Satanás será amarrado e quando for libertado outra vez, reinará só por pouco tempo, e então virá o fim da terra".[d] Noutra ocasião estas palavras foram ditas: "Pois dos céus eu me revelarei com poder e grande glória, com todas as suas hostes, e em justiça habitarei com os homens na terra por mil anos, e os iníquos não permanecerão... E outra vez, em verdade, em verdade vos digo, que quando terminarem os mil anos, e os homens novamente começarem a negar a seu Deus, então pouparei a terra, mas só por pouco tempo. E virá o fim..."[e]

Durante o período do milênio as condições serão propícias à retidão; o poder de Satanás será restringido; e os homens, aliviados a certo ponto da tentação, serão mais zelosos no serviço de seu Rei e Senhor. No entanto, o pecado não será completamente abolido, nem a morte banida; as crianças viverão até alcançar a maturidade na carne; quando então serão mudadas à condição de imortalidade num "piscar de olhos".[f] Tanto os seres mortais como os imortais habitarão a terra e a sua comunicação com os poderes celestiais será comum. Os Santos dos Últimos Dias acreditam que durante o milênio terão o privilégio de continuar o trabalho vicário pelos mortos, que constitui um ângulo tão importante e característico de seus deveres,[g] e que, com as facilidades de comunicação direta com os céus, serão capacitados a levá-lo avante sem impedimentos. Depois de passados os mil anos, Satanás novamente terá poder e aqueles que não estiverem enumerados entre os puros de coração se deixarão influenciar por ele. Porém, a liberdade readquirida pelo "príncipe da potestade do ar"[h] será de curta duração; sua queda final virá em seguida, e, com ele, desfrutarão de punição eterna todos os seus. Então a terra passará à sua condição celestial e se tornará uma habitação adequada para os filhos e filhas glorificados de nosso Deus.[i]

A Segunda Vinda de Cristo Está Predita e São Descritos os Seus Sinais: Profecias Bíblicas

Os profetas do Velho Testamento, bem como os do **Livro de Mórmon**, que viveram e escreveram antes da era de Cristo, pouco tinham a dizer a respeito da segunda vinda do Senhor, pouco mesmo, em comparação com as numerosas e explícitas predições concernentes à sua primeira vinda. Ao olharem para o céu do futuro, sua visão se maravilhava com o brilho do sol meridiano, pouco enxergando da luminosidade gloriosa que vinha atrás, cujas proporções e irradiação se viam reduzidas pela distância. Alguns deles viram, e os que viram testificaram, como o mostram as seguintes passagens. O Salmista cantou:

b. **Isaías** 65:30-25
c. Ver **Doutrina e Convênios** 63:49-51.
d. **Ibid.**, 43:30,31.
e. **Ibid.**, 29:11, 22, 23

g. **Regras de Fé**, Talmage, Capítulo 7.
h. **Efésios** 2:2.
i. Ver **Jesus, o Cristo**, parte final do Capítulo 42.

"Virá o nosso Deus, e não se calará; adiante dele um fogo irá consumindo, e haverá grande tormenta ao redor dele".[3]

Estas não foram as condições reinantes quando da vinda do Infante em Belém, e são futuras.

Isaís disse:

"Dizei aos turbados de coração. Esforçai-vos, não temais, eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá e vos salvará".[4]

Além do fato evidente de que estas não foram as condições características da primeira vinda de Cristo, o contexto das palavras do profeta mostra que elas são aplicáveis aos últimos dias, o tempo de restituição, o dia dos "resgatados do Senhor", e do triunfo de Sião.[5] Novamente falou Isaías:

"Eis que o Senhor Jeová virá como o forte, e o seu braço dominará; eis que o seu galardão vem com ele, e o seu salário diante da sua face".[6]

O Profeta Enoque, que viveu vinte séculos antes da primeira destas palavras acima ter sido dada, falou com vigor sobre o assunto. Seus ensinamentos não aparecem sob seu próprio nome na Bíblia, mas através de Judas, um escritor do Novo Testamento, que os cita.[7] Dos escritos de Moisés aprendemos o seguinte concernente à revelação dada a Enoque:

"E o Senhor disse a Enoque: Como vivo, assim mesmo voltarei nos últimos dias, nos dias de maldade e vingança, para cumprir o juramento que te fiz concernente aos filhos de Noé".[8]

Jesus ensinou aos discípulos que sua missão na carne seria de curta duração, mas que viria novamente; encontramos os discípulos inquirindo o Mestre da seguinte forma:

"Dize-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?"[9]

Em resposta nosso Senhor entrou em detalhes sobre os muitos sinais dos últimos dias, sendo o último e maior de todos o seguinte:

"E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim."[10]

Com grande clareza Jesus falou sobre a indulgência dos filhos dos homens para com a iniqüidade, até mesmo às portas do dilúvio e naquele dia de grande destruição sobre Sodoma e Gomorra e adicionou:

"Assim será no dia em que o Filho do Homem se háde manifestar".[11]

Outra das predições do Senhor, concernente à sua segunda vinda, é a seguinte:

"E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, quando serão pois estas coisas? E que sinal haverá quando isto estiver para acontecer?

"Disse então ele: Vede que não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu, e o tempo está próximo; não vades portanto após eles.

"E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo.

"Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino;

"Haverá em vários lugares grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu.

"Mas, antes de todas estas coisas, lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e presidentes, por amor do meu nome.

"E vos acontecerá isto para testemunho.

"Proponde pois em vossos corações não premeditar como haveis de responder;

"Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem.

"E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós.

"E de todos sereis odiados por causa do meu nome.

"Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça.

"Na vossa paciência possuí as vossas almas.

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação.

"Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e, os que nos campos, não entrem nela.

"Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.

"Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.

3. **Salmos** 50:3.
4. **Isaías** 35:4.
5. **Isaías** 35:5-10
6. **Isaías** 40:10
7. Ver **Judas** 14:15
8. **Pérola de Grande Valor, Moisés** 7:60
9. **Mateus** 24:3. Ver **Jesus, o Cristo,** Capítulo 32.
10. **Mateus** 24:14.

11. **Lucas** 17:26-30 Ver **Jesus, o Cristo,** Capítulo 32.

E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.

E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas: e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas;

Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas.

"E então verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória.

Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima."[12]

Muitas destas temerosas predições já se realizaram com a destruição de Jerusalém; e o tão freqüentemente citado capítulo vinte e quatro de Mateus sem dúvida é de dupla aplicação – aplica-se ao julgamento trazido a Israel quando da completa queda da autonomia judaica, e aos eventos correntes atualmente, precedentes da vinda do Senhor, quando ele tomará para si o seu justo lugar como rei.

Novamente, como prevenção, disse o Senhor:

"Portanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos".[13]

Quando da sua ascensão, os apóstolos continuaram a olhar o firmamento maravilhados, no lugar onde uma nuvem tinha escondido o Senhor ressuscitado de suas vistas; a seguir perceberam a presença de dois visitantes celestiais vestidos de branco, que disseram:

"Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir".[14]

Paulo instruiu as igrejas concernente à segunda vinda de Cristo, descrevendo a glória da mesma.[15] Assim também o fizeram os outros apóstolos.[16]

12. **Lucas 21:7-28**, ver também Marcos 13:14-26; Apocalipse 6:12-17; Pérola de Grande Valor, "Escritos de Joseph Smith", Capítulo 1. Para mais detalhes ver Jesus, o Cristo, p. 32.
13. **Marcos 8: 38**
14. **Atos** 1:11 ver **Jesus, o Cristo**, p. 695.
15. Ver **I Tessalonicenses** 4:16; **II Tessalonicenses** 1:7;8; **Hebreus** 9:28.
16. Ver **1 Pedro** 4:13: **I João** 2:28; 3.2.

Entre as profecias do **Livro de Mórmon** concernentes ao presente assunto, é o suficiente que consideremos aqui as declarações pessoais de Cristo durante o tempo de suas ministrações aos nefitas, isso em seu estado imortal. À multidão ele explicou muitos assuntos, "desde o princípio até a época em que veio em sua glória".[17] Ao prometer aos três discípulos o desejo de seus corações, que foi o de serem poupados na carne a fim de continuarem o trabalho do ministério, o Senhor lhes disse:

"Vivereis para ver todos os feitos do Pai para com os filhos dos homens, até que todas as coisas sejam cumpridas, de acordo com a vontade do Pai, ocasião em que virei em minha glória com os poderes dos céus".[18]

As revelações modernas também prestam testemunho do advento do Redentor. Aos servos especialmente comissionados foram dadas instruções a respeito:

"Portanto, sede fiéis, orando sempe, tendo preparadas e acesas as vossas lâmpadas e tendo convosco o óleo, [19] para que estejais prontos para a vinda do Esposo. Pois eis que na verdade, na verdade eu vos digo que depressa venho".[20]

E adiante:

"Proclamai o arrependimento a uma geração perversa e malvada, preparando o caminho do Senhor para a sua segunda vinda. Pois que, na verdade, na verdade eu te digo, o tempo se aproxima em que virei numa nuvem com poder e grande glória".[21]

Numa revelação ao povo da Igreja, no dia 7 de março de 1831, o Senhor fala sobre os sinais de sua vinda, aconselhando diligência:

"Vós olhais e vedes as figueiras, e com os vossos olhos as vedes, e quando começam a brotar, e suas folhas estão ainda tenras, dizeis que o verão está perto; assim também será naquele dia quando eles virem todas estas coisas; então saberão que a hora está próxima. E acontecerá que aquele que me teme estará esperando pela chegada do grande dia do Senhor, sim, pelos sinais da vinda do Filho do Homem. E eles verão

17. **3. Nefi** 26:3; ver também 25:5
18. **3 Nefi** 28:7, ver também o versículo 8; ver **Jesus, o Cristo**, Capítulo 39.
19. **Alusão à parábola das Dez Virgens**; ver **Mateus** 25: 1-13.
20. **Doutrina e Convênios**, 33:17-18
21. **Ibid.**, 34:6-7.

sinais e maravilhas, pois os mesmos se mostrarão em cima, nos céus e embaixo na terra. E verão sangue, fogo, e vapores de fumaça. E antes que venha o dia do Senhor, o sol se escurecerá, a lua se tornará em sangue, e as estrelas cairão do céu. E o remanescente será reunido neste lugar; e então eles me esperarão, e eis que Eu virei e eles me verão nas nuvens dos céus vestido em poder e grande glória, e com todos os santos anjos; e aquele que não me espera será exterminado".[22]

Uma das características das revelações dadas na presente dispensação, concernentes à segunda vinda de nosso Senhor, é a enfática e freqüentemente repetida declaração de que o evento está para acontecer.[23] O conselho é: "Preparai-vos, preparai-vos, para o que está por vir; pois o Senhor está perto". Em vez do grito de um só homem no deserto da Judéia, a voz de milhares é ouvida autoritariamente, prevenindo as nações e convidando-as a se arrependerem e fugirem para Sião, onde estarão a salvo. A figueira está rapidamente pondo suas folhas; os sinais nos céus e na terra estão aumentando; o grande e terrível dia do Senhor está perto.

O tempo preciso da vinda de Cristo não foi dado a conhecer ao homem. Aprendendo a compreender os sinais dos tempos, observando o desenvolvimento do trabalho de Deus entre as nações e notando o rápido cumprimento de significativas profecias, podemos perceber a evidência cada vez maior do evento que se aproxima:

"A hora e o dia ninguém sabe, nem os anjos nos céus, nem o hão de saber até que ele venha".[24]

Sua vinda será uma surpresa para aqueles que ignoraram os seus conselhos e que falharam na observância dos mesmos. "Como um ladrão na noite"[25] virá o Senhor pela segunda vez para os iníquos.

"Vigiai pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir".[26] - **Regras de Fé,** Capítulo 20.

---

22. **Ibid.,** 45:37-44, ver também os parágrafos 74 e 75.
23. Ver as numerosas referências relacionadas a **Doutrina e Convênios,** 1:12, ver **Jesus, o Cristo,** Capítulo 42.
24. **Doutrina e Convênios,** 49:7
25. II Pedro 3:10, I Tessalonicenses 5:2
26. **Mateus** 25;14. Ver também 24:42, 44; **Marcos** 13:33, **Lucas** 12:40; ver **Jesus, o Cristo** Capítulo 42.

ÍNDICE GERAL

(Todas as referências dizem respeito às páginas)

D

E

F

Q

R

S

Cover photos by Simon Christiansen